

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

FERNANDA CAPRI RAPOSO

INFÂNCIAS INTERROMPIDAS
As Crianças do Holocausto

São Paulo

2022

FERNANDA CAPRI RAPOSO

INFÂNCIAS INTERROMPIDAS

As Crianças do Holocausto

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do grau de Doutora em História.

Área de Concentração: História Social

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Luiza Tucci Carneiro

São Paulo

2022

[FICHA CATALOGRÁFICA]

RAPOSO, Fernanda Capri. *Infâncias Interrompidas: as crianças do Holocausto*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do grau de Doutora em História.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

A todas as crianças que tiveram sua infância e família esfaceladas pela intolerância do Estado, cuja razão de ser elas não compreendiam e nem tinham condições para fazer alguma coisa.

AGRADECIMENTOS

Ao grande criador do universo.

Ao meu filho, Bernardo, por todas as vezes que teve, tão pequenino, compreender minha ausência motivada pela busca de conhecimento. E meu companheiro, Vitor, por todo incentivo.

À minha orientadora Profa Dra Maria Luiza Tucci Carneiro, por exercer seu trabalho de forma justa e humana. Por ser professora, companheira, me encantar com sua inteligência e magnífico dom de ensinar. E pela paciência, orientação competente e participativa para que essa tese se concretizasse.

Aos sobreviventes e refugiados do Holocausto, que protagonizaram a produção desse trabalho, a vocês, devolvo a história viva nos traços da escrita, transmitida por seus testemunhos, os quais inscreveram conhecimentos que deixaram marcas e contribuições profundas.

À amiga Olívia Robba, meu presente de vida que a COC/Fiocruz me deu há 9 anos, mesmo longe se faz presente com seu carinho.

Aos amigos de trabalho da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em especial, a Lucinéia Guimarães, Mauro Ballaciano, Roberto Gambine, Regina Célia Loureiro, Agnaldo Fernandes e ao Prof. Dr. Roberto Leher.

Aos colegas do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação – LEER/USP, guerreiros incansáveis na luta da pesquisa, na busca novas formulações científicas, principalmente Blima Rajzla Lorber, companheira inseparável que generosamente partilhou conhecimentos, alegrias e dúvidas.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em História Social, pela dedicação e integração com o corpo discente, por fazerem do ensino uma prática de acolhimento.

À Universidade de São Paulo, morada de construção acadêmica e humana, meu oásis intelectual, de saberes, aprendizado e dor. Agradeço ainda a todos aqueles que fizeram parte dessa caminhada, mesmo não tendo citado seus nomes aqui.

Nasci já adulta. Não tive infância e penso que nunca fui criança.
SABINA KUSTIN(2005)¹

¹ KUSTIN, Sabina. *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005, p.19.

RESUMO

A historiografia sobre o Holocausto tem revelado, cada vez mais, que milhares de crianças judias foram separadas de suas famílias em consequência do Plano de Extermínio perpetrado pela Alemanha nazista e países colaboracionistas. A partir da implantação violenta de uma política de segregação, essas crianças foram tratadas como “seres inferiores” por sua raça, sem direito à vida. Como tais foram perseguidas, confinadas e torturadas em guetos, campos de trabalho e de extermínio, assim como os seus familiares. Apesar do amplo universo de publicações, raras são as pesquisas que têm se dedicado a reconstituir a trajetória dessas crianças e, em especial, aquelas que vieram para o Brasil. Suas vivências foram abaladas e, até mesmo, interrompidas pelas ações genocidas decorrentes da política antisemita adotada após a ascensão do Partido Nacional-Socialista e de Adolf Hitler ao poder em 1933 na Alemanha. A reconstituição da história dessas crianças depende, na maioria dos casos, do registro dos seus testemunhos que transformados em documentos/monumentos possibilitam a reflexão sobre as relações entre história e memória, o “eu” e o “nós”. Essas narrativas podem nos ajudar a entender este fenômeno considerado por muitos sobreviventes e estudiosos do Holocausto como uma “barbárie indizível”. Para o presente trabalho, selecionamos um conjunto de testemunhos de crianças que, radicadas no Brasil em companhia ou não de seus familiares, colocam-nos diante dos seus mundos, seus traumas, dores e alegrias. Para o registro sistemático dessas narrativas utilizamos o recurso da História Oral, compartilhado do acervo de entrevistas disponibilizado pelo Núcleo de Estudos Arqshoah/LEER-USP e outras instituições estrangeiras.

PALAVRAS-CHAVES: Antissemitismo; Criança; Direitos Humanos; Holocausto; Memória; Testemunho; Violência.

ABSTRACT

The historiography about the Holocaust has revealed, more and more, that thousands of Jewish children were separated from their families as a result of the Extermination Plan perpetrated by Nazi Germany and collaborationist countries. After the violent implementation of a segregation policy, these children were treated as “inferior beings” due to their race, without the right to life. As such, they were persecuted, confined and tortured in ghettos, labor and extermination camps, as well as their families. Despite the wide universe of publications, there are few researches dedicated to reconstructing the trajectory of these children and, in particular, those who came to Brazil. Their experiences were affected and even interrupted by the genocidal actions resulting from the anti-Semitic policy adopted after the rise of the National Socialist Party and Adolf Hitler to power in 1933 in Germany. The reconstruction of these children’s history depends, in most cases, on the registering of their testimonies which, turned into documents / monuments, make it possible to reflect on the relationship between history and memory, the “I” and the “we”. These narratives can help us understand this phenomenon considered by many Holocaust survivors and scholars as an “unspeakable barbarism”. For the present work, we selected a set of testimonies from children who, living in Brazil with or without their family members, put us in front of their worlds, their traumas, pains and joys. For the systematic recording of these narratives, we used the Oral History resource sharing the collection of interviews made available by the Arqshoah / LEER-USP Study Center and other foreign institutions.

KEYWORDS: Anti-Semitism; Children; Human Rights; Holocaust; Memory; Testimony; Violence.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AAIHS – Sociedade Afro-Americana de História Intelectual.

ADAF – Associação David Frischman de Cultura e Recreação.

AIB – Ação Integralista Brasileira.

ARI – Associação Religiosa Israelita.

Arqshoah – Arquivo Virtual sobre Holocausto e Antissemitismo.

BIBSA – Biblioteca Scholem Aleichem.

CIP – Congregação Israelita Paulista.

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisas.

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

DP – pessoas deslocadas.

Faap – Fundação Armando Álvares Penteado.

FGV – Fundação Getúlio Vargas.

GESTAPO – Geheime Staatspolizei [Polícia Secreta do Estado].

Holocaust-Mahnmal – Denkmal für die ermordeten Juden Europas [Memorial aos Judeus assassinados da Europa].

HIAS – Hebrew Immigrant Aid Society.

IMPA – Instituto de Matemática Pura e Aplicada.

JOINT – The Joint Distribution Committee [JDC].

KPP – Partido Comunista da Polónia.

KPRP – Komunistyczna Partia Robotnicza Polski [Partido Comunista dos Trabalhadores da Polónia]

LEER – Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação.

NKVD – Narodny Komissariat Vnutrennikh Del [Comissariado do Povo de Assuntos Internos].

NSDAP – Partido Nacional dos Trabalhadores Alemães.

ONU – Organização das Nações Unidas.

OSE – Œuvre de Secours aux Enfants [Children's Welfare Organization].

OSPB – Organização Social e Política Brasileira.

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SA – Sturmabteilung [Tropas de Assalto ou Secções de Assalto].

SDKPiL – Social Democracia do Reino da Polônia e Lituânia.

TBC – Teatro Brasileiro de Comédia.

UNRRA – Administração de Assistência das Nações Unidas.

USHMM – United States Holocaust Memorial Museum.

UGIF – Union Générale des Israélites de France [União Geral dos Judeus Franceses].

USP – Universidade de São Paulo.

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de crianças e jovens judeus deportados para Auschwitz de países individuais em 1942–44.....	368
--	-----

LISTAS

Lista 1 – Relação das crianças deportadas de Lyon.....	394
Lista 2 – Nomes das crianças mantidas na <i>Maison d'Izieu</i> baseada em registros sob a guarda de Miron Zlatin. França, maio de 1943 a janeiro de 1944.....	403

QUADROS

Quadro 1 – Estrutura do quadro de termos-chaves.....	23
Quadro 2 – Processo de produção desta pesquisa.....	25
Quadro 3 – Corpo narrativo.....	26

TABELAS

Tabela 1 – Síntese das Leis de Nuremberg (1935).....	55
Tabela 2 – Imigração geral e judaica. Brasil, décadas de 30 e 40.....	112
Tabela 3 – Portos de embarque e desembarque das crianças refugiadas no Brasil.....	122
Tabela 4 – Árvore Genealógica dos Getlinger [Göttlinger].....	301
Tabela 5 – Número de crianças presas, deportadas dos centros infantis da UGIF nos arredores de Paris, posteriormente assassinadas. Paris, julho de 1944.....	408

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
I. AS CRIANÇAS NO CONTEXTO DE UMA POLÍTICA GENOCIDA.....	31
1.1. A ideologia racista como elemento propulsor.....	31
1.2. A vulnerabilidade da criança diante do terror nazista.....	70
1.3. Infâncias interrompidas.....	86
1.4. Ações de resgate: crianças em fuga.....	99
II. O BRASIL COMO COMUNIDADE DE DESTINO.....	111
2.1. A percepção infantil de um novo lugar.....	111
2.2. Estratégias de sobrevivência no novo mundo.....	125
2.3. O círculo das crianças refugiadas no Brasil.....	143
III. TESTEMUNHOS DE CRIANÇAS SOBREVIVENTES E REFUGIADAS NO BRASIL.....	152
3.1. Reservas de memória: rompendo o silêncio.....	152
3.2. Testemunhos/monumentos.....	158
3.2.1. Os irmãos Tredler: Blanka e Jorge.....	160
3.2.2. Fany (Feiga) Goldwasser.....	173
3.2.3. Rafael Zimetbaum.....	177
3.2.4. Madeleine Mansur.....	191
3.2.5. Izabela London.....	199
3.2.6. Mauricette Rozen.....	209
3.2.7. Izrael Fajfer.....	223
3.2.8. Marguerite Hirschberg.....	251
3.2.9. Thomas Venetianer.....	260
3.2.10. Rafael Teitelbaum.....	269
3.2.11. Adam Getlinger.....	281
3.2.12. Louis Frankenberg.....	305
3.3. A construção do “eu” e dos “outros”: autobiografia de Rolande Fichberg.....	321
3.4. Infância pós-Holocausto de Mina Carakushansky e Chaja Frinkelstein – filhas de sobreviventes.....	326

3.4.1. Mina Stenfeild Carakushansky.....	327
3.4.2. Chaja Freida Frinkelstein.....	337
IV. DESCONSTRUINDO AS NARRATIVAS.....	347
4.1. Imagens do mal e da morte.....	347
4.2. A figura da mãe perdida e da mãe reencontrada.....	357
4.3. Da exclusão ao sentimento de liberdade.....	361
Considerações finais.....	414
Iconografia.....	418
Arquivos	(físicos
digitais).....	e
	439
Fontes.....	440
Affiches.....	440
Livros de memórias e autobiografias.....	441
Filmes.....	441
Jornais, revistas e periódicos.....	442
Testemunhos, documentários e discursos.....	442
Bibliografia.....	446
Livros.....	446
Artigos.....	451
Relatórios.....	457
Textos institucionais e verbetes.....	457
Teses e dissertações.....	461
Sítios da Internet.....	462

INTRODUÇÃO

Ainda que a historiografia sobre o Holocausto e a Alemanha nazista tenha feito grandes conquistas nestas últimas décadas, constatamos que pouco se escreveu sobre as experiências das crianças sobreviventes desse genocídio. Persiste ainda uma lacuna nas investigações dedicadas a avaliar as raízes da ideologia nazista, e o processo de elaboração de uma política genocida pelo Terceiro Reich que culminaram com a morte de mais de 1,5 milhão de crianças assassinadas.

Pode parecer estranho, mas

(...) em breve, todos os sobreviventes e todos os carrascos do genocídio judeu que ainda restam terão morrido... reatar cada fio dessa narrativa e reparar cada fragmento dela é uma tarefa urgente, ou seremos uma geração sem memória, desconectada de seu passado.²

Quase oitenta anos após o final da Segunda Guerra Mundial e da abertura dos campos de concentração nazistas, a relação entre o antissemitismo sustentado pelos regimes totalitários e o Holocausto ainda não foi devidamente estudada. As consequências das políticas nazistas vão muito além das contínuas disputas, rivalidades pessoais e guerras territoriais, pois implicaram no extermínio de milhões de vidas.

É nesta direção que caminham as pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos Arqshoah, um dos segmentos do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação da Universidade de São Paulo, LEER – USP, que hoje reúne estas investigações, iniciadas na década de 80 a partir das pesquisas realizadas pela historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, e que deram início a uma importante Base de Dados, conhecida hoje como *Arquivo Virtual sobre Holocausto e Antissemitismo* – Arqshoah/Leer-USP. Aos milhares de documentos diplomáticos antissemitas somaram-se centenas de registros de testemunhos gravados em áudio e/ou vídeo, um importante *corpus* documental reproduzido dos acervos pessoais dos sobreviventes dos campos concentracionários nazistas e dos refugiados dos regimes nazifascistas radicados no Brasil desde 1933. Parte das histórias de vidas registradas pela equipe Arqshoah serviram de inspiração e suporte à idealização desta tese, que tem como objeto de análise os testemunhos daqueles que eram crianças durante a Era Nazista. Algumas destas histórias encontram-se publicadas na Coleção *Vozes do*

² BOSCOV, Isabela. Os palácios da memória. *Revista Veja*, São Paulo, edição 2477, n.19, p. 102, maio, 2016.

Holocausto, organizada pelas historiadoras Tucci Carneiro e Rachel Mizrahi (Editora Maayanot, 2017-2021), servindo aqui como referência metodológica.

Os testemunhos gravados pelo Arqshoah permitem conhecer e reconstruir as histórias de vidas desses judeus, os quais uma vez acolhidos em terras brasileiras, e em alguns casos impossibilitados de voltar, construíram o reconhecimento de sua nova realidade inscrevendo novos hábitos e, acima de tudo, integrando-se à sociedade e cultura brasileiras.

Mas que isso, o Arqshoah se constitui como

uma referência para todos aqueles que desejam aprofundar-se no conhecimento daquele momento histórico ou empreender ações educativas voltadas aos direitos humanos que tenham como base a História do Holocausto e do antissemitismo. Muitas dessas iniciativas têm sido conduzidas pelo próprio Arqshoah que, junto ao Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER-USP) e em parceria com instituições afins, constituem uma plataforma para ações orientadas à educação para a paz e a tolerância.³

O acervo custodiado pelo Arqshoah compõe-se por relatos orais, documentos escritos, fotografias, filmográficos e artefatos que servem como evidências do processo brutal de exclusão vivido pelos judeus europeus durante os anos do nazifascismo. São⁴

provas materiais das violentas e indelévels marcas infligidas aos judeus pelo nazismo e que contêm uma trajetória intrínseca, que é também biográfica e parte viva de cada testemunho narrado. Assim, a cada testemunho, surgem ocasiões em que o protagonista apresenta aos entrevistadores os objetos dessa cultura material carregada de significado, suportes físicos de informação histórica. Nesses momentos, a equipe de iconografia do Arqshoah produz dezenas de imagens em formato digital que se prestam como um aporte fundamental à arqueologia daquele momento histórico, cujo valor cognitivo, possibilita aos estudiosos do tema e educadores o acesso a informações até então condenadas ao esquecimento.⁵

Em meio a todo esse processo que envolve os registros captados pelos pesquisadores do projeto *Vozes do Holocausto*, em especial das falas a despeito da experiência vivenciada por aqueles que eram crianças durante a Era Nazista, constatamos as interferências das

³ COLFFIELD, Carol. Arqshoah: espaço virtual de memória e educação sobre os direitos humanos. In: *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 11, n. 21, nov. 2017, p. 38-53. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/12544>. Acesso em 9 set. 2018. p. 38-39.

⁴ *Ibidem* p. 45.

⁵ COLFFIELD, Carol. Arqshoah: espaço virtual de memória e educação sobre os direitos humanos. op.cit.

ausências, presenças, silêncios, elocuições, lacunas e apropriações, cujo solo fértil servirá de base para as questões do que se escuta sobre o que é dito em relação ao silenciado. Estaremos, sempre que possível, atentos as intenções e efeitos de sentido que o locutor quer atingir transitando pelas lembranças do seu inconsciente. Constatamos, muitas vezes, que aqueles que passaram por um estado de sofrimento físico e psicológico tão intenso quanto aquele vivenciado durante o Holocausto, somente conseguem lidar com o seu passado se guiados por analista. Pressupomos aqui, sob o viés da psicanálise, que existe no inconsciente um conteúdo a ser revelado e/ou resgatado. Este movimento entre a presença e ausência – definido por Freud como perdido no passado – pode, sem dúvida, encobrir lembranças traumáticas.⁶

Este estudo foi concebido segundo um conjunto de circunstâncias ligado as falas possíveis que se apoiam em um estado de produção agregado a noção de não dito.⁷ Integram uma significação do interdiscurso que molda a forma de comunicar, cujo contexto implica na construção de sentido pelo sujeito.⁸

A presença e ausência nessas falas estão imbricadas e possibilitam adentrar às narrativas delineadas pela experiência e resíduos da memória traduzidos em vivências do passado. São *anamneses* que desnudam o significado do “ser judeu” perseguido pelo antissemitismo, tanto na sua comunidade europeia de origem como no Brasil, na sociedade brasileira durante as décadas de 30 e 40. A experiência daqueles que eram crianças e, em especial, aqueles cujas infâncias foram interrompidas pela violência nazista, podem nos ajudar a propor políticas públicas de respeito aos direitos das crianças.

Hoje, esses sobreviventes apresentam-se como raros guardiões da memória, mas nem todos têm consciência deste seu papel social. Diante desta frágil situação que implica em silêncio e esquecimento é que conduzimos as nossas investigações com o propósito de motivar esses guardiões das memórias a narrar suas histórias. E, ainda mais, fazemos uso das histórias de vida já registradas por outras instituições nacionais e estrangeiras, visto que vários destes personagens já não estão entre nós. São poucas e raras as vozes disponíveis e que ainda querem e/ou têm condições físicas de falar. A partir deste *corpus* documental nos dispomos a

⁶ FREUD, S. (1969). Lembranças Encobridoras. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. III, pp. 285- 306). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1899).

⁷ MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003, pp. 23-32. ; ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 47.

⁸ PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, pp. 154- 155 ; PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. Tradutores Bethânia S. Mariani [et al.]. 3 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997, p. 166.

(re)construir histórias e visões que considerem a diversidade de vozes infantis distintas por gênero, classe social, religião e rotas de fuga até o Brasil.

Se conseguirmos “fazer circular” essas histórias, quem sabe traríamos de volta a memória dessas crianças cujas experiências podem ajudar a (re)pensar o nosso cotidiano, assim como nossas relações familiares e institucionais. Nesse sentido, podemos lembrar a função dos *griots* – os contadores e antigos guardiões em muitos povos africanos. Até hoje questionamos os reais motivos que motivaram os perpetradores, os colaboradores indiretos e os observadores em apoiar tão veemente a ideologia nazifascista, que na perspectiva contemporânea se apresenta indescritível. Felizmente, nestas últimas décadas, os pesquisadores têm produzido novos conhecimentos diante a abertura de arquivos e a digitalização de documentos ainda inéditos. A dimensão dos registros herdados dos perpetradores tem demonstrado que abordar Holocausto é desafiador por se tratar de um genocídio⁹ singular na história da humanidade. No pós-guerra as imagens divulgadas pelos Aliados modificaram profundamente as formas de pensar e interpretar o mundo, pois ficou evidente que os mecanismos jurídicos de punição aos crimes contra a humanidade até então disponíveis eram insuficientes.

A vontade, presente em mim, de mergulhar nesta realidade desafiadora começou muito cedo através das leituras e pesquisas realizadas sobre o Holocausto desde a época da graduação. Na medida em que o tempo avançava, o envolvimento com o tema tornou-se, cada vez mais, explícito e o resultado, dessa vontade, reflete-se em minha trajetória acadêmica. Uma das minhas primeiras pesquisas envolvendo o assunto tratou de abordar, de maneira ainda incipiente, a construção de um local sagrado por um grupo étnico perseguido pelo regime nazista – os judeus que migraram para a cidade de Nilópolis¹⁰ na região metropolitana

⁹ O termo genocídio foi criado por Raphael Lemkin, um advogado judeu-polonês ao buscar palavras para descrever as políticas nazistas de assassinato sistemático, incluindo a eliminação da existência física de grupos nacionais, étnicos, raciais, e/ou religiosos, criou a palavra “genocídio” combinando a palavra grega geno-, que significa raça ou tribo, com a palavra latina -cídio, que quer dizer matar. Com este termo, Lemkin definiu o genocídio como um plano coordenado, com ações de vários tipos, que objetiva à destruição dos alicerces fundamentais da vida de grupos nacionais com o objetivo de aniquilá-los.

Em 9 de dezembro de 1948, as Nações Unidas aprovaram a Convenção para a Prevenção e Punição de Crimes de Genocídio e estabeleceu o “genocídio” como crime de caráter internacional, e as nações signatárias da mesma comprometeram-se a efetivar ações para evitá-lo e puni-lo. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “O que é genocídio?” *Enciclopédia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/what-is-genocide#:~:text=Por%20genoc%C3%ADdio%20entende%2Dse%20quaisquer,%2C%20ou%20religioso%2C%20tais%20como%3A&text=A%20preven%C3%A7%C3%A3o%20do%20genoc%C3%ADdio%2C%20tamb%C3%A9m,na%C3%A7%C3%B5es%20e%20indiv%C3%ADduos%20ainda%20enfrentam.> Acesso em 28 maio 2021.

¹⁰ Nilópolis atualmente é considerado o menor município do estado do Rio de Janeiro. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Nilópolis possui uma área de 19.393 km², sendo uma das cidades que compõem a região da Baixada Fluminense a qual sempre apresentou com limites e interpretações

do Estado do Rio de Janeiro, onde esta comunidade ergueu a sinagoga Tiferet Israel. O propósito central da pesquisa foi evidenciar a construção como um espaço repleto de simbolismos e de memória social, no qual as identidades judaicas foram e ainda são construídas. Neste estudo procurei reconstituir os vários ciclos que envolveram a Sinagoga Tiferet Israel, desde sua construção em 1928¹¹ até o total abandono nos dias atuais.

Através desta investigação cheguei aos seguintes resultados: a sinagoga foi parte integrante do processo de enraizamento dos imigrantes judeus em Nilópolis e expressão da reconstrução da identidade judaica do lado de cá do Oceano Atlântico; e foi também o principal motivo pelo qual os judeus construíram a Sinagoga Tiferet Israel, em um local emblemático de memória e tradição, fé judaica e reunião. Outro ponto que observamos a partir desta perspectiva foi que a sinagoga era um espaço fundamental para comunidade, pois além das práticas religiosas, os judeus tinham ali uma biblioteca, um teatro e uma escola complementar, a Escola Israelita S. An-ski, onde se lecionava apenas matérias de conhecimento judaico. Também verificamos que seu abandono se deu pelo esvaziamento da comunidade no município.

Mais adiante – impelida pela vontade de conhecer melhor a história da imigração judaica durante o período da Segunda Guerra e aliada ao interesse pela formação da minha cidade – optei por este tema para a minha dissertação. Busquei conhecer melhor o grupo dos judeus protagonistas na formação do povoado e, a partir deste pressuposto, procurei analisar as memórias dos judeus sobreviventes do Holocausto que se fixaram em Nilópolis, de modo a descortinar a relação que estabeleceram com a cidade.

Influenciada pelos estudos originados deste mestrado, iniciei um projeto de pesquisa para o doutorado o qual primeiramente visava analisar um universo maior: os sobreviventes do Holocausto que se estabeleceram no Estado do Rio de Janeiro. Naquele momento, a minha

que, na verdade, foram sendo revistos de acordo com as mudanças espaciais que se sucederam. A noção de Baixada Fluminense (a mais recorrente, talvez) é a estabelecida pela Secretaria de Desenvolvimento da Baixada Fluminense (SEDEB), que passou, há poucos meses, a se denominar como Secretaria de Desenvolvimento da Baixada e Região Metropolitana (SEDEBREM). Esta Secretaria considera como Baixada Fluminense o agrupamento de treze municípios, a saber: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis, São João de Meriti, Belford Roxo, Mesquita, Japeri, Queimados, Magé, Guapimirim, Itaguaí, Paracambi e Seropédica. Os municípios apresentam diversas carências que os integram, desde a problemática habitacional, passando pelo mandonismo local, até a violência. Parte da área de Nilópolis, mais especificamente 12 km², é ocupada pelo Campo de Instrução de Gericinó, vinculado ao Exército Brasileiro e, como tal, não podem ser loteados. A cidade é constituída por dois distritos, Nilópolis e Olinda, e onze bairros, possuindo 157.710 habitantes. As principais atividades econômicas da cidade estão relacionadas ao ramo comercial e ao setor de serviços. RAPOSO, Fernanda Capri, *Nilópolis e as memórias judaica*. Dissertação de Mestrado em Letras e Ciências Humanas – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2012, p. 20-45.

¹¹ Na inscrição da fachada da sinagoga consta a data de 1930, data da provável inauguração Já a data de 1928 refere-se ao ato de lançamento da pedra fundamental da Sociedade Israelita da qual a sinagoga faz parte.

intenção era desenvolver um estudo que abordasse o universo dos judeus oriundos da Europa Centro Oriental – vítimas da imigração forçada por conta das perseguições antisemitas perpetradas pelo Partido Nacional Socialista – que chegaram a terras brasileiras, especificamente no porto do Rio de Janeiro, entre as décadas de 30 e 40 do século XX. Seguindo o caminho percorrido por esses sujeitos em sua rota de fuga até o seu destino final, temos a oportunidade de vislumbrar seus desencantos com a pátria de origem, os atos de solidariedade e os estranhamentos na terra de acolhimento, ou seja: o foco era o das memórias da imigração das famílias judaicas que se deslocaram para o Estado do Rio de Janeiro, objetivando descobrir onde se estabeleceram e como foi sua inserção na sociedade brasileira.

No entanto, após participar do ato do registro do testemunho de Marguerite Hirschberg (1933-2020), alemã de origem que passou boa parte de sua infância no campo de Theresienstadt, um amplo universo apresentou-se diante dos meus olhos. Tal sensibilidade ganhou novas dimensões após alguns questionamentos feitos pela Profa. Dra. Maria Luiza Carneiro, orientadora desta tese e coordenadora de projeto *Vozes do Holocausto*:

- Marguerite, você imagina como uma mãe se sentiu durante o Holocausto? E as crianças?
- Como foi a sua infância e de outras crianças que sobreviveram ao campo de Theresienstadt?
- Quais foram as marcas desta violência em suas vidas?
- Como era ser criança durante o Holocausto?

Fiquei muda, impactada pelas respostas de Marguerite que geraram muitas outras perguntas. Fui para casa pensando nas indagações, questionando-me e tentando imaginar como era ser criança naquela realidade vivida. Em meio as minhas divagações, resolvi procurar na internet algo sobre a infância durante o Holocausto e cheguei às páginas da Enciclopédia do Museu do Holocausto dos Estados Unidos (United States Holocaust Memorial Museum). Li os textos, visualizei as fotografias de cada uma daquelas crianças cuja infância foi interrompida. Olhando rosto por rosto, tentei praticar o exercício da alteridade e empatia, que por sua vez, produziram no meu “eu” sentimentos confusos, sufocantes. Eram vivências inimagináveis...! Foi quando saí da minha zona de conforto, instigada a buscar pelas memórias daqueles que vieram para o Brasil. A cada minuto que passava, eu olhava e pensava: como e por que alguém consegue praticar tamanha monstruosidade com esses pequenos, suas famílias, amigos, avós, tios e tias? Como alguém

pode maltratar, perseguir, matar e torturar outro ser humano e continuar a dormir, viver e comer tranquilamente, como se nada tivesse acontecido!?

Percebi que aquelas vivências deveriam ser descortinadas, reveladas. Instigada pelos meus questionamentos, mesmo não sendo judia, senti-me na obrigação moral como humana de mostrar à sociedade o poder de destruição de um homem sobre outro, mesmo porque não devemos deixar que genocídios aconteçam novamente. Assim, surgiu meu novo objeto de pesquisa: a infância durante o Holocausto¹², a partir da visão daqueles que testemunharam o fato: crianças que, durante a Era Nazista (1933-1945) habitavam o continente europeu, até então local de morada para diversos grupos judaicos ao longo de milênios. No entanto, a ruptura oficial teve início com a chegada de Hitler ao poder em 1933, que, através de uma política antissemita, transformou a Alemanha em uma terra hostil aos judeus e outros tantos grupos vulneráveis. Tanto os judeus como os ciganos, Testemunhas de Jeová, homossexuais, dissidentes políticos, dentre outros, perderam seus direitos sendo confinados em campos concentracionários e guetos. Mencionamos também o limbo nacional e institucional pela espera de uma solução política dos seus destinos no pós-guerra, quando o mundo tentava encontrar novos caminhos e soluções para os problemas gerados pela violência totalitária.

Os sobreviventes e a sociedade como um todo esperavam por um posicionamento dos líderes mundiais sobre as contendas entre os Estados-Nações. Tal impasse justificou a criação da ONU e dos Tribunais Internacionais para que julgassem os perpetradores daquele genocídio tão singular e resolvessem os problemas humanitários decorrentes do Plano de Extermínio que culminou com o Holocausto. A lógica das ações nazistas estava centrada na brutalidade, fator extremo e violento, que sustentou um sistemático processo de seleção selvagem. Atuais pesquisas têm comprovado que a perseguição aos grupos considerados inferiores se fez apoiada na teoria da raça ariana, colocada em prática pelos aparatos repressivos do Estado alemão e dos países ocupados durante a Segunda Guerra Mundial.

Diante desse cenário – abalado por falsas teorias científicas e por forças destrutivas sustentadas por um Estado genocida – vislumbramos cerca de 1,5 milhão de crianças assassinadas, cujas infâncias foram interrompidas. Do fundo deste poço surgiram as nossas

¹² De acordo com Maria Luiza Tucci Carneiro (2000) o Holocausto é um “produto de uma mente maquiavélica e calculista que subsidiada pelo aparelho burocráticos do Estado, espalhou o ódio contra judeus, ciganos, comunistas e outras tantas minorias. Todos foram rotulados no sentido mais amplo da palavra: impuros por sua raça, por suas ideias políticas ou por sua cultura [...] não se tinha vista, em toda a história da humanidade, uma catástrofe com tamanhas dimensões. [...] um plano tão diabólico para matar milhões de pessoas, principalmente os judeus”. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Holocausto. Crime Contra a Humanidade*. São Paulo: Ática, 2000, p. 10.

interrogações que se desdobram e se multiplicam, advindas sobre os efeitos traumáticos das práticas sociais marcadas pela violência e segregação durante o Holocausto:

- Qual o significado e a importância de reconstituirmos os testemunhos das crianças que sobreviveram ao Holocausto?
- De quantos passados se constrói uma história?
- Como foi o processo de amadurecimento destas crianças? Como é ser um adulto que teve sua infância interrompida pela violência, incompreensão e intolerância do Estado?
- Quais são suas reservas de memórias? Que legado carregam essas reminiscências?
- Com quantos silêncios se faz uma transmissão de lembranças? Quantas histórias de traumas foram perpetuadas de pais para filhos com atos de silêncios e histórias fragmentadas? Quantas dessas histórias integram o universo presente e futuro da comunidade brasileira?
- Quais são os seus e nossos deveres para com essa memória?

Na busca pelas respostas realizei a pesquisa cujo foco refere-se às memórias daqueles que durante a Era Nazista eram crianças e de origem judaica, um dos principais grupos étnicos-sociais identificados como “raça indesejável”. Importante lembrar que no transcorrer desse período, os nazistas também fizeram a eliminação sistemática de ciganos e povos eslavos (poloneses, russos e de outros países do Leste Europeu), implicando no extermínio de milhares de outras tantas crianças. Em muitas situações, as crianças eram incriminadas pela ideologia política defendida pelos seus pais e/ou avós, partidários do comunismo ou do socialismo desde a República de Weimar (1919-1933). Outras, discriminadas como “inúteis” por suas deficiências físicas e mentais, serviram de cobaias para os experimentos de médicos e cientistas defensores da eutanásia. Em síntese: todas as crianças que não correspondiam ao ideal de raça pura ariana, foram consideradas como indignas de viver.

Para este estudo, consideramos apenas as crianças judias menores de 13 anos, por ser esta a idade que marca o rito de passagem para a maioridade segundo a religião judaica.¹³ Para conseguirmos dimensionar estes momentos de rupturas, procuramos saber como viviam e como foi o processo de entendimento daquele “mundo em caos” em meio à violência.

¹³ Optou-se por estabelecer a idade de 13 anos como limite baseado no rito de passagem para maioridade da religiosidade judaica. Ao atingir essa idade o judaísmo considera o jovem responsável pelos seus atos. A escolha da idade de 13 anos se funda em uma passagem da Tora na qual Levi é a pessoa mais jovem referida como “homem” revelando que é nesta idade que um judeu assume a maioridade religiosa independente de ter atingido ou não a puberdade. CONGREGAÇÃO JUDAICA P’NEI OR. “O significado maior do *bar-mitzvá* (5779) – estudo para 24 de maio de 2019 – 18 de iyar de 5779”. In: *Congregação Judaica P’nei Or*, Petrópolis, 23 maio 2019. Seção Estudos. Disponível em <https://pneior.org.br/o-significado-maior-do-bar-mitzva-5779-estudo-para-24-de-maio-de-2019-18-de-iyar-de-5779/>. Acesso em 03 maio 2020.

Aqueles que eram ainda muito pequenos, mal conseguiam entender os fatos que alteraram o seu cotidiano, tema já abordado por uma produção historiográfica ainda bastante incompleta. Dentre as obras de referência, citamos aqui a *Enciclopédia do Holocausto* produzida pelo Museu Memorial do Holocausto dos EUA¹⁴, cujo acervo virtual serve de base para as primeiras leituras. A partir daí estabelecemos alguns termos-chaves que guiaram as nossas buscas por pesquisas produzidas até o momento.

Quadro 1 – Estrutura do quadro de termos-chaves.

Termos-chaves	Observações
Holocausto	Escritos que contenham, abordem e/ou possam fornecer alguma informação, relato e/ou memórias sobre a experiência de ser criança judia durante o Holocausto nos países sob dominação do regime nazifascista que imigraram para o Brasil, no período da guerra ou pós-guerra.
Shoah	
Testemunhos	
Memória	
Infância	
Violência	
Políticas antissemitas	
Brasil	

Combinamos pesquisa bibliográfica à pesquisa documental, tendo em vista a complementaridade que proporcionam ao agregá-las, já que ambas possuem o documento¹⁵ como objeto de investigação. À pesquisa bibliográfica agregamos as teses e dissertações produzidas no Brasil e armazenadas no Portal CAPES, sendo apuradas 117 dissertações e 41 teses em suas versões digitais. Devido as dificuldades impostas pela pandemia COVID 19, priorizamos as publicações disponibilizadas em bibliotecas virtuais e outras pela facilidade de acesso na biblioteca do LEER-USP.

Com relação às políticas antissemitas adotadas pelo governo brasileiro no Brasil, rotas de fuga e antissemitismo, priorizamos os estudos publicados por Maria Luiza Tucci Carneiro (1995 a 2020), Jeff Lesser (1995) e Fábio Koifman (2002;2012) com o objetivo de compreender a política de imigração para os judeus que, certamente, comprometeu a vida de

¹⁴ UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/a2z.php?type=article&cat=0#>. Acesso em 06 ago 2016.

¹⁵ O conceito de documento perpassa a noção de textos escritos e/ou impressos como fontes, pois abarca os documentos não escritos e em fontes não convencionais, como por exemplo, vídeos, fotografias ou objetos tridimensionais. Esses documentos carregam em seu conteúdo determinadas questões que elucidam e servem de prova segundo o objetivo do pesquisador. FIGUEIREDO, N.M.A. *Método e metodologia na pesquisa científica*. 2a ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007, p. 156.

muitas crianças, nem sempre acompanhadas de seus familiares. Sobre o Holocausto foram fundamentais os estudos desenvolvidos por Helena Lewin (2009) e, em se tratando de memória traumática do Holocausto, utilizamos as obras de Sofia Debora Levi (2018, 2014 e 2006) e Marcio Seligman-Silva (2008).

Identificadas as lacunas que ainda prevalecem sobre o tema e definindo o nosso universo de pesquisa, priorizamos os testemunhos orais daqueles que eram crianças durante o Holocausto. Consideramos os registros realizados pela equipe do projeto *Vozes do Holocausto* disponíveis na Base de Dados Arqshoah/LEER – Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação, da Universidade de São Paulo. Os testemunhos aqui analisados compreendem narrativas de homens e mulheres que, entre os anos de 1933-1945, eram crianças e vieram para o Brasil na condição de refugiado¹⁶ e/ou sobrevivente¹⁷ do nazifascismo. Além dos testemunhos orais, consideramos também as autobiografias, diários, crônicas testemunhais, cartas, documentos oficiais e vídeos/documentários.

O conjunto destes documentos traz importantes informações sobre as origens, educação, religião e cotidiano destas crianças na época do Holocausto, genocídio que culminou com a morte de um milhão e meio de crianças, sendo que cerca de um milhão eram judias. Outras 500 mil eram de origem cigana, com deficiência física e/ou mentais, em sua maioria de nacionalidade alemã ou polonesa, além das que habitavam na parte ocupada na União Soviética.¹⁸

Fica evidente que o ideário nazista não poupou nenhum grupo social, nem tão pouco a faixa etária. Assim como os adultos e os idosos, as crianças faziam parte das comunidades “indesejáveis”, “degeneradas” ou “perigosas”, segundo critérios pseudocientíficos e ideológicos que fundamentavam perseguição e o extermínio. Os nazistas, em parceria com seus colaboradores, acreditavam que as crianças, assim como as mulheres judias, ofereciam risco ao futuro e à pureza racial “ariana” da Alemanha. Portanto, sua eliminação precoce

¹⁶ O conceito de refugiado aqui utilizado se baseia na definição dada pela ONU a qual afirma que se trata daquele indivíduo que temendo ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele. Tal conceito para melhor entendimento será complementado pela declaração de Cartagena na qual conceitua refugiado como as pessoas que tenham fugido dos seus países porque sua vida, segurança ou liberdade tenham sido ameaçadas pela violência generalizada, a agressão estrangeira, os conflitos internos, a violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública.

¹⁷ Definimos como sobrevivente aquele que permaneceu vivo frente as condições adversas no período em que estava confinado nos campos concentracionários.

¹⁸ O conteúdo desta alínea teve dados retirados do United States Holocaust Memorial Museum. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Disponível em <http://www.ushmm.org/>. Acesso em, 05 set. 2017.

justificava-se como uma prática preventiva, postura que culminou, com a aniquilação radical, resistindo apenas dez por cento das crianças judias que viviam em território europeu durante o Holocausto.¹⁹

As crianças, sem nenhuma proteção, eram obrigadas a seguir as ordens e, aquelas que podiam, trabalhavam duramente. Passaram, também, por todas as formas de barbárie: segregação, estigmatização, uso da estrela de Davi costurada na roupa – como um adulto –, sofrendo a separação do convívio com os pais e vivendo à superlotação dos guetos, esconderijos, fuzilamentos, deportações, trabalho escravo, campos de concentração, torturas, experimentos científicos etc. Como eram mais vulneráveis, a porcentagem de crianças que morreu foi muito maior que em outras faixas etárias, e aquelas que sobreviveram tiveram sequelas físicas e/ou psicológicas, obviamente, por toda vida. Como foi o caso de crianças que foram esterilizadas, ou gêmeos infectados por tifo intencionalmente pelo médico Josef Mengele, ou aquelas deportadas para aldeias vazias e lá abandonadas à morte de frio e fome.²⁰

Tendo a intenção (antes de refutar ou comprovar hipóteses) de interpretar o fenômeno a ser estudado, estabelecemos as relações entre unidades fragmentadas de dados para construção de conjuntos mais complexos e categorizados para produção de uma compreensão renovada de nossos objetos e sujeitos de pesquisa.

Quadro 2 – Processo de produção desta pesquisa

ETAPA	ATIVIDADE
1ª Etapa	Revisão bibliográfica e documental
2ª Etapa	Mapeamento preliminar no arquivo do LEER-USP dos elementos do Projeto de História Oral de nossa pesquisa.
3ª Etapa	Realização de entrevistas.
4ª Etapa	Estruturação de Bancos de Dados, análise e discussão das entrevistas.

A partir da análise das fontes selecionadas, saímos em busca de outras visões sobre a infância durante o Holocausto que subsidiassem uma discussão teórica sobre a vivência e a sobrevivência das crianças no contexto genocida, e os impactos ao longo de suas vidas. Sinalizamos que o tratamento metodológico sobre fontes orais foi estabelecido pelos estudos e escritos elaborados NEHO/USP, coordenado pelo historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (2011; 2014), ancorado no procedimento da história oral quando das etapas (transcrição,

¹⁹ Estimativa informada pelo United States Holocaust Memorial Museum. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “O drama das crianças judias”. *Enciclopédia do Holocausto*, EUA s.d. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/plight-of-jewish-children>. Acesso 28 maio 2021.

²⁰ MÜELLER-HILL, Benno. *Ciência Assassina: como cientistas alemães contribuíram para a eliminação de judeus, ciganos e outras minorias durante o nazismo*. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Xenon ed., 1993, p. 22, 30, 62.

textualização e transcrição) que envolvem o tratamento das entrevistas. Evitamos a utilização do termo depoimento e/ou depoente, elegendo tratar os entrevistados como colaboradores e suas entrevistas como narrativas.

Concomitantemente usou-se ao conjunto investigativo a primeira pessoa do singular e plural, visto que a pesquisa trata das histórias de vida e abordagens etnográficas cujo sentido encontra-se nas histórias tecidas pelas memórias de ser criança, sobrevivente ou refugiada do Holocausto. Fomentando narrativas diretas e indiretas que revelam leituras de mundo, replicamos o enredo narrativo refletido pelo ciclo das mimeses para além de tempo e narrativa, pois deslindam sujeitos integrantes de um evento histórico. O corpo narrativo que compõe este estudo foi composto por treze relatos de colaboradores, que possuíam à época do evento 13 anos incompletos, sendo valorizados por suas trajetórias de vida como refugiados do nazifascismo e/ou sobreviventes do Holocausto. Este é um grupo de sujeitos sociais ligados pelas relações que os constituíram enquanto pessoas e significados que agenciam e narram.

Quadro 3 – Corpo narrativo

Refugiados	Data de nascimento	País de nascimento	Sobreviventes	Data de nascimento	País de nascimento
Blanka Tredler Arditte	08/02/1936	Varsóvia – Polônia	Izrael Fajfer	01/08/1926	Radom – Polônia
Jorge Tredler	27/04/1939	Varsóvia – Polônia	Marguerite Hirschberg	03/05/1933	Frankfurt – Alemanha
Fany (Feiga) Goldwasser	28/12/1928	Lodz – Polônia	Louis Frankenberg	08/10/1936	Alkmaar – Holanda
Rafael Zimetbaum	11/06/1928	Antuérpia – Bélgica	Thomas Venetianer	18/11/1937	Kosice – Eslováquia ²¹
Madeleine Mansur	05/03/1940	Bruxelas – Bélgica	Rafael Teitelbaum	19/06/1927	Cluj – Romênia
Izabela London	28/02/1941	Antuérpia – Bélgica	Adam Getlinger	08/10/1937	Viena – Áustria
Mauricette Rozen	08/10/1936	Bruxelas – Bélgica			

O tecido narrativo proporcionou intercâmbios de viver e marcas indelévels em minha memória, desvelando histórias de violências impensáveis contra crianças. As entrevistas mergulharam na miríade de vozes que trataram um elo entre trajetórias pessoais e experiências sociais, as quais não temos a pretensão de reconstruir na íntegra, pois o tempo fez com que muitas dessas histórias se esvaíssem pelo esquecimento intencional ou não.

²¹ Na época em Tomás Venetianer nasceu na cidade de Kosice, que pertencia à extinta Tchecoslováquia, atualmente a cidade pertence ao território da Eslováquia.

Alguns silêncios foram rompidos durante o ato do registro e do nosso interesse em abordar histórias passadas demonstrando umnexo entre ambos.

Em muitos casos, o universo narrado durante as entrevistas foi complementado com o acesso aos documentos pertencentes aos acervos pessoais dos entrevistados, ainda inéditos. Para a coleta de dados, elegemos as técnicas de caderno de campo de entrevistas com os colaboradores capturadas por áudio e vídeo, tomando como roteiro perguntas abertas, mas mediadas e dirigidas pelas respostas.

Definido o tratamento metodológico acerca dos testemunhos orais, procuramos entender o ambiente no qual essas crianças vivenciaram a violência nazista que colocou em risco suas vidas, assim como as ações humanitárias que garantiram a sua sobrevivência. Demos ênfase no entrecruzamento dos diversos fatores que “informam” a trajetória dessas crianças enquanto pequenos cidadãos destituídos de seus direitos. Através dos testemunhos identificamos as estratégias e redes construídas e utilizadas por eles (ou por seus familiares) para subsistirem durante o período. Para tanto, consideramos importante reconstituir o caminho percorrido por esses sujeitos seguindo as suas rotas de fuga até a comunidade de destino.

A noção de redes em termos metodológicos e aplicada aos estudos sobre Holocausto permite abordar a tríade constituída entre aquele que tenta escapar do antisemitismo/violência nazista aos indivíduos que já conseguiram e que podiam auxiliar nessa fuga. Tais informações são alimentadas pelo fluxo dos canais de comunicação constituintes das redes, que determinam quem e quais foram às estratégias, assim como os modos para se salvar. Ou seja, são informações mediadas por alguns não por todos.

A informação não é um bem “livre” no mercado, disponível para todos na mesma medida: os indivíduos tem uma informação limitada, dependente de sua rede de relações.²²

Ao efetuar as trocas de uma região por outra, percebemos as cadeias de reversibilidade e irreversibilidade migratória dos judeus durante e no pós-guerra, isto é: essa conexão permite identificar as situações daqueles que foram destituídos não só de suas casas, mas de suas identidades e que, portanto, sentem-se como sujeitos “fora de lugar”. Da mesma forma, apoiamo-nos nas narrativas publicadas como livros de memória, priorizando as obras que trazem histórias de vida de crianças ou daqueles que ajudaram a salvar crianças. Para este

²² RAMELLA, “Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios”. In: BJERG, María & OTERO, Hernán (orgs.). *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil, CEMLA – IEHS, pp. 9-21, 1995, p. 19.

estudo analisamos os seguintes livros de memória: *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto*, de Sabina Kustin (2012), *Coleção Vozes do Holocausto*, de Tucci Carneiro e Rachel Mizrahi (2016); *Uma marcha, uma vida, um legado*, de Klara Kielmanowicz (2016); *Árvores com asas, Passarinho com Raízes*, de Eva Raimann Cabral (2018); *Transnistria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto*, de Betty Herscovici e Malu de Castro (2014); *Uma história para meus netos*, de Fiszal Czeresnia (1998); *Hijos de La Guerra: la segunda generación de sobrevivientes de la Shoá*, de Diana Wang (2007); *...E o mundo silenciou*, de Ben Abraham (1972); *O relato de um sobrevivente*, de Samuel Schajer (2008) e *Meus companheiros de viagem*, de Rolande Paule Fichberg (2010).

Interessa-nos avaliar como esses autores “construíram” as suas versões a partir de testemunhos registrados por outros ou, até mesmo, com base em suas vivências enquanto crianças sobreviventes do Holocausto. Um destes livros de memórias é de autoria Sabrina Kustin (2005), intitulado *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto*. Enquanto livro-testemunho deparamo-nos com as lembranças de uma criança que a época da guerra tinha cerca de doze anos.

“Nasci já adulta. Não tive infância e penso que nunca fui criança”. Esta é uma das frases que anotei em um dos meus inúmeros cadernos de rascunhos. Escrever sempre foi uma necessidade, um desejo, uma compulsão ou, simplesmente, uma válvula de escape, a única que eu possuía. Comecei a anotar meus sentimentos e o que sabia sobre o que se passava ao meu redor, quando tinha cerca de 12 anos. Vivi escondida durante quase dois anos sob o chão de uma igreja católica, quando os nazistas invadiram a Polônia, em 1939.

Preocupada em registrar tudo o que via e sentia, cheguei a juntar quase 50 rascunhos, [...] Mais tarde voltei a escrever, forçando a memória para não me esquecer de nenhum detalhe, embora isso me causasse enorme sofrimento e até dores físicas.²³

Em *Meus companheiros de viagem* (2010), temos a história de Rolande Paule Fichberg, naturalizada brasileira, que se salvou após sua família decidir deixá-la com outra família cristã. Rolande conta-nos as histórias das lutas travadas que vão desde o empenho para salvar-se das perseguições nazifascistas até as lutas democráticas contra a ditadura brasileira que a levaram à prisão pelo DOPS.²⁴

A partir do conjunto de narrativas fornecidas e utilizadas para entender o sentido e ser criança judia durante o Holocausto surgiu à base da nossa tese. Esses elementos levaram a estruturação da tese em quatro capítulos, priorizando a história oral como fio condutor da pesquisa. Para o primeiro capítulo intitulado **As crianças no contexto de uma política**

²³ KUSTIN, Sabina. *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2012, p. 19.

²⁴ FICHBERG, Rolande Paule. *Meus companheiros de viagem*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2010.

genocida, buscamos definir o recorte teórico conceitual que norteou o trabalho. No segundo capítulo, **O Brasil como comunidade de destino**, procuramos compreender os esforços daqueles que se deslocavam rumo às terras brasileiras com o objetivo de reorganizarem suas vidas, ao mesmo tempo que tentam preservar seus elos afetivos. Neste contexto de país de acolhimento, consideramos importante expor as dificuldades impostas pela postura antissemita do governo brasileiro que, em muitos casos, contribuiu para a separação das crianças dos seus familiares. Exemplar deste colaboracionismo (desintegrador) é a história da família de Alma Adler, cujas irmãs foram obrigadas a permanecer em companhia da mãe na Alemanha até 1940.²⁵

Diante da situação crítica vivenciada pelos judeus na Alemanha, os Adler tentaram trazer a família de Alma para o Brasil, cientes de que vigorava nos bastidores do Itamaraty um conjunto de normas antissemitas sustentadas por circulares secretas. Em 5 de outubro de 1938, Alma Adler, técnica da *Manufatura de Brinquedos Estrela*, solicitou ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil autorização de vistos, a serem emitidos pelo Consulado Geral do Brasil em Frankfurt, aos seus pais Moritz Adler e Frieda Adler, e também para suas irmãs Tilly e Elsbeth, menores de idade. No entanto, a burocracia não tem sentimentos e nem pressa, para salvar vidas em perigo.

Na *Noite dos Cristais*, (Kristallnacht), ocorrida em 9 de novembro de 1938, em diversos locais da Alemanha e da Áustria, Moritz Adler, pai de Alma, foi preso e levado para um campo de concentração, possivelmente Dachau. Com a ajuda do Dr. José Ephim Mindlin – advogado em São Paulo e atuante junto a CIP como um dos seus fundadores e presidente – os Adler conseguiram liberar o visto para Moritz que, desta forma, deixou o campo e embarcou para o Brasil onde chegou em 29 de dezembro de 1939, no porto de Santos. A mãe de Alma permaneceu na Alemanha até janeiro de 1940, pois o governo brasileiro havia indeferido os vistos para as crianças Tilly e Elsbeth, seguindo as regras antissemitas das Circulares Secretas.²⁶

Sob a máscara do nacionalismo varguista, o Brasil foi conivente com as práticas de extermínio em massa da população judaica que habitava os territórios alemães entre 1933 a 1945. Apesar de ter optado por lutar ao lado dos Aliados [...] o governo pouco se empenhou em salvar vidas e acolher aqueles que, por acaso, haviam conseguido escapar da prisão em um campo de concentração. A maioria das regras adotadas pelas autoridades brasileiras envolvidas com a questão

²⁵ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel. *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil: 1933-2017* / Maria Luiza Tucci Carneiro, Rachel Mizrahi, organizadoras – S. Paulo : Maayanot, 2018. – – (Série Vozes do Holocausto ; v. 3); CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cidadão do Mundo: O Brasil diante do Holocausto e dos Judeus Refugiados do Nazifascismo (1933-1948)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2010.

²⁶ *Ibidem*, p.35-36

judaica nada mais foram do que cortinas de fumaça que ocultavam a real intenção de manter longe do Brasil os refugiados judeus.

[...]

A posição do Brasil diante do apelo de resgate das crianças [...] deve ser avaliada sob dois pontos de vista distintos: o a política internacional e o da política interna brasileira.

[...] No Brasil, esse [...] sistema de cotas colaborou para mascarar a prática de circulares secretas [...]

A soma de centenas de visto indeferidos [...] pelo governo brasileiro podem nos dar uma dimensão da prática antissemita sustentada pelo Estado brasileiro, aqui interpretada como uma forma, ainda secreta, de colaboracionismo com a Alemanha Nazista.²⁷

Em **Testemunhos de crianças sobreviventes refugiadas do Holocausto**, apresentamos as treze entrevistas que delinearão o mosaico narrativo, evidenciando as vivências daqueles que eram crianças durante a Era Nazista e que, como judias, testemunham a violência sem limites que marcou o Holocausto. Bem como, outros dois testemunhos sobre a infância pós-Holocausto de filhos de sobreviventes que migram para o Brasil e sofreram indiretamente os efeitos dos traumas de seus pais. Além de abordar como surge em um sobrevivente ou refugiado o desejo de registrar em palavras sua experiência vivida. No último capítulo, **Desconstruindo as narrativas**, retomamos o nosso campo de pesquisa e torna-se notório que os acontecimentos históricos e as consequências do passado são temas que funcionam como base para elaborar e entender o presente quando colocados em perspectiva. O trabalho da desconstrução moveu-se no sentido de abandonar os centros reguladores do pensamento, privilegiados pela tradição para se concentrar na lógica desconstrutivista, a qual não trata de inverter ou negar a ordem, mas sim promover um questionamento da própria hierarquia que privilegia uns sobre os outros, que subordina e exclui o outro lado que é, na verdade, também parte de si nesse sistema.

²⁷ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cidadão do Mundo: O Brasil diante do Holocausto e dos Judeus Refugiados do Nazifascismo (1933-1948)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2010, p. 242; 323-324.

I. AS CRIANÇAS NO CONTEXTO DE UMA POLÍTICA GENOCÍDA

1.1. A ideologia racista como elemento propulsor

Para compreender por que as crianças não foram poupadas pela política genocida perpetrada pela Alemanha e países colaboracionistas deve-se ter em conta que ao antissemitismo ^{28;29} somaram-se vários outros elementos que criaram condições para a proliferação de uma política genocida que culminou com a morte de milhões de judeus. Dentre estes citamos: o antimodernismo cultural e social que implicava na antipatia ao urbano, especialmente no estilo de vida metropolitano, ao cosmopolitismo, individualismo político e a crítica à democracia aplicada na política interna, assim como ao internacionalismo nas relações exteriores.

Bernardo Sorj (2007)³⁰ analisa o surgimento do antissemitismo a partir da obra de Zygmunt Bauman, *Life in fragments: essays in postmodern morality* (1995), e considera que

a animosidade em relação aos judeus na modernidade pode ser mais bem compreendida não como um sentimento de hostilidade em face do diferente ou daquilo que não é familiar (heterofobia), mas como um sentimento de desconforto perante aqueles que não se enquadram facilmente na estrutura de um mundo ordenado (proteofobia), que não podem ser claramente classificados nas categorias estabelecidas do "nós" e "eles". Esses seres ambivalentes, que emitem sinais contraditórios de conduta, acabam por

²⁸ A persistência de uma mentalidade racista cada vez mais influente desde a segunda metade do século XIX, adotada inicialmente como uma forma de determinismo biológico estabeleceu uma hierarquia de raças onde as nações do noroeste europeu ocupavam o posto mais alto. O tradicional antissemitismo entendido enquanto uma forma de racismo ao receber uma fundamentação científica baseada na raça serviu de justificativa para a política de extermínio do povo judeu que no decorrer do século XX recebeu o apoio de importantes instituições interessadas em comprovar a superioridade do povo alemão. Hannah Arendt em várias obras como, por exemplo, *As Origens do Totalitarismo*, na qual faz um delineamento sobre como se formou o ideário de como esse povo foi entendido como supérfluo e para além mostrando como milhões de indivíduos foram transformadas em um subproduto da revolução industrial, especialmente, pelas políticas do imperialismo. Arendt descreve como se deu a trajetória para alienação de um mundo comum, uma situação exacerbada após a Primeira Guerra Mundial pela presença de um grande número de refugiados sem pátria e do peso econômico do desemprego, entre outros elementos.

²⁹ Os nazistas não inventaram o antissemitismo nem o antissemitismo racial. O antissemitismo alemão e austríaco em suas diversas formas têm uma longa história, mas como um fenômeno na política moderna, como um movimento organizado, com estruturas de membros, candidatos a cargos públicos, jornal e imprensa periódica, iniciado em 1870. Seu estopim teve como causa o movimento a igualdade civil formal para os judeus promulgada na Áustria em 1867 e na Alemanha em 1869. A partir de 1918, o antissemitismo até então primordialmente econômico e cultural juntou-se à demanda por condição de estrangeiro para os judeus. GRIFFIN, Roger. *Modernism and Fascism: The Sense of a Beginning under Mussolini and Hitler*. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2007; BIDDIS Michael D., *Father of Racist Ideology: The Social and Political Thought of Count Gobineau*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1970.

³⁰ SORJ, B. Anti-semitismo na Europa hoje. In: Revista Novos Estudos, 79, nov. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300005#back20 Acesso em 29 jan. 2019.

expor as fragilidades e as fissuras da aspiração por um modelo ideal de vida social ordeira, previsível e sem riscos.³¹

Isto posto, entrevemos que a hostilidade para com os judeus era formada pelo feito de serem indivíduos “fora do lugar”, atores sociais pertencentes a um grupo que não se enquadrava no modelo de identidade coletiva baseada no Estado e Estados-nações, materializando a incongruência de uma nação não-nacional a qual maculava a perfeição desejada pelos projetos nacionais.³² Outro ponto que incomodava a sociedade europeia a respeito dos judeus era que

para os vivos o judeu é um morto; para os nativos, um estranho e vagabundo; para os pobres e explorados, um milionário; para os patriotas, alguém sem pátria; para todas as classes, um concorrente odioso. O antissemitismo europeu foi então produto de uma luta contra a ambivalência encarnada pelos judeus, que já entraram na modernidade carregando consigo a marca do “eterno judeu”, construída pelo cristianismo no afã de diferenciar a nova religião da sua fonte original, ou seja, o judaísmo. Integrados, mas forasteiros; iguais, mas diferentes; admirados, mas assustadores.³³

Percebemos no diagnóstico desenhado por Sorj que os atos discriminatórios contra os judeus ocorriam porque a sociedade europeia necessitava de uma estrutura elementar classificatória identitária e, sobretudo, aconteciam por conta da demanda em erigir um culpado para suas frustrações, ou em poucas palavras, reclamava por um bode expiatório. A psicóloga Sofia Débora Levy³⁴ salienta que o nazismo é a hipérbole do antissemitismo, cujas ideias estigmatizantes associavam a figura do judeu a um traidor da pátria cujas características depreciativas exaltavam os aspectos físicos negativos do seu físico e/ou do seu perfil. Segundo Levy, o perigo do estigma é tal que o seu apelo imaginário cristaliza o seu agente e também o estigmatizado, com isto, toda a possibilidade de combate social fica comprometida por depender daqueles que não querem dar ouvidos. A autora, sob o viés da psicanálise, evidencia a irracionalidade do antissemita, particularidade imprescindível em sua perspectiva sustentada por um pensamento rígido de caráter fragmentário e irrefletido, porque se assim não for depara-se com sua inconsistência.³⁵

³¹ BAUMANN, apud, SORJ, 2007.

³² Ibid.

³³ Ibid.

³⁴ LEVY, Sofia Débora. *Holocausto: Vivência e Retransmissão*. 1ª Ed. São Paulo: Perspectiva: CONIB, 2014, p. 42-44.

³⁵ Ibid., p. 44.

Outro sentimento circundante no período era a indispensabilidade – individual e coletiva – de pertencer a uma nação, defendida pelos regimes totalitários e autoritários de feição sadomasoquista cuja dinâmica patológica estava alicerçada na mentira, na manipulação de informações e no terror.³⁶ Tais aspectos são também demonstrados por Tucci Carneiro em seu breviário *Dez Mitos sobre os judeus* (2019) no qual convida o leitor “a uma viagem de exploração ao imaginário coletivo e à reflexão sobre a persistência de um pensamento antissemita desde a antiguidade até os dias atuais”³⁷ sobre os judeus.

Esclarece que se trata de mitos políticos os quais possuem vida própria e são imbricados

unidos num enraizamento profundo advindo do substrato construído de geração em geração. Por parecerem verdadeiros tem como tributo a verossimilhança com uma realidade portadora de uma aparência ou e uma probabilidade de verdade. Daí o nível elevado de convencimento de um mito que, alimentado pela cultura popular e erudita, engana.³⁸

São permeados por narrativas de ódio elaboradas por preconceitos seculares que persistem pela memória coletiva utilizando-se da mentira como verdade, cujo objetivo é deformar a realidade e enganar um determinado grupo que acredita no que vê e ouve, tendo como fruto o antissemitismo.³⁹

Não obstante, devemos observar que ao caráter intransigente do antissemitismo nazista em relação ao processo político somava-se a retórica de luta e combate contra aqueles que poderiam comprometer o ideal de estética do belo maligno⁴⁰ praticado por eles.

Para Cristiane Lia, autora de *Identidades Judaicas: as comunidades de conversão na serra gaúcha* (2017), as ideias sobre os judeus são atravessadas por construções consolidadas a estereótipos sobre o “ser judeu” como errante, negociante, sovina, larápico e usuário. Essas produções cognitivas constroem mitos que se desdobram em dois preconceitos o antissemitismo e o antijudaísmo; o primeiro ligado à questão étnica não sendo possível o

³⁶ Ibid., p. 50-51.

³⁷ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Dez Mitos Sobre os Judeus*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019, p. 15

³⁸ Ibid., p. 15-16.

³⁹ Ibid., p. 17, 20.

⁴⁰ Termo retirado do documentário *Arquitetura da Destruição*, no qual tipifica-se o indivíduo considerado como o ideal de beleza para o nazismo: o sujeito deveria possuir formas bem definidas de corpo, caucasianos e descendentes das antigas tribos de uma região no Sul do que hoje é a Rússia. Nesse contexto, todos aqueles que não se encaixavam no modelo ideal alemão concebido pela ideologia nazista, bem como, os inimigos políticos, homossexuais (exceto mulheres gays), judeus ciganos e doentes mentais deveriam ser retirados do convívio da sociedade alemã. COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*. Título Original Undergângens arkitektur. Direção Peter Cohen. Suécia, 1192 – 121 minutos; HERF, Jeffrey. *Inimigo Judeu*. Propaganda Nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Trad. Walter Solon. São Paulo: EDIPRO, 2014.

judeu dele se afastar, já o segundo surge vinculado ao preconceito religioso e, portanto, podendo ser rompido através de conversão a outra religião.⁴¹ São nominalizações discursivas que auxiliam na construção de estratégias racistas permeadas por preconceitos e estereótipos. Para Homi Bhabha (1998) em *O local da cultura*, o estereótipo nega “o jogo da diferença, constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais”.⁴²

A construção e naturalização do estereótipo judeu não é algo simplista, pois envolve uma falsa representação presa e fixa de uma determinada realidade que foi comumente utilizada como arma pelos nazistas para difundir uma reputação ruim aos judeus, banalizando e ofendendo-os. Se a bem da verdade notamos que várias categorias e motivações para o ódio aos judeus nunca foram devidamente separadas. Porém, ideologicamente, seu representante mais conhecido, Adolf Hitler identificou-se com outra figura do antissemitismo austríaco, Georg Ritter von Schönerer⁴³, o qual propagou com primazia do conceito de raça e o antissemitismo racial.

Grosso modo, o antissemitismo foi um fator de apelo popular do nazismo cujo cerne era retratar o judeu como inimigo, com a insistência de que a “Questão Judaica” era biológica. Através da educação e da propaganda sistemática, ensinou à população (e principalmente às crianças alemãs, ditas “arianas”) a tratar com repulsa e ódio os judeus e as minorias étnicas, ocasionando na nação uma neurose coletiva.

Lembramos aqui a produção de vários livros infantis, dentre os quais *O Cogumelo Venenoso*, que interferiu nas mentes das crianças em idade escolar, uma virulenta obra antissemita publicado em 1938 por Julius Streicher, escrito por Ernst Ludwig Hiemer e

⁴¹ LIA, Cristine Fortes. Identidades Judaicas: as comunidades de conversão na serra gaúcha. In: *INTERAÇÕES*, Belo Horizonte, Brasil, v. 12 n. 22, p. 264-283, ago./dez. 2017, p. 269.

⁴² BHABHA, Homi K.: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, p. 117.

⁴³ Georg, Ritter von Schönerer, (nascido em 17 de julho de 1842, Viena, Áustria – morreu em 14 de agosto de 1921, Rosenau bei Zwettl), extremista político austríaco, fundador do Partido Pan-Germânico (1885). Ele era antissemita que talvez tenha sido o porta-voz mais conhecido dos sentimentos antidemocráticos populares no final do império. Liberal de esquerda, quando eleito pela primeira vez para o Reichsrat [parlamento federal] em 1873, Schönerer desenvolveu gradualmente o que seria sua posição prussófila e antissemita característica. Ele finalmente adquiriu um forte acompanhamento pessoal, especialmente entre a classe média baixa vienense e as fraternidades [*Burschenschaften*]. Seu Partido Pan-Alemão definhava após sua prisão por um assalto a um escritório de jornal (1888), mas rapidamente reviveu após sua reeleição para o parlamento em 1897. Schönerer liderou os ataques contra as leis pró-língua tcheca daquele ano e foi popularmente creditado por ter levado o primeiro-ministro, Count Kasimir Badeni, à renúncia. Ele se tornou intimamente associado com o movimento anti-católico *Los Von Rom* após 1898, embora mais por razões nacionalistas do que religiosas. Como uma figura política nacional, ele atingiu o auge de sua influência em 1901, quando 21 Pan-Alemães foram devolvidos ao Reichsrat; Seu temperamento violento, no entanto, perturbou tanto o partido que, em 1907, praticamente desapareceu da política parlamentar austríaca. Isso não diminuiu sua influência ideológica de longa duração. Consequentemente, um de seus seguidores mais fervorosos era o jovem Adolf Hitler. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Georg, Ritter (knight) von Schönerer”. *Encyclopedia Britannica*, 13 jul. 2017. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Georg-Ritter-von-Schonerer>. Acesso em 14 set. 2018.

ilustrado pelo cartunista alemão Fips (pseudônimo de Philipp Rupprecht) mostra o porquê os judeus são inferiores e devem ser “odiados e exterminados”, influenciando as crianças alemãs sobre a personalidade judaica.

O livro as instruía o quanto esses judeus poderiam fazer-lhes mal, além de ensinar como reconhecer um judeu através de suas características físicas, bem como alerta para a existência judeus diferentes do estereótipo apresentado em sala de aula.

Nem todos os Judeus têm todas essas características. Alguns não têm o nariz típico de um judeu, mas podem ter orelhas de judeu. Alguns podem não ter pés chatos, mas olhos de judeu. Alguns nem mesmo podem ser reconhecidos à primeira vista. Existem até mesmo judeus loiros. Se queremos ter a certeza de reconhecer os judeus, temos que olhar com cuidado. Quando se olha com cuidado, sempre pode-se reconhecer um judeu.⁴⁴

Propagava para as crianças arianas alemãs, o judeu como vilão e faz a falsa afirmação de que no livro sagrado de nome Talmud está escrito que os judeus: podiam enganar as autoridades gentios; não precisavam pagar o que deviam; somente eles eram humanos; os gentios são chamados de animais; e declaram que há no livro o mandamento para os judeus destruírem os gentios colocando-os uns contra os outros. Além de explicitar que os judeus consideram o trabalho como algo nocivo que deveria ser feito pelos “gentios” os quais foram criados para o trabalho, cabendo, portanto, aos judeus viverem de comércios.

Os gentios foram criados para servir os judeus. Devem arar, semear, capinar, cavar, colher, regar e moer. Os judeus foram criados para encontrar tudo pronto.⁴⁵

O livro possui forte ideal antissemita e utiliza do racismo e desconhecimento da religião judaica para legitimar seu “ódio aos judeus” por meio de ilustrações que buscam seduzir e convencer essas crianças de que os judeus eram pessoas más e indignas de viver.

⁴⁴ HIEMER, Ernst. *O Cogumelo Venenoso*, 1938, p. 10.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 15.

**Sem resolver a Questão Judaica não há salvação para a
humanidade**



“Aquele que luta contra o judeu, luta contra o diabo”
- Julius Streicher

1. Ilustração de autoria de Flips, pseudônimo de Phillip Rupprecht, para o livro infantil *Der Giftpilz* [O Cogumelo Venenoso]. No cartaz de propaganda a frase de Julius Streicher “Aquele que luta contra o judeu, luta contra o diabo”. Legenda: “Sem resolver a Questão Judaica não há salvação para a humanidade”. HIEMER, Ernst. *Der Giftpilz*. Nuremberg Bavária, Alemanha: Julius Streicher, 1938, p. 43.

Não devemos esquecer que somou forças às pregações antissemitas a miséria crescente no entreguerras, que corroborou para que os ideais do partido nazista ganhassem força alimentados pelos mitos políticos⁴⁶, ou seja, atendendo a necessidade da sociedade em encontrar alguém a quem imputar seu mal.⁴⁷ Nesse sentido, a imagem de juízo negativo foi tachada aos judeus que já carregavam um pré-conceito construído pela opinião pública que os incriminava como responsáveis pelas frustrações de minorias que tentavam se inserir socioeconomicamente.

O conjunto destes fatores incitou a violência sem limites, principalmente a partir de 1933 com a chegada de Hitler ao poder na Alemanha. Liderando o *Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães* (NSDAP), conquistou a maioria das cadeiras no Parlamento através do pleito naquele mesmo ano. Vale lembrar que o partido⁴⁸ era referenciado pelo seu programa político caracterizado pelo antissemitismo⁴⁹, pelo extremo nacionalismo e críticas ao capitalismo internacional. Através do seu principal orador, Adolf Hitler, seguido por um séquito de doutrinadores, o plano de extermínio das minorias ganhou adeptos junto a grande parte da população alemã e dos países ocupados.⁵⁰

Retomando o assunto da investidura de Hitler ao cargo de Chefe de Governo na Alemanha notamos que ele utilizou as vias legais para iniciar a perseguição aos judeus transformando-os em indivíduos de segunda-classe, sem direito à vida⁵¹. Iniciava-se dessa

⁴⁶ Ressentimentos com os resultados da Primeira Guerra Mundial ganharam força e a imagem da “facada nas costas” propagada a partir de 1918 por civis políticos que perceberam que a guerra foi perdida nos termos do Tratado de Paz de Versalhes. Buscou-se então um culpado para a crise econômica e política, o desarmamento da Alemanha e a perda dos territórios. A isto, soma-se a reconquista idealizada de um espaço vital para abrigar os cidadãos arianos, sem espaço por causa dos judeus os quais segundo o ideário nazista deveriam ser exterminados. Esse imperialismo continental foi formulado pela primeira vez por grupos de pressão pré-1914 como a Liga Pan-Alemã e foi proeminente no debate em objetivos de guerra durante a Primeira Guerra Mundial.

⁴⁷ SORJ, op.cit.

⁴⁸ O partido tem suas origens no Partido do Trabalhador Alemão cuja denominação foi alterada para *Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães* (NSDAP).

⁴⁹ Originalmente o termo foi utilizado em 1879 por um agitador alemão chamado Wilhelm Marr para designar campanhas antijudaicas ocorridas em finais do século XIX, na Europa. Todavia com a ascensão do Führer ao poder com seus ideais de pureza de raça, o termo acabou por abarcar todas e quaisquer hostilidades praticadas contra os judeus através da história da humanidade. NOVINSKY, A. e D. Kuperman (orgs.) – *Ibéria Judaica: Roteiros da Memória*. Edusp, São Paulo, 1996, p. 97-111

⁵⁰ Segundo Hitler as consequências da Primeira Guerra foram um assalto ao país, e era preciso que fossem destruídos não só os inimigos da Alemanha no exterior, mas de igual modo o internacionalismo interno. Tornando claro o seu alinhamento ideológico com o pangermanismo austríaco (FEST, Joachim. *Hitler*. 2 volumes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005, p.18-29). Outra influência fundamental na formação do pensamento de Hitler é a obra do compositor Richard Wagner chegando ao ponto de afetar as manifestações públicas do Partido.

⁵¹ De acordo, com Roseman (2003) um dos grandes problemas que os nazistas enfrentaram em meio as perseguições aos judeus consistia no problema em definir quem era judeu. Muitos participantes do regime, tais como, membros do partido e funcionários da SS tiveram que provar que não possuíam ascendência judaica.

maneira uma ação sistemática sustentada pelo Estado com objetivo de subjugar e/ou vencer um grupo, ideário que culminou com o plano de extermínio definido como “Solução Final” à questão judaica e à questão cigana, estendendo-se para os homossexuais, dissidentes políticos, deficientes físicos e mentais. Tanto é que uma das primeiras medidas do novo chanceler para legitimar os atos discriminatórios foi a expedição de um decreto de emergência no intuito de proteger do povo alemão, concedendo autoridade ao governo para censurar a imprensa e restringir o direito de reunião dos comunistas. A ação compeliu a mídia a praticar a autocensura e conseqüente veto às críticas do governo. Em meio ao cerceamento dos meios de difusão de informações ocorreu o incêndio no parlamento alemão [*Reichstag*] que deixou a construção em ruínas.⁵²

Com a edificação ainda em chamas, a polícia prendeu um suspeito: o jovem chamado Marinus Van der Lubbe, de origem holandesa, 24 anos que estava há pouco tempo na capital alemã. Rapidamente, as investigações mostraram que Van der Lubbe mantinha ligações com os comunistas. Por fim, o jovem confessou ter provocado o incêndio sozinho, em protesto contra a ascensão ao poder dos nazistas.

Com o parlamento destruído pelas chamas Hitler viu uma oportunidade para confirmar suas preocupações: o surgimento de uma conspiração comunista. Imediatamente os nazistas associaram o ocorrido a um levante comunista como justificativa para as perseguições e prisões de indivíduos classificados como contrários ao regime.

ROSEMAN, Mark. *Os Nazistas e a solução final: a conspiração de Wannsee: do assassinato em massa ao genocídio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 93.

⁵² De acordo com Marc von Lüpke-Schwarz, Hitler estava perturbado quando chegou ao local e não lamentava pelo Parlamento como instituição, já que sempre desprezou a democracia. O que mais o incomodava era a suposição de que teriam sido seus arqui-inimigos, os comunistas, os responsáveis pelo incêndio. A intenção, segundo Joseph Goebbels, líder do partido nazista, o NSDAP, em Berlim, era, “por meio do incêndio e do terror, causar tumultos e, em meio ao pânico geral, tomar o poder”. 1933: Incêndio no Reichstag era golpe na democracia alemã. Jornal Deutsche Welle. Bonn, Alemanha. Seção História. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-80-anos-inc%C3%AAndio-no-reichstag-era-um-duro-golpe-na-democracia-alem%C3%A3/a-16629973> . Acesso em 14 set. 2018.



2. Cartaz propaganda política, no qual os nazistas colocam a culpa nos seus adversários comunistas. Berlim Alemanha: NSDAP, 1933. Reproduzido do jornal *Deutsche Welle*, Bonn, Alemanha.

Esta foi uma oportunidade para os nazistas difundirem declarações intencionalmente mentirosas com intuito de levar prejuízo a um grupo. Essas inverdades aplicadas em escala macrossocial, sem limites, serviram para (re)inventar versões justificando a destruição em

larga escala dos grupos dissidentes. Tais investidas contra intelectuais comunistas, socialistas e judeus serviram como ferramenta totalitária para doutrinar a população.⁵³

Ao mesmo tempo, a violência e o terror sem limites produziam, sobretudo, efeitos desintegradores na estrutura psíquica das vítimas e seus familiares, dentre os quais estavam as crianças e jovens adolescentes.

Ao impossibilitar a vítima de defesa⁵⁴ e ao colocar em dúvida o seu direito à verdade existencial, o sistema ampliava a sensação de medo que, por sua vez, gerava traumas. Paradoxos produziram o aumento das prisões daqueles que eram considerados inimigos do sistema, incluso especialmente os judeus, provocando a superlotação nas penitenciárias e fragilizando os elos familiares. Neste contexto de repressão e enfrentamento aos opositores do regime, a ideia do perigo judaico-comunista/socialista serviu de justificativa para os nacional-socialistas construírem o primeiro campo de concentração oficial em Dachau.⁵⁵



03. Portão de entrada do campo concentracionário de Dachau. Alemanha, 1945. Fotografia não identificada. Reproduzido do jornal *Deutsche Welle*, Bonn, Alemanha.

⁵³ LEVY, Sofia Débora. *Por Dentro de um Trauma: A perversidade no Holocausto na Contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.

⁵⁴ A partir dos escritos de Levy (2018) entendemos como vítima do nazismo além dos judeus, outras minorias, inimigos políticos, a população alemã no geral. Id. *ibid*.

⁵⁵ Em março de 1933, os nazistas construíram, a poucos quilômetros de Munique, o campo de Dachau, cujo objetivo era a reeducação dos presos políticos e outros seres malvistas na sociedade alemã. GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler*. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 50-51.

Na sequência ocorreu a instauração da Lei de Supressão do Sofrimento do Povo e do Reich⁵⁶, concedendo plenos poderes ao chanceler, tanto legislativos, quanto executivos, pelo prazo de 4 anos.⁵⁷ Ainda em 1933, aconteceu o primeiro ato orquestrado pelo regime nazista contra o comércio dos proprietários judeus, fato que teve reverberação nacional e internacional. O ataque às lojas (quebradas e pichadas com *Jude* e Estrela de Davi) foi instigado pela propaganda oficial com condescendência das forças policiais.



04. Membros do Partido Nazista afixam cartazes nas entradas dos comércios de judeus na Alemanha, convocando a população ao boicote. Berlim, Alemanha, 1933. Fotografia não identificado. Acervo AAIHS – Sociedade Afro-Americana de História Intelectual, Pensilvânia, EUA.

Depois desse evento, mais uma lei foi estabelecida: a Lei de Restauração do Serviço Público Profissional, que decretava a dispensa de cargo público de todos os comunistas, simpatizantes de esquerda, não-arianos, judeus e os contrários ao regime. Acelerando a política de arianização, o Estado passou a coibir: todos os advogados judeus nos tribunais, limitou a matrícula de novos alunos judeus a 1,5% do total dos solicitantes e estabeleceu o percentual máximo de 5% para cada estabelecimento de ensino.⁵⁸ Importante lembrar que, em

⁵⁶ Também denominada como Lei Plenipotenciária ou de Exceção.

⁵⁷ Depois desse evento, o parlamento alemão passou a ter um papel decorativo e a lei foi prorrogada por mais duas vezes transformando a Alemanha em ditadura de forma legal. KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias de hoje*. São Paulo: Cultrix, 2013, p. 339-340.

⁵⁸ RAFECAS, Daniel. *Historia de la solución Final – Uma indagação de las etapas que llevaron al exterminio de los judíos europeos*. Buenos Aires: Siglo Veinteuno Editores, 2012, p. 42-43.

alguns testemunhos, aqueles que eram crianças nesta ocasião, recordaram-se de ter visto as lojas com as suas vidraças quebradas e os pais preocupados com a perda de seus empregos públicos, fonte de sobrevivência e prestígio.

A maioria das crianças judias foi imediatamente excluída da educação escolar regular e extracurricular que, com os nacional-socialistas no poder, foi utilizada como um aparelho ideológico para difundir o programa dogmático do partido nazista. Enquanto a juventude foi transformada em fiel seguidora do Führer, as crianças menores (arianas) foram educadas para servir à Nação alemã que deveria ser forte e “limpa de judeus”, acusados de serem os males que a atingiam. Com isto, o currículo escolar foi modificado para corresponder ao ideário nazista e as disciplinas passaram a servir como instrumentos de luta por uma nova Alemanha, pura de sangue e livre dos inimigos da raça ariana. Sob esta perspectiva, instituíram-se novas disciplinas e outras foram suprimidas com objetivo de emergir aqueles cuja natureza se encarregou de fazer superiores a partir de um padrão sociobiológico instaurado pelo Partido, bem como, promover disciplinas as quais visivelmente poderiam empreender interferência no pensamento ideológico da juventude, mirando no reforço para apreciação do nazismo.



05. Crianças de uma escola alemã cumprimentam seu professor com a saudação Heir Hitler! Alemanha, janeiro, 1934. Fotografia não identificado. Disponível em *ONEDIO* – Sosyal İçerik Platformu, Turquia.

A justificativa para a mudança, segundo Hitler e os ideólogos do regime, fundamentava-se na teoria desenvolvida de que o cérebro infantil não deveria ser sobrecarregado com conteúdos que seriam inúteis na vida, como por exemplo, o ensino de línguas. A finalidade da educação era utilizar o espaço escolar para (trans)formar as crianças

em bons nazistas.^{59;60} Dentre as disciplinas consideradas prioritárias a Educação Física passou a ser valorizada pela sua capacidade de transformação, pois formava jovens saudáveis fisicamente e de caráter fortalecido, qualidades essenciais para proporcionarem um mundo de seres qualificados e obedientes, conforme os padrões nazistas. Vale mencionar que o líder alemão culpava em parte a educação ministrada à juventude, antes de sua ascensão, pela derrota da Alemanha na Primeira Guerra. De acordo com Führer, se o país estivesse investido no fortalecimento físico⁶¹ em detrimento ao intelectual o resultado seria contrário.



06. Meninos da Juventude Hitlerista portando máscaras de gás em treinamento para situações de guerra, Worms, Alemanha, 1933. Fotografia não identificado. Disponível em *ONEDIO* – Sosyal İçerik Platformu, Turquia.

As ciências exatas, como física e matemática, foram reformuladas e tópicos militares introduzidos nas disciplinas utilizando-se em conjunto conceitos de aspecto social para enaltecer a raça reforçando a ideologia desejada em agravo a outros grupos étnicos e, sobretudo, aos deficientes (físicos e mentais). Justificava-se assim a prática da eutanásia e do controle populacional visando a composição de uma raça pura. Investia-se assim na produção

⁵⁹ HITLER, Adolf. *Minha luta: Mein Kampf*. São Paulo: Editora Moraes, 1983, p. 316-322.

⁶⁰ BARTOLETTI, Susan Campbell. *A juventude hitlerista: a história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram*. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 40.

⁶¹ E ainda, destacando a importância dada ao caráter forte, esta é uma característica segundo o regime de base da superioridade ariana a qual não permite ser vencido facilmente. HITLER, Adolf. *Minha luta: Mein Kampf...* op cit., p. 318-320.

de nenês raça pura e das progenitoras saudáveis pelo mesmo método de um criador de cachorros.

O programa chamado de *Lebensborn* foi desenvolvido em 1935 sob o comando Heinrich Himmler. Era uma tentativa de aumentar a taxa de natalidade de indivíduos arianos e, assim, aumentar o exército nazista. Inicialmente, o projeto selecionava e encorajava mulheres a ter relações sexuais com oficiais da SS, depois foi expandido para os países ocupados pela Alemanha. O programa também se envolveu no sequestro de milhares de crianças estrangeiras.



07. Crianças do programa *Lebensborn*. S.l., s.d. Fotografia não identificado. Acervo *Lebensborn Children*, EUA.

Exercícios com conteúdo subliminar de doutrinação eram comuns, como por exemplo, solicitar que uma criança calculasse quanto custava ao Estado manter um deficiente em um asilo, ou outro que nitidamente tratava os judeus como estrangeiros e enaltecia a superioridade dos alemães: judeus da Alemanha são raça estrangeira. Em 1933, o Reich

alemão contava 66.060.000 mil habitantes, porém entre eles existiam 499.682 mil judeus praticantes. Qual porcentagem representavam?⁶²

O ensino religioso foi suprimido e a disciplina de História sofreu grandes alterações, em especial, através do Decreto de Diretrizes para Livros Didáticos de História assinado em 1933. As sanções estabeleciam que as aulas de História deveriam ser elaboradas em torno do conceito de heroísmo alemão e ligadas à ideia de liderança. A História passou então a ser ensinada sob um enfoque categórico ao reformular a história mundial, tendo em vista a questão racial como um ponto dominante nos acontecimentos, levando em conta apenas as orientações futuras para a nação alemã.

Outra disciplina que sofreu modificações foi a Geografia sendo ensinada em termos de geopolítica, espaço vital, movimento demográfico, expansão racial e aquisição de territórios coloniais. A Literatura também passou por alterações com adaptações para atender os objetivos estabelecidos pelo regime. Nesse sentido, devido à escassez de instrumentos literários ajustes foram realizados e livros escritos por nacionais socialistas ou por escritores alemães não judeus foram adotados. Tornou-se comum a adoção de literaturas adaptadas, em especial para o ensino primário que costumeiramente exaltavam Hitler e expunham os judeus com aparência maligna, escondidos em locais escuros, esperando para praticar o mal a uma criança ariana.



08. Crianças “arianas” lêem o livro antissemita *Der Giftpilz* (o Cogumelo Venenoso), de autoria de Ernst Ludwig Hiermer. Nuremberg, Bavária, Alemanha: Julius Streicher, 1938. Fotografia não identificada. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.

⁶² MICHAUD, Eric. “Soldados de uma idéia” Os jovens do terceiro Reich. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). *História dos Jovens 2 – A época contemporânea*. Tradução de Paulo Neves, Nilson Mulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 291- 317, p. 293.

Mas, o grande aliado na difusão do ideário nazista foi a Biologia, com aulas transformadas para que o professor conseguisse transmitir o conteúdo ideológico racial na prática, ou seja: foram inclusas as leis da hereditariedade, ensinamento racial, higiene racial, ensinamentos sobre a família e política populacional à disciplina. Desse modo, a disciplina ensinava às crianças com idade entre cinco e dez anos os princípios e meandros da ideologia nazista, transmitindo o pensamento de que judeus, homossexuais, deficientes físicos e mentais e ciganos eram indivíduos indignos e degenerados. Portanto, deveriam ser exterminados, saneando a nação alemã das doenças hereditárias propagadas em especial pelos judeus que eram comparados aos ratos e bactérias.

Foi também introduzida a disciplina de Ciências Raciais que colaborou para a apreensão dos alunos sobre sua raça. Dentro deste conteúdo havia um tópico chamado “Eugenia” através do qual as crianças aprendiam que os arianos eram uma raça superior com a missão de dominar a Europa. Aqueles qualificados como pertencentes a esta raça superior somente poderiam se casar com seus pares sob a égide de não a macular. As aulas dessa matéria em geral ocorriam em laboratórios ou eram expositivas para fazer com que os alunos apreendessem melhor sobre aprimoramento da raça. Durante os ensinamentos, às crianças eram apresentadas exaustivamente a importância da distinção do que poderia ser útil à configuração de uma raça pura e o que poderia ameaçá-la, ou seja: as crianças aprendiam a se relacionar somente com seus iguais, representantes da raça ariana.

Assim, o ambiente escolar passou a ser o principal produtor/condutor do pensamento nazista, além contribuir para uniformidade intelectual no que diz respeito à ideologia propagada pelo regime. Ademais, ocorria a partir da raça (ariana ou não-ariana) uma triagem de alunos, cabendo ao educador fazer a separação dos melhores, bem como estimular seu aluno a tornar-se um indivíduo superior. Dá para imaginar, neste contexto de estigmatização e propostas de exclusão dos judeus da sociedade alemã, os sentimentos das crianças judias. Koch (1973) alega que essas teorias raciais absurdas propagadas por pseudocientistas foram introduzidas nos compêndios escolares com o fito de produzir um sentimento de aversão ao povo judeu e, ao mesmo tempo, alimentar um instinto racial de pertencimento da juventude alemã.⁶³ Esse tipo de estratégia foi muito eficaz para a disseminação do ideário eugênico nazista por via da educação formal, visto que as crianças são atores sociais plenos e por

⁶³ KOCH, H. W. *A juventude hitlerista: Mocidade traída*. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Ed. Renes, 1973, p. 99.

estarem inseridos na sociedade se relacionam e aprendem por meio do encontro com seus pares.

Andor Stern⁶⁴ lembra sobre como era o ambiente escolar na época

eu já nasci como um garoto discriminado, perseguido, batiam, cuspiam na minha cara. Eu sofria de “números clausos”. Aonde eu estudava, só podia ter três judeus na classe: eu era um dos três, enfim, aquelas pequenas maldades [...]

[...] quando leva uma bofetada na cara e não pode devolver porque aí o professor em vez de pegar o safado que me bateu, batia a mim. Quer um pequeno exemplo? O programa escolar tem aula de ginástica, como é pré-guerra, em vez de ginástica, instrução militar. Então os alunos recebem lá um boné de militar, um fuzil de pau, né? E fazem exercícios, marcha. Eles recebem isso. Eu, tenho que ter uma boina amarela com uma faixa amarela, aí os alunos da minha classe pegam um barbante, penduram nos três judeus as pastas, escolares, cadernetas e tudo. Nós estamos carregando para eles poderem marchar sem a pasta. ANDOR STERN, 2015.

Ao consideramos a aprendizagem como fonte do desenvolvimento no período da infância e como uma condição social da criança pressupomos que elas se apropriam da cultura produzida pela humanidade por intermédio de uma tarefa guiada pelo encontro com o outro.

Isto posto, enfatizamos que a escola pode se apresentar como um dos locais apanágios de socialização para o indivíduo, dado que é na escola onde a criança compõe relações com sujeitos fora do seu ambiente familiar e encontra uma parcela do legado cultural engendrado. Para Vigotski (1991)⁶⁵, a infância é uma construção sociocultural a qual muníciona o contexto de inúmeras experiências possíveis para a criança, figurando como referenciais empíricos de sujeitos concretos presentes em todas as sociedades humanas, cujo papel é fundamental na constituição desse sujeito. Portanto, a partir dessa perspectiva, apuramos que o nazismo, ao utilizar a formulação das disciplinas escolares para promover a sua organização conceitual, ampliou seus modos de agir e pensar entre um maior número possível de indivíduos.

Além da nazificação de escolas públicas e da instituição de escolas diferenciadas com o propósito de aprofundar a doutrinação dos jovens, o Estado alemão promulgou as Leis 242 e 392 (1934) que proibiram as crianças judias de frequentarem escolas alemãs afora decretar o fechamento de escolas judaicas, estendendo sua política de exclusão as crianças. As instituições de ensino, os professores e as disciplinas sofreram com a banalização da vida e do caráter afetivo, conduzindo a um esvaziamento desrespeitoso e, conseqüente,

⁶⁴ STERN, Andor. Testemunho concedido por Andor Stern à Rachel Mizrahi e Raíssa Alonso, transcrição: Daniel Loeb, pesquisadores do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 27 out. 2015. Arqshoah/Leer-USP.

⁶⁵ VIGOTSKI, Liev Semionovich. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

enfraquecimento das relações humanas. Este conjunto de ideias, leis e ações propiciaram o surgimento de normas autoritárias e disciplinares cuja fé residia em um futuro revolucionário no qual somente poderiam participar os capazes de exteriorizar eficiência a todo momento em que eram requisitados.

Estimulando o individualismo e o desengajamento emocional na doutrinação da juventude, instituíram-se outras frentes no ensino obrigatório, sendo uma das mais conhecidas a Juventude Hitlerista.⁶⁶ Esta frente era responsável pelas atividades extracurriculares que exaltavam a figura de Hitler, a preservação de uma raça pura, além da necessidade de militarização e força para que o povo alemão alcançasse a superioridade.



09. Membro da “Juventude Hitlerista”. Bruhel, Renânia, 1934. Fotografia não identificado.
Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.

⁶⁶ A Juventude Hitlerista teve como marco inicial o ano de 1926 sob a direção de Kurt Gurber, três anos depois é incorporado como grupo jovem oficial do Partido Nazista e um ano depois é fundada uma ala feminina o que engrossou o número de integrantes em 26 mil jovens. A partir de 1936 a filiação torna-se obrigatória para jovens entre 10 a 18 anos o que faz os números de afiliados saltar novamente para 5.437.602 mil jovens. BLEUEL, Hans Peter. *O sexo na Alemanha Nazista*. Tradução de Theobaldo de Souza. Rio de Janeiro: Senegra, 1972.

As restrições impostas pelos alemães com relação a cultura e educação atingiram particularmente as crianças. E é dentro dessa pressão sociocultural que o ensino se torna um dos mais atingidos, tendo à frente o ministro da Conscientização Pública e Propaganda, Joseph Goebbels (1897-1945), cuja imagem ficou marcada como uma das mentes por trás do nazismo. Como ministro da Propaganda liderou toda a publicidade do regime:

foi encarregado de coordenar a cultura alemã com os objetivos ideológicos nazistas. Nesse papel, ele exerceu enorme influência e foi essencial para Hitler e o regime nazista. Cinema, rádio, teatro e imprensa caíram em grande parte sob a jurisdição de Goebbels. Goebbels criou uma campanha massiva de propaganda para ganhar a lealdade dos cidadãos alemães e sua aquiescência às medidas antijudaicas nazistas. Ao mesmo tempo, pontos de vista de qualquer forma ameaçadores às crenças nazistas ou ao regime foram censurados ou eliminados de todos os meios de comunicação, especialmente da imprensa pública.⁶⁷

Segundo Grynberg (2004), aproximadamente 400 professores de escolas primárias judaicas foram despedidos em finais de 1939, deixando cerca de 30 mil crianças judias sem acesso a escolas e, por conseguinte, sem estudar.⁶⁸

De acordo com o ideário nacional-socialista, a Alemanha – que havia perdido partes do seu território, seu exército e 10% da sua população pelas imposições do Tratado de Versalhes (1919) – deveria (res)surgir forte e pura, estando o perfil do seu povo idealizado como belo. Sob este viés, a arte e os artistas tornaram-se essenciais para a construção da imagem de Nação e de Povo alemães, cujos parâmetros pautavam-se no conceito racista de pureza e degeneração. Este discurso serviu para demonizar os judeus apresentados como seres subumanos, feios e deformados tanto pelo seu aspecto físico como pelo moral. Milhares de fotografias e charges foram impressas pelos veículos de propaganda do regime expondo figuras belas e feias, incluindo crianças.⁶⁹

⁶⁷ UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “Joseph Goebbels”. *Enciclopédia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/joseph-goebbels-1>. Acesso em 31 maio de 2021.

⁶⁸ GRYNBERG, M. *Voces del guete de Varsovia*. Tradução Katarzyna Olszewska Somnenberg y Sergio Trigán. Barcelona: Alba Editorial, s.l.u., 2004, p. 435.

⁶⁹ Em 1933, o amparo da propaganda oficial em prol da arte pura, fecha-se Bauhaus e é realizada uma exposição em Karlsruhe e Mannheim detratora da arte moderna, expondo algumas obras classificadas pelo Ministério da Conscientização Pública e Propaganda como símbolos da degeneração, do comunismo e judaizantes. Em paralelo, acontece um processo de remoção das obras de arte degenerada da Alemanha, seguida da cassação de diversos curadores, diretores de museus e artistas. Mais de 16,5 mil obras consideradas fora do padrão são confiscadas e têm um destino obscuro.



10. Menina, exemplo de um relacionamento interétnico (ao centro), chamado pelo alemães nazistas de “vergonha negra”, posando entre crianças “arianas”, símbolos da beleza ideal. Alemanha, s.d. Fotografia não identificado. Reproduzido do jornal *Deutsche Welle*, Bonn, Alemanha,

Hitler e seus seguidores, cientes do potencial que as imagens possuíam na veiculação de ideologias e na manipulação de massas, iniciam um programa de difusão dos ideários nazistas utilizando, por exemplo, o cinema⁷⁰ como uma arma propagandista. Inúmeras obras produzidas pelo regime e todas, em geral, eram antisemitas, anticomunistas ou pró-nazistas. Podemos citar aqui o documentário produzido por Leni Riefenstahl, intitulado de *O Triunfo da Vontade*⁷¹, como uma das obras produzidas para a exaltação da figura de Hitler como um salvador da pureza alemã. Em uma das cenas do filme, mostra-se Adolf Hitler sobrevoando a cidade de Nuremberg e na sequência descendo do avião quando é ovacionado pelos presentes como se fosse um verdadeiro deus.

Um dos responsáveis pela (re)criação do mito do herói adaptado ao ideário nacional-socialista foi o ministro Goebbels, que através da propaganda manipulou milhões de alemães

⁷⁰ Hitler considerava o cinema como o instrumento perfeito para influenciar as massas devido ao seu apelo emocional subjetivo, limitação de conteúdo, continua e uniforme repetição de mensagem e utilização de imagens sedutoras, ilustrando a ideologia do regime favorecida pelos recursos de linguagem cinematográfica. Seu ministro de Propaganda, Goebbels complementava essa visão afirmando que o cinema agia sobre uma massa fechada permitindo ao indivíduo participar de um ritual coletivo no qual ele expiava não somente suas emoções, mas daqueles que o cercavam, diferente do rádio e da imprensa que atingiam uma massa desintegrada de indivíduos. PEREIRA, Wagner Pinheiro. *O Império das Imagens de Hitler: o projeto de expansão internacional do modelo de cinema nazi-fascista na Europa e na América Latina (1933-1955)*. 2008. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.8.2008.tde-29092008-172531. Acesso em 14 out. 2018, p. 70.

⁷¹ O filme rendeu um prêmio no Festival de Veneza em 1936 devido à grandiosidade com a qual Hitler foi idolatrado.

a exaltarem da figura de Hitler e, ao mesmo tempo, a odiarem os degenerados. O objetivo do ministério era promover Berlim como uma cidade redentora de uma raça pura, sendo Hitler o grande onipotente. Chamamos a atenção para as milhares de fotografias dos eventos comandados por Goebbels, onde Hitler aparece iluminado no centro da cena, rodeado por crianças alemãs, sorridentes e felizes, que correspondem ao ideal de beleza ariana.



11. Hitler cumprimenta crianças a caminho de seu retiro em “Haus Wachenfeld”. Baviera, Alemanha, s.d.
Fotógrafo não identificado. Reproduzido do jornal *The Daily Mirror*, Inglaterra.

Nessa lógica, a natureza ideológica – manipuladora e propagandista do regime – preparava o povo alemão na edulcoração da culpa em eliminar os elementos dissonantes à raça ariana. Amparadas pela propaganda salvacionista do NSDAP, surgiram também uma série de entidades de apoio, cujos nomes ficaram marcados na consciência da humanidade como Gestapo, Liga das Meninas Alemãs, SA e Waffen-SS.



12. Jovens representantes da *Union of German Girls* colam folhetos em um espaço público. Worms, Alemanha, 1933. Fotografia não identificado. Disponível em: *ONEDIO* – Sosyal İçerik Platformu, Turquia.

Cada vez mais empenhados em tratar as “imperfeições” como um caso de saúde pública e com a crescente obsessão do nacionalismo, diversas formas profiláticas de caráter eugênico⁷² foram expedidas, tais como: a permissão de casamentos após exames médicos eugênicos, impedimento de reprodução de inaptos através da castração de delinquentes e esterilização de deficientes hereditários⁷³ e de mulheres judias. Em relação às mulheres judias, estima-se que 200 mil foram esterilizadas das quais 5 mil morreram durante o processo de eliminação de sua condição biológica de reprodutoras de agentes degenerados da raça.

Para legitimar essa política de arianização surgiu a necessidade emergencial de promover a mulher-símbolo da procriação e da criança-símbolo do futuro, garantias de “um povo forte para nação forte”, *slogan* fundamentado nas propostas eugenistas em voga. De acordo com o ideário nacional-socialista as mulheres eram vistas como mães do povo alemão e, por esse motivo, deveriam ser preparadas para a maternidade orientada e supervisionada

⁷² De acordo com a classificação estabelecida pelos médicos e pesquisadores do Terceiro Reich acreditava-se que o material genético dos fortes e superiores era ameaçado pelos mais fracos e inferiores e, por esse motivo, a procriação era impedida quer seja por esterilização ou em casos extremos por eutanásia. A crença nazista era que a medicina não deveria somente zelar pela saúde do indivíduo, mas por toda a comunidade cuja ordem social balizava-se em princípios biológicos. KITCHEN, Martin. *O Terceiro Reich: carisma e comunidade*. São Paulo: Madras, 2009. p. 133.

⁷³ Estima-se que os tribunais determinaram de uma forma mórbida a morte de cerca de 50 mil de deficientes mentais. NEUMANN, Franz. *Behemoth: Pensamiento y accion en el Nacional Socialismo*. Cidade do México: 1943, p. 137-138.

pelo Estado. Conforme um grupo de cientistas à serviço do ideário nacional-socialista, o ato de uma mulher colocar um filho no mundo era a forma dela batalhar pela sobrevivência do seu povo.⁷⁴ Por esse motivo em 1938, o Estado promovia as ações de medidas raciais condecorando mulheres com mais de quatro filhos, dentro dos padrões eugênicos, com honrarias equivalentes àquelas distribuídas em guerra.⁷⁵ Como tal, surgiu o modelo perfeito de família ariana exemplificada pela família do ministro da Propaganda Joseph Goebbels, cuja a esposa, Magda, recebeu a Cruz de Honra da Mãe Alemã.



13. Joseph e Magda Goebbels com seus filhos, família considerada como a perfeita união ariana, modelo a ser seguido pela sociedade alemã. S.l., s.d. Fotografia não identificado. Reproduzido do jornal *BBC News*, Brasil.

O regime veiculava propagandas proibindo o uso de contraceptivos, reforçando o discurso que estimulava as mulheres a engravidar em benefício do interesse público e do fortalecimento da Nação. Através dessa postura, percebemos a importância à formação de futuros soldados a serviço da pátria.⁷⁶ Nessa perspectiva, os judeus, miscigenados, ciganos, deficientes, entre outras minorias, deveriam ser eliminadas por prejudicarem a pureza pretendida para a construção da sociedade alemã. Com o objetivo de oferecer proteção aos cidadãos fortes e os sadios, o Estado alemão tornou obrigatória a esterilização dos doentes

⁷⁴ BOCK, Gisela. *Storia, Storia delle donne, Storia di genere*. Firenze: Estro Strumenti, 1988. p. 180-210.

⁷⁵ MICHAUD, Eric. “Soldados de uma ideia’: os jovens sob o Terceiro Reich”. In.: LEVI, Giovanni; SCMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos Jovens*. V. 2. A época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 291-317.

⁷⁶ Ibid.

condenados pela hereditariedade. De acordo com este imaginário eugênico, mulheres, crianças e deficientes físicos e mentais, transformaram-se nos alvos principais dos aparatos repressivos do Estado. Ressaltamos aqui o papel do médico e do cientista, que enaltecidos por seus saberes sobre raça, deveriam estar a serviço do Estado com o propósito de garantir a construção de uma nação forte e um povo saudável.

Um conjunto de programas foi organizado de forma a garantir a fundação de um *Império de Mil Anos*, constituído por homens e mulheres produtores de uma raça pura e dominante por natureza. Tais ações foram executadas graças à hierarquização burocrática onde os cientistas, médicos e funcionários públicos assumiam funções distintas. Segundo interpretações de Marcos Guterman, em *A Moral Nazista: uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler* (2013)⁷⁷, a conduta daqueles que participavam direta ou indiretamente das ações do partido nazista estava transpassada por uma moral autoritária. Mesmo sendo uma decisão pessoal, a consciência de quem infringiu o mal aos judeus estava impregnada pelas condições sociais do ambiente em que vivia o indivíduo.⁷⁸ De acordo com Bauman (1998), esse sistema de produção burocrático traz em si os elementos necessários à execução de genocídios, mostrando assim uma das faces mais cruéis do nazismo: a violência silenciosa e a desumanização a serviço de um ideário.⁷⁹

A ideologia por trás dessa intervenção biológica representava mais uma forma de atuação do partido nazista em promover a construção social da raça superior, representava acima de tudo uma barreira a qual visava impedir que os indesejáveis conspurcassem o corpo racial do povo alemão. Em meio a repressão aos classificados como não arianos mais uma janela se abriu para Hitler, quando faleceu o presidente Paul von Hindenburg⁸⁰ e o chanceler assumiu o poder ratificado pela nação alemã através de um plebiscito. A República de Weimar (1919-1934) foi assim substituída por um novo regime arbitrário que teve por fundamento resgatar as glórias alemãs e, acima de tudo, visava o nacionalismo exacerbado.

⁷⁷ GUTERMAN, Marcos. *A Moral Nazista – Uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler*. Tese (Doutorado); orientador Anita Novinsky – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de História – Universidade de São Paulo – São Paulo: 2013.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 38-40.

⁷⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 237.

⁸⁰ Paul Ludwig Hans Anton von Beneckendorff und von Hindenburg nasceu em 1847, na cidade de Posen, sob o domínio da Prússia, agora pertencente à Polônia. Faleceu em agosto de 1934, em Neudeck, Alemanha, hoje território polonês. Foi um marechal de campo durante a Primeira Guerra Mundial e segundo presidente da República de Weimar. Seus mandatos presidenciais foram destruídos pela instabilidade política, depressão econômica e a ascensão ao poder de Adolf Hitler, a quem nomeou chanceler em 1933. DORPALEN, Andreas. “Paul von Hindenburg”. *Encyclopedia Britannica*, 29 jul. 2022. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Paul-von-Hindenburg>. Acesso em 06 ago. 2022.



14. Cartaz de propaganda política apresenta Hitler e Hindenburg como “salvadores da nação”. Alemanha, 1933. Fotógrafo não identificado. Reproduzido do jornal *Deutsche Well*, Bonn, Alemanha.

Não bastando tais ações, surgiu um novo conjunto de prescrições discriminatórias, as Leis de Nuremberg. Tal código era formado por leis impositivas e segregacionistas onde se estipulava que caso um indivíduo fosse declarado legalmente judeu todas as medidas jurídico-administrativas pretéritas e futuras poderiam alcançá-lo sem qualquer ressalva. (Ver tabela abaixo)

Tabela 1 – Síntese das Leis de Nuremberg

SÍNTESE DAS LEIS DE NUREMBERG (1935)	
Lei para a Proteção do Sangue e Honra Alemães	Impunha uma nova moral aos alemães; os judeus foram impedidos de terem empregadas de origem alemã; proibiam qualquer alemão de casar-se com um judeu e proscovia as relações sexuais entre judeus e alemães; judeus não podiam fazer a saudação <i>Heil Hitler</i> ao Führer, nem tão pouco hastear a bandeira do Reich ou a nacional, de igual modo usar as cores do regime.
Lei de Cidadania do Reich	Reduziu os judeus alemães à situação de estrangeiros, excluindo-os de seus direitos políticos; privavam os judeus da cidadania, pois os nazistas rejeitavam a visão tradicional dos judeus como membro de uma comunidade religiosa ou cultural e os definiam como párias da sociedade.

Fonte: United States Holocaust Memorial Museum. “As Leis de Nuremberg”. *Enciclopédia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível em <http://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nuremberg-laws>. Acesso em, 14 set. 2018.

Desse modo, a condição dos judeus na Alemanha foi transformada em subcondição na qual a dignidade humana e o respeito ao indivíduo foram suprimidos por medidas cerceadoras e discriminatórias, as quais tiveram um efeito cascata, pois os governos regionais e municipais tiveram de adotá-las. Era tanto uma causa quanto um sintoma do colapso de uma sociedade civil pacífica, já que a violência era a razão de ser do movimento como meio para um fim. Importante lembrar que o terror e a violência nazistas não foram direcionados somente aos judeus, pois também eram empregados contra a esquerda política, a minoria polonesa, algumas organizações católicas, comunistas, social-democratas e sindicalistas, alvos principais das brigadas do partido nacional-socialista.⁸¹

Em termos de ameaças e denúncias aos judeus, a mensagem antisemita foi intransigente e extrema: qualquer um que duvidasse disso precisava apenas recorrer às referências ao judeu [*der Jude / das Judentum*] citadas no *Mein Kampf* ou nos escritos de Joseph Goebbels publicados no jornal *Völkischer Beobachter*, *Der Angriff*⁸², onde ideias de pureza racial e contaminação aparecem como estruturantes das ideias políticas raciais do regime. Sob o viés deste ideário, a imagem da criança judia foi totalmente desvalorizada, justificando a sua exclusão da sociedade alemã, prisão nos guetos e campos de concentração.



15. Meninos lêem *Der Stuermer*, *Die Woche* e outros cartazes de propaganda afixados em uma cerca. Berlim, Alemanha, 1937. Fotografia não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.

⁸¹ BESSEL, Richard. *Political Violence and the Rise of Nazism: The Storm Troopers in Eastern Germany 1925-1934*. New Haven: Yale University Press, 1984, p. 74-80, 98-105.

⁸² Jornal do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães.



16. Crianças com deficiência mental, vítimas do racismo nazista, no Internato de Rosenharz. Alemanha, 1930. Fotógrafo não identificado. Reproduzido do jornal *Deutsche Welle*, Bonn, Alemanha.



17. Deportação de crianças judias do gueto de Lodz durante a ação “Gehsperre” [toque de recolher]. Lodz, Polônia, set. 1942. Fotógrafo não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.

Violência psicológica para o assédio moral com reiteradas agressões, humilhações que atentavam contra a integridade física e psíquica dos judeus era comenmente utilizadas por agentes do governo hitlerista. As crianças judias – assim como as ciganas e afrodescendentes

– eram consideradas para o sistema nazista figurava como elemento poluidor ou contaminador na comunidade alemã.

Os registros fotográficos, muitos dos quais realizados pelos próprios nazistas, devem ser interpretados como imagens/testemunhos da banalização do mal. Através dos olhares das crianças fotografadas percebemos sinais, nem sempre tão (in)visíveis, que demonstram sentimentos de medo, dor e incerteza. Ao expor o uso da Estrela de Davi em crianças, a fotografia se presta como registro do “selo estigmatizante” que alterou o emocional destes pequenos. Como muito bem lembrou Jutta Smirgeld que, com apenas 12 anos, nunca se esqueceu daquele objeto aferrolhado às suas vestimentas: uma estrela que segregava, humilhava, estigmatizava e que, sobretudo, violentava seu direito de ser judia, de ser diferente, sem deixar de ser alemã, húngara, polonesa, etc.



18. Os irmãos Zelig e Israel usando a Estrela de Davi bordada a roupa, após o desembarque no campo de concentração de Auschwitz, onde foram selecionados para o extermínio na câmara de gás. Ao fundo, algumas mulheres que conseguiram sobreviver: Suri Aron, do gueto de Tacovo; Chedvah Zelig, Ester Kanez e Cilly Stahl. Auschwitz, Polônia, s.d. Fotografia de Ernst Hofmann / Bernhard Walter. Álbum de Auschwitz, Acervo *Yad Vashem*, Israel



19. Dois irmãos no gueto de Kovno, Lituânia, um mês antes de serem deportados para o campo de Majdanek, Polônia. Lituânia, fev. 1944. Fotografia não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.

O distintivo amarelo era uma espécie de selo. Um selo que me distinguiu do resto da população. Qualquer um poderia se aproximar de mim, diga-me, faça comigo o que quisesse fazer. Jutta Smirgeld, de 12 anos.⁸³

Cumpra lembrar que, além da obrigatoriedade do uso da Estrela, um conjunto de outras imposições antissemitas alteraram a vida familiar, escolar e social dessa comunidade como um todo. Foi uma sequência de perdas irreparáveis nesta geração que sobreviveu à Shoah: perderam seus professores que, por serem de origem judaica, foram proibidos de ensinar aos alunos alemães; da mesma forma, os jovens estudantes judeus foram proibidos de se formarem em universidades alemãs, interrompendo assim seus estudos.

As crianças judias perderam também o direito de conviverem com seus coleguinhas ao serem proibidas de compartilhar dos espaços públicos liberados apenas aos arianos. Testemunhos desta agressividade à infância são os cartazes fixados nas entradas dos estabelecimentos e parques proibindo a entrada de judeus e animais. Outras tantas milhares de crianças perderam sua liberdade de “estar no seu mundo” ao serem levados para os guetos, prisões e para campos de concentração, nem sempre acompanhados de seus familiares. As

⁸³ UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “Gueto de Lodz”. *Enciclopédia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/give-me-your-children-voices-from-the-lodz-ghetto>. Acesso em 21 jan. 2019.

lembranças de Marguerite Hirschberg, que tivemos o privilégio de registrar em outubro de 2017, podem nos dar uma dimensão destas marcas:

A gente ia ao colégio com a estrela de Davi. Depois de 39 tinha que usar, ou antes, 38, 39. Depois estava... nas lojas estava escrito “cachorro judeu proibido entrar”, só podia entrar, nos, nos, nas lojas que tinha judeus. A maioria não era. Então quase nenhuma loja a gente podia entrar. Carne não podia ter mais. Joias tinha que entregar todas. Se eles entram de noite, às vezes eles vinham, Gestapo, sempre de noite para assustar a gente, para ver se tinha joia ou alguma coisa que o pessoal não entregou. Se não entregou era a morte. Viu. MARGUERITE HIRSCHBERG, 2017.⁸⁴

Através da narrativa de Marguerite, conseguimos acompanhar o processo de desenraizamento pela prática do banimento aos judeus que tiveram suas identidades relacionadas a pátrias, religiosa e ao nome, arrancados pelos nazistas. Era a desumanização vivenciada pelos judeus e que, em alguns casos, envolviam também os arianos.

Pelos estudos de Simone Pétrement⁸⁵ e Bernardo Svartman⁸⁶ sobre Simone Weil, entendemos o desenraizamento dos judeus como as perdas dos vínculos com suas raízes históricas, da sua participação na vida moral, intelectual, espiritual da sua comunidade de origem, isto é, uma das definições mais desconhecidas e difíceis de nominar.

Essa condição de desenraizado perfaz a figura de um “cidadão do mundo”⁸⁷, ou seja, é a tomada de consciência dos judeus quanto à sensação de deslocamento e estranhamento em relação à comunidade da qual faz parte através do processo traumático que foi o Holocausto.

Lembro aqui que, a partir de 1935, os filhos de casamentos mistos foram proibidos pelo Estado alemão de registrarem seus filhos com nomes judeus e vice-versa, além da imposição de terem marcado em seus passaportes e/ou nos documentos dos seus pais e avós nomes “Israel” e “Sara”, respectivamente.

Ao mesmo tempo, era incompreensível para as crianças judias entenderam que, por força do governo alemão, os nomes dos seus pais deveriam ser alterados e, até 1938, deixarem a Alemanha para conseguirem sobreviver correndo o risco de vida. Outra medida de restrição

⁸⁴ HIRSCHBERG, Marguerite. Testemunho concedido por Marguerite Hirschberg à Fernanda Capri, Maria Luiza Tucci Carneiro e Silvia Lerner, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 04 out. 2017. Arqshoah/Leer-USP.

⁸⁵ PÉTREMENT, Simone. *Vida de Simone Weil*. Madri: Editorial Trotta, 1997.

⁸⁶ SVARTMAN, Bernardo. Trabalho e desenraizamento: um estudo sobre o sofrimento psicossocial gerado pela organização do trabalho fabril. In: *Psic. Rev. São Paulo*, volume 20, n.2, pp. 221-244, 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/10342> Acesso em 06 jun 2021.

⁸⁷ Em alusão ao livro de Maria Luiza Tucci Carneiro, *Cidadão do Mundo: O Brasil diante do Holocausto e dos Judeus Refugiados do Nazifascismo (1933-1948)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2010.

imposta pelas autoridades fronteiriças era o carimbo da letra “J” nos passaportes de judeus alemães no controle da saída destes do país, a fim de que fossem prontamente identificados.

Segundo Silvia Lerner,

a minha mãe nasceu [...] Doba Flaumenhaft. Então, o Sara ela recebeu por conta da lei imposta na Alemanha.

[...] Meu pai que nasceu Berthold, Bertold Nossek ganhou o nome de Berthold Israel. SILVIA LERNER, 2017.⁸⁸



20. Passaporte de Hans Bergmann “Israel” emitido pelas autoridades da polícia alemã em 30 de maio de 1939, Berlim. A letra “J” (“Jude” em alemão), aparece estampada em vermelho nos passaportes dos judeus de nacionalidade alemã. À esquerda, o carimbo de entrada no Brasil em 17 de agosto de 1939.

Acervo Arqshoah/Leer-USP, São Paulo, Brasil

Segundo Levy (2014) a expulsão do lar era

imediate e compulsória. O prazo dado às famílias para abandonarem seus lares era de horas ou de minutos. O que pensar nesse momento? O que levar? O que selecionar de toda uma vida construída para convivência familiar

⁸⁸ LERNER, Silvia Rosa Nossek. Testemunho concedido por Silvia Rosa Nossek Lerner à Fernanda Capri, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 15 set. 2017. Arqshoah/Leer-USP.

comum? Não há tempo para reações emocionadas. Quem não cumprisse a ordem era fuzilado.⁸⁹

Betty Herscovici, então com nove anos em 1941, lembra-se dos dilemas vivenciados por sua família obrigada a abandonar a casa em que vivia. Sua narrativa, carregada das tristes lembranças vivenciadas neste momento da sua infância, nos coloca diante dos dramas de uma criança que não sabe o que deve levar na hora da fuga, ou porque estavam sendo “empurrados” por soldados romenos:

Minha mãe Marliah, ingenuamente, tirou os brincos de Rosa e os escondeu entre as flores do jardim. Fechou a casa com cadeado para melhor proteger nossos bens, pensando que um dia voltaria! Dentro da casa deixou também a maioria dos brinquedos, lembranças dos tempos de infância. Ficaram os documentos pela falta de necessidade de carregá-los, já que eram todos, apenas judeus! Minha mãe com certeza jamais imaginou diante de que catástrofe se encontrava. Saímos carregando sacos abarrotados. O dilema era o que levar e quanto peso aguentariam carregar às costas?

Minha família e eu, assim como muitos outros, expulsos de nossas casas, andamos muitos dias empurrados pelos soldados romenos. Quem não aguentasse o ritmo imposto, era morto ou ficava abandonado pelo caminho... A tia Marion era tão frágil, que para caminhar apoiava em meu pai, seu irmão. Ela foi ficando cada vez mais enfraquecida até que acabou sendo deixada no caminho... Imagino a dor do meu pai, sendo obrigado a largar a irmã à espera da morte, diante da imposição dos policiais que gritavam: - Andem! Andem! Ninguém recebia água nem alimentos todo esse tempo! A intenção era que já fôssemos morrendo...⁹⁰

Perseguidos, aviltados, proibidos de exercerem sua religiosidade, ou até mesmos impossibilitados de negar sua identidade, muitos judeus se dispersam pelo mundo em busca de um local seguro no qual pudessem viver. A fuga dos países ocupados pelos nazistas era algo necessário e urgente, porque disso dependia a sobrevivência de um povo. No entanto, os judeus mais idosos e principalmente aqueles que tinham propriedades ou haviam servido no exército alemão durante a Primeira Guerra acreditavam que tudo ia passar, que não seriam molestados, pois se sentiam alemães antes de serem judeus:

[...] o meu tio era milionário na Alemanha, era dono da firma Lesman & Lesman. Era muito importante lá e a maior parte da nossa família estava lá, então meu pai decidiu ir para a Alemanha, para ficar próximo a família e também porque a Alemanha era mais progressista, era desenvolvida, e ele nem ninguém esperava que a Alemanha altamente civilizada ia dar um passo

⁸⁹ LEVY, Sofia Débora. *Holocausto: Vivência e Retransmissão...* op.cit., p. 144.

⁹⁰ HERSCOVICI, Betty; CASTRO, Malu. *Transnístria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Humanitas, 2014, p. 48, 78, 87.

desses? Um retrocesso! Matar os judeus! Chegar a um ponto desses! Estava além da imaginação!

[...]

Esse tio não queria sair, na época ele não veio e minha mãe dizia: “Sai da Alemanha! Vão te matar!”, mas ele achava que era muito rico, tinha muito dinheiro, ele foi herói da Alemanha e dizia assim: “Não! A mim não vai acontecer nada! Eu sou alemão!” Ele não acreditou. Acabou morrendo lá no campo de concentração. ALFREDO PRENTKI, 2011-2012.⁹¹

Por meio de ações como estas, o Estado procurava anular a identidade dos judeus estigmatizando-os com marcas físicas, morais e sociais, recorrendo aqui ao conceito de Erving Goffman. Legitimados pelas leis, os estigmas contribuía para a vulgarização da vida e da cultura judaicas, instigando as hostilidades antissemitas. Certamente, as crianças sentiram (e nunca esqueceram) as consequências da desqualificação dos seus familiares tanto do ponto de vista moral como social, ainda que sem entenderem o viés ideológico da perseguição.

Centenas de crianças testemunharam as ocorrências que marcaram a Noite de Cristais [*Kristallnacht* ou *Reichspogromnacht*] entre 09 e 10 de novembro de 1938, quando as lojas pertencentes aos judeus e sinagogas foram depredadas em retaliação ao assassinato de um diplomata alemão por um judeu, filho de pais poloneses deportados pelo regime nazista. Em meio a essa retaliação, alguns dos nossos entrevistados (crianças naquele momento) recordam-se da prisão de algum dos seus familiares levados para o campo de concentração. O ocorrido mostra que a intensa doutrinação de caráter antissemita idealizada pelo Estado surtiu o efeito desejado, transformando uma “massa moldável desprovida dos encargos morais essenciais a civilização”, como muito bem escreveu Sofia Levy em sua obra *Holocausto: vivência e retransmissão* (2014).⁹²

⁹¹ PRENTKI, Alfredo. Testemunho de Alfredo Prentki para dissertação intitulada como “NILÓPOLIS E AS MEMÓRIAS JUDAICAS” (2012), na qual se realiza uma análise sobre as memórias dos judeus que viveram em Nilópolis, região da Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro. Entrevistadora, câmera e transcrição: Fernanda Capri. Rio de Janeiro, 16 dez 2011 e 24 jan. 2012.

⁹² LEVY, Sofia Débora. *Holocausto: vivência e retransmissão...* op.cit. , p. 33-34.



21. Vitrines das lojas pertencentes aos judeus destruídas na Noite dos Cristais. Alemanha, s.d. Fotografia não identificada. Reproduzido do jornal *Deutsch Welle*, Bonn, Alemanha.



22. Moradores locais assistem o incêndio que destruiu a Sinagoga de Oberramstadt em chamas durante a *Noite dos Cristais*, Oberramstadt, Alemanha, 9 e 10 nov. 1938. Fotografia não identificada. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.

Foi acima de tudo outro, senão, o grande exemplo do uso da mentira para iludir a população sobre a verdadeira intenção em relação à aniquilação dos judeus; os quais apesar de terem sido brutalmente vitimados por toda a destruição provocada pelos nazistas coube-lhes o ônus, já que a ditadura nazista cobrou a eles pelos prejuízos dos quais foram vítimas.

Por esse motivo, em conformidade com um decreto de novembro de 1938 em seu artigo primeiro à comunidade judaica de nacionalidade alemã foi imposta a entrega de uma “contribuição” de um bilhão de marcos, como forma de ressarcimento pelos danos causados.

Nessa perspectiva inferimos que o governo nazista operava frequentemente a inversão de realidade passando a vítima para algoz de si mesmo e de toda a população, que atacava os judeus figurando em mais um evento de manipulação das massas.

Durante a ação das tropas de Hitler na Noite dos Cristais, centenas de judeus sofreram agressões seguidas de prisões. Crianças e idosos foram arrancadas de suas moradias e expostas em locais públicos para que fossem xingadas, sujas de lama e cuspidas pela multidão. Aqueles que se sentissem horrorizados nada podiam fazer por medo de represálias, mantendo-se muitas vezes em silêncio.

A postura da população ao se silenciar pelo sentimento de medo, especialmente, do isolamento social é um termômetro para aferir o sucesso da política hitlerista, pois demonstraram de certo modo indiferença diante de tamanha violência provocada.

Por esse ângulo, indivíduos mesmo sem forte convicção com ideais do partido Nacional Socialista renunciaram sua opinião aderindo ao pensamento coletivo que lhes foi ensinado como um necessário sacrifício à causa que visava o fortalecimento e vitória do Reich. A consequência da renúncia desse pensar livre desdobrou-se no sentimento de ódio que foi dirigido pelo regime totalitarista aos judeus.

Em termos macrossociais, os regimes totalitários ao manipular as opiniões e as pessoas de forma perversa vão impondo à força as suas vontades, reprimindo a liberdade de consciência, coisificando o outro, tornando-os ao mesmo tempo instrumentos de trabalho e matérias primas.

Esse silêncio da população incutido pelos nazistas sobre suas ações praticadas contra os judeus foi uma das muitas formas perversas de abstenção da realidade humana, quer seja pela via da negação, tornando-se uma mentira, quer seja pela indiferença no tratamento do outro, através do silêncio mortal e absoluto que encerra qualquer possibilidade de comunicação ou contato formando uma verdadeira negação da existência do outro, promove uma morte em vida. Tem-se, assim, um comprometimento das verdades existências, cujo indivíduo mente e silencia-se pelo receio de ser socialmente excluído.

Isto dá folego ao partido para instituir coimas contra os judeus mais rígidas a partir de 1940, visto que o processo de interdição aos ambientes judaicos tomou proporções maiores, pois as casas de reza, livrarias judaicas e lojas de artigos religiosos tiveram suas atividades interrompidas.

De nada adiantaram as solicitações das lideranças judaicas, dado que as proibições continuaram privando os judeus dos direitos. Até aquele momento, as organizações de ajuda humanitária e de um público solidário ainda não haviam entrado em ação. Tanto é que somente após a *Noite dos Cristais* o governo britânico suspendeu as restrições de vistos e de passaportes para crianças judias e outros menores sujeitos à perseguição nazista. Somente com esta liberação é que foi possível a operação de resgate que ficou conhecida como *Kindertransport* (transporte de crianças, em alemão), quando cerca de 10 mil crianças foram retiradas da Alemanha e transportadas para a Inglaterra entre dezembro de 1938 e setembro de 1939. Entre estas crianças estavam Inge Marion Rosenthal que depois veio para o Brasil. Segundo Tucci Carneiro, de acordo com alguns dos testemunhos registrados pelo Arqshoah, a maioria dessas crianças não tinha a menor ideia do seu destino ou do fim trágico de seus pais, que foram proibidos de acompanhá-los.⁹³

Aqueles que praticavam a perversidade contra as crianças o faziam porque o regime nazista possuía uma escala na qual cada integrante possuía um superior a quem prestar obediência, porém com objetivo comum a todos: cumprir ordens transmitidas como determinado, sob pena de exclusão ou até morte para quem não as executasse.⁹⁴

De acordo com Sofia Levy (2018)⁹⁵, esta hierarquização permitiu a organização que cada integrante fosse apenas uma parte de um todo na burocrática sociedade nazista e sua indústria da morte, na qual os milhares de algozes não se sentiam responsáveis pelas atrocidades cometidas devido ao distanciamento instituído pela especialização do trabalho e pela burocracia, desenvolvendo uma violência silenciosa.

Com isto, observamos que a organização totalitária nazista aplicou ao sistema parâmetros da organização industrial onde o executor não tem acesso ao produto final, ficando responsável somente por fragmentos e, sobretudo, focando em um trabalho eficiente sem se importar com as consequências morais e sociais de suas ações.

E ainda, acrescentamos a partir das interpretações de Marcos Guterman, em *A Moral Nazista: uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler*

⁹³ LEVY, Sofia Débora. *Holocausto: vivência e retransmissão...* op.cit. , p. 33-34.

⁹⁴ LEVY, Sofia Débora. *Por dentro do trauma: a perversidade no Holocausto e na contemporaneidade...* op.cit., p. 166-167.

⁹⁵ *Ibid.*, 2018.

(2013)⁹⁶, a despeito da conduta daqueles que participavam direta ou indiretamente das ações do partido nazista estava traspassada por uma moral autoritária.

Outro fator que permitiu a indiferença do indivíduo frente ao que estava acontecendo aos grupos étnicos perseguidos reside no fato do desinvestimento político da condição humana, o que levou ao telespectador assistir a tudo de modo distanciado.

Portanto, o sentimento de culpa no caso daqueles que seguiam o nazismo foi desfeito e a obrigação com a dignidade humana de um determinado grupo social tornou-se desnecessária, reservando ao Führer a decisão em classificar o certo e o errado, ou seja, vinculou-se a consciência pessoal à vontade de Hitler.⁹⁷

A desumanização foi um aspecto burocrático do nazifascismo cujas consequências aterradoras avocaram-se no senso comum, o qual despertou total indiferença para com os seres humanos submetidos a um tratamento degradante e que assentiram a coexistência de modos civilizados com assassinatos em massa, característico da normose. (WELL; LELOUP; CREMA, 2003)

Nesse contexto de consciência pessoal, moral, desinvestimento do cidadão e política de erradicação dos judeus da nação alemã, foi aprovada na conferência em Wannsee, onde estava presente o alto oficialato do Terceiro Reich, como seria o projeto de extermínio das raças impuras. Durante a conferência, o Führer não estava presente, mas ratificou posteriormente todas as propostas estabelecidas.

Assim ficou definido que os indivíduos cujo perfil não se encaixasse no ideário de raça pura seriam confinados em campos de concentração, submetidos a trabalhos extremamente forçados, sem acesso à comida ou higiene, ou então, eram relegados a um destino ainda mais cruel, a morte em câmaras de gás, tanques de gasolina ou corredores de fuzilamento, entre outros sistemas de extermínio.

⁹⁶ GUTERMAN, Marcos. *A Moral Nazista* – Uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler. Tese (Doutorado); orientador Anita Novinsky – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de História – Universidade de São Paulo – São Paulo: 2013.

⁹⁷ Ibid., 41-42.



23. Panorama da plataforma de chegada em Birkenau, parte do complexo de Auschwitz. Ao fundo, é possível ver os crematórios II e III com suas chaminés. Polônia, maio 1944. Fotografia de Ernst Hofmann / Bernhard Walter. Álbum de Auschwitz, Acervo *Yad Vashem*, Israel

Nesta mesma reunião foi estabelecida também a criação de campos de pesquisa para onde esses indivíduos, em especial crianças gêmeas, seriam levados a fim de servirem de cobaia em experimentos insanos de médicos e cientistas nazistas, que incluíam até mutilação a sangue frio.



24. Joseph Menguele medindo o crânio de uma criança, no campo concentracionário de Auschwitz. Polônia, s.d. Fotografia não identificada. Reproduzido do site *Imagem e Guerra*, São Paulo, Brasil.

De acordo com Levy (2018), para driblar a abominação da violência que seria perpetrada, os nazistas optaram por retirar das vistas das pessoas, redistribuindo-as em campos de ação aonde a violência foi aplicada com base em critérios instrumentais e racionais, desagregados da avaliação moral dos fins.

Esses campos concentracionários foram locais de exceção em que a realidade se tornou inominável e as formas factuais de representação são indescritíveis e indiscerníveis e servem a um único propósito: causar mal ao outro.



25. Crianças desnutridas nos campos concentracionários, s.l., s.d. Fotografia não identificado. Disponível em *Isto é Curioso* [site], São Paulo, Brasil.

Com estes novos parâmetros, o Estado alemão expôs suas intenções e o ambicioso plano de elevar a Alemanha à condição de potência mundial que exigia, simultaneamente, a eliminação do povo judeu e a conquista de outros territórios.

Dessa maneira, em finais dos anos trinta, as tropas nazistas partiram em combate tendo como meta a conquista do Leste Europeu causando pânico e terror aos judeus. Aqueles que conseguiam fugir das perseguições o faziam, todavia nem todos possuíam a mesma sorte e acabavam sendo humilhados, torturados ou mortos em campos de concentração ou por fuzilamentos.

Quando chegavam aos territórios invadidos as tropas nazistas cometiam assassinatos, deportavam os judeus em vagões abarrotados nos “trens da morte” para campos concentracionários, obrigavam aqueles que sobreviviam a cavar valas para enterrar os mortos, expulsavam do lar permitindo que levassem apenas o que conseguissem carregar, exceto joias, dinheiro e outros objetos de valor, aqueles que fossem pegos carregando tais objetos seriam arrancados de quem os levassem e a pessoa que estivesse levando era morto. Durante a expulsão muitos judeus deixaram suas vidas para trás.

1.2. A vulnerabilidade da criança diante do terror nazista

A partir dos escritos de Sofia Débora Levy (2014) podemos reconhecer que o genocídio ontológico perpetrado aos judeus pelos nazistas tem como uma das suas origens a visão parcializada acerca das relações humanas que determinou um alijamento social idealizado e posto em prática pelo Estado alemão.⁹⁸ Segundo a autora, a condição de ser judeu – independentemente de qualquer outra circunstância ou contribuição que este grupo pudesse ter proporcionado a sociedade alemã – não significava nada do ponto de vista do ideário norteador do NSPAD, ou seja: a própria premissa de ser judeu implicava em um não-ser. Através dessa crença subsidiada por aportes pseudocientíficos e um conjunto de mitos políticos, negava-se aos judeus a condição humana, tornando-os pessoas supérfluas sem lugar na sociedade, como muito bem enfatizou Hannah Arendt em sua obra sobre este tema.⁹⁹

A condição humana compreende mais que as condições sob as quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados, porque tudo aquilo com que eles entram em contato toma-se imediatamente uma condição de sua existência.

[...]os homens constantemente criam suas próprias condições, produzidas por eles mesmos, que, a despeito de sua origem humana e de sua variabilidade, possuem o mesmo poder condicionante das coisas naturais. O que quer que toque a vida humana ou mantenha uma duradoura relação com ela assume imediatamente o caráter de condição da existência humana. Por isso os homens, independentemente do que façam, são sempre seres condicionados. Tudo o que adentra o mundo humano por si próprio, ou para ele é trazido pelo esforço humano, torna-se parte da condição humana. O impacto da realidade do mundo sobre a existência humana é sentido e recebido como força condicionante. A objetividade do mundo - seu caráter-de-objeto [object-character] ou seu caráter-de-coisa [thing-character] - e a condição humana complementam-se uma à outra; por ser uma existência condicionada, a existência humana seria impossível sem coisas, e estas seriam um amontoado de artigos desconectados, um não-mundo, se não fossem os condicionantes da existência humana.

Para evitar mal-entendidos: a condição humana não é o mesmo que a natureza humana e a soma total das atividades e capacidades humanas que correspondem à condição humana não constitui algo equivalente à natureza humana.¹⁰⁰

Sofia Levy afirma que diante da impossibilidade de reconhecimento de si e do outro, algumas pessoas durante os anos de 1933-1945 colocaram-se a serviço do nazismo causando o genocídio ontológico e material dos judeus, bem como, de muitas outras vítimas de diferentes origens, culturas, nacionalidades e faixa etária.¹⁰¹

⁹⁸ LEVY, Sofia Débora. *Holocausto: vivência e retransmissão...* op.cit., p. 21.

⁹⁹ *Ibid.*, p. 21-22.

¹⁰⁰ ARENDT, H.; *A condição humana*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2014, p. 10-11.

¹⁰¹ LEVY, Sofia Débora. *Holocausto: vivência e retransmissão...* op.cit., p.22.

Ao adentrar nos estudos sobre “a memória do infausto evento decorrente da paranoia hitlerista”¹⁰² apuramos que, na medida em que as restrições avançavam provocando o caos, as crianças judias e ciganas, tornavam-se cada vez mais vulneráveis à violência nazista.

Logo, refletindo sobre as condições vivenciadas pelas crianças durante a Era Nazista (1933-9145), podemos afirmar que muitas vezes durante a guerra tiveram sua condição de infância¹⁰³ invisível aos olhos da sociedade mundial.

Consideramos que ocorreu uma ressignificação no processo de construção identitária dessas crianças gerado pelo contexto em que viveram. Suas experiências interferiam nos seus sonhos e moldaram suas ideias (re)construídos em decorrência da perseguição antissemita e da situação de guerra. Excluídas em guetos e/ou campos de concentração, estas crianças foram oprimidas, sofrendo abusos sexuais, padecendo em defluência da fome, doenças e por maus tratos. Sua estrutura familiar desmoronou e, muitas vezes, a ausência dos pais foi frequente. Arrancadas das suas casas, foram transformadas em prisioneiras do sistema, testemunhas da hostilidade contra seus familiares e amigos.

Além de expostas à brutalidade e violência antissemitas, estavam vulneráveis ao serem capturadas. Dependendo da idade, mal conseguiam compreender que haviam sido classificadas como “raça degenerada” e, como tal, deveriam ser exterminadas. Os pequeninos sequer tinham suas capacidades e faculdades mentais completamente desenvolvidas, sem qualquer discernimento para perceberem a gravidade dos fatos.

¹⁰² KOVOSVSKI, Ester. Prefácio, In: LEVY, Sofia Débora. *Holocausto: Vivência e Retransmissão...* op.cit., p. XII.

¹⁰³ É importante salientar que consideramos como “condição de infância” nesta tese a concepção Histórico-Cultural que pressupõe os diferentes meios disponibilizados pela sociedade como instrumentos os quais possibilitam a criança sua construção social e cultural, cujos referenciais empíricos estão presentes em todas as sociedades humanas. SARMENTO, M. J.; PINTO, M. *As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo*. Braga: Centro de Estudos da Criança, 1997; MONTANDON, C. *Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. Cadernos de Pesquisa*, n. 112., Março, 2001. Tradução: Neide Luzia de Rezende.



26. Crianças reunidas para a deportação no Gueto de Lodz, durante a Operação Reinhard. Polônia, s.d. Fotógrafo não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.

Essa violência física e psicológica esteve presente em todas as esferas de relacionamento dos nazistas com a comunidade judaica, tanto alemã como dos países ocupados. Devemos considerar também que, ao reduzirem a capacidade de reflexão crítica de parte da população alemã através dos aparatos de propaganda do regime, os nacional-socialistas também abalavam as possíveis referências culturais das crianças judias. Enfim, o Estado subvertia uma ordem de saberes e de valores, utilizando-se de práticas violentas que reduziam as vítimas em corpos descartáveis, marcados pelo distintivo da morte.

Nessa direção, a prática de governar era recoberta pela “capacidade de administração dos corpos e pela gestão calculista da vida”.¹⁰⁴ Era uma vida nua, desprovida de qualquer

¹⁰⁴ FOUCAULT, M. *Nascimento da Biopolítica*. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 150.

valor e despojada de todos seus usos, assinalada pelo ponto “em que a biopolítica converte-se necessariamente em tanatopolítica”.¹⁰⁵

E para os princípios da ideologia ariana, as crianças judias assim como suas mães deveriam ser aniquiladas com o propósito de não contaminar a raça alemã. O processo de regeneração, renovação e o renascimento do povo alemão não incluía o povo judeu considerando-se a projeção de um “Império de Mil Anos”, comandado pela raça ariana, branca, germânica.

O nazismo (re)apresentou ao mundo a noção de judeu perigoso e degenerado recuperando mitos antisemitas existentes desde a antiguidade é mais antigo do que imaginamos “tem suas raízes na própria tradição judaica, no chamado Dia da Expição [...]”¹⁰⁶ e “persistem sob o viés da modernidade e da memória coletiva”.¹⁰⁷ Estes conceitos foram endossados pela Itália fascista que, a partir de 1938, publicou um conjunto de leis raciais.

A política de assassinatos empreendida pelos nazistas e seus colaboracionistas – pautada na imagem ideal do cidadão ariano, sem resquício de sangue judeu – culminou com a morte de cerca de 1,5 milhão de crianças, sendo:

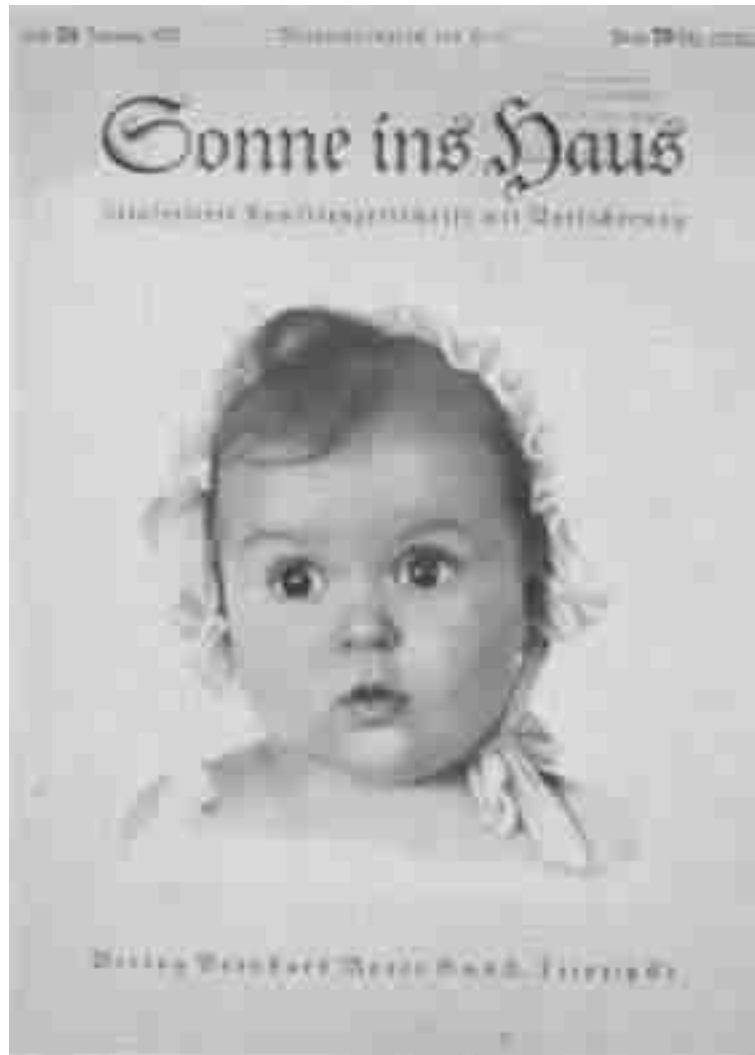
um milhão delas judias, e dezenas de milhares de ciganos *Romas*, além de crianças alemãs com deficiências físicas ou mentais que viviam em instituições, crianças polonesas, e crianças que moravam na parte ocupada da União Soviética. As chances de sobrevivência imediata dos adolescentes, judeus e de não-judeus, entre 13 e 18 anos eram maiores, já que podiam ser enviados para o trabalho escravo.¹⁰⁸

¹⁰⁵ AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 138.

¹⁰⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Dez Mitos Sobre os Judeus...* op.cit., p. 24.

¹⁰⁷ Ibid., p. 20.

¹⁰⁸ UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “Crianças durante o Holocausto”. *Enciclopédia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005142>. Acesso em 12 jul. 2018.



27. Hessy Taft, bebê ariano, símbolo da perfeição, em retrato escolhido por Joseph Goebbels, durante concurso para propaganda nazista. Imagem publicada na capa da revista *Sonne ins Haus* anos depois, descobriu-se que a criança era judia. Berlim, Alemanha, 1935. Fôtografo Hans Ballim. Reproduzida da *Revista Exame*. São Paulo, Brasil, 2 jul. 2014.

Enfatizamos aqui, mais uma vez, o papel dos médicos e cientistas que, cooptados pelo nacional-socialismo, contribuíram com pesquisas, experimentos e pareceres médicos para sentenciar milhares de crianças à morte. A eutanásia infantil foi aplicada entre os anos de 1940 a 1945, em infantes que não se enquadravam aos padrões de pureza racial e dignidade hereditária elaborado pelos nazistas.

Acredita-se, inclusive, que o renomeado médico pediatra Hans Asperger – referência em estudos sobre o espectro do autismo e de uma variante desse transtorno que leva seu nome, a *Síndrome de Asperger* – também tenha contribuído com o massacre daquelas que sofriam de deficiências e transtornos neurológicos. Como exemplo, dessa crença temos a Clínica Am

Spiegelgrund¹⁰⁹, fundada em 1940 e chefiada por Erwin Jekelius, ex-colega de Asperger na universidade, assassinou cerca de 800 crianças; muitos deles exterminados por envenenamento e outros métodos.

O pesquisador Herwing Czech, no artigo *Hans Asperger, National Socialism, and “race hygiene” in Nazi-era Vienna* (2018)¹¹⁰, apresenta o caso de Herta Schreiber uma das crianças condenadas por Jekelius e Asperger. A menina chegou a clínica em 27 de junho de 1941, dois meses antes de seu terceiro aniversário, depois de mostrar sinais de desenvolvimento mental e físico perturbado desde que adoeceu com encefalite alguns meses antes.



28. Herta Schreiber na clínica de “eutanásia” de Spiegelgrund, onde morreu três meses após a admissão. Viena, Áustria, 27 jun. 1941. Fotografia não identificada. Revista *Molecular Autism*, EUA.

¹⁰⁹ Também conhecida como Aktion T4 era uma clínica para crianças em Viena durante a Segunda Guerra Mundial, onde 789 pacientes foram mortos sob o Programa de Eutanásia Infantil do Regime Nazista. OLIVEIRA, Gomes de. “Hans Asperger: O cientista que cooperou com Nazistas no assassinato sistemático de várias crianças”. *Saber atualizado*, s.l., abr. 2018. Seção Ciência, Cultra, Saúde. Disponível em <https://www.saberatualizado.com.br/2018/04/pioneiro-nas-pesquisas-do-autismo.html>. Acesso em 21 jan. 2019.

¹¹⁰ CZECH, Herwing. Hans Asperger, National Socialism, and “race hygiene” in Nazi-era Vienna. *Molecular Autism* 9, 29 (2018). Disponível em <https://doi.org/10.1186/s13229-018-0208-6>. Acesso em 21 jan. 2019.

Asperger examinou-a em sua clínica, parte do seu relatório sobre Herta diz que a menina sofre de

Transtorno de personalidade grave (pós-encefálico?): retardo motor mais grave; idiotice erética; convulsões. Em casa a criança deve ser um fardo insuportável para a mãe, que tem que cuidar de cinco crianças saudáveis. A colocação permanente na Spiegelgrund parece absolutamente necessária.¹¹¹



29. Relatório médico de Herta Schreiber, no qual o pediatra Hans Asperger recomenda a transferência de para a Clínica Am Spiegelgrund. Viena, Áustria, 27 jun. 1941. Revista *Molecular Autism*, EUA.

Internada em Spiegelgrund em 1º de julho de 1941, um mês após sua admissão Jekelius a denunciou ao Comitê do Reich para o Registro Científico de Doenças Hereditárias e Congênitas Graves, a organização secreta por trás da “eutanásia” infantil.

No formulário que enviou a Berlim, Jekelius destacou que Herta não tinha chance de recuperação, mas que sua condição não reduziria sua expectativa de vida – uma combinação inaceitável aos olhos dos “especialistas” em eutanásia. Em 2 de setembro, um dia após seu terceiro aniversário, Herta morreu de pneumonia, a causa mais comum de morte em

¹¹¹ Ibid.

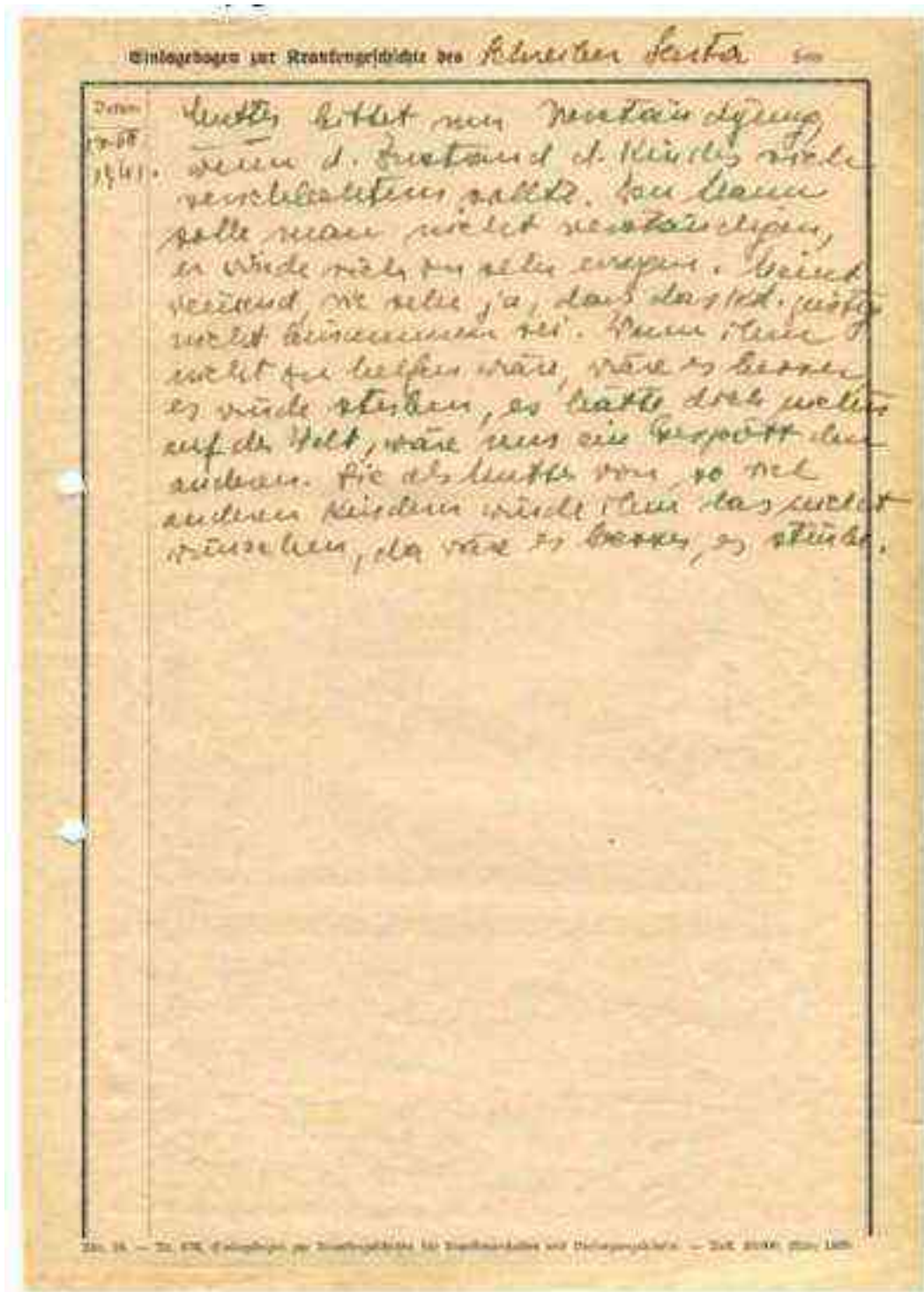
Spiegelgrund, que era rotineiramente induzida pela administração de barbitúricos por um longo período de tempo.

The image shows two pages of a German medical report form titled "Meldung". The form is filled with handwritten text and includes a table with columns for "Name des Kindes", "Geburtsdatum", "Geburtsort", and "Mutter". The text describes a case of a child with a condition, likely related to the text above, and includes a signature at the bottom right.

30. Denúncia de Herta ao Comitê do Reich para o Registro Científico de Doenças Hereditárias e Congênitas Graves, realizada pelo médico Erwin Jekelius. Viena Áustria, 8 ago. 1941.
Revista *Molecular Autism*, EUA.

Ao pesquisar nos registros que compõe o prontuário da menina, Czerch (2018) descobre que a mãe pede para ser avisada se a condição da criança piorar. Porém, o marido não deve ser informado, porque ficaria chateado. Afirma que pode ver por si mesma que Herta não está mentalmente bem e se não puderam ajudá-la, “seria melhor que morresse. Pois, não teria nada neste mundo, só seria ridicularizada pelos outros.”¹¹²

¹¹² CZECH, op. cit.



31. Nota do prontuário de Herta, do arquivo Spiegelgrund, no qual sugere que sua mãe estava ciente de que sua filha seria morta na clínica. Viena, Áustria, 1941. Revista *Molecular Autism*, EUA.

No contexto da Viena governada pelos nazistas, formado por uma sociedade permeada pelo desprezo pela “vida indigna” e falta de apoio institucional. O estigma social da deficiência mental e medo do ridículo foi agudo para mãe de Herta que com um marido em

guerra e seis filhos para cuidar – sendo deles com uma deficiência mental grave – sentiu-se sufocada pela situação e preferiu ter essa responsabilidade retirada seus ombros, mesmo que isso significasse entregar conscientemente sua filha à morte.

Outro ponto que vale destacar são os diagnósticos em que Asperger recomendava a “colocação permanente” em Spiegelgrund, como o caso da menina Herta, tratavam-se de um eufemismo para a prática da eutanásia na clínica.

Mesmo não existindo a confissão de Asperger sobre ter ciência do que acontecia a essas crianças ao serem transferidas para Spiegelgrund. Temos a declaração de Jekelius, como diretor da clínica, que põe Asperger como sabedor dos fatos e mais, implica que o médico utilizava Spiegelgrund, para explorar as oportunidades de pesquisa criadas pelos assassinatos.

Ressalto que minha clínica [Spiegelgrund] sempre esteve superlotada, pois outras clínicas [...], incluindo a Clínica Pediátrica Universitária, transferiram – ou quiseram transferir – esses casos sem esperança, evidentemente porque acreditavam que em minha clínica a eutanásia era possível por conta da referida circular, enquanto não lhes era permitido praticar a eutanásia. Estou absolutamente convencido de que os diretores das referidas instituições estavam cientes da eutanásia e das referidas circulares.¹¹³

Outro motivo para a matança de crianças, para além das ações preventivas de luta racial, era o fato de essas mortes servirem como retaliações aos ataques dos *partisans*.¹¹⁴

Importante frisar que durante o governo hitlerista, tanto a mulher como as crianças e os jovens “autenticamente” arianos tiveram reconhecida sua especificidade, ou seja: iriam garantir a continuidade de gerações e, ao mesmo tempo, a “imortalidade da nação”, como enfatizou Joseph Goebbels em 1933.¹¹⁵

Ao mesmo tempo, as crianças judias eram submetidas a condições desumanas servindo de cobaias aos cientistas patrocinados pelo Estado nacional-socialista. Se fugitivas ou abandonadas, dificilmente conseguiam um esconderijo para garantir sua sobrevivência. Se capturadas pelas tropas nazistas eram assassinadas nas ruas ou enviadas em vagões de trem para os campos de trabalho ou de extermínio. Em sua inocência pueril, a maioria não tinha noção real do que os aguardavam em seu destino final. Marguerite Hirschberg, por exemplo, então com apenas 9 anos, recordou-se que se sentiu feliz ao ser colocada em companhia de sua mãe dentro do trem com o destino ao campo de concentração de Terezin [Theresientadt]

¹¹³ CZECH, op. cit.

¹¹⁴ Ibid.

¹¹⁵ Discurso “*Deutsches Frauentum*,” *Signale der neuen Zeit*. 25 ausgewählte Reden von Dr. Joseph Goebbels (Munich: Zentralverlag der NSDAP, 1934), pp. 118-126. Tradução do German Propaganda Archive, da Calvin College, disponível em: <<http://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/goeb55.htm>>.

na Tchecoslováquia, a impressão que ficou é que estava realizando sua primeira longa viagem.

[...]Jeu estava com ela e nós fomos num caminhão até o trem. Até a estação do trem. E aí fomos de trem como todo o mundo.

Eu disse: “afinal vou fazer uma longa viagem!”, sorrindo e abrindo os braços.

Eu perguntei à minha mãe: “para onde que vamos?”

Ela disse: “Theresientadt é lá na Tchecoslováquia.” Minha mãe sabia o que estava acontecendo.

E eu só dizia: “Ah que bom, afinal vou viajar ... (sorrindo e abrindo os braços), afinal vamos ter uma longa viagem!”

A viagem levou um dia e uma noite.

Na chegada, descemos do trem e andamos um bocado até Theresientadt. E dos dois lados tinham os nazistas, tomando conta da gente, com cachorro policial. Lá fomos nós! Andando... andando... andando... até que chegamos no campo.

Me lembro que fiquei deitando no chão e não queria comer. Não queria comer! Achei a comida horrível! Aí...sopa com casca de batata!

Aí eu disse para minha mãe: “não aguento comer!”

Minha mãe disse: “você tem que comer senão você morre”.

Aí comecei a comer aquela comida horrorosa! MARGUERITE HIRSCHBERG, 2017.¹¹⁶

Sendo apenas uma criança, Marguerite não tinha plena capacidade de compreensão do que estava acontecendo, pois diante do seu entendimento da realidade permeado pela esperança e alegria em fazer uma viagem junto com sua mãe. Importante lembrar que existia uma ilusão alimentada por sua progenitora que tentava protegê-la, omitindo a condição de exclusão imposta a todos os judeus “desclassificados” como seres humanos. Esta ilusão completou-se com a própria realidade do campo de Theresientadt, idealizado como um assentamento modelo para os judeus, ou seja: “cidade-modelo construída por Hitler para os judeus”. À Marguerite restava apenas sobreviver, da mesma forma como sobreviveram Louis Frankenberg e Thomas Venetier que também estiveram neste mesmo campo.

Além da ilusão alimentada pela ideia de uma vida feliz em Terezin, outra estratégia acionada pelos perpetradores para quebrar a capacidade do indivíduo e gerar um choque, que levava ao embotamento psicológico das vítimas frente a situação limite experimentada, era a de eliminar quaisquer referências espaciais, sociais, familiares e de legitimidade social. Assim, a partir da anulação desses laços que são basilares na formação do indivíduo, os nazistas reforçavam a concepção de que aquelas pessoas eram sub-humanos. Assim, ao chegarem nestes locais as crianças, bem como os adultos, eram separados de seus familiares e

¹¹⁶ HIRSCHBERG, Marguerite. op. cit.

isolados por um oficial do regime com poder de vida ou morte. Poderiam ser condenadas à morte, utilizadas como mão de obra escrava ou usadas como cobaias nas experiências médicas, entre tantas outras antelações.

Silvia : Vocês dormiam juntas no mesmo ?

Marguerite: Quem ?

Silvia : Você e sua mãe, dormiam no mesmo espaço?

Marguerite: Não. Minha mãe não morava junto. A gente tinha aquelas ...

Silvia: Beliche. MARGUERITE HIRSCHBERG, 2017.¹¹⁷



32. Familiares conversam com uma criança prisioneira através da cerca da prisão central do Gueto de Lodz, Polônia. Polônia, setembro de 1942. Fotografia não identificado.

Acervo United States Memorial Museum, EUA

Essas práticas, além de promover a ruptura microssocial do indivíduo, tinham como premissa desprezar a prática social reflexiva do conceito de existência e identidade dos judeus. Vidas judias, de meninos e meninas, tornaram-se incertas, desestabilizadas pela inconstância do dia a dia, os esgarçamentos das relações afetivas e a dificuldade de projeção futura.

¹¹⁷ HIRSCHBERG, Marguerite. op.cit.



33. Criança desnutrida, abandonada nas ruas do Gueto de Varsóvia, Polônia, c. 1940-1943. Fotografia não identificado. Acervo *United States Memorial Museum*, EUA.

Os guetos – construídos nas áreas mais pobres das cidades com o objetivo de isolar os judeus da sociedade “ariana” – serviam como espaços provisórios, uma espécie de prisão urbana. Estes espaços faziam parte do programa de alijamento social e progressivo para o extermínio dos judeus. Milhares de crianças passaram a viver nos guetos em condições sub-humanas, sem higiene, alimentação e abrigos que pudessem protegê-los. Para muitas autoridades alemãs a maioria das crianças dos guetos eram consideradas improdutivas e, portanto, “consumidores inúteis de comida”. Ali deveriam ser esquecidas para que morressem.



34. Homem segura o corpo de uma criança desnutrida do Gueto de Varsóvia, Polônia, 1942.
Fotógrafo Emil Apfelbaum. Acervo *Eric Chaim Kline*, EUA.

Expressivas destas infâncias interrompidas são as fotografias do gueto de Lodz, na Polônia (*Getto Litzmannstadt*), produzidas pelos fotógrafos judeus Mendel Grosman e Henryk Ross. Reunidas em 21 álbuns com cerca de 12 mil imagens, estes registros são hoje um dos mais completos registros de um gueto judeu. Essas fotografias, localizadas muitos anos depois no Museu público da cidade, mostram crianças confeccionando brinquedos de lata e mulheres nas máquinas de costura obrigados a atender os pedidos de empresas privadas que mantinham contratos com os nazistas.



35. Crianças despendem-se de seus familiares na rua Czarnecki, ponto de encontro antes da deportação. Gueto de Lodz, Polônia, c. 1940-1942. Fotografia de Henryk Ross. Acervo *Museu de Belas Artes*, Boston, EUA.

Mesmo assim, elas tentavam viver sozinhas, sem a companhia de seus pais, sendo o trabalho informal uma forma de sobrevivência. Talvez, por estarem sem sua rede familiar e expostas a situações de ameaça a sua vida, algumas dessas crianças tenham desenvolvido o último grau da síndrome da opressão, ou seja: deixavam de lutar por sua sobrevivência e acabavam se deixando levar para a morte.



36. Criança símbolo do abandono no Gueto de Varsóvia Polônia, maio 1941. Fotógrafo não identificado. Acervo *Deustches Bundesarchiv* [German Federal Archive], Alemanha.

A conjuntura na qual se encontravam as crianças judias na Alemanha e países ocupados, além de ser uma ameaça à integridade física e psicológica, deve ser interpretada como uma violação de direitos humanos tanto individuais como coletivos. A violência e o antisemitismo institucionalizados corrompiam o futuro de uma sociedade justa e solidária. Assim, durante o período em que os nazistas permaneceram no poder, ser criança implicava em viver entre-mundos, classificada como um ser forte ou fraco, desejável ou indesejável, pura ou degenerada por sua raça ou moral. Ser judia nada mais que um item insignificante nas tabelas de catalogação do ser humano criadas pelo Estado alemão pautado por estereótipos eugenistas e posturas xenófobas.

1.3. Infâncias interrompidas

Com o sentimento de indiferença reinante em relação às crianças de ascendência judaica, o Estado nacional-socialismo alemão deve ser considerado como uma fonte propagadora de medo, ansiedade e incertezas. Marcadas com uma estrela amarela costurada

na roupa, essas crianças corriam o risco de perder a vida por morte biológica (por frio, fome, doenças, inanição) ou ter a sua morte programada em câmaras de gás ou corredores de fuzilamento, entre outros aparatos de extermínio. Ao mesmo tempo, estava em curso a morte moral, desumana e cruel que fragilizava, diariamente, algo de valor íntimo e absoluto: a dignidade e a crença em Deus.

De acordo com os testemunhos de sobreviventes e refugiados radicados no Brasil, confirmamos que ser uma criança judia durante o regime nazista traduzia-se em sofrer ações discriminatórias e segregadoras. Cruzando este relatos com registros realizados em outros países, chegamos a uma lista de ocorrências comuns a todos os judeus perseguidos como “degenerados” ou inimigos do povo alemão: humilhações constantes, separação da família, submissão aos testes “científicos” em nome da ciência do Reich, perda dos direitos de estudar e brincar, prestação de trabalhos forçados até a morte nos campos de extermínio. A maioria destas situações implicava em viver em condições subumanas nos guetos e outros tantos ambientes concentracionários.

Se algumas centenas de crianças e jovens conseguiram viver escondidos na floresta ou no campo, foi graças à ajuda dos *partisans*, de camponeses e clérigos, muitos dos quais anônimos na história da Shoah. Orfanatos, igrejas, sótãos, porões e estábulos para animais serviram de esconderijos improvisados, cujas estratégias jamais foram esquecidas. Daí a importância do ato de narrar que é também um ato de transformar a experiência em linguagem e documento. Pois, para que isso aconteça, o indivíduo que narra tem que organizar sistematicamente algo que, talvez, ficou esquecido no seu inconsciente ou que ele não quer recordar.

De acordo com Sacks (s.d.), as experiências de crianças judias menores de 13 anos que viveram o Holocausto foram marcadas por humilhações, discriminação racial e abuso por parte de autoridades ou cidadãos comuns instigados pela política antissemita de Estado. Estigmatizados como párias, foram expulsos da vida pública, tendo assim suas infâncias interrompidas. Deixavam de ser criança para se tornar adulto, sem saber como enfrentar a morte.

O regime tratou de dissociar abruptamente a identidade desses pequeninos, investindo em ações que aceleravam o processo de despersonalização e fragilização emocional, física e moral. Sem direito a um nome, sem alteridade e intersubjetividade, ficavam sem condições para compreender sua realidade, muitas vezes rodeada de anônimos. Apesar de terem seus sonhos interrompidos pelas ações excludentes e preconceituosas impostas pelo Estado nacional-socialista e endossadas por alguns segmentos da sociedade alemã, essas crianças

conseguiram estabelecer relações estratégicas de ressalva e proteção que permitiram a sobrevivência psíquica e social. Assim, constatamos pelas lembranças de alguns dos nossos entrevistados dentre os quais citamos Madeleine Mansur, Jorge Weiser e Izrael Fajfer.

Madeleine Mansur: [...] eu nasci em 40, fui presa três vezes pela Gestapo.

Silvia Lerner : Mas era uma criança!

Madeline Mansur : É dois anos...primeiro eu fui com dois anos. Me prenderam quando fui num hospital. [...] não sei como, escapei. [...]

Para me salvar me botaram em outra família [...]

E essa senhora que tomou conta de mim, chegou lá e disse, ela é minha filha, minha filha. [...] eu logo falei: mamãe! Mamãe! Aí me tirou.

[...] A gente era entregue a qualquer mulher; qualquer mulher que quisesse ficar com você, você chamava de mãe. Era inculido isso. Por isso ficávamos em vários lugares. MADELEINE MANSUR, 2016.¹¹⁸

Jorge Weiser: [...] na fuga [...] o exército russo se aproximou de Budapeste e houve uma ofensiva contra os nazistas e estavam retirando todos. A família me abrigou estava com receio porque começaram a surgir muitas perguntas sobre mim. Então tive que fugir e foi me abrigar no prédio onde morei. Fiquei lá por quatro dias, sozinho, sem água e alimento. O prédio ficou com as paredes todas marcadas pelos tiros disparados na luta. JORGE WEISER, 2017.¹¹⁹

Izrael Fajfer: [...] A noite me levaram para outro lugar chamado Blizyn, um campo dirigido pelos SS. Nos meus papéis constava que eu era sapateiro e apesar de lá ter uma indústria de sapato.

[...] comecei a chorar, eu não sei nem segurar um martelo. Aí outros falaram que eles vão interpretar que é sabotagem e vão te matar.

Perto lá tinha um prisioneiro que era chefe de um sítio que os alemães tinham e ele precisava um pastor porque o pastor antigo, eles mataram. Porque pegaram ele contrabandeando pão. Ele chegou e disse para mim o seguinte: “vou te ensinar uma ladainha e você tem que falar para ele. Porque qualquer maneira eles vão te matar e às vezes você tem essa chance”.

Assim que comandante passou eu fiquei em posição de sentido e comecei a falar: “senhor coronel há um engano na minha carteira eu sou um filho de leiteiro, leiteiro, leiteiro! E eu só sei tratar de vacas, de galinhas e de gansos!”

Não cheguei a completar a frase e levei uma bofetada, cai sangrando no chão!

Levantei novamente e voltei a ficar na posição de sentido.

Ele pegou o chicote e disse para mim seguinte: “Seu porco! Tu estas falando a verdade?”

Eu respondi: “Sim senhor! Estou falando a verdade!”

Aí chamou aquele chefe do sítio que também era prisioneiro e me mandou levar. Me levou, era um campo enorme, já não podia mais se misturar com os outros prisioneiros. A gente era isolado, camas beliches, tratamento humano e ele me ensinou como é lidar com gansos. E eu pastava mais ou menos, naquela época, mil gansos. Depois eu também trabalhava no

¹¹⁸ MANSUR, Madeleine. Testemunho concedido por Madeleine Mansur as pesquisadoras Silvia Lerner e Fernanda Capri do Projeto *Vozes do Holocausto*. Niterói-RJ, 16 abr. 2016. Arqshoah/Leer-USP.

¹¹⁹ WEISER, Jorge. Testemunho concedido por Jorge Weiser à Laura L. de Natali pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 24 out. 2017. Arqshoah/Leer-USP.

chiqueiro dos porcos [...] e me especializei de criação de coelhos [...]. E dava muito bem por aí. E o que que aconteceu? Isso ainda era tudo no campo da Polônia, no primeiro campo de concentração. IZRAEL FAJFER, 2013.¹²⁰

Analisando alguns destes relatos, notamos que no cotidiano daquelas crianças havia um misto de coragem, medo, força e fragilidade que funcionavam como uma mola propulsora para o “querer” viver. Alimentavam-se, simbolicamente, da esperança de reencontrar tudo aquilo que haviam perdido: segurança, dileção e, especialmente, o convívio familiar. A força das lembranças de Betty Herscovici, por exemplo, está exatamente na percepção que ela tinha (naquele momento) do presente, e que no seu testemunho emerge como um vácuo na sua existência. Ela sabe que faltou algo mais na sua infância que agora ecoa quase como uma lenda: “era uma vez...”

[...] Quando o presente se torna um vácuo na minha existência, costumo voltar minha mente para este passado muito remoto da minha infância. Não há ninguém que possa me acompanhar àqueles lugares. Não tenho mais a cronologia, pois não existe mais nem tempo nem espaço, a não ser o que restou na minha curta memória. O que existiu tornou-se quase uma lenda para mim: era uma vez um Shtetl...!¹²¹

Em busca de prenunciações que interromperam a vida dessas crianças judias, nos deparamos com alguns indícios que nos ajudam a constatar o acobertamento da violência sexual praticada tanto por funcionários públicos, dirigentes de instituições, soldados alemães, e até mesmo russos e americanos, bem como, por aqueles que escondiam as crianças dos nazistas.¹²² Durante o Holocausto, estima-se que 5% das crianças judias que viviam escondidas sofreram abusos, segundo pesquisas de Miriam Gebhardt (2015)¹²³. Imaginamos que não foi fácil para Herscovici relembrar o momento em que sua mãe foi violentada. Com razão, “o terror estava ali instalado”:

Certa noite, a mãe de Betty foi retirada desse lugar por um encarregado, entregue ao prefeito e por ele violentada. Betty mal conseguia entender o que estava acontecendo, mas até hoje se recorda dos gritos da mãe: “Minhas filhas! Minhas filhas!”. Lembra-se também como a mãe chegou mancando e

¹²⁰ Documentário da história da Izrael Fajfer gentilmente cedido pela família ao Arqshoah/Leer-USP. Acervo *Izrael Fajfer*. Rio de Janeiro, 9 abr. de 2013.

¹²¹ HERSCOVICI, Betty; CASTRO, Malu. *Transnístria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto...* op.cit., p. 53.

¹²² GEBHARDT, Miriam. *Als die Soldaten kamen: Die Vergewaltigung deutscher Frauen am Ende des Zweiten Weltkriegs*. Deutsche Verlags-Anstalt, München – Germany: 2015.

¹²³ UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “Crianças Escondidas”. *Enciclopédia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/hidden-children-hardships>. Acesso em 7 fev 2019.

da atitude de sua tia Hancia jogando água sobre Marliah. O terror estava ali instalado...!¹²⁴

A verdade é que a satisfação de quimeras deste tipo representa um modo de denunciar o perpetrador que possui a vida do outro em suas mãos: ele age como um ser onipotente. A violência, comumente utilizada durante genocídios e conflitos armados, interfere não só na pessoa violentada, como em toda a sua família abalada por aquele e outros tantos traumas. Durante o período em que os nazistas permaneceram no poder (1933-1945), os judeus foram despojados de todos os seus bens, cargos e distinções, além de perderem o direito de existir enquanto seres sociais, não encontrando muitas vezes alternativas que garantissem a integridade físico e psíquica das suas crianças e dos idosos.

De acordo com informações coletadas pelo USHMM e o Memorial Auschwitz-Birkenau, estima-se que para este espaço concentracionário foram deportadas um total de 232 mil crianças e adolescentes dos quais 216 mil eram judeus. Segundo relatos dos sobreviventes, ao chegarem nestes locais, a maioria das crianças era encaminhada à câmara de gás ou, por vezes, fuzilada diante de enormes covas coletivas. Muitos dos aniquilamentos também ocorriam através de seleções realizadas pelos Conselhos Judaicos [*Judenrat*] que, pressionados pelos nazistas, tomavam a decisão difícil de escolher, em primeiro lugar, crianças para serem enviadas aos campos de extermínio. Lembramos aqui o caso célebre de Janusz Korczak (1878-1942), diretor de um orfanato no Gueto de Varsóvia, que se recusou a abandonar as crianças sob seus cuidados para segui-las na deportação com destino ao campo de extermínio de Treblinka. Consciente do significado da sua presença, optou também por entrar com elas na câmara de gás. Outras tantas, viveram e morreram sob condições aterrorizantes nos campos de trânsito, como ocorreu com Anne Frank e sua irmã em Bergen-Belsen, ou em campos de concentração como de Lublin/Majdanek e demais campos de detenção existentes.

Durante as operações anti-*partisans*, os nazistas, costumavam sequestrar crianças judias, não-judias e órfãs de pais assassinados pelas unidades militares e policiais, com o objetivo de “germanizá-las”. Esta ação ia além da represália, sendo uma alternativa “salvacionista” que garantiria a pureza do sangue ariano. Há casos de crianças nascidas dentro dos campos de concentração, filhos de mães judias, que seriam entregues aos cuidados de um médico nazista, como aconteceu com um grupo de mulheres no campo de Dachau (Alemanha), onde nasceu George Legmann em 1944.

¹²⁴ HERSCOVICI, Betty; CASTRO, Malu. *Transnístria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto...* op.cit., p. 98.

Retomamos aqui a história do programa *Lebensborn*, criado em 1936 pelo comandante militar da SS, Heinrich Himmler, com o propósito de aumentar a taxa de natalidade de filhos racialmente puros. Inicialmente, o programa *Lebensborn* criou uma infraestrutura material de residências secretas na Alemanha e países ocupados para que homens e mulheres, selecionados de acordo com suas características eugênicas, mantivessem relações sexuais com o objetivo de gerarem infantes que representassem a elite racial. Após o nascimento, o bebê poderia ficar com a mãe ou a cargo da SS que tratava da respectiva adoção e educação. A criança recém-nascida deveria corresponder às expectativas do programa e, caso não ocorresse, era morta.

Em 1939, os especialistas raciais da SS passaram a raptar crianças, tanto em grupo como individualmente, cujos atributos eram racialmente válidos dentro e fora da Alemanha, sobretudo na Polônia, ou seja: adequados para o processo de germanização. As crianças sequestradas passavam por uma triagem onde eram avaliadas por peritos raciais que mediam seus narizes e crânios, apalpavam suas genitálias, observavam sua altura, seus lábios e dentes, cor dos olhos e cabelos, comparando sempre aos fenótipos ideais. Aquelas de aparência diferente ao almejado eram classificadas como sub-humanas, sem nenhum valor ou utilidade a não ser como futura mão de obra escrava.¹²⁵

As crianças eram levadas para laboratórios de testes raciais, onde eram despidas, examinadas e medidas por cientistas nazis. Por fim, as crianças consideradas inadequadas para o processo de germanização eram postas de lado; as outras, enviadas para um dos vários *Kinderlanger*, ou 'campos de crianças', como o que ficava em Brokau, perto de Breslau, sendo depois entregues à SS *Lebensborn*, na Alemanha.¹²⁶

Durantes seis meses era incutida nas crianças uma espécie de “patrimônio” germânico¹²⁷, bem como, cativava-se o sentimento de rejeição e esquecimento dos pais biológicos. As enfermeiras do SS tentavam exortar esses meninos e meninas a acreditarem que haviam sido abandonados por seus pais, ou caso não aceitassem eram castigadas. Há casos de crianças “indesejadas” que foram enviadas para os campos de concentração,

¹²⁵ VON OELHAFEN, Ingrid; TATE, Tim. *As crianças esquecidas de Hitler: a verdadeira história do programa Lebensborn*. Trad. de Rogério Bettoni. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

¹²⁶ DAVIES, Norman. *A Europa em Guerra*. Edições 70: Lisboa, 2006, p. 358.

¹²⁷ Definimos aqui como patrimônio germânico a preparação da criança para ser inserida nos padrões culturais e ideológico da sociedade nazista, como por exemplo, eram falsificados data e local de nascimento e aprendia-se a língua alemã. PADRÓS, Enrique Serra. A guerra contra as crianças: práticas de sequestro, desaparecimento e apropriação de identidade no século XX. In: *Albuquerque*: revista de História, Campo Grande, MS, v. 6 n. 11 p. 89-119, jan./jun. 2014. pp. 89-119. Disponível em <http://www.seer.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/download/4062/3245>. Acesso em 19 mar. 2019.

preferencialmente o de Kalish, na Polônia. Estima-se que mais 250 mil crianças foram raptadas nos países ocupados e enviadas à força para Alemanha. Após a guerra, somente 25 mil retornaram ao convívio de familiares legítimos. O número tão baixo de reagrupamento familiar deu-se porque muitas dessas crianças se recusaram a retornar para sua família biológica; além daquelas cujas famílias adotivas alemãs se negaram a devolver a criança.

O autor Enrique Serra Padrós em *A guerra contra as crianças: práticas de sequestro, desaparecimento e apropriação de identidade no século XX (2014)*¹²⁸ considera que as famílias adotivas como vítimas da propaganda nazista não as eximem de culpa. Ao falsificarem (ou omitirem) as identidades destas crianças estavam sendo coniventes com a ideologia do regime. Ao final da guerra, as crianças educadas como “arianas puras” sofreram rejeição e discriminação da sociedade por serem a representação da super-raça idealizada para compor o “Império de Mil Anos”. Algumas delas, órfãs, tiveram como destino os orfanatos e/ou hospitais de doentes mentais, certamente traumatizadas por terem sido germanizadas à força. Como tantas outras crianças judias, passaram também pela dor e o trauma de verem sua rede familiar se desfazer. Para os “filhos da geração Hitler”, as tentativas de reintegração foram, sobretudo, demoradas e dolorosas. Os filhos do *Lebensborn* foram punidos como um produto gerado desde o centro do poder nazista “marcados na alma e na consciência”:

[...] pelo estigma de serem indesejados; como sólidos fantasmas, corporificavam concretamente, um duro e traumático passado. O silêncio oficial e coletivo ao seu respeito procurou esconder responsabilidades, evidências, omissões e colaboração. A intolerância e a discriminação fizeram recair o peso da culpa exatamente em cima daqueles que foram as principais vítimas do processo. Sofrendo a incompreensão da sociedade, o desconhecimento sobre a própria origem e punidos por constituírem um produto gerado desde o centro do poder nazista, a sua sobrevivência representa o trauma coletivo de lidar com um passado que deixou profundas sequelas e uma imagem espelhada que parece perguntar sobre as atitudes das gerações anteriores.¹²⁹

O nazismo produziu mentiras, incertezas e silêncios que perpassam o tempo do ocorrido, pois muitos dos sobreviventes e refugiados do nazifascismo – mesmo alguns anos após o acontecimento traumático – sentem ainda de forma palpável a angústia causada pela incerteza de sobreviverem ou não à violência nacional-socialista. Durante alguns registros, percebemos que o entrevistado ao relembrar o seu passado manifesta exaustão, chegando,

¹²⁸ Ibid.

¹²⁹ Ibid., p.101.

inclusive, a interromper sua narrativa. Em meio a lágrimas, afirmam estarem sentindo dores físicas, como foi o caso de Mina Caracunsheksy e Raphael Zimetbaum.

Outros demonstram indignação, definindo que a dor física é a menor das dores, pois a dor que realmente fere e causa dissabor é a dor da alma causada pela injustiça sofrida. Tais sentimentos percebemos na fala de Izabela London, Rolande Fichberg, Mauricette Rozen e Madeleine Mansur, todas separadas do convívio de seus familiares quando ainda eram crianças. Durante a gravação dos seus testemunhos fazem sempre a mesma pergunta: “O que eu, uma criança na época, fiz contra eles?” Ainda costumam afirmar que tiveram que “amadurecer muito rápido, pois não foi permitido a elas serem crianças”. Assim como disse Sabina Kustin: “eu já nasci adulta”.

A ininteligibilidade – tanto daquele que está testemunhando sobre o fato como por nós que estamos ouvindo – é outro ponto presente nestas memórias. Segundo Marcio Selligman-Silva¹³⁰, nós pesquisadores nunca conseguiremos colocar no papel o que foi vivido e sentido por alguém que sofreu direta ou indiretamente as consequências do Holocausto; porém podemos intentar compreender, como o fez e faz a psicóloga Sofia Débora Levy¹³¹ em seus estudos, através da empatia. Pela empatia podemos superar a indiferença; sentimento tão presente nos nazistas pelos judeus.

Através da empatia, capacidade humana de se colocar no lugar do outro com vista a compreender o ponto de vista alheio e se sentir como ele, conseguimos promover a valorização do sujeito, ao consideramos o outro em sua integridade e integralidade, ou seja: o outro é visto como pessoa e não como objeto. O sentimento de incompreensão frente ao que estava acontecendo a essas crianças durante o Holocausto, sem o direito a argumentação ou defesa, configura-se como o primeiro nível de impacto de ininteligibilidade.¹³²

Muitos sobreviventes acreditam, já como adultos, que a violência circundante praticada pelos nazistas era justificada pelo fato de serem judeus. Assim, a alegação para tamanha destrutividade era uma condição identitária acompanhada de um discurso acusatório legitimado pelo regime.

Apanhar do alemão sem por quê?

¹³⁰ SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas”, In: *Psicologia Clínica*, vol. 20, n.1, Rio de Janeiro, 2008, pp. 65-82.

¹³¹ LEVY, Sofia Débora. *A ininteligibilidade no trauma: possibilidades de apreensão e superação com aplicações epistemológicas na clínica psicológica*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Rio de Janeiro, 2013.

_____. *Por dentro do trauma: a perversidade no Holocausto e na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.

¹³² op.cit.

Porque sou judeu! IZRAEL FAJFER, 2013.¹³³

[...] era o imperativo de uma situação articulada por um Estado que movido pelo ódio, programou o extermínio do povo judeu.¹³⁴

[...] As lojas, com vidros e portas quebradas, traziam pichações com os dizeres: “judeus sujos”. Eu me perguntava por que os nazistas estavam fazendo tudo isso.¹³⁵

Os esforços de adaptação por parte dessas crianças, ao se depararem com a situação traumática vivenciada em suas comunidades de origem, causava-lhes um choque cognitivo de informações. Assim, podemos perceber no depoimento de Izrael Fajfer, mais conhecido como o “menino do ganso”, que viveu o final de sua infância e início adolescência entre cinco campos de concentração. Algo que sempre lhe vem à mente ao relembrar desse período é a frase gravada no portão de entrada em Auschwitz “O trabalho liberta”. Segundo Izrael, ele nunca teria experimentado essa liberdade dentro daqueles muros de arames farpados, além de reconhecer a dificuldade de compreender o que realmente aconteceu naquele lugar dada a intensidade da violência perpetrada por seus algozes.

O sobrevivente Aleksander Henryk Laks também aborda o fato em suas lembranças sobre o tempo em que esteve em Auschwitz.

[...] De um lado, vi um complexo que apreciava um alto forno. Bem em frente, vi um portal onde em cima estava escrito *Arbeit Macht Frei*, ou seja, *O Trabalho Liberta*. Sabíamos que não seríamos libertos pelo trabalho; [...] Mas, onde tem trabalho, tem vida. Pelo menos lá dizia *trabalho, arbeit*. No portão havia, pessoas bem nutridas, fortes, limpas, de uniforme listrado. Eu disse para o meu pai: “Olha, pai, aqui fora. Acho que desta vez nós não fomos enganados. Olha como está tudo bonito aqui fora. E naquele lado tem um alto forno metalúrgico. Quando sairmos, você diz que é metalúrgico também, e ficaremos juntos”. Mas não era nada disso. Eu estava em Auschwitz!! [...] Lá se queimava pessoas 24 horas por dia. Essa frase *Arbeit Macht Frei* era uma farsa.¹³⁶

Fica evidente que a mentira foi um recurso comum utilizado para contribuir com o esquema da farsa: o governo alemão espalhava a notícia que precisava de milhares de pessoas, para trabalhar nas terras conquistadas. Esperançosos, os judeus ofereciam-se voluntariamente e, enganados, iam ao encontro da violência e da morte:

¹³³ FAJFER, Izrael. op.cit.

¹³⁴ HERSCOVICI, Betty; CASTRO, Malu. *Transnístria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto...* op.cit., p. 46.

¹³⁵ KUSTIN, Sabina. *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto...* op. cit., p.43.

¹³⁶ LEVI, apud LAKS, 2014, p. 91.

Alfredo Prentki:[...] Os nazistas chegavam aos lugares e diziam que estavam precisando de pessoas para trabalhar e as pessoas acreditavam e iam. Mas quando chegavam lá descobriam que não era nada disso. Já não podiam voltar! E eram obrigados a trabalhar até a morte! ALFREDO PRENTKI

Zofia Davidowicz: [...] Quando teve a invasão de Lodz, os homens judeus foram obrigados a sair da cidade. E meu pai soube que quem se apresentasse para trabalhar em um lugar que se chama Buda szklana, que significa barraco de vidro em polonês. Acreditava-se que o homem que se apresentasse para esse trabalho sobrevivesse.

E assim, a maior parte dos homens da minha família se candidatou para trabalhar. Só que descobriu-se ser uma mentira! Eles iam na verdade para campos de trabalho ou pior.

Meu pai ficou sabendo disso dentro do trem e tentou pula, mas acabou sendo morto ao ser fuzilado pelas tropas nazistas. ZOFIA DAVIDOWICZ¹³⁷

A confusão mental gerada pela dúvida entre a percepção do real e a mentira deixava as vítimas sem recursos para se defenderem. Ainda crianças, ficavam psicologicamente confusos pela ambiguidade quer pelo discurso mentiroso, quer pela ausência de referências. Assim percebeu a pequena Sabina Kustin ao saber que haviam matado seu pai e por desconhecer o destino da sua mãe:

[...] A partir desse dia, quando soube que mataram meu pai e eu não encontrava minha mãe, deixei de me arriscar, porque sabia que se entrasse novamente no gueto não sairia mais de lá.

[...] Por fim, soube que minha família havia sido enviada nos transportes para os campos de Auschwitz e Treblinka. Desesperada, chorava sem parar. O que eu poderia esperar naquele momento trágico? Só medo e terror.¹³⁸

Constata-se através destas lembranças que a ambiguidade era parte da violência perversa e da violência psicológica sempre presentes no cotidiano totalitário. Fica evidente que, ao ultrapassar o limite do suportável, a dor e o medo da morte produzem um choque no indivíduo, que perde a capacidade de acompanhar conscientemente a realidade. Muitas vezes, os sintomas/reações são percebidos como sinais de loucura. Daí a violência psicológica ser interpretada como um “desinvestimento de um ser humano sobre o outro”, ou levando-os a questionar Deus por tanto sofrimento:

[...] Um dos meninos que estava conosco enlouqueceu. Salek – esse era o seu nome – só falava palavras sem sentido. Uma das meninas também quase morreu.

¹³⁷ DAVIDOWICZ, Zofia. Testemunho concedido por Zofia Davidowicz à Rachel Mizhail e Esther Nstein pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 20 jan. 2020. Arqshoah/Leer-USP.

¹³⁸ KUSTIN, Sabina. *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto...* op. cit., 48.

[...] Não sei quanto tempo durou essa vida de esconderijos, sem comida e sem roupa. Os alemães estavam sempre à caça de judeus. À noite, eu e as outras crianças saíamos à procura de alimento. Apesar de muitos católicos terem medo, alguns nos ajudavam. [...] O sangue dos judeus estava por todos os cantos. Diariamente ouvíamos gritos e xingamentos [...], em meio a tanto fogo e morte. E nos perguntávamos: “Meu Deus, por que isso?”¹³⁹

Tais sentimentos e questionamentos são comuns nos relatos daqueles que sobreviveram aos campos concentracionários. Ao descreverem seus comportamentos afirmam que estavam em um estado de desconexão análogo ao do “morto-vivo”, questionando até mesmo o significado de estar vivo quando não se sentiam vivos nem reais. O medo de ficar louco, de perder o controle e ficar com sequelas, também era frequente, inclusive entre crianças que estavam escondidas.

Penso não ter ficado louca porque Deus foi bondoso comigo. Eu não parava de chorar, perguntando a mim mesma: “Onde estão meus pais e meu irmão?” Nada sabia deles e tinha medo de sair dos esconderijos para procurá-los, ou mesmo procurar meus tios, embora morassem perto.¹⁴⁰

A violência de todas as formas e modos é traumatizante, pois traz em seu bojo uma característica central: a quebra da integridade da estrutura psíquica e cognitiva inerente ao ser humano dinamicamente operante frente a si mesmo, ao mundo social e ao mundo circundante. Outro sentimento comum é a ansiedade que, segundo Rollo May (1978)¹⁴¹, é uma reação inerente ao ser humano que tem a sua existência ameaçada. O Sr. Raphael Zimetbaum, por exemplo, mencionou sentir ansiedade em vários momentos da sua infância, pois ele e sua família não sabiam se conseguiriam o visto para sair do país com a ajuda do embaixador brasileiro Sousa Dantas. A família Zimetbaum procurou pelo diplomata após saber que ele estava concedendo vistos aos judeus, ainda que impedido pelas Circulares Secretas impostas pelo governo Vargas.¹⁴²

¹³⁹ Ibid., p. 55, 50.

¹⁴⁰ Ibid, p. 51.

¹⁴¹ MAY, Rollo. *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1978.

¹⁴² KOIFMAN, Fábio. *Imigrante Ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. *Quixote nas trevas: o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cidadão do Mundo: O Brasil diante do Holocausto e Judeus refugiados do nazifascismo (1933-1945)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2010.

Segundo Rachel Mizrahi, sobreviver à vigilância nazista não era nada fácil para uma criança e quando a guerra terminou milhares das que se salvaram tiveram a infância roubada.¹⁴³

Algumas crianças conseguiram voltar a viver com seus pais verdadeiros, como foi o caso das irmãs Rozen, bem como de Marguerite Hirschberg. Outras, jamais se recuperaram e continuam submergidas em seu exílio interior, sem limites, como foi o caso de Fânia Goldwasser.

Mizrahi afirma que esses pequenos adultos aprenderam a desconfiar, a calar, a mentir e a distinguir com clareza quais os adultos confiáveis e quais os perigosos. Em suas vidas, foram incluídas a mentira, o ocultamento, o roubo, o suborno e o que é muito mais grave, a destruição da fé no mundo adulto. Cada uma vivenciou um processo de lenta recuperação da identidade, dos laços familiares e da infância perdida. Na sua opinião, a condição indispensável para a sobrevivência era de saber contornar a impossibilidade de expressar sentimentos ou pensamentos, ser o mais invisível possível. Rachel conclui seu pensamento afirmando que a guerra é uma marca que as acompanhará enquanto viverem. Enfim, consideramos que a maioria destas crianças (con)viveram com diferentes graus de silêncio por medo ou por sentir que precisavam calar para sobreviver. De fato, percebemos nos relatos de cada um, ao rememorarem ocorrências como estas, a repetição da seguinte frase: “Me lembro como se fosse hoje”.

Observamos também em aqueles que vivenciaram o trauma das perseguições nazistas calam-se ou têm vergonha ou medo de falar sobre o seu passado. Tal postura pode ser entendida como um caso de introversão, um tipo de evitação social que mostra uma forte correlação com o distúrbio da vergonha comparável ao efeito dos medos sociais. Assim comentou Marguerite Hirschberg durante a gravação de seu testemunho, questionando a geração que “não quer falar e nem ouvir falar” de campo de concentração:

Ninguém quer falar de campo de concentração. Eu tinha vergonha de falar de campo de concentração.

Mas, realmente né?

Minha mãe começava, eu falava: “mãe para! [...] Não fala, não fala nada de campo de concentração!”

Eu tinha vergonha! Todo mundo... ninguém falava. Por quê? Porque ninguém queria ouvir, (A geração de vocês sim) [...]

¹⁴³ MIZRAHI, Rachel, “Lembranças de crianças e jovens do Holocausto”, In: *VII Jornada Interdisciplinar sobre o ensino do Holocausto*, “Por 1,5 milhão de crianças”. São Paulo: LEER-USP, 2008, p. 96-99.

Não queriam ouvir nada! Absolutamente nada! Aí eu perguntei uma vez: “Por que que vocês não querem ouvir?” Responderam: “Ah, porque nós temos vergonha!” MARGUERITE HIRSCHBERG, 2017.¹⁴⁴

De uma forma geral, fica evidente que o nazismo promoveu, mesmo antes do final da guerra, um apagamento da memória do infausto evitando que seus crimes fossem comprovados. Assim, articulando o apagamento de quaisquer vestígios do aniquilamento promovido nos campos de concentração, os perpetradores procuraram eliminar não os corpos das vítimas, mas também os documentos comprobatórios do genocídio como as testemunhas. Segundo Izrael Fajfer, sobrevivente de Birkenau-Auschwitz, estas ações de limpeza das provas e atos de apagamento tiveram início à medida que o exército russo avançava, fato reafirmado por Mordka Lerner

Izrael Fajfer: [...] Conforme o exército russo avançava e os nazistas decidiram destruir o campo [Blizyn] e transferiram os prisioneiros para Birkenau-Auschwitz.

[...] Os alemães ao saberem que o exército russo mais uma vez avançava desativou o campo e forçou os prisioneiros marcharem até outro campo o de Mauthausen. IZRAEL FAJFER, 2013.¹⁴⁵

Henrique Lerner: Ao chegar o verão de 1944, em julho, as forças soviéticas estavam se aproximando de Auschwitz, estando a cerca de 100 km de distância. Assim como em outros campos onde já havia sido realizado o abandono das tropas nazistas, estes destruíram as provas possíveis das atrocidades, metralhavam sobreviventes que não tinham serventia, e no caso de Auschwitz, aqueles que quisessem poderiam seguir com os alemães para outro campo. Meu pai preferiu este caminho, pois não queria ser libertado pelos russos, pela sua experiência própria negativa com prisioneiros desta nacionalidade. HENRIQUE LERNER, filho do sobrevivente MORDKA LERNER¹⁴⁶

Essas formas que o silêncio assume permitem vislumbrar outras maneiras de lidar com o não dito. Especialmente quando adquirem características de silêncio fundador e política do silêncio, conceitos analisados por Eni Puccinelli Orlandi em sua obra *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (2007). O *silêncio fundador* é um fator do discurso demarcado que possibilita em significar dessa ou daquela forma. Já a política do silêncio contém duas maneiras de se apresentar: silêncio constitutivo, que é determinado pelo caráter fundador do silêncio, pertencente à própria ordem de produção do sentido que preside qualquer produção de linguagem com efeito de discurso no anti-implícito, isto é, uma palavra apaga outras

¹⁴⁴ HIRSCHBERG, Marguerite. op.cit.

¹⁴⁵ FAJFER, Izrael. op.cit.

¹⁴⁶ Texto escrito por Henrique Lerner sobre as memórias de seu pai, Morka Lerner. Material cedido ao LEER-USP e hoje faz parte do acervo de histórias que compõe o arquivo de História Oral do Arqshoah/Leer-USP.

palavras, excluindo o sentido que se quer evitar. A outra é o silêncio local o qual está diretamente ligado a questões de poder de um dado período histórico, como por exemplo, o negacionismo do Holocausto.¹⁴⁷

De acordo com Levy (2018)¹⁴⁸, este negacionismo leva ao revisionismo na contemporaneidade, devido as tentativas de negar o genocídio praticado na Alemanha nazista contra judeus e se utilizando especialmente da versão de que ninguém acreditaria em tamanha monstruosidade, ou ainda acusando os judeus de se auto vitimizarem. Ao assumir a postura negacionista, um aspecto retraumatizante, está-se anulando a dor e realidade de milhões de seres humanos, tornando-a mais uma violência em que o silêncio e a indiferença anulam existencialmente uma história coletiva.

Pelos erros e pelos acertos, o antissemitismo fez suas vítimas. Os que tapam o sol com a peneira, tentando esquecer o passado, ignoram o presente furtando-se às responsabilidades... O negacionismo que está sempre presente protegendo os algozes, nada mais é do que o reflexo ocorrido. Este passado de intolerância nos marcou muito.... Há quem considere que os sobreviventes dos campos de concentração foram os mais fortes. Puro engano! [...]. Quem sobreviveu foi escolhido pelo destino para eternizar a memória daqueles que infelizmente não estão mais entre nós. Sobreviver, portanto, não foi um privilégio, foi um legado [...],¹⁴⁹

O aturdimiento diante do negacionismo coloca os sobreviventes frente a questão da própria validade de ter sobrevivido, resistindo até os dias presentes e dificulta ao ser humano entender que o terror e o genocídio que marcaram o Holocausto possam acontecer novamente com outros grupos sociais.¹⁵⁰ Mormente, ao negar o que aconteceu a esses sujeitos reproduz-se uma violência que é intolerável e desrespeitosa que paralisa a vítima como quando acontecia nos campos concentracionários.

1.4. Ações de resgate: crianças em fuga

Após o episódio da *Noite dos Cristais*, ficou evidente a dimensão sem limites das violências antissemitas que culminariam com a execução do plano de extermínio dos judeus executado pelo Estado nacional-socialista. Os resultados da “Solução Final”, acima de tudo,

¹⁴⁷ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999; _____, *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas, SP: editor UNICAMP, 2007.

¹⁴⁸ LEVY, Sofia Débora. *Por dentro do trauma: a perversidade no Holocausto e na contemporaneidade...*, op.cit.

¹⁴⁹ HERSCOVICI, Betty; CASTRO, Malu. *Transnistria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto...* op.cit., p. 45-46.

¹⁵⁰ Ibid.

comprovam a intenção de Hitler em eliminar da Europa a presença judaica, ação acelerada, principalmente, quando as tropas nazistas começaram a invadir territórios no entorno da Alemanha. A violência genocida dos soldados nazistas no decorrer deste evento foi veiculada pela imprensa mundial e brasileira que, muitas vezes, demonstrou incredulidade com a dimensão dos ataques aos judeus.



37. "Nazis smash, loot and burn jewish shop and temples until Goebbels calls halt" notícia sobre a Noite dos Cristais publicada pelo *The New York Times*. Nova Iorque, EUA, 11 nov. 1938. Reproduzido do jornal *The New York Times*, EUA.



38. "Violenta ofensiva contra os judeus na Alemanha", manchete sobre a Noite dos Cristais. *Folha da Manhã* (atual Folha de S. Paulo), São Paulo, 11 nov. 1938. Edição nº 4499.

A partir de 1942 surgiram denúncias de vítimas alertando para as ações destrutivas praticadas pelos nazistas, como, por exemplo, o programa radiofônico "Ouvintes alemães", irradiado pela BBC-Londres por Thomas Mann.

27 de setembro de 1942

Ouvintes alemães! Seria interessante saber o que vocês pensam a respeito da conduta dos que agem no mundo em nome de vocês; assim, por exemplo, gostaria de saber como, na condição de seres humanos, vocês veem o terror antissemita na Europa. Vocês continuam apoiando a guerra de Hitler com medo daquilo

que a derrota pode trazer: a vingança das nações europeias maltratadas contra tudo o que é alemão. Mas não se deve esperar essa vingança precisamente da parte dos judeus. Dentre todas as vítimas da Alemanha, eles são os mais indefesos, os menos inclinados à violência e às ações sanguinárias. Mesmo hoje, eles ainda não são os inimigos de vocês — mas vocês, sim, são inimigos deles. Vocês não conseguem fazer com que o ódio seja recíproco. Os judeus são quase sempre amigos dos alemães; e se as coisas forem de mal a pior com vocês, o que parece provável, eles — que são razoáveis e pouco propensos a arrebatamentos emocionais — vão desaconselhar que se pague a vocês na mesma moeda; talvez eles sejam os únicos amigos e intercessores que vocês venham a ter no mundo. Eles foram enfraquecidos, privados de seus direitos, de suas posses, jogados de forma humilhante na lama — já não era suficiente? Que tipo de gente é essa, que tipo de monstro, que nunca se sacia com a violação, para quem cada sofrimento imposto aos judeus é apenas um estímulo para lançar em sofrimento ainda mais profundos, ainda mais implacáveis?

[...]

Segundo informações do governo polonês no exílio, a Gestapo já matou ou torturou até a morte um total de 700 mil judeus, dos quais 70 mil apenas na região de Minsk, na Polônia. Vocês, alemães, sabiam disso? E o que acham? Na França não-ocupada, 3.600 judeus foram retirados recentemente de diferentes campos de concentração e embarcados para o Leste. Antes mesmo de o comboio da morte se colocar em movimento, 300 pessoas cometeram suicídio. Só crianças de cinco anos ou mais puderam ficar com seus pais; os menores foram abandonados à sua própria sorte. Isso causou grande indignação no povo francês. E para vocês, alemães, não significa nada?

Em Paris, no espaço de poucos dias, foram mobilizados 16 mil judeus, embarcados em vagões de gado e levados embora. Para onde? Isso só o condutor da locomotiva sabia, é o que se diz na Suíça. Ele fugiu para lá, porque tinha de levar cada vez mais vagões cheios de judeus, vagões hermeticamente fechados que eram parados no meio do caminho para o extermínio com gás. O homem simplesmente não suportou mais. Porém sua experiência não é de maneira nenhuma extraordinária. Há um relato mais detalhado e autêntico sobre a morte de não menos do que 11 mil judeus poloneses com gás letal. Eles foram levados a um campo de extermínio específico em Konin, no distrito de Varsóvia, metidos em vagões totalmente vedados e, em cerca de 15 minutos, transformados em cadáveres. Existe uma descrição pormenorizada de toda a operação, dos gritos e das súplicas das vítimas e das risadas bonachonas dos hotentotes da SS que executaram a brincadeira. E vocês, alemães, ainda se espantam, ainda ficam mesmo indignados com o fato de o mundo civilizado deliberar sobre o método de educação que poderia transformar em seres humanos as gerações de alemães cujas cabeças foram feitas pelo nacional-socialismo, ou seja, gerações de

assassinos deformados e completamente privados de qualquer noção moral?¹⁵¹

Estas notícias complementam os testemunhos registrados no pós-guerra, marcados por sentimentos medo, solidão profunda, degradação moral, desejo de morrer ou de sucumbir ao desespero. Sinais de desesperança são comuns em meio à fome ininterrupta, doenças e ao aniquilamento em massa nos campos concentracionários.

Apesar dos constantes apelos das comunidades judaicas junto os Comitês Internacionais pró-refugiados do nazismo sob a liderança da Liga das Nações, países como os Estados Unidos, Brasil, Austrália e Inglaterra, para citar alguns, continuaram com uma política imigratória restritiva e, por vezes, dúbia quanto a recepção aqueles que tentavam escapar.^{152:153} Existem controvérsias sobre a atuação do Comitê Internacional da Cruz Vermelha – CICV – que colocam em dúvida se ele tinha conhecimento das mortes nos campos de concentração ao denominá-los como “campo de prisioneiros”.

Uma extensa documentação, no entanto, tem demonstrado que ocorreu um certo recuo do CICV por pressão e impedimentos por parte dos nazistas. Difícil foi conseguir autorização para a vistoria realizada no gueto de Terezin que, como sabemos, teve a rotina e o cenário totalmente alterados. Marguerite Hirschberg recorda-se da visita da Cruz Vermelha, apesar de não saber precisar o ano em que ocorreram ao campo de Terezin, onde ela e sua mãe estavam prisioneiras desde 1942. Importante lembrar que este gueto foi transformado em um cenário agradável para receber os representantes daquela organização forjando o cotidiano dos prisioneiros durante o período da inspeção. Montaram um café, mercearia, criaram uma moeda própria para dar a ilusão que o trabalho dos detidos era remunerado.

[...]Nós não podíamos entrar nas lojas que eles montaram e o dinheiro não valia nada.

[...] Depois que eles foram embora tudo voltou ao normal. Tudo foi desfeito. Só foi montado para a visita. [...] MARGUERITE HIRSCHBERG, 2017.¹⁵⁴

¹⁵¹ MANN, Thomas. *Discursos contra Hitler: ouvintes alemãs! (1940-1945)*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2009.

¹⁵² CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O Brasil na Conferência de Evian. In: *Cidadão do Mundo: O Brasil diante do Holocausto e Judeus refugiados do nazifascismo (1933-1945)*... op cit., p. 93-110.

¹⁵³ Na Conferência de Evian, em julho de 1938, apenas a República Dominicana declarou estar preparada para receber um grande número de refugiados. UNESCO. República Dominicana. Disponível em <https://aboutholocaust.org/pt/facts/algum-governo-tentou-salvar-os-judeus-da-perseguido-antes-do-inicio-da-egunsda-guerra-mundial>. Acesso em 07 mar. 2022.

¹⁵⁴ HIRSCHBERG, Margeurit, op.cit.



39. Dinheiro que circulava no campo de Terezin. Acervo Deposiphotos, Nova Iorque, EUA.

Com o objetivo de maquiar o real tratamento prisional dados aos prisioneiros, as crianças encenaram para o Comitê da Cruz Vermelha a peça teatral “*Brundibár*”, cujo elenco e diretor foram assassinados posteriormente, como já havia acontecido anteriormente.

[...] Eu lembro que fiz o papel da borboletinha e ficava assim (dançou movendo os braços para cima e para baixo devagar lembrando o voo de uma borboleta). MARGUERITE HIRSCHBERG, 2017.¹⁵⁵

¹⁵⁵ HIRSCHBERG, Marguerite. op.cit.



40. Cartaz da ópera Bundibár. Acervo do Memorial de Terezin, Tchecoslováquia (atual República Tcheca).

Dentre os documentos oficiais produzidos pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha, em decorrência das inspeções nos campos nazistas, temos um relatório¹⁵⁶ expressivo das informações colhidas durante o período da Segunda Guerra. Lembramos que a Cruz Vermelha Internacional estava sediada na Suíça, em Genebra, cuja neutralidade durante a Guerra comprometeu sua atuação, abrindo fissuras para os negacionistas questionarem a veracidade do Holocausto.

Assim foi anotado: que os judeus estavam detidos nos “campos de prisioneiros” sob a condição de inimigos estrangeiros e com vistas a garantir a segurança do país; as visitas aos principais campos só ocorreram em 1942; em relação a câmaras de gás, o comitê pensou se tratar de casas de banho e sugeriu ampliação desse tipo de dependências nos campos; até 1945 auxiliou os prisioneiros com distribuição de víveres e distribuiu ajuda humanitária no valor de 20 milhões de francos suíços às organizações judaicas. Nos volumes I e III do relatório há comentários sobre a última visita do Comitê que ocorreu ao gueto de que Theresientadt em 6 de abril de 1945. Nesses volumes é dado o seguinte parecer sobre o local:

[...] 40 mil judeus de diferentes países estavam alojados, era em suas devidas proporções um gueto preferencial.
 [...] o qual se destinava exclusivamente a judeus e foi administrado sob condições especiais¹⁵⁷
 [...] foi criado como iniciativa especial e diversas lideranças do Reich [...] estes gostariam de dar aos judeus a possibilidade de viver numa determinada comunidade sob administração própria e com uma autonomia quase completa.¹⁵⁸

Segundo o Comitê Internacional da Cruz Vermelha as mortes dos prisioneiros nos campos somente passaram a ser contabilizadas por eles a partir de 1944.

Em seus relatórios explicam que tais registros eram impossíveis porque durante a guerra os nazistas criaram barreiras de acesso aos locais, em retaliação aos constantes bombardeios aéreos empreendidos pelos países aliados. Além disso, o governo alemão impedia as visitas e a distribuição de alimentos a serem doados aos prisioneiros.¹⁵⁹

Ecléa Bosi, no artigo *O campo de Terezin* (1999), descreve a impressão que a visita da Cruz Vermelha teve sobre o tratamento dado as crianças dentro do campo:

¹⁵⁶ Segunda Edição. Genebra, junho de 1946. Série II. nº 1. Disponível em <http://vho.org/F/b/CICR/>. Acesso em 28 mar. 2019.

¹⁵⁷ CRUZ VERMELHA, 1946, Vol. I, p. 642.

¹⁵⁸ Id. Vol. III, p. 75.

¹⁵⁹ Ibid., p. 83.

[...]na visita de inspeção às condições dos prisioneiros em 23 de junho de 1944 [...] os membros da Cruz Vermelha ouviram [...] uma ópera para crianças composta por um autor do gueto.

[...]

A equipe de visitantes notou a aparência das pessoas bem vestidas, a vasta e agradável biblioteca, as instalações sanitárias, os 400 médicos (diversos eram professores célebres). Concluiu observando a unidade e harmonia que parecia alcançada entre povos e línguas diferentes.

“Theresienstadt é uma sociedade comunista”, verificam, dirigida por um comunista “de alto valor”, o Dr. Paul Eppstein, à frente de um Conselho de Anciãos [*Ältestenrat*] da comunidade judaica; 150 policiais tchecos fazem a guarda permanente do gueto e 12 oficiais nazistas [*Lager Kommandantur*] ficam sediados na Pequena Fortaleza.

O pessoal de ensino pareceu “extremamente qualificado” e o jardim da infância (criado especialmente para essa visita), adequado e moderno. A escola parece bem equipada, embora um cartaz assinalasse que as crianças “estavam em férias”. O relatório da Cruz Vermelha observa que uma cozinha especializada prepara o alimento dos pequeninos.

[...] houvera outra visita da Cruz Vermelha ao campo, ainda sob o domínio nazista. A equipe dos visitantes manifestou de novo sua admiração pelas atividades artísticas a que assistiu na ocasião. Antes dessa inspeção havia se preparado o mesmo cenário: casas pintadas, ruas lavadas, praças abertas, os internos obrigados a agir como figurantes. A Theresienstadt vista é uma fachada ilusória: ali tudo é falso, menos as suas criaturas. As crianças são crianças, os mestres são mestres, os médicos são médicos, os artistas são artistas.¹⁶⁰

Em meio a este cenário desfavorável às práticas humanitárias, surgiu um adendo em prol do destino dos judeus, especialmente o das crianças.

Apesar da vulnerabilidade das crianças (judias e ciganas principalmente), algumas conseguiram escapar dos seus alçózes graças as ações salvacionistas de indivíduos que arriscaram suas vidas para salvá-las. De acordo com Márcio Barra Valente, a bondade praticada durante o Holocausto foi uma ação que aconteceu fora do bem religioso e social, e pode ser entendida como um movimento de exceção.¹⁶¹

abertura e responsabilidade de uma pessoa para outra pessoa. Argumenta-se, assim, que a bondade é capaz de testemunhar a possibilidade efetiva de homens e mulheres se colocarem em relações dialógicas autênticas mesmo em um estado de exceção.¹⁶²

Podemos dizer que estes benfeitores ousaram e desafiaram o regime totalitário alemão para salvar uma única pessoa ou famílias perseguidas por sua raça ou ideologia política. Suas

¹⁶⁰ BOSI, Ecléa. O campo de Terezin. Estudos Avançados [online]. 1999, v. 13, n. 37 [Acessado 3 Julho 2021], pp. 7-32. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141999000300002>>. Epub 05 maio 2005.

¹⁶¹ VALENTE, Márcio Barra, “A bondade entre a barbárie nos testemunhos do Holocausto”. In: *WebMosaica*. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, V. 7, n.1 (jan-jun), 2015, pp, 5-75.

¹⁶² *Ibid.*, p.57.

ações na maioria das vezes se faziam na clandestinidade, sem testemunhas ou geralmente ajudados por alguma frente de resistência. Eram acima de tudo, ações generosas e “de coragem aparentemente pouco conscientes das improbabilidades e dos perigos”¹⁶³, ocorridas em meio a condições socioculturais de ameaça extrema impostas pelo regime.

Recorremos aqui aos testemunhos de algumas destas crianças que, anos depois, vieram para o Brasil com ou sem seus pais. Cito aqui a ação de um padre católico que, durante um certo tempo, escondeu em um buraco no assoalho da igreja, a pequena Sabrina Kustin junto com um grupo de outras crianças judias fugitivas das tropas nazistas¹⁶⁴; outro padre salvou Izabela London, ainda com meses de vida, jogada por seu pai pela janela de um trem que ia a caminho de um campo de concentração¹⁶⁵; enquanto que as irmãs Mauricette e Rolande Rozen foram acolhidas por famílias não-judias que as ajudaram a sobreviver.¹⁶⁶ Atos de anônimos, hoje conhecidos graças aos testemunhos daqueles que ainda tiveram a oportunidade para narrar. Possivelmente, muito outros nomes caíram no esquecimento, abafados pelos silêncios e traumas daqueles que sobreviveram.

Graças aos registros efetuados pelo projeto *Vozes do Holocausto*, desenvolvido pela equipe Arqshoah-LEER-USP, do qual faço parte, conseguimos identificar várias famílias de refugiados salvos graças aos vistos concedidos pelo embaixador brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas, dentre as quais estavam os Zimetbaum¹⁶⁷ que chegaram no Brasil em 1941. Da mesma forma atuou o cônsul português Aristides de Sousa Mendes, que contrariando as ordens de Salazar, assinou milhares de vistos para fugitivos judeus, salvando-os da morte. Assim como Souza Dantas, ele foi afastado do cargo. Segundo Tucci Carneiro em seu livro *Cidadão do Mundo* (2010), várias destas famílias com crianças pequenas conseguiram chegar em Portugal e no Brasil, salvas pelas ações combinadas de Souza Dantas e Sousa Mendes.¹⁶⁸ Dezenas de outros judeus tiveram ajuda de Aracy Moëbius de Carvalho Guimarães Rosa, funcionária da Sessão de Passaportes do Consulado Brasileiro em Hamburgo, como foi o caso

¹⁶³ Ibid.

¹⁶⁴ KUSTIN, Sabina. *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto...* op.cit.

¹⁶⁵ LONDON, Izabela Paula. Testemunho concedido por Izabela Paula London à Fernanda Capri e Landirleya Reis. Câmera: Landirleya Reis. Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 23 mar. 2017. Arqshoah/Leer-USP.

¹⁶⁶ ROZEN, Mauricette; FISCHBERG, Rolande Paule. Testemunho concedido pelas irmãs Mauricette Rozen e Rolande Paule Fischberg à Silvia Lerner e Fernanda Capri, Câmera: Vitor Gomes. Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 16 abr. 2016. Arqshoah/Leer-USP.

¹⁶⁷ ZIMETBAUM, Rafael. Testemunho concedido por Rafael Zimetbaum à Fernanda Capri. Câmera, Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 03 out. 2017. Arqshoah/Leer-USP.

¹⁶⁸ ROZETT, Robert; SPECTOR, Shmuel (org). *Encyclopedia of the Holocaust*. Jerusalem: Yad Vashem, 2000. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cidadão do Mundo: O Brasil diante do Holocausto e dos Judeus Refugiados do Nazifascismo (1933-1948)*... op.cit., p. 294, 351-352.

de Kurt Alexander e sua família.¹⁶⁹ Fania Goldwasser sobreviveu escondida na floresta, dormindo em vagões de trens usados para deportar os presos aos campos de concentração alimentando-se com ajuda da resistência.¹⁷⁰

Vários Justos e Salvadores são hoje reconhecidos pelo Yad Vashem graças aos testemunhos destas crianças muitos anos depois e à historiografia sobre o Holocausto. Inscrevem-se nesta lista Marcel Marceau, Irena Sendler e Nicholas Winton. Marcel Marceau atuava na Resistência Francesa em 1944, quando disfarçado de escoteiro, cumpriu por três vezes a missão retirar crianças judias de um orfanato francês e levá-las em segurança até a Suíça. Suas ações permitiram que centenas delas fossem salvas.¹⁷¹ Irena Sendler, por sua vez, salvou 2,5 mil crianças do Gueto de Varsóvia utilizando os mais diversos subterfúgios, cujas histórias foram reconstituídas por Anna Mieszkowska em seu livro *A História de Irena Sendler – A mãe das crianças do Holocausto* (2014).¹⁷² O nome de Nicholas Winton, ficou conhecido por participar da operação “*Kindertransport*” ao promover o resgate de 669 crianças judias da Tchecoslováquia, salvando-as da morte nos campos de concentração nazistas e enviando-as para locais seguros na Inglaterra.¹⁷³ Dentre estas crianças, duas vieram posteriormente para o Brasil: Inge Rosental e Ernst Oscar Altschul ambos entrevistados pela equipe Arqshoah.

Lembramos também que, entre 1942 e 1943, os 117 habitantes da comunidade holandesa de Nieuwlande resolveram que cada família ocultaria uma família ou um indivíduo judeu. Temos também o pastor André Trocmé, da aldeia francesa de Le Chambonsur-Lignon, que organizou com seus fiéis esconderijos e assistência aos judeus que fugiam dos nazistas. Ações semelhantes foram realizadas pela liderança de resistência antinazista da Dinamarca que promoveu cerca de 7,2 mil salvamentos, alcançando quase toda a população judaica do país.

A *Œuvre de Secours aux Enfants* – OSE, com a declaração de guerra, ajudou as crianças judias na Alemanha e na Áustria que se tornaram “nacionais inimigas”, e organizou a

¹⁶⁹ ALEXANDER Kurt. Testemunho concedido por Déborah Alexander à Fernanda Capri. Câmera, Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 2017. Arqshoah/Leer-USP.

¹⁷⁰ GOLDWASSER, Fania. Testemunho concedido por Roberto Goldwasser e Rosane Goldwasser à Fernanda Capri. Câmera, Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 04 maio 2017. Arqshoah/Leer-USP.

¹⁷¹ ROITBERG, José. Quando Marcel Marceau salvou crianças judias durante o Holocausto. In: *Menorah Brasil*, fev., 2018. Disponível em <https://www.menorahnet.com.br/11516-2/>. Acesso em 27 mar 2019.

¹⁷² MIESZKOWSKA, Anna. *A História de Irena Sendler – A mãe das crianças do Holocausto*. São Paulo: Savaiva, 2014.

¹⁷³ EMANUEL, Muriel; GISSING, Vera. *Nicholas Winton and the Rescued Generation: Save One Life, Save the World*. London: Mitchekk Vallentine & Company, 2001.

evacuação de outras tantas crianças da região de Paris para protegê-las dos bombardeios nazistas. As crianças eram instaladas em castelos de Creuse e Haute-Vienne: Chabannes, Chaumont, le Masgeliér e Montintine. Muita ativa na França, a organização continuou incansavelmente suas ações e, em junho de 1940, o escritório da OSE em Paris salvou cerca de 600 (seiscentas) crianças de um total de 4 mil na zona norte do país. Nos dois anos que se seguiram, a OSE resgatou 500 (quinhentas) crianças dos campos de internamento. Até a Libertação foram salvas 2.400 (duas mil e quatrocentas) crianças.¹⁷⁴

Segundo os cálculos de Serge Klarsfeld

11.400 crianças menores de 18 anos foram deportadas da França. Isso significa que aproximadamente 58.000 crianças foram retiradas da deportação por vários e múltiplos canais, pela mobilização de indivíduos ou simplesmente por pais que administram como puderam em um contexto de indiferença, ignorância ou de hostilidade. Refinando os números, sabemos agora que 10.000 crianças foram salvas da deportação por redes formadas por instituições de caridade judaicas e não judaicas que se mobilizaram e trabalharam juntos em ambas áreas.¹⁷⁵

Estas ações contêm diferentes histórias de fuga e resgate que comprovam os subterfúgios que garantiram a salvação de crianças judias das perseguições nazistas. Ao mesmo tempo, evidenciam “a omissão das multidões e tramas políticas dos grandes com seus programas de governança”.¹⁷⁶ Muitas dessas crianças foram protegidas da morte até o final da guerra por estarem órfãs ou perdidas dos seus pais. Outras nunca conseguiram retornar ao convívio familiar por questões de preconceito ou por estarem acostumadas com as famílias que as acolheram. Assim sentiram-se Sabina Kustin, que viu sua família desmoronando, e Roland Fichberg, que não queria que a guerra acabasse pois sabia que iria se separar do seu pai adotivo. Ambas vieram, após da guerra, para o Brasil onde recriaram suas famílias:

Assim desmoronou a minha família. Acredito que todos foram queimados vivos, juntamente com centenas de outros judeus, com eles, milhões e milhões. Até hoje minha saudade é imensa. Por muito tempo não tive lar nem família. Ao ver uma família unida, chorava. Pronunciar a palavra pai, irmão e mãe foi um carinho que nunca mais tive. Não sabia mais o que era ter o amor dos pais e ser amada por eles.¹⁷⁷

¹⁷⁴ OSE – Œuvre de Secours aux Enfants (Children’s Welfare Organization). Disponível em <http://www.ose-france.org/memoire/le-service-archive-et-histoire-de-lose/>. Acesso em 27 jan. 2022.

¹⁷⁵ HAZAN, Katy. Le réseau Garel, un circuit clandestin de sauvetage d’enfants. In: OSE [site]. Disponível em <https://www.ose-france.org/wp-content/uploads/2021/04/Le-reseau-Garel-un-circuit-clandestin-de-sauvetage-defants.pdf>. Acesso em 27 jan. 2022.

¹⁷⁶ VALENTE, Márcio Barra, “A bondade entre a barbárie nos testemunhos do Holocausto”. In: *WebMosaica*. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, V. 7, n.1 (jan-jun), 2015, p. 57.

¹⁷⁷ KUSTIN, Sabina. *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto...* op. cit., p. 48.

Rolande Fichberg: Aconteceu que no dia do armistício, no dia que terminou a guerra, eu me deparei com aquela festa, todas as bandeiras, todo mundo gritando na rua, e todo o mundo feliz! E eu chorava, chorava... Não queria nunca que a guerra acabasse!

A guerra vai acabar e eu vou ter que voltar para a Bélgica. Eu não queria! Mesmo durante uma guerra, conseguia ser uma criança feliz, eu não queria mudar as coisas. Eu queria que continuasse.

E aí eu me lembro numa das cenas assim, que memorizei, que ficou até hoje na minha cabeça, foi eu sentada na ponta de uma mesa, uma mesa comprida que a gente almoçava, umas doze pessoas ali, e eu sentada com os pés para cá, e meu papi, abraçado assim chorando no meu colo, abraçado, ele chorando porque ele sabia que a gente ia também se separar. Ele sabia que o final da guerra, que a gente iria se separar. ROLANDE FICHBERG, 2016.¹⁷⁸

¹⁷⁸ FISCHBERG, Rolande Paule. Testemunho concedido pelas irmãs Mauricette Rozen e Rolande Paule Fischberg em conjunto com Madeleine Mansur à Silvia Lerner e Fernanda Capri, no. Câmera: Vitor Gomes. Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 16 abr 2016. Arqshoah/Leer-USP.

II. O BRASIL COMO COMUNIDADE DE DESTINO

2.1. A percepção infantil de um novo lugar

A expansão do nacional-socialismo na Alemanha através da ocupação de alguns países e anexação de várias regiões na Europa, África e Oriente Médio tornou os judeus ainda mais inseguros da sua condição de apátridas ou cidadão do mundo. Amedrontados e inseguros, viram-se obrigados a emigrar valendo-se das várias rotas de fuga em direção ao Brasil. Alguns nada ou pouco sabiam sobre o seu país de destino, entregando-se à própria sorte. Conjectura-se que algumas escolhas foram influenciadas por notícias propagadas por meio de cartas enviadas por conhecidos ou pelas instituições de ajuda mútua que se referiam ao Brasil como um país amigo, paradisíaco, onde poderiam viver em paz, sem grandes problemas, como ocorreu com as famílias Goldman e Morgenstern:

Devido aos fortes indícios de perseguições aos judeus na Polônia, e com base nas cartas de parentes e amigos que já tinham vindo ao Brasil, informando ser um país amigo, com facilidade de receber bem o imigrante, [...] meus pais decidiram imigrar para terras brasileiras, para Nilópolis, entre os anos de 1930 e 1932. GOLDMAN, 2011.¹⁷⁹

Um belo dia, meu pai recebeu uma carta dos seus irmãos relatando a vida no Brasil, e convidando-o a vir morar com eles. Na carta, eles contavam que moravam perto do Rio de Janeiro, num lugar bom e saudável, onde existia um Centro Cultural Judaico, uma boa sinagoga e escola israelita para as crianças. O iídiche era falado abertamente e o medo não assolava ninguém. O lugar paradisíaco chamava-se Nilópolis. Aconselhavam-nos a vender tudo e vir com a família juntar-se a eles. Na Polônia, a crise era constante e o medo do nazismo crescente apavorava os judeus. Meu pai achou por bem ouvir o conselho dos irmãos e ir viver em paz no mundo novo, no Brasil. Com dinheiro no bolso e endereço decorado chegamos ao cais do porto do Rio de Janeiro, onde nossos tios nos esperavam. Fomos diretamente para Nilópolis. MORGENSTERN apud LONDON, 1999.¹⁸⁰

Essas informações auxiliaram na construção de uma imagem falseada do Brasil mundo afora, na qual o território brasileiro era representado como um dos países onde os imigrantes de várias origens, nacionalidades e crenças não viviam em desavenças, sem ter sua etnia ou crenças questionadas pelos brasileiros. Instigados pela esperança de dias melhores, o Brasil

¹⁷⁹ Testemunho de Isack Goldman concedido à Fernanda Capri para a dissertação de Mestrado intitulada como *Nilópolis e as Memórias Judaicas* (2012). Neste estudo, analisa-se as memórias dos judeus que viveram em Nilópolis, região da Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro. Entrevistadora, câmera e transcrição: Fernanda Capri. Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 2011.

¹⁸⁰ LONDON, Esther. *Vivência judaica em Nilópolis*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, p. 106-107.

recebeu um contingente significativo de apátridas judeus que deixaram o “velho continente” em busca de novas terras. Fugindo das perseguições nazifascistas e da intolerância antissemita, aventuraram-se em busca da liberdade de ser e estar no mundo. Segundo Sydenham Lourenço Neto (2008)¹⁸¹, durante esse período, mais de 50 mil judeus emigraram para o Brasil, sendo a maioria proveniente da Europa Oriental. Soma que corresponde a mais de 50% da entrada total de judeus imigrantes no Brasil desde 1872, sendo considerada pelo autor como o auge da imigração judaica.¹⁸²

Carlos Alberto Póvoa(2007)¹⁸³, por sua vez, afirma que o total apurado pelas agências judaicas foi bem menor, conforme podemos verificar na tabela abaixo. Uma das prováveis causas para um quantitativo divergente exposto pelos estudiosos pode ter sido pela falta de documentos desses imigrantes ou por informações falsas usadas como subterfúgio para se protegerem de possíveis perseguições. Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, estas diferenças somente podem ser confirmadas através da documentação arquivada por estas agências, pois muitos entraram com vistos de católicos com o objetivo de driblar as normas impostas pelas Circulares Secretas.¹⁸⁴

Tabela 2 – Imigração geral e judaica. Brasil, décadas de 30 e 40

Períodos	Geral	Judaica
1930-1939	332.768	22.452
1940-1949	114.085	8.512
Total	446.853	30.964

Fonte: PÓVOA, 2007, p. 134.¹⁸⁵

Retomando a questão da escolha do local, estima-se que a possibilidade de viver livremente em território brasileiro¹⁸⁶, presumivelmente, estava ligada, de certa maneira, à

¹⁸¹ LOURENÇO NETO, Sydenham. “Imigrantes judeus no Brasil, marcos políticos de identidade”. In: *Locus – Revista de História*. Juiz de Fora, v. 14, n. 2, 2008, p. 223-237.

¹⁸² *Ibid.*, p. 228.

¹⁸³ PÓVOA, Carlos Alberto. *A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo – SP: a migração do Bom Retiro ao Morumbi*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade São Paulo (USP). São Paulo, 2007.

¹⁸⁴ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cidadão do Mundo: O Brasil diante do Holocausto e dos Judeus Refugiados do Nazifascismo...* op.cit.

¹⁸⁵ PÓVOA, Carlos Alberto. *A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo – SP: a migração do Bom Retiro ao Morumbi...* op. cit., p. 134.

¹⁸⁶ A comunidade judaica no Brasil é a segunda mais relevante da América Latina, a maior está na Argentina, conta com aproximadamente 120 mil judeus entre os 204 milhões de brasileiros, ou seja, 0,06% da população. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo de 2010*. Disponível em Tabela 1.4.1 – População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião - Brasil - 2010; Censo Demográfico

política de “branqueamento” da população endossada pelos governos Vargas e Dutra que privilegiavam a entrada de europeus. Desde o século XIX, países europeus como França, Itália, Inglaterra e Alemanha foram considerados como centros irradiadores da cultura e civilização. Segundo Helena Lewin, nas décadas de 1930 e 1940, ainda se considerava a questão da “pureza da raça” como um requisito indispensável para a incorporação definitiva do Brasil ao conjunto dos países tidos como civilizados.¹⁸⁷ Tanto assim que ideário eugenista que inspirou a política imigratória brasileira e a Constituinte de 1934, influenciaram na aprovação de um sistema de cotas imigratórias que privilegiava o imigrante europeu, católico e agricultor. Assim, este processo seletivo deveria contribuir para o embranquecimento da população nacional pautado no conceito de pureza da raça:

A pureza deveria retratar a nova cidadania em construção – ou a nova ordem. Esse imigrante era considerado fator essencial para a desejada abundância econômica e, ao mesmo tempo, partícipe da construção do novo fenótipo nacional – o branco – e seu papel branqueador [...] Portanto, esse “de fora” era o imigrante ideal, ajustado e colaborador, aquele que não demolia e nem ameaçava a ordem vigente.¹⁸⁸

Os pré-requisitos quanto ao fenótipo do imigrante ideal para o Brasil são, acima de tudo, resultado de uma série de acontecimentos que influenciaram o *modus vivendi* que foram mudando as condições de recepção de imigrantes no país ao longo dos anos 30. Frente a essa questão podemos afirmar que no Brasil, em um primeiro momento, a questão religiosa parecia secundária diante da importância que se atribuía à cor da pele. Mas, se analisarmos de modo crítico através das pesquisas de Tucci Carneiro, verificaremos que o Estado brasileiro adotou cotas de imigração instituídas pela Constituição de 1934 e aplicou, entre 1937-1949, um conjunto de circulares secretas antissemitas restringindo a entrada dos refugiados do nazismo no Brasil.¹⁸⁹

Assim, o governo brasileiro mascarava sua verdadeira política imigratória, que ora oscilava entre o diálogo democrático e o monólogo autoritário, tornando-a seletiva quanto aos potenciais imigrantes judeus que estavam entre os grupos considerados indesejáveis. Salvo

2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Acesso em 08 fev. 2019; SCHWARTZMAN, Simon. Fora de foco: diversidade e identidades étnicas no Brasil. In: *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo: CEBRAP, n. 55, nov. 1999, pp. 83-96.

¹⁸⁷ LEWIN, Helena, “Intolerância às minorias: o judeu como estrangeiro”, In: LEWIN, Helena (org.). *Judaísmo e modernidade*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, p. 674.

¹⁸⁸ *Ibid.*, p. 681.

¹⁸⁹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Legado dos artistas refugiados do Holocausto no Brasil” In: *Ciclo de Seminário sobre a Imigração*. São Paulo: Ed. Mayaanot, 2017, p. 84.

KOIFMAN, Fabio. *Imigrante Ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941- 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

algumas exceções, nem sempre se privilegiava os refugiados do nazifascismo, apesar de a maioria ter nível superior e formação acadêmica. Entre junho de 1937 e 1950, Vargas e Dutra recorreram a um conjunto de Circulares Secretas como uma forma de ocultar sua política imigratória seletiva e antissemita. Nesse período, o país vivenciou o auge das tendências nacionalistas xenófobas, fazendo recrudescer a associação entre imigrante e agitador, desdobrando-se, no caso dos judeus, na correlação entre comunismo e judaísmo.¹⁹⁰

Muito além do imaginário social, o antissemitismo no caso brasileiro tornou-se institucionalizado e cuja direção levou a políticas imigratórias de longa duração que prejudicaram os judeus. Formou-se no pensamento dos homens de poder um mito de conspiração judaica caracterizado pela ignorância, confusão e a oposição a toda evidência real.¹⁹¹

Um dos exemplos dessas posturas discriminatórias foram intelectuais católicos ligados ao Centro D. Vital e à revista *A Ordem*, dedicados a promover a cristianização da população e a luta contra o comunismo¹⁹², coincidindo com a política governamental de Vargas¹⁹³ e as teses do movimento integralista de que estava em curso um complô judaico-comunista.¹⁹⁴ Trata-se de um mito alimentado pela cultura popular e erudita o qual viveu no imaginário coletivo, cuja característica era a persistência do pensamento antissemita secular, que alimenta discursos de ódio.¹⁹⁵

Sobre esse aspecto, o documentário *Novos Lares – Judeus de Nilópolis*, dirigido por Radamés Vieira (2009)¹⁹⁶, apresenta o relato de Frida Buksman que se recorda de uma questão que ficou bem marcada em sua lembrança: a perseguição aos comunistas. Ser comunista era uma postura condenada pelas autoridades, que deveria ser repreendida; caso contrário, se enfrentaria sérios problemas. Segundo Buksman, no Brasil existia “uma

¹⁹⁰ BARBOSA, Renata Mazzeo. *Judeus em tempos de guerra: a comunidade judaica e os “súditos do eixo”*. São Paulo: Humanitas/FAPESP: Proin, 2011, p. 17-27.

¹⁹¹ WIAZOVSKI, Taciana. *O mito do complô judaico-comunista no Brasil: gênese, difusão e desdobramentos (1907-1954)* São Paulo: Humanitas, 2008, p. 16-17, 22-23, 230.

¹⁹² No Brasil, costumava-se classificar de forma errônea o indivíduo russo como comunista. GRÜN, R. Construindo um lugar ao sol: os judeus no Brasil. In: FAUSTO, B (Org.). *Fazer a América: imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 371.

¹⁹³ Em dezembro de 1930, Getúlio Vargas assina um decreto que impõe uma limitação a imigrantes, procurando controlar sua entrada desordenada. Nesse mesmo decreto, estabelece-se que as empresas são obrigadas a terem pelo menos dois terços de empregados brasileiros natos. PETRONE, M. T. S. Imigração. In: FAUSTO, Boris (org.). *A história geral da civilização brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930). Tomo III. Vol. 2. 4ª edição. São Paulo: Bertrand Brasil, 1990, p. 97.

¹⁹⁴ Movimento autoritário de direita capitaneado por Plínio Salgado, cuja inspiração está mais próxima do fascismo italiano do que do nazismo alemão, e possui raízes no catolicismo tradicional brasileiro. Contudo, essa corrente nunca ameaçou nem se desenvolveu tão profundamente no Brasil. GRÜN, R. op. cit., p. 374-375.

¹⁹⁵ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Dez Mitos Sobre os Judeus...* op.cit.

¹⁹⁶ VIEIRA, Radamés (Dir.). *Novos lares – judeus de Nilópolis*. Brasil: ProSol, 2009 – 71 minutos.

liberdade incondicional para tudo! Só tem uma coisa você não pode ser... Comunista é a única coisa que você não pode ser... Ficou na minha mente...”¹⁹⁷

Neste documentário, o integralismo também é lembrado pelos entrevistados Esther London, Daniel Kleinberg, Alberto Sznajderman e Célia Baumwol que, assim como Buksman, ficaram preocupados com a possibilidade de os fascistas instalarem-se no Brasil. Ficaram com medo, principalmente, por identificar brados, saudações e rituais inspirados no nazismo.

Esther London: Quando começou.... como é mesmo o nome? Quando começou o integralismo, aí a gente começou a ver muita gente de camisa verde e ficou com medo.¹⁹⁸

Daniel Kleinberg: [...] Recordo-me também de que houve levante contra a colônia judaica... Eles correram ao nosso antigo deputado Getúlio Moura que resolvia essa situação das perseguições que vinham aqui. Inclusive, teve épocas em que eles manchavam a frente das lojas com piche.¹⁹⁹

Alberto Sznajderman: [...] Os integralistas pichavam as casas... Eu me lembro de que meu irmão fazia parte dessas... Não eram guerrilhas... que tomavam conta das casas para ninguém invadir e pichar.²⁰⁰

Célia Baumwol: [...] Mas para não saberem que eram de judeus, porque tinha o integralismo e eles passavam e atacavam, toda a vez tinha outro nome na minha loja... Alfaiataria Inglesa, Alfaiataria Americana... Quando [...] acabou o integralismo tinha lá no corredor da minha casa uma porção de tabuletas.²⁰¹

Em uma conversa com Frida London este mesmo assunto foi abordado. Na sua opinião, a imigração judaica foi, por antecipação, “condenada pelo integralismo”:

No tempo do integralismo enquanto se podia desenvolver uma política contra os judeus, eles aplicavam. Havia um serviço de alto-falante dos integralistas instalado na frente da porta da loja do meu pai, que anunciavam a situação do integralismo. Condenando a nossa imigração. FRIDA KLEINBERG LONDON²⁰².

¹⁹⁷ FRIDA BUKSMAN apud VIEIRA: 2009.

¹⁹⁸ ESTHER LONDON apud VIEIRA: 2009.

¹⁹⁹ DANIEL KLEINBERG apud VIEIRA: 2009.

²⁰⁰ ALBERTO SZNAJDERMAN apud VIEIRA: 2009.

²⁰¹ CÉLIA BAUMWOL apud VIEIRA: 2009.

²⁰² Testemunho de Frida Kleinberg London em conjunto com seu irmão Daniel Kleinberg, para minha dissertação intitulada como “NILÓPOLIS E AS MEMÓRIAS JUDAICAS” (2012) na qual fiz uma análise sobre as memórias dos judeus que viveram em Nilópolis, região da Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro. Entrevistadora, câmera e transcrição: Fernanda Capri. Rio de Janeiro, 16 dez. 2011 e 24 jan. 2012.

No entanto, os estudos de Maria Luiza Tucci Carneiro têm esclarecido que o antissemitismo presente no interior da AIB vingou com base em duas vertentes: “na visão de Gustavo Barroso e na imprensa integralista, fortalecendo a opção nacionalista proclamada por seus líderes”.²⁰³ Segundo Bruno Levi – que aportou no Brasil em 1941, então com 15 anos de idade – essas manifestações preocupavam os judeus que aqui aportavam fugindo das perseguições nazistas e ou fascistas:

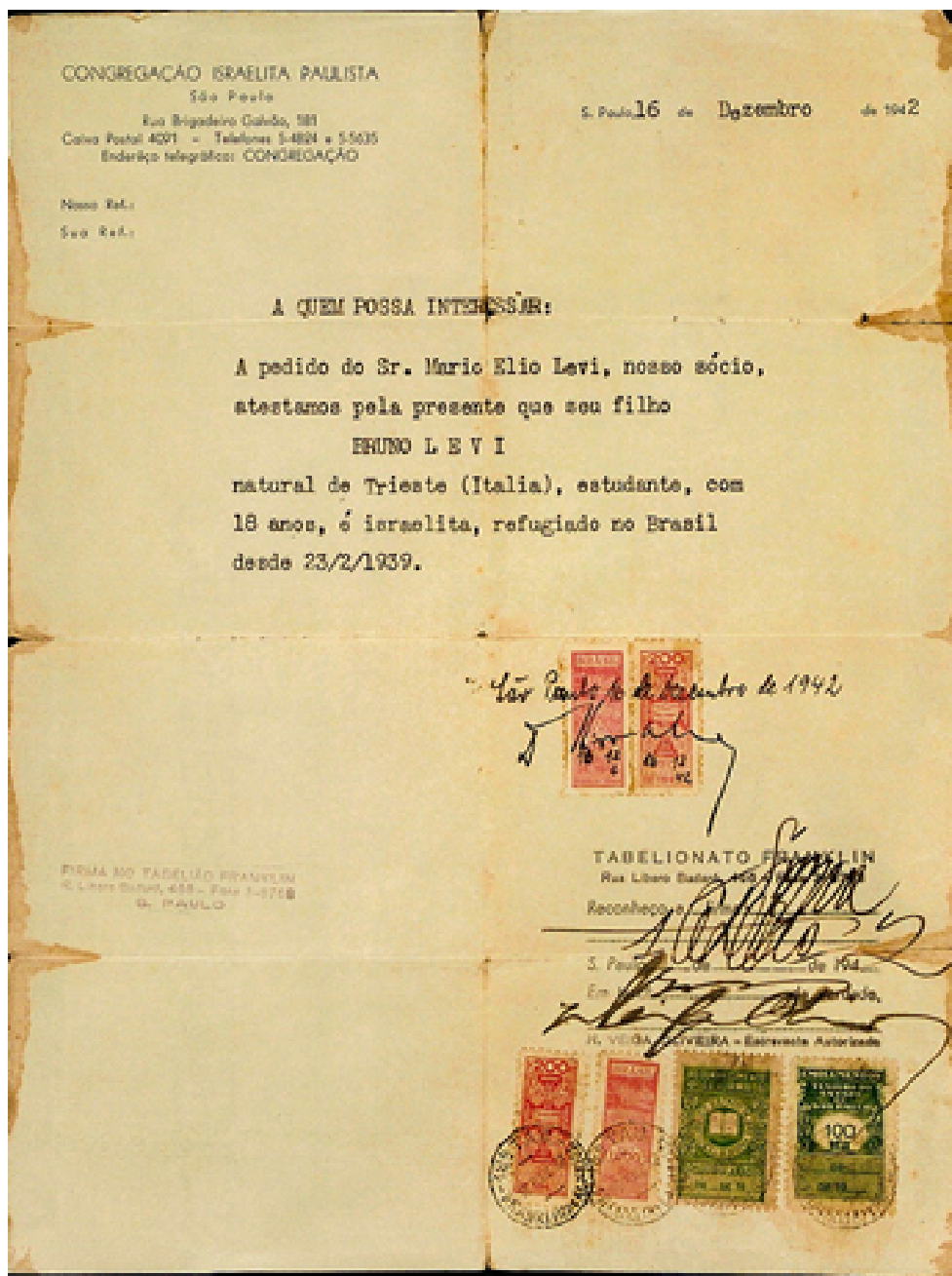
Acontecia de uma pessoa insultar a outra de diferentes nomes, mas nunca de “judeu”. Esse tipo de insulto vim conhecer aqui no Brasil.

[...] Na época de Getúlio Vargas, havia, aqui no Brasil, uma forte tendência em favor do Eixo endossando a tácita aliança com Mussolini e Hitler. Naquele momento, fazer qualquer crítica nesse sentido era muito perigoso. Com a entrada do Brasil na guerra ao lado dos aliados, a situação mudou completamente, invertendo-se para nós italianos residentes no Brasil: passamos a ser controlados pelo Deops/SP por sermos italianos. Lembro-me de que devia sempre carregar comigo um documento, fornecido pela Congregação Israelita Paulista (CIP), no qual constava que eu era um “refugiado por perseguições religiosas, apesar de ser italiano”.

[...] Quando íamos viajar para Santos, por exemplo, tínhamos que ter um salvo-conduto que era retirado na polícia. Éramos considerados “súditos do Eixo”. Imagine só... contradições e injustiças!!²⁰⁴

²⁰³ MAIO; CALAÇA, apud, CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Rompendo o silêncio: a historiografia sobre o antissemitismo no Brasil*. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.13, n. 18, 1º sem. 2012, p. 87.

²⁰⁴ Bruno Levi compara a Itália antes de Mussolini ceder à pressão alemã e promulgar as leis raciais no país ao Brasil, onde ele sua família se estabeleceram em 1939 fugindo das perseguições do governo italiano. Sua fala também aborda a postura controversa e excludente do governo brasileiro. Testemunho de Bruno Levi, In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel. *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil: 1933-2017* / Maria Luiza Tucci Carneiro, Rachel Mizrahi, organizadoras – S. Paulo : Maayanot, 2017. – (Coleção Vozes do Holocausto, v. 1), p. 156 a 165.



41. Salvo-conduto de Bruno Levi, italiano refugiado no Brasil. São Paulo, Brasil, 16 dez. 1942. Acervo Arqshoah/Leer-USP, São Paulo, Brasil

Apesar do cenário autoritário e antissemítico do governo Vargas (1930-1945), várias levadas de refugiados judeus conseguiram desembarcar no Brasil a partir da ascensão de Hitler ao poder em 1933. Centenas deles foram obrigados a ocultar sua condição judaica, como por exemplo, apresentando-se como católicos ou forjando uma profissão aproveitando-se de algumas habilidades profissionais em demanda no país.

Outros, sem opção, ingressaram com vistos de turistas, tendo que comprovar a posse de passagens de ida e volta. Até 1936 era possível apresentar uma “carta de chamada” através

de algum conhecido já estabelecido no Brasil. Outra forma de driblar a fiscalização imigratória brasileira era conseguir um visto com a ajuda de algum funcionário ou diplomata das embaixadas ou consulados brasileiros no exterior.

Josek Boruck Czernina

Colonie

17.11.33

Pessoas Chamadas

Nome	Data	Idade	Sexo	Profissão	Estado Civil
<i>Josek Czernina</i>	<i>17.11.33</i>	<i>35</i>	<i>M</i>	<i>Engenheiro</i>	<i>Casado</i>
<i>Wanda</i>	<i>17.11.33</i>	<i>32</i>	<i>F</i>	<i>Costureira</i>	<i>Casada</i>
<i>Janina</i>	<i>17.11.33</i>	<i>13</i>	<i>F</i>	<i>Aluna</i>	<i>Solteira</i>
<i>Wladyslaw</i>	<i>17.11.33</i>	<i>10</i>	<i>M</i>	<i>Aluno</i>	<i>Solteiro</i>
<i>Agata</i>	<i>17.11.33</i>	<i>8</i>	<i>F</i>	<i>Aluna</i>	<i>Solteira</i>

Josek Boruck Czernina

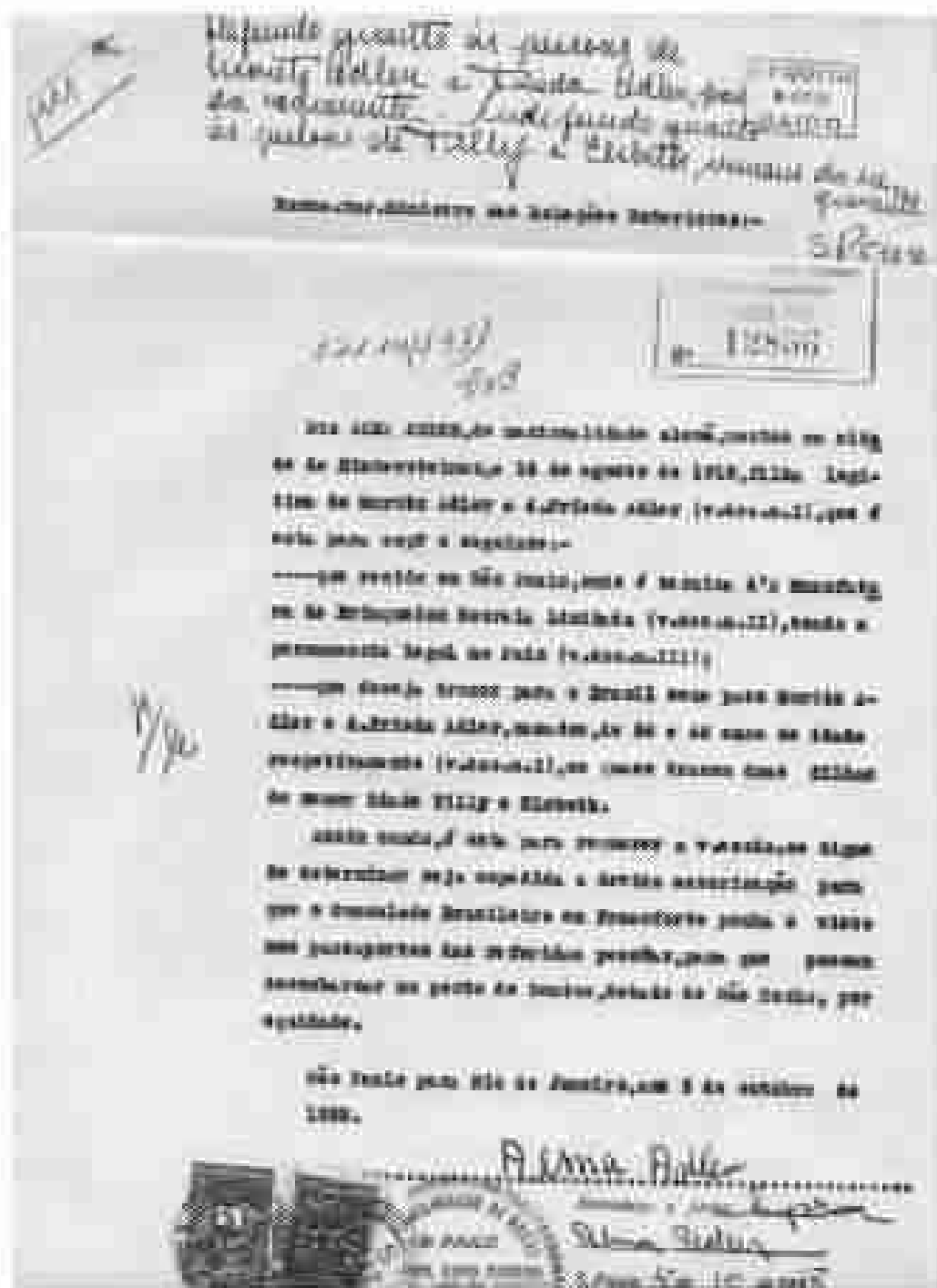
17.11.33

Nome	Data	Idade	Estado Civil

42. Carta de Chamada, escrita por Josek Boruck Czernina para sua esposa e filhos. Rio de Janeiro, 17 nov. 1933. Acervo *Fizel Czerina/SP*, Brasil.

Inúmeras táticas foram utilizadas pelos refugiados judeus que optaram pelo Brasil como país de acolhimento, sem muitas escolhas. Alguns foram obrigados a embarcar sozinhos, deixando na Alemanha sua família com o risco de serem todos presos e deportados

para os campos nazistas. Assim ocorreu com Mario e Alma Adler que tiveram os vistos de seus familiares indeferidos pelo Ministério das Relações Exteriores.²⁰⁵



43. Requerimento de Alma Heimann Adler, funcionária da Indústria de Brinquedos Estrela, solicitando autorização de visto ao Itamaraty para seus pais Moritz e Frieda Adler (deferidos) e Tilly e Elbeth, menores de idade (indeferidos). São Paulo, 5 out. 1938, Doc. 511.14 (393). Acervo AHJ/RJ; Arqshoah/Leer-USP, Brasil.

²⁰⁵ Testemunho de Mario Adler e Joel Claudio Heiman. In: Testemunho de Bruno Levi, In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel. *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil: 1933-2017* / Maria Luiza Tucci Carneiro, Rachel Mizrahi, organizadoras – S. Paulo : Maayanot, 2018. – (Coleção Vozes do Holocausto, v. 3), p. 29 a 40.

Nos testemunhos registrados por mim ou pelos pesquisadores Arqshoah, estas passagens são sempre relatadas com detalhes, expressando bem os medos e as dificuldades para se conseguir os vistos, como podemos ler nos fragmentos citados a seguir. São lembranças de Marguerite Hirschberg, Karl Lieblich, Ruth Sprung Tarasantchi²⁰⁶ e Bruno Levi, então com 9, 42, 13 e 15 anos respectivamente.

Marguerite Hirschberg: Em Paris, tinha o bispo que era tio de judeu. O bispo ainda não era bispo, ou era, sei lá. E ele escreveu para todo mundo que éramos católicos, quer dizer, assim entrei no Brasil como católica. MARGUERITE HIRSCHBERG, 2017.²⁰⁷

Karl Lieblich: [...] Lieblich continuou procurando outras possibilidades para sair da Alemanha, tanto em países da Europa [...] nos Estados Unidos, onde se encontrava quando partiu pela primeira vez em direção ao Brasil, em fevereiro de 1937, usando um visto de turista. Antes disso, enquanto estive na Suíça, Lieblich decidiu aprender o ofício de gráfico, já que estava claro que não poderia exercer suas anteriores atividades em nenhum país estrangeiro. Uma vez no Brasil, viu a possibilidade de poder instalar-se no país com sua nova profissão, já que à época eram outorgados alguns vistos para imigrantes com formação técnica e condições financeiras que não tivessem que depender da assistência do governo brasileiro. Lieblich viu

²⁰⁶ Ruth Sprung Tarasantchi nasceu no dia 25 de outubro de 1933 na cidade de Sarajevo, hoje Bósnia Herzegovina, ex-Iugoslávia. Filha de Rudolf Sprung e Paula Dohan Sprung, que tiveram outra filha, Rachele Sprung, nascida em 1937. Seu pai era médico e após o casamento retornou para sua cidade, Bugojno, onde abriu seu ambulatório e construiu uma casa para a família. Ao estourar a Segunda Guerra Mundial, o pai teve que servir no Exército iugoslavo. Foram os iugoslavos antissemitas que começaram a perseguir a pequena colônia sefardi de Bugojno. Em 1941, a família achou que havia chegado a hora de fugir da cidade. Aos poucos foram para Sarajevo. O primeiro a fugir para Split, na Croácia, foi o seu pai que depois enviou documentos falsos para o resto da família. Split na época estava sob o regime do governo italiano que resolveu levar as famílias judias para a Itália. Os Sprung foram embarcados em um navio em 2 de dezembro de 1941. Depois de uns dias chegaram a Trieste, na Itália, e após levados de trem para Castelnuovo Don Bosco, um vilarejo próximo à cidade de Torino. Esta foi uma viagem de trem onde os homens ficaram algemados. As mãos de seu pai incharam, mas quando sua mãe pediu, os soldados soltaram as algemas. No vilarejo ficaram confinados: não podíamos sair. Recebiam algum dinheiro do governo italiano para comprar comida. Em 1943, Mussolini resolveu enviar os prisioneiros que estavam espalhados pelos vilarejos do norte da Itália para o campo de concentração de Ferramonti. Levados de trem para o sul da Itália, perto de Cosenza, na Calábria onde, depois de algum tempo, apareceram caminhões com soldados ingleses e foram liberados. Os Sprung decidiram ir de trem até Messina. Atravessaram o estreito e passaram de barco para a Sicília e de lá em um caminhão foram parando até chegar a Palermo. A guerra continuava, mas quando Roma foi liberada a família se mudou para lá em 30 de agosto 1945. Por infelicidade, na época a Itália estava disputando a cidade de Trieste com a Iugoslávia e os refugiados passaram a ser discriminados. Enquanto isto, perderam a cidadania Iugoslava por não terem retornado à antiga pátria. Agora eram apátridas e a situação piorava para os refugiados iugoslavos. Seu pai começou a procurar um país para emigrar. Tentaram a Austrália sem sucesso, até que seu pai soube que em Florença havia uma consulesa do Brasil que dava vistos! Ele foi de trem e a consulesa deu visto de entrada permanente para o Brasil. Entretanto, como na época o Brasil não aceitava médicos, no documento do seu pai ela raspou a palavra “médico” e escreveu “farmacêutico”. No dia 6 de março de 1947, saíram de Roma para Gênova, onde embarcaram rumo ao Brasil no navio Philippa, um navio velho e enferrujado, Desceram no Porto de Santos. Hoje Ruth possui nacionalidade brasileira. TARASANTCHI, Ruth Sprung. São Paulo, 05 ago.2017. Pesquisas complementares: Blima Lorber e Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno. Projeto *Vozes do Holocausto*. Arqshoah/Leer-USP.

²⁰⁷ HIRSCHBERG, Marguerite. op.cit.

então uma possibilidade de converter seu visto de turista em visto de imigrante e trazer sua família. A opção pelo Brasil estava decidida.

[...] A sua etapa da travessia estava concluída, mas ainda restava trazer Olga e as três filhas mais novas [...]

Para trazer sua família, no entanto, o governo brasileiro exigia um documento denominado “carta de chamada” e uma declaração juramentada que garantisse que o residente no Brasil poderia sustentar financeiramente aqueles que estava “chamando”. Uma vez de posse de ambos os documentos, Olga tentou obter o visto por meio do consulado do Brasil em Hamburgo, mas foi negado. Com a ajuda do cunhado, Max Lazare, líder da comunidade judaica na Alsácia, conseguiu contatos que a conduziram ao embaixador do Brasil na França, Luiz Martins de Souza Dantas, que proporcionou os vistos necessários. Depois de uma travessia difícil, finalmente Olga e as três filhas mais novas dos Lieblich chegaram ao porto de Santos em 12 de julho de 1938, no vapor *Almanzora*. KARL LIEBLICH²⁰⁸

Ruth Sprung Tarasantchi: O primeiro colégio foi o Santa Inês, recomendado pelas freiras de Roma, onde estudei. As freiras deste colégio desconfiavam de que eu não era católica e todos os dias, na hora do recreio, uma delas me levava para rezar na capela. Chegamos aqui católicos, e meu pai ainda não sabia como seríamos aceitos como judeus. Ainda com medo da perseguição me aconselhava para não dizer que era judia e sim católica.

Um tempo depois conheci jovens judeus que me convidaram para entrar no Dror. Meu pai, assustado, soube que eles poderiam ser de esquerda e me obrigou a deixar o grupo que eu tinha adorado. RUTH SPRUNG TARASANTCHI²⁰⁹

Bruno Levi: [...] Resolvemos então emigrar para o Brasil. Arranjar os vistos era algo muito complicado, pois a entrada no Brasil era dificultada por Circulares Secretas em vigor desde 1937. Foi preciso que meu tio, Carlos Alberto Levi, gerente da *Assicurazione Generali* de Gênova, fizesse um “arranjo” com o cônsul brasileiro local para conseguir os nossos vistos, mas não conheço detalhes desses trâmites. Sei apenas que foi essa mesma companhia que providenciou a transferência de Carlos Alberto para o Rio de Janeiro, onde passou a atuar como gerente da filial da *Assicurazione*.

[...]Partimos de Gênova em fevereiro de 1939, a bordo do vapor Conte Grande, em direção ao porto de Santos onde desembarcamos em 23 de fevereiro de 1939. BRUNO LEVI²¹⁰

Viajando de navio, a principal porta de entrada destas crianças acompanhadas de seus pais ou responsáveis, era pelos mais importantes portos de Brasil, tais como Santos e Rio de Janeiro. A maioria, em plena fuga, havia partido dos portos de Hamburgo, Gênova, Paris,

²⁰⁸ Testemunho de Eva Kordelia Lieblich Fernandes sobre a história de seu pai Karl Lieblich. In: Testemunho de Bruno Levi, In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel. *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil: 1933-2017* / Maria Luiza Tucci Carneiro, Rachel Mizrahi, organizadoras – S. Paulo : Maayanot, 2017. – (Coleção Vozes do Holocausto, v. 1), p. 81.

²⁰⁹ Ibid.

²¹⁰ Testemunho de Bruno Levi. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel. *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil: 1933-2017* / Maria Luiza Tucci Carneiro, Rachel Mizrahi, organizadoras – S. Paulo : Maayanot, 2017. – (Coleção Vozes do Holocausto, v. 1), p. 159 a 160.

Barcelona e Lisboa, muitas vezes distantes da sua comunidade de origem, conforme tabela abaixo:

Tabela 3 – Portos de embarque e desembarque das crianças refugiadas no Brasil

Nome e idade	Nacionalidade	Embarque		Desembarque		
		Local	Data	Local	Data	Embarcação
Blanka Tredler Arditte, 15 anos	Polonesa	Antuérpia	02/01/1951	Rio de Janeiro	16/02/1951	Alex Von Opstal
Jorge Tredler, 12 anos	Polonês	Antuérpia	02/01/1951	Rio de Janeiro	16/02/1951	Alex Von Opstal
Fany (Feiga) Goldwasser, 20 anos	Polonesa	Paris	23/12/1948	Rio de Janeiro	24/01/1949	Não consta
Rafael Zimetbaum, 12 anos	Belga	Lisboa (visto diplomático de Vichy)	Não consta	Rio de Janeiro	10/06/1941	Santarém do Loyde
Madeleine Mansur, 7 anos	Belga	Paris	Não Consta	Rio de Janeiro	24/03/1947	Desirade
Izabela London, 5 anos	Belga	Barcelona	08/03/1946	Rio de Janeiro	01/04/1946	Cabo de Hornos
Mauricette Rozen, 10 anos	Belga	Paris	Não Consta	Rio de Janeiro	24/03/1947	Desirade
Izrael Fajfer, 19 anos	Polonês	Paris	07/02/1946	Rio de Janeiro	01/04/1946	Cabo de Hornos
Marguerite Hirschberg, 16 anos	Alemã	La Paz	12/04/1950	Rio de Janeiro	18/04/1950	PP-PCM
Thomas Venetianer, 10 anos	Checoslovaco	Praga	06/04/1948	Santos	29/06/1948	Não consta
Rafael	Romeno	Israel	Não consta	Não consta	1955	Não consta

Teitelbaum, 28 anos						
Adam Getlinger, 9 anos	Austríaco	Estocolmo	03/05/1947	Rio de Janeiro	02/06/1947	SE-BRA
Louis Frankenberg, 10 anos	Holandês	Amsterdã	28/05/1947	Rio de Janeiro	05/05/1947	PH-TAS
Rolande Fichberg	Belga	Paris	Não Consta	Rio de Janeiro	24/03/1947	Desirade
Mina Carakushansky	Romena	Venezuela	Não Consta	Rio de Janeiro (aeroporto)	19/06/1961	Não consta
Chaja Reiss Frinkelstein	Alemã	Paris	24/11/1948	Rio de Janeiro	22/12/1948	Kergulen

Fontes: Elaborado pela autora com base nos testemunhos registrados. Arqshoah/LEER-USP.

Essas viagens eram longas e, nem sempre, os processos de adaptação foram fáceis. A maioria das crianças viajava acompanhada de seus pais, cujos passaportes traziam as marcas de apátridas, “Sara” ou “Israel” ou o **J** vermelho se alemães. Ficaram as lembranças de que todos estavam apreensivos e inseguros diante da incerteza se conseguiriam entrar no país e (sobre)viver em terras brasileiras.²¹¹ Somado a tudo isso, contava a falta de documentação pessoal original (confiscada pelos nazistas), pouco ou nenhum recurso para recomeçarem a vida e sem perspectiva de trabalho. Ao desembarcarem em terras brasileiras, outras dificuldades apareciam ao constatarem as diferenças culturais e climáticas.

Nem sempre as crianças percebiam o desmoronar das utopias que, até então, haviam alimentado as esperanças dos seus pais. O “Fazer a América” sempre fez parte do imaginário dos imigrantes e dos refugiados que sonhavam encontrar ouro que jorrava do solo, imagens típicas de um verdadeiro “Eldorado nos trópicos”. Aos poucos, pela experiência dos mais adultos, essa idealização saía de cena, empurrada pela face cruel das condições concretas de vida nas Américas. O Brasil transformava-se num terreno de lutas cotidianas pela

²¹¹ Ocorreram episódios que marcaram o período, como o acontecido as vésperas da Segunda Guerra Mundial e já durante o conflito, quando nos portos do Rio de Janeiro formou-se um palco de dramas nos quais as autoridades no porto da Capital impediram individualmente e em alguns casos, como em 1941, proibiram navios inteiros de desembarcar seus passageiros identificados como judeus, como ocorreu com o navio em que estavam as irmãs Rozen e sua prima Madeleine Mansur.

sobrevivência, cujas dificuldades nem sempre eram superadas. Em alguns casos, os recém-chegados contavam com o apoio das instituições judaicas que lhes davam suporte de adaptação e inserção na comunidade de acolhimento, como por exemplo a CIP e B'nai B'rith em São Paulo e a ARI no Rio de Janeiro.²¹²

Segundo Roney Cytrynowicz, as instituições judaicas em São Paulo e no Rio de Janeiro, acompanhando o desenrolar da guerra na Europa, formaram comitês de ajuda aos refugiados assistidos pela JOINT. Na sua opinião, durante a guerra, esta atividade assistencial logo “confundiu-se com uma atividade política, pró-aliados, pró-entrada do Brasil na guerra e, sem muita dissimulação, pró-sionista, no sentido de defender um Estado próprio para os judeus refugiados do pós-guerra”.²¹³

O contato dos que chegavam fugindo do nazifascismo era a CIP, onde contávamos com a ajuda do rabino Fritz Pinkuss. Sempre houve esse sistema de ajuda fraterna. BRUNO LEVI²¹⁴

A partir destes testemunhos, vislumbramos um mosaico de aspectos que envolvem uma imigração para além do demográfico e político, fenômeno que segundo Abdelmalek Sayad também pode ser visto como um “fato social completo”, caracterizado, em primeiro plano, por um deslocamento de pessoas no espaço físico. No entanto, veremos que o deslocamento não é apenas físico, é também um espaço qualificado social, econômico, político e culturalmente.²¹⁵ Devemos considerar também que, para muitas daquelas crianças que vieram para o Brasil, o fenômeno de imigrar incluía de igual modo o sentimento de presença *versus* ausência, centrado na duplicidade do poder simbólico de se deslocar, de deixar seus pertences, seus amigos(as) e sua terra natal rumo ao desconhecido. No caso dos judeus, muitas vezes, aquele novo lugar transfigurava-se em um evento vital de significado particular: a sobrevivência.

Mais que isso, o ato de se deslocar demograficamente promove alterações psicológicas muitas vezes profundas, principalmente nas crianças que ainda não têm a consciência de espaço geográfico delimitado por fronteiras, culturas e povos distintos. Considera como “seu” lugar aquele que ela percebe, domina e por onde circulam as pessoas por quem tem afeição e

²¹² MALAMUD, Samuel. *Recordando a Praça Onze*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1988, p. 49.

²¹³ CYTRYNOWICZ, Roney, “Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial”, In: *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, V. 22, n. 44, 2002, p. 393-423. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 set. 2019.

²¹⁴ Testemunho de Bruno Levi, In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida : refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017...op.cit.*, p. 165.

²¹⁵ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. 1ª edição. São Paulo, Edusp, 1998, p. 15.

familiaridade. No entanto, ao ser forçada a deixar o seu lar, possivelmente onde nasceu, ela deixa para trás a sua escola, sua cidade natal, enfim paisagens que aprendeu a (re)conhecer durante a sua infância.²¹⁶

Ao iniciar a peregrinação por outros territórios, sozinha ou em companhia de familiares, a criança sente falta dos seus espaços e objetos. Não consegue entender as razões dessas perdas e, muito menos, a necessidade precipitada da fuga, deixando tudo para trás. Mesmo porque os fluxos migratórios são antes de mais nada movimentos de choque e colisão, ao mesmo tempo que envolvem estratégias de conciliação.

2.2. Estratégias de sobrevivência no novo mundo

Para preservar as suas vidas e a dos seus familiares perseguidos pela barbárie nazista em várias partes da Europa, milhares de judeus tiveram que lançar mão de artifícios para conseguir emigrar. Estas artimanhas, muitas vezes, significavam a deserção da coletividade comunal e cultural judaicas, uma vez que o Estado alemão não reconhecia o judeu como cidadão. Materializando a fragilidade dos valores humanos e a incerteza da vida espelhada na versão totalitária, os sentimentos xenófobos e o terrorismo do Estado recrudesceram o antissemitismo enquanto fenômeno político e social.²¹⁷

Segundo Bernardo Sorj, antes e durante o Holocausto o judeu viu sua base social ser destruída ficando impossibilitado de retornar a sua vida comunal. Talvez os adultos, muito mais que as crianças, passaram a viver como um “ser dividido”:

um ser dividido entre a identificação com o conjunto da sociedade e a consciência de poder ser cassado a qualquer momento em seus “privilégios”, entre a vontade de integração e participação social e a consciência de que sua sobrevivência depende de sua capacidade de autodefesa.²¹⁸

Distantes dos seus países de origem, o judeu refugiado do nazismo sentia-se “fora do seu lugar”. Recém-chegado no país de acolhimento, buscava por um espaço (urbano e social) no qual pudesse se (res)significar. À primeira vista, novos espaços se abriram para estes indivíduos, mas que nem sempre se sentiam seguros.

²¹⁶ _____, “O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante”. In: *Travessia*, 13 (número especial): 7-32, jan. 2000.

²¹⁷ SORJ, B., “Judaísmo pós-moderno e diáspora”, In: BONDER, N.; SORJ, B. *Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo [online]*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, pp. 70-89.

²¹⁸ *Ibid.*, p. 75-76.

Rejeitados pelo Estado alemão como indesejáveis à nova ordem social e política, viram-se constrangidos à expatriação. Valendo-se do trem, bicicleta, navio e até mesmo a pé, saíram em fuga, percorrendo caminhos desconhecidos permeados por outras tantas pessoas em trânsito, amedrontadas como eles. Trilhando novos territórios e cruzando o Atlântico, mal podiam imaginar como sobreviveriam em universos tão estranhos.

Logo, o desafio estava na reinvenção das suas identidades de forma a adequá-las ao novo mundo, cuja reconstrução exigia a apropriação de muitos não-lugares. Talvez, para as crianças e os mais jovens, o processo de percepção das novas paisagens e adaptação social tenham sido menos espinhosas, mas nem por isso inesquecíveis.

Considerando o universo infantil da criança judia – que aqui chegou como refugiada ou sobrevivente do Holocausto, ainda que não tivesse a dimensão deste conceito – o cerne da questão se faz centrado na adaptação a este nupérrimo mundo brasileiro formado por grupos étnicos tão plurais. Através das falas daqueles que eram crianças durante e após a guerra, registradas pela equipe Arqshoah, conseguimos perceber em suas lembranças as velhas e as novas paisagens. As ruas, calçadas, edifícios e praças de São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, eram vistos como espaços “estranhos” se comparados com aquele caos vivenciado na Europa, muitas vezes percebido apenas por seus pais.

Assim relatou Andor Stern ao recordar-se de Budapeste, revisitada logo após a guerra.

Na Europa era um caos total! Aí, chegamos, descemos do trem lá em Budapeste. Morava pertíssimo de uma estação de Budapeste [...]. Passei em frente da minha casa, paro lá. [...] um completo êxtase [...] toco a campainha, e aparece [...] Uma mulher, falei... morava aqui! Quem mora aqui sou eu, vai embora! Aí você ainda tem, [...] te ordenaram e você obedece. Vamos na casa de um amigo, que morava a uma esquina e meia lá, a casa dele, sem janela, sem porta sem nada. No dormitório tem um móvel daqueles de pendurar vestidos e casacos, com uma porta. Que era de duas portas. Mas até a porta gavetas tudo. Olhamos pra cá, olhamos pra lá. Ninguém nem parente, nem na moradia na frente. E nenhum parente dele. A gente ficou apavorado, viramos as costas e fomos correndo para a estação. ANDOR STERN, 2015.²¹⁹

Durante e após a guerra, muitas daquelas crianças, órfãs ou perdidas de seus familiares, ficaram sob os cuidados orfanatos, comitês de ajuda ou famílias dispostas a adotá-las. Assim aconteceu com Louis Frankenberg e sua irmã, órfãos, acabaram sendo adotados pela família Weil, de Porto Alegre (RS). Outras, ficaram vagando pelo mundo buscando por um espaço no qual pudessem reconstruir suas vidas. Para os apátridas – que haviam perdido

²¹⁹ STERN, Andor, op.cit.

seus direitos a uma pátria – o sentimento era de incerteza, como ocorreu aos irmãos Blima e Szyja Lorber.

Apátridas chegaram ao Brasil em abril de 1953, ambos com 4 e 2 anos, acompanhados de seus pais, após passarem por uma imigração frustrada, em La Paz na Bolívia.



44. Ficha Consular de Qualificação de Malka Lorber e filhos, Szyja e Blima, por ocasião da sua viagem para o Brasil. Emitida pela embaixada do Brasil em La Paz, em 1953. Acervos *Arquivo Nacional/RJ*; *Arqshoah-Leer-USP*, Brasil.

como tinham amigos na Bolívia, decidiram obter a permissão de entrada, com passaportes de refugiados emitidos pela Organização das Nações Unidas. Para viajar, a burocracia era imensa, necessitando de vários vistos, inclusive para os países em trânsito ou de permanência breve. Dizia-se, na época, que existiam dois tipos de país: de onde os judeus podiam partir e aqueles onde eles não podiam entrar... E foi assim: os vistos para a Bolívia foram obtidos no consulado em Bruxelas, na Bélgica; os de trânsito pela França e de curta permanência, de apenas cinco dias, emitidos pelo consulado em Frankfurt, na própria Alemanha; e os de trânsito temporário pela Argentina foram providenciados no consulado em Paris. Finalmente, partiram para a França de trem e embarcaram num navio rumo à Argentina e, após uma breve parada, rumo à Bolívia também de trem, onde se estabeleceram em La Paz, com a ajuda dos amigos. A adaptação foi difícil [...] não foram tempos tranquilos, houve novos sustos com revoluções e diversas situações. A complicada situação política, as constantes guerras civis e a ascensão ao poder do partido Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), simpatizante do nazismo durante a guerra, trouxeram sérias preocupações e fizeram com que muitos judeus decidissem ir embora.

[...] repensaram a escolha feita e acharam melhor seguir outro rumo, e escolheram o Brasil, e recomeçou a ciranda do aprender uma nova língua, viver uma nova cultura, buscar morada e trabalho para suprir as necessidades; esses foram alguns dos muitos desafios que enfrentaram.

A família Lorber Rolnik chegou ao Brasil em abril de 1953, com o mesmo passaporte para refugiados, o único documento que possuíam. Eram apátridas, embora nascidos na Polônia, para lá não poderiam retornar, em virtude dos acontecimentos. Aqui se sentiram mais seguros. Receberam auxílio da comunidade estabelecida para dar início à nova vida, pois muitos dos que desembarcaram, além de despojados de sua cidadania, vieram apenas com a roupa do corpo, sem quaisquer outros pertences. Estabeleceram-se no Bom Retiro, bairro São Paulo, onde se fixaram as famílias imigrantes de origem judaica.²²⁰

Os adultos, pelo menos, tinham como parâmetro, o judaísmo herdado de seus pais e avós desde a mais tenra idade. As crianças, no entanto, mal tiveram tempo para concluir seus estudos interrompidos pela imposição das leis antisemitas criadas pelo Estado alemão. Arrancadas de seus lares, foram levadas para os guetos e campos de concentração, deportados em vagões de trens para o transporte de animais, ou entregues aos cuidados dos orfanatos. Estas imagens nunca mais as abandonaram, conforme constatamos pelos seus testemunhos.

Daí a preocupação das famílias judias refugiadas no Brasil a partir de 1933 de garantirem um estudo superior aos seus filhos, a fim de que adquirissem conhecimentos que lhes proporcionasse um futuro melhor na sociedade adotiva. Para os pais de Isack Goldman, por exemplo, a proximidade da escola era essencial:

Meus tios moravam na Tijuca e meu pai achou que esta região facilitaria a formação dos filhos junto às universidades e faculdades, por isso nos mudamos para lá. ISACK GOLDMAN, 2012.²²¹

Com objetivo de garantirem os estudos para os seus filhos, os judeus refugiados foram obrigados a improvisar o seu ganha-pão, apesar de muitos terem formação superior e propriedades no país de origem. Como estrangeiros refugiados no Brasil não tinham seus diplomas reconhecidos, além de terem perdidos seus bens, confiscados pelo Estado alemão. Por terem vivenciado ao lado dos seus pais esta situação de instabilidade, a maioria dos nossos entrevistados fez questão de explicar que “apesar do seu pai ter uma profissão definida, ele preferiu trabalhar como *clienteltchik*”. Retomando suas lembranças, Frida Kleinberg London, sua tia Esther London, explicou no livro *Vivências judaicas em Nilópolis* (1999) o significado de “ser ambulante ou prestamista” no Brasil dos anos 30 e 40.²²²

²²⁰ Testemunho de Blima Lorber sobre a vida de seus pais Malka e David Lorber Rolnik, In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida* : refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017...op.cit., p. 203 a 222 e 245 a 264.

²²¹ GOLDMAN, Isack, op.cit.

²²² LONDON, op.cit., p. 73.

No entanto, todos que passaram por esta experiência (tanto pai como os filhos): enfatizam que este não era um trabalho fácil: um ambulante precisava caminhar longos percursos a pé carregando suas mercadorias nos ombros, batendo de porta em porta para oferecer os produtos aos futuros clientes. E além do mais, eles mal dominavam as principais palavras do idioma português. Além disso, havia outro agravante: como chefes de família e com filhos pequenos em casa, necessitavam arrecadar uma boa quantidade de dinheiro, ficando muitas vezes sem as refeições principais, por economia.

Ele falou que queria trabalhar, que queria ganhar dinheiro, pois tinha deixado uma noiva no seu país e gostaria de se casar com ela. E acabaram ajudando a ele, levando-o para o Saara e disseram-lhe “compra meia, lenço... Coisa barata... Você leva na mão e se alguém passar por você, pergunte “quer comprar?” Mas se você não conseguir conversar, entender tudo, você diz que é para vender... Se você encontrar com um patrício, ele vai te ajudar, irá conversar com você... E assim, papai ficou trabalhando... Um dia vendia um lenço, no outro dois lenços, um par de meias... A princípio ele teve ajuda, pois não tinha nada. [...] O café dele era um pedaço de pão com uma banana dentro e isso dava para o dia inteiro, ele só comia à noite quando chegava ao Asilo e o responsável dava-lhe um pouco de comida. [...] Passava num local onde tinham duas a três casas... Batia palmas e gritava “quer comprar?”. Nessa época ele já havia aprendido o português. Ia sempre a pé, porque não podia gastar dinheiro... Uma vida de muito sacrifício. FRIDA KLEINBERG LONDON, 2012.²²³

Para muitos, adultos ou crianças, estas trajetórias iniciais são sempre lembradas como uma grande conquista. Suas narrativas estão repletas de encantos e desencantos, pois nem sempre os resultados davam certo de imediato. Com isto, o modo como os refugiados construíram este “novo viver” extrapolou a dimensão física do espaço urbano, ao produzir uma rede de relações comerciais e sociais intensas. Expressiva desta trajetória é a história de Karl Lieblich²²⁴, narrada por sua filha Eva Kordelia Lieblich Fernandes, nascida em Stuttgart

²²³ LONDON, Frida Kleinberg, op.cit.

²²⁴ Karl Lieblich nasceu em Stuttgart (Alemanha), em 1 de agosto de 1895, em meio a uma família judaica proveniente da Galícia, região localizada entre a Polônia e o Império Russo. Os pais de Lieblich, Moritz e Anna, estiveram entre os primeiros judeus da Europa Oriental a se estabelecerem em Stuttgart em 1891, e fundaram um próspero estabelecimento de importação de ovos, refrigeração e fabricação de gelo, ao qual se referia orgulhosamente como “o primeiro da região de Württemberg”. Além de Karl, tinham mais duas filhas mais velhas, Dora e Gizella. Karl cedo já demonstrava inclinação para as letras e publicou em 1914, aos 19 anos, sua primeira coletânea de poemas. Quando ocorreu a Primeira Guerra, lutou como voluntário pela Alemanha. Em 1919 fundou com o amigo e líder político Gustav Seeger, o jornal *Die Tribüne. Eine Halbmonatsschrift für soziale Verständigung* [A Tribuna. Uma edição quinzenal para o entendimento social] do qual foi coeditor. O jornal era voltado a questões sociais e promovia discussões que buscassem superar os problemas causados pela derrota da Alemanha, na Grande Guerra. Graduou-se em Direito pela Universidade de Tübingen e casou-se com Olga Lieblich, sua prima de primeiro grau. Foi responsável pela tradução dos documentos para o comitê de defesa de Schwartzbard tendo provavelmente estado presente no julgamento em Paris. Escreveu inúmeros romances ao longo de sua vida. Inclusive um escrito em forma de carta aberta a Hitler intitulado como *Was Geschieht mit den Juden! Öffentlich Frage an Adolf Hitler* [O que acontece com os judeus! Pergunta pública a

em 6 setembro de 1925. Eva tinha 12 anos quando chegou ao Brasil pelo vapor *Almanzora* no porto de Santos, em 1938, acompanhada de sua mãe, Olga, e suas irmãs, Mirjam e Judith. Seu pai estava no Brasil desde fevereiro de 1936.

Karl Lieblich para se estabelecer no Brasil e, assim, buscar sua família decidiu mudar de profissão e passou a dedicar-se ao ramo gráfico, cuja técnica foi adquirida por meio dos estudos que realizou na Suíça.

Com as máquinas que importou [...], Lieblich montou finalmente sua gráfica em S. Paulo. Em termos técnicos, havia se preparado por meio dos estudos que realizou na Suíça. Também contou com pessoas ativas no meio, como Carlos Flues, também alemão, filho e sócio de Oscar Flues, proprietário da maior empresa de importação e fabricação de equipamentos gráficos no Brasil, a Oscar Flues & Cia, localizada em S. Paulo.

A gráfica [...] não resultou do modo esperado. No entanto, graças aos contatos que fez durante os anos iniciais de formação da empresa, Lieblich, [...], alterou o foco de seu negócio: dedicou-se à importação e representação de equipamentos gráficos fundando a Agrada Ltda. [...] pequena no início, venceu pelo árduo trabalho de seu dono, sua dedicação e seriedade conhecida. Dentro em pouco, a firma atraiu a atenção de grandes empresas americanas, inglesas, francesas e, finalmente, alemãs que a ela entregaram suas representações para o Brasil. Com o tempo, a Agrada se tornaria uma das maiores fornecedoras do mercado.²²⁵

Para aqueles que vieram adultos para o Brasil, como Olga e Karl Lieblich, pais de Eva Lieblich, o processo de integração na sociedade adotiva não foi fácil, exigindo abrir da qualidade de vida cultural e religiosa usufruída na Europa. Mesmo assim, procuravam preservar os seus valores judaicos, sem deixar de lado as características particularistas que os identificavam como judeus.

Fizel Czarsarina²²⁶ chegou ao Brasil com 11 anos e fez questão de deixar registrado para seus netos que para concluir o ginásio teve de assistir palestras promovidas por sua

Adolf Hitler] (Zonen Verlag, Stuttgart, 1932). Quando se iniciaram as perseguições e proibições aos judeus na Alemanha, Lieblich começou a planejar a busca por um lugar no mundo que pudesse significar segurança para ele, para Olga e suas quatro filhas. O primeiro destino foi a Colômbia, mas retornou à Alemanha em 1935. Durante o restante de 1935, 1936 e parte de 1937, Lieblich continuou procurando outras possibilidades para sair da Alemanha, tanto em países da Europa – Bélgica, França, Itália, Holanda, Suíça – quanto nos Estados Unidos onde se encontrava quando partiu pela primeira vez em direção ao Brasil, em fevereiro de 1937, usando um visto de turista. Para se instalar no país com sua nova profissão, já que à época eram outorgados alguns vistos àqueles cuja formação técnica e condições financeiras fossem interessantes sob o ponto de vista econômico as autoridades brasileiras. Desse modo, Lieblich passou de intelectual em Stuttgart a empresário paulista do ramo gráfico. Fonte: Testemunho de Eva Kordelia Lieblich Fernandes sobre a história de seu pai Karl Lieblich. In: In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida : refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017...*op.cit., p. 59-87.

²²⁵ Ibid., p. 83-84.

²²⁶ Fizel Czarsenia nasceu na cidade de Stopnica, na Polônia, em 2 de fevereiro de 1925. A cidade era um shtetl que não existe mais nos dias de hoje, pois foi totalmente destruída durante a Segunda Guerra, restando em seu lugar um posto de gasolina. Seus pais chamavam-se Josesk Baruck Czarsenia e Frymeta Czarsenia. Tinham mais

escola durante os sábados, pré-requisito para concluir sua educação formal, presença que entrava em choque com o preceito religioso judaico de se guardar os sábados.

[...] o comparecimento a essas conferências de todos os sábados era obrigatório, meu pai ficou aborrecido. Dizia que eu estava me afastando da religião. Minha mãe apaziguava, porque era pragmática. Mais liberal
[...] Meu pai era religioso, zangava-se porque sabia que eu comia não-kascher, mas não era pessoa de impor suas convicções aos outros. Por isso, continuei estudando.

[...] Sou o melhor judeu que consigo ser. Não sei se sou suficientemente bom, mas tento. Acredito que se pode ser um bom judeu sem ter fé e sem seguir os ritos da religião. Não jejuo no dia do Perdão e como carne de porco, pouca é verdade, porque acabei me convencendo de que não gosto de seu paladar.

[...] Apesar do meu ceticismo, sou profundamente judeu. Não resolvi adotar o judaísmo, ele brota de dentro de mim, e posso dizer que nunca tive problema de identidade. Olho o mundo com olhos de judeu.²²⁷

As narrativas daqueles que eram crianças durante a Era Nazista e que foram forçados a fugir da sua terra natal são sempre repletas de muita emoção e dúvidas. Suas lembranças sobre as comunidades de origem e de acolhimento (no caso o Brasil) são dispares e refletem a particularidade de cada um. Suas reflexões giram em torno das suas experiências e vivências que moldaram suas infâncias enquanto membros da comunidade judaica. Após o desembarque nos portos brasileiros, procuraram construir uma perspectiva de permanência no lugar e consolidar um novo estilo de viver. Importante observar que o sucesso para essas estratégias dependia do nível de compatibilidade dos seus padrões socioculturais europeus com aqueles observados, em um primeiro momento, na nova sociedade. Possivelmente, este processo de desenraizamento era muito mais difícil para seus pais e avós, com mais idade, que bloqueavam a possibilidade de renunciar às suas raízes europeias.

Estas incertezas nos ajudam a compreender a ocupação espacial e os múltiplos usos sociais que os judeus na Diáspora constituíram nos novos espaços urbanos. E para além,

três filhos (Ruchla, Jcek e Naftula) quando o pai decidiu partir em novembro de 1929 em busca de *parnusse* no Brasil. Viajou com a roupa do corpo deixando para trás Frymeta grávida quinto filho, que se chamaria Lejbucz. Com a partida do pai, Fiszel tomou o seu lugar como provedor da família, com apenas seis anos. Às vezes, seus avós paternos Szprintse e Kive, e Dov ajudavam como podiam, pois o dinheiro que pai enviava, cerca de 10 ou 15 dólares por mês através de uma ordem de pagamento pelo correio era pouco. Em Stopnica, a vida não era nada fácil, não tinham o necessário para se alimentar ou roupas adequadas, especialmente para o inverno. E no Brasil seu pai contava que a vida também era dura, trabalhava como *klienteltchick* e morava São Paulo, numa casa de família na Rua Prates, 65, e comia na pensão de Pichas Szeleif, próxima a essa casa. Quando Hitler assumiu o poder, as coisas pioraram para a família Czeresnia e seu pai decidiu comprar as passagens para família que desembarcou no porto de Santos, do vapor Jamaïque, em 10 junho de 1934. In: CZERESNIA, Fiszel. *Uma história para meus netos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

²²⁷ Ibid., p. 70 e 17.

facilitam na compreensão de quem era e como era aquela criança que aqui desembarcou sem entender muito bem as razões da fuga de seus pais ou porque havia se tornado órfão.

De modo geral, aquelas crianças – durante uma longa viagem até chegarem no Brasil – tinham como primeiro reflexo fazer um corte geográfico (ainda que imaginário) entre a Europa e as Américas, separadas por um grande oceano – o Atlântico. Assim, registrou Frederico Freudenheim, então com 13 anos, no seu “mapinha”, hoje cartão postal do Museu Judaico de Berlim, mostrando seu trajeto desde Berlim até o Uruguai em 1938. Muitos anos depois, a artista Ruth Sprung Tarasanski posicionou-se em sua gravura “Viagem” como a criança que olha do navio em direção ao porto.



45. “Mapinha” desenhado por Frederico Freudenheim em uma capa de caderno durante o trajeto desde Berlim até o Uruguai, 1938. Acervo *Freudenheim/SP; Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil.



46. Ruth Sprung Tarasantchi, “Finalmente, cheguei ao Brasil”, gravura, 27x39. São Paulo, 2010. Acervo *Ruth Tarasantchi/SP*, Brasil.

Esta transição costuma também ser lembrada pela perda de bens que, por sua vez, implicavam em rebaixamento socioeconômico. A casa dos avós, a antiga residência ou a escola judaica na Alemanha são sempre lembradas como lindos “lugares da infância”. Recordam-se sempre das dificuldades enfrentadas pelos seus pais e/ou avós que, por não dominarem a língua e por falta de habilitação, não possuíam algumas vezes facilidade em encontrar emprego, em obter uma moradia e até mesmo problemas de saúde, em decorrência às mudanças de clima e alimentação. Frida Kleinberg London, naquela época com aproximadamente 5 anos de idade, conta que seu pai Joseph Kleinberg saiu de Varsóvia com trinta graus abaixo de zero e chegou ao cais do porto do Rio de Janeiro com quarenta graus acima de zero. Era o Carnaval no Rio de Janeiro. Enfim, vivenciou um “choque térmico” e outros culturais. Solteiro, sem dinheiro e falando iídiche, conseguiu abrigo em um alojamento chamado “Asilo”[sic].

Segundo Frida, o silêncio do seu pai ficou marcado em suas lembranças, assunto que retoma em seu testemunho. Ele não falava sobre o que tinham passado na Polônia, sua terra natal, assunto dividido apenas com sua mãe e outros imigrantes. Ela sabe que ele veio para o Brasil porque as perseguições estavam começando na Polônia, mas não soube precisar em que

ano tudo isso ocorreu. Questionado por ter saído da Polônia ele respondia em iídiche “*ikh tsugegreyt aund gekumen vayl Polyn is geven oyf fayer!*” “*ikh tsugegreyt aund gekumen vayl Polyn is geven oyf fayer!*” (Eu me preparei e vim porque a Polônia estava pegando fogo!).

Viajou trinta dias, vendo céu e mar, e junto a ele vieram mais pessoas, que também estavam tentando a vida no país. Desceu no porto do Rio de Janeiro, em fevereiro, na época do Carnaval... Ele ainda não era casado, namorava minha mãe que havia ficado em Varsóvia. Meu pai andou da Praça Mauá a Praça Onze a pé, sem saber falar português e sem ter dinheiro no bolso, só chegando à noite... Ele foi andando... Vinha um ali e ele achava que era iídiche, falava, mas pessoa não respondia. Mas finalmente ele chegou lá! A maioria ficava na praça Onze, num alojamento chamado Asilo que ajudava os imigrantes que chegavam ao país. Davam roupas, comida e ensinavam português. Quando chegou [ao alojamento], meu pai disse “eu sou iídiche, vim de Varsóvia e quero morar aqui no Brasil. Vocês me deem alguma coisa de comer, porque desde que saí do navio, não botei comida e nem água na boca. Preciso descansar porque vim de longe, vim andando do porto”. Então, deram comida e depois o levaram para um salão onde colocavam as pessoas que chegavam sem recursos e não tinham para onde ir. A mulher mostrou o lugar para ele descansar, era um estrado com um colchão por cima, sem lençol e travesseiro. Meu pai deitou, mas tinha tanto cupim no estrado que não deixava meu pai dormir... Ele resolveu retirar o estrado e pôr o colchão no chão, mas começaram os percevejos. Nenhum bicho o deixava dormir. Ele se levantou, vestiu suas roupas e foi para a rua, [onde] encontrou um banco e dormiu. No dia seguinte, voltou ao alojamento e disse que precisava trabalhar. FRIDA KLEINBERG LONDON, 2012.²²⁸

Impacto semelhante teve Karl Lieblich que em 15 de dezembro de 1936 partiu sozinho de Gênova no navio italiano Augustus. A esposa e três das quatro filhas chegaram ao porto de Santos em 12 de julho de 1938, viajando no vapor Almanzora.²²⁹ Em 24 de março de 1940, seus pais Moritz e Anna, com idade acima de 80 anos, viajaram no navio Neptunia rumo ao porto de Santos.

Cientes das dificuldades de adaptação ao meio, segundo sua filha Eva, imaginavam que uma nova vida podia recomeçar, apesar de o dilema vivenciado por todos os riscos de vida ao permanecerem nos países ocupados.

A nova vida de Karl Lieblich e a família no Brasil podia finalmente recomeçar. [...] Porém, às dificuldades de adaptação ao meio, principalmente no que diz respeito às barreiras da língua – que Lieblich nunca conseguiu

²²⁸ LONDON, Frida Kleinberg, op.cit.

²²⁹ Embarcaram para o Brasil as filhas Mirjam, Judith e Eva, sua filha Úrsula já havia emigrado para a Suíça, onde estava casada desde agosto de 1938, aos 17 anos, com Hans Schneeberger. In: Testemunho de Eva Kordelia Lieblich Fernandes sobre a história de seu pai Karl Lieblich. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida : refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017...* op.cit., p. 59-87.

superar completamente – somava-se o dilema em relação aos membros da família que ainda permaneciam na Europa.²³⁰

Assim, inseguros sobre sua condição de refugiados do nazismo e do fascismo, os judeus – tanto os adultos como os jovens e crianças – criaram alternativas de vida para seu ajustamento e integração na sociedade brasileira, onde já existiam outras comunidades estrangeiras. Geralmente os pais preferiam viver em seu próprio grupo, fortalecendo assim a rede de sociabilidade já existente. Expressiva desta vivência, é a trajetória de Leon, judeu sefardita, nascido em Atenas em 1943, ano em que os nazistas ocuparam a cidade. A partir daquele momento, ele e seus pais Isac e Sara, usando documentos falsos, tornaram-se Nikos, Marina e Leônidas Kanelópoulos. Com a ajuda de grupos da resistência e da Cruz Vermelha, conseguiram sobreviver. Mesmo após a guerra, tudo continuou difícil para os Menache: subemprego, falta de perspectiva e um passado de horrores.

Assim, entre 1946 e 1953, o pequeno Leon foi colocado em um orfanato de crianças judias em Kifissia, que acolhia aqueles que haviam perdido os pais, sendo então encaminhados a Israel. Ali Leon permaneceu uns três ou quatro anos, pois seus pais não tinham condições de mantê-lo, até o momento em que os quatro sobreviventes de uma grande família resolveram emigrar para o Brasil onde desembarcaram em 29 de setembro de 1945, indo depois viver em Belo Horizonte:

[...] Passamos por Pireus, Corfu, Brindisi e Nápoles onde embarcamos no *Bretagne*, transatlântico francês. Depois, vieram Marselha, Barcelona, Dacar e atracamos no Rio de Janeiro em 29 de setembro de 1954. A entrada na Baía da Guanabara, às 21 horas, é inesquecível pela visão fantasmagórica do Cristo Redentor suspensa no alto.

[...] Chegamos a Belo Horizonte no final de 1954, [...] Havia pequenas comunidades gregas e judaicas com as quais nos integramos naturalmente. Por afinidade cultural, estávamos mais próximos dos judeus, além, certamente, da acolhida que nos fez David Calvo. Entre os judeus, os sefaraditas eram minoria. Além da família Calvo, havia os Coronho, os Cohen, [...], os Saul e Maurício Elis, aparentemente decano e líder da comunidade. Reuniam-se na sede social existente na Avenida Afonso Pena, em frente ao Parque Municipal.

Ali meu pai conheceu um bom sujeito: David Calvo, judeu de Esmirna, que o acolheu, apresentando-o à comunidade judaica, avalizando e lhe consignando mercadoria para vender. Começamos, também, a produzir camisas.²³¹

²³⁰ Testemunho de Eva Kordelia Lieblich Fernandes sobre a história de seu pai Karl Lieblich. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida* : refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017... op.cit., p. 82.

²³¹ Testemunho de Menache. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida*: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2018..., op.cit., p. 177-178.



47. Sara Isac Menache, nascida em Salônica em 1916, e seus filhos Leon e Bella com 11 e 8 anos respectivamente. Fotografia reproduzida da sua Ficha Consular de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Pireu, Grécia, 5 jul. 1954. Fotógrafo não identificado. Acervo *Arquivo Nacional RJ; Arqshoah/Leer-USP*, Brasil.

Os italianos refugiados no Brasil e que fugiam das Leis Raciais impostas por Mussolini em 1938 também encontraram dificuldades de adaptação no Brasil, mas conseguiram rapidamente superá-las graças ao acolhimento da comunidade italiana em São Paulo, principalmente. Sentiram-se, de imediato, “abraçados” por uma rede de patrícios que, assim como eles havia fugido do fascismo italiano. Quase todos referem-se a este grupo como a “Colônia Mussolini”, valendo-se assim de uma certa ironia. Como muito bem lembrou-se Ettore Barocas em seu testemunho gravado pela equipe Arqshoah em agosto de 2007:

Apesar dessas dificuldades iniciais, nós nos ambientamos bem depressa na vida brasileira, compartilhando nosso cotidiano com outras famílias italianas, também refugiadas, que participavam dessa mesma comunidade: Anau, Ventura, Camerini, Bolaffi, Temin, Levi, Bondi, Pirani e Coronaldi. Esse grupo ficou conhecido em S. Paulo como a “Colônia Mussolini”, mas nada tínhamos de fascistas, ao contrário, fomos perseguidos e expulsos pelo regime imposto por Mussolini.²³²

²³² Testemunho de Ettore Barocas. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017...op.cit.*, p. 97.

Porém, nem todos fazem questão de lembrar como foi a sua infância, antes e depois da guerra. Na busca por uma inserção mais rápida no Brasil, passaram a rejeitar o seu passado, silenciando ou omitindo o que lhes aconteceu na Alemanha ou em qualquer outro país ocupado pelos nazistas. Assim recordam-se Deborah Alexander e Eva Wendriner Gaj, cujas famílias chegaram no Brasil em 1939 e 1953, respectivamente:

[...] Meu pai falou somente uma única vez sobre o assunto e quando o fez suas palavras foram: passei fome e foi muito traumático. DEBORAH ALEXANDER, 2017.²³³

[...] Em 1940, meu pai conseguiu a liberdade de Buchenwald. Foi quando recebeu uma carta vinda da Bolívia com uma proposta de trabalho que possibilitaria sua saída da Alemanha. Era uma proposta de contratação por conta de sua experiência com a fabricação de sapatos, enviada por um senhor amigo dos meus tios maternos que haviam saído da Europa anos antes. Meu pai tinha na Alemanha uma fábrica de licores, ou seja, sem qualquer experiência com sapatos: aquela carta era apenas uma “desculpa” para conseguir que saíssemos da Europa. Nada sei nada sobre esses amigos do meu pai [...] que nos ajudaram. Não tenho cópia dessa carta enviada ao meu pai ou de qualquer documento do campo de Buchenwald, onde ele fazia trabalhos forçados. Nada mais sei, pois ele não contava, mas sei que deu certo! EVA WENDRINER GAJ²³⁴

Muitas vezes este silêncio era utilizado como estratégia para se proteger do antissemitismo e da xenofobia que pairava no Brasil durante o Estado Novo. Nesta época, os refugiados judeus – acolhidos por suas comunidades (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre, principalmente) e pelas principais associações judaicas (CIP, B’nai B’rith, ARI/RJ, Fisesp) – buscavam manter um perfil discreto como modo de evitar constrangimento e restrições, enfim, um método de resguardar-se sem chamar a atenção. Ou então, utilizavam-se de táticas engenhosas de semântica para despistarem as autoridades policiais do DOPS – Departamento de Ordem Política e Social, dirigido por Filinto Müller, cujo antissemitismo foi analisado por Tucci Carneiro em seu livro *O Antissemitismo na Era Vargas* (3ed.).

Tanto Tucci Carneiro como o historiador Roney Cytrynowicz (2002)²³⁵ identificaram alguns desses artifícios adotados pelas instituições judaicas para proteger os refugiados recém-chegados. Segundo Cytrynowicz, a direção da Sociedade Cemitério Israelita de São

²³³ ALEXANDER, Déborah, op.cit.

²³⁴ Testemunho de Eva Wendriner Gaj. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017...* op cit., p. 50-51.

²³⁵ CYTRYNOWICZ, Roney, op.cit.

Paulo se absteve de registrar suas atas formais durante os anos de 1941-45, mas sem deixar de realizar suas atividades: enterros com inscrições em hebraico nas lápides, ou seja, a ausência de atas sugere que

“a entidade ficou como que dormitando formalmente [...] para chamar o mínimo de atenção, do ponto de vista econômico, e poder manter sua função essencial — o que era o mais importante — sem atrair controles ou fiscalizações. Igualmente, pode-se pensar que a Sociedade Cemitério não quis se submeter a substituir sua diretoria por “brasileiros natos”, como ocorreu com outras entidades, [...]. Caso estas duas hipóteses, que podem ser complementares, façam sentido, elas representariam uma outra forma de estratégia durante o período do Estado Novo. A falta formal de registros de atas pode revelar uma estratégia de ficar dormitando como entidade, passar a uma espécie de limbo legal — sem tornar-se ilegal, o que é distinto — e simplesmente deixar passar o tempo até que a situação pudesse se reverter.”²³⁶

Com relação à educação e acolhimento das crianças, filhos e filhas dos alemães e italianos refugiados do nazifascismo, cumpre citar o importante papel assumido pela Congregação Israelita Paulista – CIP, fundada em 1937 por Fritz Pinkuss²³⁷, que acolheu centenas de crianças alemãs, desde a mais tenra idade, e que, com esta finalidade, criou o Lar de Crianças Israelitas, posteriormente Lar Israelita de Crianças ou a Sociedade Beneficente Linath Hatzedek Policlínica, e depois para Policlínica Auxílio Santo Mantida pela Sociedade Beneficente “Linath Hatzedek”.



²³⁶ Ibid, p. 412-413.

²³⁷ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org). Olhares sobre a Liberdade. CIP, espaço de resistência e memória. Textos de Fernanda Tomchinsky-Galanternik, Maria Luiza Tucci Carneiro, Michel Schlesinger, Ruben Sternschein, 1a edição. São Paulo: editora Olhares sobre a Liberdade. CIP, 2018.



48. Lar das crianças da CIP durante a gestão de Henrique e Miriam Ratnner. São Paulo, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *Daphner Ratnner/SP*; *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil.

Retomando a questão do indivíduo, outra vertente a despeito de formas de adaptação e sobrevivência das crianças a ser considerado é a busca pelo equilíbrio entre as culturas e a realização pessoal. Tanto a religião como a educação eram preocupações permanentes das

famílias dos refugiados judeus que não pretendiam perder suas raízes. No entanto, por motivos de força maior, alguns foram obrigados a adotar a religião católica para ocultar seu judaísmo, uma forma de driblar as autoridades alemãs e as normas antissemitas impostas pelo governo brasileiro. Assim, várias famílias acabaram educando suas crianças como católicos: ou por terem entrado no Brasil com falsos documentos de católicos ou por seus casamentos mistos, como foi o caso de Kurt Alexander que chegou no Brasil em 05 de abril de 1939.

Meu pai casou-se com minha mãe em 1962 primeiro no civil e algum tempo depois secretamente no religioso na Igreja Católica. Minha mãe Maria Perpétua que era católica. E ele decidiu criar os filhos nesta religião, já que havia abandonado a religião judaica, mas nunca se convertendo a outro tipo de doutrina. DEBORAH ALEXANDER, 2017.²³⁸

De maneira geral, as agruras que envolvem os casos de imigração forçada, tais como a conciliação e adaptação a sociedade adotiva, são muito mais arrevessadas e tortuosas para os judeus fugitivos do nazismo ou para aqueles que estavam na Europa na condição de *displaced persons* – DP (deslocados de guerra), sem qualquer referência de onde estavam e para onde iam. Como muito bem comentou Andor Stern, brasileiro nato, prisioneiro do campo de concentração de Auschwitz entre 1944 a 1945:

[...] porque é só ruínas. Ruínas e ruínas. [...] Vocês conhecem Munique? É uma cidade muito bonita. Tava em pedaços. Tinha assim umas flechas assim, caíada para indicar direção. Porque, como tudo é bombardeado e você não sabe onde que você tá [...] Você perde o...precisa de uma referência [...] Chegamos descí, descemos do trem, era uma aventura para você chegar na Hungria! Caminhão, trem, caminhão de novo, andar a pé. Mas não tinha nada de regular ainda. Na Europa era um caos total! [...] começa uma outra vida, a Hungria também destruída ocupada pelos Russos, em pedaços, não tem o que comer. Mas sobrevivemos. ANDOR STERN, 2015.²³⁹

A partir dos testemunhos das crianças sobreviventes do Holocausto, conseguimos aferir como, tantos anos depois e já em idade adulta, elas elaboram essa memória social de luta pela sobrevivência que infunde marcas na história e cultura judaica, as quais conferem significado e relevância. Michel Pollak (1989)²⁴⁰ destaca que essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado, que se quer salvaguardar, integra-se em

²³⁸ ALEXANDER, Deborah, op.cit.

²³⁹ STERN. Andor, op. cit.

²⁴⁰ POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15, p. 9.

tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento. Estas narrativas – apesar de fazerem parte da memória individual modelada pelos valores judaicos e pelo ambiente social de origem – trazem dimensões grupais que nos ajudam a reconstituir a memória coletiva de uma determinada coletividade judaica.²⁴¹

No caso da história das crianças sobreviventes do Holocausto e/ou refugiadas no Brasil entre 1933-1945, encontramos vários pontos em comum considerando-se que elas tiveram suas infâncias interrompidas. Esse tecido cognitivo permite identificarmos as negociações estabelecidas entre as particularidades das memórias individuais e a pluralidade dos relatos orais, visto que nos oferecem uma variedade de versões sobre o passado de cada grupo ou pessoa. Levamos em consideração as formas como essas crianças relembram suas experiências e relações sociais em um contexto que mal conseguiam entender, ou seja: algumas estavam ainda na primeira ou segunda infância quando foram arrancadas dos seus lares e/ou de seus familiares.

Assim, ao longo de anos, quando já estavam estabelecidos no Brasil, estes protagonistas de um genocídio foram recuperando suas identidades muitas vezes negociadas e estruturadas dentro dos arranjos coletivos acionados pela comunidade que as acolheram. Esta trama de vozes guarda o *savoir-faire* de suas experiências erigidas a partir de ditos e não-ditos, circunscritos em redes afetivas e solidárias, conquistadas no novo local. Esta passagem de “cidadão do mundo para cidadão brasileiro” ajudou a recuperar o sentimento de pertencimento na simbiose entre história de vida e história local. Assim ocorreu com os refugiados do nazismo acolhidos pela CIP a partir de 1937.

Sob este prisma, os idealizadores da CIP criaram uma estrutura básica que garantisse uma colocação profissional, auxílio financeiro e assessoria jurídica à família dos refugiados. A partir de 1937, uma casa na rua Barão de Piracicaba passou a abrigar o Lar das Crianças com o objetivo ajudar na adaptação dos filhos daqueles que trabalhavam o dia inteiro. Sua primeira sede ficava na Rua Barão de Piracicaba, n. 670, nos Campos Elíseos, liderado voluntariamente por Lotte Hamburger e Ida Hoffman e com Liesel Berg na direção profissional. O Lar foi constituído por meio da ação do setor feminino,[...]

²⁴¹ _____ . “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212. Disponível em <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em 21 de jan. de 2019.

Inicialmente, esse novo Lar/Escola abrigou 17 crianças por dia e outras 19 internas, que alí recebiam aulas de português e religião, assistência pedagógica, médica e religiosa, além de alimentação.²⁴²

Nessa dinâmica, a construção do tecido das relações sociais passam pelo fio condutor das apropriações intrínsecas e extrínsecas do ethos cultural sobre as práticas de (sobre)viver no Brasil.

Era no Lar das Crianças que os refugiados judeus, recém-chegados, deixavam seus filhos logo pela manhã e só as buscavam no final da tarde. Isto, moralmente, era muito positivo pois sabiam que podiam contar com um lugar decente para deixar suas crianças e irem trabalhar despreocupados. Frequentavam a creche cerca de umas 20 crianças, a maioria filhos de alemães. Mais tarde, chegaram as austríacas, mas poucas. O lugar era ideal para que elas brincassem com liberdade e estudassem. Havia um jardim nos fundos com muito espaço para elas correrem à vontade. Os funcionários, geralmente, eram brasileiros que, no dia a dia, ensinavam à todos a falarem português.²⁴³

A bossa ao tentar compreender o espaço refazendo essas rotas de circulação pela oralidade favorece a compreensão mais apurada do processo de estabelecimento das crianças e dos adultos judeus pelo meio hábil de estratégias pela sobrevivência através de arranjos sociais e espaciais.

Junto a CIP tínhamos também um escritório que cuidava de arrumar emprego para estas pessoas, geralmente trabalhava o marido e a esposa; e as crianças iam logo para o Lar das Crianças, uma instituição modelar criada em 1937. Enquanto em outras partes do mundo havia suicídio por parte deste grupo emigrante pelo desespero; nós praticamente evitamos que isso acontecesse aqui no Brasil. Foi uma situação irregular, mas conseguimos superar. Cuidávamos da parte religiosa e educativa, e o JOINT nos assessorava na parte financeira. [Entrevista Pinkuss, 1999].²⁴⁴

Em outras palavras, auxilia a compreender o espaço como uma psicosfera de nuances híbridas cujas técnicas perfazem um complexo de instrumentos, sobretudo, sociais com os

²⁴² CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org). *Olhares sobre a Liberdade*. CIP, espaço de resistência e memória. Textos de Fernanda Tomchinsky-Galanternik, Maria Luiza Tucci Carneiro, Michel Schlesinger, Ruben Sternschein, 1a edição. São Paulo: editora Olhares sobre a Liberdade. CIP, 2018, p. 59.

²⁴³ Ibid., p. 134.

²⁴⁴ Ibid., p. 152.

quais o ser humano realiza e produz sua vida e engendram afeições às ações humanas, e mantêm por si só os protagonistas que desempenham a história no espaço social.²⁴⁵

Esse entendimento fica mais nítido quando observamos o surgimento de congregações e/ ou sociedades israelitas que dão sustento ao (sobre)viver judaico fora de sua Shtetl, transformando não-lugares em espaço de similitude pela pujança da apropriação repetitiva neles. Em última instância, esses novos espaços, como foi o caso do Lar das Crianças da CIP, adquirem uma significância própria para as crianças judias.

[...]o Lar das Crianças [...] deveria ser muito mais que um “abrigo”. Além de acolher os filhos dos refugiados e os órfãos, [...] assumiam a responsabilidade de formação e desenvolvimento da personalidade e do caráter da criança.²⁴⁶

Moldam e reelaboram a cultura e identidades das crianças, conforme suas necessidades e influxo do espaço no qual está inserido, ou seja, representam o poder de adaptação dos traços culturais, sem perder suas vinculações a uma realidade assente.

Em última instância, apuramos que as estratégias engendradas pelos pequeninos para sobreviver no mundo novo envolvem-nas num jogo desconhecido, entre políticas públicas de imigração do estado brasileiro e questões étnicas fundadas sob mal-entendidos que podem ser interpretados segundo um prisma de intencionalidade premeditada, no qual essa criança tenta participar e sair vencedora da disputa.

2.3. O círculo das crianças refugiadas no Brasil

Grande parte das crianças refugiadas do nazismo que chegou aos portos brasileiros, durante ou após o período das perseguições hitleristas, estava acompanhada de sua família ou de algum responsável pela sua travessia desde a Europa até o Brasil. Geralmente, o núcleo familiar era composto por judeus oriundos da Alemanha, Itália, Hungria, Bélgica, Polônia,

²⁴⁵ Fundamentado nas bases de reflexão de Santos (2009) que qualifica o espaço pela relação técnica entre o homem, cujo meio produz psicoesferas. SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção*. 3ª Edição. São Paulo: Edusp, 2003.

²⁴⁶ Pseudônimo artístico da Agathe Deutsch, nascida em Viena, na Áustria, em 12 de julho de 1926, com o sobrenome Deutsch, herdado dos seus pais, Oscar e Magdalena. Aos 12 anos e meio, ela acompanha os pais e sua irmã mais nova, Eva para o Brasil após a invasão nazista a Áustria. Conseguiram o visto com um padre católico que os batizou e forneceu os papéis necessários. Embarcaram em Paris no navio Asturias, em 1938, com destino ao porto de Santos. “Testemunho de Agi Straus”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida : refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017...* op. cit., p. 51.

Romênia e demais países cujos cotidianos haviam sido alterados pela postura antissemita de seus governantes e de parte da população.

Mesmo resistindo à decisão de mudança, a maioria das crianças não tinha poder de escolha, pois era dependente de seus familiares que estavam em fuga, tentando recomeçar a vida em outros locais. Agi Straus²⁴⁷ recordou-se do quanto detestou o Brasil assim que desembarcou:

Quando saímos do navio, tive ataques de choro. Coitados dos meus pais! Detestei. Não gostei, não, detestei! Imaginem: Viena e Santos, em 1938, não eram a mesma coisa. AGI STRAUS²⁴⁸

O impacto da emigração forçada como um todo ocasionou mudanças nos padrões demográficos, sociais e econômicos nos países que, de alguma forma, acolheram esta imensa massa de refugiados. E o refugiado, por sua vez, também modificou sua visão de mundo ao entrar em contato com culturas e naturezas tão diferentes. No caso das crianças, ainda em processo formativo, a dependência dos adultos ampliava a sensação de insegurança e medo do desconhecido tendo como referência os padrões vigentes na sua comunidade de origem. Sem compreender as razões da fuga forçada, tinham a impressão de que o seu mundinho foi feito em pedaços, deixando a sensação de um mundo dividido e com muitas perdas. Tanto os pais como os filhos de refugiados – e mesmo aqueles nascidos no Brasil – tentaram encontrar um caminho para adaptarem-se às novas situações. Uns apegaram-se aos valores do judaísmo, outros ao idioma sob o qual foram educados em sua terra natal, sendo o iídiche e o ladino adotados como pontos de referência. Assim aconteceu com Isaak Pessa²⁴⁹ que nasceu na Grécia em 22 de janeiro de 1944 e chegou no Brasil em 1955, acompanhado de seus pais Gabriel e Luna Pessa:

O ladino me ajudou muito aqui [...] Por causa do ladino pude me adaptar em um ano ao Brasil. Em um ano me adaptei ao Brasil! ISAAK PESSO, 2006.²⁵⁰

²⁴⁷ Ibid., p. 160.

²⁴⁸ Ibid., p. 51.

²⁴⁹ Isaak Pessa nasceu no dia 22 de janeiro de 1944 na montanhosa Macedônia, da Grécia ocidental que faz fronteira com a antiga Iugoslávia e a Albânia, filho de Gabriel e Luna Pessa. Em 1948, emigraram para Israel de onde saíram em 1955 com destino ao Brasil.

²⁵⁰ PESSO, Isaak. Testemunho concedido por Isaak Pessa à Rachel Mizrahi, Lilian Souza e Priscila Freitas, câmera: Raíssa Alonso e Laís Rigatto Cardilo, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 26 nov. 2006. Arqshoah/Leer-USP.

Dentro dos emaranhados percursos para sobreviver e se adaptar ao novo, constatamos que a infância das crianças refugiadas se faz (re)construída em um campo de disputa. Sequer têm noção do real papel do Estado que as expulsaram ou que as acolheram, da mesma forma como não ainda não têm definido seus conceitos de fronteiras geográficas, judiciais e sociais. Para Agi Straus, D'us os salvou por intermédio de um padre:

Foram atrás de conseguir um visto para os Estados Unidos, que era difícil, e já não dava mais. Conseguimos vir para Brasil graças a D'us. Meu pai conseguiu os vistos por intermédio de um padre. Não sei o nome, mas esse padre foi maravilhoso! Estávamos em Viena onde esse padre nos batizou como católicos. Somente assim conseguiríamos sair de Viena e obter esse papel (como chama?), com vistos para o Brasil, que somente aceitava católicos. Isso mesmo, mas, quando chegamos aqui, meus pais não queriam continuar católicos. Mas acho que não voltaram para o judaísmo. Acho que não, porque eu tinha tão pouco contato com meus pais. AGI STRAUS²⁵¹

No entanto, sabemos que esta compreensão não é nem um pouco simples, pois ao deslocamento mesclam-se conceitos físicos e imaginários que, por sua vez, geram confusão e insegurança. Difícil para uma criança refugiada assimilar as diferenças culturais e sociais que geraram impactos na sua identidade, como constatamos nas lembranças de Issak Pessa:

E quando eu vim para o Brasil, a primeira coisa que eu fiz foi mudar de identidade. Entrei no quarto ano primário. Entrei na fila do quarto ano primário, no grupo escolar Paulo Eiró em Santo Amaro. Não sabia português... Paulo Eiró. Estadual não, municipal. E eu disse que era grego, eu não era judeu. Meu nome era Ino Pessa. Porque eu tinha medo. Não era judeu, não vim de Israel. E eu não vim de Israel nem nada, eu vim da Grécia. Eu era grego e por quê? Porque ser grego aqui dava *status*. E se eu fosse judeu aqui eu não sei o que eu sofreria. Esse era o meu pensamento de 12 anos de idade. Por que? Porque havia visto o Holocausto nos filmes. E eu tinha conhecimento do Holocausto pelos filmes, [...] depois dos filmes vim tomar conhecimento de todo o antissemitismo. Porque antes eu não sabia nada, eu era um moleque, o que é que eu sabia? Sabia que tinha guerra, houve guerra. ISAAK PESSO, 2006.²⁵²

O sentimento de “ser judeu” por parte de uma criança refugiada do nazismo alemão ou do fascismo italiano espelha a volubilidade da política nacional que, somada à crescente situação e beligerância no plano internacional, gerou instabilidade no seu cotidiano.²⁵³ Como

²⁵¹ Testemunho de Agi Straus. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017...* op. cit., p. 48.

²⁵² PESSO, Isaak, op.cit.

²⁵³ CÔRTE, Andréa Telo da. *Os Judeus em Niterói: imigração, cidade e memória (1910-1980)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2009, p. 145.

muito bem lembrou Andréa Telo da Côrte, em sua tese *Judeus em Niterói*, a maioria desses imigrantes tinha medo de revelar suas verdadeiras origens:

No fim do ano eu passei, e passei em primeiro lugar da classe. Ganhei um prêmio. Mas pra isso, ia precisar dar os documentos. E pra eu dar os documentos? A professora, que esteja no Paraíso, que foi uma verdadeira mãe pra mim. Até morrer nós visitávamos a professora primaria. Dona Lucinda. Ela, falou: “Ino como é que é, os documentos, precisamos fazer o diploma, vai ter a festa”. Eu respondi: “Sim, professora”.

No fim fui obrigado a levar os documentos, e mostrar que eu era de Israel e era judeu. Mas aí eu já tinha um pouquinho mais de confiança.

Fui obrigado a fazer isso no início porque estava com medo. ISAAK PESSO, 2006.²⁵⁴

As crianças tinham temor, mas esse amedrontamento derivava de que? Era proveniente do abrupto e obscuro resultado das desumanidades sofridas pelos judeus na Europa? Provavelmente, tal sentimento brotava da bagagem mental trazida por estes judeus marcados pelo passado inolvidável do Holocausto. Aliás, este era um receio que “irradiava, transpunha limites e se contagiava a socialização”, como expôs Isaak Pessa ou como lembrou Izabela London²⁵⁵ referindo-se ao silêncio dos seus pais. As crianças eram encorajadas a conviver comunitariamente nos novos espaços, porém com uma socialização baseada em meias palavras, em não-ditos, em segredos ou assuntos proibidos.

Do Holocausto, eu conheço muito pouco, [...] meus pais não falavam o que havia ocorrido [...] o pouco que eu sei é porque meu pai tinha o costume nas sextas-feiras de trazer sempre alguém que a guerra tinha transformado. Em geral, eu já estava na cama. Como dormia na sala eu fingia que estava dormindo, porque eu gostava de escutar as histórias. Então, através das histórias desses judeus, que eu fiquei sabendo. IZABELA LONDON, 2016.²⁵⁶

Muitas vezes, a memória do medo, insegurança e sofrimento vividos, por vezes, vinham à tona através de um detalhe aparentemente corriqueiro que deslocava o passado para o presente. Um foguetório comemorando um gol do Corinthians, por exemplo, remetia de

²⁵⁴ PESSO, Isaak, op.cit.

²⁵⁵ Izabela London nasceu em plena guerra no dia 28 de fevereiro de 1941, em Antuérpia, na Bélgica, filha de Bernard e Klara Orgler. Meu pai era da resistência. Um dia em que Bernard estava ausente, a cidade em que viviam foi invadida pelos nazistas. Izabela e Klara foram capturadas e colocadas em um trem com destino a um campo de concentração. Ao saber do ocorrido Bernard salvou-as jogando pela janela estreita do vagão. Ao serem arremessadas, caíram encima de um padre que as abrigou na França temporariamente. Nesse mesmo período, seu pai descobriu uma rota de fuga pelos Pirineus até a Espanha onde permaneceram em um campo de refugiados até conseguirem o visto para o Brasil com auxílio de uma organização de ajuda mútua. Desembarcaram do navio Cabo de Hornos, no porto do Rio de Janeiro em 1946.

²⁵⁶ LONDON, Izabela, op.cit.

imediatamente às lembranças de um bombardeiro, sem saber o que aconteceria, como George Legmann²⁵⁷ contou-nos:

No domingo, começamos a ouvir um foguetório, parecendo um bombardeiro. Sem saber do que se tratava, telefonamos para o meu tio que falou: “Não aconteceu nada, vão se acostumando; o time de futebol do Corinthians acabou de marcar um gol”. Eu não sabia quem era nem o que era Corinthians, mas do bem. Porém, o susto que levamos sem saber exatamente o que iria acontecer. Essas são impressões imediatas de menos de uma semana no Brasil. GEORGE LEGMANN²⁵⁸

Através deste relato oral constatamos também os ecos de episódios dramáticos, vivenciados por um refugiado que traumatizado com a violência nazista vivenciada e amedrontado com a possibilidade de novas agressões antisemitas no Brasil, famílias como Orgler, Pessa e Deutsch, optam pelo segredo, instruindo seus filhos que ocultassem as histórias vivenciadas na Europa dominada pelos nazistas. Entendemos aqui o silêncio como estratégia de sobrevivência em uma conjuntura tumultuada crivada pela discriminação aos judeus.

O ato forçado de deslocamento das famílias judias, refugiadas e/ou sobreviventes do Holocausto radicadas no Brasil, certamente teve efeitos na saúde mental das crianças muito mais profundo do que a simples renúncia ao lugar onde nasceram. A saudade e a incerteza são sentimentos sempre presentes em suas lembranças, marcadas pela nostalgia profunda de um passado não tão distante. Em suas falas, são sempre retomadas as experiências vividas em algum esconderijo ou pela perda de alguém que foi preso ou assassinado por um perpetrador nazista. Geralmente, a casa, os amigos, a escola e as figuras dos avós ou dos pais e irmãos, fazem parte de um universo de perdas e derrotas. “Não foi fácil” – afirmou Frederico

²⁵⁷ George Legmann, nasceu em 8 de dezembro de 1944, no subcampo de Dachau, chamado Kaufering, filho de Josif Legmann e Elisabeta Török Legmann. Seus pais foram deportados em 27 de abril de 1944, em um trem de transporte de gado com destino a Auschwitz-Birkenau, quando ele ainda não havia nascido. Elisabeta Legmann estava grávida desde quando ainda vivia com seu marido, Josif, em Cluj. Ao serem pegos, o pai conseguiu escapar se jogando do trem em movimento. Ao chegar em Auschwitz, Elisabeta aproveitou-se das roupas folgadas que estava usando para ocultar a gravidez e, assim, conseguiu enganar os guardas. Transferiram-na para outro campo perto de Dachau e acabou em Landsberg. No fim de outubro de 1944, o médico de campo de Dachau fez uma busca em todos os 19 subcampos e achou sete mulheres grávidas, entre as quais estava a mãe de George. Ele telegrafou para Auschwitz, informando sobre essas mulheres grávidas, pedindo instrução sobre como proceder com essas futuras mães. A resposta veio telegraficamente: “Faça o que você bem desejar, porque já estamos no fim de outubro”. Ao ouvir isso, o médico achou por bem salvar essas sete mulheres com suas crianças que serviriam como um alibi caso ele caísse prisioneiro. George foi o primeiro a nascer em 8 de dezembro de 1944. A libertação do campo de concentração ocorreu no dia 29 de abril de 1945. Chegaram ao Brasil a bordo do navio Charles Tellier, em 6 de setembro de 1961. “Testemunho de George Legmann”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil: 1933-2017* / Maria Luiza Tucci Carneiro, Rachel Mizrahi, organizadoras – S. Paulo: Maayanot, 2017. – (Série Vozes do Holocausto, v. 2), p. 69-88.

²⁵⁸ Ibid, p. 85.

Freudenheim²⁵⁹ que em 28 de outubro de 1938 partiu com sua família de Hamburgo, principal cidade portuária da Alemanha, naquele momento o ponto de saída para muitos imigrantes judeus. Embarcaram no navio Jamaïque em direção do Uruguai para anos depois emigrar para o Brasil:

Não foi fácil para nós, crianças, nos separarmos dos brinquedos, jogos e bonecos. Estávamos todos extremamente nervosos e ansiosos temendo que algo ainda pudesse impedir nossa partida. Além deste temor, pairava no ar a incerteza quanto ao futuro que nos aguardaria no estrangeiro, bem como a dificuldade da separação de nossos parentes queridos (minha avó Jetka, tias e tios). FREDERICO [FRITZ] FREUDENHEIM²⁶⁰

Ao chegarem no Brasil, muitos desses infantes tinham a casa e a escola como os únicos círculos para o convívio social. Diante de novos ambientes, o mecanismo de inserção centrava-se na assimilação da nova cultura e/ou na preservação da identidade, sentimentos compartilhados com outras crianças, também filhos de refugiados. Os ecos muito próximos de um “fascismo à moda brasileira” forçou seus pais a transferi-las de escola ou, até mesmo, matriculá-las em escolas protestantes ou católicas, como aconteceu com Ettore Barocas.²⁶¹

Apesar das dificuldades iniciais, nos ambientamos bem depressa na vida brasileira, compartilhando nosso cotidiano com outras famílias italianas, também refugiadas, [...]

²⁵⁹ Frederico (Fritz) Freudenheim, nasceu em Berlim, em 11 de julho de 1926, filho de Withold e de Hedwig Freudenheim. Seus avós maternos chamavam-se Rebekka Manasse, nascida Spiro, e Manheim (Machol) Manasse. Seus pais eram bastante religiosos, especialmente sua mãe, Hedwig. Em casa se comia kosher. Estudou na escola Petrischule, onde era o único menino judeu e nenhum dos seus companheiros de classe falava com Fritz. A casa onde morava era distante das residências das outras crianças judias, e, a partir de 1933, as poucas crianças com as quais tinha algum contato no bairro foram proibidas de brincar com ele e com a irmã Eva, então com 4 anos. À medida que os nazistas impunham mais restrições aos judeus, o medo crescia na família Freudenheim que decidiu fugir para outro país. Embarcaram no navio Jamaïque, no Porto de Hamburgo em 1938 para o Uruguai e, posteriormente, emigraram para o Brasil. “Testemunho de Frederico (Fritz) Freudenheim”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017...* op cit., p. 29-50.

²⁶⁰ Ibid. p. 39.

²⁶¹ Ettore Barocas nasceu em Viareggio (Itália) em 1925, filho de Leone Barocas e Marta Pacifici Barocas (1864-1983). Eram três irmãos: Arnoldo, Inês e Ettore. Seu pai nasceu em Pietrasanta (Toscana, Itália), em 20 de janeiro de 1887, e era filho de Ettore Barocas e Inês Barocas. Sua mãe nasceu em Viareggio (Itália), em 22 de novembro de 1901, sendo filha de Carlo Salvatore Pacifici e Miriam Eugenia Orvieto Pacifici. Eram tradicionais e, em Viareggio, iam à sinagoga no Shabat e nas grandes festas. O fato determinante da decisão de seu pai foi Ettore ter sido impedido de entrar na escola. Escolheram o Brasil como pátria de destino porque um primo de seu pai, Luciano Ventura, já estava no país. Conseguiram um visto de turista para o Brasil com o cônsul de Livorno, graças à intervenção de uma agência de turismo que havia vendido as passagens de navio. Venderam todos os bens, cujos valores entraram pouco a pouco no Brasil, após conseguirem o visto permanente. Viajaram a bordo do transatlântico Principessa Giovanna, em classe única, que estava cheia de judeus austríacos e alemães que iam para a Bolívia. Eram os únicos judeus italianos. Desembarcaram em Santos, em 29 de maio de 1939. “Testemunho de Ettore Barocas”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017...* op. cit. p. 91- 102.

Estudei no Colégio Dante Alighieri, cujo diretor, Ventura, fazia discursos contra os judeus, taxando-os de maçons e anti-italianos. No Dante, todos os sábados, como na Itália reuniam-se os *balilas*, enquanto a Juventude Fascista organizava as suas reuniões e desfiles após o trabalho, no Palestra Itália. Por tudo isso, fui transferido para o Colégio Mackenzie. ETTORE BAROCAS²⁶²

Muitas vezes, uma certa atividade servia como laço de aproximação e união dessas crianças às demais – o divertimento, quer nas ruas através de brincadeiras, ou em celebrações, fossem os espaços recreativos próprios da comunidade judaica ou públicos. Ao relembrem as brincadeiras e as diversões proporcionadas pela sociedade de adoção, percebemos como se ampliava o círculo das crianças refugiadas no Brasil. Um festejo popular ou uma comemoração patriótica brasileiras serviam como formas de engajamento mediado pela identidade, resiliência e pertencimento, a exemplo das lembranças de Carlos Manski.²⁶³

Era um, um italiano bonachão, convidava a gente pra macarronada de domingo no terraço da casa dele, era no último andar, era uma farra. E... eu me lembro mesmo, em 54 quando, foi o Quarto Centenário, tava todo mundo lá no terraço dele, aqui em São Paulo, o Pignatari, é... fez uma chuva de prata, né? E eu me lembro lá, eu correndo atrás daquelas, aquelas flamulinhas...

²⁶² Ibid., p. 97-98.

²⁶³ Carlos Manski é filho de Moishe Manski, polonês, nascido em 30 de abril de 1924, na cidade chamada Lida. Seu pai tinha mais dois irmãos: Icchak e Geni. Seu tio, Icchak Manski, fugiu do gueto de Lida e logo se juntou a um grupo de partisans russos. Ele foi guerrilheiro e vivia com um único objetivo: lutar contra os alemães e, se possível, matá-los. Isto se comprova com o fato de que, após o término da guerra, ele foi atrás do SS que matou os pais, Kalman e Sheine. Ele fugiu do gueto de Lida para a floresta de Novogradok, local que se chamava Naliboki. Lá, primeiramente, encontrou um grupo de partisans russos chamados Iskrá. Com eles aprendeu a dinamitar os trilhos das estradas de ferro, com o intuito de dificultar as operações e o avanço das tropas nazistas. Ficou na região por cerca de dois meses. Sentia certo ódio por parte dos partisans russos. Um dia, devido à escassez de alimentos, os russos mataram o cavalo de meu pai. Depois daquilo, ele começou a temer por sua vida. Ouviu falar que "mais adiante", suponho que mais para dentro da floresta, havia um grupo de partisans judeus. Criou coragem e deixou os russos. Foi-se embrenhando cada vez mais para o centro da floresta até encontrar Tuvia Bielski e seus irmãos, ou, como ele o chamava – Têvinke. Ali ele resolveu ficar. Moishe, diferentemente de Icchak, que era um excelente atirador e só almejava lutar contra os nazistas, queria mesmo era salvar vidas. Logo se entrosou muito com Têvinke, que também tinha como propósito primordial salvar o máximo possível de judeus. Moishe sobreviveu por um ano e dez meses na pusha Naliboki. Na época, tinha apenas 17-18 anos. Suas principais tarefas eram dinamitar as estradas de ferro e retirar judeus do Gueto de Lida. Havia um serviço de informações, tanto no grupo, quanto no gueto, que sabia quando os partisans vinham a Lida, como procediam e onde deveriam aguardar aqueles que quisessem fugir. Do outono de 1942 até a liquidação do gueto, em 18 de setembro de 1943, meu pai conseguiu levar até Naliboki cerca de 20 grupos, alguns com poucas pessoas, outros com dezenas de judeus. Com a desocupação de Lida os dois irmãos atravessaram a Europa. Chegaram na Romênia no dia 8 de maio de 1945, o dia do término da 2ª Guerra Mundial. Estavam na cidade de Alba Julia (na Transilvânia) nesse dia, quando foi realizado um desfile na cidade. Os judeus locais vieram prestigiar os heróis e foi nessa ocasião que Moishe conheceu Dina Abraham. Dois meses depois se casaram e fugiram, acompanhado de outros partisans, para a Itália, onde ficaram aproximadamente dois anos e meio em acampamentos precários, esperando para emigrar para Israel. Como os britânicos estavam impondo medidas cada vez mais rigorosas para impedir que os judeus fossem para a Terra de Israel, Moishe e Dina, com Icchak, vieram para o Brasil, com a ajuda da organização judaica Joint Distribution Committee e recomeçaram a vida em São Paulo. KOSCHLAND, Geni. Moishe Manski um herói da floresta entre nós. In: *Revista Morashá*. Edição 66 – Dezembro de 2009. Disponível em <http://www.morasha.com.br/brasil/moishe-manski-um-heroi-da-floresta-entre-nos.html>. Acesso em 21 jul 2021.

Era uma flamulinha assim, triângulo, é, um triangulinho. Prateado, e eu correndo atrás daquele negócio assim fantástico assim, caindo do céu, né? Eram uns helicópteros. CARLOS MANSKI, 2018.²⁶⁴

Cada uma dessas crianças guarda um par de memórias que, certamente, interferiram na configuração de seu microcosmo nas terras brasileiras. Vão além do círculo traçado pela sua comunidade judaica de acolhimento era uma conquista. Entre as lembranças de infância vividas no Brasil ficaram os dias tristes passados na Hospedaria dos Imigrantes, logo superados pela alegria de brincar na lama das ruas sem calçamento ou de comprar pão em alguma típica padaria paulistana.

Em São Paulo, no bairro da Vila Mariana, a primeira morada era a da tia Suzi, a segunda da tia Forte, a terceira a nossa e a quarta da minha avó Riketta. Era uma ruazinha de terra, e na frente havia uma rua com um terreno baldio. Tinha uma padaria na esquina que a gente ia comprar pão. Quando chovia ficava lama e a gente andava de tamanco...RIQUETA E VICTORIA SARFATIS, 2016.²⁶⁵

Uma irmã do chefe da minha mãe, que era construtora, havia comprado uns casarões antigos na esquina da Praça da República com a Rua Baronesa de Itu, onde pretendia construir um novo edifício. Esse prédio ainda existe: é do Clube de Xadrez, na Praça da República. Naquela ocasião, ela autorizou que ficássemos morando em um dos casarões que ainda estava para ser demolido. Esse casarão era tão bom que, quando chovia, punham o meu berço embaixo da mesa e quando parava a chuva meu pai subia no telhado e ficava recolocando as telhas para não chover tanto onde a gente estava abrigado. Mas foi melhor do que morar na Hospedaria dos Imigrantes. Então, assim que chegamos a S. Paulo, fomos direto para essa casa. Assim que as condições melhoraram, alugamos um apartamento na Rua Sabará, onde moramos durante muitos anos. SALVATORE LICCO HAIM²⁶⁶

Um dos arranjos e mecanismos necessários para inserção, sobrevivência e adaptação na sociedade brasileira pelas crianças refugiadas em seus círculos de convivência era o aprendizado da língua portuguesa. Segundo Nydia Licia Pincherle Cardoso, filha de refugiados do fascismo italiano, ela passou a falar português “em dois meses, três no máximo. Eu me adaptei rápido”. Anos mais tarde, essa pequena italianinha brilharia nos palcos do TBC – Teatro Brasileiro de Comédia – ao lado de Sérgio Cardoso com quem se casaria em 29 de

²⁶⁴ MANSKI, Carlo. Testemunho concedido por Carlo Manski à Rachel Mizrahi, Renata, Blima Lorber e Lunara Moreira, câmera e transcrição: Pedro Marques das Neves, pesquisadores do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 18 de outubro de 2018. Arqshoah/Leer-USP.

²⁶⁵ SARFATIS, Victoria; SARFATIS, Riqueta. Testemunho concedido por Riqueta e Victoria Sarfatis à Rachel Mizrahi e Sarita Mucinic Saruê, gravação em áudio e vídeo: Raíssa Alonso e Laís Rigatto Cardilo, transcrição: Maria Luiza, pesquisadores do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 18 out 2016. Arqshoah/Leer-USP.

²⁶⁶ Testemunho de Salvatore Licco Haim. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017...* op.cit., p. 124-125.

maio de 1950. Expressão da sua adaptação é o fato de, a partir de 1992, tornar-se professora “de voz, de compreensão de textos, de leitura, de intenções”, vindo a dar aulas por 15 anos no Departamento de Rádio e Televisão da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) e no Teatro Escola Célia Helena, como professora de interpretação.²⁶⁷

Paralelamente aos receios resultantes da biopolítica utópica que ecoava no Brasil, a plasticidade de alguns ambientes permitiu, em certos momentos, às crianças refugiadas transporem as fronteiras erigidas pelos impactos de uma nova cultura. Sacudindo aos padrões das escolas tradicionais católicas de São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, e conseguiram superar as barreiras étnicas da ala mais tradicional da sociedade brasileira, essas crianças aprenderam a respeitar o outro e a recriar os seus mundos. Quer seja intuitivamente ou instintivamente, as crianças refugiadas atenuavam as “fronteiras” fortalecendo suas identidades e assim (re)estruturavam seus mundos através do apoio de seus pares ou pela empatia de alguns indivíduos ou grupos.

Minha irmã Giordanna e eu fomos matriculadas no colégio particular Notre Dame de Sion, pois meus pais acharam que essa era a melhor alternativa escolar em Petrópolis naquela época. A escola era tolerante, e posso dizer que foi um modelo de respeito pelo outro, sem nos impor a religião em momento algum. Ali fomos sempre respeitadas como judias e lembro-me de que a diretora dizia: “Temos conosco duas meninas italianas que somam a graça dos italianos à inteligência dos judeus”. Fazia parte do uniforme da escola uma corrente no pescoço com um crucifixo, mas pudemos trocar o símbolo cristão por uma Maguen David que usávamos com orgulho sem sentir o menor constrangimento. Nós, Giordanna e eu, recebíamos lições de judaísmo enviadas por um rabino do Rio de Janeiro.²⁶⁸

²⁶⁷ Testemunho de Nydia Licia Pincherle Cardoso. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017...* op. cit., p. 123.

²⁶⁸ Testemunho de Franca Cohen Gottlieb. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil : 1933-2017.* op. cit., p. 174.

III. TESTEMUNHOS DE CRIANÇAS REFUGIADAS DO NAZIFASCISMO E SOBREVIVENTES DO HOLOCAUSTO

3.1. Reservas de memória: rompendo o silêncio

Em crianças que vivenciaram direta ou indiretamente o Holocausto, observamos que erigem sujeitos cujas imagens de vida são marcadas, assim como em adultos, pelos efeitos e os impactos desse genocídio. Suas falas reúnem recordações que podem levar a pontos-limites de um ser humano, com limites impostos, muitas vezes, pela (auto)censura. Assim permanecem – submersas – , suscitando um tempo de maturação.

Nem todos percebem a urgência de testemunhar, de deixar palavras escritas imaginando que, em tempo algum, conseguirá representar o real.

Da experiência vivida durante um genocídio ou em tempos de guerra, a etnografia demonstra que a perspectiva identitária de uma criança é transformada no nível do social, do afetivo e político devido à fluidez das suas emoções. Este mecanismo performático é acionado pela criança para subsistir à perversidade, ao medo e a insegurança. Longe de serem homogêneas, as narrativas dos infantes são produzidas a partir da sua memória individual, que tem influência do coletivo a respeito das experiências em conflitos e pós-conflito. Afinal, o impacto da violência totalitária é determinado, em grande parte, pela significação que a criança consegue construir sobre o vivido a partir de agentes internos e externos.

Dai a importância de recorrermos à semântica descritiva para nos ajudar a compreender como se dá este processo de construto social diante do novo, no caso o idioma, a cultura, o povo e a realidade brasileira. Em todas as situações a linguagem exerce um papel fundamental na conscientização dos fatos que alteraram, tão bruscamente, a sua infância.

Importante avaliarmos durante e após o registro dos testemunhos o emprego de certas palavras, nem sempre coerentes com a nossa compreensão pois nossas experiências são diferentes no tempo e no espaço. Levamos em consideração que, “aquela criança” já é um adulto que nos fala. Movidas por subjetividades diversificadas e complexas, seus testemunhos operam e transformam-se entre o rememorar *versus* obliterar e mais, pois são convergentes na resposta da memória humana ao passado. Enfim, trabalhar com a memória de crianças refugiadas do nazifascismo ou sobreviventes do Holocausto a partir de seus relatos possibilita mutualidade de reflexões sobre o passado. São estas reservas de memória que nos instigam a ajudá-las a romper o silêncio.

A manifestação da memória propagada, em conjunto com a operação dialógica do esquecimento, se alimenta de inúmeros espectros que envolvem estratégias complexas, como por exemplo: a opção pelo silêncio, a ausência de comunicação, desarticulação na fala, evasão, apagamento/esquecimento, medo e culpa.²⁶⁹ Segundo Le Goff (1994;1984)²⁷⁰, a memória passa então a adquirir novos significados, pois não se resume a um fenômeno de seletividade. Para este historiador das mentalidades, essa relação entre recordar e esquecer – que se estabelece como um trunfo de poder – revela mecanismos de manipulação da memória por imposição de determinadas “leituras” de atos coletivos.²⁷¹

Passaram-se muitos anos, desde a sua infância até a fase adulta, quando o testemunho foi registrado. Dos muitos que estudaram e estudam os efeitos da hecatombe sobre o *modus vivendi* dos sobreviventes e refugiados dos campos de concentração *versus* sociedade após o conflito, Pollak (1989)²⁷² exprime com clareza a questão da trama memorialística que envolve silêncio, manipulação, esquecimento e poder, especialmente por aqueles que optaram em retornar à Alemanha ou à Áustria. Para ele, a ocorrência do caso dá-se frente à omissão da comunidade de origem em relações às deportações dos judeus que, ao regressarem do exílio forçado, materializam uma memória incômoda, cujas lembranças eram demais para aquele momento. Ou seja, quando os sobreviventes estão diante das múltiplas versões sobre Holocausto e constatam que estas já foram transformadas em memórias oficiais. Muitas vezes, o esquecimento relegou para um segundo plano as recordações.²⁷³

Na intenção de compreender os usos e abusos da memória, Paul Ricoeur (2008)²⁷⁴ sinaliza estes sintomas inquietantes relativos à memória como resultando das manipulações por aqueles que têm interesse em ocultar o passado. Mais uma vez veremos que o ato de lembrar *versus* esquecer está intimamente ligado ao poder, no qual a ferramenta do discurso é utilizada, produzida, redistribuída e controlada com base no sistema de disputa simbólica e de dominação.²⁷⁵

Geralmente, os Estados perpetradores do genocídio procuram negar suas culpas, destruir documentos e apagar o passado indigesto. Ora controlar o passado ajuda a dominar o

²⁶⁹ HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2005, p. 24.

²⁷⁰ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp 1994.

_____. “Memória”. In: *Enciclopédia Einaudi*. v. I. Porto: Imprensa Nacional, 1984.

²⁷¹ *Ibid.*, 1994, p. 476;

Id., 1984, p 13

²⁷² POLLAK, M. “Memória, esquecimento, silêncio”... op.cit.

²⁷³ *Ibid.*, p. 3, 5-6 e 15.

²⁷⁴ RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e Ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2008.

²⁷⁵ *Ibid.*, p.110.

presente, a legitimizar a dominação sem questioná-la. Mas, devemos reencontrar e conhecer outras representações pretéritas, aqueles aos quais a História é “proibida”. Urge, portanto visitar especialmente as histórias vividas pelos sobreviventes do Holocausto ou refugiados do nazifascismo quando eram crianças, as quais marcam sua existência inteira.

O desejo de ser senhor da memória e do esquecimento é uma das grandes estratégias daqueles que tiveram a experiência da guerra e figura, sobretudo, como um poder simbólico de constructo identitário, o qual se percebe durante a evocação de suas lembranças pelas narrativas.

Todo ato de narrar à palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, um locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si.²⁷⁶

No caso das crianças que sobreviveram ao Holocausto, a violência e o medo impactou-as individualmente com consequências específicas cada um. Veremos que o ocorrido extrapola o individual, afetando a todos coletivamente. Sob este viés, reconhecemos que as narrativas sobre os tempos da infância passadas na Alemanha, por exemplo, são lembranças (re)elaboradas a partir das reminiscências vivenciadas em um tempo que, muitas vezes, desejam esquecer. No entanto, como muito bem ressaltou Michael Pollack, algumas destas lembranças, ainda que parciais, podem ser importantes para a memória do grupo, porque é impossível aqueles que eram crianças lembrar-se e narrar tudo:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico [...] Locais muito longínquos, fora do espaço tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo.²⁷⁷

Apesar das limitações, as representações dos testemunhos daqueles que eram crianças durante o Holocausto materializam o dizível que ora se reportam para momentos negativos como por exemplo: o momento da fuga, a escuridão e a umidade dos esconderijos, as

²⁷⁶ AMOSSY, Ruth. Introdução: Da noção retórica de ethos a análise do discurso. In: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Ruth Amossy (org.) São Paulo: Contexto, 2005, p.9.

²⁷⁷ POLLACK, Michel. “Memória e identidade social”... op. cit., p. 201-202.

privações de comida e lazer, os sofrimentos com os trabalhos, a fome, o medo e o frio. A tudo isso, somavam-se as doenças, incompreensão, insegurança, incredulidade, traição e falta de esperança. A morte sempre presente em várias situações. São experiências vivenciadas em diferentes momentos nos quais os judeus eram caçados como se fossem animais malignos e, como tais, deveriam ser extirpados da humanidade. Expressiva desta imagem do “animal acossado” é a reflexão de Vilém Flusser em *Bodenlos*, sua autobiografia filosófica:

Era-se animal acossado, mas animal “metafísico”, não obstante. Procurava-se descobrir um significado profundo em tudo isso. Não perguntar “que será de mim?” mas: “qual a minha tarefa em situação tão grotesca?” “Salvar a vida” não era a resposta, porque se dava ao nível dos próprios nazistas. Era necessário encontrar-se reposta mais digna. Mobilizava-se em si todos os conhecimentos, toda a “cultura”. Todos os ideais e todas as esperanças. Não vinham. Os destroços da fé transcende adormecida. Não vinham. Tudo isto não passava de formas vazias, se tratava de salvar a própria dignidade. Todo o engajamento em prol da liberdade, da humanidade, do sionismo, de não importa que cultura, revelava-se vaidade. Veio então a decisão de fugir-se para o Ocidente. Sabendo-se perfeitamente, com clareza insuportável, que tal decisão equivalia ao sacrifício da dignidade em prol da sobrevivência do corpo. Procurava-se por desculpas.²⁷⁸

Samuel Schajer²⁷⁹, por sua vez, em *Relatos de um sobrevivente* (2008)²⁸⁰, recorre aos momentos positivos, os quais remetem a liberdade (re)conquistada, a vida, ao reencontro com os familiares, aos atos de solidariedade, ao recomeço.

[...] de um dia para outro eu deixara de ser escravo e voltara à liberdade, [...] Em meus pensamentos eu sempre imaginara a libertação, mas agora tudo se misturava nos sonhos [...]
Diz um proverbio hebraico que “o que o tempo pode fazer, nem uma cabeça com muita sabedoria e inteligência pode imaginar”. Depois de tanto sofrimento, com quanta alegria eu me dava conta que havia alcançado o tempo da liberdade novamente.²⁸¹

Dissonantes, porém próximas, essas narrativas possuem similaridades compostas pelos elementos imateriais configurados em torno de novas realidades espaciais. De acordo com as

²⁷⁸ FLUSSEM, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007, p.37.

²⁷⁹ Samuel não havia completado 15 anos quando os bombardeios alemães o fizeram deixar a vida que até então ele conhecia para mergulhar em um mundo de conflitos e maldades. Vivendo por cinco anos no campo de passagem de Stutthof, campo de trabalho de Linkaci, campo de trabalho de Muhldorf, gueto de Siaulai e gueto de Troki, resistiu e sobreviveu, em meio as várias situações que pareciam condená-lo à morte. Após a libertação, reconstruiu-se como pessoa no convívio de grupos idealistas, na luta sionista e na busca por recuperar o tempo perdido em sua educação individual. Desde 1954, radicou-se no sul do Brasil.

²⁸⁰ SCHAJER, Samuel. *Relatos de um sobrevivente: memórias de Samuel Schajer*. Porto Alegre: Ed. Suliani Letra e Vida, 2008.

²⁸¹ *Ibid.*, p. 60-61.

recordações de cada um, as memórias são edificadas, organizadas e reorientadas sem perder de vista o quadro espacial que era ocupado no passado: a residência da família, o bairro e a cidade natal, as ruas do gueto ou os alojamentos de um campo de concentração. Assim os relatos são construídos, a partir das situações vivenciadas e dignas de lembranças mesmo não sendo positivas.

Retomo aqui as considerações de Maurice Halbwachs (1990)²⁸² sobre as nossas impressões sobre o espaço, que nos ajudam a recuperar o passado, ainda que nos remetam a uma dura realidade:

É [...] sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças.²⁸³

Assim reaparece a imagem do complexo de Auschwitz, o qual molda o cerne das lembranças construídas pelas crianças que por lá passaram; permite a elaboração de uma memória coletiva, intersubjetiva e, sobretudo, compartilhada por ser um espaço único, reconhecido por todos. Suas características espaciais e arquitetônicas foram palco de acontecimentos incríveis que, simultaneamente, agregam referências individuais a um ponto de vista coletivo o qual afeta o imaginário social.

Sob esta perspectiva da catástrofe de Auschwitz – que se presta como símbolo da memória coletiva do Holocausto –, considero importante avaliar os sentimentos que unem todas as crianças que por ali passaram, judias e não judias. A maioria das recordações instaura-se como símbolo de um espaço de terror, (des)humano, reconhecido mesmo para quem ali não viveu. A imagem da morte e do terror perpassa por todos, de qualquer idade.²⁸⁴

Previsto intencionalmente para ser um lugar destinado para a destruição da subjetividade dos internos, Auschwitz cumpriu com o seu papel de ser, como muito bem definiu H. Arendt, uma instituição de extermínio totalitária.²⁸⁵ Presta-se muito bem como alegoria de “campo da morte” – moldada e multiplicada pelo discurso no qual a linguagem é o elemento socializador da memória – entrando até mesmo nos sonhos. Assim como definiu

²⁸² HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

²⁸³ *Ibid.*, p. 143.

²⁸⁴ GEHLEN, Rejane Seitenfuss. A guerra de clara: um diálogo possível entre literatura, história e memória. In: *Revista Literatura em Debate*, v. 4, Dossiê Especial, jan., 2010, p. 63-71.

²⁸⁵ ARENDT, H. *A condição humana...* op.cit., p. 653.

Ecléa Bosi, em seu texto “*Cultura e desenraizamento*”(1987)²⁸⁶, referindo-se à imagem lembrada e às imagens da vigília atual.

Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. Os dados coletivos que a língua sempre traz em si entram até mesmo nos sonhos.²⁸⁷

Através da perspectiva analítica de Benedict, atenta aos sintomas do desenraizamento em “*A ciência do costume*”(2000)²⁸⁸, emerge outro ponto na memória do Holocausto: a linguagem que carrega sentimentos imbricados e latentes que notamos na fala dos sobreviventes. Tanto nos adultos como nas crianças, as palavras escolhidas para narrar, expressam a visão de mundo de cada pessoa que experimentou a catástrofe de Auschwitz. A construção desta imagem (em constante movimento ou de apagamento) dependerá, certamente, dos padrões de forma e de medida transmitidos por sua comunidade de origem, principalmente pela comunidade judaica:

A história da vida individual de cada pessoa é acima de tudo uma acomodação aos padrões de forma e de medida tradicionalmente transmitidos na sua comunidade de geração para geração. Desde que o indivíduo veio ao mundo os costumes do ambiente em que nasceu moldam a sua experiência dos fatos e a sua conduta.²⁸⁹

Na sua autobiografia filosófica, *Bodenlos*, Vilém Flusser descreve muito bem esse emaranhado sentimental que atormenta a mente e vida daqueles que vivenciaram a violência nazista. A imagem da realidade aos pedaços, destrocada e engolida pelo abismo, deve ter atormentado milhares de mentes infantis. Retomamos aqui as imagens metafóricas retomadas por Flusser muitos anos após o seu exílio.

Pois tudo desapareceu. Não “de golpe” (como gostava de dizer os nazistas), mas aos pedaços. [...] a realidade caía aos pedaços, e aos pedaços ficou engolida pelo abismo. [...] Pesadelos invadiam a realidade. Não se sabia mais distinguir entre o sonho e o dia desperto. A estrutura da realidade tremia. Pesadelos de noite eram menos terríveis que notícias de dia. A aceitação da realidade passava a ser problema. Tudo (família, amigos, faculdade, filosofia, arte, plano para o futuro) devia ser aceite como ilusão, e

²⁸⁶ BOSI, Ecléa. *Cultura e desenraizamento*. In: BOSI, Alfredo (org) *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo, Ática, 1987, cap.2, pp. 16-41.

²⁸⁷ *Ibid.*, p. 18.

²⁸⁸ BENEDICT, Ruth. *A ciência do costume*. In: *Padrões de cultura*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2000. p. 13-32.

²⁸⁹ *Ibid.*, p. 13, 15, 32.

a realidade era o fato da morte violenta iminente: tarefa ontológica que ameaçava ultrapassar até as forças de um jovem.

Havia a tentação de fechar-se os olhos perante Viena e esperar que tudo isto passasse. Muitos caíam vítima dela...

[...] Os amigos alemães afirmavam, honestamente, que desprezavam a barbárie, nazista, mas não podiam negar, honestamente, que a ocupação alemã lhes trariam vantagens, e que uma vitória alemã satisfaria inconfessadas tendências íntimas. [...] a gente [...] estava perdendo o chão debaixo dos pés, e esperava-se para ser assassinada. [...] Irreconhecíveis ficaram também os amigos e parentes [...] Esta gente perseguida e aterrorizada, com suas máscaras sorridentes mal ajustadas (para esconder que dependiam da ajuda alheia), não podiam ser as mesmas que amávamos, e com as quais discutíamos o futuro da humanidade. [...] tais máscaras eram o melhor futuro que nos esperava. [...]

Em consequência passava-se a viver febrilmente. [...]

E os alemães chegaram, acontecimento esperado mas inacreditável. A sua presença era inacreditável, mas mais inacreditável ainda a modificação que provocaram. [...] passava-se a ser animal açoitado, cercado de feras (os ex-amigos) que esperavam pela primeira oportunidade de passarem ao ataque. Era pesadelo isto, era realidade? Que queria de nós essa gente toda? Buscavam a oportunidade de despojar-nos dos nossos bens e das nossas posições, depois de termos sido assassinados pelos nazistas Chacais dos lobos nazistas Que tremiam de medo de tais lobos muito mais que nós próprios tremíamos, porque tínhamos esperança.²⁹⁰

São linguagens metafóricas, muitas vezes emprestadas à doença, que retratam a quebra da articulação primária com o corpo, verbalizando a impossibilidade em sustentar uma imagem do “eu” e as temporalidades, mas, ao mesmo tempo, não possuem o poder de anular ou silenciar a vítima.²⁹¹ “Viver febrilmente” e “ficar sem chão” que sensações são essas? Representam medo, insegurança, perda de referências, incerteza sobre o que acontecerá no minuto seguinte.

Mesmo limitada em compartilhar as perversidades ocorridas durante o Holocausto, a linguagem utilizada para narrar essa memória traumática deve ser transformada em discurso elucidativo e educacional. Diante da força do negacionismo e do esquecimento, este deve ser um esforço contínuo, lembrando ao mundo que atos praticados durante o período não sejam repetidos. Daí a importância dos testemunhos, “monumentos sonoros” da barbárie.

3.2. Testemunhos/monumentos

Chegamos ao cerne do estudo: tentar apreender imagens do passado a partir de falas dos sobreviventes do Holocausto. Para ser mais explícito, buscamos compreender o sentido de

²⁹⁰ FLUSSEM, Vilém. *Bodenlos...* op.cit., p. 34-36.

²⁹¹ GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 146-148.

ter sido criança durante a Era Nazista e sobrevivido, muitas vezes ao acaso do destino, sem muitas escolhas. Daí a nossa pergunta: quais os desdobramentos futuros desse aprendizado?

As histórias de vida dessas crianças foram transmitidas a nós via oralidade, implicando numa espécie de compromisso com aquele que faz o registro. Para quem escuta, grava e analisa, o trabalho vai além da transcrição e da transcrição, pois trabalhar o gesto testemunhal exige necessário o emprego de mecanismos de justaposição como pano de fundo a veracidade subjacente. Não se trata de buscar pelas falhas, imprecisões ou lacunas contidas em uma narrativa, mas sim de evidenciar a intensidade do trauma, cuja discrepância, em geral, surge pela incapacidade de enfrentar as lembranças.

Ao fazermos justaposições entre o testemunho oral e os documentos em suporte de papel não estamos desrespeitando ou desqualificando a veracidade do relato, mas buscando compreender o processo da memória que envolve alterações e possibilita manipulações. Muitas vezes, os sobreviventes de um genocídio procuram manter uma distância entre si e aquela realidade insuportável. Ao levar em conta esses pressupostos, e a partir do ponto zero²⁹², reunimos procedimentos²⁹³ que geraram documentos dialógicos materializados pela escrita, que transformou os testemunhos em monumentos, fazendo aqui uma analogia com a obra de Le Goff “Documento/Monumento”.²⁹⁴ Ou seja: provocações que contrastam memórias explícitas e implícitas levando-nos a reconhecer como humanos pertencentes a um grupo e de outra forma enquanto cidadãos.

Este processo implicou em mediações para fazer a história do outro, fluidificada muitas vezes por outras histórias a partir da identificação dos grandes eixos de diferenciação da sociedade. Sob este prisma, valorizamos os discursos falados ou escritos que tratam dessas memórias e cujas narrativas sugerem outras marcas sobre um mesmo fato. Valorizamos, como sugere Kerbrat-Orechioni, citado por Ruth Amossy na obra *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (2005)²⁹⁵, “a imagem que eles fazem de si mesmos, do outro e a que imaginam que o outro faz deles”, visto que “é o jogo de espelhos que funda o quadro figurativo”.²⁹⁶

²⁹² Estabeleceu-se como ponto zero para esse projeto de história oral o entendimento da história do perseguidor, ou seja, quais e como o conjunto de ações políticas utilizadas para legitimar a perseguição aos judeus e por que da inação da sociedade. Para, posteriormente, interpretar a história daqueles que foram perseguidos.

²⁹³ Definimos como procedimento a reunião de fontes que vão desde captação de testemunhos gravados sob o prisma de história oral testemunhal; entrecruzados aos registros fotográficos, documentais e bibliográficos; cuja utilização comprometeu-se em responder aos questionamentos da pesquisa e, para além, pois transformar-se-ão em materiais de cunho educacional contra a discriminação e violência, e em prol da luta dos direitos humanos.

²⁹⁴ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. op. cit.

²⁹⁵ AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Ruth Amossy (org.) São Paulo: Contexto, 2005.

²⁹⁶ KERBRAT-ORECHIONI, apud, AMOSSY, 2005, p. 11.

Envolta em uma perspectiva interacional, os testemunhos monumentos dos sobreviventes e refugiados acerca da sua memória pueril, imbricam na ideia de um discurso eficaz, cujos enunciados são encadeados pela lógica do ponto de encontro: a infância durante o Holocausto. Assim, atentamos para essas enunciações, algumas vezes divergentes, e que são complementares e (re)elaborativas em seu próprio domínio da noção de ethos. Consideramos que reconstruir essas histórias de vida pelos testemunhos monumentos, apesar de todas as vicissitudes, evoca o compromisso moral na construção de uma cultura de justiça e igualdade com as gerações vindouras. Este é o objetivo que aqui nos move e inspirou os nossos atos de registro.

3.2.1. Os irmãos Tredler²⁹⁷



49. Blanka Tredler Arditti São Paulo, 2018. Fotografia de Lais Rigatto; Jorge Tredler. Rio de Janeiro, 2018, Fotografia de Fernanda Capri. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil.

Nascidos em Varsóvia (Polônia), Blanka em 8 de fevereiro de 1936 e Jorge em 27 de abril de 1939, filhos dos também poloneses Szymon Tredler e Irena Wlodaver-Tredler. O pai nasceu em 22 de fevereiro 1904, em Varsóvia na Polônia e, aos 12 anos, ficou órfão de pai e mãe, indo morar com a irmã casada que o ajudou na sua educação.

²⁹⁷ Os irmãos Tredler deram seus testemunhos em locais, momentos e pesquisadores diferentes ao Grupo de História Oral *Arqshoah*. Blanka T. Arditti concedeu em São Paulo, 23 nov. 2018. Câmera: Lais Rigatto. Entrevista e transcrição Rachel Mizrahi. Iconografia: Nanci do Nascimento Souza e Samara Konno. *Arqshoah/Leer-USP*; Testemunho de Jorge Tredler concedida à Fernanda Capri, no Rio de Janeiro em 25 maio e 07 jul. 2017. Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri. *Arqshoah/Leer-USP*.



50. Szymon Tredler e Irena Wlodawer-Tredler. Fotografias reproduzidas das Fichas Consulares de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Antuérpia, Bélgica, 2 de janeiro de 1951. Acervo *Arquivo Nacional/RJ*, Brasil

Segundo Jorge Tredler, neste momento, o seu pai matriculou-se em um curso na Escola de Belas Artes, onde se revelou exímio retratista. Também estudou violino no conservatório em Varsóvia. “Papai era um artista completo!” Szymon também foi um desportista e adorava remar no rio Vistola. No inverno, costumava esquiar num lugar chamado Zakopane, atuando como instrutor para os jovens principiantes desse esporte. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 30 de abril de 1984.



51. Da esquerda para direita: Blanche Tredler Arditti, Jorge Tredler, Irena Tredler e Szymon Tredler posando diante da tela “Os Judeus em Fuga”, de autoria de Szymon Tredler Rio de Janeiro, 1959. Fotografia de Uriel Tavares. Acervo *Blanka Tredler Arditti* ; *Arqshoah/Leer- USP*, São Paulo, Brasil.

Sua mãe Irena, nascida em 10 de abril de 1906, era formada em Letras, falava quatro línguas (polonês, russo, iídiche e francês) e trabalhava em um escritório que representava a Kodak. Faleceu no ano de 2008 no Rio de Janeiro. Ambos eram filiados à B'nai B'rith e se conheceram em um grupo de jovens sionistas que costumavam frequentar. Casaram-se após três anos de namoro, em 15 de janeiro de 1933, fixando residência no mesmo prédio onde residiam os avós maternos. Após três anos de casados, nasceu Blanka. Jorge nasceu quase três anos mais tarde. Cinco meses após seu nascimento, em setembro daquele mesmo ano, eclodiu a Segunda Guerra Mundial, momento em que os nazistas invadiram a Polônia utilizando a *blitzkrieg*.²⁹⁸

Blanka lembra-se de que, apesar de ter sido muito mimada, este período foi terrível:

Fui muito mimada pelos meus pais e avós.

Tinha uma babá que nos verões ia conosco para uma casa de campo. Meu irmão nasceu em abril de 1939. Poucos meses depois, a guerra começou.

A lembrança do período é apavorante! Meu pai foi preso para trabalhos forçados e, pouco vigiado no período, fugiu para a cidade de Białystok. Aí, esperou por nós, conseguindo trocar o apartamento em Varsóvia por uma casa simples.

Fomos levados. Lembro-me de meu irmão em um carrinho (importado) de bebê e eu ocupando a parte de frente.

Lembro-me de ter visto prédios em chamas, gritos e gente correndo.

Tive pesadelos por isso.

Lembro-me de minha mãe pedindo que eu não chorasse.

Meu irmão era um bonequinho vivo para mim, uma menina de 3 anos.

Passamos a noite pela fronteira da Polônia em direção a Białystok numa noite escura em caminho com lama.

Meu pai nos esperava do outro lado. Instalaram-se na casa da senhora e lá permanecemos por uns alguns meses.

Os irmãos Tredler não chegaram a conhecer os avós paternos, porém sabem os nomes: Szymon e Mira Benesz. De acordo com seu pai, Mira, faleceu após contrair tétano. Sobre os avós maternos também não se recordam e pouco sabem dizer, tão somente lembram que a avô era muito carinhosa.

A ocupação e rotas de fuga

²⁹⁸ *Blitzkrieg* (guerra relâmpago) era uma tática de guerra utilizada pelo exército alemão durante a Segunda Guerra. Foi considerada inovadora na época, pois contribuiu para a vitória e conquistas alemãs. Fonte: SILVA, Daniel Neves. "o que é blitzkrieg?". *Brasil Escola* [site]. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-blitzkrieg.htm>. Acesso em 27 maio 2017.

A família Tredler conseguiu escapar porque Szymon estava em Berlim e, ao ouvir pelo rádio as notícias sobre Varsóvia ocupada pela Alemanha, ficou temeroso sobre o futuro de sua família.

Imediatamente entrou em contato com amigos da juventude judaica para enviar um recado à Irena: fugir com os filhos para a única fronteira aberta naquele momento, a Rússia.²⁹⁹ Blanka recorda-se deste momento como uma noite escura e o caminho lamacento: “Passamos a noite pela fronteira da Polônia em direção a um lugar chamado Bialystok (Bielorrússia, anteriormente o território pertencia a URSS), não muito longe da fronteira, numa noite escura por caminho lamacento. Meu pai nos esperava do outro lado”.



52. Bialystok, Polónia. *Google Maps*, EUA.

Graças a algumas moedas de ouro que Szymon havia guardado, os Tredler instalaram-se na casinha de uma senhora onde permaneceram por uns alguns meses. A vida deles nesse local foi um tormento. Na primavera de 1940, com a aproximação dos alemães em direção a Bielorrússia, a família fugiu para o lado da Sibéria, chegando em Novosibirsk. Enfrentaram temperaturas entre 40 e 45 abaixo de zero, perambulando entre pequenas aldeias para não chamar atenção. Primeiro pararam em Kiev (atual Ucrânia), depois em Novgorod (URSS, atual Rússia) por algum tempo até decidirem migrar para Moscou (Rússia), cidade grande onde teriam maior proteção. Sobre Moscou, Blanka recorda-se “que os tetos das casas brilhavam ao sol. Bem diferente de Varsóvia era escura demais”.

²⁹⁹ Segundo os irmãos, naquela época ainda vigorava o pacto de não agressão entre os países, mas pouco tempo depois o acordo político foi rompido.

Decidiram depois ir mais para baixo, até a cidade de Tashkent, no Uzbequistão, onde permaneceram por muito tempo, pois encontraram outras famílias judias também foragidas vivendo no local. O grupo uniu-se, talvez pela tristeza e desespero. Nesse grupo, Blanka disse que conheceram Guila, na época já estava com 5 anos e meio. e um menino da idade de seu irmão, chamado Yurek. Foi aí que a família Tredler e os demais do grupo decidiram pegar um trem e desembarcar em Frunze (atual Biskeque), capital de Quirguistão (anteriormente pertencia a URSS). Era uma cidade grande, localizada em um vale, onde havia muito carvão, água, vegetação e, segundo Blanka, as pessoas se pareciam com mongóis: “Tiramos fotografias com roupas típicas russas, inclusive com um lenço preso na cabeça e amarrado no pescoço”.



53. Jorge e Blanche Tredler. Frunzie, Rússia, 1944. Fotografia reproduzida no convite para a entrega da medalha Pedro Ernesto. Fotógrafo não identificado. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil.

Continuaram a fuga e, no caminho, passaram novamente por Tashkent chegando em Königsberg (pertenceu a Prussia, atualmente a cidade chama-se Kaliningrado e é território

russo), isso era 1944. Sobre essa aldeia, Blanka lembra-se de detalhes, pois ali permaneceram por três anos:

[...] era um lugar com florestas de pinheiros e neve que ao cair ecoava um grande barulho que me assustava.

Recordo que era uma aldeia dividida em dois, pela estrada de ferro.

As noites eram enluaradas e traziam a memória as Noites Brancas de Dostoiévsky. Também havia lobos e seus olhos a assustavam, mas não se aproximavam com medo do fogo. Meu pai pintou pessoas ou trabalhadores levando o gado, quadro que conserva até hoje, pois o pai a presenteou com eles.

O tempo passou e, em pouco tempo, construímos uma casa com galhos cortados das árvores e colocados para formarem paredes, como se fossem iglus. O teto era feito de galhos e folhas e certa vez caiu, mas minha mãe percebeu algo errado e conseguiu tirá-los antes que o pior acontecesse.

O banheiro era feito de madeira e um buraco no chão. Ao lado da privada não havia pia, mas um esguicho. Do outro lado, uma parede ou janela que se abria no calor.

O fogão era redondo com um buraco em cima. Em cima, sempre tinha uma panela onde se cozinhava carneiro com trigo integral e legumes da região. E enquanto minha mãe descascava as batatas que ganhavam, contava histórias da família.

Andávamos muito a pé e nosso pai utilizava um esqui, feito de tábuas e bastões para deslizar, para facilitar o deslocamento.

Nosso pai retratou o chefe local e por isso, recebia sacos de batatas, cebolas e milho. Era um *Chulem*. Os habitantes eram mongóis e havia alguns ladrões.

Em Königsberg, os Tredler plantavam milho, beterraba, abóbora e melancias que vendiam no mercado. Tinham galinhas, carneiros, uma vaca. Tomavam leite e faziam queijo, aproveitando tudo. Jorge lembra que “abria a janela para dividir com outras famílias os alimentos que produziam; ... e com a população local aprenderam a língua mongol, mas falava-se também o russo”. A família chegou quase perto da muralha da China”. Integrado a essa comunidade, Szymon era chamado para tocar o seu violino. Tocava e os pintava. Ao assistir ao filme *O Violinista do Telhado*, Blanka logo se lembrou de seu pai, que tocava violino no telhado e chorou no cinema, pois “a cena real vinha a sua memória”. Todas as sextas-feiras, durante o *Shabat*, acendiam dois galhos (em lugar de velas). Os galhos eram grossos, a chama e a fumaça também. “A lembrança que guardamos desse tempo é o cheiro dos galhos queimando”, disse Blanka.

Nesse período a NKVD³⁰⁰ (polícia russa) foi visitá-los e perguntou se eles gostariam de se naturalizarem russos. Seus pais se recusaram porque, com o término da guerra, pretendiam retornar à Polônia. Então, a polícia utilizou outra estratégia, mediante a falsa promessa de que estava tudo bem, que o Alto Comissariado gostaria de conhecê-los, solicitando seus documentos para serem devolvidos. Jorge recordou-se que seus pais “entregaram, inocentemente. E no dia seguinte, quando deram e quando foram buscar os oficiais disseram que não havia documentação alguma e que eles estavam presos”.

Blanka, seu pai como sua mãe passaram a ser observados por aquela Polícia Política, tanto por sua origem judaica como por suas atividades. O fato de seu pai visitar frequentemente algumas famílias residentes na capital para retratar as pessoas e, assim ganhar algum dinheiro com isso e sua mãe tocar bem piano, acabou por ser a perdição da família. Szymon e Irena ficaram detidos em uma prisão em Arkhangelsk (Rússia), próximo a Sibéria e as crianças sozinhas, abandonadas. Blanka descreve a separação e como foi sobreviver sem proteção e cuidados dos seus pais. Um período muito difícil na vida deles:

Não houve despedidas. Fomos para a casa de Guila e Yurek. Foi um período difícil, tive que ser responsável por nós dois. Meu irmão era levado e uma vez caiu no lago, como era mais profundo demorava a congelar, para salvá-lo deslizei até ele e o puxei. Ele estava azul!

Tirei minha roupa e o embrulhei com ela e o levei para a casa de nossos amigos. Coloquei panos quentes e ele se refez.

Fomos ao hospital do outro lado da linha do trem, onde viviam os da terra, Não sai de perto de meu irmão. Coloquei ventosas em meu irmão, como a minha mãe fazia. Meus pais ficaram presos por um ano e meio. Passávamos fome. Para comer ficávamos com os dentes pretos, pois mastigávamos piche. Fazíamos isto para que nos levassem ao hospital por termos os dentes pretos. Assim comeríamos pão branco. Havia diferença no tratamento... As lembranças do hospital são boas, pois lá comíamos.

Meus pais ficaram presos em Arkhangelsk, na Sibéria, e não vivíamos mais com fartura. Na prisão, meu pai pintava os chefes e conseguiu que um deles o levasse até nós, seus filhos. No hospital uma enfermeira quis até ficar com meu irmão, pois ele cantava e dançava bem. Meu irmão a partir do afogamento agarrou-se a mim e era obediente. Ele era brincalhão e eu rígida. Meu pai se assustou quando nos viu no hospital e depois nos achou espertos e voltou para a prisão.

Meus pais ficaram em prisões separadas e se viam somente pelas grades, sempre lotadas.

Eles foram libertos antes do decreto da Libertação. Os russos não queriam mais os poloneses. Voltaram para Königsberg e as pessoas começaram a se organizar para voltar à Polônia.

³⁰⁰ Narodny Komissariat Vnutrennikh Del – NKVD, agência de polícia secreta soviética, precursora da KGB. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “NKVD”. *Encyclopedia Britannica*, 20 jul. 1998. Disponível em <https://www.britannica.com/topic/NKVD>. Acesso em 25 maio 2020.

Lá chegamos a frequentar escola e aprendemos o cirílico (escrita russa). O inverno fazia as escolas fecharem durante um longo período. A natureza era rápida e o verão passava rápido. Meus pais nos educavam dando-nos papel e lápis de quatro cores. Quando ficávamos com os outros, eles não nos ensinavam e não contavam histórias.

Quando chegamos a nossa casa, nada mais existia dos bens que eram nossos. Meu pai antes juntou dinheiro para podermos voltar para Wroclaw (Polônia)³⁰¹. Haviam marcado um encontro antes da Guerra que, caso sobrevivessem lá se encontrariam, em Wroclaw.

Jorge recorda-se com mais alguns detalhes sobre a prisão de seus pais, definido como o período mais cruel da sua vida, sendo a sobrevivência um milagre:

Minha mãe uma mulher delicadíssima, tipo mignon, foi para em um campo de mulheres onde trabalhava na plantação de batatas e beterrabas o que foi muito sofrido fisicamente para ela. Meu pai já era mais atleta, era forte, mas devido ele ter informado ser pintor e ter concluído a Escola de Belas Artes em Varsóvia, e tocar muito bem violino, seus carcereiros decidiram alocá-lo dentro desse campo de concentração russo, como pintor. E assim meu pai passou a pintar em uns pedaços de madeira desenhos de caveiras e avisos de alerta e cuidado.

Isso consegui salvar-lo, pois meu pai chamou a atenção porque terminou o trabalho rapidamente e, ao ser questionado por um oficial, o convenceu de que conseguiria pintar seu retrato. Assim, o fez conquistando algumas regalias dentro da prisão como, por exemplo: passar alguns pacotes de comida para a minha mãe que estava num outro campo.

Eu, aos quatro anos, e minha irmã de sete anos de idade vivemos um dos períodos mais difíceis e cruéis das nossas vidas! Fomos separados de nossos pais ficando sozinhos em casa de outras pessoas.

Minha sobrevivência foi um verdadeiro milagre, pois cai em um lago de água gélida e minha irmã me salvou! Agradeço muito a ela que cuidou de mim!

Também tivemos um episódio em que não tínhamos para onde ir e por duas noites nos dormimos na estação de trem. Quer dizer! Crianças, eu nessa época tinha de 5 pra 6 anos.

Um ano e sete meses depois, meus pais foram liberados e resolveram sair de Königsberg, chegando até um lugar na Ásia chamado Baku.

Sobre Baku(Azerbaijão) – cidade até hoje famosa pelo petróleo – Jorge apela para a sua memória olfativa, que é mais duradoura e intensa que a audição e a visão: “o cheiro lá era de petróleo, de manhã até de noite se respirava petróleo”. Ficaram hospedados na casa de uma pessoa que recolhia os fugitivos, recomeçando assim suas vidas.

³⁰¹ Nome em polaco, para cidade de Breslávia (em alemão Breslau) é uma cidade da Baixa Silésia, na Polônia. A cidade pertenceu à Polónia (990 ao século XIV), ao Reino da Boémia (hoje República Checa), à Áustria (1526 – 1741), à Prússia e desde 1945 é uma cidade polaca. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Wrocław”. *Encyclopedia*, 22 jan. 2020. Disponível em <https://www.britannica.com/place/wroslaw>. Acesso em 25 maio 2020.

O recomeço

Em 1945, quando acabou a guerra, tantos os Aliados como a Cruz Vermelha Internacional divulgaram listagens com os nomes das pessoas que se salvaram. Foi assim que a mãe de Jorge e Blanka localizou sua irmã, Franca (Francis) Wlodawer. Ela estava em Breslau (em polonês é conhecida como Wroclaw), cidade que passou a ser dos alemães.

Segundo Blanka, o reencontro das duas irmãs foi algo muito emocionante. Felizes, elas riam e choravam ao mesmo tempo! Foi assim que souberam que o avô havia falecido no início da guerra e que a avó morreu em campo de concentração nazista. Enfim, sobreviveram e foram todos para a Bélgica. A tia Krysia Starker escreveu um livro sobre a vida deles no país, um outro tio foi para Antuérpia e se casara, e o pai pensou ir. Krysia não os acompanhou.

Blanka lembra-se deste momento como de recuperação da vida, apesar da destruição causada pela guerra. Em meio as ruínas, a imagem de alguma bela natureza, chamava atenção, como consta em seu relato:

A cidade estava em ruínas, por causa da guerra. Na cidade tudo era uma ruína, móveis destruídos e muitas fotografias pelo chão...Tiveram sorte de levar as fotografias para a Rússia e também o violino, mantido sempre pelo pai.

Meus pais querendo trabalhar, nos colocaram no “Home de La Bas” em Namur, sul da Bélgica e onde se falava o francês. Em pouco tempo a mãe lhes ensinou a língua. Isso foi muito importante, pois até hoje trabalho ministrando a história da França em francês. As outras línguas deixaram de falar, inclusive o russo.

No “Home” a natureza era belíssima. Tinha 9 anos e meu pai trabalhava pintando e economizando dinheiro.

Depois que Irena, mãe de Blanka e Jorge, soube que seu irmão dela estava em Antuérpia (Bélgica), a vida foi sendo retomada e a família reunida, apesar das dificuldades. Corresponderam-se com Krysia que os convidou para morarem com ela, pois estava em uma situação muito melhor. Foi o que a família fez. Em Antuérpia, Szymon passou a trabalhar na Bolsa de Valores ajudado e, assim, refez a vida. Para Blanka, este momento foi de crescimento, de descoberta de um outro mundo, com muita cultura e oportunidades. Como dizia seu pai: “já que sobrevivemos, vamos aproveitar a vida”:

Nosso tio era diamantário e chamou meu pai para trabalhar com ele na Bolsa de Valores, onde havia um grande número de judeus. Minha mãe aconselhou meu pai a cobrar menos e conseguir maior volume de negócios. Foi o que

meu pai fez e, ganhando mais, nos tiraram logo do Home. Voltamos a morar com nossos pais em um quarto alugado no ano de 1947. Estudamos na Bélgica em uma escola até às 17 horas e lá fazíamos as lições com um supervisor. A escola nos levava a museus e a entrada era livre.

Estava com 11 anos, quando meu pai disse “já sobrevivemos, vamos aproveitar a vida”. Fomos a Paris e encontramos nossa tia. E depois para Arosa, na Suíça, onde meus pais alugaram uma casa dividindo-a com a proprietária. Ganharam dinheiro na troca das moedas entre os países.

Na escola, eu era aplicada e tive amigas que se tornaram inseparáveis. Uma delas Mina Mann mora no Rio de Janeiro e a segunda é Sonia que se casou com uma pessoa de sobrenome Mograbi; Mireille órfã de pai, e Edith todas colegas que iam juntas à escola na Bélgica.

Mas, em 1951, uma notícia alertou Szymon Tredler: a Guerra da Coreia³⁰². Preocupado, reuniu a família e disse que não queria passar por outra guerra. Jorge recorda-se que aquele foi um momento decisivo para a emigração, tomando como referência o fato de que outras famílias estavam fazendo o mesmo:

Meu pai falou assim: “eu não vou passar porque Europa é o centro de tudo”. Ele sabia dos problemas que poderiam acontecer e resolveu ir para um país que tinha cobras no chão, índios, flechas e, cocos e bananas da rua, enfim, um país chamado Brasil.

E foi o que nós decidimos, viemos para o Brasil.

Vimos de navio, um semicargueiro, com várias outras famílias que também resolveram fazer a vida aqui no Brasil.

O nome do navio se chamava Alex Van Opstal, um navio de bandeira holandesa. JORGE TREDLER

O Brasil como destino

Embora quisessem ir aos Estados Unidos, os Tredler vieram ao Brasil, onde um tio chamado Isaac Wladower tinha um apartamento no Rio de Janeiro. Foi ele quem os aconselhou, argumentando a qualidade do clima tropical. A viagem no navio cargueiro levou um mês, passando pela Ilha da Madeira e pelo Recife em pleno período de pré-carnaval. Foi então que os Tredler viram pela primeira vez o frevo, uma das mais eletrizantes danças brasileiras. Estranhando aquele ritual, Szymon achou que chegaram a um país de loucos. Pararam ainda em Salvador e, quando finalmente chegaram ao Rio de Janeiro, em 08 de fevereiro de 1951, hospedaram-se em uma pensão em Copacabana. Detestaram a comida feita

³⁰² A Guerra da Coreia foi um conflito que aconteceu na Península da Coreia, no período de 1950 a 1953, entre os diferentes governos formados na Coreia do Norte e na Coreia do Sul. Esse conflito causou um total de 2,5 milhões de vítimas e contribuiu para agravar a divisão existente entre as duas Coreias. SILVA, Daniel Neves. “Guerra da Coreia”. *História do Mundo*, Goiás, s.d. Seção Idade Contemporânea. Disponível em <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-da-coreia.htm>. Acesso em 25 maio 2020.

com óleo de oliva, pois estavam acostumados com óleos sem cheiro. Tiveram certa facilidade com a língua latina e passaram a frequentar o Centro Israelita Brasileiro – CIB. Desta vez, em terras brasileiras, Szymon Tredler, mais uma vez, refez sua vida trabalhando com sua esposa no comércio e serviços de joias. Os irmãos Blanka e Jorge seguiram, cada qual, o seu caminho, cuja trajetória reconstituímos a seguir, procurando distinguir suas impressões sobre a nova terra.

A história de Blanka Tredler Arditti

Já no Brasil, Blanka Tredler estudou Línguas Neolatinas e, quando começaram a frequentar o CIB, conheceu seu futuro marido Mauricio Arditti, arquiteto. Casaram-se em 1958 e dessa união nasceram dois filhos Roberto (1958) e Sérgio (1962). Após o casamento, decidiram morar em São Paulo considerando a melhor proposta de trabalho no escritório de Lauro Costa Lima. Szymon fez sociedade com Jacob Goldenberg na empresa Forma e Espaço e, com o fim da sociedade abriu a MBA – Maurice e Blanche Arditti.

Sobre a vida, Blanka tem consciência que sua família fez tudo para sobreviver. Lembra que não teve infância, nunca brincou com brinquedos e foi muito triste ter morado separado de seus pais. Recorda-se que sentiu fome, referindo-se à época que moraram em Tashkent, quando não recebia o mesmo de alimento que a Guila, coleguinha do grupo. Por conta de tudo que viveu, Blanka tornou-se adulta antes do tempo, com responsabilidades de adulta, mesmo sendo criança. Para finalizar seu testemunho deu “Graças a D’us, pudemos eu e meu irmão mantermos unidos e com amor”.

Jorge Tredler

As memórias de Jorge Tredler sobre o que passou com sua família ao tentar escapar dos nazistas são nebulosas. Ele crê que não impactaram tanto sua vida quanto a da sua irmã, pois na época era pequeno. Mas, sente que teve uma infância envolta pelo medo, tensão e privações. Considera que, naquela época,

[...]em que eu deveria brincar, estava me escondendo, procurando por comida e tentando me manter vivo. Minha irmã foi importante para mim, quando meus pais foram detidos e ficamos sós, ela tentou fazer o papel deles, me protegendo e defendendo. Devo minha vida a ela!

No Rio de Janeiro, Jorge foi estudar no colégio Mello e Souza que fica em Copacabana, bairro onde reside desde que chegou no Brasil. Recorda-se que sofreu *bullying* e, por isso, envolveu-se em confusões. Durante a sua juventude, fez parte de turmas de rua como da Constante Ramos, Bolívar, Miguel Lemos, sempre no bairro de Copacabana. Amante da música, Jorge gravou um CD intitulado “*As canções da minha vida*”, com treze faixas onde interpreta algumas músicas das quais mais aprecia em inglês, espanhol, francês e português.



54. Compact Disc de Jorge Tredler intitulado “*As músicas da minha vida*”, onde gravou treze faixas das músicas que mais aprecia, em vários idiomas. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil.

Assim como seu pai, Jorge trabalhou no comércio de pedras preciosas e joias, sendo o fundador da empresa Intercon Consultoria e Comércio Exterior. Casou-se com Denise Levy Tredler (atualmente desembargadora no Tribunal Judiciário do Rio de Janeiro) com quem teve três filhos, sendo duas meninas gêmeas chamadas Viviane Levy Tredler e Karina Tredler Zajdhaft (uma arquiteta e a outra administradora), e um menino Fábio Levy Tredler (advogado), os quais lhes deram cinco netos.

Em 19 de maio de 2016, recebeu a medalha de Mérito Pedro Ernesto³⁰³ pelo vereador Marcelo Arar. Nos dias atuais Jorge está aposentado e dedica-se parte do seu dia a escrever

³⁰³ Criada através da Resolução nº 40, em 20 de outubro de 1980, a medalha Pedro Ernesto é a principal homenagem que o município do Rio de Janeiro presta a quem mais se destaca na sociedade brasileira ou

sua biografia cujo título já foi escolhido “*Dois vidas e uma biografia*”. Ele explica que deu este título porque se refere à vida que ele teve quando morava na Europa durante a guerra e outra tranquila e feliz que vive no Brasil. É membro da B’nai-B’rith e deixou o seguinte recado para as gerações futuras: “Acreditem no futuro e sejam otimistas como eu!”



55. Jorge Tredler com o vereador Marcelo Arar na Câmara Municipal de Vereadores do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016. Fotografia reproduziada no verso do convite para a entrega da medalha Pedro Ernesto à Jorge Tredler. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil.

internacional. A condecoração recebeu esse nome em reconhecimento ao trabalho do prefeito Pedro Ernesto, e por isso sua figura é estampada nas duas Medalhas que fazem parte do Conjunto. A medalha é composta por dois medalhões, como dito anteriormente, contendo a estampa do ex-prefeito Pedro Ernesto sendo uma presa ao colar, e a outra para ser colocada na lapela do lado direito do homenageado. Ambas são presas em uma fita nas cores azul, vermelha e branca que são as cores da bandeira da cidade do Rio de Janeiro. **CÂMARA MUNICIPAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**. “Medalha Pedro Ernesto”. Seção Eventos, Homenagem. Disponível em http://www.camara.rj.gov.br/cerimonial_homenagens.php?mc1=homenagens. Acesso em 27 maio 2017.

3.2.2. Fany (Feiga) Goldwasser³⁰⁴



56. Fany (Feiga) Goldwasser. Fotografia reproduzida da Ficha Consular de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Munique, Alemanha, 1948. Acervo *Arquivo Nacional/RJ*, Brasil.

As informações que conseguimos reunir sobre a história de vida de Fany (Feiga) Goldwasser (casada) / Fany (Feiga) Wainszelbaum (solteira) tiveram como fonte a entrevista realizada com a primeira geração de descendentes dessa refugiada do Holocausto: seus filhos Roberto e Rosane, que conhecem pouco sobre a história, pois seus pais não gostavam de abordar o assunto. Aqui a trataremos como Fany.



57. Roberto e Rosane Goldwasser. Rio de Janeiro, 4 maio 2017. Fotografia de Fernanda Capri. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil.

³⁰⁴ A história da Fany Goldwasser foi contada pela primeira geração e descendentes Roberto Goldwasser e Rosane Sonia Goldwasser à Fernanda Capri. Iconografia e transcrição Fernanda Capri, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 04 maio 2017. Arqshoah/Leer-USP.

Segundo Roberto e Rosane, “Fanele, Fanele você se comporta e não brigue com seu professor de hebraico”, é a frase que sua mãe cita, durante as poucas vezes em que fala sobre o seu passado. Fany lembra-se do seu pai Gecla, assassinado pelos nazistas durante a ocupação.

Nascida na Polônia, em 28 de dezembro de 1928, em Lodz, Fany é filha de Gecla Wainszelbaum e Riwka Lejbsohn, filha temporã dentre um irmão e irmã mais velhos, os quais já haviam saído de casa para estudar em outra cidade quando ela nasceu. Segundo o pouco que seus filhos sabem sobre o seu passado era que ela sempre foi considerada uma excelente aluna.

Algum tempo após seu nascimento, seus pais se mudaram para a cidade de Korets (URSS, atualmente a cidade pertence a Ucrânia), onde mantinham uma plantação de beterrabas e a levavam para passear de charrete, enfeitando sua cabeça com uma coroa de flores, tal qual faziam as polonesas camponesas. Fany – então com idade entre 9 e 10 anos – nunca esqueceu quando a guerra eclodiu em 1939, e os alemães nazistas, de sobressalto, entraram na cidade e liquidaram a maioria em vala comum. Porém, Fany conta que seu pai conseguiu escondê-la, durante um certo período, com uma família cristã. Mas, isto durou pouco tempo e ela acabou retornando para sua cidade natal sendo retida no gueto de Lodz.³⁰⁵

No tempo em que viveu no gueto, Fany dizia que costumava sair com alguns colegas para buscar água e mantimentos. Em uma dessas saídas, avistaram de longe um local pegando fogo e decidiram fugir para floresta. E assim aconteceu. Enquanto viveu na floresta, Fany costumava manter a aparência de uma mulher polonesa do interior. Às vezes, junto aos colegas, dormiam à noite nos trens que levavam os passageiros para os campos. Contou também que recebia ajuda de grupos de resistência para sobreviver.

Da sua família só restou uma prima-irmã a qual (re)encontrou somente após a guerra. Aos seus filhos, Fany passou a obrigação pelo estudo acima de tudo, o apego pela organização, à busca por seus objetivos, os bons pensamentos das luzes do *Shabat* e a paixão pela comida judaica.

³⁰⁵ A cidade de Lodz possuía a segunda maior população judaica da Polônia quando as tropas alemãs invadiram em setembro de 1939. No início de fevereiro de 1940, os alemães criaram um gueto de 3.885 km² e nos dois anos seguintes, mais de 40 mil judeus e 5 mil ciganos foram obrigados a viver no gueto. Entre janeiro e setembro de 1942, 75 mil judeus desse gueto foram transportados para o campo de extermínio de Chelmno. O gueto de Lodz funcionou até o verão de 1944, quando a maioria dos judeus remanescentes foi deportada para serem assassinados em Auschwitz. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “O Gueto de Lodz”. *Enciclopédia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/animated-map/the-lodz-ghetto>. Acesso em 25 maio 2020.

O encontro com Maurício Goldwasser

Maurício Goldwasser nasceu em Opatow, na Polônia, em 05 de outubro de 1918, filho de Pejsach e Rifka Tepper. Provinha de uma família de matriarcas de cinco irmãs e dois irmãos os quais conseguiram emigrar com seu pai para o Brasil antes da eclosão da Segunda Guerra. O jovem Maurício com sua irmã mais nova foram levados para o gueto de Opatow. Maurício cuidou de sua irmã Gitl como pode, mas infelizmente os alemães nazistas a levaram para Treblinka, enquanto ele ficou aprisionado durante cinco anos no campo de trabalhos forçados e de morte chamado Skarzysko Kamienna.

Seu filho Roberto descobriu nos arquivos da Yad Vashem um depoimento escrito por seu pai de próprio punho em ídiche, assim que foi libertado pelos Aliados, contando sobre a sua experiência no campo de trabalhos forçados. Em um trecho desse documento, ele cita alguns fatos vividos por ele e sua irmã Gitl quando ficaram retidos no gueto da sua cidade. Outro documento localizado por Roberto está citado livro em língua inglesa chamado “*Death comes in yellow: Skarzysko-Kamienna Slave Labor Camp*” (1997), de autoria de Felicja Kaláh. Aqui é descrito o campo de trabalhos forçados Skarzysko Kamienna, local em que Maurício Goldwasser esteve retido de 1938 até 1945. Roberto apurou ainda citações ao nome de seu pai nas páginas 143, 144, 146 e 231 desta mesma obra.

Com o fim da guerra e a liberação dos prisioneiros dos campos de trabalho, de concentração e de extermínio, boa parte dos sobreviventes e Deslocados de Guerra (DPs) mal conseguiam se erguer, tamanha era a debilidade física e mental. Alguns que podiam caminhar buscavam informações de algum parente em suas cidades de origem, mas nem sempre as notícias eram boas. Sobre este fato Rosane Goldwasser lembra-se de uma história que sua mãe conta esporadicamente.

Mamãe diz que ao final da guerra pegou um trem para Munique (Alemanha) junto com uma amiga, mas durante o trajeto essa amiga (que ela não lembra o nome) resolveu voltar para procurar alguma coisa ou parente. Mamãe disse para ela que não precisava voltar e interessa o dali para frente. Algum tempo depois, minha mãe soube que essa amiga foi assassinada no pós-guerra pela Armia Krajowa³⁰⁶ (militância polaca antissemita), como ocorreu no morticínio de Kielce (Keltze, Polônia)³⁰⁷.

³⁰⁶ Organização polonesa de resistência militar ativa em ocupou a Polônia do outono de 1939 a janeiro de 1945. Em final de setembro de 1939, o Serviço de Vitória da Polônia foi estabelecido e evoluiu para a União de Lutas Armadas. Em fevereiro de 1942, tornou-se o Lar Exército. Algum tempo grande parte dos outros exércitos foi assimilado na AK. O principal objetivo do AK era preparar para a ação contra os alemães e, no final da ocupação alemã, realizar revolta armada geral até a vitória. Então, o governo polonês exilado de Londres retornaria e assumiria ao controle. Em fevereiro de 1942, os poucos judeus serviam na AK foi remanejada para a Seção de Assuntos Judaicos, para coletar informações sobre a situação da população judaica. A AK também ajudou os

Quando chegou a Munique, Fany juntou-se a um grupo de refugiados que estava decidido a sair da Europa, pela França, com o auxílio da Joint.³⁰⁸ Neste grupo, conheceu o sobrevivente do campo de trabalhos forçados e extermínio de Skarzysko Kamienna³⁰⁹, cujo nome era Maurício Goldwasser. Ambos se apaixonaram e, antes de sair da Europa, resolveram casar-se em uma cerimônia coletiva, onde cada qual após a benção de um rabino (Khupá Kadisha) passavam as roupas, véus e sapatos para o próximo casal. A festa do casamento coletivo estendeu-se noite adentro. Sobre a celebração, Fany contou aos seus filhos que se casou com um sapato grande e preto.

A decisão de vir para o Brasil

Pouco tempo após o casamento, Fany recebeu um telegrama de parentes que estavam na Filadélfia, nos Estados Unidos, mas como ficou com receio de ser mais uma armadilha dos nazistas, decidiu não responder. De acordo com Roberto, duas primas acreditaram e hoje vivem em Michigan – EUA. Nesse ínterim, Fany e Mauricio, que não haviam concordado, precisaram refazer suas vidas longe da Europa. Então, o jovem casal decidiu vir para o Brasil, tendo em conta que o pai e irmãos de Maurício já residiam no Rio de Janeiro.

Assim, a bordo de um navio de carga de animais, o casal Goldwasser desembarcou no Porto de Mauá, em 1948. Foram residir no Rio de Janeiro, onde criaram e formaram três filhos: Gerson Paulo, médico cardiologista, Roberto, engenheiro eletricitista, e Rosane Sonia,

judeus durante a Revolta do Gueto de Varsóvia, mas foi responsável por muita subversão armada e econômica. Com destaque, liderou a Revolta Polonesa de Varsóvia, que eclodiu em 1º de agosto de 1944 e foi adiado somente em 2 de outubro de 1944; e participou de batalhas com os nazistas. YAD VASHEM. “Shoah Resource Center, The International School for Holocaust Studies”. *Home Army*, Israel, s.d. Disponível em https://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206421.pdf. Acesso em 26 maio 2020.

³⁰⁷ Em 1946, após o término da guerra, aproximadamente 200 judeus regressam a Kielce (Polônia) com o objetivo de reconstituir uma comunidade. Contudo, antissemitas polacos, pertencentes em sua maioria a grupos nacionalistas, incitaram um pogrom. Os judeus não conseguiram se defender, suas armas foram confiscadas justamente no dia anterior, 42 judeus são mortos, entre estes dois meninos, e aproximadamente 50 são feridos. FANTONI, Wagner Facundo. *O dever de autenticidade diante da banalidade do mal e a superação do paradoxo do mentiroso nazista*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito, Faculdade de Direito, da Fundação Mineira de Educação e Cultura Universidade Fumec, Belo Horizonte: 2017. pp.200.

³⁰⁸ American Jewish Joint Distribution Committee, maior organização norte-americana de socorro ao judaísmo. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *O anti-semitismo nas Américas: memória e história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2007. p. 710.

³⁰⁹ Campo de trabalho escravo para judeus trabalharem em uma fábrica de munição para o exército nazista, localizado na cidade que leva o mesmo nome, na Polônia. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “Mulheres Durante o Holocausto”. *Encyclopedia do Holocausto*, EUA, s.d. Seção Galeria. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/women-during-the-holocaust-artifacts>. Acesso em 26 maio 2020.

médica intensivista, que se casaram dando a eles seis netos e um bisneto. Faleceu em 2022 e deixou como ensinamento para seus filhos uma frase: “Olhar para frente.”

3.2.3. Rafael Zimetbaum³¹⁰



58. Rafael Zimetbaum e sua neta, Bárbara Zimetbaum. Rio de Janeiro, 3 out. 2017. Fotografia de Fernanda Capri. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil.

Rafael nasceu na Antuérpia (Bélgica), em 11 de junho de 1928, filho de Lejzor Zimetbaum e Ittel Lowy Zimetbaum. A família morava no segundo andar do número 28 da Steenbokstraat, antes da invasão nazista. Antes da família fugir da Bélgica, Rafael teve uma infância feliz, sendo “mimado e paparicado por todos”, especialmente por ser o neto mais novo do lado materno.

³¹⁰ Rafael Zimetbaum concedeu sua entrevista ao Grupo de História Oral Arqshoah, acompanhado de sua neta Bárbara Zimetbaum. Rio de Janeiro 03 de outubro de 2017. Entrevistadora, câmera, iconografia e transcrição: Fernanda Capri. Arqshoah/Leer-USP.



59. Prédio onde Rafael Zimetbaum residiu com sua família na Bélgica até maio de 1940. *Google Earth*, EUA.

Seus avós paternos chamavam-se Moise Zimetbaum e Ester Zimetbaum e eram menos religiosos que os avós maternos, Raphael Maurer e Race Lowy. Estes últimos respeitavam rigorosamente o calendário judaico e “viviam em um ambiente à antiga, o que era muito importante em suas vidas”, segundo Rafael Zimentbaum. Seus dias eram sempre com folguedos, alegres e felizes, com estudos na escola e deveres de casa. Frequentava a escola Tachkemoni, uma escola religiosa, mas não ultraortodoxa, sendo apenas para meninos.

Na época do inverno praticamente brincava sozinho. Rafael lembrou-se, ao dar seu testemunho, que os dias eram grisalhos, frios e saía-se muito pouco. Antes da chegada das tropas nazistas, o antissemitismo já se fazia presente na Bélgica, ainda que de forma casual, fortuita, conforme recordou. Sinais dos tempos, concluiu. No entanto, o racismo sustentado pelos nacional-socialistas deixou sequelas:

Nós sofríamos algum tipo de preconceito antes da guerra estourar. Se não de maneira organizada e constante, de maneira ocasional, fortuita, mas era uma coisa mais ou menos constante. Quando não era diretamente era indiretamente e de alguém que tinha falado de nós ou feito insinuações... e eu me lembro quando criança, assisti algumas cenas que me marcaram muito, quase que traumatizantes.

Eu várias vezes fui vítima de agressões verbais, nunca físicas, porque era um menino pequeno pra minha idade e muito franzino, então seria muito covarde alguém partir e me agredir fisicamente. Mas eu já fui alvo de brincadeiras jocosas, de insultos.

Um episódio me marcou terrivelmente foi num domingo, início da tarde, meu pai me levou até o centro e combinou comigo que ele me daria um dinheiro pra eu ir ao Cineac, onde estava levando uns desenhos animados e uns documentários, e que ele daria um pulo até um café onde estava sendo disputado um campeonato de bilhar francês, e que na saída, ele já olhou os horários, ele estaria lá me esperando.

Eu fiquei na fila, eu era o 10º, 12º da fila, e meu pai já tinha se afastado, quando vieram dois jovens, altos loiros, fortes, e chegaram lá rindo. Possivelmente sobre efeito de uma cervejinha ou duas a mais, e gritaram “todos os judeus, fora da fila. Lá pra trás”. E como um só homem, todos os judeus, e eram vários a minha frente, se entreolharam e foram se postar lá atrás. Isso me machucou tremendamente e eu, pequeno, obviamente fiquei paralisado de medo onde eu estava.

Comigo não mexeram porque imagina dois caras altos mexerem com um garotinho. Eu entrei no cinema transtornado, mas aí lá, vendo os desenhos animados e os documentários, eu acabei esquecendo, ri, me diverti.

Quando saí e vi meu pai, assim que vi meu pai, eu cá num pranto assim incontrolável e meu pai perguntando “Que foi? Que foi”, e aí entre soluços consegui contar a história e meu pai “Olha, não pense mais nisso, não aconteceu nada de fato. É grave, mas não aconteceu nada. Mais adiante você há de entender”.

E o fato é que entender eu entendi, mas aceitar, não aceitei, como não consigo aceitar até hoje. Isso já mostrava o clima que já havia se instalado, né?

A chave aí é exatamente isso. O hábito de estar acostumado, o “não vale a pena”. Se você reclamar vai dar numa briga, eles são muito mais fortes, a opinião pública não vai tomar o nosso partido, então pra que? “Não vale a pena”. “Vamos ficar lá atrás, não aconteceu nada”.

Sinal dos tempos.

Atento ao que ocorria na Polônia e Alemanha, e com medo de que a onda de perseguições chegasse à Bélgica, seu pai foi até Bruxelas e retirou seu tio Ignatz Isaac do sanatório. No dia 10 de maio de 1940, os temores de Lejzor se concretizaram quando a Alemanha desencadeou sua ofensiva, simultaneamente, contra Holanda, Bélgica, França. Durante a madrugada tudo mudou para Rafael e sua família. Sobre aquela noite ele conta que, a partir daí, a vida da família mudou radicalmente, ainda que ele (Rafael) não tivesse muita consciência do que estava acontecendo:

Os depósitos de hangares nas cercanias de Antuérpia, não muito longe de onde residíamos, foram alvos dos primeiros bombardeios pela Luftwaffe. Foram disparadas as baterias antiaéreas, e isso aconteceu por volta de 4:30 / 5:00 da manhã.

Lembro-me do meu pai entrando no quarto, acendendo as luzes e dizendo: “Crianças, vistam-se! Começou a guerra. Começou a invasão alemã”!

E eu me lembro que minha primeira reação foi “Oba! Não tenho que ir à escola!”. A partir daí, nossas vidas mudaram radicalmente.

Meu pai começou a fazer os preparativos para que saíssemos o quanto antes de Antuérpia.

Ficou decidido que nós iríamos em duas famílias: eu, meu pai, minha mãe, minha irmã Regina, mais o Ignetz, irmão mais novo do meu pai, e sua família. Iríamos todos até La Pan para aguardar o que aconteceria nas próximas horas.

Diante de tudo que estava acontecendo, lembro-me que sentia um misto de curiosidade e de espera por fatos novos e aventuras. Não tinha ainda consciência do que estava acontecendo.

O tio mais velho, Jules, e sua família decidiram ficar na Bélgica e não sair imediatamente com seus irmãos Ignetz e Lejzor. Os sentimentos de medo e insegurança que marcaram aqueles momentos preparativos para a fuga nunca saíram das lembranças de Rafael.

Lembro quando meu pai foi tentar convencer o irmão mais velho Jules, de fugir com a gente. Eu pedi pra ir com meu pai e lá assisti uma cena que ficou na minha memória até hoje.

O meu pai falou: “Jules, pega a sua esposa, Regine e as crianças e venham conosco”. Aí meu tio disse, “não, eu tenho isso e aquilo” e meu pai, “não importa. Onde cabem duas famílias, cabem três. Pegue a Regine e as crianças e vamos embora”. E o tio, “não, eu não posso. Estou com a mercadoria de vários patrões...como eu vou fazer isso, eu tenho que prestar contas a essa gente toda. Eu antes de segunda-feira não posso ir”.

Então ficou combinado que a partir de segunda-feira eles iam fazer tudo. Iam fazer tudo para vir a nosso encontro. Obviamente nunca vieram.

Outras tantas cenas tornaram-se inesquecíveis para Rafael, pois as consequências para aqueles que não acreditavam no prenúncio de uma tragédia foram terríveis. Nunca conseguiu esquecer da aflição do pai e das suas tentativas para convencer o tio Jules e a esposa. Tudo isso, como ele mesmo afirmou, ficou “na sua cabeça”.

Regine, do alto de sua beleza, ela era uma moça assim muito morena, uma tez de Andaluzia, bem morena e muito bonita e ela falou “mas, enfim Leon, o que você acha? Do que você tem medo? Você acha que Hitler ousaria tocar num fio de cabelo dos meus filhos?”. E isso me ficou na cabeça até hoje.

E o que aconteceu nos dias seguintes, obviamente, todos foram levados e nenhum deles voltou. Nem o Jules, nem a Regine, nem as crianças.

Sobre o destino do tio Jules e sua família, Rafael soube muitos anos depois, através de um senhor que conseguiu sobreviver a Auschiwz-Birkenau como um daqueles prisioneiros enviados para finalizar o “trabalho mais sujo da solução final”, como explicou. A narrativa deste senhor – recuperada por Rafael – reproduz muito bem aquele terrível momento da caminhada do tio Jules em direção a morte:

Ele estava na fila, atrás dos soldados alemães, que vigiavam o pequeno cortejo e viu uma fila de prisioneiros caminhando até a câmara de gás e, estarecido, ele reconheceu meu tio Jules. O Jules também o reconheceu, mas para não lhe causar problemas, ele manteve o braço colado contra coxa, e apenas mexeu os dedos num sinal de adeus, ou seja... Ele sabia.

As duas famílias (dos irmãos Iagnetz e Lejzor) fugiram para a comuna francesa de Lapan, chegaram à cidade no domingo, onde permaneceram apenas por quatro dias, já que as notícias que ouviam pelo rádio eram terríveis. Acharam por bem deixar a cidade, pois para Lejzor aquela guerra estava perdida. Mais uma vez, como haviam feito desde a Antuérpia, a família resolveu abandonar parte dos objetos que possuía, em Lapan. Além do apego sentimental, Rafael recorda-se do peso das malas e do desespero do seu pai durante a fuga:

Meu pai levou durante a fuga duas malas pesadas. Numa delas, estavam todas as melhores pratarias que possuíamos em casa. Porém, em determinado momento, depois de muitas horas de caminhada, meu pai disse à minha mãe “Eu não aguento mais!”, e jogou a mala numa vala ao longo da estrada.

No entanto, para sair da zona de conflito, desceram pela França, acreditando que talvez, em algum momento, os avanços das tropas seriam contidos, o que não aconteceu.

Fica evidente, pelas recordações de Rafael, que a rota de fuga ia sendo improvisada de acordo com o avanço dos nazistas. Quanto mais distante do perigo melhor, mas nem sempre tinham transportes disponíveis, pois a guerra erguia barreiras e gerava cenários de caos. A família foi para um vilarejo e, de lá, pegou um transporte para Dunquerque, cidade portuária no norte de França. Dalí, foram encaminhados a um centro de refugiados, “tocados que nem gado pra dentro de ônibus porque havia um sinal de alerta, as sirenes estavam soando, desesperadamente, e a viação alemã estava chegando pra bombardear o porto”. Devido ao ataque nazista, o ônibus fez uma parada em Lachapelle (França), onde todos desembarcaram e subiram em outro transporte até Calais (norte da França) e de lá tomaram um trem até Paris. Foi uma viagem longa, cansativa, permeada de tensão e medo. “Levamos quase vinte e quatro horas para chegar a Paris, o que normalmente levaria duas horas, tornou-se uma viagem

interminável e muito desgastante. Sempre havia interrupções pra passagem de comboios, o que nos deixava sobressaltados, porque o risco de acontecer alguma desgraça era iminente”, relembra Rafael.

Em Paris a família teve um contratempo, a polícia pegou Ignatz porque queria integrá-lo em algum regimento, mas acabou liberado porque Lejzor provou que o irmão sofria de “ataques de angústia”. Saíram de Paris para enfrentarem outra viagem de trem até Angoulême e depois para Cognac, onde permaneceram por dez dias, e de lá seguiram mais para oeste parando em uma comuna chamada Royan, situada no estuário de Gironda, hospedaram-se na casa de amigos.

Nessa cidade, Rafael assistiu uma cena que o deixou assustado. Foi a primeira vez que teve contato próximo com soldados alemães nazistas. Recorda-se que era um sargento da SS, homem corpulento, que infringiu medo a uma criança somente pelo fato dela ser judia e para satisfazer seu deleite sádico. Paralisado pelo medo, Rafael teve consciência de que a maldade era feita pelo prazer em subjugar o outro e, ele apenas uma criança, nada poderia fazer contra o adulto que coagia seu pequeno amigo.

Na cidade balneária de Royan fomos alcançados pelos alemães. Eu nunca havia ficado tão próximo a eles. Alguns dias após a ocupação, como era o mês de julho de fazia calor, fui ao porto com um amigo, era um menino judeu chamado Schiff que possuía feições “bem judaicas”, quando um sargento alemão se aproximou, olhou pra mim e para ele e falou “Você é judeu?”

Coitado o menino ficou roxo, olhou para baixo, para ele e se encheu de coragem, gritou “Sim” e logo, depois de responder saiu correndo, com receio das consequências.

O sargento, ao ver o menino fugir de medo, caiu na gargalhada e em meio as risadas olhou para mim com satisfação e falou assim: “Você não deve ficar andando com meninos judeus!” Fiquei aterrorizado! Imóvel! Assisti a tudo sem fazer ou falar nada! Mas que podia fazer? Era um menino. Imagina se tinha coragem de falar “eu também sou um judeu”.

A respeito da chegada das tropas e, conseqüente, tomada da cidade, Rafael lembra-se do momento exato em que os militares se aproximaram. Estava andando em direção a um hotel, onde Lejzor estava com uns amigos, “quando ouvi o ronco de automóveis, me virei e eram as tropas alemães. Tinha um jipe com um oficial em pé aos gritos perguntado ‘La mairie?’³¹¹ Quando cheguei ao hotel a bandeira com a cruz gamada tremulava na prefeitura”.

No início da ocupação a vida fluía normalmente, mas o clima da cidade de repente modificou, o medo e insegurança instauraram-se, havia poucas pessoas na rua e andavam

³¹¹ Em francês: “a prefeitura?”.

depressa e cabisbaixas. Rafael acredita que a mudança se deu por conta do “famoso discurso de Churchill, no qual pronunciou a seguinte frase: ‘lutaremos em cada praia, em cada rua, em cada casa’. Foi, então, que as coisas começaram a tomar realmente um cunho mais severo”. A partir de então, a família Zimetbaum tomou conhecimento de histórias aterrorizantes – que mais pareciam cenas que irreais – como de uma família próxima que, para se proteger pegou o patriarca extremamente religioso e, portanto, possuía uma longa barba branca, cortaram-na à força. “Parece uma cena teatral, tragicômica, os filhos se precipitaram sobre o pai ancião para cortarem à força a barba do cidadão. Obviamente, pra tentar se proteger”, reflete Rafael. E por conta dessas e outras histórias sobre os moradores de Royan, resolveram fugir para outro local, pois ficar com os alemães seria um desastre completo.

Decidiram, como parte dos outros judeus, que o melhor a se fazer era atravessar para “Zona Livre”, a França de Vichy³¹². Para isso, os irmãos Lejzor e Ignetz foram com suas esposas e filhos a *Kommandatur* em busca das autorizações nos passaportes para atravessar para a Zona Livre. Ao chegarem, foram recebidos por um tenente alemão e Rafael recorda-se da cara de desprezo daquele oficial vendo os passaportes poloneses³¹³ das famílias. “Com uma cara de enfado pegou o passaporte do meu tio e falou: ‘Izaack? Que nome é esse, Izaak?’. Fez pouco caso, mas carimbou jogando o passaporte”. E, ao fazê-lo, disse por fim: “Podem ir, que alcançaremos vocês”. De qualquer forma, deram o “Laissez passer”, que possibilitou a família refugiar-se por nove meses em Marseille (sul da França).

³¹² Nome comum do Estado Francês, liderado pelo Marechal Philippe Pétain, durante a Segunda Guerra Mundial. Representa a “zona livre”, desocupada na parte sul da França metropolitana e o império colonial francês. RODRIGUES, Pedro Eurico. Governo de Vichy. In: *Infoescola* [site]. Disponível em <https://www.infoescola.com/historia/governo-de-vichy/>. Acesso em 26 maio 2020.

³¹³ Os Zimetbaum eram da Polônia e apesar de terem se mudado para a Bélgica, não se naturalizaram.



60. Divisões das zonas de ocupação, na França, c.1940-1943. Acervo *Maison d'Izieu*, França.

Chegaram à cidade na virada de julho para agosto de 1940 e moraram em uma pequena pensão, em um bairro armênio, cujo racionamento já estava imposto. Havia filas para tudo, cupons, limitações e mercado negro. Em setembro, Rafael foi matriculado na classe mais alta de uma escola primária pública e “o professor era um homem muito bondoso e desempenhava também o papel de diretor da escola”. Chegou o inverno e ambas as famílias não possuíam agasalhos apropriados para serem utilizados, protegeram-se como puderam.

No verão de 1941, um parente próximo enviou uma nota aconselhando-os a deixarem da cidade, pois as tropas nazistas estavam avançando e havia o perigo de Mussolini tentar tomar Marseille. A essa altura, Lejzor Zimetbaum já tinha em mãos vistos para o Congo

Belga³¹⁴ e havia separado um dinheiro para tentar conseguir um visto mexicano. Foi quando soube a respeito de “um santo homem que dá vistos para o Brasil gratuitamente”, contou Rafael.

Souza Dantas

Lejzor e Ignetz pegaram um trem rumo a Vichy indo em busca do dito “santo homem”. Era o embaixador do Brasil, Luiz Martins Souza Dantas³¹⁵, instalado de maneira mais que provisória, em dois quartos de hotel. Lejzor contou à família como foi o encontro, cuja história foi repetida a nós por Rafael

Papai conta que Souza Dantas os recebeu, ouviu, mostrou-lhes o cabograma que havia recebido, se não me engano em novembro de 1940, estávamos em final de março de 1941. Traduziu e explicou que o documento o proibia de ajudar aos judeus e seus descendentes a imigrarem para o Brasil.

Diante do desapontamento do meu pai e tio, falou “deixe-me ver e pensar no assunto. Fiquem em um hotel próximo e retornem amanhã”. Eles foram ao dia seguinte de manhã, o embaixador estava sentado, com dois papéis e falou “Me deem seus nomes por favor. Me deem seus passaportes.” Souza Dantas deu um visto diplomático já que como embaixador ele não tinha funções consulares, e não podia dar um visto dentro do passaporte.

Deu num papel de destaque com a chancela da embaixada do Brasil em Vichy uma declaração que dizia “Bom para o portador Sr Lejzor Zimetbaum e sua esposa Ittel Lowy Zimetbaum acompanha-se dois filhos Regina e Rafael para se dirigirem ao Brasil”. A mesma coisa para o meu tio Ignetz Isaac Zimetbaum e sua esposa Sofia e seus filhos Lídia e Moshe para se dirigirem ao Brasil.

Em meio aos preparativos da partida, Rafael teve uma despedida preparada pelo professor da escola em Marseille. O ato surpreendeu já que aos judeus naqueles tempos poucos eram os que dirigiam atos de benevolências devido ao medo da repressão nazista.

³¹⁴ Congo Belga foi o nome dado a partir de 15 de novembro de 1908 ao território administrado pelo Reino da Bélgica na África, ou seja, colônia da Bélgica. Existiu até a independência do Congo, em 30 de junho de 1960, quando o país passou a se chamar República do Congo. Essa denominação permaneceu até 1º de agosto de 1964, quando foi alterada para República Democrática do Congo de maneira a se distinguir da vizinha República do Congo, o antigo Congo francês. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Belgian Congo”. *Encyclopedia Britannica*, 07 nov. 2021. Disponível em <https://www.britannica.com/place/BelgianCongo>. Acesso em 27 maio 2022.

³¹⁵ Bacharel em Direito aos 21 anos, Luiz Martins de Souza Dantas chegou ao posto de embaixador em 1919, sendo responsável pela representação brasileira em Roma. Em 1922, foi nomeado embaixador em Paris, onde permaneceu por mais de vinte anos.

Responsável pela missão diplomática brasileira na França durante a Segunda Guerra Mundial, Souza Dantas concedeu vistos de entrada no Brasil a judeus, comunistas, homossexuais e outros grupos perseguidos pelos nazistas, salvando cerca de 800 pessoas do extermínio entre junho de 1940 e janeiro de 1941. ARQSHOAH, Arquivo Virtual sobre Holocausto e Antissemitismo. “Luiz Martins de Souza Dantas”. *Arqshoah*, São Paulo, s.d. Seção Justos e Salvadores. Disponível em <https://www.arqshoah.com/justos-e-salvadores/2519-jus-3-dantas-luiz-martins-de-souza>. Acesso em 27 maio 2020.

O diretor da escola, que também era nosso professor, solicitou a meu pai para ir à escola, o introduziu na classe e pediu aos alunos que se levantassem e falou “Esse é o pai de vosso colega Rafael que vai nos deixar. Imaginem eles vão ao Brasil!” Então, ele fez umas referências elogiosas à minha pessoa, os meninos bateram palmas e vieram me abraçar. É, foi uma cena bonita!

De posse dos vistos, conseguiram atravessar as fronteiras da França e chegar a Lisboa, onde permaneceram por algumas semanas até finalmente embarcar para o Brasil. Rafael relembra como foi a travessia, cujo chegada à Espanha deixou o menino de 11 anos impressionado com os rastros de destruição provocados pela guerra civil, ao passo que Portugal trouxe a esperança por dias felizes.

Era primavera em Lisboa e o menino Rafael deparou-se com ruas cheias, tomadas por flores e feiras repletas de frutas, cores e sabores que lhe enchiam os olhos, assegurando que estava à porta do paraíso e o término das suas angústias se confirmava.

De Marselha fomos até a cidade de Pau (França), perto do Pirineus, embarcamos em um trem que cruzou a fronteira da Espanha, por termos o visto para o Brasil e as autoridades nos deixaram passar.

O estado de desolação em que a Espanha estava me deixou assustado! Lembrome que em Madrid havia bandos de pessoas andando de um lado para outro procurando algo para comer ou para vestir... As pessoas estavam totalmente perdidas. Era uma visão aterradora!

Embarcamos em outro trem com destino a Lisboa, em Portugal, e quando chegamos abriu-se um pequeno paraíso, muita luz e alegria, um ambiente de despreocupação e tranquilidade.

Alugaram quartos na casa de uma senhora na Rua Pedro Nunes. Havia um professor que também morava de aluguel na mesma casa e o homem simpatizou com Rafael e começou a ensinar o idioma português. De modo que, quando saía com Ittel – sua mãe não falava uma única palavra – era Rafael quem fazia os pedidos e dizia, por exemplo, “duzentos gramas de manteiga, sem sal, por favor” em português.

Pouco tempo depois, embarcaram para o Brasil no vapor Santarém do Loyde Brasileiro, mas estavam sobressaltados porque já havia relatos de cargueiros brasileiros afundados por submarinos alemães. Viajava nesse navio, além das famílias de Lejzor e Ignetz, uma família de conhecidos chamada Bachner.³¹⁶ Ao saírem do porto de Lisboa, ainda no rio Tejo, a mulher dessa família – Felicja – declarou-se terrivelmente mareada, retirou-se ao seu pequeno beliche e não saiu durante o restante do trajeto. O esposo dessa mulher, sr. Michael,

³¹⁶ A família Bachner seguiu viagem e desembarcou no porto de Santos em 16 de junho de 1941.

pediu para que Rafael tomasse conta da filha deles, Jeannine, que era “uma menina loirinha, bonitinha, alegre e boazinha. A partir daí andava com ela pelo navio, pra cima e pra baixo”.

Assim que chegaram ao porto do Rio de Janeiro, a polícia marítima entrou e confiscou os passaportes com os vistos, sendo permitido somente o desembarque das senhoras e crianças. Lejzor e Ignetz foram detidos para prestarem explicações foi quando o sócio “de nosso primo, o Sr. Leon Monte interveio, há anos esse homem mantinha bons contatos na polícia, e conseguiu liberá-los”, mas temerosos trataram de regularizar a sua situação através do inevitável despachante. Para isso, foram até o Registro dos Imigrantes e conseguiram o visto temporário para permanecer no Brasil.

E foi assim que Lejzor e Ignetz e suas famílias conseguiram escapar do cerco dos nazistas e reconstruir suas vidas. Pela intervenção do Embaixador do Brasil na França, Luiz Martins Souza Dantas, duas famílias salvaram-se. Na opinião de Rafael, as pessoas que foram salvas pelo Embaixador não retribuíram com gratidão e que com isso:

Cometeu-se, por um longo período, uma grave ingratidão com a figura de Souza Dantas. Não me lembro de ninguém, com exceção do famoso diretor de teatro, Zbigniew Marian Ziembinski, louvando a figura do Souza Dantas. E a mim, que nunca conheci Souza Dantas, me incomodava que tão pouco, ou eu até mesmo diria que nada, tivesse sido feito ao menos para lembrar a figura e a alma desse homem tão bondoso.

Frente ao sentimento de pouco valia aos esforços empregados pelo Embaixador do Brasil para salvar os judeus, Rafael Zimetbaum empenhou para que Luis Martins de Souza Dantas fosse reconhecido pelo Yad Vashem³¹⁷ como um “Justo entre as Nações”, por ter tido a coragem de enfrentar o nazismo ao conceder vistos para que alguns judeus imigrassem para o Brasil e assim se salvassem do trágico destino que acometeu muitos outros judeus. E assim, conseguiu em 2002.

³¹⁷ Trata-se de um memorial para lembrar as vítimas do Holocausto. Instituído no ano de 1953 através da Lei Yad Vashem passada pelo Knesset, o Parlamento de Israel. O nome remonta a um versículo bíblico em Isaías cap. 56, versículo 5. Localiza-se a oeste do Monte Herzl, em Israel, em um complexo de cerca de 18 hectares que contém o Museu da História do Holocausto, vários memoriais, como o Memorial das Crianças e a Sala da Memória, o Museu de Arte do Holocausto, esculturas, lugares comemorativos ao ar livre, como o Vale das Comunidades, a sinagoga, arquivos, um instituto de pesquisa, biblioteca, uma editora e um centro educacional, a International School for Holocaust Studies, além de um memorial dedicado aos não judeus que salvaram judeus durante o período do Holocausto, com risco das próprias vidas, são honrados pelo Yad Vashem como “Justos entre as Nações”. YAD VASHEM – The World Holocaust Remembrance Center. “Acerca de los Justos de las Naciones”. *Departamento de Justos de las Naciones*, Israel, s.d. Seção Justos de la Naciones. Disponível em <https://www.yadvashem.org/>. Acesso em 08 jun. 2020.



61. Sergio Moreira Lima e Rafael Zimetbaum na cerimônia de reconhecimento do Embaixador Souza Dantas entre os Justos. Israel, 2002. Fotografia não identificado. Acervo *Yad Vashem*, Israel.

A vida no Brasil

A primeira lembrança que Rafael guarda ao chegar ao Brasil é o bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro. Foi nesse momento em que teve certeza de que poderia levar a vida sem angústia. Sentiu a emoção da liberdade, não havia mais a necessidade de esconder-se cruzando a cidade e até países para escapar das perseguições nazistas.

Fomos levados a Copacabana e aquela imagem do bairro de junho de 1941 era a noção de o sonho que se tornava realizada: o fim das perseguições nazistas. Finalmente, meu coração podia bater de maneira compassada, sem sobressaltos, atropelos, ameaças. Não há nem palavras pra definir!

A família permaneceu pouco tempo no Rio de Janeiro, pois Lejzor recebeu uma proposta negócio da família Bachner, que estava em São Paulo. Ao juntar algum dinheiro, retornaram para o Rio de Janeiro. No Brasil, a família viveu o dia a dia sem ressentimentos pelo passado e poucas saudades das experiências durante a fuga. Pouco falavam sobre o que aconteceu na Europa, pois existiam outras preocupações, como sobreviver no novo lar sem pensar muito no futuro.

Mas, isso não quis dizer que os Zimetbaum não estavam imunes às atitudes antisemitas. Rafael, um dia ao passear pela Praça do Lido, no bairro de Copacabana, foi abordado por um grupo de meninos que o atiraram em uma lagoa da praça pelo simples fato de ser imigrante, havia transeuntes e ninguém interferiu. Alguns dias depois, tornaram a jogá-lo, mas ao sair das águas geladas, reagiu e “depois disso não mais me importunaram”, recorda-se. Também brigou outras vezes após ser chamado por palavras pejorativas por um menino, relacionadas ao fato de ser judeu e por falar o português com sotaque.

Após oito anos estabelecido no Brasil, em 1949, Rafael foi a Antuérpia acompanhando de uma prima, chamada Sabin, que era jornalista e cobriu o julgamento do comandante Rudolf Schmidt³¹⁸ do campo de concentração de Breendonk.³¹⁹

Durante a estadia, resolveu visitar sua antiga residência e, ao chegar na portaria, “o concierge me reconheceu. Ele contou que após a ocupação de Antuérpia pelos alemães, a Luftwaffe ocupou, paulatinamente, até tomarem o prédio todo, servindo como centro de convalescência da aeronáutica alemã nazista e ao desocuparem depredaram o prédio. Soube que com o final da guerra o prédio foi revitalizado e entregue a outra família. Diante dessa nova realidade, não quis subir, incomodar as pessoas... podiam me responder mal. Acabei

³¹⁸ Rudolf Schmidt em 1938 comandou a 1ª Divisão Panzer no início da Segunda Guerra Mundial. Foi promovido para General der Panzertruppe no dia 1 de Junho de 1940, e Generaloberst no dia 1 de Janeiro de 1942. Durante este período, ele comandou o XXXIX Corpo de Exército, o 2º Exército e o 2º Exército Panzer. Deixou o comando em 1943 e em seguida deixou o serviço ativo em setembro do mesmo ano. Foi feito prisioneiro pelos Soviéticos em 1945 e foi libertado somente em 1955. Faleceu em Krefeld em abril de 1957.: LANNOY, François de; CHARITA, Josef. *Panzertruppen: German armored troops 1935-1945*. Bayeux: Heimdal, 2001.

³¹⁹ Forte Breendonk, na Bélgica, foi um campo de concentração e deportação durante a Segunda Guerra Mundial. Localiza-se cerca de 20 km ao sul de Antuérpia, perto de Willebroek e Mechelen, e próximo da linha ferroviária que liga Antuérpia a Bruxelas. Na atualidade, abriga o Museu e Memorial da deportação. É também um dos 22 campos cujo nome está gravado no pavimento da cripta memorial em Yad Vashem, Jerusalém. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Breendonk”. *Encyclopedia Britannica*, 07 nov. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Breendonk>. Acesso em 25 maio 2020.

desistindo. Entendi que tudo o que havia conhecido, que aquela história, acabara”, lamenta-se Rafael.

(Re)Descobrimo Jeannine

O pai de Jeannine, Michael Bachner, e sua família voltaram a morar no Rio de Janeiro. O homem ia frequentemente ao escritório dos pais de Rafael tratar de negócios e, no decorrer das visitas, sempre contava os feitos da menina de onze anos. “Eu pouco me importava, afinal ela era uma criança e eu um homem de vinte anos. Até que, ao comparecer à festa de dezesseis anos da pequena Jeannine, percebi que já não era mais uma menina e sim uma mulher deslumbrante! Reparei nela e toda a vez que a via ou seu nome era pronunciado meu coração batia mais depressa!” E quando Jeannine completou dezoito anos, (Rafael) decidiu que teria de se casar com bela moça.

Um dia Michael foi ao escritório e disse que a filha realizou uma cirurgia de emergência de apendicite, mas se recuperava bem. Prontamente, Rafael viu a oportunidade de conquistá-la. Decidiu enviar-lhe um buquê de rosas vermelhas, o gesto galanteador do rapaz a encantou. Começaram a namorar e a convivência era cada vez mais frequente e durante um desses passeios Rafael pediu Jeannine em casamento “e estamos juntos há quase sessenta anos”. Dessa união resultaram três filhos e cinco netos e para todos Rafael deixa o seguinte recado:

Não há palavras para o que aconteceu! Fomos joguetes nas mãos dos nazistas. E poucos foram os que se dispuseram a ajudar. Quantas vezes um alguém poderia ter feito e não fez! Por preguiça, por desinteresse, por não pensar no caso... não sei o que dizer. Só sei que poucos tiveram a coragem de Souza Dantas, um homem bem relacionado que podia ter feito um milhão de outras coisas com o poder que tinha em mãos; coisas para ter conforto, glória, reconhecimento, admiração, bajulação, favores ou vantagens. Mas ele não procurou por isso, ele usou o poder que possuía para salvar a vida daqueles que eram perseguidos injustamente. Então, a mensagem que deixo é: não fechem seus olhos para outro! Ajudem, socorram aqueles que precisam!

3.2.4. Madeleine Mansur³²⁰



62. Madeleine Mansur. s.l., s.d. Fotografia não identificado. Acervo *Madeleine Mansur/RJ*, Brasil.

Filha dos poloneses Mauricio e Gitla Tazsman, nasceu na Bélgica em 05 de março de 1940, em plena guerra. Madeleine conta que seus pais se casaram para que sua mãe “pudesse permanecer na Bélgica. Ela [Gitla] era procurada na Espanha por ter lutado na Guerra Civil Espanhola³²¹”. Seus avós paternos chamavam-se David Tazsman e Tajga Szmgiel, e os maternos Mendel Ajdelman e Hencia Pacanowska.

³²⁰ FICHBERG, Rolande Paule; ROZEN, Mauricette; MANSUR, Madeleine. Testemunho concedido pelas irmãs Mauricette Rozen e Rolande Paule Fichberg em conjunto com Madeleine Mansur à Silvia Lerner e Fernanda Capri, no. Câmera: Vitor Gomes. Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadoras do Projeto *Voices do Holocausto*. Rio de Janeiro, 16 abr. 2016. Arqshoah/Leer-USP.

³²¹ A chamada Guerra Civil Espanhola teve início em 1936 e durou até 1939, ano em que teve início a Segunda Guerra Mundial. O período que se seguiu ao fim da guerra civil ficou conhecido como Franquismo, haja vista que o general Francisco Franco, líder da Frente Nacionalista – o polo vencedor da guerra civil – assumiu o comando do país. SILVA, Daniel Neves. “Guerra Civil Espanhola”. *História do Mundo*, Goiás, s.d. Seção Idade Contemporânea. Disponível em <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-civil-espanhola.htm>. Acesso em 27 maio 2020.

Os Taszman



63. Maurício e Gitla Taszman. Bruxelas, Bélgica, 1938. Fotografia não identificado Acervo *Madeleine Mansur/RJ*, Brasil.

Quando Maurício [Metiek] Taszman completou dez anos decidiu, junto com seu amigo da mesma idade Charles Rozen, tentar a vida em Antuérpia, deixando para trás a família em Bruxelas.

Madeleine recorda que seu pai era magro, baixinho, orelhas superprojetadas³²² o que dava uma aparência que alguns poderiam chamar de sem beleza ou desengaçado, porém sua característica marcante era seu caráter otimista, que amenizou os problemas de adaptação dos amigos na nova cidade.

Os jovens Maurício e Charles se empregaram como aprendizes sem direito a salário, mas com casa e comida na mesma pensão. O primeiro como cabeleireiro, já Maurício escolheu ser aprendiz de peleteiro e “trabalhava com perfeição na confecção de casacos, estolas e chapéus em peles de lontra, vison, astracã e algumas outras”, recorda-se Madeleine.

Aos finais de semana, os amigos iam a Bruxelas visitar suas famílias e participavam de encontros promovidos pela juventude judaica em bosques onde se realizavam bailes, e neles havia muitas moças. Diferente de seu amigo, Maurício não fazia muito sucesso nesses bailes, pois as moças se recusavam a dançar com ele por conta de sua aparência. Não demorou a Charles se casar e com objetivo de baratear o aluguel chamou Maurício para morar com o

³²² Popularmente conhecidas como orelhas de abano.

casal, em uma casa de dois quartos. Quando a primeira filha do casal – Mauricette – nasceu, era Maurício quem muitas vezes ficava com criança para que os pais pudessem sair.

Gitla era uma linda polonesa de família religiosa, cujo pai falecera em 1938. No mesmo ano, a jovem resolveu ingressar no Partido Comunista da Polônia³²³ e candidatou-se como voluntária para lutar na Guerra Civil Espanhola. Ao chegar à Espanha, envolveu-se em movimentos contra a ditadura de Franco, foi presa e como punição seria repatriada a Polônia. Na iminência de ser deportada, soube que a Bélgica recebia exilados que lutavam contra Franco e, foi desse modo, que escapou da pena, refugiando-se em Bruxelas. Mas permaneceu pouco tempo na cidade, pois “retornou clandestinamente para a Espanha, onde foi presa mais uma vez”, segundo Madeleine.

Novamente, solicitou asilo em Bruxelas, mas para permanecer o governo impôs uma condição: que se casasse com um cidadão belga ou algum cidadão estrangeiro que tivesse visto de permanência no país. Diante da exigência, foi em busca de auxílio das organizações judaicas para conseguir o casamento. Uma dessas organizações levou-a ao baile no bosque e pelo microfone perguntou se alguém estaria disposto a se casar imediatamente para salvar a jovem de ser repatriada à Polônia, onde as condições para os judeus não eram as melhores naquela altura. Maurício vendo a oportunidade de se casar com uma bela moça, de pronto, candidatou-se e o casamento foi realizado no mesmo ano. Ambos permaneceram juntos por longos 56 anos.

³²³ No entreguerras, o Partido Comunista da Polónia – KPP – atuou durante a Segunda República Polaca. Ele resultou de uma fusão 1918 da Social-Democracia do Reino da Polónia e Lituânia (SDKPiL) e do Partido Socialista Polonês – Esquerda, no Partido Comunista dos Trabalhadores da Polónia (Komunistyczna Partia Robotnicza Polski, KPRP). Os comunistas eram, em sua maior parte, "uma força insignificante na política polonesa". Depois de duas décadas tumultuosas, a liderança KPP foi em grande parte liquidada por Stalin em 1938. DAVIES, Norman. *God's playground: a history of Poland*, vol. II. Nova York: Columbia University Press, 2005.

O nascimento de Madeleine e a guerra



64. Mauricio, Gitla e Madeleine Tazman. s.l., s.d. Fotografia não identificado.
Acervo Madeleine Mansur/RJ, Brasil.

Em plena invasão nazista nasceu a primeira filha do casal, Madeleine Tazman, e a essa altura viviam com documentos falsos para fugir da polícia nazista. Em uma dessas fugas pelas florestas, Maurício foi baleado no pé. Não tardou para que a ferida gangrenasse levando-o a ser hospitalizado para amputação do dedo do pé. Gitla, por sua vez, não podia sair de casa, pois era procurada pelos nazistas como inimiga política e judia e para agravar a situação não falava francês muito bem.

Para preservar a vida da filha, ela colocou-a em uma fazenda que possuía a falsa alcunha de abrigo para crianças cristãs órfãs, quando na verdade era utilizada como abrigo para crianças judias ou filhos de inimigos políticos do regime nazista. Gitla convenceu-se que como Madeleine era loira e de olhos verdes passaria facilmente por uma criança ariana e, portanto, caso acontecesse algo a menina não seria importunada.



65. Madeleine Mansur. Bruxelas, Bélgica, 1945. Fotografia não identificado.
Acervo *Madeleine Mansur/RJ*, Brasil.

Mas denunciaram a verdadeira função da fazenda e a Gestapo³²⁴ levou as crianças para uma prisão temporária, cujo objetivo era prender seus pais quando fossem buscá-las. Gitla, ao ser notificada que Madeleine – com cinco anos – a aguardava na prisão, ficou desesperada. “Sem saber o que fazer contou à vizinha belga. A mulher se apiedou e se ofereceu para me buscar e minha mãe aceitou”, relembra Madeleine.

As mulheres se dirigiram à prisão onde ela (Madeleine) estava e, ao chegar ao lugar, a vizinha se apresentou como a mãe. Havia raspado os cabelos, como faziam com aqueles que eram aprisionados em campos concentracionários. Colocaram-na de frente a ambas e perguntaram:

³²⁴ Abreviação de Geheime Staatspolizei [Polícia Secreta do Estado], a organização investigava, torturava e prendia opositores ao regime nazista da Alemanha entre 1933 e 1945. Sua atuação fundamentava-se no Decreto para a Proteção do Povo e do Estado, assinado em 1933 pelo presidente alemão, Paul von Hindenburg, após um atentado incendiário contra o Parlamento alemão, sob o pretexto de defender o país contra atos violentos, e supostamente causados por comunistas. Assim, com base e proteção legal, agentes secretos atuavam restringindo direitos civis, agindo como bem entendessem. A Gestapo não precisava de mandados judiciais para interrogar, aprisionar e até enviar supostos opositores políticos do Reich para campos de concentração, sob controle de outra organização nazista, a SS. A principal fonte de informações para a Gestapo eram denúncias de cidadãos sobre vizinhos e familiares. Era uma rede tão ampla que, com apenas 32 mil oficiais, a Gestapo ficava de olho em cerca de 70 milhões de alemães. JOKURA, Tiago. “O que era a Gestapo? Polícia secreta nazista desempenhou papel importante no regime”. Revista *Superinteressante*. São Paulo, 05 set. 2012. Seção História Mundo Estranho. Disponível <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-era-a-gestapo/>. Acesso em 27 maio 2020.

“qual dessas mulheres é sua mãe?”, falou o oficial da Gestapo. Assustada, comecei a chorar. A vizinha abaixou-se, me abraçou e falou baixo ao meu ouvido para dizer que era ela. Amedrontada, obedeci à mulher, respondendo ao oficial com um sinal afirmativo ao balançar a cabeça

Dessa maneira, Madeleine, sua mãe e a vizinha escaparam da prisão. O ocorrido permaneceu latente na memória de Madeleine e confessou que foi “uma experiência traumática. A partir daquele momento, tomei conhecimento do quanto era perigoso, para nós judeus, (sobre)viver sob o julgo nazista”.

A decisão de imigrar para sobreviver

Passado o evento traumático e com a decisão de aumentar as chances de sobrevivência, a família resolveu se separar. Gitla buscou refúgios na floresta, Madeleine foi para uma paróquia, e Maurício para Gênova onde embarcou junto com seu amigo Charles em um navio chamado Argentina, em janeiro de 1947. Desembarcaram no píer da Praça Mauá³²⁵ durante o carnaval e se assustaram ao ver as pessoas fantasiadas de índios. Os amigos se instalaram em uma pensão e trataram de arrumar empregos com ajuda do dono da estalagem. Charles em um salão chamado Beleza Carioca entre o Cinema Iris e o Bar Luiz, e Maurício empregou-se como peleteiro na Casa Canadá.³²⁶

Dois meses estabelecidos no Rio de Janeiro, os amigos resolveram trazer suas famílias. Para isso, combinaram com suas esposas que deveriam vender tudo que possuíam e transformar o dinheiro em joias de ouro e diamantes para vender quando chegassem no Brasil. Após venderem tudo, as esposas com as filhas refugiaram-se em uma fazenda de conhecidos no interior da Bélgica.

³²⁵ Píer Oscar Weinschenck, mais conhecido como Píer Mauá, é um espaço público situado no bairro do Centro, na Zona Central da cidade do Rio de Janeiro. Possui aproximadamente 45 mil m² de área e integra a Orla Conde, um passeio público que margeia a Baía de Guanabara. O nome *Píer Oscar Weinschenck* é uma homenagem a Oscar Weinschenck, ex-prefeito do município de Petrópolis e o engenheiro responsável pelo projeto de ampliação do Porto do Rio de Janeiro na década de 1940. As obras de construção do píer tiveram início em 1948, tendo sido concluídas em 1953. A finalidade original do píer seria receber transatlânticos que desembarcariam turistas estrangeiros na cidade durante a Copa do Mundo FIFA de 1950, no entanto, isso não ocorreu e o espaço ficou sem uma destinação específica durante décadas. Desde dezembro de 2015, abriga o Museu do Amanhã, projetado por Santiago Calatrava, e é um dos principais museus do Rio de Janeiro. PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. “Porto Maravilha”. *Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, s.d. Seção Operação Urbana. Disponível em <https://www.portomaravilha.com.br/>. Acesso em 01 jun. 2020.

³²⁶ Fundada no final dos anos 30 no Rio de Janeiro, a Casa Canadá foi a maior *maison* em referência da moda nos anos 50 e 60 no Brasil. RANGEL, Daniel. “Casa Canada”. *Daniel Rangel INC*, Rio de Janeiro, 2011. Seção Expos. Disponível em <http://danielrangel.com/galerias/expo/casa-canada/>. Acesso 09 out. 2020.

Quando se aproximou da data do embarque, foram para Paris e depois seguiram para La Havre (França), ao norte do Oceano Atlântico, de onde saiu o navio cargueiro *Desirade* para sua última viagem. As mulheres com suas filhas viajaram no porão do navio construído no início do século XX e adaptado para receber os mais de 2 mil passageiros que ali estavam com destino ao Brasil e Argentina.

A viagem no Desirade

A primeira parada da viagem foi na Argélia e depois em Casablanca, no Marrocos, mas uma greve nesse porto atrasou a viagem impedindo o navio de sair por cinco dias. Durante a viagem, Madeleine lembrou-se de uma senhora que viajava na segunda classe e ao ver dois passageiros passeando pelo convém ficou transtornada e, aos gritos, lívida de raiva, dizia:

“prendam esses assassinos! Prendam! Eles comandavam o campo de concentração que eu estava! Os sapatos que eles usam foram feitos com de cabelos humanos, de mulheres que eles assassinaram! Assassinos nazistas!”. A mulher os havia reconhecido! E o casal que viajava eram nazistas disfarçados, condenados em Nuremberg, fugindo da Alemanha para Argentina com recursos roubados das vítimas que haviam assassinado.

Muitos funcionários do alto escalão do regime nazista tentaram fugir das mãos dos Aliados após a queda da Alemanha de Adolf Hitler, e a América Latina era uma das *ratlines* possíveis, as últimas rotas de fuga, planejadas e organizadas por pessoas de poder, dedicadas a proteger fugitivos não só alemães, mas também croatas, eslovacos e austríacos que contribuíram e apoiaram o regime nazista.

Retomando a viagem, a próxima escala da embarcação foi o Rio de Janeiro, onde deveriam descer, mas com o atrasado causado pela greve chegaram exatamente após dois dias do Presidente do Brasil, General Gaspar Dutra, ter decretado o fechamento das fronteiras para os judeus.

O navio ficou parado dias na Baía de Guanabara até que, diante do impedimento de atracar no Brasil, o capitão resolver que no outro dia seguiria para o próximo destino: Argentina. As mulheres das famílias Tazsman e Rozen entraram em desespero.

Madeleine lembra que “pela manhã bem cedinho ouviram chamar seus nomes” e foram informadas pelo comandante que havia dois homens em uma traineira chamando pelos nomes das senhoras Rozen e Tazsman. As mulheres se debruçaram no parapeito do navio e

viram eram seus esposos com vistos para que nos desembarcássemos no Brasil. Segundo Madeleine, “o desembarque foi feito por cordas no meio da Baía de Guanabara”.

Rio de Janeiro



66. Madeleine Mansur. Rio de Janeiro, Brasil, s.d. Fotografia não identificado.
Acervo Madeleine Mansur/RJ, Brasil.

As famílias foram morar em uma mansão na Rua Senador Vergueiro que recebia imigrantes judeus, mas depois decidiram fixar residência em Niterói, por causa das praias e a visão do Rio de Janeiro. Começaram a frequentar a Biblioteca David Frischman³²⁷, mas, após algum tempo, os Tazsman resolveram mudar para Porto Alegre, pois no Rio de Janeiro fazia muito calor e vendiam-se poucos casacos de pele. Mudaram-se fixando residência no bairro do Bom Retiro, em São Paulo.

Madeleine Tazsman, após se casar com Simão Mansur, adotou o sobrenome do esposo e passou a chamar-se Madeleine Mansur e retornou para o Rio de Janeiro, indo morar na rua Tavares de Macedo, no município de Niterói, com seus filhos. Faleceu em agosto de 2020.

³²⁷ Fundada em 1922 com o nome de Biblioteca Popular David Frischman na cidade de Niterói. A instituição hoje se chama Associação David Frischman de Cultura e Recreação – ADAF, e trata-se de uma sociedade judaica e brasileira, fundada na cidade de Niterói, para a convivência social e de recreação. ADAF – ASSOCIAÇÃO DAVID FRISCHMAN DE CULTURA E RECREAÇÃO. “Histórico”. ADAF, Niterói, s.d. Disponível em <http://www.adaf.org.br/Site/Home.asp>. Acesso em 01 jun. 2020.

3.2.5. Izabela London³²⁸



67. Izabela London. Rio de Janeiro, Brasil, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *Izabela London/RJ*, Brasil

Izabela Paula London, quando nasceu na cidade de Antuérpia na Bélgica em 28 de fevereiro de 1941, chamava-se Isabella Paula Orgler, depois passou a ter como nome de registro Izabela Paula Blumberg, mudando de novo quando chegou ao Brasil, porque seu pai conseguiu acrescentar o sobrenome dele, Orgler. O motivo para mudança do nome nos registros emitidos pela Bélgica foi uma tática para salvá-los, seu pai era da resistência e chamava-se Bernard Orgler, mas entre os companheiros era conhecido pelo codinome *Bambus* e foram eles (seus companheiros da resistência) quem falsificaram documentos, tornando-o Bernard Blumberg.

³²⁸ LONDON, Izabela Paula. Testemunho concedido por Izabela Paula London à Fernanda Capri e Landirleya Reis. Câmera: Landirleya Reis. Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 23 mar. 2016. Arqshoah/Leer-USP.



68. Bernard Orgler e Klara Blumberg, com Izabela. Fotografias reproduzidas das Fichas Consulares de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Fotografia não identificado. Barcelona, Espanha, 08 de mar. 1946. Acervo Arquivo Nacional/RJ, Brasil.

Bernard Orgler nasceu em 29 de agosto de 1910, em Krosno, na Polônia, e era filho de Chaim Jacob Orgler e Esther Mosses. Formado em direito, falava 14 línguas e sonhava em tornar-se diplomata, mas devido à ascensão nazista não pode realizar seu desejo. A família de Bernard mudou-se para o Brasil antes da guerra começar.³²⁹

Klara Blumberg³³⁰ nasceu em 18 de abril de 1912 em Varsóvia (Polônia), filha de Chaja Schmit e Jonas Blumberg. Conheceu Bernard quando este já atuava na resistência o que não impediu de se apaixonarem e casarem.

Seus pais se conheceram, porque Bernard almoçava no restaurante que pertencia a avó materna e, nessa época, tanto Bernard quanto Klara e sua família já moravam na Bélgica. As histórias que Izabela conhece sobre o que sua família viveu foram escutadas clandestinamente por ela, enquanto fingia dormir durante as reuniões que seu pai costumava fazer com outros patrícios. Klara não gostava dessas reuniões e dizia “nós temos tão pouco. E meu pai respondia: eles têm menos”, recorda-se Izabela. Bernard buscava essas pessoas na Praça Onze onde comprava comida kasher.³³¹

Do Holocausto, conheço muito pouco. O pouco que sei foi escutando às escondidas as conversas dos meus pais com outros judeus. Fingia que estava dormindo, porque gostava de escutar as histórias. Através dessas histórias,

³²⁹ Chaim Jacob Orgler imigrou para o Brasil em 1930 com sua esposa Esther Orgler e seus cinco filhos: Aron, Mechel, Markus, Friedel e Abrão. Bernard não os acompanhou porque estudava para se tornar diplomata.

³³⁰ Klara casou-se duas vezes, primeiro com Chil Grun e tiveram um filho em 12 de outubro de 1931, chamado Seweryn Blumberg. Depois com Bernard Orgler e, dessa união, nasceu Izabela.

³³¹ Termo usado para denominar um alimento segundo as normas da dieta milenar da Torá.

soube que meu pai fazia parte do *underground* da resistência e das muitas coisas ruins pelas quais ele tinha passado. Essas reuniões aconteciam todas as sextas-feiras e ele sempre trazia alguém, algum judeu perdido na noite para a nossa casa. Eram pessoas que a guerra havia transformado em sobreviventes.

A captura de Klara e Izabela

As tropas nazistas ao chegarem no bairro onde a família morava foram diretamente à casa de Jonas Blumberg e Chaja Schmidt para prendê-los. Izabela acredita que o motivo era porque “eles descendiam de importantes famílias judaicas”. Ao ver os militares nazistas chegarem em sua residência, Jonas tentou escapar, mas foi pego e executado em frente da Chaja, Klara e demais membros homens da família.

Capturaram todos, separando-os. Os homens foram encaminhados diretamente para Auschwitz³³², alguns morreram assim que chegaram ao campo; outros, no decorrer do tempo em que ficaram detidos. Avó, mãe e filha foram para um prédio onde os judeus eram enviados para “Solução Final”. Ao chegarem, Chaja permaneceu no andar abaixo, Klara com Izabela (que tinha dezoito meses de vida) foram para outro andar e receberam ração que compreendia um pedaço de pão e um pouco de leite.

Ao subir, Klara deparou-se com filas intermináveis e, como estava cansada, buscou um lugar para se sentar e acabou adormecendo, mas despertou de sobressalto com o barulho de caminhões partindo. Haviam-na esquecido. Encolhida em um canto, enrolada em seu abrigo, os soldados nazistas não notaram que se tratava de uma mulher com uma criança.

Klara desceu as escadas e percebeu que levaram Chaja junto com os outros judeus capturados para Auschwitz. Foi então que tomada pelo desespero

começou a correr comigo nos braços pela rua e como seu biotipo não aparentava ser de uma judia, pois tinha olhos azuis, loira natural e falava um excelente alemão, os poucos oficiais da Gestapo que estavam na rua não prestaram atenção.

Klara arriscou sua vida e de sua filha ao andar pelas ruas pois, ao tomarem uma cidade, os nazistas impunham leis severas aos judeus, tais como colocá-los em espaços

³³² Era o nome dado a um complexo de campos de concentração localizado administrativamente no extremo leste da província da Alta Silésia do Terceiro Reich, condado de Bielsko, aproximadamente 30km ao sul de Katowice e a 50km a oeste de Cracóvia, como parte da área polonesa anexada pelo Reich nazista, abrangendo uma grande área industrial, rica em recursos naturais. Havia um total de 48 campos no complexo. Os maiores eram Auschwitz I, Auschwitz II–Birkenau e Auschwitz III–Monowitz ou Buna, um campo de trabalhos forçados. O centro administrativo do complexo ficava em Auschwitz I. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “Complexo de Auschwitz”. *Enciclopédia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br>. Acesso em 25 maio 2020.

separados, os chamados guetos, com poucos recursos que comprometiam sua sobrevivência. Os demais cidadãos, eram impedidos de ajudá-los sob pena de serem condenados. Mas, desafiando as proibições, uma senhora chamada Bertha, ao ouvir o barulho dos passos de Klara, olhou pelas frestas de sua janela e a reconheceu.

Bertha desceu as escadas do seu sobrado, alcançou minha mãe e puxou-a para dentro de sua casa. Ao ver que estavam seguras, disse: “Você não é filha da Chaja? Do restaurante iídiche?”

Minha mãe disse: “Sou”.

Ela [Bertha] respondeu : “Você é louca!? Você não sabe que judeu não pode andar por aí?”

Minha mãe disse: “Mas eu estou procurando minha mãe!”

A Bertha respondeu: “Tua mãe já foi em um dos caminhões. E Bernard está a procura de vocês. Ele está com toda a papelada para o campo. Disseram a ele que você já estava em Auschwitz.”

Bertha pediu que Klara a esperasse escondidas em sua casa enquanto procurava alguém da resistência para avisar a Bernard que ambas o aguardavam. “Ela falou: tome um banho e troquem de roupa. Fiquem na minha casa. Mas, assim que Bertha se foi minha mãe saiu da casa dessa mulher e voltou a vagar pelas ruas.”

Atitude de Klara acabou por chamar a atenção dos SS que as capturaram, “fomos parar em um trem com destino a Auschwitz”. Estavam próximo da fronteira da França quando Bernard, após alguns contatos e subornos as localizou. Aguardou o momento em que ambas entraram para se misturar aos prisioneiros em uma tentativa arriscada para salvá-las. Quando o trem começou a se mover, Bernard se aproximou e para espanto de Klara entregou uma pasta com documentos falsos, e falou assim:

“vou te jogar pela janela, se passar, você vai se salvar.”

Primeiro ele jogou a pasta de documentos – a pasta foi parar em cima de um padre que começou a gritar, mas ao abrir a pasta, viu do que se tratava e silenciou. Ao ver que os gritos cessaram, jogou minha mãe pela janela.

Nisso uma senhora, chamada Helen quando viu que meu pai estava fugindo, também pediu para o meu pai para jogá-la. Meu pai, disse: “mas como? Vamos eu e minha filha, mas você, não!”

Ela implorou ao meu pai que, com medo dela chamar atenção dos demais, jogou-a e depois se atirou abraçado a mim pela janela do trem em movimento.

A abertura pela qual passaram era pequena e até hoje Izabela surpreende-se ao lembrar que seu pai conseguiu passar três adultos, sendo um deles segurando uma criança, pela diminuta passagem.

Quanto ao padre, aos vê-los saltando do trem, imediatamente, ajudou abrigando-os na igreja. “Esse homem, cujo nome nunca soube, disse que quando abriu a pasta soube quem éramos e que nos esconderia por um tempo. Não poderia ser longo, pois já estava com uma leva grande de judeus escondidos.” recorda-se Izabela.

Manterem-se vivos

Ao deixar a igreja, tomaram como rota de fuga os Pirineus levando com eles a tal senhora Helen. Foram atacados por animais e ficaram sem alimentação e água potável. Bernard desesperou-se e só acalmou após achar uma plantação de figos. A todo o momento verificavam Izabela para saber se seguia viva. Próximo à fronteira da Espanha foram capturados e encaminhados para um campo de refugiados, em Barcelona.

Permaneceram no campo entre os anos de 1943 até 1946 e durante esse tempo Klara descobriu os sogros, cunhados e cunhada morando no Brasil, então se dirigiu até a Joint³³³ e pediu ajuda para convencer Bernard a fazer contato com eles. Ao descobrir pela Joint que toda sua família estava viva e morando no Brasil, convenceu-se que era hora de imigrar para o país.

A nova casa

A família embarcou em um cargueiro chamado Cabo de Hornos no porto de Barcelona e ficou instalada no porão do navio. Após três meses aqui, Klara descobriu que seu filho, do primeiro matrimônio, estava vivo e voltou para buscá-lo levando consigo Izabela.

Em 1946, a Joint descobriu que o seu filho primogênito estava vivo e informou a minha mãe. Ao saber, a reação dela foi buscá-lo imediatamente e, para isso, convenceu o meu pai que tinha de voltar. Conseguimos o dinheiro para pagar a passagem para nós duas em um cargueiro holandês. Retornamos para a Bélgica, para a casa de uma sobrevivente que era nossa parenta (sogra do irmão da minha mãe). Chamavam-na de Rubinstain. Essa mulher nos deu acolhida. Dormíamos no chão, mas como a minha mãe tinha que procurar o filho, ela precisava de um local para eu ficar, para não ficar zanzando comigo. Essa senhora comentou que a minha mãe deveria me colocar em um colégio interno ali perto. Era um colégio judaico e totalmente interno. Só se saía aos fins de semana, mas se os pais ou alguém quisesse buscar a criança. Então, eu aos cinco anos fui matriculada nesse colégio.

³³³ Comitê de Distribuição Conjunta Judaica Americana.

A escola era ortodoxa e foi onde Izabela aprendeu sobre a cultura e religião judaica. A menina não ficou sozinha no colégio interno, pois tinha a companhia de Micky, neta da senhora Rubinstein. “Mesmo Micky, não sendo filha do meu tio, eu a chamava de prima”, conta Izabela. Permaneceram por quase um ano na Bélgica, pois chegaram informações que Seweryn estava na França, e Klara decidiu pegar sua filha e ir até Paris, ao chegar na cidade verificou-se que a informação não procedia e novamente não sabia onde estava seu filho. A essa altura, Izabela adoeceu de saudades de seu pai e Klara decidiu recolocá-la em companhia de Micky. Mãe e filha ficaram sem se ver por quase seis meses. Até que chegou a informação de que “minha mãe o localizou em um campo de jovens refugiados na Itália que seriam enviados a Israel”, relembra Izabela.

Ao buscar por seu filho mais velho, Klara encontrou um primo, chamado Wolf Schmidt, na França, e foi na casa desse primo que Seweryn ficou enquanto aguardava a papelada para imigrar ao Brasil. Klara e Izabella ficaram em um alojamento. “A essa altura, minha mãe me tirou da escola e ficamos na França aguardando os documentos.”

Enquanto isso, Bernard aguardava-os no Brasil. Até que em 22 de dezembro de 1948, Klara, Izabela e Seweryn Blumberg³³⁴ retornaram ao país a bordo do navio Kurguelen.

A vida da Izabela no Brasil

Bernard Orgler faleceu quando Izabela tinha 13 anos e com essa perda a jovem assumiu o trabalho de seu pai como prestamista. Na mesma época, sua mãe decidiu que “e não precisava mais estudar, por isso não renovou a matrícula na escola”. Mas, em um dia durante as primeiras férias, após a morte do pai, Izabela encontrou o diretor da escola em que estudava, o professor Moysés Genes³³⁵, quando ele viu a menina disse:

“Izabela, não vi a tua inscrição.”

Eu respondi: “Não me matriculei porque a minha mãe acha que eu não preciso mais estudar, porque não temos mais dinheiro para pagar”.

Ele falou: “Não senhora! Você não vai parar de estudar, de jeito nenhum!”

³³⁴ Seweryn Blumberg nasceu em 12 de outubro de 1931, na cidade de Varsóvia, na Polônia, e faleceu no Rio de Janeiro em 30 de dezembro de 2010. Casou-se com Esther Cohen e tiveram um filho chamado Luis Meyer Blumberg.

³³⁵ Foi professor de Desenho do Colégio Pedro II e diretor-geral do Campus Humaitá II entre os anos de 1989 a 1997, além de coordenador de Desenho na mesma escola e também no Campus do Tijuca II. COLÉGIO PEDRO II. “Moysés Genes”. *Institucional CPII*, Rio de Janeiro, s.d. Seção Comunicação Social. Disponível em <http://cp2.g12.br/>. Acesso em 08 jun. 2020.

Professor Genes foi conversar com Klara, mas como ela não falava bem português e, geralmente, preferia conversar em iídiche, o professor que não falava muito o dialeto, levou o doutor Moisés Niskier³³⁶, que também era da diretoria do Colégio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem.³³⁷ Durante a conversa, Klara argumentou que não tinha dinheiro para pagar pelos estudos e transporte até a escola. Então o professor Genes disse assim: “ela não precisa do ônibus. Pode cortar já que ela já anda sozinha, ela trabalha, já anda tudo e será um pagamento simbólico”, recorda-se Izabela. Klara aceitou a proposta e, foi assim, que a menina Izabela concluiu seus estudos.

A morte do pai em 27 de novembro de 1954 foi um momento difícil, obrigou-a amadurecer antes do que deveria. Izabela tornou-se arrimo de família, tendo que trabalhar para levar dinheiro para casa. Sua educação por pouco não foi interrompida, mas seu tempo de brincadeira reduzido e sua infância e juventude irremediavelmente alterada. Ao mesmo tempo, sofreu com a frieza e falta de solidariedade da família paterna, seus tios Aron e Abrão Orgler cobraram uma dívida contraída pelo seu pai, mas contou com ajuda dos vizinhos para superar esse golpe.

Eu fiquei nesse ramo porque meu pai trabalhava vendendo a prestação. O que me impressionou foi descobrir que meu pai não tinha dívidas com seus fornecedores. Ele possuía o hábito de pagar antes para ganhar o desconto. No entanto, os únicos que apresentaram dívidas foram dois tios que venderam a clientela para ele.

Foram as únicas dívidas que ele tinha. Mas por que cobrarem em um momento delicado desses? Eles poderiam esperar, mas acharam melhor não e com eles eu não tive desconto!

O meu vizinho ficou impressionado com esses meus tios que tiveram a capacidade de apresentar a conta, sabendo da situação.

³³⁶ Médico, estudioso da história judaica e foi diretor por 50 anos do Colégio Israelita Brasileira Scholem Aleichem. *Revista Morasha* [site]. Disponível em <http://www.morasha.com.br/>. Acesso em 08 jun. 2020.

³³⁷ O Colégio foi fundado na cidade do Rio de Janeiro em 1928 por um grupo de ativistas da Biblioteca Scholem Aleichem (BIBSA) que visava um educandário que transmitisse além das matérias obrigatórias do currículo oficial brasileiro a perpetuação dos seguintes valores da cultura judaica: o idioma iídiche, a história do povo judeu numa perspectiva histórica e não religiosa, o laicismo, o humanismo e o progressismo. Era uma perspectiva de construir cidadãos capazes de perceber o judaísmo enquanto identidade cultural e de se sentirem ao mesmo tempo agentes integrantes da cultura local a fim de participarem das lutas, das conquistas sociopolíticas das sociedades em que estavam inseridos. BAÍA, Joana. Um certo “idischekeit”. Uma breve análise de ideais de educação e cultura progressista na memória da comunidade judaica. In: *XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007. Disponível em <http://cdsa.academica.org/000-108/768.pdf>. Acesso em 08 jun. 2020.

Ao cumprirem o *shiva*³³⁸, “minha mãe não se sentiu bem e foi parar no hospital, na Policlínica Israelita”, no período em que Klara ficou internada uma vizinha chamada Regina que cuidou de Izabela. “Nós morávamos em um prédio em que todos os moradores eram judeus, ficava no bairro do Estácio,” recorda-se.

Na primeira semana após Klara ter alta hospitalar, a menina retomou o trabalho. Izabela lembrava vagamente dos lugares e quais pessoas deveria oferecer sua mercadoria.

Sabia que tinha que ir a Bonsucesso e em Copacabana, na subida na ladeira dos Tabajaras. Isso me ajudou. Muitos me reconheciam porque meu pai nas férias me levava para ver como as pessoas viviam. Queria que sentisse na pele como as crianças se alegravam com pouca coisa. Desejava me mostrar que eu não era a única que não tinha uma boneca.

Minha primeira boneca minha avó Chaja quem fez, era de meia. Só ganhei uma boneca, nos moldes que conhecemos (plástico, cabelo sintético com roupinhas e sapatos), no meu aniversário de nove anos do meu tio Merchel. Ele morava em Porto Alegre e veio nos visitar no Rio de Janeiro. Esse tio era amigo dos donos da Estrela.

Bernard ensinou à filha que no Brasil também existiam dificuldades, para além da violência, havia a fome, pobreza e outras tantas privações e que atingiam a todos, em especial as crianças, que muitas vezes eram impedidas de viverem sua infância.

O que levou a menina a assumir a clientela de seu pai foi porque sua mãe não falava um bom português e tinha problemas de audição causados por uma explosão durante a guerra. Klara nunca buscou ajuda médica porque, segundo Izabela, “ela não queria jamais esquecer o que passou durante a Era Nazista”.

Quem deu apoio e ensinou tudo que ela deveria fazer foi outro vizinho chamado Isaac. Foi ele quem instruiu Izabela como era um trabalho de prestamista. “Eu era uma menina de 13 anos, e Isaac me ensinou todos os meandros da profissão”. Mas, a atividade de um prestamista era um trabalho árduo, muitas horas carregando pesados pacotes de mercadorias, andando por longos trajetos e comendo pouco para economizar. Exigia muito a um adulto e ainda mais de uma menina.

Eu deveria ter uns 16 anos quando um vizinho, chamado Daniel, ao me ver sair me ofereceu carona e falou assim: “Izabela, entra, te dou uma carona.

³³⁸ Tradição característica do luto judaico, refere-se ao retiro por sete dias do enlutado no recesso de seu lar após a morte de um parente próximo. Ele não se mistura socialmente, não participa de eventos alegres ou faz viagens recreativas durante essa época. LAMM, Maurice. “Sair de casa durante o shivá”. *Associação Israelita de Beneficência Beit Chabad do Brasil*, s.l., s.d. Seção Falecimento. Disponível em http://www.chabad.org.br/ciclodavida/Falecimento_luto/luto/Shiva5.html. Acesso em 08 jun. 2020.

Este trabalho de prestamista não é para você, é muito árduo! Você precisa mudar de profissão!”

Estava prestes a responder quando entrei e percebi que havia uma moça e fiquei calada.

Ele me apresentou essa moça. “Olha, essa é Hane, amiga da minha esposa. Ela trabalha no Stern³³⁹. Pára de trabalhar com essa porcaria de clientela e vai trabalhar no Stern!” Não fui. Continuei na clientela.

Izabela permaneceu tralhando por mais dois anos como prestamista até que um dia foi acometida por uma crise de enxaqueca – desmaiou em plena rua – um senhor a ajudou levando-a de táxi até ao Hospital Souza Aguiar. “Ao me socorrer, esse senhor abriu minha bolsa para saber quem eu era e se havia alguém a quem avisar”, ao acordar no hospital esse homem perguntou se era parente de Arão Orgler, magoada pelo que o tio lhe fizera, disse que era irmão do seu pai

Não falei que era meu tio. Ainda não tinha esquecido que ela cobrara a dívida do meu pai logo que ele morreu.

Ele disse: “Ah, mas eu sou lapidador e cravador. Trabalho com ele. Tenho um escritório na rua do Rosário e estava indo para lá. E isso te acontece, algumas vezes?” Respondi que já havia acontecido sim, mas na rua era a primeira vez. Esse senhor disse: “Não, você não pode continuar trabalhando a prestação! Você tem que ir pra uma firma e tem que trabalhar em um ambiente bonito, entre gente jovem. Por que você não vai no H. Stern?”

Ao chegar em casa Izabela não comentou com Klara o que lhe aconteceu, pois nunca acreditava que as dores eram fortes, sempre achava que a filha tentava fugir do trabalho. Mas, não deixou de pensar sobre o conselho de “trabalhar para o Stern”, lembra. Ao acordar no dia seguinte ao desmaio, decidiu que estava na hora de mudar e resolveu, por fim, procurar Hane.

Lembrei-me que ela tinha me dado 4 cartões de pessoas dentro da joalheria do H. Stern, mas eu achei que o melhor era ligar pra ela porque era moça que eu tinha conhecido, as outras pessoas eu não conhecia.

Liguei pra ela e disse: “Ah não sei se você lembra, eu sou vizinha do Daniel”. Ela nem esperou eu terminar a frase e logo disse: “Ah, lógico que eu me lembro! Ele queria que você viesse trabalhar aqui! Venha até a loja que vou te apresentar ao dono.”

Cheguei lá e ela logo me agarrou e levou ao departamento de pessoal e me apresentou a um senhor inglês, o Sr Hamburg Grift. Esse senhor falou “estou vendo que você precisa ganhar né? Estou vendo pelo seu histórico... vou te por como vendedora.”

³³⁹ Quando a entrevistada, refere-se a Stern, ela quer dizer Hans Stern, proprietário de uma joalheria tradicional no cenário mundial, fundada em 1945 e denominada como H. Stern. H.STERN. “Sobre H. Stern”. *Joalheria H. Ster*, s.l., s.d, Seção Institucional. Disponível em <https://www.hstern.com.br/institucional/sobre-hstern>. Acesso em 08 jun. 2020.

O Sr Grift me levou até o Sr. Hans Stern, conversaram e então ele me desafiou: “Olha se você vender 2 mil em um mês você fica.”

Eu disse assim: “eu preciso ficar porque ainda pago o apartamento que meu falecido pai nos deixou.”

Sr. Stern respondeu: “vamos fazer o seguinte, coloque um salto e passe batom. Você pode? E eu vou te dar 3 meses de experiência, se der certo tudo bem. Senão, eu te ponho em outro departamento.”

Isso foi no dia 29, comecei dois dias depois e trabalhei lá por 40 anos.

No segundo mês de experiência, já era a melhor funcionária da joalheria, acumulando os maiores valores em vendas efetivadas no mês. Foi então que o Sr. Stern chamou-a dizendo que queria efetivá-la, mas para isso deveria se naturalizar.

Depois de 2 meses minhas vendas mensais passavam de 16 mil, tudo porque eu transformava os brindes que a loja oferecia em vendas.

E aos dois meses Sr. Stern me chamou e disse assim: “Olha, você vai ser efetivada. Vai fazer parte agora da firma. Vou precisar que você faça outra coisa.” Eu perguntei: “o que preciso fazer?”

Sr. Stern disse que precisava que eu me naturalizasse, porque estava com um problema muito grande, pois recebia levas e levas de refugiados do Egito, da Hungria, da Tchecoslováquia e todos têm que se naturalizar pela lei brasileira. Respondi que não tinha nada contra, pois só queria dinheiro pra pagar a naturalização que é um processo caro.

Ele disse: “Pode deixar. Eu tenho um grupo enorme de pessoas que vão se naturalizar e vou abater dos salários”. Eu concordei.

O Casamento

Nesse ínterim, Izabela conheceu seu marido através de sua ex-vizinha Regina.

Essa minha vizinha encontrou com minha mãe disse: “Por que a Izabela não vem mais aqui na Tijuca desde que vocês mudaram pra Copacabana?”

Minha mãe disse: “Ah ela trabalha muito e também estuda”.

Regina insistiu e mamãe cedeu.

Marcaram um encontro no Clube Monte Sinai.³⁴⁰ Durante a visita ao clube, sentaram-se na lanchonete e iniciaram uma animada conversa em ídiche, ao ouvir três mulheres falando fluentemente o dialeto, o diretor do clube foi até a mesa e “se apresentou, disse que estava em busca de jovens que falassem bem o ídiche para participar do teatro, eu recusei justificando que morava longe”, mas Regina interferiu e disse que “poderia dormir em sua

³⁴⁰ O Centro Cultural Esportivo e Recreativo do Monte Sinai, fundado em 27 de setembro de 1959, no bairro da Tijuca. O Clube é associado à comunidade judaica residente no Rio de Janeiro, dando uma maior ênfase aos moradores judeus que residem na zona norte do Rio de Janeiro. Conta com mais de 1.200 atletas em diferentes modalidades esportivas. CLUBE MONTE SINAI. “História do Clube”. *Clube Monte Sinai*, Rio de Janeiro, s.d. Seção O Clube. Disponível em <http://www.clubemontesinai.com.br/>. Acesso em 08 jun. 2020.

casa nos dias de ensaio e apresentação”. Logo nos primeiros ensaios, Izabela conheceu Pedro London e começaram a namorar no final de 1961. Em 21 de março de 1963 ficaram noivos, casando-se no ano seguinte.

Nosso casamento foi maravilhoso tivemos 2 filhos e estes nos deram 4 netos. Fomos grandes companheiros! Sinto a falta do Pedro. Ele era filho de Ester e Moisés London. A mãe do Pedro era escritora, poetisa, advogada, socióloga e escreveu o livro “Vivência judaica em Nilópolis”. Acho que isso influenciou o gosto do Pedro pela cultura judaica. Ela amava o teatro ídiche! Adorava o dialeto!

Izabela e Pedro gostavam de participar do teatro ídiche e fundaram o projeto chamado “Amigos do ídiche” que chegou a reunir trezentas pessoas no CIB³⁴¹. Infelizmente, o projeto foi interrompido com o falecimento de Pedro em 2013.

3.2.6. Mauricette Rozen³⁴²



69. Mauricette Rozen. Fotografia não identificado. Niterói, Brasil, s/d. Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil.

³⁴¹ Entidade que visa a reunir a comunidade judaica brasileira. Com sede na cidade do Rio de Janeiro, foi fundado em 2 de novembro de 1921, com o intuito de atender os imigrantes judeus que fugiam da Europa, principalmente da Grécia e da Turquia. CLUBE ISRAELITA BRASILEIRO. Disponível em <https://www.facebook.com/clubeisraelita/> Acesso em 08 jun. 2020.

³⁴² FICHBERG, Rolande Paule; ROZEN, Mauricette; MANSUR, Madeleine. Testemunho concedido pelas irmãs Mauricette Rozen e Rolande Paule Fichberg em conjunto com Madeleine Mansur à Silvia Lerner e Fernanda Capri, no. Câmera: Vitor Gomes. Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 16 abr. 2016. Arqshoah/Leer-USP.

Mauricette Rozen, nasceu na cidade de Bruxelas, na Bélgica, em 8 de outubro de 1936. Filha de Szaja Rozen, polonês nascido na cidade de Laskarzew (Polônia), mas radicado na Bélgica, e da belga Reneé Rozen. Seus avós maternos chamavam-se Izrael Korjenwski e Hinda Kuperfaid e os paternos Aron Rozen e Chana Goldstein. As famílias Rozen e Korjenwski eram vizinhas e possuíam uma estreita relação de amizade “éramos muito unidos, aqueles que observavam pensavam se tratar de uma única família”. Szaja e Reneé Rozen tiveram outra filha, Rolande Paule Rozen, nascida em 28 de dezembro de 1939. Mauricette faleceu em Niterói em 2017.

70. Mauricette abraçada à Rolande. Saint Gauden, França, 1940.
Fotógrafo não identificado. Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil.

A ocupação nazista

O ano era 1939, quando os soldados nazistas efetivaram a primeira invasão: a Polônia, o país resistiu por poucos dias. Szaja Rozen possuía nacionalidade polonesa e foi mais um dos cidadãos poloneses espalhados pela Europa, convertidos em soldados para lutar pela pátria.

Meu pai em 1938 era barbeiro e cabeleireiro bem estabelecido, com dois salões um em Bruxelas e outro no balneário de Le-Coq-sur-Mer (Bélgica), onde costumávamos passar férias. Não passava pela sua cabeça retornar a Polônia, afirmava que sequer lembrava como era falar o idioma polonês.

Com a derrota da Polônia, em setembro, Szaja foi realocado em outro exército para continuar lutando contra o regimento nazista que agora ameaçava expandir seus domínios

pelo território europeu. “Meu pai foi para outro exército, que na verdade era a Legião Estrangeira, dentro do batalhão polonês”.

Enquanto isso na Bélgica, onde viviam as famílias Rozen e Korjenwski, o clima era de tensão entre os judeus e nas forças armadas belgas que se mobilizaram no início de 1939 contra uma possível invasão do exército nazista.

O país só entrou oficialmente em guerra no dia 10 de maio de 1940, quando foi invadido pelos regimentos nazistas. Suas forças resistiram contra a ofensiva alemã por alguns dias até que, em 28 de maio de 1940, o rei Leopoldo III declarou rendição ao exército nazista alemão. Pouco depois da invasão, emitiram-se leis antissemitas. A ocupação alemã da Bélgica durou até setembro de 1944.



71. Cartaz das leis antijudaicas. Bélgica, 28 out. 1940. Reproduzido de *History of Sorts* [site], EUA.

A Bélgica sofria a ameaça de ser invadida. Nesse ínterim, o rei Leopoldo conseguiu negociar, dizendo que se entregaria, mas pediu uma data para quem quisesse sair do país. A data foi um dia santo, dia de Pentecostes, que caiu em 10 de maio de 1940. Então, esse foi o derradeiro dia em que todos os judeus saíram, assim como nós, da Bélgica. Fugimos em um caminhão de mudança de nossos tios. Fomos parar na França, em um campo de refugiados na França Livre na Alta Saboia. De lá acabamos indo para várias cidades, fugindo da guerra e meu pai que estava no exército polonês, era barbeiro dos militares, não tinha mais liberdade de sair do front. Mas, por ser íntimo do comandante conseguia com facilidade obter licenças para visitar a família e numa dessas não voltou mais.

Quase toda a família embarcou no caminhão dos tios Bernard e Gastón, ficando para trás um tio chamado Maurice, sua esposa e duas filhas, além da avó paterna Chana com vários filhos pequenos.



72. Gaston e Bernard Rozen. S.l, s.d. Fotografia não identificado. Acervo Rolande Fichberg/RJ, Brasil.

Depois tio Maurice Rozen fugiu a pé pelos Alpes até a Suíça. Minha avó Chana Rozen, que dependia de um pequeno comércio de alimentos, resolveu ficar. Nosso outro tio chamado Julle Rozen, casado com uma belga não judia, conseguiu esconder os irmãos espalhando-os em casas de camponeses. Tia Sarah³⁴³, a mais velha das mulheres, ficou com minha avó paterna e dois irmãos Albert e Simon, mas depois seguiu para França. Em final de 1941, minha avó Chana foi presa em Bruxelas com Albert e Simon. E Sarah presa

³⁴³ Sarah era filha mais velha de Chana Rozen e quando capturada já estava casada e chamava-se Sara Hauptman. Ela escreveu um livro denominado *Lioness of Judah: A Jewish Lion Tamer's Memoir of Resistance and Survival* (Ed. Paperback – January 1, 2006) onde conta sua história nos campos concentracionários.

na França. Todos deportados para Auschwitz. Minha avó e Albert foram direto para os fornos crematórios. Simon, depois de libertado, morreu a caminho de casa debilitado pela fome e doença que corroeram sua saúde. Jean Rozen, como membro da resistência, acabou morto, fuzilado pelos alemães. Já tia Sarah, no final da guerra, foi transferida para onde estava Mengele. Sobreviveu porque era uma das mulheres escolhidas por ele para se fazer experiências médicas.

Como todas as crianças que sofreram com a violência perpetrada pelo nazifascismo, o espectro da incerteza se sobreviveria rondou a vida diária de Mauricette, seu senso de estabilidade foi perturbado e o medo do futuro era devastador. “Nós somos fugitivos da guerra, a nossa guerra foi diferente daquelas que envolvem prisões em campos de concentração, como Auschwitz, mas não deixou de ser tenebrosa da mesma maneira”.

A odisseia das famílias Rozen e Korjenwski

Mauricette e sua irmã Rolande guardam o registro feito a mão por uma tia chamada Sophie que conta todo percurso feito pelas famílias que envolve a saída da Bélgica até a região da França Livre:

Em 10 de maio partimos no caminhão de mudanças de Bernard e Gastón, passando o dia todo nas estradas num congestionamento sem fim. Dormimos no caminhão.

No dia 11 de maio continuamos na Bélgica, na cidade de Tournai, onde passamos dia e noite.

Chegamos à cidade de Arras no dia seguinte e na parte da tarde estávamos em outra cidade, Amiens. No início da noite, já em Paris, fomos para Romanville, na casa da senhora Schuster e seu marido, antigos conhecidos. Continuamos nossa jornada entre os dias 13 e 14 de maio em direção ao sul a caminho de Châteauroux e pernoitamos por lá.

Nos dias 15 e 16 de maio, passamos por várias cidades (Limoges, Clermont Ferrand, Tullés, Montauban na altura dos Midi Pyrénées e Toulouse) enfrentando filas intermináveis de carros que eram parados a todo o momento para dar passagem aos comboios militares. Pernoitamos em Toulouse.

No dia seguinte, as autoridades de Toulouse nos levaram para o campo de refugiados em Saint Gaudens na costa de Gascogne, mas o campo estava lotado e levaram-nos ao prefeito de Villeneuve de Rivière que nos conduziu a outro campo chamado Le Moulin. SOPHIE KORJENWSKY

A família permaneceu por sete meses no campo belga que na verdade se tratava de um hotel, o qual durante a guerra foi transformado em um campo de refugiados. Mas o espaço foi fechado por falta de verbas, no entanto, o avô materno, Izrael Korjenwski, fez amizade com o prefeito que os ajudou a ficar clandestinamente na cidade por algum tempo. Nesse ínterim, a

avó materna, Hinda Kuperfaid, já com a saúde fragilizada faleceu vítima de um câncer de mama. Enquanto isso, “minha mãe saía diariamente em busca de notícias de meu pai nas prefeituras das grandes cidades do entorno”, até que Charles a encontrou em uma dessas prefeituras.



73. Fotografia em que estão reunidos todos os membros da família Korjenewsky na entrada do edifício onde funcionava o campo de refugiado “Le Moulin”. Ville Neuvede Rivière, França, 1940.
Fotógrafo não identificado. Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil.

Os bombardeios

Um dos muitos episódios traumáticos, repleto de insegurança e medo, vividos por Mauricette e que merece destaque são “os bombardeios”, como a própria elegeu. Segundo ela, um dia sua mãe saiu para comprar leite e as sirenes tocaram anunciando um bombardeio. A mulher que estava na rua ficou apavorada temendo que o pior tivesse acontecido às suas filhas.

Mamãe estava na boulangerie³⁴⁴ quando tocou a sirene de bombas. Ao soar o alarme, cerraram as portas e não permitiram que ela saísse. O bombardeio foi forte e, assim que terminou, mamãe saiu desesperada pelas ruas e quando chegou a dona do prédio que estava ao lado dos escombros do prédio. E ao ver minha mãe correndo sozinha e desesperada pela rua gritando meu nome e o da minha irmã pediu socorro aos bombeiros que começaram a escavar até que ouviram nossa voz.

³⁴⁴ Padaria em francês.

Mauricette ao ouvir as sirenes tirou sua irmã mais nova Rolande do berço, e ambas se esconderam na casa de bonecas que ficava próximo a lareira e ao fogão. Com a trepidação das bombas, o prédio ruiu e a pilastra e a pedra da lareira sustentaram parte do teto onde as crianças estavam escondidas, permitindo que fossem salvas sem nenhum arranhão “mas foram momentos aterradores”.

O segundo bombardeio do qual Mauricette e sua irmã Rolande saíram vivas aconteceu quando pegaram escarlatina.

Certa ocasião, eu e minha irmã ficamos muito doentes e desesperada minha mãe resolveu nos levar para o hospital, mas não havia nenhum na cidade e não podia viajar de trem. Foi quando o prefeito aconselhou minha mãe a ir de bicicleta até o hospital mais próximo que ficava a 15km de distância.

Renée colocou-as em um cesto de vime, bem agasalhadas, e pedalou até o hospital. Ao chegar lá, as meninas não foram internadas, pois o diretor do hospital explicou que não podia, pois o local estava lotado com feridos de guerra e não havia uma ala de isolamento. Esclareceu como deveria agir com as crianças. Ao sair do hospital, Renée conseguiu uma carona em um caminhão que estava a caminho de Villeneuve Rivière, quando o veículo andou uns 5km o hospital começou a ser bombardeado. “Todos tivemos que nos esconder nas plantações à beira da estrada e de longe se via as chamas.”

Mauricette recorda os bombardeiros através de um testemunho pronunciado em palavras aceleradas, com certa tensão, tornando possível notar que o estresse emocional sobre o vivido ainda é presente.

A invasão da França de Vichy

Em 11 de novembro de 1942, as tropas alemãs e italianas ultrapassaram a linha de demarcação da zona livre ao sul da França. Isso significou a quebra do armistício de 1940. Diante do cenário, um plano começou a ser arquitetado pelas famílias e precisava da ação de todos, pois seu insucesso resultaria na captura da família e logrando êxito sobreviveriam ao fugir para Suíça.

O meu pai e um tio com ajuda do seu comandante conseguiram uma licença por cinco dias que dava a ambos, tempo suficiente, para fugirem. Mas, o

tempo era curto demais para reunir toda a família para escapar, porém tentaríamos.

Meus tios Gastón e Bernard estavam em Perpignan (França) trabalhando na lavoura e não escaparam da Gestapo que os encaminhou para prisão de Drancy e, posteriormente, Auschwitz. Meu avô ao saber dos destinos dos filhos foi até a plataforma escondido para se despedir foi a última vez que se viram.

Seus tios foram levados pelo comboio nº XXV b-162 que saiu de Bourget/Drancy a Auschwitz sendo recebido pelo Comandante Eichmann. Outro tio chamado Maurice também foi capturado enquanto fazia a travessia para Suíça e enviado pelo comboio nº 901/31 em 23 de setembro de 1942. No primeiro comboio, o registro informa que foram encaminhadas cerca de 60 crianças a algumas sem os pais, ao chegar 58 homens foram tatuados com os números 63.898 a 63.953 e 49 mulheres com os números 19.772 e 19.820. Já o segundo comboio transportou um total de 980 prisioneiros dos quais foram exterminadas 455 pessoas, selecionadas 399 homens identificados pela matrícula 65.460 a 65.858 e 126 mulheres tatuados de 20.723 a 20.842.

Fuga para a Suíça

Charles Rozen, de posse do salvo-conduto, encontrou a família e pediu ajuda ao prefeito da cidade de Ville-Neuve-Rivière para falsificar documentos e retirar todos em segurança.

O prefeito providenciou cadernetas, ensinou onde meu pai deveria assinar e carimbar. Como não podia se comprometer mais emprestando seu carimbo, esse homem usou um recurso: carimbar uma batata aberta para que meu pai tivesse um modelo. E assim meu pai fez, recordou com cuidado os caracteres e conseguimos os carimbos nos documentos para toda a família. Usamos nomes e sobrenomes franceses falsos e o único problema era eu lembrar meu nome e não dar nenhuma mancada. Eu era uma criança muito tagarela!

As rotas de fuga eram construídas de maneira arriscada e improvisada. Na medida que Charles e um de seus cunhados conseguiam ultrapassar as fronteiras, encaminhavam telegramas para informar a família qual caminho deveria seguir até Bourg Saint Maurice (França) e lá encontrariam guias que fariam a travessia da família pelos Alpes até Cordilheira de Dans Du Midi, na fronteira da Suíça com a Itália.

Os guias nos deixaram com o conselho de descer a colina deslizando sentados, se o gelo estivesse firme poderíamos continuar também e não se

podia gritar nem falar alto, por risco de avalanche. Era uma descida perigosa, as estradas estavam congeladas e se confundiam com os rios igualmente congelados. Descemos usando a tática ensinada pelos guias, mas em dado momento um rio cortava a estrada.

Para nos atravessar pelas águas gélidas, meu avô usou a bengala para puxar a todos. Na travessia, minha tia Eva torceu o pé, quebrou o salto e o resto do caminho precisou de ajuda, tornando-se um estorvo. Tia Sophie ficou muito aborrecida com tia Eva chamando-a de britânica insana que se vestiu como para programa de gala e não para uma fuga. Nos perdemos na descida e tentamos refazer o caminho foi quando começou o caos, pois nossas tias recommçaram a discutir e, dessa vez, gritavam por socorro, mamãe ao ver a confusão começou a chorar com a Rolande no colo e meu avô pedia para todos se acalmarem. E no meio do alvoroço escutamos alguém responder aos gritos de socorro eram dois lenhadores suíços que vieram ao nosso resgate. Estávamos salvos!

Dividiram a família: as tias Madeleine, Sophia e Eva foram para o campo de refugiadas de mulheres sem filhos de Locarno (Suíça); o avô Izrael, Renée, Mauricette e Rolande encaminhados como refugiados para a cidade de Martingy (Suíça), para um campo que possuía 500 pessoas e era administrado por um homem chamado Asher. Após um tempo, Charles localizou a família e foi com Renée trabalhar como cozinheiro e ela como lavadeira em um sanatório que cuidava de tuberculosos na cidade de Leysin (Suíça), as crianças não puderam ir por se tratar de uma doença contagiosa.

74. Renée Rozen (sentada à frente, à direita) tendo ao seu lado (em pé de avental) Charles Rozen, cozinheiro chefe do refeitório. Leysin, Suíça, 1943. Fotografia não identificada. Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil.



75. Renée Rozen, à esquerda, de avental, na lavanderia do sanatório. Leysin, Suíça, 1943. Fotografia não identificado. Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil.

Como os pais precisavam trabalhar e não dispunham de parentes ou conhecidos que pudessem cuidar das meninas, recorreram à Cruz Vermelha que encontrou um lugar para Mauricette na cidade de Vevey (Suíça) e para Rolande em Yvedon Les Bains (Suíça).

Famílias provisórias

Mauricette foi levada para uma mansão de propriedade de uma condessa austríaca chamada Madame Empeatory que tinha uma filha da sua idade. “Anos depois, descobri que Charles Chaplin morou nessa casa e que foi transformada em um museu em homenagem a ele.”



76. Condessa Empeatory nos jardins de *Manoir de Ban*, rodeada por seus filhos e com Mauricette Rozen. Corsier-sur-Vevey, Suíça, 1943. Fotografia não identificado. Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil.

No entanto, a vida de Mauricette sofreu um revés e ela teve de abandonar a casa da condessa porque a Áustria e seu governo passaram a colaborar com os nazistas e Madame Empeatory, sendo austríaca e tendo família que lutava em favor de Hitler, a Cruz Vermelha entendeu que não poderia deixar um judeu sob guarda de simpatizantes das políticas antissemitas, mesmo a condessa firmado interesse em ficar com ela.

Fui para outras famílias. Uma delas era de camponeses perto de onde Rolande estava e a gente se visitava. Nessa casa, eu dormia no celeiro, me colocaram para trabalhar, mas a Cruz Vermelha soube e fui para uma outra família italiana, que não tinham filhos. O marido se encantou comigo, pensou que tinha achado uma filha e a mulher ficou com ciúmes, então passou a me maltratar. Fui obrigada a sair de lá e encaminhada para uma viúva a qual passei a chamar de *tante* [tia] Lucie que morava perto de onde morava a minha *mamia* [Madame Empeatory], que tinha aquela casa, que tanto é que todo final de semana eu ia para lá, só descer a estrada vinte minutos, e fiquei lá até o final da guerra.

A separação compulsória das famílias era uma prática corriqueira durante a guerra e deixou marcas indeléveis nas memórias e identidades pueris. Mauricette é apenas um dos

muitos exemplos dessa prática que ilustram o caminho para sobreviver e, sobretudo, sua lembrança permite exercitar a compreensão das dores dos desmembramento familiar. A menina experimentou os dois lados: desde uma boa acolhida de Madame Empeatory e a tia Lucie até a difícil convivência com uma tutora temperamental.

Com o armistício, Charles retornou para Bruxelas para reorganizar a vida. Seis meses depois Renée acompanhada de Mauricette e Rolande juntaram-se a ele. O ponto de encontro da família foi a casa do tio Jules. Aos poucos, a família foi refazendo os laços e tentando retomar a vida, mas nunca mais foi a mesma, pois os espaços vazios deixados por aqueles que se foram somente são preenchidos por intermédio das lembranças aos mesmos.

Brasil

Em um dia de folga, o jovem casal Charles e Renée acompanhado de um casal de amigos, Maurício e Gitla Taszman, foram ao cinema para assistir a um filme – sucesso à época, o qual tinha como uma das protagonistas Carmen Miranda, a película chamava-se “*That Night in Rio*”. Era uma comédia musical de 1941 cuja história se desenvolve no Rio de Janeiro, mostra alguns bairros da zona sul da cidade e enaltece as belezas naturais da região. Ao término do filme passou uma propaganda do governo brasileiro convidando aos interessados a procurarem a embaixada do Brasil na Bélgica, pois o país estava com as portas abertas para a imigração “e o espírito aventureiro do meu pai foi atingido. Ele e Maurício Taszman começaram a sonhar com o Brasil”.

Seduzido pela película, Charles conseguiu uma carta de recomendação para trabalho e decidiu que migrar primeiro e, se desse tudo certo, sua esposa e filhas seguiriam o mesmo caminho. E em 1947 Charles junto com seu amigo Maurício Taszman partiram do porto de Gênova a bordo do navio Argentina com destino ao Brasil. Ao se instalarem em terras brasileiras, conseguiu emprego no Salão de Beleza Carioca ao lado do Cinema Íris e do Bar Luiz no Largo da Carioca, região Central do Rio de Janeiro. Três meses depois desembarcavam do navio Desiderate no porto do Rio de Janeiro, Renée com suas filhas.



77. No convés do navio, no momento da chegada no porto do Rio de Janeiro de Marucicette, Rolande e Renée Rozen, junto de Madeleine e Gitla Tazman (à esquerda). Rio de Janeiro, Brasil, 1947. Fotografia não identificado Acervo Rolande Fichberg Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil.

A família morou por um tempo numa pensão para imigrantes na rua Senador Vergueiro, no bairro do Flamengo, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, depois mudaram-se para São Paulo e, por fim, foram morar em Niterói. Charles abriu um salão em frente de casa na rua Coronel Gomes Machado, número 196, e passou a frequentar junto com a sua família a organização judaica em Niterói, denominada Biblioteca David Frischman.

Os últimos anos no Brasil

Mauricette fez parte do coral da Biblioteca e era ativa na instituição. Casou-se em 1956 com Abraão Tancman e adotou o sobrenome do marido passando a se chamar Mauricette Tancman. Foram morar no bairro do Bom Retiro, em São Paulo. Tiveram dois filhos, Gilberto e Michelle. Divorciou-se e se casou com João Santos, em 1966, numa cerimônia no apartamento dos seus pais na Tijuca. Alguns anos tiveram uma filha chamada Débora. Faleceu há alguns anos deixando três filhos, sete netos e um bisneto.

78. Primeiro casamento de Mauricette com Abraão Tacmann. São Paulo, Brasil, 1956. Fotografia não identificado. Acervo *Mauricette Rozen/RJ*, Brasil.



79. Segundo casamento de Mauricette com João. Tijuca, Rio de Janeiro, Brasil, 1966. Fotografia não identificado. Acervo *Mauricette Rozen/RJ*, Brasil.

3.2.7. Izrael Hersz Fajfer³⁴⁵



80. Izrael Fajfer. Fotografia reproduzida da Ficha Consular de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Paris, França, 23 de janeiro de 1946. Acervo *Arquivo Nacional/RJ*, Brasil.

Nascido no dia 1º de agosto de 1926, na cidade Radom, na Polônia, filho de Icek Boruch Fajfer e Idesa Zelinger Fajfer. Sua mãe seguia rigorosamente os preceitos da religião judaica, praticava a *mitsvá* de “cobrir os cabelos ela era ortodoxa”. Seu avô chamava-se Kopo[?] Zelinger era um homem que gostava de estudar e se preocupava com os netos, especialmente Izrael e seus irmãos, Helena e Mayer. Os Zelinger possuíam uma situação financeira mediana.

Seu avô materno teve muitas filhas e dois filhos, um deles chamava-se Mayer e era empresário na cidade de Lublin (Polônia), importava e exportava produtos para Alemanha e foi um dos primeiros judeus a ser preso e executado pelos nazistas. Uma de suas filhas, chamada Voite[?] casou-se com o dono de uma siderurgia importante na Polônia, localizada em Szczecin [Estetino], mas fixaram residência na Alemanha. Em 1936, quando os primeiros sinais de antissemitismo mais exacerbado surgiram, imigrou com seu filho para a Palestina. E antes de 1938 outra filha – Hifle[?] – foi morar na Palestina.

Izrael, seus irmãos e pais viviam com avô materno, mas com o passar do tempo a família Zelinger entrou em decadência financeira e as crianças foram passar um tempo com os avós paternos: Szlama e Gilta Fajfer, que possuíam uma situação financeira abastada.

³⁴⁵ A história da Izrael Fajfer foi registrada através de um documentário produzido pela família para que seus descendentes conhecessem a história do “menino do Ganso”. O filme foi gentilmente cedido ao LEER-USP e hoje faz parte do acervo de histórias que compõem o arquivo de História Oral do Arqshoah/Leer-USP. *Izrael Fajfer*. Rio de Janeiro, 09 abr. de 2013.

Seu pai, Icek Fajfer, fornecia insumos para o Império Austro-Húngaro e quando esse foi desfeito voltou para Radom. Apesar de a cidade ser industrial era pequena para as ambições de Icek que migrou para Viena e, posteriormente, para o Uruguai³⁴⁶ deixando

minha mãe com três filhos pequenos. No Uruguai, ele não conseguiu se apurar e o dinheiro logo acabou. E ele tomou a decisão de ir para o Brasil clandestinamente em 1936, 1937... não lembro a data certa. Mas em 1938 conseguiu legalizar sua situação e tirou o visto de permanência.

O pai logo tratou de iniciar o processo de imigração da família para o Brasil, mas, enquanto tentava resolver a burocracia dos papéis, teve início a ofensiva contra os judeus e não se pode fazer mais nada.³⁴⁷

Em 1939, não me lembro de qual mês, recebemos chamadas para emigrar para Brasil. Enquanto reuníamos os documentos, arrebentou a guerra. Então, nós não podíamos fazer mais nada. Vieram as leis contra o povo judeu. Qual o princípio? Pegaram os judeus na rua, maltratavam, havia trabalho forçado, etc., etc. Depois, eles formaram o “Conselho Judeu”, em alemão chamado de *Judenrat*. Era um governo dentro de governo. E tudo estava cercado.

E tudo mudou... o gueto de Radom

Ao invadir a Polônia, Adolf Hitler estabeleceu dois decretos para as áreas anexadas à Alemanha, dividindo o país em unidades administrativas. A unidade da qual Radom fazia parte do Governo Geral e era comandada pelo governador-geral, Hans Frank³⁴⁸, responsável pela segregação de judeus em guetos na região.

³⁴⁶ De acordo com a Lista de Passageiros da Inspeção do Porto de Montevideú, Icek Baruch Fajfer desembarcou do vapor Alcantara, possuía 36 anos, profissão comerciante e provinha da cidade de Chersburgo. FAMILY SEARCH.ORG. Disponível em <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:Z6WR-R73Z>. Acesso em 09 jul. 2020.

³⁴⁷ Desde o estabelecimento da República de Weimar as relações entre Alemanha e Polônia eram tensas por conta da delimitação da fronteira ao leste do país imposta pelo Pacto de Versalhes. Ambicionando as matérias-primas da Romênia, Cáucaso, Sibéria e Ucrânia, Hitler contrariou o Pacto e começou a expansão passo a passo rumo ao Leste. Aproximou-se da Itália, Espanha e Japão, com anuência dos austríacos anexou o país à Alemanha, assinou um pacto de não agressão com a União Soviética exigiu a devolução da zona conhecida como “corredor polonês” e do porto de Danzig (atual Gdnask). Com a negativa do país, invadiu-o na madrugada de 1º de setembro de 1939 com uma Blitzkrieg, encontrando uma resistência local frágil. Dois dias depois, a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha, eclodiu a Segunda Guerra Mundial. 1939: a Alemanha invade a Polônia. Jornal *Deutsche Welle*, Bonn (Alemanha), 01 set. 2015. Seção História Alemanha. Disponível em [³⁴⁸ Conhecido como “o carniceiro da Polônia”, foi um advogado e político alemão filiado ao Partido Nazista, que serviu diretamente ao ditador Adolf Hitler. Foi um dos primeiros membros do Partido Alemão dos Trabalhadores, precursor do Partido Nazista \(NSDAP\). Participou do fracassado *Putsch* de Munique e mais tarde](https://www.dw.com/pt-br/1939-alemanha-invade-a-pol%C3%B4nia/a-619968#:~:text=Calend%C3%A1rio%20Hist%C3%B3rico-1939%3A%20Alemanha%20invade%20a%20Pol%C3%B4nia,Lorena%20e%20parte%20da%20Pr%C3%BAssia. Acesso em 28 jun. 2020.</p>
</div>
<div data-bbox=)

As situações econômica e política mudaram drasticamente³⁴⁹ para os judeus na Polônia e era “cada vez pior e nós não podíamos fazer nada. Para que não passássemos fome, um parente nos ajudou contrabandeando comida para dentro do gueto”.



81. Gueto de Random. Polônia, 1940. Fotografia não identificado.
Acervo *United States Memorial Museum*, EUA.

As políticas nazistas de banimento e cerceamentos aos judeus obrigaram Izrael, com quase treze anos, a deixar a escola e trabalhar para apoiar os familiares. O impacto na infraestrutura socioeconômica obrigou-o a cuidar também de si mesmo. Sua infância foi sufocada pelo sofrimento para manter-se vivo.

Tinha esse ministério de trabalho do gueto em que cada judeu era obrigado a trabalhar. Eu fui trabalhar um dia para mim e em outro para meu tio, irmão

se tornou o conselheiro jurídico pessoal de Adolf Hitler, bem como, advogado do NSDAP. Em 1933, Frank juntou-se ao Gabinete de Hitler como Ministro do Reich sem pasta. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Hans Frank”. *Encyclopedia Britannica*, 07 nov. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/HansFrank>. Acesso em 28 jun. 2020.

³⁴⁹ Um dos perpetradores mais conhecidos da Polônia foi a Polícia Azul, instituída pela Alemanha, tinha entre os seus deveres manter a ordem e regular o trânsito assegurar que fossem cumpridas as regras dos guetos de judeus, incluindo sujeitá-los a fome, e levar também a cabo execuções, algumas sob ordens diretas dos alemães, outras não. GUIMARÃES, Maria João. “Polónia, o maior de todos os paradoxos do Holocausto”. *Jornal Público*, Lisboa, 01 fe. 2018. II Guerra Mundial. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/02/01/mundo/noticia/polonia-o-maior-de-todos-os-paradoxos-do-holocausto-1801648>. Acesso em 28 jun. 2020.

do meu pai. Esse tio possuía reservas e me pagava com dois quilos de pão. Mas fora isso, às vezes, havia possibilidade de trazer batata, uma cebola, uma beterraba...

A omissão e mentira como modo de se proteger da malignidade de seus perpetradores eram comuns, especialmente entre as crianças que aprenderam a enganar para sobreviver. Izrael, um menino perspicaz, utilizou desse subterfúgio para escapar da fome que o assolava e a sua família, pois fingiu ser católico para conseguir alimento. Outra particularidade em sua história: sempre surgia alguém em seu caminho que o ajudava direta ou indiretamente a seguir em frente. O que não o impediu de se envolver em brigas para defender-se contra agressões físicas e verbais.

A violência sem motivo contra nós judeus já era comum antes da Guerra e a gente se defendia como dava, na maior parte do tempo nós enganávamos a eles.

Havia uma lei na Polônia que estabelecia que toda criança do sétimo ano de vida teria que frequentar a escola pública. Nos judeus, na Polônia, tínhamos autonomia. Então, havia a escola pública mantida pelo governo polonês, mas só para judeus a aula de religião era opcional. Quando fiz sete anos fui para uma escola pública que era fora do bairro judeu. Era o único judeu de toda a escola e os alunos caçoavam de mim, sofria muita agressão verbal. Até que um dia falei para minha mãe que não queria mais estudar por conta das hostilidades e ela me disse que deveria aguentar e não revidar. Começaram as agressões físicas e farto fui queixar-me ao padre. Ele era um homem jovem e parecia gente muito boa ao ouvir minha reclamação foi até o livro e falou o seguinte: “Infelizmente teu pai está fora da Polônia e não tem quem te ensinar a tua fé. Na tua fé diz o seguinte: Olho por olho, dente por dente.” Eu não entendi nada, tinha sete anos de idade. Então ele me disse se alguém me desse uma bofetada era para eu dar duas. Chegou a hora do recreio e um garoto veio até a mim e atingiu-me com um pontapé. Eu reagi e dei uma surra nele. A partir daquele dia, nunca mais mexeram comigo!

Ainda naquele mesmo ano durante o inverno, esse padre me vendo no pátio ao relento enquanto aguardava o término da aula de religião se aproximou e disse: “Por que você vai ficar lá fora? Assiste à aula, quem sabe que um dia você vai precisar.” Eu assisti e aprendi tudo, tudo às pressas e quando a guerra rebentou e a fome era feroz, eu precisava trazer alimentos e fui até as tinturarias das irmãs para me alimentar e levar comida para casa. Fingi ser católico. Durante algum tempo consegui passar despercebido até que uma madre superiora disse: “Suspeitam que você seja judeu. É melhor você não vir mais.” Eu nunca mais apareci. Fui em busca de outro lugar no qual recebesse comida e consegui através do trabalho como coroinha em uma igreja onde o padre da escola era responsável. Lá eu me senti tão bem! Estava paramentado e me perguntava “quem vai me denunciar?”

De repente, na santa missa, um oficial escutou um garoto falar para pai apontando para mim: “Pai! Aquele é *zydowski*!”³⁵⁰ Aquele que estudou junto comigo”. Quando acabou eu falei com o padre: “Fui reconhecido!” Ele

³⁵⁰ Judeu em polonês.

botou a mão na cabeça e ficou com medo e quando veio à noite escapei para o gueto andado pelos telhados. Voltei outra vez a ser judeu.

No dia a dia do gueto as agressões faziam parte do cotidiano, numa forma perversa de aterrorizar e coagir os judeus a seguirem ordens dos nazistas. Assim, violência aliada à incerteza ocupavam lugar-comum na vivência dos judeus durante a Era nazista.

Um dia veio o que se chamava *Sicherheitsdienst*³⁵¹ e me levaram para trabalhar no campo. Quando chegamos ao local, desferiram chicotadas e uma paulada em nossas cabeças, como eu era pequeno, aquele chicote e aquele pau não me alcançavam.

Eu fui trabalhar retirando as ervas daninhas, na hora de sair fomos novamente açoitados e carimbaram nossa na carteira de trabalho. Nesse mesmo dia, durante a madrugada, acenderam todas as luzes e todos nós fomos obrigados a sair e aconteceu a famosa seleção...

Durante a seleção, Izrael notou que “foram escolhidos os deficientes, idosos e mulheres com suas crianças pequenas”. Selecionavam pessoas desse grupo porque aos olhos dos algozes nazistas eram considerados indignos de viver e esse motivo justificava os assassinatos. Invertendo a realidade, transformando o crime em uma espécie de benesse para humanidade, pois o viver de um judeu pertencente ao grupo dos vulneráveis era como um atraso para a sociedade.

Minha mãe com meu irmão estavam nesse grupo. Eu não sabia que iriam executá-los. Só não tive o mesmo destino porque quando o coronel passou eu mostrei a ele minha carteira. Ele olhou e, literalmente, me chutou para a fila dos aptos para o trabalho. Quando tudo terminou não vi mais minha mãe, nunca mais, não tive tempo de me despedir... Quanto ao meu irmão, ele conseguiu escapar do trem e voltou. Algum tempo depois levaram-no novamente. Dessa vez não conseguiu escapar, foi morto na câmara de gás.

A essa altura, sua irmã Helena que “pertencia ao movimento Hashomer Hatzair e era uma das líderes e sabia o que estava acontecendo e lutou para nos salvar, mas não conseguiu salvar a todos”, lamenta Izrael.

³⁵¹ Conhecida por SD era o setor primário do serviço de inteligência da Schutzstaffel – SS e do NSDAP. De 1933 até 1939 era administrada pela SS e no começo da Segunda Guerra Mundial passou a ser comandada pelo RSHA – [Reichssicherheitshauptamt] (Gabinete Central de Segurança do Reich). Seus membros eram identificados por um losango negro com a sigla “SD” na manga esquerda do uniforme. Todo oficial do Sicherheitsdienst tornava-se automaticamente oficial da polícia. Uma de suas subdivisões era a Gestapo – por se tratar de uma organização secreta, esta não possuía uma insígnia especial, embora seus membros pudessem ocultar-se em uniformes de outras corporações. JEWISH VIRTUAL LIBRARY. Disponível em <https://www.jewishvirtuallibrary.org/the-sd-sicherheitsdienst> Acesso em 22 jun. 2020.

Helena Fajfer

Helena era a irmã mais velha de Izrael e quando iniciaram as perseguições foi recrutada para trabalhar fora do gueto, aquartelada no exército alemão chamado Wehrmacht³⁵². Esse grupamento possuía uma empresa de confecção de sapatos e uniformes e chamava-se “Radom-Armee-Verpflegungslager.”³⁵³ Para conseguir ficar nesse trabalho só aqueles que possuíam influência e dinheiro”. Sua irmã possuía contatos que a ajudaram a ser designada para o local.

Ao saber que Izrael estava só no gueto tentou salvá-lo, implorando ao mestre de fábrica, um alemão chamado Vinni Vitfer[?], para que o tirasse de lá.

Uma vez convencido por minha irmã, esse mestre mandou um soldado para o gueto e me tirou de lá e levou para essa empresa. Quando eu cheguei, o alemão me varreu com o olhar e perguntou: “Este é o sapateiro?” Minha irmã respondeu que sim.

Ele me deu um uniforme de trabalho e um pincel para passar óleo em cima dos sapatos dos soldados que estavam para front contra os russos. Com o tempo virei boy e fui crescendo dentro da empresa. Mas nada me tirava da mente que os alemães não comiam aquela comida, que para mim era um manjar! Graças à minha alimentação na empresa fiquei robusto e forte!

Passado algum tempo, a organização da qual Helena participava soube que liquidariam o local em que ela e o irmão estavam, mas “não podiam me levar. Então eles fugiram e eu fiquei. Helena e seu grupo fugiram para onde? Para a cidade, a mesma cidade, foram para um gueto pequeno.” No dia seguinte à partida de Helena, levaram-no para outro campo de concentração

No dia seguinte em que minha irmã fugiu com o grupo do Shomer para uma cidade, para um gueto pequeno, a SS levou-nos para Blizyn³⁵⁴ o primeiro

³⁵² Conjunto das forças armadas da Alemanha, ou melhor, exército regular alemão. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Wehrmacht”. *Encyclopedia Britannica*, 07 nov. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Wehrmacht>. Acesso em 18 jun. 2020.

³⁵³ Tratava-se de empresas responsáveis pelo fornecimento de suprimentos (combustível, alimentação, vestimenta, etc.) para o exército alemão durante a guerra. FORNECIMENTO no exército de Wehmarcht. Disponível em <http://www.lexikon-der-wehrmacht.de/Soldat/Versorgung-R.htm>. Acesso em 28 jun. 2020.

³⁵⁴ Campo de trabalho e extermínio localizado na cidade de mesmo nome na Polônia, fica cerca de 25 milhas a sudoeste de Radom. Enquanto campo de trabalhos forçados para judeus foi oficialmente estabelecido em 8 de março de 1943. Naquela época estava subordinado à SS e ao líder da polícia em Radom, SS-Standartenführer Dr. Herbert Böttcher, visto como um subcampo de trabalho de Radom. O espaço foi utilizado anteriormente para abrigar prisioneiros de guerra soviéticos, alguns corpos foram enterrados no terreno do campo ocasionando uma infestação de ratos que atormentou os prisioneiros. Da primavera até o verão de 1943, vários grupos de judeus foram transferidos para Blizyn, incluindo judeus de Radom, Kielce, Czestochowa, Piotrkow Trybunalski e Tomaszow Mazowiecki. No final do verão de 1943, outro grupo de prisioneiros judeus chegou do gueto de Bialystok via campo de concentração de Lublin. O campo possuía cerca de 5 a 6 mil prisioneiros, incluindo homens, mulheres e algumas crianças. A residência dos prisioneiros era composta por vários alojamentos, sendo

campo de concentração dirigido pela SS, os maiores canalhas nazistas! Lá funcionava também uma indústria de sapato e de roupas. E nos meus papéis constava: sapateiro. Mas eu não sabia nem segurar um martelo! Comecei chorar e os outros prisioneiros falaram que eles interpretariam como sabotagem e, isso poderia me levar à morte.

Mentindo para sobreviver – Blizyn

Transferido para o campo que levava o mesmo nome da cidade em que durante as perseguições teve suas florestas utilizadas como palco para o assassinato em massa de intelectuais poloneses durante a operação chamada AB-Aktion³⁵⁵.

Enquanto Izrael aguardava um prisioneiro chefe do sítio nazista – o qual teve o ajudante assassinado pela SS ao ser pego contrabandeando pão – se aproximou dos prisioneiros e ao ouvir a conversa deles foi falar com discretamente com o menino.

Não sei por que, mas acredito que por piedade esse homem chegou e disse o seguinte: “Vou te ensinar uma ladainha e você tem que falar para ele. Porque de qualquer maneira eles vão te matar e às vezes você tem essa chance.”

Gravei as palavras rapidamente e quando o Coronel passou, eu fiquei em posição de sentido, e comecei falar: “Sr. Coronel há um engano na minha carteira. Eu sou um filho de um leiteiro! De um leiteiro! Leiteiro! Só sei tratar de vacas, galinhas...” gansos...”

Não cheguei a completar a frase, pois levei uma bofetada! Cai e o sangue começou jorrar. Levantei-me de novo e fiquei em sentido. Ele pegou o chicote, esfregou em meu rosto e disse pra mim o seguinte: “Seu porco! Tu estas falando a verdade?”

Aí eu falei: “Sim, senhor! Estou falando a verdade.”

Então o oficial chamou o chefe do sítio e mandou me levar. Estava salvo por enquanto.

esses divididos em feminino e masculino. Havia quartéis adicionais para a administração do campo, cozinha, hospital e um centro de tratamento primitivo. Era cercado por arame farpado e iluminado por holofotes à noite. Tinha um espaço denominado área do campo de desfile que também cercado por arame farpado. Em um campo adjacente, separado dos prisioneiros pelo rio Kamienna, ficavam os escritórios e acomodações do pessoal do campo. Além dos guardas, compostos por SS alemães e ucranianos, supervisores de trabalho, incluindo alguns artesãos civis alemães. Todas as manhãs e noites havia uma lista de chamada durante a qual os prisioneiros eram contados e novas instruções eram dadas. Quando da transição para subacampamento de Lublin, os prisioneiros que trabalhavam fora do campo receberam uniformes listrados, foram incluídos poloneses em um quartel separado e costumava-se a afirmar que a essa mudança de status para a campo de concentração. As tentativas de fuga foram severamente punidas e eram constantes. Quando a frente começou a se aproximar da área de Radom no final de julho de 1944, o subcampo de Blizyn foi evacuado. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “Banco de Dados de Sobreviventes e Vítimas do Holocausto”. *Enciclopédia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível em https://www.ushmm.org/online/hsv/person_view.php?PersonId=4987271. Acesso em 22 jun. 2020.

³⁵⁵ Segundo estágio da campanha nazista alemã que teve por objetivo a eliminação em massa da elite intelectual e das altas classes da Segunda República da Polônia. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “AB Aktion”. *Encyclopedia Britannica*, 29 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/AbAktion>. Acesso em 28 jun. 2020.

Levaram-no para um extenso campo e “já não podia mais me misturar aos outros prisioneiros”. O alojamento era separado dos demais prisioneiros, possuía camas beliches, ficava em um local afastado e as refeições eram melhores do que as servidas aos outros encarcerados. Izrael foi designado para cuidar dos animais e ficou conhecido como o “menino do ganso”.

Pastoreava mais ou menos mil gansos. Também trabalhava no chiqueiro dos porcos e especializei-me na criação de coelhos angorá. Tudo corria bem até que veio uma epidemia de tifo e todos pegaram inclusive eu.

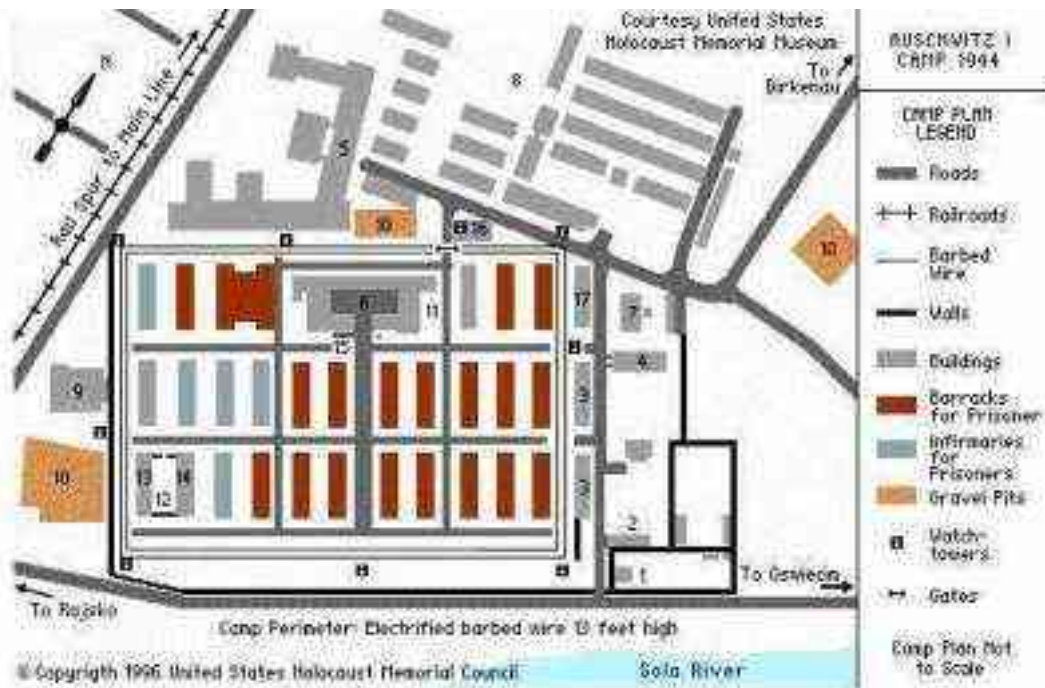
Devido a fatores como precariedade na higiene diária, deficiência na alimentação, espaços insalubres, trabalhos extenuantes e exposição às intempéries sem roupa adequada era comum ocorrerem surtos de doenças e parasitas entre os prisioneiros o que levava muitos à morte. E em Blizyn não foi diferente, boa parte dos prisioneiros morreu, mas Izrael conseguiu sobreviver e ter o trabalho de volta.

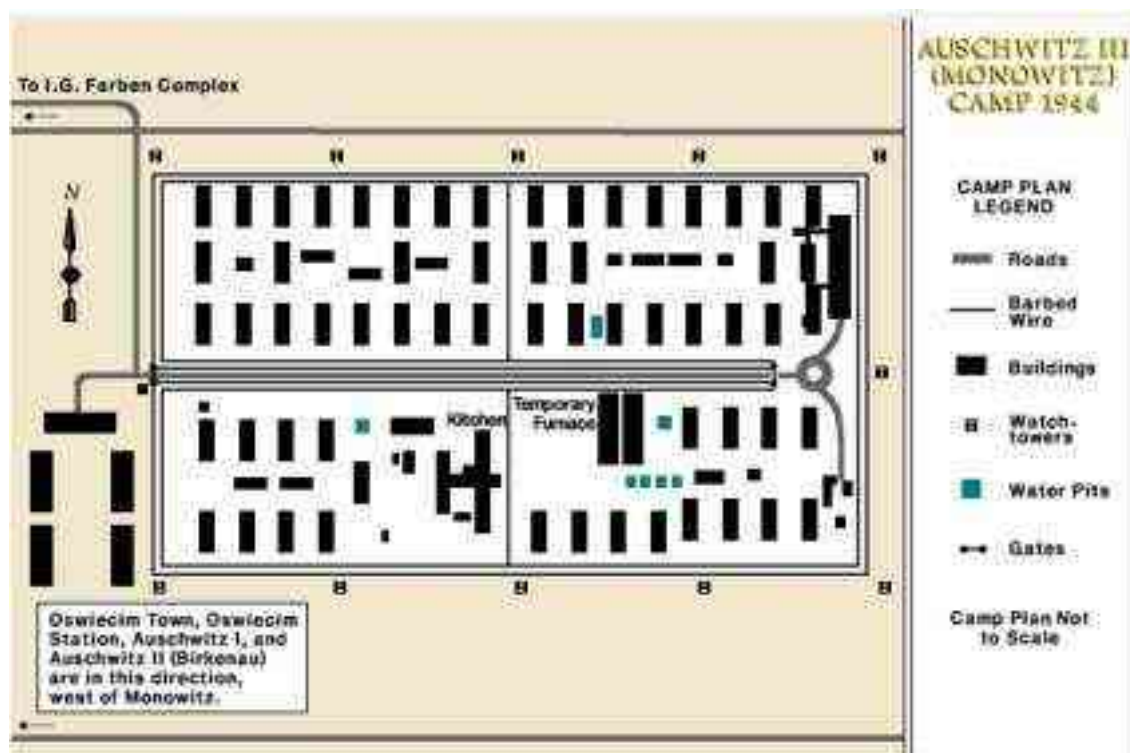
Lembro-me que quando adoeci era verão na Polônia. Retomei o trabalho de levar para o estábulo os gansos na primavera. No primeiro dia de pastoreio ainda me sentia fraco e debilitado. O feno exalava um perfume calmante e fez com que eu adormecesse. Às quatro horas os prisioneiros eram contados, e pela contagem eles viram que faltou um. Soltaram os cachorros e fui descoberto! Levaram-me para julgamento e fui condenado a 25 chicotadas. Só me lembro das três primeiras... Após o açoite, voltei para meu serviço de pastor. Sem tempo para me reabilitar. E alguns dias após o castigo me transferiram para Auschwitz.

Na medida em que o Exército Soviético avançava, os nazistas evacuaram o campo de Blizyn e os prisioneiros transferidos de trem para Auschwitz-Birkenau.

Complexo Auschwitz-Birkenau: o encontro com Joseph Mengele

O Complexo de Auschwitz-Birkenau é conhecido como um dos símbolos do genocídio e terror praticados durante o Holocausto e se localiza-se no subúrbio de Oswiecim, cidade polonesa anexada ao Terceiro Reich.





82. Complexo concentracionário de Auschwitz-Birkenau.
Acervo *United States Memorial Museum*, EUA.

O complexo funcionou entre os anos de 1940 e 1945 e sua construção deu-se pelas detenções em massa dos “inimigos” do Terceiro Reich, também foi o maior dos centros de extermínio de judeus.

A estruturação do acampamento envolvia a divisão em diversos campos, sendo o primeiro chamado de Auschwitz I e também chamada de campo principal, o segundo na vila de Brzezinka³⁵⁶ era conhecido como Birkenau ou Auschwitz II, além de mais de 40 subcampos, os quais exploravam os prisioneiros como trabalhadores escravos. O maior deles foi chamado Buna-Monowitz³⁵⁷, em razão da fábrica de borracha e combustível sintético Buna-Werke³⁵⁸, esse subcampo tornou-se a sede do comandante da terceira parte do campo,

³⁵⁶ O vilarejo é localizado perto da confluência dos rios Vistula e Soła, no centro do Vale Vistula, 240 metros acima do nível do mar. Na época da construção da primeira estação ferroviária em 1856, a estação era no território de Brzezinka, mas mais tarde foi transferida para perto de Oświęcim (Auschwitz). BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Brzezinka”. *Encyclopedia Britannica*, 29 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Brzezinka>. Acesso em 07 jul. 2020.

³⁵⁷ O conglomerado de empresas químicas conhecidas por IG Farben abriu seu próprio campo de concentração corporativo para abrigar os prisioneiros predominantemente judeus que precisavam fazer trabalho forçado nas instalações. MEMORIAL, Wollheim. “Buna/Monowitz Concentration Camp”. *Wollheim Memorial*, s.d. Disponível em http://www.wollheim-memorial.de/en/kz_bunamonowitz_en. Acesso em 07 jul. 2020.

³⁵⁸ Era uma empresa química especializada na produção de materiais poliméricos, cujo nome BUNA é derivado da tecnologia de polimerização de butadieno com sódio. Durante a Segunda Guerra Mundial, uma filial da empresa foi instalada próximo a Auschwitz, e empregava trabalhadores forçados e reclusos do campo de

Auschwitz III, ao qual alguns outros subcampos de Auschwitz estavam subordinados. Todos os campos e subcampos eram isolados do mundo exterior e entre si por cercas de arame farpado.³⁵⁹



83. Campo de concentração Buna-Monowitz. Polônia, s.d. Fotógrafo não identificado. Acervo *Instituto Fritz Bauer* [Coleção APMO / Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau], Polônia.

Os prisioneiros chegavam em comboios ferroviários e quando desembarcavam dos trens eram recepcionados por Joseph Mengele que decidia ali mesmo, na plataforma, o destino dos detidos.

Chegamos já era alta noite e o Dr. Menguele, quem fazia seleção, já nos esperava. Ele me botou para morrer, colocando-me ao lado daqueles que considerou não aptos para trabalho. Quem o ajudava eram outros prisioneiros, o chamado Comando Canadá. De seis em seis meses esse Comando era trocado, pois matavam esses prisioneiros substituindo por outros. De repente, um desses caras chegou e me pegou e bateu. O sangue jorrou eu reclamei, perguntando por que estava apanhando. Ele me respondeu porque eu era judeu. Era um judeu batendo em outro judeu. Ouvir isso me doeu demais!

concentração de Monowitz. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Monowitz”. *Encyclopedia Britannica*, 29 jul. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Monowitz>. Acesso em 07 jul. 2020.

³⁵⁹ AUSCHWITZ-BIRKWEINAU, Memorial and Museum. “KL Auschwitz-Birkenau” *Auschwitz-Birkenau State Museum*, s.d. Disponível em <http://auschwitz.org/en/history/kl-auschwitz-birkenau/>. Acesso em 07 jul. 2020.

E não parou por aí. Esse homem aproximou-se do Dr. Mengele e disse o seguinte: “Esse cachorro desobedeceu ao senhor! O senhor mandou-o para direita ou para a esquerda? Não me lembro mais!”

Dr. Mengele respondeu: “Seu porco! Você sabe para onde eu o mandei! Dá um pontapé nele e coloque onde eu mandei!”

Levei um pontapé e fui parar na fila dos homens mais fortes, dos aptos para o trabalho. E sobrevivi mais uma vez!

Esse homem que o deixou indignado ao mesmo tempo salvou-o dos fornos crematórios. Era membro da resistência e conhecia sua irmã Helena e, conseqüentemente, reconheceu-o. Mais tarde se aproximou, pediu-lhe desculpas por tê-lo agredido e o ajudou, ensinando os meandros para conseguir sobreviver em meio aquele inferno chamado Complexo de Auschwitz-Birkenau.

Esse homem também era responsável por distribuir roupas e ao chegar minha vez de recebê-las disse: “Desculpe! Eu tinha que fazer isso. Fazer esse teatro para salvar a sua vida. Eu sou da mesma cidade e sou membro do Shomer Hatzair. Eu lembro-me da sua irmã, de você e de um garotinho que pertencia também ao Shomer. Tinha que fazer isso!” Ele me deu um par de sapatos que se usava nas montanhas de esqui e roupas melhores que os demais prisioneiros. Esse homem também disse como eu deveria me comportar e conseguiu trabalho para mim nas cozinhas.

Ao ser posto para trabalhar nas cozinhas a vida de Izrael estava garantida porque tinha acesso à comida e estava a salvo da morte.

Nas cozinhas tinham-se dois objetivos: primeiro não podiam caçar os menores porque estavam trabalhando; segundo, enquanto os outros morriam de fome, eu não passava fome porque trabalhava na cozinha. Mas, devido do cheiro de carne humana queimada todos os dias, eu não agüentei ficar lá. Assim que soube que estavam levando prisioneiros para trabalhar em outro campo me arrisquei e pedi para ir.

Apesar da condição diferenciada dos demais prisioneiros no complexo, Izrael teve seu braço tatuado. “Perdi meu nome e passei a ser reconhecido por um número e série. A minha série era a letra “B”, número 1338”. Uma das muitas táticas utilizadas pelos nazistas para roubar a dignidade dos judeus, transformando-os em objetos.



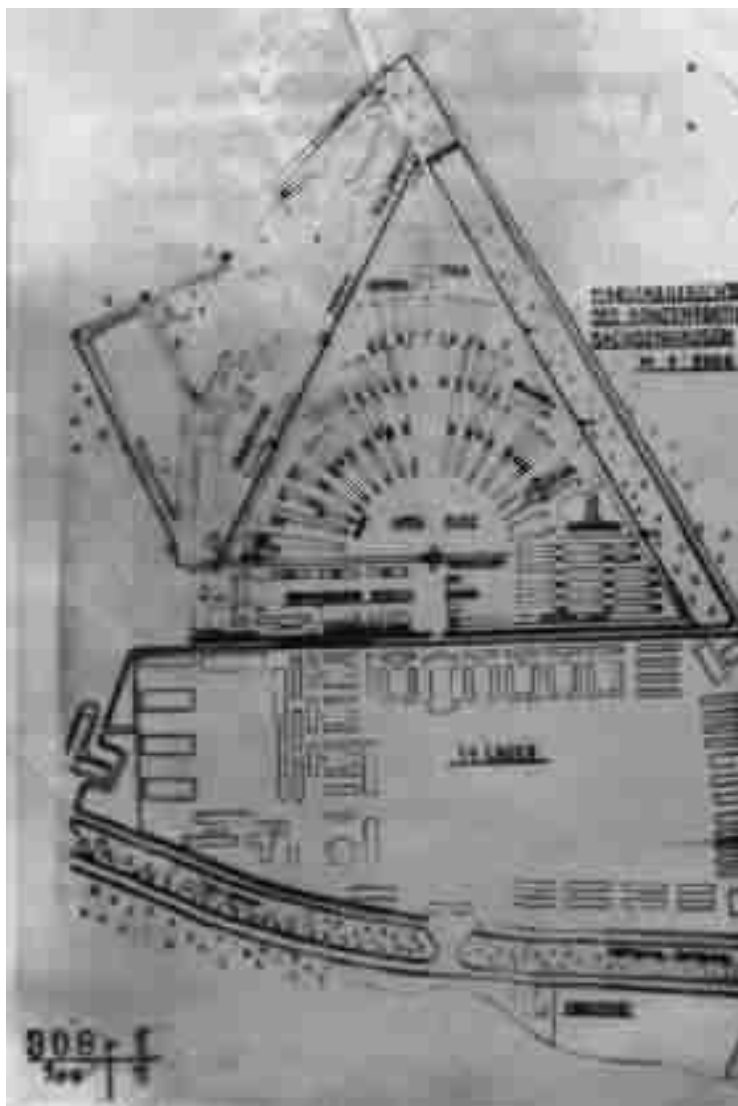
84. Tatuagem feita no braço direito de Izrael Fajfer na época em que foi aprisionado no complexo concentracionário de Auschwitz-Birkenau. Fotografia de Fernanda Capri. Rio de Janeiro, Brasil, 2018. Acervo *ArqShoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil.

Foi em Auschwitz que reencontrou Helena e ela estava irreconhecível. A descoberta foi um choque para o menino que fez o possível para ajudá-la, porém mais uma vez foram separados e Izrael passou um longo tempo sem saber de sua irmã.

Em Auschwitz havia uma ala masculina e outra feminina separadas por uma cerca eletrificada. Um dia em que eu estava próximo a essa cerca vi uma mulher gritar: “Sulet! Sulet! Sulet! [?]”

Meus companheiros disseram: “Oh lá! Uma mulher te chama de Sulet [?]. Quando olhei vi uma mulher com cabelos raspados. Ela então se aproximou o máximo que pode e falou em polonês: “Jestem twoją siostrą!”; que em português quer dizer “eu sou sua irmã!” Logo tratei de responder: “Você não é minha irmã! A minha irmã é bonita! Tem cabelo!” Ela começou chorar e lembrei que nossa mãe nos ensinou o seguinte: “Se um dia alguém se perder devemos falar o seguinte: “Brasil, Rio de Janeiro, Rua General Pedro Oito, casa 2.” Esse endereço era do nosso pai. Era nossa senha. Comecei a falar o endereço e ela completou. Percebi que era a minha irmã! Para ajudá-la roubei um cobertor e joguei-o por cima da cerca, também conseguiu um pouco de comida para ela. Dois dias depois me levaram de Auschwitz.

Além dessas lembranças, Izrael recorda que no complexo havia chaminés de onde constantemente saíam cinzas e que exalavam odor de carne humana. Também havia galpões com filas intermináveis, onde os prisioneiros eram recepcionados com “banhos” de gás ou água. Aqueles que entravam e “eram banhados pela água, sentiam alívio, pois água significava vida!”

*Sachsenhausen*³⁶⁰

85. Campo de Sachsenhausen. Oranienburg, Brandemburgo/Alemanha.
Acervo Holocaust Research Project, EUA.

Ao ser posto no trem com destino ao campo concentracionário de Sachsenhausen, o homem que o ajudou durante todo tempo em que esteve no complexo de Auschwitz-Birkenau deu-lhe um último conselho antes de Israel partir.

³⁶⁰ Foi um campo de concentração na Alemanha e ativo desde meados de 1936 a abril 1945. Recebeu este nome devido à região onde se localizava. Sachsenhausen fazia parte da cidade de Oranienburg em Brandemburgo, Alemanha. De agosto de 1945 até por volta de 1950, Sachsenhausen serviu como acampamento especial soviético. Foi a primeira de uma série de instalações construídas pelos nazis, para confinar ou liquidar em massa opositores políticos, judeus, ciganos, homossexuais, Testemunhas de Jeová, e, posteriormente, milhares de prisioneiros de guerra. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Sachsenhausen”. *Encyclopedia Britannica*, 29 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Sachsenhausen>. Acesso em 24 jun. 2020.

Não me lembro do seu nome, nem tão pouco da sua tatuagem. só recordo que antes da minha partida ele chegou até a mim e disse seguinte: “Assim que você entrar no trem a primeira coisa que você precisar fazer é acabar com toda comida que eles te derem”.

Eu perguntei: “Por que devo fazer isso?! Essa viagem vai levar uma semana ou mais!”

Ele respondeu: “Aqui e em todos os lugares em que somos levados vale a lei do mais forte! Você vai roubar dos teus colegas, senão eles vão roubar o seu!”

O campo de Sachsenhausen recebia muitos prisioneiros judeus e não-judeus e era famoso por fabricar dinheiro falso. E foi onde Izrael soube do primeiro assassinato entre prisioneiros. Izrael permaneceu pouco tempo em Sachsenhausen, logo foi enviado para outro campo chamado Lieberose.³⁶¹

Sachsenhausen era muito famoso, pois se fabricava dinheiro falso. Também havia muitos prisioneiros não judeus, tinha belgas, dinamarqueses, noruegueses, franceses, lituanos, cristãos, aqueles que serviram no exército alemão, bandidos e que qualquer um que foi condenado pelos nazistas.

Nesse campo tinha um prisioneiro ucraniano que costumava falar que todos os judeus deveriam ser mortos. A ironia era que ele também era um prisioneiro e, portanto, valia aos olhos dos alemães tão pouco quanto os judeus.

Um dia veio um transporte repleto de judeus salônicos, da Grécia. Cada um mais robusto de outro!

Eram trabalhadores do porto e comunicavam-se em hebraico.

Eu desejava que eles dessem uma surra nesse ucraniano que virava e mexia atormentava a nós, judeus.

Foi então que tive a ideia de falar com dois prisioneiros que eram judeus religiosos e conheciam *Lashon Hakodesh*, a língua sagrada. Pedi a esses homens que eles falassem com os gregos sobre o ucraniano.

Um dos gregos concordou em dar uma surra no homem e pediu para eu apontar quem era e eu fiz.

À noite, após o sinal para todos os prisioneiros se deitarem (nós dormíamos no chão um grudado ao outro), esse grego deitou-se ao lado do ucraniano. Quando o sinal tocou na madrugada para a gente se levantar, o ucraniano estava morto!

Lieberose. O que era a Querida Rosa, afinal?

Lieberose era o inferno em forma de pedras!

Aqui no Brasil, as pedreiras são nas alturas, nas montanhas, lá na Alemanha eram debaixo da terra. O trabalho era torturante, exaustivo! Tinha que

³⁶¹ Campo de trabalho forçado situado perto da aldeia de Lieberose, em Brandenburg, Alemanha. Foi um subcampo de campo de concentração de Sachsenhausen, perto de Cottbus. Era um campo de trabalho para o ponto de apoio da Divisão SS “Kurmark”, localizada em Lieberose e arredores. Perto do fim da guerra, prisioneiros judeus foram enviados em uma marcha da morte para Sachsenhausen. Após a Segunda Guerra Mundial, o campo era um campo de prisão para o serviço secreto soviético (NKGB). BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Lieberose”. *Encyclopedia Britannica*, 29 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Lieberose>. Acesso em 28 jun. 2020.

carregar pedras e quebrá-las. Apanhava muito! Mal comia e dormia. Cheguei a perder a esperança e comecei a rever a minha vida e contar os campos que passei... achei que quando a guerra acabasse eu não estaria mais vivo.

Em Lieberose a situação era totalmente análoga às experiências vividas por Izrael se comparada aos demais campos concentracionários e de trabalhos forçados pelos quais passou, não havia tratamento diferenciado nem quem o ajudasse. Supervisionados por prisioneiros cristãos condenados pelos nazistas como sub-humanos, nesse campo os judeus desenvolviam os piores trabalhos.

Ao perceber que morreria, Izrael planejou uma saída, começou a contar para os demais presos sua história dentro dos campos de concentração o que chamou atenção de um superior, curioso mandou chamá-lo para verificar a história. Ao perceber que seu plano deu certo omitiu sua origem e disse ser cristão de nacionalidade polonesa, pois o tratamento dado aos cristãos era diferenciado dos judeus em Lieberose.

Esse superior aproximou-se de mim e perguntou “como você se chama? O que dizem sobre você é verdadeiro?”

Respondi “chamo-me Pfaifer”. Botei P a frente.

Aí ele disse pra mim assim: “Isto é um nome genuinamente alemão cristão”. Eu menti “Sim! Meu pai é cristão, mas minha mãe é judia. Por isso ele fugiu. Senão morreria.” Comecei a contar a ele sobre tudo que fiz em outros campos e falei sutilmente que o trabalho ali era pesado. Ganhei a confiança do homem durante a conversa e, no dia seguinte, ele me arranhou um trabalho que eles chamavam de *badezimmer*. Que significa banheiro em alemão.

Designado para a tarefa de tomar conta dos fétidos banheiros coletivos já não sofria mais punições físicas, mas “apanhava da fome! Não comia. Era torturante não conseguia nem morrer, nem viver.” Passado um mês e sentindo-se no seu limite decidiu mais uma vez arriscar-se.

Fui até esse superior e comecei chorar e pedi para me transferirem para a cozinha. Tinha que tentar! Era isso ou morrer de fome!

Ele me perguntou “onde você quer trabalhar? Em que cozinha?! Só temos a cozinha dos prisioneiros. Vou te colocar na cozinha dos prisioneiros.”

Eu respondi: “me coloque na cozinha da Diretoria”.

Ele deu um muro na mesa e disse: “Tu não me enganou não! Você é um judeu mesmo!”

Passou uma semana, me deram um banho, comida e comecei a me reabilitar de novo. Enquanto estava lá adquiri forças e fiquei bem nutrido pois colocou

na *plyta kuchenna*³⁶². Acho que no fundo ele sabia quem eu era e prefiro acreditar que teve certa pena de mim.

Fora dos campos, a guerra caminhava para seu desfecho, com as tropas russas avançando. Os nazistas recuavam e cometiam suas últimas matanças nos campos de concentração e de trabalho: as celas eram esvaziadas, os prisioneiros fuzilados quando não obrigados a marchar a pé até outros campos, todos os que estavam nas mãos do exército do Führer eram massacrados de alguma maneira.

Era a derradeira tentativa do nazismo em negar aos prisioneiros a felicidade da libertação reafirmando o poder que possuíam sobre a vida e a morte desses indivíduos. Em Lieberose, condenaram os prisioneiros a uma marcha para oeste, numa tentativa de escapar dos russos, na qual uma fila de indivíduos famintos, humilhados, torturados e enfraquecidos caminhava pela neve e lama. Aqueles que chegavam ao ponto da exaustão, de não conseguir mais se locomover, eram fuzilados e tinham seus corpos queimados pelos nazistas.

Os russos avançavam e os nazistas resolveram liquidar esse campo e obrigaram a gente a marchar até Cottbus (Alemanha), perto de Berlim, e depois a pé para Áustria, para um famoso campo de concentração chamado Mauthausen.³⁶³

O quinto campo: Mauthausen

O campo de concentração de Mauthausen começou a ser construído em agosto de 1938, quando prisioneiros transferidos de Dachau foram encaminhados para a cidade de mesmo nome, na Áustria.

³⁶² Cozinha da diretoria em polonês.

³⁶³ Mauthausen-Gusen, mas conhecido como Mauthausen, foi um complexo de campos de concentração construídos pelos nazistas na Áustria, situado a cerca de 20 km da cidade de Linz. Inicialmente consistindo apenas de um pequeno campo, transformou-se num dos maiores complexos de trabalho escravo da Europa ocupada pela Alemanha durante a II Guerra Mundial. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. "Mauthausen". *Encyclopedia Britannica*, 29 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Mauthausen>. Acesso em 28 jun. 2020.



86. Porta principal do campo de concentração de Mauthausen-Gusen. Áustria, s.d.
Fotógrafo não identificado. Acervo *Mauthausen Memorial*, Áustria.

Inicialmente controlado pelo estado alemão, foi idealizado por uma empresa privada de propriedade de Oswald Pohl³⁶⁴, sendo que o campo funcionou sob o viés econômico abrigando prisioneiros transferidos de Dachau e Sachsenhausen, além de prisioneiros de guerra.

As transferências para o campo eram regulares e nos últimos dias de funcionamento ocorreram através da caminhada de prisioneiros que andavam por quilômetros entre os campos que estavam com destino a Mauthausen. Esses deslocamentos foram denominados de “marchas da morte”³⁶⁵ devido às condições subumanas as quais os prisioneiros estavam submetidos, muitos sequer concluíam o trajeto, morrendo no meio do caminho.

³⁶⁴ Oficial graduado da SS. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Oswald Pohl”. *Encyclopedia Britannica*, 29 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/OswaldPohl>. Acesso em 28 jun 2020.

³⁶⁵ Ao se aproximar o final do conflito bélico a força alemã entreva em colapso e tinha de lidar com as Forças Aliadas que se aproximavam. Encurralados, era necessário evacuar os campos concentracionários e de trabalhos forçados removendo os prisioneiros dos campos próximos à frente da batalha para que conseguissem escapar do

A função política de exterminação de Mauthausen se exercia em concomitância à função econômica, usando-se para prisão e assassinato dos inimigos políticos e ideológicos da Alemanha nazista, reais ou imaginários. Era comum exterminar seus prisioneiros através de trabalhos forçados e exaustivos por horas a fio ou por injeções intravenosas de veneno, os corpos eram cremados nos fornos locais.

O último campo libertado pelas Forças Aliadas possuía diversos subcampos era um dos espaços prisionais mais difíceis para um condenado, sendo popularmente apelidado pelo escritório de segurança do Terceiro Reich como moedor de ossos [*Knochenmühle*].

O quinto campo em que estive foi Mauthausen.

Passei muita fome lá! Quando cheguei era robusto e forte e em pouco tempo tornei-me saco de ossos! Sentia que não sobreviveria! Nesse campo a maioria dos prisioneiros eram espanhóis. Apanhávamos muito. Eu apanhava muito dos espanhóis.

Foi em Mauthausen que vi pela primeira vez um negro. Botei o dedo e queria tirar a tinta. Tentei uma, segunda, terceira vez e nada. Como fui ignorante! Esse negro era professor de línguas e de literatura, não lembro o nome dele. Só que me contou, em alemão, a sua história. Contou-me o seguinte: em 1936 havia uma guerra civil na Espanha. Naquela época o Marrocos pertencia metade à Espanha e outra à França. Quando veio a Guerra Civil, ele decidiu ajudar aos Republicanos, mas estes perderam e se asilaram na França. Depois com a Segunda Guerra Mundial e a invasão dos nazistas, pegaram todos eles e disseram o seguinte: “Quem se aliasse aos nazistas não aconteceria nada, mas quem não for significava que eram inimigos”. Ele não quis ficar do lado nazista assim como alguns, então os mandaram para esse campo de concentração.

Foram diversas ofensivas contra os nazistas que sucumbiram às Forças Aliadas em 5 de maio de 1945. O exército invadiu o campo, exterminando os poucos homens da SS que permaneceram no local e libertou os prisioneiros restantes.

Lembro-me que foram muitos bombardeios. Em um desses ataques entrei em coma. Os colegas que ficaram ao meu lado cuidando de mim disseram que eu delirava. Diziam que eu pedia a Deus que me fizesse igual a Sansão. Pedia que me desse mais um dia de vida para eu ver a desgraça dos nazistas, depois podia morrer.

seu oponente. No início, as transferências dos presos eram feitas por trem, mas depois eram concluídas por longas e exaustivas caminhadas de prisioneiros em filas, expostos a intempéries e com pouco ou nenhuma comida, água ou descanso. Aqueles que não conseguiam ou demonstravam alguma fraqueza durante essa andança eram executados e enterrados em valas comuns cavadas pelos próprios prisioneiros. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “Marchas da Morte”. *Enciclopédia do Holocausto*, EUA s.d. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/death-marches-1?series=21822>. Acesso em 07 jul. 2020.

Na tentativa de apagar os vestígios, os nazistas tentavam eliminar as provas assassinando alguns prisioneiros, queimando documentos e destruindo alojamentos. “Antes da tomada do campo pelos Aliados, os nazistas afundaram alguns dos prisioneiros no rio Donald.”

A liberdade

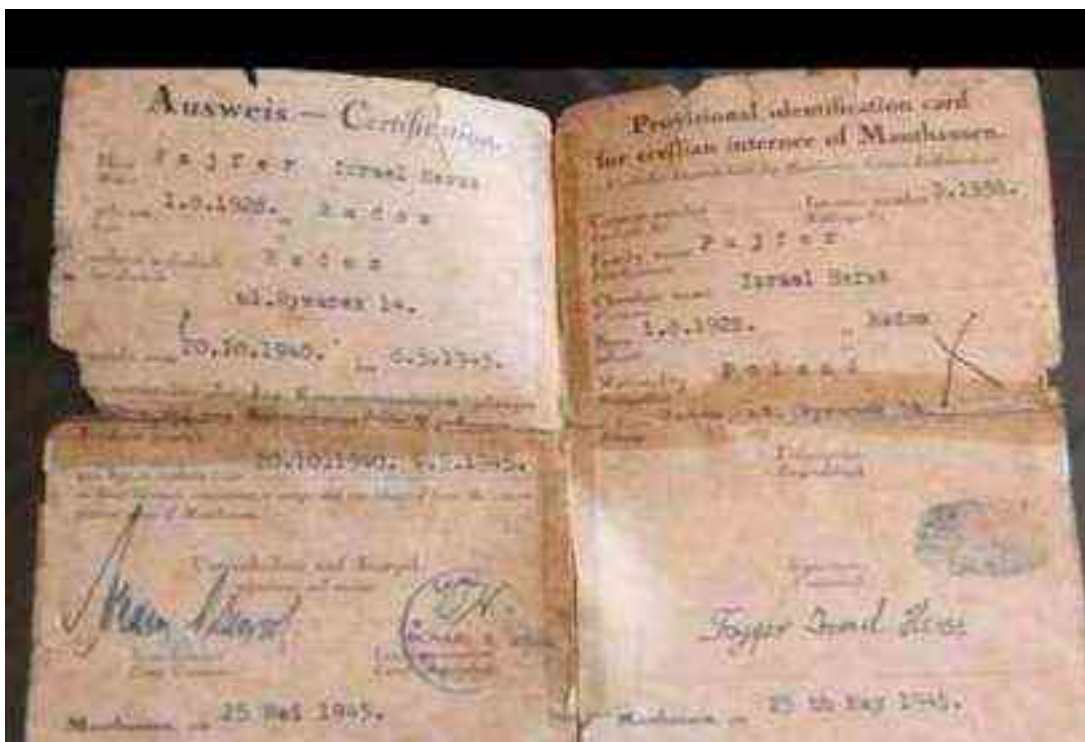
Ser liberto de um campo de concentração não significava que a peleja pela sobrevivência se encerrava, pois começava outro tipo de combate para além de recuperar a saúde e o viço perdidos em campo. Agora o sobrevivente precisava se ajustar ao mundo pós-guerra, onde todas suas referências haviam desaparecido.

Ao ser liberto na Áustria eu estava mais morto do que vivo. O 5º Exército Americano entrou pelo campo, me pegaram e um médico achou que era um Oficial do Exército Americano judeu, levou-me a um hospital dirigido pelas Madres Católicas. E lá, esse oficial disse para elas que eu não poderia morrer. Estava tão fraco que não podiam me dar comida, somente uma colherzinha de chá em 15 em 15 minutos.

Eram incontáveis os sobreviventes sem nome, com alguns poucos ou nenhum membro da família ou amigos para reconfortá-los. Estavam traumatizados, inseguros, famintos, doentes, desabrigados, eram mortos-vivos que vagavam de um lado para outro em busca de seus pares. O cenário era de desolo. Sem ter para onde ir muitos retornavam para suas cidades e tentavam reaver seus bens, mas eram repelidos violentamente. Havia aqueles que imigravam para os países libertos pelos Aliados se abrigando em inúmeros campos de refúgio onde recebiam documentos de identificação.

Após melhorar um pouco me levaram de helicóptero para um sanatório em Sankt Gallen, na Suíça, onde pude fazer todos os exames necessários para o melhor tratamento. Logo me recuperei e retornei para a Áustria, para a fronteira entre a Áustria e a Suíça. Fui para uma casa de camponeses onde permaneci até ganhar mais peso, ficar saudável novamente.

Quando estava sentindo-me totalmente sadio, migrei para zona francesa chamada Bergueneuse. Ao chegar lá, as tropas americanas nos deram um cartão de identidade.



87. Cartão de identificação de Izrael Fajfer como interno do campo concentracionário de Mauthausen³⁶⁶. Áustria, 25 maio 1945. Acervo *Israel Fajfer/RJ*, Brasil.

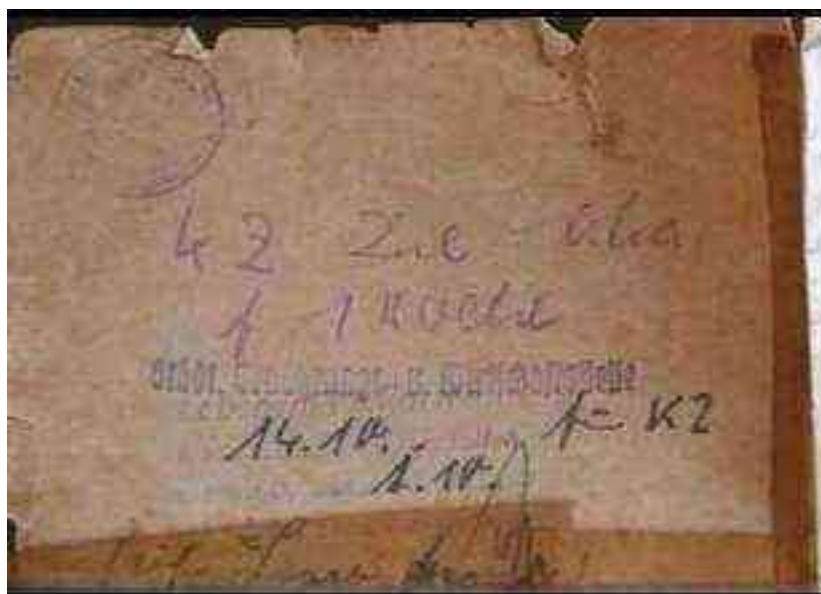
Refazendo os laços

Ao ver sua vida modificada pelo Holocausto, Izrael começou a buscar por notícias de sua família com a ajuda de organizações judaicas que auxiliavam os sobreviventes e refugiados a refazerem suas vidas. As instituições públicas também forneciam insumos para auxiliá-los. Através da Joint e da Cruz Vermelha descobriu o paradeiro de sua irmã, Helena.

Quando a guerra acabou havia o racionamento e nós, ex-prisioneiros, recebíamos ajuda da prefeitura que confeccionou um documento, como se fosse uma identidade. Esse papel tinha grafado as letras “KZ”.³⁶⁷ Ao apresentar o documento nos postos em dias marcados podíamos receber nossa cota de alimentos para nos manter por alguns dias até a próxima data.

³⁶⁶ O Ausweis é um documento oficial de identidade emitido pelas Forças Aliadas Expedicionárias (Governo Militar) para civis que estiveram presos no campo de concentração de Mauthausen. No documento de Israel podemos verificar que ele morava, antes de ser enviado para o primeiro campo concentracionário, na rua Rywanek nº 14, em Radom, Polônia. E esteve preso em Mauthausen de 24 de outubro de 1940 até a libertação do campo.

³⁶⁷ Abreviatura KZ, significa Konzentrationslager [campo de concentração].



88. Cartão que permitia a Izrael Fajfer retirar alimentos. Mauthausen, Áustria, s/d. Acervo Izrael Fajfer/RJ, Brasil.

Descobri que minha irmã estava viva. Foi liberta um ou dois meses antes do final da guerra do campo de concentração feminino de Ravensbrück³⁶⁸, através de um tratado entre a Cruz Vermelha e o chefe da SS, Himmler. Helena estava viva e morando na Suécia com auxílio da Cruz Vermelha. Começamos a trocar correspondências e traçar planos para nos reunir. Decidimos que o Brasil seria o melhor país para imigrar, porque nosso pai já estava aqui havia algum tempo. Enquanto isso, decidi continuar na zona francesa porque lá tinha o consulado. Mas nessa zona francesa existia um capitão chamado Rabino Monrai, era capelão do exército. Ele costumava a ajudar todos os jovens judeus que possuíam parentes na América Latina ou em qualquer outra região. O Rabino organizou e levou-nos ilegalmente primeiro para Strasbourg (França) e, por fim, chegamos a Paris.

Imigração para o Brasil

Após chegar a Paris, Izrael buscou novamente auxílio da Joint para sobreviver na cidade, estabelecer contato com seu pai e imigrar para o Brasil.

Eu estava em Paris e busquei ajuda da Joint para sobreviver na cidade e localizar meu pai no Brasil, pois pensava em viver com ele. Logo, a Joint fez alguns arranjos e conseguiu um lugar para eu morar. Era um apartamento em Richelieu, segundo distrito de Paris, ficava entre a

³⁶⁸ Campo de concentração feminino a 90km ao norte de Berlim, na localidade Ravensbrück, no município de Fürstenberg. Construído entre 1938 e 1939 para a transferência de prisioneiras de Lichtenburg, entre elas Olga Benário, o campo tornou-se um grande campo de concentração feito exclusivamente para mulheres. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. "Ravensbruck". *Encyclopedia Britannica*, 19 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Ravensbruck>. Acesso em 28 jun. 2020.

estação do metrô Richelieu-Drouot e o Hotel Richelieu. Era uma precaução para a gente não se perder.

Localizei meu pai e trocamos correspondências, soube que era prestamista nos subúrbios do Rio de Janeiro e possuía como uma de suas clientes uma mulher que era empregada do Chanceler Pedro Leão Veloso³⁶⁹.

Essa mulher morava em Madureira e pediu ao patrão para ajudar ao meu pai a reunir a família no Brasil. Então, esse Chanceler expediu um documento para as embaixadas no qual solicitava que caso aparecesse algum filho de Icek Baruch Fajfer era para conceder o visto. No documento dizia ainda que eu viria para trabalhar com meu pai, cuja profissão era lapidador de diamantes.

Assim que chegou uma carta do meu pai orientando-me a procurar a embaixada da Polônia que o visto para imigrar ao Brasil seria concedido sem problemas. Fui imediatamente e recebi o visto em um pedaço de papel que estabelecia o trânsito pela Espanha.

O visto foi expedido em 7 de fevereiro de 1946 com assinatura do Cônsul Geral do Brasil em Paris, Edgard Bandeira Fraga de Castro.³⁷⁰ Mas, o embarque deveria ser feito na Espanha, no navio Cabo de Hornos. A viagem foi outro desafio que teve de enfrentar antes de se reconectar a sua família, porém o astuto Izrael conseguiu enfrentá-la sem maiores problemas.

Finalmente, recebi o visto para Brasil e para embarcar tinha que ir para Espanha, porque já tinha navios para levar. Havia muitos judeus que se dirigiam à Espanha para imigrar, mas eu era o único que se dirigia à América Latina.

Quando chegamos à fronteira em Irun (Espanha), soube que o restante da minha viagem faria só, pois o meu navio sairia de Barcelona. Ao perceberem que eu era o mais novo da turma, perguntaram-me: “Você tem dinheiro? Quanto?”

Respondi: “Sim. Tenho mil francos.”

Pediram que mostrasse e todo satisfeito mostrei o dinheiro foi quando me disseram que a moeda saía de circulação. Com pena de mim fizeram uma

³⁶⁹ Diplomata brasileiro (1887-1947). Assumiu o Ministério das Relações Exteriores do Brasil no governo Getúlio Vargas interinamente por três vezes. Foi ministro das Relações Exteriores do Brasil no governo José Linhares, de outubro de 1945 a janeiro de 1946. Quando Ministro das Relações Exteriores, fundou o Instituto Rio Branco, destinado à formação dos diplomatas. Assinou pelo Brasil a Carta de Fundação das Nações Unidas. CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC. *Dicionário Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. In: <http://cpdoc.gov.br>. Acesso em 09 jul. 2020.

³⁷⁰ Diplomata brasileiro (1904-1989) ocupou inúmeras posições durante sua carreira e uma delas foi de Cônsul Geral do Brasil em Paris nos anos de 1945 a 1948. CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC. *Dicionário Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. In: <http://cpdoc.gov.br>. Acesso em 09 jul. 2020.

vaquinha, compraram minha passagem e ainda sobraram US\$100,00. Dessa forma, consegui chegar em Madrid.

Ao descer do trem em Madrid pediram meu passaporte, viram que era cidadão polonês e me levaram para delegacia. Fiquei na delegacia aguardando um funcionário do Consulado Polonês, estava apreensivo porque o consulado da Polônia era reconhecidamente fascista e antissemita, seus funcionários não poderiam ser diferentes. Não deu outra, esse funcionário levou-me para a pior pensão que existia em Madrid. Foi quando pensei comigo mesmo: “se não morri na mão dos alemães nazistas, vou morrer aqui na Espanha.” No dia seguinte, fui para rua procurar judeus. Todo homem que passava moreno com narizinho mais ou menos achava que era judeu, não era. Estava desesperado! Resolvi ir até a Praça das Torres para procurar alguém que poderia ser um judeu. De repente, passou um casal com uma menina bem pequenina e essa criança soltou a mão deles. O casal deu um grito e o homem proferiu impropério em ídiche. Imediatamente corri até a eles, abracei-os e comecei a chorar. Não sei o que deu em mim!

Ao saber da minha história esse casal levou-me de táxi até a rua Eduardo Dato Vinte, a um escritório e refugiados mantido pela Joint. Ao chegar contei de novo minha história e ao terminá-la o funcionário pegou o telefone e discou para o consulado Polonês agradecendo a boa vontade e informando que a partir daquele momento estariam responsáveis por mim. Ao desligar o telefone, perguntaram se eu possuía alguma coisa no hotel. Respondi que só havia uma malinha de papelão com uma cueca. Disseram-me para deixar por lá.

Encerrada a conversa guiaram-me até uma casa de banhos e depois para um hotel de cinco estrelas, onde havia outros refugiados. Era tudo do bom e do melhor, comecei a me recuperar, mas nada de navio para o Brasil. Enquanto esperava por notícias da embarcação, levavam-me para passear pela Espanha. Conheci várias cidades: Barcelona, Cádiz, São Sebastião, Galícia e Ibiza. Um dia ao retornar de um passeio soube que o navio aportara. De posse da passagem na terceira classe que meu pai comprou, embarquei rumo ao Brasil. Durante a viagem conheci um passageiro judeu muito rico que viajava na primeira classe. Nós ficamos amigos e ele me convidava para fazer as refeições na primeira classe.

Em 1º de abril de 1946 a travessia para o Brasil estava concluída e sua vida recomeçava ao lado de sua família. Mas ainda faltava Helena, que chegou um mês depois.

Cheguei ao Brasil! Mas, eu não reconheci meu pai. Não conheci ele!

Quando ele saiu de casa eu tinha 4 (quatro) anos e a memória não gravou.

Quando o navio entrou na Baía de Guanabara ficou ali no alto-mar, pois naquela época o navio não atracava e nós tivemos que ir para um bote para descer no porto. Antes de descer, um funcionário da Joint me explicou como meu pai estaria vestido para que eu pudesse localizá-lo.

Ao desembarcar havia um homem parado exatamente como disseram. Era meu pai!

Fui com ele até uma casa que ele alugou. Era na Rua Dona Teresa, uma meia-água, nos fundos, no bairro o Engenho de Dentro. Quando entrei, notei que só havia uma cama e uma escrivaninha com cadeira, em cima um jornal chamado “O Jornal”. E eu só me perguntava quem dormiria nela.

Clienteltchik e a língua portuguesa

Como todos aqueles recém-chegados ao Brasil, além das muitas barreiras para adaptar-se ao novo mundo, talvez a língua fosse uma das mais básicas a serem vencidas. Izrael mais uma vez contou com ajuda de pessoas para superá-la, para além de sua força de vontade.

Eu já trabalhava como aprendiz de lapidador de diamantes, mas não sabia uma única palavra em português e queria aprender, então decidi pegar o jornal começar a folheá-lo, observando as letras. Ao fazer isso, percebi que a língua polonesa assim como a portuguesa, tem em comum as letras. Então, eu lia tudo, sem entender bulhufas!

E meu pai ao ver meu esforço pediu auxílio a um amigo chamado Boris que tinha duas filhas, Léia e Sara, ambas casadas. A Sara com o maestro Moreli e Léia com um comunista que era secretário de Luis Carlos Prestes. Era Léia quem me ensinava, me dava as primeiras noções de português, mas, foi por pouco tempo, pois queria ganhar dinheiro.

Aprendidas as noções básicas da língua portuguesa, o rapaz notou que poderia começar a trabalhar e decidiu seguir os conselhos de um conhecido chamado Lot sobre como e onde atuar como prestamista.

Eu possuía um amigo bem mais velho, chamado Lot, também sobrevivente, que me aconselhou a largar as aulas de português e começar a trabalhar como *clienteltchik*, pois eu ganharia dinheiro e aprenderia o português mais rápido. Ele praticamente me arrastou até um fornecedor que fabricava panos de prato, não me lembro o nome... Bom, quando chegamos esse fabricante perguntou ao Lot: “Quem garante para ele?”

Meu amigo respondeu: “Eu garanto!”

O homem voltou a perguntar: “E para você, quem garante?”

Lot falou sem pestanejar: “Deus!”

O homem virou para nós dois e, por fim, disse: “Leva o quanto de mercadoria você quiser. Se tiver juízo, você irá me pagar. Se não o fizer, eu vou ficar pobre e vocês com má fama.” Nós saímos da fábrica, cheios de mercadorias.

No dia seguinte, seu pai levou-o para as ruas, pois precisava conseguir dinheiro para pagar ao fabricante e ajudar no sustento da família, já que desistiu de aprender o português com uma professora. Ao final, Izrael passou a vender mais do que seu pai que trabalhava na profissão há tempos.

No dia seguinte, meu pai e eu saímos cedo, tomamos a condução e ao descer em um ponto ele falou: “Aqui é Jacarepaguá, vira-se! Venda toda a mercadoria que você tem.” E se foi. Peguei as mercadorias, andei, esperava para que me chamassem. Ninguém o fez. Já era quase meio-dia, estava com fome, sede, sem um centavo no bolso...de repente, do nada, apareceu outro *clienteltchik* e começou a conversar comigo e eu contei minha história. Esse homem resolveu me ajudar e instruiu o seguinte: “Não se preocupe! Não tem problema! Só que você ainda não sabe direito como fazer! Vou te ajudar. Faz o seguinte: entre por essas ruas, nelas moram gente humilde, lavadeiras, pobres e gente que não presta, e essa mercadoria que você tem para eles vai ser ouro! Você logo terá o dinheiro! Vai ter dinheiro para comer, pra beber e para pagar o fornecedor.” Entrei, afinal não havia mais nada a perder. As ruas não eram asfaltadas, havia muito mato, o esgoto corria livre e parecia não ter iluminação. Continuei andando até que vi um terreno enorme cheio de barracos e uma negra chamada Dona Verônica com cachimbo. Eu perguntei: “Compra! Compra!” Não falava bem o português. Inesperadamente fui rodeado de todos os lados, todo mundo apanhou aquela mercadoria. E a negra falou assim: “Quem levar mercadoria tem que dar entrada, fazer cartão e dar entrada para gringo.” De uma hora para outra as mercadorias acabaram e estava cheio de cartões e dinheiro no bolso!

Continuei andando até chegar a uma rua que se chamava Rio-São Paulo, hoje se chama Estrada Intendente Magalhães, tinha uma porção de botequins e aquele cheiro de comida ... queria comer! Estava com fome! Depois de comer perguntei onde pegava ônibus para o Centro do Rio de Janeiro. Peguei o ônibus e fui até o fornecedor pagá-lo. Ao chegar e mostrar o dinheiro, ele me deu um desconto de 10% por pagar antes do prazo.

Quando chegou o final do ano, meu pai resolveu fazer um balanço das vendas que nós fizemos ao longo do ano e para a surpresa dele no pouco tempo em que estava na profissão vendi e, conseqüentemente, arrecadei mais dinheiro que meu pai durante o ano inteiro. Não tinha nem 20 anos, era 19 de agosto de 1948 e eu tornei-me um *clienteltchik* muito próspero!

Conhecendo o amor

Os anos foram passando e Izrael tornou-se um dos melhores vendedores à prestação em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Já não moravam em uma casa tão simples, não passavam necessidades e sua irmã havia se casado.

Acho que tinha se passado uns cinco anos e me dei conta que tinha que me casar, ter a minha vida.

Um dia desses ao pegar o bonde para Jacarepaguá, na Avenida Suburbana, olhei para o lado e a vi na janela. Ao notar que olhava fixamente a janela fechou-se. Todo os dias eu passava no mesmo horário só para vê-la e todos os dias ao me ver... batia a janela. Eu continuava encantado, achava que era ídiche. Um vizinho notou meu interesse nela e me disse: “Izrael, essa moça não é ídiche, ela é *gói!*”

Respondi: “melhor ainda!”

Izrael, ao avistar a beleza na janela, apaixonou-se e pouco importava se era judia ou não, pois soube de pronto que queria se casar com a moça, cujo nome era Clara. Logo tratou de fazer arranjos para conhecê-la. “Consegui uma pessoa que nos apresentou e começamos a namorar. Um dia cheguei até meu pai e disse que tinha uma namorada.” Mas seu pai não se agradou muito da escolha do filho, pois

Meu pai tinha aquela coisa da Europa... quando levei ela até nossa casa perguntou “quem é essa? É uma *gói*! Não serve!”

Ele queria que eu me casasse com uma professora porque tinha que ter cultura já que não havia estudado.

A mim não importava, pois estava apaixonado pela Clara. E disse ao meu pai que casaria com ela de qualquer maneira! Ele então respondeu: “agora você trabalha como um cavalo, quando você se casar vai trabalhar como um burro!”

Izrael não deu ouvidos a seu pai e se casou no ano de 1952 com Clara, e permaneceram unidos até o falecimento dela em setembro de 2019. Tiveram duas filhas, Denise e Eliane, três netos e um bisneto. Sobre os anos que viveram juntos relembra que

Fui feliz e satisfeito com Clarinha! Quando nos casamos, aluguei uma casa em Cascadura. Após nove meses, nasceu nossa primeira filha, Denise. As coisas ainda estavam se ajustando e naquela época não tínhamos plano de saúde e minha esposa deu à luz a nossa filha no Hospital Nossa Senhora de Lourdes, em Vila Isabel. Quando elas tiveram alta, eu não tinha um centavo, não sabia como iria levá-las para casa. Quem nos ajudou foi um tio dela, chamado Saul. Ele veio com um carro da Citroën era metade lata, metade lona.

Eu continuei trabalhando cada vez mais, para dar uma vida melhor à minha família.

Algum tempo depois nasceu nossa segunda filha, Eliane. Nessa época, nossa condição financeira era melhor e o nascimento da nossa filha foi em um hospital mais equipado, o Hospital São Sebastião, no Largo do Machado. Quando fui buscar minha filha, encontrei um conhecido que era sobrevivente e durante a conversa ele me aconselhou a sair de Cascadura, pois lá não havia futuro para minhas filhas. Eu deveria procurar um lugar onde tivesse melhores escolas. E foi assim que parei em Copacabana isso há 59 anos.

O documentário

No intuito de registrar as memórias de Izrael Fajfer, sua família produziu um documentário em 2013 de aproximadamente três horas no qual ele narra sua vida. Nele, o

protagonista (Izrael) é entrevistado pela sua filha Denise e podemos contar com o testemunho de alguns membros da família, dentre eles de sua esposa Clara Fajfer

Fui abençoada por Deus! Quero te dizer quanto orgulho eu sinto de ser tua esposa e companheira! Por sessenta anos compartilhamos os bons e os maus momentos da nossa vida e por me dares as nossas queridas filhas Denise e Eliane, meus genros Gerson e Leonardo, meus netos Daniel, Débora e Breno que eu tanto amo! Muito obrigada, meu querido! Eu te amo!

Como legado para as gerações futuras, Izrael deixa sua própria história “como uma mensagem e uma grande lição! São histórias que ele nos conta que levam a pensar o que realmente tem valor durante a vida, que devemos ser solidários, tolerantes, lutar contra a discriminação e violência!” (DENISE FAJFER GOLDWASSER).



89. Da direita para esquerda: Izrael Fajfer, sua esposa Clara com o bisneto Theo (no colo) e Fany Goldwasser. Rio de Janeiro. 2017. Foto de Denise Fajfer Goldwasser. Acervo *Denise Fajfer Goldwasser/RJ*, Brasil.

3.2.8. A borboleta de Terezin: Marguerite Hirschberg³⁷¹



90. Marguerite Hirschberg com sua cesta do *Rosh Hashaná*. Rio de Janeiro, 20 out. 2014. Fotografia não identificado. Acervo *Projeto Dorot* – ONG *Yadaim/RJ* (Brasil).

Nascida Marguerite Stein, em 03 de maio de 1933, na cidade de Frankfurt (Alemanha), logo após a ascensão de Adolf Hitler ao poder, filha de Anne Stein, adotou o sobrenome Hirschberg depois de sua mãe contrair matrimônio com James Hirschberg, em 1948, retirando o Stein. Seus avós maternos chamavam-se Alexander e Lina Neuberger e possuíam um armazém na cidade de Meckesheim (Alemanha). Lina teve cinco filhos dos quais um faleceu cedo restando apenas Julius, Alice, Anna e Henz. Ficou viúva aos 32 anos e assumiu os negócios da família.

Durante a era nazista a loja, anteriormente um ponto de encontro popular, primeiro foi monitorada, depois denunciada, boicotada e, por fim, saqueada, o que forçou a família a viver de esmolas da população de Meckesheim.

³⁷¹ HIRSCHBERG, Marguerite. Testemunho concedido por Marguerite Hirschberg à Fernanda Capri, Maria Luiza Tucci Carneiro e Silvia Lerner, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 04 out 2017. Arqshoah/Leer-USP.

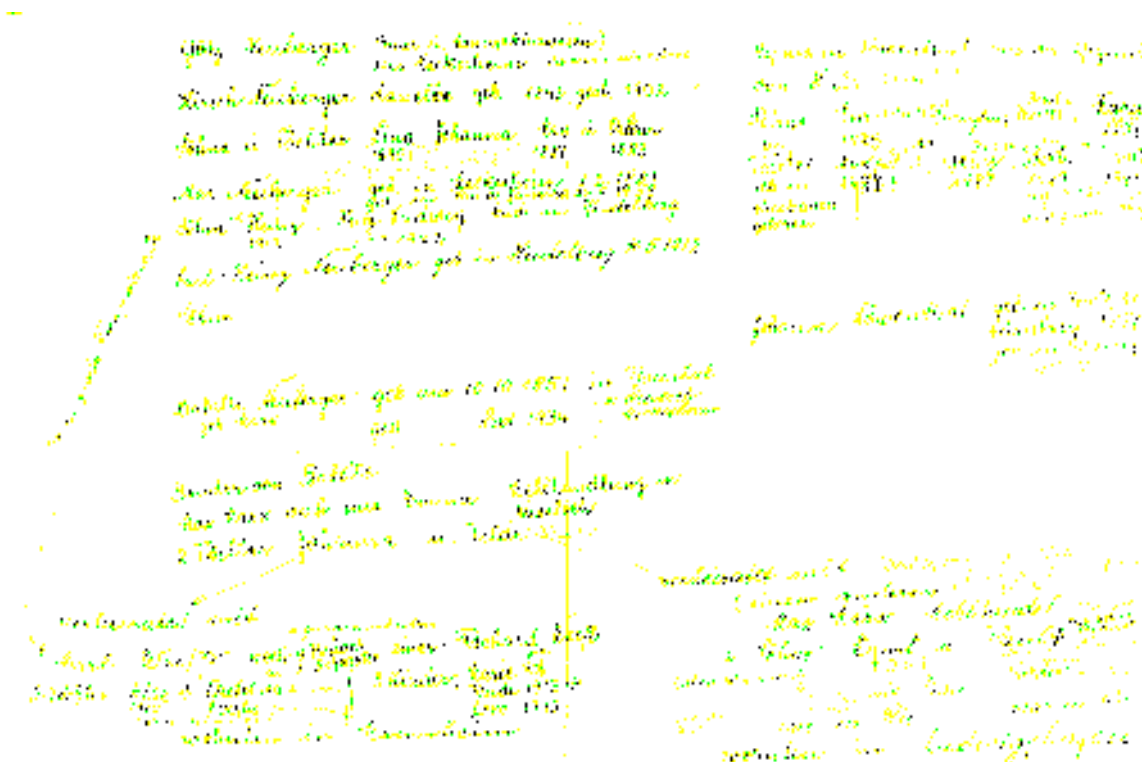


91. Loja de Lina Stein na Friedrichstrasse, n. 1 , Meckesheim, Alemanha , s.d Fotografia Siegbert Luksch. Reproduzido do jornal *Rhein-Neckar-Zeitung*, Alemanha.

Sua avó e tia Alice foram deportadas para o campo de concentração de Gurs³⁷², em 22 de outubro de 1940, e depois assassinadas em Auschwitz em 12 de agosto de 1942. Julius, que lutou pela Alemanha na Primeira Guerra, foi deportado para Lublin em 1942 e declarado morto em 1945. Henz foi levado aos 27 (vinte e sete) anos para um sanatório em Wiesloch (Alemanha), pois tinha problemas mentais, algum tempo depois esterilizado à força, enviado a um campo de trabalhos forçados e depois executado em Lublin. Anna e Marguerite foram às únicas sobreviventes da família.

Anna era enfermeira e o pai biológico de Marguerite era médico e não possuía origem judaica, seu sobrenome era Kiffer, foi perseguido pelos nazistas por ser socialdemocrata. Desapareceu da sua vida quando ela tinha seis anos de idade. “Lembro-me pouco do meu pai. Não era judeu, mas socialdemocrata e, por isso, foi perseguido, acho que assassinado, pois nunca mais soubemos dele”.

³⁷² Gurs foi um grande campo de concentração perto de Pau, no sudoeste da França, ao pé dos Pirineus, que foi usado sucessivamente pela França independente, a França de Vichy e a Alemanha nazista. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Gurs”. *Encyclopedia Britannica*, 07 mar. 2019. Disponível em://www.britannica.com/place/Gurs. Acesso em 09 jul. 2020



92. Árvore genealógica da família de Marguerite, manuscrito em análise pela equipe Arqshoah. São Paulo, s.d. Acervo Marguerite Hirschberg/RJ; Arqshoah-Leer/USP, Brasil.

Com o desaparecimento do pai, sua mãe assumiu todas as responsabilidades e a vida era difícil. “Não podíamos entrar em qualquer estabelecimento, pois havia placas proibindo. Não era permitido que comprássemos comida livremente, em especial carne.”

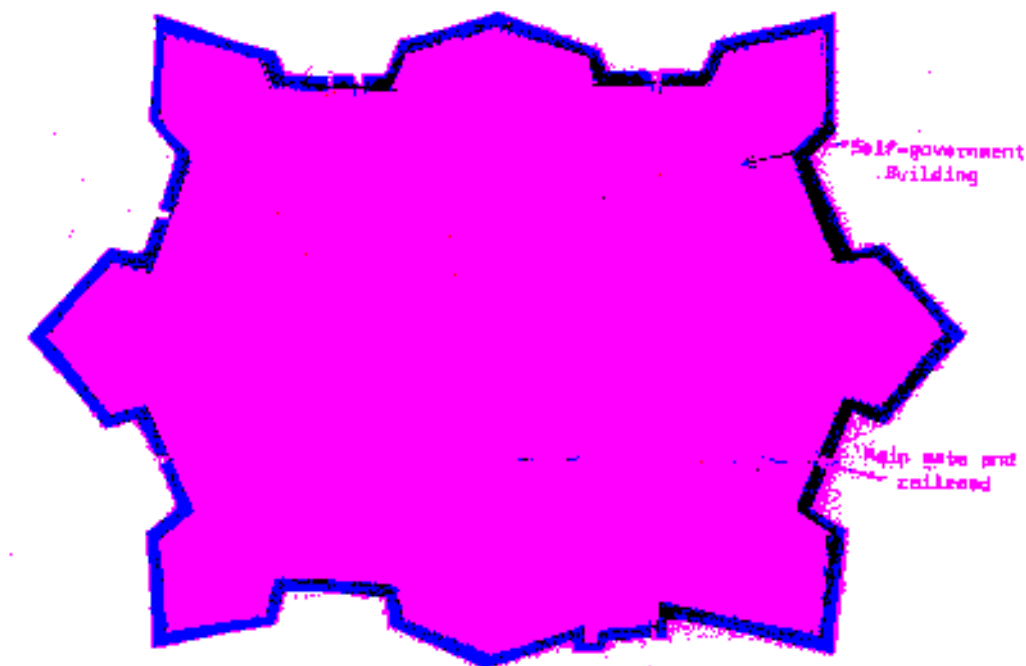
Na cidade de Frankfurt, apesar da vida judaica intensa, a perseguição era comum aos judeus e aos inimigos do governo.

Nasci quando Hitler chegou, bem depois que foi eleito. Então, a minha vida toda era quase perseguição. Quando fiz seis anos minha mãe me matriculou em uma escola. Eu estudei até onde foi permitido pelos nazistas. O nome do colégio era Philantropin, era uma instituição de ensino judaica. Estudavam crianças judias e não judias. Era uma boa escola, mas eu devia ir com a estrela de Davi fixada em minha roupa. Depois a escola fechou, pois os nazistas a usaram como hospital e, por fim, escola de música.



93. Alunos judeus em uma sala de aula na escola Philanthropin em Frankfurt, Alemanha, c. 1937-1938. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Proveniência Lore Gotthelf Jacobs. Número da fotografia 30922.

*Theresienstadt*³⁷³



94. Theresienstadt, mapa recortado de um documento original e montado em papel preto em um álbum montado por um sobrevivente. Tchecoslováquia (atual República Tcheca), s.d. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.

³⁷³ Campo de concentração híbrido e gueto estabelecido pela SS na cidade fortaleza de Terezin, localizada a noroeste, no protetorado da Boêmia e Morávia, região ocupada pelos alemães na Tchecoslováquia, atual República Tcheca. YAD VASHEM. "El Ghetto de Theresienstadt". In: *Yad Vashem*, Israel, s.d.. Seção Guetos. Disponível em <http://www.yadvashem.org/es/holocaust/about/ghettos/theresienstadt.html>. Acesso em 10 jul. 2020.

Educada em uma grande escola judaica situada na cidade em que nasceu e na qual foi capturada pelos nazistas em 1942 aos nove anos de idade. Foi enviada de trem junto com sua mãe para o campo de concentração de Theresientadt, na Tchecoslováquia (atual Tchêquia).

Desconhecendo as circunstâncias, ficou muito feliz pois pensava fazer afinal uma grande viagem. Ao chegar ao local, Marguerite começou a perceber a situação de penúria e violência vivenciada por aqueles que lá estavam.

nós fomos levadas para um caminhão até a estação do trem. E aí fomos de trem como todo o mundo. Havia muitas pessoas e eu estava feliz porque achava que ia viajar de férias com minha mãe.

Quando o trem parou, mãe e filha andaram “um bocado até Theresientadt. E dos dois lados tinham os nazistas, tomando conta da gente, com cachorro policial.”

Ainda sobre o campo de concentração, relembra que era um espaço onde estavam detidos muitos intelectuais e artistas. O campo recebeu por duas vezes visitas de representantes da Cruz Vermelha para inspeção, e, nessas ocasiões, os nazistas montavam uma cidade para que os representantes da instituição tivessem a ideia de que era um local aprazível para os indivíduos viverem. A menina participou de uma peça montada pelos nazistas – atuou como uma borboleta – para os representantes da Cruz Vermelha.

Havia muitos intelectuais em Terezin. Tinha uma orquestra maravilhosa, muitos professores e artistas. E eles me contavam histórias. Histórias para crianças. Cheguei a ganhar um livro que logo depois roubado dentro do campo... sinto até hoje. Gostaria de tê-lo de volta!

Voltando aos intelectuais, existia uma professora de história que me ensinou sobre história da Grécia. Teve um professor de matemática, mas não aprendi muita coisa, infelizmente. Mas em Terezin também havia muita fome. E só se falava de comida. Eles falavam de comida que eu não conhecia. Porque era proibido comer diferente da fornecida pelos nazistas. Eles falavam e eu não ligava muito porque não conhecia. Mas, esse pessoal só sonhava como isso (risos). Nossa comida era horrível! Feita com cascas de batatas. No início não queria comer, mas minha mãe obrigou dizendo que se não comesse eu morreria. Comecei a comer a aquela sopa horrorosa!

Além da sopa, cada pessoa recebia por semana cem gramas de pão.

Marguerite adquiriu algum saber com os prisioneiros, mas também conheceu a fome, o medo e a morte banalizados no dia a dia do campo concentracionário. Theresientadt, como os demais campos, estava com uma capacidade elevada de prisioneiros. Havia pessoas vindas de diversos locais da Europa e pertencentes as mais diversas classes, algumas vezes [Marguerite]

avistou reuniões de crianças acompanhadas de adultos, todos prisioneiros, para desenhar. Eram meninos e meninas cuja arte serviu de alento durante o encarceramento.

Existiam muitos judeus, principalmente de Viena, Alemanha e Áustria. Estava lotado! Mas não cheguei a ver nenhum cigano. Diziam que iam todos para Auschwitz. Em Terezin sabíamos que existia outro campo [Auschwitz] e que muitas pessoas morriam lá.

Também via sempre um grupo de meninas reunir-se para desenhar, mas não era meu grupo. Elas eram em sua maioria de Praga. Nunca falei com elas. Só via que desenhavam ao ar livre.

Não sei como conseguiam lápis, porque era proibido papel e lápis!

Chegando ao campo, designaram-na para trabalhar cortando mica para lâmpadas. Sobre os alojamentos, contou que a princípio todos dormiam juntos no chão, mas depois eram separados por idade, sexo e alguns outros critérios segundo a vontade do comando nazista do campo. Crianças, como Marguerite, eram separadas de seus pais, desumanizadas e coisificadas por outros seres humanos encarregados de fazer funcionar esse maquinário cruel.

No início dormíamos no chão, todos misturados e apesar de existirem casernas, essas eram destinadas aos militares. Depois, fomos separados e levados para uns alojamentos e dormíamos em beliches, o melhor lugar para dormir era na cama mais alta, porque quando alguém adoecia de tifo, fazia xixi ou tinha diarreia você não se sujava. Lembro que desenvolvi uma alergia à picada de insetos. Eu não tinha muito contato com minha mãe, fomos separadas. Ela foi trabalhar como enfermeira e eu ficava por minha conta no campo.

Apesar de Terezin não contar com câmaras de gás, as pessoas morriam devagar “a maioria morria com muita dor, com as doenças... apodreciam”. Anna, mãe de Marguerite, cuidava dos doentes como podia já que as condições sanitárias eram inexistentes. “Minha mãe era uma heroína! Cuidava dos doentes da maneira que dava, pois não havia remédio... era uma forma de amenizar o sofrimento” recorda-se. E aqueles que morriam tinham seus corpos colocados em galpões onde permaneciam por um longo período, formando uma cena macabra de corpos em estado de decomposição e desfigurados por ratos.

Eu me lembro que no hospital onde trabalhava a minha mãe existia um lugar para botar os mortos, era um galpão. Mas, não havia caixão, nem proteção alguma para os corpos. Ficavam lá desfigurados porque os ratos também não tinham o que comer. Não havia lixo, então, devoravam os corpos. Existiam crematórios, mas como muita gente morria e demorava-se para levar os

corpos. Quando cremavam, nós crianças, éramos obrigadas a jogar as cinzas no rio Ohře³⁷⁴. Fazíamos uma fila e não ganhávamos nada, nem um pão!



95. Mapa de Terezin e o rio Ohre. Tchecoslováquia, atual República Tcheca. *Google Maps*, EUA.

Recomeço de mãe e filha

Ambas saíram do campo somente no fim da guerra. Foram enviadas para um campo de sobreviventes na França onde sua mãe conheceu seu padrasto, James Hirschberg, que escapou porque fugira a pé pelos Pirineus até a Espanha.

O James era um judeu baixinho, magrinho, bem-humorado e filho de pais negros. A família dele possuía um jornalzinho em Berlim. Quando fugiu para Espanha, ele conseguiu trabalho na cozinha de uns americanos.

Era comum no pós-guerra que as pessoas buscassem por informações de familiares, amigos ou conhecidos nas listas de sobreviventes do Holocausto disponíveis pelas instituições e foi assim que um tio que residia no Brasil localizou-as.

Vim para o Brasil porque meu tio mandou dinheiro para a viagem, não tínhamos nada! Absolutamente nada! Mas, antes de vir para o Brasil

³⁷⁴ Em alemão chamado de Rio Eger. E um rio que banha dois países: Alemanha e República Tcheca. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. "Rio Eger". *Encyclopedia Britannica*, 20 jul. 2018. Disponível em <https://www.britannica.com/place/rioEger>. Acesso em 10 jul. 2020.

decidimos seguir até Paris, isso era 1947. Esperamos por quase três anos pela viagem. Chegamos ao Brasil em finais de 1949.

Outro motivo para o tardamento era a burocracia na emissão de vistos para o Brasil devido à sua política antissemita, a qual impediu a imigração de muitos sobreviventes e refugiados das atrocidades cometidas pelos nazistas. No caso de Marguerite, sua mãe e o padrasto só conseguiram imigrar para o Brasil com ajuda de um bispo que lhe forneceu documentação necessária para obterem visto como católicos. “Desembarcamos na Praça Mauá, meu tio esperava-nos e fomos para casa dele. Era um apartamento grande na Marques de Abrantes no bairro do Flamengo”.

Inicialmente, para conseguir recomeçar sua vida no Brasil, Marguerite trabalhou como babá da família Gottlieb, também sobreviventes do Holocausto, cuidando do pequeno Raul Cesar Gottlieb, sendo hoje o seu melhor amigo. Mas, a vida no Brasil mesmo com auxílio de outras pessoas era difícil, por conta da língua, clima, discriminação e da vergonha de falar sobre o que tinha vivido nos campos de concentração.

Ao chegar aqui, fui logo trabalhar para ajudar a família, nunca mais estudei. Minha vida judaica no Rio de Janeiro foi horrível! E na comunidade, naquela época, ninguém queria ouvir falar de campo de concentração. Eu tinha vergonha de falar que sobrevivi a um campo de concentração. Também sofri com escárnio por conta do meu sotaque e minha forma de se comportar. Teve um episódio que me lembro bem, eu fazia ginástica na praia e o professor me chamava de gringa biruta. Não sabia o que era gringa e nem biruta. Perguntei a uma colega o significava gringa biruta. Ao ouvir a explicação nunca mais fiz hidrogenástica.

Porém, quatro anos depois se estabelecerem no Brasil, a família Hirschberg decidiu migrar novamente e, dessa vez, foram para La Paz, na Bolívia, permaneceram por aproximadamente um ano e retornaram para o Brasil.

Fomos para La Paz, na Bolívia, porque James tinha um irmão que era fotógrafo. Minha mãe e eu não gostamos! Era horroroso! Minha mãe a certa altura disse para o James: “Olha, você pode ficar aqui, mas eu vou voltar para o Brasil, vamos nos separar”. Ele voltou conosco.

De volta ao Brasil, firmou-se como vendedora de joias em uma loja no Hotel Copacabana Palace. Marguerite viveu no *Lar União Associação Beneficente Israelita*, após seu apartamento ser destruído em incêndio que queimou quase toda a documentação sobre sua

trajetória de vida, restando apenas o livro *Jüdisches Leben in Meckesheim bis 1940*, de autoria de Edith Wolber, com um capítulo dedicado à família Stein, de sua mãe.³⁷⁵

Esta publicação reconstitui toda a trajetória da família Stein. Dentro deste livro, em uma folha manuscrita, encontra-se uma detalhada árvore genealógica, possivelmente organizada pela própria Marguerite. Faleceu no Rio de Janeiro em 08 de maio de 2020

96. Marguerite Hirschberg

„In dem Bericht über die Familie Hirschberg ist es mir gelungen, die Geschichte der Familie Hirschberg in Meckesheim bis 1940 zu rekonstruieren.“

„Die Geschichte der Familie Hirschberg ist eine Geschichte der Familie Hirschberg in Meckesheim bis 1940. Die Geschichte der Familie Hirschberg ist eine Geschichte der Familie Hirschberg in Meckesheim bis 1940.“

„Die Geschichte der Familie Hirschberg ist eine Geschichte der Familie Hirschberg in Meckesheim bis 1940. Die Geschichte der Familie Hirschberg ist eine Geschichte der Familie Hirschberg in Meckesheim bis 1940.“

„Die Geschichte der Familie Hirschberg ist eine Geschichte der Familie Hirschberg in Meckesheim bis 1940. Die Geschichte der Familie Hirschberg ist eine Geschichte der Familie Hirschberg in Meckesheim bis 1940.“

„Die Geschichte der Familie Hirschberg ist eine Geschichte der Familie Hirschberg in Meckesheim bis 1940. Die Geschichte der Familie Hirschberg ist eine Geschichte der Familie Hirschberg in Meckesheim bis 1940.“

„Die Geschichte der Familie Hirschberg ist eine Geschichte der Familie Hirschberg in Meckesheim bis 1940. Die Geschichte der Familie Hirschberg ist eine Geschichte der Familie Hirschberg in Meckesheim bis 1940.“



„Die Geschichte der Familie Hirschberg ist eine Geschichte der Familie Hirschberg in Meckesheim bis 1940. Die Geschichte der Familie Hirschberg ist eine Geschichte der Familie Hirschberg in Meckesheim bis 1940.“

12. August 1911, Kraichgau, Kreis Heilbronn, Baden-Württemberg, Deutschland. Gestorben am 08. Mai 2020, Rio de Janeiro, Brasilien.



12. August 1911, Kraichgau, Kreis Heilbronn, Baden-Württemberg, Deutschland. Gestorben am 08. Mai 2020, Rio de Janeiro, Brasilien.



96. Marguerite Hirschberg, retrato reproduzido no livro *Jüdisches Leben in Meckesheim bis 1940. Die vergessene Geschichte eines Kraichgaurdorfes*. WOLBER, Edith. *Jüdisches Leben in Meckesheim bis 1940. Die vergessene Geschichte eines Kraichgaurdorfes*. Basel, Verlag Regionalcultur, 2015, p. 113

³⁷⁵ WOLBER, Edith. *Jüdisches Leben in Meckesheim bis 1940. Die vergessene Geschichte eines Kraichgaurdorfes*. Basel, Verlag Regionalcultur, 2015, pp. 86-115.

3.2.9. Thomas Venetianer³⁷⁶



97. Thomas Venetianer com os pais Alexander e Lazbeta Venetianer. Tchecoslováquia (atual Eslováquia), s/d. Fotografia não identificada. Acervo *Tomas Venetianer /SP*, Brasil.

Tomas Venetianer nasceu em Kosice (Tchecoslováquia, a cidade atualmente pertence a Eslováquia), em 18 de novembro de 1937, filho do químico-farmacêutico Alexander Venetianer e da contadora de um banco Lazbeta [Elisabeth] Ventanearova. Seus avós maternos chamavam-se Jac Stark e Regina Weiss Stark e os paternos Maximilian Venetianer e Adele Berger Venetianer.

Meu pai era dono de uma empresa de desinfestação de percevejos em nossa cidade. Para matar os insetos, usava um composto gasoso chamado Zyklon B, o mesmo que foi usado pelos nazistas para matar as pessoas nas câmaras de gás.

Na infância, como seus pais trabalhavam, ficava sob os cuidados de uma babá que o incentivava a desenhar. Suas técnicas aprimoraram-se durante o tempo em que esteve sob cárcere nazista no campo de Theresientadt. Tom, como gosta de ser chamado, teve inúmeros membros de sua família exterminados pelo regime nazista. Observamos ao longo de sua narrativa que suas memórias flutuam entre os horrores vividos e a vida prodigiosa no Brasil.

Os soldados andavam o tempo todo nas ruas e os húngaros, que eram grandes antissemitas, não davam sossego aos judeus da Hungria; muitos judeus húngaros foram levados a campos de trabalhos forçados e de lá para a frente russa, na Ucrânia, onde a grande maioria morreu . Um dos meus tios

³⁷⁶ VENETIANER, Thomas. Testemunho concedido por Thomas Venetianer à Sarita Sarue, Laís Rigatto e Lilian, com transcrição: Rebeca Moura, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 04 out 2016. Arqshoah – Leer/USP.

morreu nessa frente russa, chamava-se Ferdinando, possuía um apelido “Nan”, vivia em Budapeste e foi levado porque estava no olho da tempestade.

A fuga dos nazistas

Em setembro de 1938 a Hungria anexou parte da antiga Tchecoslováquia, através de um acordo chamado Pacto da cidade de Munique³⁷⁷, celebrado entre Hitler, Mussolini, um estadista inglês chamado Chamberlain³⁷⁸ e o presidente da França. Essa era a parte onde Tom morava e, cuja remarcação da fronteira, modificou a nacionalidade da família Venetianer, tornando-os húngaros.

A remarcação de fronteira mudou a minha cidadania, porém não a naturalidade. A troca criou certo número de problemas para meus pais, mas do ponto de vista da minha sobrevivência, esse foi um dos motivos. Por quê? Porque o Holocausto na Hungria só aconteceu em início de [19]44; até aquela data, em março de [19]44, quando a Alemanha ocupou a Hungria, os húngaros eram ultra antissemitas, perseguiram judeus, mas não os matavam, não os levavam para campos de concentração. Então, esse foi um dos fatores pelos quais minha família (eu, minha mãe e meu pai) sobreviveu.

No dia 15 de março de 1939 a Alemanha invadiu o que sobrou da Tchecoslováquia, na época conhecido como Boêmia, e ocupou toda essa região com seu exército, tornando-a um protetorado alemão. Foi dentro desse protetorado que surgiu, alguns meses depois, o campo de Theresientadt, para onde Tom foi levado. Instalou-se o caos e o medo, os judeus já não podiam circular livremente e o governo húngaro obrigou-os a usarem a estrela amarela.

Era 1943 eu já estava com quase seis anos, possuía idade que me obrigava a usar essa estrela, não podia deixar de usá-la, crianças até quatro anos eram isentas, mas eu não mais...

Era um emblema padronizado pelos nazistas, no qual os alemães criaram o *Jude*, o judeu dentro, escrito com letras que parecem letras hebraicas. Além

³⁷⁷ O Acordo de Munique foi a conclusão de uma conferência organizada por Adolf Hitler, o líder do governo nazista da Alemanha, datado de 29 de setembro de 1938, na cidade de Munique, na Alemanha, mas assinado a 30 de setembro por Adolf Hitler, Neville Chamberlain, Edouard Daladier e Benito Mussolini. O ajuste dava à Alemanha os Sudetos, começando em 10 de outubro, e o controle efetivo do resto da Tchecoslováquia, desde que Hitler promettesse que esta seria a última reivindicação territorial da Alemanha. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Pacto de Munique”. *Encyclopedia Britannica*, 27 jun. 2018. Disponível em <https://www.britannica.com/PactodeMunique>. Acesso em 21 jul. 2020.

³⁷⁸ Arthur Neville Chamberlain (Birmingham, 18 de Março de 1869 – Heckfield, 9 de Novembro de 1940) foi um político britânico do Partido Conservador, Primeiro-Ministro do Reino Unido entre maio de 1937 e maio de 1940. Conhecido pela sua política externa de apaziguamento, e, em particular, por ter assinado o Acordo de Munique, em 1938, o qual concedia a Região dos Sudetos da Tchecoslováquia à Alemanha. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Neville Chamberlein”. *Encyclopedia Britannica*, 20 ago. 2019. Disponível em https://www.britannica.com/Neville_Chamberlein. Acesso em 21 jul. 2020.

da restrição para sair de casa, havia a vergonha em carregar tal marca a qual permitia que você apanhasse de qualquer um na rua.



98. Estrela de David, marca estigmatizada aplicada nas roupas dos judeus. Alemanha, s/d. Fotografia não identificado. Reproduzido do jornal *Deutsche Welle*, Bonn, Alemanha.

Tom afirma que seu pai era atento às questões políticas e evitava ao máximo expô-los. Por esse motivo, lembra que não frequentou a escola e Alexander não permitia que tivesse amigos, tudo para que não fossem perseguidos. A cada movimento de aproximação nazista e uma possível captura seu pai tomava medidas para escapar.

Meu tio, Gustavo, que vivia na Eslováquia, escapou da deportação de [19]42 porque estava protegido como farmacêutico, e isso lhe dava o direito a um documento emitido pelo governo informando que você não devia ser deportado. Então, se a Gestapo ou a polícia te prendesse, você mostrava esse documento e não te levavam porque você era considerado elemento importante para economia do país.

Meu pai decidiu ir para a Eslováquia, por haver essa brecha, porque era onde minha avó paterna, suas irmãs e meu tio Gustavo, com sua família moravam e, especialmente, porque diante de uma possível invasão dos alemães na Hungria a melhor coisa a se fazer para se proteger era fugir para a Eslováquia. Outros dois tios, Oscar e Júlio, que moravam na mesma cidade decidiram ir junto.

Por dois anos, de outubro de 1942 a 1944, as deportações para os campos concentracionários pararam e os judeus que viviam na Eslováquia experimentaram somente uma posição de incômodos que envolvia perseguições e leis antijudaicas que deveriam obedecer. Diante do cenário mais favorável, a família imigrou ilegalmente pagando

contrabandistas para atravessá-los pela fronteira e, para isso, contou com ajuda de um padre católico que mascarou a verdadeira origem dos Venetianer.

Meu pai pagou um contrabandista, não lembro exatamente a data, mas acho que foi entre fevereiro e março de [19]44 que nós fugimos para a Eslováquia. A sorte que meu pai nasceu na Eslováquia e falava eslovaco. Infelizmente a minha mãe não, ela falava somente húngaro, e isso nos causou, depois, grandes transtornos.

Fugimos, atravessamos a fronteira com ajuda desses contrabandistas e moramos na casa do meu tio Gustavo na cidade de Presov, na Eslováquia.

Havia uma grande falta de profissionais e meu pai, durante certo tempo, conseguiu trabalhar como farmacêutico numa cidadezinha próxima.

O padre católico que os ajudou era um amigo de longa data, chamava-se Julius Krabarik – vivia numa cidade muito próxima – e forneceu as falsas certidões de batismo dos Venetianer. Mas a proteção não teve grande força, pois, a certa altura dos acontecimentos, quando recomeçaram as deportações em 1944 na Eslováquia ser convertido era absolutamente irrelevante; Não era simplesmente ser batizado, havia certas obrigações, costumes cristãos a serem seguidos, como por exemplo, comparecer todos os domingos à missa, saber latim, entender o catecismo e pertencer a, no mínimo, quarta geração de católicos convertidos.

O ambiente na Eslováquia tornou-se tenso e a família Venetianer fazia o possível para se proteger. Acharam por bem fugir e o padre arrumou outros novos documentos falsos, dessa vez de camponeses eslovacos, e “eu mudei totalmente de nome e sobrenome, passei a me chamar Anton Grega”. Tom atribui o sucesso das escapadas a verdadeiros milagres. Recordava de alguns deles, sendo que dois ocorreram durante viagens de trem:

Naquela época, o trem era o único meio de transporte, mas tínhamos que ter documentos que permitiam fazer isso; mas, nós judeus não conseguíamos obter esse documento. Mesmo assim, meu pai decidiu arriscar. Eu e minha família pegamos o tal trem e, de repente, aparecem os nazistas eslovacos, um batalhão deles! Estávamos completamente pedidos!

Não usávamos a estrela e estávamos vestidos de camponeses (foi o padre quem nos arrumou a roupa)! Mas não era nenhum problema descobrir quem era judeu; em primeiro lugar existe aquilo que se chama *punim*, a cara. Por acaso, nem eu nem os meus pais tínhamos uma cara tipicamente de judeu, mas nós tínhamos um problema maior, que estava nas nossas calças! Os nazistas não tinham o mínimo pudor de chamar os homens e pedir para tirarem as calças, ou seja, se desconfiassem que éramos judeus, poderiam baixar nossas calças e imediatamente seríamos presos.

Meus pais consideravam a vida deles menos importante do que a minha e para me salvarem nessa ocasião colocaram-me dentro de uma lareira a lenha que tinha na sala de espera do trem. Esses paramilitares passaram e não mexeram com os meus pais.

Devemos ter em conta que as “milagrosas espadas dos nazistas” somente se concretizavam porque a família sabia que deveria criar uma situação fantasiosa a fim de convencê-los (aos militares nazistas) que o que estava se dizendo era verdadeiro. Assim, a família inteira, inclusive Tom com apenas seis anos, empenhava-se em utilizar a mentira como forma de proteção.

Embarcamos no trem contando que não houvesse inspeção, que ninguém fosse pedir os documentos, passagem nós tínhamos para embarcar no trem, mas não possuíamos os documentos de viagem. O trem parou em quinze estações e em um determinado momento imagina quem sobe no trem? Soldados alemães pedindo o documento de identidade.

Eu estava sentado com minha mãe em um banco e meu pai no banco do lado. Um soldado se aproximou do meu pai e falou: “[documento de identidade em alemão]”; meu pai se fez de desentendido e começou a falar em eslovaco e dava para perceber que o soldado não entendia uma palavra do que meu pai falava. Ele se foi e minha mãe falou com ele “nossa foi por pouco!”, mas esse soldado voltou junto com um paramilitar para interpretar o que meu pai dizia.

O homem parou ao lado meu pai e perguntou em eslovaco o que estava acontecendo, meu pai respondeu com um sotaque de caipira eslovaco: “eu não falo uma palavra em alemão, o que que ele quer?”

O paramilitar disse “Ele quer os seus documentos”, meu pai contra-argumentou: “mas por que ele quer meus documentos? Esqueci em casa. Estou indo pra cidadezinha tal, eu moro lá...” O paramilitar cortou meu pai e falou “sim, mas você não pode viajar sem documento!”

Um pai tentando por fim à inspeção, através da confusão, falou mais uma vez, impregnado do ar de “simples camponês eslovaco”: “Eu não tenho documentos! Que documentos!? Ninguém me falou que precisa de documentos”

O alemão falando em alemão com o outro e meu pai entendendo tudo...

Ele se impacientou e resolveu deixar meu pai, mas se virou para mim e perguntou: “onde está a sua família?”. Eu também sou fluente em alemão, mas, como meu pai, fingi que não entendia. Novamente, o soldado alemão chamou o paramilitar e, dessa vez, para falar comigo. Logo de início, quando me questionaram por que não respondi, eu falei que não entendia o que o soldado falava.

Imagina uma criança de seis anos de idade, judia que precisava ser educada em casa pra saber que judeus são perseguidos e que em uma situação dessas tem que ter determinado comportamento. Eu podia ter revelado que somos judeus, mas não o fiz! Naquela ocasião, eu era um menino camponês eslovaco e me comportei como tal.

O problema foi quando vieram falar com a minha mãe. Aí meu pai falou era muda. Conclusão, o cara se encheu, xingou em alemão, falou alguma coisa: “malditos camponeses eslovacos!” e foi falar com os outros que estavam nos bancos mais na frente. E nós chegamos ao nosso destino que era um vilarejo nas montanhas, onde nos refugiamos. E lá também tem outra história de milagre.

Uma série de notícias sobre a expulsão e envio dos judeus para os campos concentracionários pela SS teve início, e Alexander Venetianer aguardou o momento

oportuno, duas semanas antes da invasão nazista, para fugir de novo com a família para florestas nas montanhas dos Cárpatos. Tom conta que era o ano de 1944 e a situação era alarmante, os próprios governos já estavam em pânico com uma possível ameaça de invasão nazista e não havia ideia de um lugar seguro para onde fugir “estávamos perdidos! Sem direção.” Entrou em cena novamente o padre que sempre os ajudava, conseguindo um local para abrigá-los em um vilarejo com o auxílio de um amigo também padre.

Esse outro padre, que sabia que nós não éramos camponeses, mas sim judeus. Chegamos, a primeira coisa fomos na casa desse padre; ele nos recebeu muito bem, pelo menos o que meu pai conta. Ao chegar, ele disse para o meu pai que tinha: “um lugar onde eu arrumei pra vocês ficarem como camponeses. Inventei uma história dura de engolir, de que vocês vêm do nada e vocês são camponeses, até porque camponeses não ficam andando por aí, perambulando, eles têm as suas terras de trabalho, as suas terras, mas uma mulher viúva que precisa de dinheiro aceitou que vocês morassem na casa dela. Só que todo santo domingo vocês tem que vir pra missa e vocês têm que ter a cruz e têm que se comportar como católicos, como camponeses que vocês são. Eu sempre vou dizer pra vocês onde se sentar, para tua mulher não ser incomodada”.

O plano não funcionou porque um dos filhos dessa viúva, um rapaz de aproximadamente 20 anos, fazia parte de um grupo paramilitar chamado Guardas de Hlink que caçava judeus. Desconfiado, começou a questionar Alexander fazendo diversas perguntas, era um verdadeiro interrogatório: Por que? Como? Quando? Quem é você? De onde tirou esse nome? Tira as calças...” , em resposta o pai de Tom dizia “você não tem nada que ver com isso! Sua mãe alugou pra nós até podermos voltar para a cidade de onde somos, saímos porque tínhamos medo de bombardeio!” Foi antipatia à primeira vista entre Alexandre e o rapaz.

Lazbeta não saiu do quarto durante os dois ou três meses em que a família permaneceu na casa e Alexander dava como desculpa que a mulher estava adoentada. O que de fato era verdade, em parte, pois Lazbeta caiu numa depressão absurda e mal falava. Alexander tornou-se responsável por ir à cidade para comprar comida e demais coisas que necessitavam e Tom passava seu tempo brincado no pátio da casa. Um dia, o menino brincava e esse rapaz apareceu e disse que gostaria de brincar com ele de esconde-esconde. O rapaz usou de malícia para enganar um menino de seis anos que, em sua inocência, não percebeu a real intenção que era ratificar sua desconfiança: se tratava de uma família de origem judaica que estava se passando por católica para escapar da polícia nazista. Tom lembra com nitidez como se desenrolou a “brincadeira”:

a brincadeira dele foi me arrastar para onde se armazena feno. Para o celeiro e começou a tirar minha calça e eu comecei a berrar que nem um louco. Meu pai estava em casa, no quarto onde nós morávamos, saiu correndo; e quando viu a cena, pulou em cima do cara, e começou a bater nele feito um louco. No dia seguinte, a Gestapo estava lá, esse cara trouxe. E foi assim que nós fomos então presos. Fomos levados a uma prisão porque perto daquelas vilas onde morávamos tinha uma cidade um pouco maior chamada Liptovsky Svaty Mikulas (Tchecoslováquia, atual Eslováquia), em que existia uma prisão onde a Gestapo ocupou para poder colocar tanto prisioneiros políticos como judeus.

Ao serem capturados em setembro de 1944, Tomas tinha apenas seis anos. Primeiro, encaminharam a família a uma prisão eslovaca, depois ao campo de concentração de Sered (Tchecoslováquia, atual Eslováquia) e, por fim, mãe e filho foram para o campo de Theresienstadt. Separaram violentamente Alexander de Lazbeta e de Tomas, enviando-o para o campo de concentração de Sachsenhausen.

Em Sered, ao sermos separados, papai desesperou-se e veio correndo em minha direção. Ao ter essa reação foi severamente punido, atingido no ombro por um sádico oficial da SS com um bastão de madeira, e caiu no chão ensanguentado.



99. Campo de concentração de Sered. Tchecoslováquia (atual Eslováquia), 1941-1944. Fotografia não identificado. Acervo *Slovensky Narodny Archiv*, Eslováquia.

Era Natal de 1944 quando Tom e sua mãe chegaram ao campo de Theresienstadt, ambos permaneceram até maio de 1945, e “o lugar estava lotado e eu dormia junto a minha

mãe”, recorda-se. Na verdade, ele e Lazbeta estavam destinados a Auschwitz, mas o trem teve de interromper o trajeto por falta de trilhos que foram destruídos pelo exército soviético, o qual avançava na luta contra os nazistas.

Em Theresienstadt havia fome e era comum as crianças perambularem pelo campo sem agasalhos a furtarem comida e, às vezes, realizavam alguns trabalhos, reservando aos adultos o trabalho árduo.

Até hoje recordo-me do frio que sentia por falta de roupas e calçados adequados, pelos banhos coletivos com água gélida e por não ter um cobertor. Ainda sinto meus dedos das mãos e dos pés congelados. A comida era péssima, o pão possuía um gosto amargo e a sopa era aguada, incrementada com batata ou algum legume podre. Minha mãe trabalhava forçosamente todos os dias por 14 ou 15 horas seguidas, geralmente das 6 às 21hs, e eu pouco a via. Tinha dias em que estava na cozinha limpando verduras, lavando panelas ou fazendo outras tarefas como produzir roupas e calçados usados para os nazistas.

Houve uma vez em que ele ficou doente, teve caxumba e febre muito alta. Foi salvo graças à outra prisioneira a quem sua mãe pediu ajuda.

Essa mulher era médica, costumava trabalhar com minha mãe na cozinha e arriscou-se ao roubar do ambulatório dos oficiais nazistas um medicamento para baixar minha febre.

No campo de concentração, Tomas aprendeu a ler e se juntou a um grupo de desenho e pintura montado por uma artista plástica tcheco-alemã e pode aprimorar seu talento. “Deixei todos meus desenhos em Terezin”, lamenta-se. Ainda em Theresienstadt, após a chegada de judeus dinamarqueses, o rei do país determinou uma vistoria da Cruz Vermelha, realizada em 1944, para inspecionar as condições de vida dos deportados.

O comando nazista do campo ergueu uma operação para ludibriar a Cruz Vermelha. Mandou limpar e esvaziar o local. Ergueram-se um café, lojas, biblioteca, banda de música, encenaram uma peça e roupas novas foram distribuídas. A organização convenceu-se que os deportados eram bem tratados e que não havia com o que se preocupar.

Cinco meses após serem encarcerados no campo concentracionário de Theresienstadt, o exército russo tomou o lugar dos nazistas pondo fim à tortura de muitos que estavam lá.

O exército russo adentrou pelo campo com bandeiras flamejantes sobre os tanques. Ganhei de um soldado um tablete de chocolate. Tinha um gosto horrível, mas para alguém que jamais comera chocolate, parecia uma iguaria.

Tom recorda-se que ao deixar o campo, com sete anos, pesava 16 quilos e com sua mãe foram repatriados a Kosice, em setembro do mesmo ano.

Reencontro com o pai

Ao serem libertos, Lazbeta e Tom não tinham ideia qual destino Alexander tomara e ficaram na casa de uma parente na esperança de reencontrá-lo. Três meses após o fim do conflito, Alexander chegou a Kosice, pesando 42 kg. Tom soube que o pai sobrevivera não apenas a um campo de concentracionário, mas à marcha da morte, a um tiro no ombro durante a caminhada e à agonia de ser deixado ao relento para morrer. Foi salvo pela Cruz Vermelha que o levou para um hospital polonês. O ferimento causado pelo tiro e a paulada no mesmo ombro deixaram uma lesão permanente nessa região do corpo de seu pai.

Em 1948 Alexander Venetianer decidiu deixar a Europa rumo ao Brasil, pois não “ficaria em um lugar onde assassinaram nossa família”.

A vinda para o Brasil

De posse de documentos falsos que um pastor protestante amigo da família confeccionou, tal documentação era necessária para solicitar o visto como cristãos para o Brasil, mas as certidões não foram suficientes para a autorização, pois o governo exigia que o patriarca tivesse uma carta convite de alguma empresa brasileira, provando que viria empregado. Parentes do lado materno ajudaram Alexander a conseguir o documento e a família pode desembarcar no Brasil em 24 de junho de 1948 na embarcação Kerguellen, sendo recebidos por uma prima.

Fixaram residência na cidade de São Paulo e Tom estudou em escolas laicas, sem ligação com judaísmo, mas não se afastou da religião. Aprendeu português e trabalhou como vendedor de tapetes à prestação. Conseguiu se formar em Engenharia Eletrônica pela Universidade de São Paulo – USP e em Administração pela Fundação Getúlio Vargas – FGV.

Casou-se em 1963 com uma sobrevivente húngara naturalizada brasileira, Suzana Venetianer, e é pai de duas filhas e avô de cinco netos. Atualmente, profere palestras sobre o Holocausto e prepara o lançamento de um livro em inglês sobre a história dos judeus eslovacos durante a guerra

3.2.10. Rafael Teitelbaum³⁷⁹



100. Rafael Teitelbaum. s.l., s.d. Fotografia não identificado. Reproduzido do jornal *ONU News Perspectiva Global Reportagens Humanas*, EUA.

Nascido no dia 19 de junho de 1927, na cidade de Cluj, na Romênia. Seus pais se chamavam Hermina e Herman Teitelbaum, os avós paternos Helena e Arie Teitelbaum e os maternos Clara e Rafael Rubenstein. Seu avô materno era muito rico, a família trabalhava no ramo de serralherias.



101. Avô [paterno ou materno?] de Rafael Teitelbaum. s.l., s.d.

³⁷⁹ TEITELBAUM, Rafael. Testemunho concedido por Rafael Teitelbaum à Maria Luiza Tucci Carneiro, com iconografia e transcrição de Rachel Mizrahi. pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, s/d. Arqshoah/Leer-USP.

Fotógrafo não identificado Acervo *Rafael Teitelbaum/RJ*, Brasil.

Rafael era filho único e aos onze anos perdeu a mãe. Hermina era violinista formada em conservatório e tocava em uma orquestra como *spalla*.³⁸⁰ No fim da década de 1930, seu pai ficou doente, acometido pela tuberculose. Preocupado com o filho, Herman – Rafael não gostava de estudar – colocou-o em algum lugar onde aprendesse uma profissão. O menino escolheu a profissão de eletricitista, contrariando a vontade do pai que sonhava que Rafael aprendesse o ofício de fabricar bolsas, como aprendiz de um senhor chamado Weiner. Na mesma época, seu pai levou-o para um orfanato chamado Joint, pois sua saúde não permitia que cuidasse do menino.

Estava com cerca de doze anos e não gostava desse lugar. Decidi fugir e fiz uma cópia das chaves do zelador. Busquei abrigo na casa de uma prima da minha mãe, chamada Berta, e que morava na cidade.

Pouco tempo depois, fugiu do orfanato e escreveu para a única irmã de sua mãe, Lea Rubenstein, que morava em Borgóprund (Romênia), um *shtetl* próximo.

Essa tia morou conosco em Cluj quando minha mãe ainda vivia. Ela era uma segunda mãe para mim, pois me criava com muito carinho. Naquela época, ela não sabia que eu estava trabalhando na oficina. Quando soube pela minha carta, mandou-me dinheiro para que fosse a sua casa.

As perseguições antisemitas pelos húngaros

No ano de 1940, quando Rafael estava com treze anos, viu os romenos saindo e os húngaros entrando com os canhões. “A gendarmeria húngara era extremamente antisemita”. Em Borgóprund havia uma grande fábrica de papel pertencente a dois judeus poloneses, chamados Schneyer e Freyer, onde Rafael conseguiu um emprego como aprendiz. “Encontrei um eletricitista, Salinski, que me ajudou e comecei a trabalhar na profissão”. Mais tarde, os húngaros tiraram essa fábrica dos seus proprietários e instituiu-se o uso obrigatório da estrela amarela presa às vestimentas dos judeus.

³⁸⁰ *Spalla* ou concertino é o nome dado ao primeiro-violino de uma orquestra. Posiciona-se na orquestra a primeira estante, à esquerda do maestro, antes da entrada do mesmo. É o responsável pela execução de solos e atua como regente substituto, repassando aos outros músicos as determinações do maestro. Em uma orquestra, os violoncelos têm também um violoncelista considerado *spalla*. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Spalla”. *Encyclopedia Britannica*, 06 ago. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/spalla>. Acesso em 15 jul. 2020.

Herman faleceu quando Rafael estava na casa da tia Lea, mas ele não pode comparecer ao enterro, pois a cidade ficava a alguns quilômetros e o único meio de chegar rápido era utilizando o transporte ferroviário, mas aos judeus não era permitido utilizar nos trens.

Certa manhã, quando estava para sair de casa, dois húngaros nazistas disseram que eu não poderia sair e, sem explicações, me mandaram voltar para casa. Meu tio, David Rubenstein, irmão de minha mãe, que morava conosco, foi ver o que acontecia, e os dois homens disseram que judeus já não podiam mais sair nas ruas.

As deportações para o gueto

Certo dia apareceu um homem tocando tambor e anunciava que os judeus deveriam permanecer em suas casas até a noite e arrumar suas coisas, pois iriam ser levados. Os deportados viajaram por três ou quatro quilômetros até o Gueto de Bistrita.³⁸¹

Empacotamos nossos pertences e, realmente, pela noite chegaram carroças, que carregaram os que não podiam andar, e nós fomos ao lado, andando. Chegamos a um lugar grande, onde uma vez por mês servia como mercado para troca de animais e outras coisas. Nesse local nos disseram para esperar que de madrugada outras carroças viriam para nos levar a um lugar mais confortável. Sem abrigo, colocados no chão, meu tio, que tinha muita madeira por conta dos negócios da família, ofereceu trazer material e construiríamos barracos de madeira. Aceitaram e as pessoas começaram a construir.

Rafael permaneceu no local por quatro semanas e diante do cenário desolador ingressou na Cruz Vermelha para ajudar os doentes no hospital do Gueto. “Era horrível a situação,” lembra-se. Em outro momento, Adolf Eichmann³⁸² foi ao Gueto para pedir dinheiro aos confinados sob a condição de viver, mas “ninguém possuía dinheiro”.

³⁸¹ Um dos guetos nazistas durante Guerra Mundial. Instalado na Fazenda Stamboli localizava-se cerca de 3 km da cidade de Beszterce, Condado de Beszterce-Naszód, no Reino da Hungria (atual Condado de Bistrița, Bistrița-Năsăud na Romênia), quando o território se tornou parte da Hungria novamente desde a concessão do Segundo Viena de 1940 da Transilvânia do Norte até o fim da guerra. O gueto consistia em vários quartéis e pocilgas. Chegou a abrigar cerca de 6 mil judeus trazidos das comunidades vizinhas e foi liquidado com a deportação de seus prisioneiros para Auschwitz em dois transportes em 2 e 6 de junho de 1944. NOGUEIRA, Adeilson. *Bristitsa – cidades do mundo*. Ed. Clube de Autores, s/d. p.11. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=LSR6DwAAQBAJ&pg=PA11&lpg=PA11&dq=Gueto+de+Bistrita&source=bl&ots=BYEIDmyNaB&sig=ACfU3U08VibLiXXAsRGV-dLqzHEul8aAvw&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiUz9npxLzsAhWVILkGHVJUCCQQ6AEwBHoECAUQA#v=onepage&q=Gueto%20de%20Bistrita&f=false>. Acesso em 17 out. 2020.

³⁸² Otto Adolf Eichmann foi um SS-Obersturmbannführer da Alemanha Nazista e um dos principais organizadores do Holocausto.

Auschwitz

Após a visita de Eichmann, os prisioneiros foram deportados para Auschwitz. Rafael rememora com clareza os primeiros momentos no campo concentracionário.

Havia uma estrada de ferro a alguns quilômetros do Gueto. Soubemos que estava chegando um trem. Quando chegou, deixou cerca de cinco vagões de gado. Nessa época eu estava junto de minha tia Lea, tio David, e outros parentes. Lembro-me que colocaram cento e vinte pessoas dentro de um vagão. A viagem começou e, após um tempo, chegamos a um lugar desconhecido. Consegui ler na entrada "*Arbeit macht frei*" ("o trabalho liberta"). Não sabíamos o que se tratava. O trem foi aberto e descemos em uma plataforma guardada a cada cinco metros por um SS, segurando um cachorro para nos vigiar. As mulheres seguiram para um lado e os homens a outro. Meu tio David pegou minha mão e me disse: "Rafael, agora ficamos só nós dois. Vê o que eu falo e repita da mesma forma, porque não sei o que irá acontecer".

Como todo campo, o esquema de segurança era forte, o controle sobre os prisioneiros rígido, e a violência contra os encarcerados era comum. Esses sujeitos ficavam sob um regime de alimentação de baixa qualidade, pouca higiene e nenhuma privacidade. Existia uma dinâmica que envolvia os transportes lotados até a chegada, era cruel e muitos sequer completavam a viagem. Na plataforma ao som de uma banda eram separados dos seus familiares todo aquele que não serviria como mão-de-obra, tais como doentes, idosos, crianças e deficientes, e eram encaminhados para a morte. Joseph Mengele acompanhava de perto essa seleção.

De repente vi um homem de jaleco branco, um SS com botas e sem quepe, uma pessoa simpática. Soube depois que era o Dr. Mengele. Eu o considero "o salvador da minha vida". Eles tinham chicotes de couro para bater nas botas e fazer barulho. Ele colocou esse chicote no meu tio e disse "Está com saúde ou está doente?" Meu tio falou que tinha diabetes, pois achou que o levariam para se tratar. Meu tio foi mandado para um lado. Chegou minha vez, "Está com saúde ou está doente?" Eu me estiquei bem e disse que estava saudável, e ele me mandou para o outro lado. Olhei para o lado onde meu tio foi e vi chaminés. Pensei que eram fábricas.

Passada a triagem, na qual maioria era destinada a morte, aqueles que restavam eram obrigados a se despojar de seus pertences, passar por um "banho" para serem tatuados e registrados como prisioneiros.

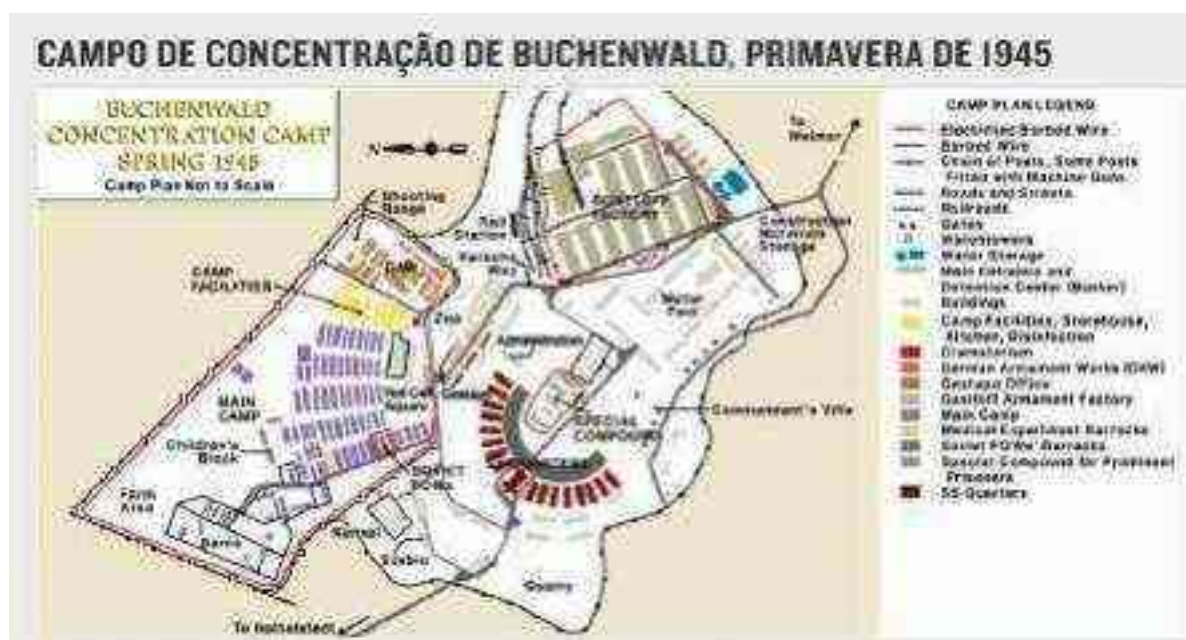
Para o lado em que fui, estavam ciganos que nos ajudaram muito. Chegou um judeu, de roupa listrada, falando húngaro, disse: "Meus irmãos, infelizmente nós estamos aqui, e me mandaram para explicar algumas coisas: vocês são todos da Hungria. Tirem a roupa e as deixem em um lugar para que possam encontrar depois. Apenas, levem os sapatos. Rápido!" Tirei minhas roupas, deixando junto minha mochila onde estava o envelope que minha tia havia me dado antes de irmos para o gueto. Eram fotografias de família. Caminhamos e o homem disse "Se alguém tem no sapato, na sola, alguma coisa como brilhantes, vocês precisam tirar, porque passarão por um raio-x e, se virem que vocês têm algo, vão matá-los". Nossos cabelos foram raspados, entramos em uma piscina para desinfetar que fazia a pele arder. Após isso, fomos para um quarto onde recebemos roupas listradas. O homem gritava para agirmos rápido.

Os barracões eram divididos em blocos e superlotados, os prisioneiros dormiam no chão frio de lado para caberem todos e sob condições higiênicas inexistentes.

À noite, dormimos no chão frio, de madeira. Éramos mais ou menos cinquenta pessoas, e ninguém queria deitar-se por último, pois ficaria com mais frio. De repente, chegou um homem de roupa listrada e perguntou por pessoas que entendiam de construção. Eu me apresentei como eletricista. Ele nos disse que sairíamos daquele lugar – o que foi a nossa sorte - e iríamos a um lugar chamado Buchenwald, local de trabalho, onde seríamos registrados.

*Buchenwald*³⁸³

³⁸³ Um dos maiores campos de concentração criados pelos nazistas. Foi construído em 1937 em uma área arborizada na encosta setentrional da floresta de Ettersberg, a cerca de 8 quilômetros a noroeste da cidade de Weimar, situada na área centro-leste da Alemanha. Aberto para a acomodação masculina em julho de 1937 e aproximadamente, no início de 1944, mulheres não eram detidas naquele sistema de campos de concentração. Os detentos eram confinados na seção norte do campo, em uma área conhecida como o “campo principal”, na parte sul estavam as barracas dos guardas das SS e o complexo administrativo. O campo principal era rodeado por cercas de arame eletrificado e farpado, torres de vigilância, e uma rede de sentinelas armadas com metralhadoras automáticas. A área de detenção, também conhecida como *Bunker*, ficava na entrada do campo principal. Executava-se os prisioneiros fuzilados nos estábulos ou os enforcavam na área do crematório. Os primeiros detentos eram prisioneiros políticos. Contudo, em 1938, após o massacre da *Kristallnacht*, os agentes das SS e da polícia alemã enviaram judeus. Depois chegaram criminosos reincidentes, Testemunhas de Jeová, ciganos roma e sinti, e desertores militares. Este foi um dos únicos campos de concentração a manter como prisioneiros pessoas acusadas de “preguiça”, indivíduos que o regime encarcerou sob a acusação de serem “antissociais” porque não podiam, ou não queriam, conseguir uma ocupação lucrativa. Em Buchenwald, ocorria um programa diversificado de experiências “médicas” com os prisioneiros, cujo objetivo era testar a eficácia de vacinas e tratamentos contra doenças contagiosas como o tifo, a febre tifoide, a cólera e a difteria, experiências estas que resultaram em centenas de mortes. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “Buchenwald”. *Encyclopedia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/buchenwald>. Acesso em 16 jul. 2020.



102. Campo de concentração de Buchenwald. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.



103. Entrada do campo de concentração de Buchenwald. Alemanha, s.d. Fotógrafo não identificado. Acervo *Buchenwald Memorial*, Alemanha.

Ao informar seus conhecimentos em elétrica a um integrante do Comando Canadá, transferiram-no para outro campo onde passou a trabalhar arduamente.

Fomos de trem a Buchenwald, onde as coisas eram um pouco diferentes. Davam-nos batatas, ou seja, um pouco mais de comida, mas não parávamos de trabalhar, carregando pedras. Certo dia, juntaram os que haviam falado que sabiam de construção – mais ou menos trinta pessoas – e disseram que iríamos para a região de Westfalen, no interior da Alemanha. No trem, no caminho, dividiram o vagão em duas partes, quinze pessoas de cada lado,

acompanhadas de dois SS. Pelas janelas vimos chaminés: era uma área de muitas fábricas. Estávamos por volta do mês de junho de 1944.

Depois de dias de viagem, chegaram a um lugar na cidade de Bochum, onde havia barracas e camas de dois andares. Encheram os colchões com palha e receberam cobertores. As condições eram bem diferentes, melhores. Juntaram as pessoas que haviam se apresentado, mas apenas Rafael e um amigo Ervin Deutsch foram deixados de fora.

Fomos levados para descarregar sacos de cimento de um caminhão. Após duas semanas, senti que já não aguentaria mais. Cheguei a um SS de alta patente e expliquei que era eletricista, mas haviam me colocado para descarregar sacos de cimento. Ele brigou comigo e me deu vários pontapés e tive que voltar ao trabalho. Esse SS colocou os olhos em mim, me chamando de "o pequeno com óculos". Eu havia arrumado um inimigo.

Rafael sentiu que não aguentaria por muito tempo o trabalho de descarregar sacos de cimento. Precisava escapar e, ao analisar as possibilidades, percebeu que todo dia por volta das dez horas da manhã um SS de mais alta patente andava pelo campo, acompanhado de um cachorro.

Todos os outros SS tinham medo dele. Resolvi falar com esse SS e aproveitei quando ele estava passando, cheguei perto, tirei o chapéu, o cachorro imediatamente rosou, ele o segurou e perguntou o que eu queria. Respondi em alemão, explicando que tinha dezesseis anos, era eletricista e achava que a Alemanha ganharia muito mais se eu fizesse esse serviço do que carregar sacos de cimento. Ele perguntou se eu havia pedido a alguém que me colocasse no serviço de eletricista, respondi que sim e acrescentei que tinha outro amigo comigo que também trabalhava nessa área. Ele me olhou, senti que estava prestes a morrer. O cachorro ladrou novamente e ele segurou. Tirou a luva, pegou um lápis e anotou o meu número: 59809. Não fazia ideia do porquê. E disse: "Desaparece!"

Rafael voltou ao trabalho e, no mesmo dia, à hora do almoço – enquanto comiam uma sopa cheia de pedrinhas – entrou o primeiro SS a quem havia pedido para mudar de trabalho, e que o golpeou.

Ele gritou: "59809!" Eu me levantei e ele disse "Você, de novo? Você foi ao Oberstgruppenführer?" Eu respondi: "Sim, porque sou eletricista". Ele me bateu e mandou que fosse com ele. Cheguei a um lugar e vi um homem, chefe dos eletricistas, um alemão comunista – que soube depois ser um homem de ouro.

O SS falou ao homem que testasse Rafael para ver se era realmente electricista e, também se não fosse, contasse. O SS saiu e o chefe dos electricistas envolveu-o com o braço e começou a conversar.

Eu disse que sabia um pouco do trabalho – havia aprendido teoria enquanto trabalhava na fábrica de papel em Bórgoprund. O homem gostou de mim e me colocou entre os electricistas que faziam cercas elétricas. Éramos oito pessoas e meu amigo Ervin também foi comigo e a vida se tornou um pouquinho melhor.

Ao mudar o posto de trabalho, a alimentação que recebia também cambiou e passou a receber um pouco mais de comida.

Era 1944, recebíamos pela manhã um café sem açúcar. No almoço, uma sopa rala cheia de pedrinhas e, algo que eu considerava muito bom: um quarto de pão preto para cada pessoa, com um pedaço de salame e um pouco de marmelada. Isso valia milhões para a gente. Valia ouro! Eu cortava em pedaços pequeninhos para durar mais e comia devagar.

Mas o trabalho continuava extenuante com longas jornadas. Durante uma delas, ao demonstrar cansaço, foi duramente castigado, porém contou com a piedade de outro prisioneiro para ajudá-lo a se recuperar.

Uma vez me mandaram fazer um buraco no chão para outras pessoas colocarem um poste de luz. Quando terminei, sentei-me do lado, porque estava cansado. De repente vi perto de mim dois sapatos pretos: olhei para cima e vi um homem vestido de preto, de chapéu. Já sabia que quem andava vestido assim, com um emblema de caveira: ele era da Gestapo. Eu me levantei e ele disse que eu estava sabotando. Mandou-me sair e anotou meu número escrito em meu uniforme, 59809. Pela noite, o SS a quem pedi pela primeira vez que me mudasse de trabalho, anunciou meu número. Quando me apresentei ele perguntou: “De novo você?”. Levou-me e disse que já não aguentava mais e propôs que eu escolhesse entre receber vinte e cinco chibatadas ou receber o pão que eles davam. Respondi que preferia as chibatadas, quando em verdade eu preferia o pão, pois eu estava morto de fome. Ele me mandou abaixar as calças e começou a me bater. Na quinta ou sexta chibatada eu já não sentia mais nada: tenho ainda hoje as cicatrizes. Quando terminou de me bater, mandou que me levassem, porque eu não podia caminhar. Meus amigos me levaram, colocaram-me na água gelada, e, quando me deitei, comecei a comer meu pão, cortando devagarinho com a colher em pedaços pequenos. E não chorava. Demorou muito tempo até que consegui voltar a andar. Em Bochum (Alemanha), havia um homem húngaro, chamado Mick Weiss, nascido na mesma cidade que eu, e que era o chefe do Campo. Ele tinha dó de mim e deixou que ficasse durante dois dias na cama, e ninguém apareceu para me punir.

Nesse meio tempo, os russos avançavam e os canhões atirando eram ouvidos de longe. Em vinte e dois de novembro de 1944 o campo em Bochum foi bombardeado. Esse local se tornara maior com a chegada de poloneses, lituanos e pessoas de outros lugares. Havia uma grande fábrica de cartuchos de canhões. Quando os bombardeios começaram, todo dia pela manhã os SS faziam o que eles chamavam de “Appel”: contavam as pessoas no campo para saber se alguém havia morrido ou fugira. Os soldados ao ouvirem os canhões dos russos mandaram evacuar o campo, batendo nos prisioneiros.

Eu estava decidido a voltar ao crematório de Buchenwald, para que não me levassem caminhando para fora. Sabíamos que quem caísse eles matariam, estava muito fraco para andar e não queria morrer.

No crematório, me escondi sob os corpos dos mortos. Fiquei ali por cerca de um dia e, à noite, quando vi que estava tudo quieto, decidi sair. Vi soldados andando e procurando pessoas com refletores. Fui me escondendo das luzes até chegar ao *Kinderlager*, onde encontrei Ervin e seu irmão, Octavian. Eles não haviam sido levados com todos os outros. Como a cozinha do local estava aberta, eles foram e me trouxeram metade de um pacote grande de margarina para que eu comesse e me sentisse melhor.

A libertação

Rafael permaneceu em Bochum até o dia da libertação, 11 de abril de 1945.

Considero esse dia meu segundo aniversário. Assisti ao discurso do General Eisenhower no Campo de Buchenwald. Nesse mesmo lugar, estava o famoso rabino Lulek, uma criança na época.

Durante o discurso, Eisenhower mandou que me dissessem em alemão que a partir daquele momento eu seria filho dele, pois ele havia adotado as crianças de Buchenwald como seus filhos. Poderíamos ir para onde quiséssemos quando saíssemos. Pedi que respondessem a ele que eu iria para a Palestina. Ele me olhou e me deu um abraço e me perguntou o porquê de ir para a Palestina. Respondi: queria uma pátria pela qual lutasse por ela.

Com a libertação de Buchenwald pelos americanos, Rafael e seu amigo Ervin decidiram ir até o escritório dos SS procurar pelos seus documentos. Nesse lugar, acharam suas fichas de prisioneiros e as levaram.



104. Ficha de Rudolf Deitelbaum [Rafael Teitelbaum] como prisioneiro do campo de Buchenwald. Documento recuperado por Rafael, do escritório nazista, após sua liberação do campo. Alemanha, 1944. Acervo *Rafael Teitelbaum/RJ*, Brasil.

O destino das crianças de Buchenwald

Havia muitas crianças aprisionadas no campo de concentração concentracionarios de Buchenwald que, quando libertadas, os americanos levaram-nas em trens de luxo e receberam identificações.

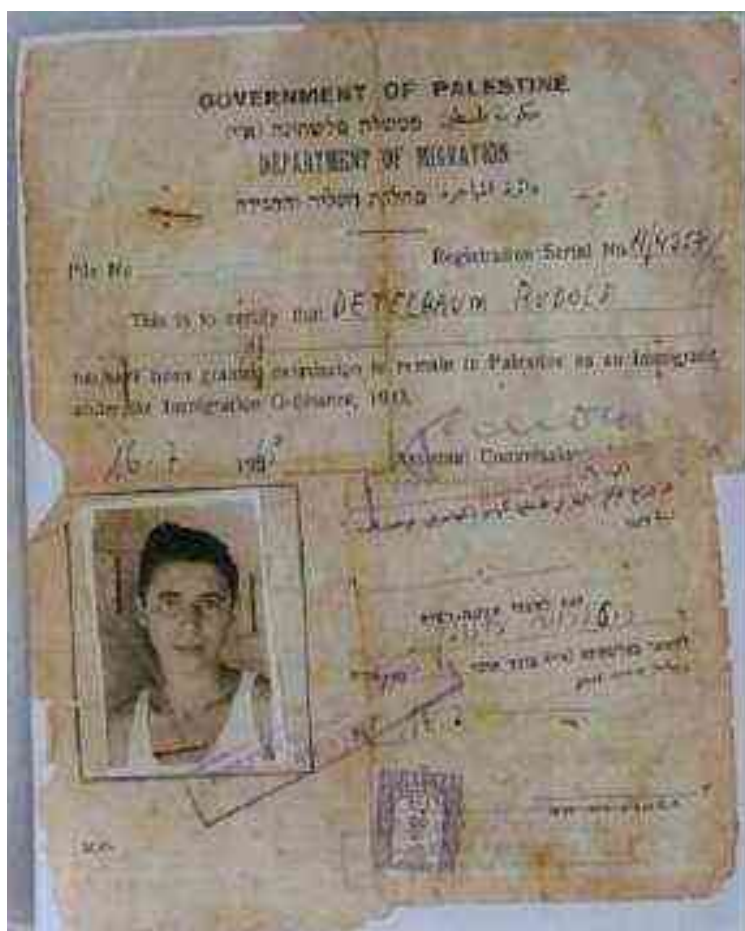
Tivemos o que havia de melhor. Fomos levados à França, onde recebemos cuidados. Após um tempo, uma mulher judia apareceu e perguntou para onde queríamos ir. Disse que queria ir para a Palestina.



105. Documento de identificação provisório de Rudolf [Rafael] Teitelbaum, expedido pelas forças norte-americanas para identificação dos ex-prisioneiros do campo de Buchenwald. Buchenwald, 5 maio 1945. Acervo *Rafael Teitelbaum/RJ*, Brasil.

Após o resgate dos campos e a recuperação da saúde, tentava-se reinserir os sobreviventes na sociedade. Rafael escolheu procurar por seus familiares que viviam na Palestina.

De ônibus, fui para Marselha, onde fiquei quatro semanas. Nessa cidade já nos ensinavam músicas em hebraico, e esperamos por um navio inglês que nos deixou em Haifa em julho de 1945. Nessa cidade, um homem me perguntou se eu tinha parentes na Palestina, e disse que três tias moravam lá. E ele anunciou no rádio por elas. Quando cheguei à Palestina queria aprender a matar. Mas, primeiro fui levado para o Colégio Mikveh Israel, onde os jovens eram preparados para trabalhar em *kibutz*. Mas eu queria servir o Exército. Uma tia minha soube de mim pelo anúncio no rádio e me levou para sua casa.



106. Documento de permissão em nome de Detelbaum Rudolf [Rafael Teitelbaum] para entrada na Palestina. Haifa, 16 jul. 1945. Acervo *Rafael Teitelbaum/RJ* Brasil.

Na Palestina começou a trabalhar sempre na companhia de Ervin e Octavian Deutsch. E, mais tarde, juntou-se à Maiga Chaia Hirsch. No Exército conheceu a esposa e após se casarem decidiram emigrar para o Brasil em 1955.

Seguimos primeiro para o Uruguai. Octavian Deutsch, que estava no Brasil, nos chamou para trabalhar com ele. Chegamos e nos instalamos na cidade de Porto Alegre.

Hoje tenho três filhos, sete netos e quatro bisnetos. O momento que mais marcou minha vida ao me deixar feliz foi quando me casei com minha esposa Ester. Depois vieram os casamentos dos filhos e netos, e o nascimento de meus bisnetos.

O dia mais marcante para mim foi 11 de abril de 1944, quando os americanos entraram em Buchenwald, e, em uma grande praça, um homem falou em alemão que aquela era a primeira *appel*, a primeira reunião como seres livres. E todos cantaram juntos pela liberdade.

3.2.11. Adam Getlinger³⁸⁴



107. Adam Getlinger. São Paulo, 26 set. 2019. Fotografia de Raissa Alonso. Acervo Arqshoah/Leer-USP, São Paulo, Brasil.

A história de Adam Getlinger não é muito comum. Nascido em 08 de outubro de 1937, em Viena, na Áustria, onde permaneceu por apenas 14 dias, após seu pai deixar a cidade com destino à Polônia.

Minhas raízes

Seus avôs maternos eram Salomon Alster e Sobel Sperber, o avô paterno tinha sobrenome Urbano, o sobrenome Göttlinger era da primeira esposa (posteriormente o sobrenome teve sua grafia modificada ainda na Polônia no pós-guerra para Getlinger), a segunda esposa e avó paterna de Adam, chamava-se Machta Schaller.

Avôs paternos eram de Kolomyia, na Polônia, antiga Galícia, uma região do Império Austro-Húngaro, que depois da guerra de 1914-18 voltou a pertencer à Polônia e hoje está na Ucrânia. Os avôs maternos viviam em uma cidade chamada Jaroslaw (Polônia). A mãe biológica chamava-se Adelle Schaller, quando solteira seu sobrenome era Alster.

³⁸⁴ GETLINGER, Adam. Testemunho concedido por Adam Getlinger à Maria Luiza Tucci Carneiro, Esther Neistein e Rachel Mizrahi, iconografia Raissa Alonso e transcrição de Rebeca Moura, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 26 set 2019. Arqshoah/Leer-USP.

Alguns familiares, que ainda vivem nos Estados Unidos, disseram-me que ela formou-se em farmácia na universidade de Praga. Minha mãe tinha 21 anos e 5 meses quando morreu. Era cardíaca e oficialmente não poderia ter filhos, mas quando estava no sexto mês de gravidez resolveu arriscar e junto com meu pai foram para Viena, onde já tinham morado e por isso sabiam que lá havia uma escola de Medicina, a melhor da Europa. Tiraram-me em uma operação cesariana. Ela faleceu no instante em que nasci. Não tenho nenhuma fotografia dela. Era uma clínica muito boa onde esperavam que desse para salvá-la, mas, infelizmente, não deu e eu sou resultado desse amor deles.

Seu pai biológico chamava Hertz Schaller, nasceu na cidade de Kolomyia e era último filho da segunda esposa do seu avô. Tinha o desejo de se tornar médico, mas não pode estudar na Polônia que naquela época já havia estabelecido cotas para ingresso dos judeus nas universidades.

Havia cota nas universidades que dependiam da quantidade de poloneses, ucranianos ou judeus existentes na cidade. Obviamente, o grosso dos judeus queria estudar e os ucranianos não precisavam. Mas, por conta das cotas ele não pode entrar. Decidiu ir para a Universidade de Praga, depois fez residência em Florença, na Itália, e ao concluir os estudos retornou à Polônia.

Seus pais se casaram em 1934 e Adam acredita que eles não possuíam uma “vida judaica. Duvido se comemoravam alguma festividade judaica. Eram simplesmente judeus”. O pai biológico faleceu nos primeiros dias da guerra, quando a Polônia foi atacada em 1º de setembro de 1939.

Quando ele morreu eu tinha dois anos. Não sei se ele levou um tiro ou teve uma apendicite que não pôde ser tratada, e quando o trouxeram para a cidade para ser operado já era muito tarde, pois já estava com peritonite total. Não tenho nenhuma memória, além de algumas fotografias, possivelmente eu convivi com ele na cidade de Boryslaw (Polônia). Até onde soube, ele foi candidato a prefeito pelo Partido Comunista, obviamente porque só eles aceitavam judeus em seu partido.

Com o falecimento do pai, Adam foi entregue aos tios Maksymilian e Leontyna Getlinger, que tinham duas filhas adultas.

tive duas irmãs de criação, Helena Getlinger depois que casou virou Helena Herzig³⁸⁵; a outra era Herne Getlinger. Conheci ambas vagamente. Durante a guerra, lembro-me de uma ou duas ocasiões em que elas estavam comigo, possivelmente na época em que lá estavam os russos, ou no começo, quando os alemães entraram. Mas nunca mais soube delas. Quando entrei na idade de poder lembrar posteriormente dos acontecimentos, já estávamos em plena guerra, período em que tenho poucas recordações daquelas irmãs de criação. Parece que elas gostavam e cuidavam de mim na época dos russos. A diferença de idade delas para mim era grande.

Seu pai adotivo Maksyilian era meio-irmão de Hertz Schaller e Adam passou a viver com o casal na cidade de Drohobycz (Polônia, durante a guerra anexada a Ucrânia Soviética e atual Ucrânia)³⁸⁶ e para ele, independente das circunstâncias, são sua verdadeira família.

Fui entregue para os meus tios quando meu pai morreu. Durante muito tempo minha mãe adotiva escondeu o fato de que eu não era o filho biológico dela. E não foi ela quem revelou esse fato. Então, o meu tio que é oficialmente meu pai, sempre foi. Ele era irmão do meu pai e entregou para eles. Minha tia era uma mulher muito enérgica, me espancava bastante. Chamava-se Leontyna Getlinger, ela se tornou oficialmente, depois que viemos ao Brasil, Leontyna Maria Getlinger. Maria porque resolveu se batizar nos últimos dias da guerra. Foi uma promessa que fez lá pra virgem que ia se batizar e criar os filhos dela e netos na religião católica, e fez isso.

Russos e Alemães: aliados para invadir a Polônia

Com a invasão da Polônia pelos alemães nazistas e russos, Hitler e Stalin celebraram um pacto conhecido como Molotov-Ribbentrop³⁸⁷, e a Polônia, em especial a cidade Drohobycz, passou para a União Soviética. A família não sofreu os impactos dessa ofensiva.

³⁸⁵ Helena foi a primeira esposa do médico Alfred Herzig que após seu assassinato pelos nazistas casou-se com Beate Herzig.

³⁸⁶ Cidade de importância regional no Oblast de Lviv, na Ucrânia. Em setembro de 1939, como resultado da invasão alemã e soviética da Polônia, a cidade foi anexada à Ucrânia soviética. No início de julho de 1941, durante as primeiras semanas da invasão nazista, a cidade foi ocupada pela Alemanha nazista. Antes da guerra, Drohobycz tinha uma comunidade judaica significativa, cerca de 15 mil pessoas. Após a entrada dos alemães na cidade, os nacionalistas ucranianos iniciaram um pogrom, com duração de três dias, apoiados pelos militares alemães. Durante 1942, houve várias seleções, deportações e assassinatos nas ruas, novamente liderados por tropas alemãs e policiais auxiliares ucranianos. Em outubro de 1942, estabeleceu-se o gueto. Em junho de 1943, a administração alemã e as tropas liquidaram o gueto, apenas 800 judeus de Drohobycz sobreviveram. A ocupação alemã terminou com a chegada do Exército Vermelho em 6 de agosto de 1944. MOTYLEWICZ, Jerzy. “Comunidades étnicas nas cidades da fronteira polonesa-ucraniana nos séculos XVI, XVII e XVIII”. In: *Galiza: uma terra multicultural*. CM Hann; Paul R. Magocsi (eds.). University of Toronto Press, 2005, p.37.

³⁸⁷ Pacto assinado em Moscou no dia 23 de agosto de 1939, entre Alemanha e União Soviética de não agressão, no qual se comprometiam a não atacar uma à outra e a se manter neutras se uma delas fosse atacada por uma terceira potência. Além disso, o acordo continha cláusulas secretas, que incluíam a divisão dos países bálticos e os do Leste Europeu entre nazistas e comunistas. Esse foi o Pacto Germano-Soviético, ou Molotov-Ribbentrop,

Maksymilian Getlinger, com quem eu devia viver nessa época, era médico, ginecologista-obstetra, e combatente da 1ª Guerra Mundial do lado dos austríacos, o que não significava nada para os russos. Mas como era coronel médico do exército polonês, os russos fizeram dele coronel médico do exército russo e com isso nossa vida era ótima.

Como isso aconteceu: as mulheres dos oficiais russos precisavam de atendimento e meu pai adotivo fazia-o. Como era uma pessoa de convivência muito fácil. Era um homem muito bom pela própria natureza que fazia amigos com facilidade e logo fez amizade com os russos, rapidamente foi muito benquisto.

Minha mãe adotiva³⁸⁸ também se beneficiou dessa amizade, pois como ex-dona de petróleo era uma candidata a ser mandada para a Sibéria imediatamente como burguesa, *burzhnaznyy*. Mas, pela amizade que meu pai adotivo possuía com os russos passaram borracha em cima disso. A nossa vida era muito boa, normal... infelizmente.

Na época, a família recebeu um telefonema de um primo alertando para não se iludirem, pois a situação poderia piorar a qualquer momento para os judeus.

Um primo de minha mãe, Henryk, também de sobrenome Spitzman como ela em solteira, era o responsável pela venda do petróleo da família. Naquela época, o mercado central de petróleo ficava em Paris. Quando os alemães invadiram o norte da França, tomando metade do país, ele foi para o sul do país, e de lá começou a telefonar (naquela época era possível telefonar para a nossa parte da Polônia), dizendo que aquilo tudo viraria um inferno. “Saíam daí de qualquer maneira”, ele insistia. “Eu estou aqui jogando bridge e conheci o cônsul brasileiro, ele me ofereceu a chance de ir de navio para o Brasil com toda a família.” (Por isso, aliás, que estou aqui)

No entanto, ele não conseguiu convencer a família. O pai de minha mãe adotiva achava que a situação não era tão ruim, meus pais achavam que os alemães iriam comportar-se como seres civilizados, como na 1ª Guerra. Nenhum deles tinha lido o “*Mein Kampf*” (“Minha Luta”) de Hitler, não sabiam o que aconteceria e resolveram ficar.

Em 22 de junho de 1941 a previsão Henryk Spitzman tornou-se realidade com a Operação Barbarossa³⁸⁹, as tropas nazistas avançaram pelo território sob domínio soviético

assim denominado em referência aos seus signatários, representantes dos ditadores Hitler e Stalin, e que foi determinante para a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Mais tarde esse pacto foi rompido quando da invasão alemã ao território soviético, na chamada MINISTÉRIO DA DEFESA. “Operação Barbarossa”. *Exército Brasileiro*, Brasil, s.d. Noticiário do Exército. Disponível em https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/o-pacto-riibbentrop-molotov-23-de-agosto-de-1939. Acesso em 21 out. 2020.

³⁸⁸ De acordo com Adam, sua mãe adotiva possuía o sobrenome Spitzman de nascimento, era filha de Leon Spitzman que era advogado e proprietário de todas as terras que produziam o petróleo que havia ao redor da cidade de Boryslaw. Leon tinha grande influência sobre a Leontynia e também influenciou Adam.

³⁸⁹ Operação militar da Alemanha Nazista que invadiu simultaneamente no leste mais de 1,6 mil km de fronteiras da União Soviética e que contou com a participação de aeronaves da Luftwaffe de Hermann Göring que bombardearam os aviões soviéticos ainda no chão. No primeiro dia, 66 bases aéreas foram atacadas. Cerca de 3,6mil veículos blindados avançaram, seguidos de 700 mil canhões e morteiros. O ataque aconteceu de forma tão

deixando um rastro de destruição e morte pelo caminho. A cidade em que vivia a família Getlinger estava na rota e, como não podia ser diferente, o impacto da ofensiva militar nazista que pretendia enterrar o comunismo e ampliar o espaço vital para a raça ariana.

1941... começa o inferno

No final da noite de 21 junho de 1941, emitiu-se um alerta pelo Ministério da Defesa da URSS às frentes de defesa para que fossem para as áreas fronteiriças com objetivo de combater em prontidão. Porém, algumas unidades quando receberam o informe sobre a invasão nazista, estas já detinham grande vantagem sobre os soviéticos.

Por volta do meio-dia, o ministro soviético das Relações Exteriores anunciou à população sobre a invasão. A essa hora na Alemanha o ministro da propaganda nazista já havia comunicado à população sobre avanço do projeto ideológico de germanização do Terceiro Reich, através da operação militar em terras polonesas sob domínio soviético.

O inferno começou para nós quando os alemães atacaram a União Soviética, em junho de 1941. Os russos, por meu pai ter um excelente relacionamento com eles, ofereceram caminhões, combustível, comida e asseguraram que poderíamos levar nossos móveis.

Ofereceram tudo para que nós fôssemos embora junto com eles. Novamente, por um erro de julgamento, meu pai e os que decidiam na família naquela época, acharam que não era necessário, pois afinal de contas seria muito trabalhoso e penoso ir em cima de caminhões, talvez até a Sibéria.

Os militares russos sabiam que os alemães provavelmente avançariam pela União Soviética adentro. Mas não foi suficiente para convencer meus pais. Eles não foram, ficamos lá.

Adam tinha 4 anos e nessa idade não se tem uma noção cronológica precisa. As informações que transmite sobre esse período são alguns recortes por vezes incompletos que giram em torno de acontecimentos difíceis, mas que não deixam de ser lembranças traumáticas e indeléveis sobre época

quando os alemães atacaram a União Soviética justamente pelo nosso lado, o número de prisioneiros era gigantesco e logo que eles entraram, acredito que dois ou quatro meses, começou a perseguição aos judeus. Primeira coisa que

ampla e rápida que as tropas de Hitler conseguiam avançar até 50km por dia. No final de novembro 1941, as tropas de Hitler estavam a 20km de Moscou, quando começou inverno e sob 40 graus abaixo de zero, a Blitzkrieg começou a ser paralisada pelo frio. Em dezembro, o Exército Vermelho partiu para o contra-ataque. WAGENER, Volker. “A Operação Barbarossa e o mito da Wehrmacht inocente”. Jornal *Deutsche Welle*. Bonn (Alemanha), 22 jun 2016. Seção História. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/operacao-C3%A7-C3%A3o-barbarossa-e-o-mito-da-wehrmacht-inocente/a-19346480>. Acesso em 21 out. 2020.

me lembro é que tínhamos um cachorro, da raça basset chamado Jock. De repente veio uma ordem de que os judeus não podiam ter cachorro, e daí pra diante sei que meus pais foram expulsos de casa pelos alemães. Devem ter ido parar em um gueto. Meu pai, acho que nunca esteve em campo de concentração. E eu devo ter ido ... daí começa a minha história, é o que eu me lembro, algumas coisas que eu me lembro.

No emaranhado de lembranças, Adam recorda de mais passagens que marcaram sua infância como ser aprisionado por ser judeu e não passar fome, como muitos que vivenciaram o torturante período, relatam em seus testemunhos.

Eu me recordo... Lembro de estar numa prisão, não sei dizer como cheguei lá, só sei que era um salão enorme, fechado, com grades grossas, por onde entrava luz.

Acho que só tinha homens nessa prisão, embora no outro eu diga que não sei se tinha homens e mulheres, pensando bem eu acho que só tinha homens, o que eu sei é que era a única criança. Não sei dizer como eu e os outros fazíamos nossas necessidades e nem como dormíamos. Mas lembro que ficávamos o dia todo naquele cubículo, sem sair nenhum instante.

Duas coisas me impressionaram nessa prisão que me lembro até hoje. A primeira foi: havia distribuição de alguma comida, eu falo pode ser até chá tal, mas não sei o que era. Alguma comida havia, pode ser leite, pode ser chá, pãozinho, alguma coisa havia e era uma vez por dia só. O número de homens era muito grande. Eu não sei bem se eram só homens, mas acredito que eram só homens, acho que eles não misturavam sexos. Por que estava lá? Por ser judeu, não tinha outro motivo.

O que me marcou, como falei, é que pra mim sempre havia mais de duas, três até quatro refeições. E já naquela época eu pensava, com meus quatro anos, eu pensava: se eu estou recebendo tantas vezes alimentação alguém está sem. Acredito que era isso mesmo. Alguém ficava sem se alimentar para que eu comesse.

Adam não sabe ao certo onde ficava a prisão, tem dúvidas se era na cidade de Drohobycz ou Boryslaw. “Conversando com o meu cunhado, eu acho que estive em Boryslaw, as cidades são muito próximas”, mas se recorda dos gritos e gemidos de pessoas sendo torturadas.

outra coisa que me impressionou, que lembro até hoje, era o portão enorme, sempre fechado, acho que de aço e, atrás dele, toda noite havia torturas. Toda noite gritos, gemidos, berros e tudo o mais.

Os judeus presos comigo me diziam que não eram judeus que estavam sendo torturados e sim ucranianos. Eram ucranianos torturando outros ucranianos. Não sei por quê. Toda noite tinha isso.

Quem cuidava das prisões eram ucranianos, que tinham sido transformados pelos nazistas em kapos, em mantenedores da ordem, em perseguidores. Eles dirigiam as delegacias, arrebanhavam os judeus, matavam-nos, faziam tudo os que os nazistas mandavam. No entanto, havia gente muito boa no meio

deles, gente normal. Contavam o número das pessoas e davam uma ração para cada um.

Esse é meu *flash*, eu não me lembro nem como entrei, nem como saí dessa prisão.

Também não sabe ao certo sobre seu paradeiro quando saiu da prisão, mas tenta estipular uma ordem cronológica à narrativa e como resultado afirma que se escondeu em várias casas e se lembra de alguns detalhes do dia a dia dessas residências, mas uma marcou-o profundamente. Era a casa de um tio casado com uma *Volksdeutsche*.³⁹⁰

não sei qual foi meu próximo passo porque como criança eu não consigo recordar com muitos detalhes... Creio que, possivelmente, fiquei escondido em várias casas, mas não recordo onde ficavam essas casas. Esses esconderijos eram, possivelmente, meu pai no gueto ou diretamente via um tio que era casado com uma *Volksdeutsche*.

Era uma polonesa cuja família se radicou na Polônia há algumas gerações, mas que possuía origem alemã. Quando os alemães entraram, consideraram isso uma raça semi superior era algo intermediário, então era bem tratada pelos nazistas. Por isso, ela pôde ter um armazém, onde os alemães se abasteciam e organizavam bebedeiras, cantorias.

Ao lado do armazém havia uma casa ou um predinho, não sei ao certo, onde eu estava escondido. Se era ela ou meu pai quem pagava a dona dessa residência para cuidar de mim ou onde ficaria escondido, não tenho a mínima ideia. Só sabia que alguém pagava. Então, estive em várias casas. Porém, uma das casas que mais me impressionou era uma casa em que havia uma mulher, uma polonesa, obviamente cristã, que tinha um filho da mesma idade que eu. Lembro-me de duas ou três coisas que me marcaram nessa casa. A primeira coisa: essa mulher era muito higiênica, tomava banho todo dia, só que o banho dela... essa mulher era enorme, para mim como criança, pode ser que não era tão grande, mas como disse para mim como criança ela era muito grande! O banho dela consistia em sentar-se numa bacia grande cheia d'água, e minha obrigação diária era lavar ou tentar ajudar a lavar com minhas mãozinhas pequenas a parte superior do corpo dela. E o filho continuava, ajudava ela a se lavar. Eu tinha que sair porque essa mulher tinha vergonha da parte de baixo. Só depois, descobri. Naquela época nem sabia o que era.

Lembro-me também que num dia em que estava ajudando nesse banho, um tio meu, chamado Zygmunt (irmão do meu pai, marido dessa tia chamada Mitzi, que eu mencionei ser *Volksdeutsche*) estava escondido no sótão dessa casa e desceu, para comer e encontrou ela seminua. Foi um berreiro fenomenal! Meu tio subiu correndo. Esse tio não sobreviveu já a tia Mitzi sim.

A segunda coisa que me impressionou lá foram as surras que levava. Por qualquer motivo eram surras homéricas, que me lembro até hoje! Uma dessas surras ocorreu porque eu e o filho dela descemos até o armazém da minha tia que ficava exatamente em frente, e essa tia nos deu umas moedas bonitas. Bem, depois que voltamos, ela disse: bom, me dá a sua aqui que eu

³⁹⁰ Termo histórico que surgiu no início do século XX para descrever os alemães étnicos que viviam fora ou nasceram fora do Reich. YAD VASHEM. Disponível em https://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206345.pdf. Acesso em 24 out. 2021.

vou guardar. No dia seguinte fez um berreiro que tinha sumido. Eu me lembro disso até hoje. E eu apanhando e dizendo: não, eu não peguei, eu não sei onde está. E o engraçado é que em polonês a palavra *morze*, significa “pode ser” ou significa “mar”. São um... pode ser, talvez, não pode ser, talvez ou mar. Eu me lembro que eu falava pra ela, ela perguntava: “pode ser que alguém tirou?”, eu falava: “talvez, pode ser”. E ela berrava: “o mar fica lá no norte!”. Até hoje eu me lembro, para Polônia, no sul, o mar fica no norte, que é o mar Báltico e nós estávamos no sul. O mar fica lá no norte, longe! E apanhava.

Naquela casa não lembro de ter tido pesadelos nem sonhos, nem lembro com o que brincava. Certamente eu inventava minhas brincadeiras, mas não lembro de nada disso – não era importante! O que me lembro era o seguinte: o filho dessa mulher estudava e tinha dificuldades de aprendizado. Eu nunca fui à escola, pois era proibido. Ficava olhando o que ele estudava, e pegava rapidinho. Como criança que era, comecei a ajudá-lo. Por causa disso apanhei terrivelmente. Outro motivo para apanhar. Aquela mulher não conseguia conceber que um judeuzinho ajudasse um menino polonês, pois havia toda uma mentalidade generalizada de que os judeus eram de uma raça absolutamente inferior.

Tia Mitzi aplicava-lhe castigos frequentemente, odiava-o por ser judeu, considerava-o como um ser inferior e indigno. Maltratado e desprezado pela mulher, costumava ficar sozinho todas as manhãs nessa casa e uma vez acidentou-se.

Os poloneses, mesmo os que não sentiam assim, começaram a se sentir, não como uma raça tão superior como os alemães, mas, digamos, em um nível intermediário, acima dos judeus. Então, você pode imaginar a reação dela ao ver um judeuzinho ajudando seu filho em aritmética ou em qualquer coisa. Lembro muito mais sobre ela do que o meu tio. Ele morava no sótão e não conversava comigo. Quem conversava muito comigo era essa mulher, e as conversas eram sempre sobre a mesma história, que os judeus mataram o Cristo e que por isso merecíamos sofrer e morrer. Eu me lembro que, nos meus então 4 (quatro) anos de idade, ter perguntado: “Mas escute, todos vocês dizem que o Cristo era judeu, de modo que nesse caso o problema de sua morte era dos judeus. Afinal, o que você e outros têm a ver com isso?” Por causa disso apanhei de uma maneira terrível. Aliás, eu apanhava lá com uma frequência incrível. Lembro-me mais das surras que levei naquela casa do que qualquer outra coisa.

Sempre me deixavam sozinho e uma vez me queimei. Fui aquecer água e derrubei-a fervendo na minha perna e coxa. Lembro que gritei, apesar de saber que não podia gritar de jeito nenhum, pois senão poderiam perceber que havia alguém lá. Tia Mitzi me acudiu bem mais tarde quando voltou e a única ideia que fez foi pôr sal na queimadura. Ardeu muito. Soube que uma vizinha dela ouviu os gritos, mas como a porta estava trancada, não conseguiu entrar.

Não eram as surras e nem o fato de ficar sozinho que apavoravam o pequeno Adam, mas de naquela época, “nunca, jamais poder andar na rua”. No período das perseguições nazistas aos judeus, nem todas as crianças de descendência judaica possuíam características

físicas que as ajudassem a se disfarçarem de "arianas", e desse modo, desfrutar da liberdade de movimento no mundo exterior. Havia aquelas, como Adam, que apresentavam o biotipo considerado pelos alemães nazistas como de um indivíduo de origem judaica e não falavam o idioma local. Essas deveriam permanecer fisicamente ocultas, escondidas em sótãos ou porões das casas onde estavam, caladas e até mesmo imóveis. Mesmo quando ocorriam bombardeios, as crianças judias tinham que permanecer escondidas, sem poder correr para a segurança de um abrigo. Pois, qualquer ruído de vozes ou de passos, capazes de levantar a suspeita de vizinhos ou passantes que poderiam acionar a polícia, denunciando-as.

Adam reconhece que para uma criança de apenas 4 (quatro) anos ser apontado como judeu não fazia parte da sua angústia, mas sim a falta de contato humano, ter que suportar longos períodos de isolamento, tédio e incerteza.

Nunca saía daquela casa, sendo criança, não tinha tanta consciência de que estavam me apontando por ser judeu. Pensando hoje, acho que simplesmente não me sentia tão excluído como me sentiria se fosse mais velho. Sabia que vivia escondido, e por isso achava que era tão branco. Tinha plena consciência de que não podia aparecer, mas não possuía o entendimento de que caso fosse apontado na rua seria meu fim. De certo modo, parece-me que para uma criança tudo é natural. O mundo era assim, não havia outra possibilidade.

A fome o assolava na casa da tia Mitzi. Acredita que recebia a mesma comida que todos, não lembra que, “naquela casa me dessem menos comida que para os outros, provavelmente havia pouca comida para todos”. Sabia que sua família estava no gueto e passavam bem. Mas, não os viu durante a guerra passando por todo o conflito sozinho, longe de meus familiares. Era imperativo que não mantivesse contato com seus pais ou que conhecesse sua localização, tudo para manter a segurança de todos.

O menino saiu da casa da tia Mitzi devido a uma denúncia e foi parar em uma delegacia. Segundo ele, “sempre me arrastavam para a mesma delegacia”. De nada adiantava as casas onde o escondiam batizá-lo, pois para os alemães continuava a ser judeu.

Eram pessoas mais simples que pensavam o seguinte: “Sendo o menino judeu, se o batizarmos ele deixa de ser judeu, e assim os nazistas vão deixá-lo em paz.” Infelizmente não era assim.

Toda a vez em que chegava às delegacias era a mesma cena, mulheres arrastadas junto com ele, pois era proibido albergar judeus, puxando papéis de batismo de várias religiões:

greco-católica, católica romana, ortodoxa russa, até mesmo as protestantes. De nada adiantava porque os guardas ordenavam que baixasse as calças e, como era circuncidado, descobriam sua ascendência judaica. Em uma das tantas idas a delegacia houve uma situação que o marcou profundamente

Havia um policial ucraniano com seu uniforme azul padrão, interrogando-me. Imagine um interrogatório de uma criança de 4, 5 anos. Ele queria meu nome. Eu inventava todos os nomes possíveis e imagináveis. Mas o sujeito não acreditava no que eu dizia. Ele berrava “Quero seu nome!” – nem sei em que língua ele gritava, possivelmente ucraniano ou polonês. Esta última língua eu falo até hoje; ucraniano já falei. Eu entendia muito bem o que ele falava, compreendia perfeitamente que queria meu nome e sabia muito bem que não podia dá-lo.

Aquela sessão durou muito tempo. Para mim, pareciam horas passadas em um cansaço extremo, ele berrando para eu dar o nome e onde estavam meus pais e eu não dando meu nome verdadeiro e não revelando nada – eu nem sabia onde eles estavam! Era um berreiro para cá, outro para lá, mas ele não me bateu nenhuma vez; ou quem sabe uma vez me deu um tapa, mas não estou seguro disso. O que me lembro é do seguinte, em um determinado momento, ele berrou: “Se você não der seu nome, eu vou matá-lo.” Abriu um armário com vidro, tipo cristaleira, tirou uma carabina de dentro, armou-a e apontou para minha cabeça. O importante, o curioso é o seguinte: eu tinha certeza de que esse homem não ia dar um tiro. Era uma certeza inabalável. Lembro-me até hoje da tranquilidade que eu sentia, pensando, segundo minha interpretação de hoje: “Esse homem não vai dar tiro nenhum. Ele não tem a coragem de matar uma criança.” Mas estava tão cansado, tão exausto, que comecei a chorar e dei meu nome verdadeiro, de cansaço, e não de medo daquela carabina na minha cabeça. Nesse ponto, eu lhe disse: “Eu me chamo Adam Göttlinger”. O policial mudou as feições, pôs a carabina de volta no armário, fechou a porta, e disse com voz de surpresa: “Adam Göttlinger, filho do Dr. Maksymilian Göttlinger?”

Eu: “Você conhece meu pai?” Ele, suspirando, abaixou a arma e respondeu: “Conheço seu pai. Ele salvou a vida de minha esposa faz algumas semanas.” Meu pai era um médico que atendia ucranianas, independente se eram policiais ou não, cuidando de partos difíceis. Possivelmente, essa mulher era uma das que ele salvou de fato. Diziam que ele era miraculoso, virava o feto no útero, punha a mão lá dentro, enfim, ele era muito bom. Bem, o que me lembro do que aconteceu foi que o policial, que era muito alto, disse: “Está vendo aquele baixinho lá? Ele é meu chefe. Deixe-o sair e depois vou tirá-lo daqui.” Recordo-me que estava chovendo torrencialmente, portanto devia ser ou outono ou primavera. Ele tinha uma bicicleta e quando seu chefe saiu para almoçar ele me pôs no guidão, cobriu-me com a sua capa azul pesada, saiu pedalando e me levou à casa de um major alemão. Uma pessoa normal, do exército, que possivelmente salvava pessoas. Pela primeira vez em muitos e muitos meses eu dormi em lençóis – antes devia dormir em cima de panos quaisquer – e comi. Sei que ele era um major porque chamavam-no assim. Ele falava polonês comigo, meio mal, mas falava. Novamente, eu não sentia medo, as coisas eram assim e pronto. Estive lá por alguns dias, onde fui muito bem tratado, comi, provavelmente não fiquei por muito tempo, e não lembro para onde fui levado.

Encontrar uma família disposta a proteger uma criança judia era uma tarefa difícil. Diante dessa fragilidade, algumas pessoas se aproveitavam do desespero da família perseguida e cobravam em dinheiro para abrigar seus filhos, outros após receberem uma quantia estipulada quebravam a promessa de ajuda entregando a família às autoridades para receber uma recompensa. Na intenção de evitar problemas, as famílias transferiam as crianças de abrigos de forma a garantir a segurança de todos.

Com Adam não foi diferente. Para protegê-lo, foram inúmeras casas pelas quais passou e numa delas a família que o acolheu era muito pobre, mais uma vez passou muita fome, a residência ficava ao lado e um rio, tinham um filho com mesmo nome e idade dele. Foi um período de estresse, angústia e medo para a família protetora, pois o menino tinha pesadelos que o faziam berrar enquanto dormia.

Nessa casa eu fiquei possivelmente vários meses e lá eu passei muita fome. Todos passávamos fome. A mulher era muito boa, jamais me bateu, uma pessoa que realmente gostava de mim. Considero que ela era uma verdadeira cristã, que se preocupava e achava um horror o que se estava fazendo com os judeus. Nunca conversou comigo se Jesus Cristo era ou não judeu, ao contrário de tia Mitzi. Ela não tinha filosofia nenhuma, apenas cuidava de mim como cuidava de seu próprio filho. Lembro-me até hoje de algo que ela dizia: seu pavor era que fôssemos descobertos pois à noite, quando eu adormecia, eu berrava. Todas as noites berrava a noite inteira sem parar. No dia seguinte não lembrava de nada. Ela me dizia delicadamente: “Adam, assim não pode continuar. O que acontece com você? Você chora e grita a noite toda e não consigo acordá-lo. Os vizinhos já sabem que há alguém aqui. Nós estamos correndo perigo.” Naquela época tive coqueluche, de modo que tossia sem parar, o que se somava aos meus gritos durante a noite. Lembro-me da mulher me dizendo: “Isso é coqueluche, vai passar, mas você precisa acordar.” Eu não acordava, nem mesmo para tossir, chegando a engasgar de tanta tosse. Obviamente, não havia médico, pois ninguém podia saber que eu existia, e o tratamento foi o caseiro tradicional.

Em outra ocasião escondeu-se em uma fazenda – em áreas rurais, era comum que as crianças ficassem escondidas em celeiros, galinheiros, cabanas ou na floresta. Os motivos para que ficassem nesses locais era a possibilidade de assegurar o segredo de ter um judeu sob seu teto, que não era permitido pelas autoridades alemãs sob pena de prisão e execução.

Nessa fazenda, havia outras crianças. E nossa diversão era levar as vacas para pastar o dia inteiro. Acho que não havia porcos. As vacas eram mansas, os meninos iam atrás delas, e eu gostava de fazer isso. Lembro-me que a sensação era de estar escondido em uma casa que não fazia parte da casa da família. Era como se eu fosse inferior. Possivelmente, era considerado por todos da família como inferior, um ser desprezível que

precisava ser protegido. Protegido por dinheiro, pois eles ganhavam para fazê-lo. Era, provavelmente, meus pais que pagavam.

O menino estava mais uma vez frente a uma situação dilemática: o protetor mesmo recebendo dinheiro para abrigá-lo tinha má vontade em fazê-lo e tratava melhor seu gado do que a ele. Bem como tinha de sobreviver à estrutura nazista que esfacelou sua estrutura familiar. Sob tais circunstâncias, Adam, mesmo inconscientemente, foge da realidade imposta e decide não enfrentar seu doloroso conflito. Por esse motivo, não costumava refletir sobre seu drama, mas a realidade dolorosa emergia à noite durante seu sono.

Era muito fraco ou muito sensível, não sei bem. Uma vez eu estava andando por uma ponte para pedestres em cima de um riozinho, com um corrimão. Lembro-me até hoje que esse corrimão tinha sido cortado nas pontas com machado. Recordo que olhei para aquilo e tive um desmaio, pois no momento seguinte eu estava embaixo, no rio. Caí sem me machucar, talvez por ser muito leve, e tive a sorte de cair em um lugar onde não havia pedras; não sei até que ponto o rio era raso.

Não lembro como me tiraram do rio, mas fiquei muito satisfeito, pois o irmão do dono daquela casa que também levava as vacas para pastar junto conosco, imediatamente se jogou na água e foi me resgatar. Eu devia sentir-me muito abandonado, pois senti-me cuidado, e vi o sujeito esforçando-se para me socorrer.

De fato, não lembro durante a guerra de ter tido em algum momento o pavor de ser morto. Eu não pensava muito nisso, mas lembro de nunca ter sentido angústia. Possivelmente, se sentia algo era no inconsciente, e de noite a coisa aflorava nos meus berros.

Adam vivia sob sigilo e afastado de sua família, tinha consciência da necessidade de que tais medidas de segurança eram para mantê-lo vivo. Assim, mantinha-se afastado de situações em que sua verdadeira identidade pudesse ser exposta. De nada adiantou, veio uma informação que os alemães sabiam de sua presença na fazenda e estavam a caminho para prendê-lo. Seus protetores decidiram esconder o menino na floresta, mas ele (Adam) tinha de fazer a floresta sozinho para que o plano desse certo.

Na floresta eu não tinha nenhum medo, apesar de lá haver ursos e lobos, mas certamente não era inverno, senão não teria conseguido andar. Não sei quantos dias fiquei nessa floresta. O que me lembro muito nitidamente é que numa hora eu estava com uma fome terrível, insuportável.

Água havia em abundância, o que não havia era comida. Eu já era magro, e naquele momento fiquei desesperado por comer alguma coisa. Aí me lembrei de ter ouvido que um determinado tipo de cogumelo polonês era venenoso e um de outro tipo era comestível. Tive que decidir entre os dois, que via no chão. Sentei-me à frente de uma árvore, embaixo da qual havia os dois tipos de cogumelos. Nunca esqueci que uns eram azuis com bolinhas brancas, e os outros eram brancos com bolinhas azuis. E eu tive que decidir, sabendo que um tipo era bem venenoso, e o outro eu poderia comer e matar

minha fome lancinante. Eu decidi e comi. Comi errado. A próxima cena que me lembro era estar deitado num sótão, pois eu tinha apagado completamente.

Nesse meio tempo os alemães tinham provavelmente revistado aquela casa toda onde eu tinha estado e depois que saíram o dono mandou as crianças me procurarem na floresta, não sei quantos dias depois de ter saído da casa. Possivelmente, imagino, acharam-me e me carregaram lá para o sótão da casa. Não era possível chamar um médico. O fato é que me lembro de ter acordado com a menininha cuidando de mim, dando-me leite, e a mulher vindo ver como eu estava. Sobrevivi, mas passei mal. Eu devia estar tão magro e comi tão pouco que o envenenamento não durou muito, apesar de aquele cogumelo ser mortal. Lembro-me desses fatos por ter sido algo que me marcou.

Não sei se eu tinha consciência de que poderia ter morrido. Não lembro de ter medo consciente durante a guerra.

Tenho certeza de que em algum momento vieram buscar-me e fui levado a uma delegacia, provavelmente diferente da que descrevi antes, pois deveria ser numa cidadezinha perto da aldeia daquela casa.

Mesmo com dificuldade para se expressar, ele tenta reconstituir as etapas que envolveram o acidente e sua prisão. São narrativas de traumas psicológicos violentos entremeadas de emoções de embargo, mas que, ao mesmo tempo, tornam-se palavras que clamam por serem emitidas, as quais não encontram formalização naquele que quer fazê-lo. Formam um passado doloroso que continua a atormentá-lo, especialmente, à noite. Sua história permanece no limite de suportabilidade diante da sua dor indelével.

Na tentativa de manutenção de suas recordações, lembra-se que com quase cinco anos foi arrastado para uma delegacia e de lá, pela primeira vez, foi parar num campo de concentração na cidade de Drohobycz apesar de não ter certeza de qual, guarda as seguintes impressões:

Eu pensei que esse campo de concentração era em Drohobycz, mas em conversa com meu cunhado Alfred Herzig, marido de minha irmã de criação Helena, chegamos à conclusão de que ele só podia estar em Boryslaw.

Não lembro como foi o transporte até o campo, mas recordo-me que vivia no mesmo quarto que um tio paralítico, sua esposa Rachel (irmã de meu pai Herz, e sua filha Mischa, uma menina que me diziam ser muito boa em matemática. Ela deveria ter entre sete ou oito anos.

O que lembro desse campo de concentração é que todos os dias todos os adultos tinham que sair para trabalhar. Lá havia *Kapos*³⁹¹ que não portavam

³⁹¹ Kapo ou Funktionshäftling [funcionário prisioneiro] se trata de prisioneiros poupados de abusos físicos e trabalhos forçados, uma vez que atuavam segundo as vontades dos funcionários da SS. Era um sistema também chamado de autoadministração de prisioneiros que diminuiu os custos e projetado para virar vítima contra vítima, já que os funcionários prisioneiros eram postos contra seus colegas de prisão. Seus métodos eram brutais contra outros prisioneiros e eram tolerados pela SS e parte integrante do sistema de campos. MEMORIAL GUSEN. Disponível em <http://web.archive.org/web/20120306103312/http://en.gusen->

armas, porém andavam com paus e chicotes para bater em quem não quisesse trabalhar.

Dormíamos todos numa cama só, enorme. O marido da Rachel, por ser paralítico, ficava o dia todo naquela cama. Ele era surrado continuamente pelos Kapos, apesar de saberem perfeitamente que aquele homem não conseguia levantar-se para ir trabalhar. Isso me impressionava profundamente. Lembro daquele sangue escorrendo no corpo dele todos os dias. Mais tarde soube que o mataram, porém não vi esse ato. Além desse castigo em meu tio, não me recordo de outros castigos.

Mesmo a filha deles tinha que trabalhar. Não sei que tipo de trabalho só sei que saíam bem cedo, lembro-me que ainda estava escuro quando todos iam para o trabalho. Voltavam no fim do dia, de modo que eu não os via durante o trabalho. Se eu cheguei a perguntar o que faziam, esqueci. Mas o fato é que eu não me preocupava com isso.

No campo havia alemães, soldados da SS com uniforme preto com um símbolo 卐, sempre contavam as crianças. Todo dia subia o mesmo nazista em um banco alto para contar as crianças, que ficavam juntas para isso. Depois da contagem, as menores entre quatro e cinco anos iam brincar já as demais tinham que trabalhar.

Havia muitas crianças pequenas como eu, meninos e meninas. Ficávamos soltas num pátio brincando o dia todo.

Quanto à comida, devia existir, pois eu sobrevivi, mas não lembro de nada a respeito, nem se era boa ou ruim. Mas não devia ser suficiente, pois eu era magro. Lembro que em certa ocasião eu estava cheio de feridas pelo corpo, e as pessoas diziam que era devido à fome, da qual não me recordo. A única fome que me recordo durante a guerra foi na história dos cogumelos na floresta, que já contei.

Também não lembro de ter ficado doente naquela época, além de ter tido todas as doenças infantis durante a guerra.

Foi uma época em que apesar de encarcerado, consegui experimentar vivências comuns de uma criança como, por exemplo, brincar com outras. Mesmo enfrentando os horrores do concentracionário continuou sendo humano, permaneceu uma criança que tentava (sobre)viver como tal, mesmo encarcerado por seus algozes. Talvez por esse motivo, já não se perguntava por que passava por tais privações, simplesmente aceitava sem resistir. Tudo para suportar seu sofrimento e, especialmente, a solidão.

Era uma época que de um lado era um horror e de outro eu conseguia ficar brincando como uma criança normal. Havia ainda a característica de que não me sentia diferente, pois todos éramos judeus, perseguidos e vivendo na mesma miséria. Não lembro de ter consciência de filosofar porque eu estava ali. Tudo o que eu podia pensar afluía de noite, na forma de meus berros, quando meu subconsciente se revoltava. Eu, em minha consciência de vigília, não. Já pensei várias vezes sobre isso: nunca sentia angústia. Achava que as coisas aconteciam porque tinham que ser assim mesmo. É interessante essa visão de uma criança, pois as entrevistas deste projeto provavelmente foram com pessoas que eram adolescentes ou adultos naquela

época. Pensando bem, não havia muita revolta entre os presos. Não eram elaborados planos para poder escapar. Era para ser assim e estava acabado.

Como era pequeno não recorda se havia festas judaicas comemoradas no campo de concentração, mesmo que escondidas. Como os judeus eram considerados uma raça inferior a qual devia ser liquidada, qualquer comemoração era proibida, inclusive aniversários, homenagem aos mortos etc.

Pelo menos eu não lembro de nada a respeito. Inclusive, na morte de meu tio (que morreu de tanto apanhar) não lembro de nenhuma cerimônia. Provavelmente devem ter me contado de sua morte. No *bunker* onde estive, lá sim, houve comemorações das festas judaicas, pois havia um rabino.

Por falar em *bunker*³⁹², lembra-se que em um determinado dia cerca de quatro homens partisans conseguiram infiltrar-se no campo de concentração para libertar quantos prisioneiros quisessem sair. Adam se impressionava porque não era uma tarefa difícil, mas o que o deixou estarrecido era que muitos prisioneiros não queriam ir, talvez pelo medo de não saber o que os esperava do lado de fora ou por não acreditar que seriam executados pelos nazistas.

Não era difícil entrar naqueles campos, pois o guarda que fazia a revista na entrada devia ser um garoto de uns vinte anos, e era só dar um pouco de vodca que o deixava roncando, ou pôr lá dentro uma prostituta da cidade para ele se distrair.

Também não era muito difícil fugir. O que me impressiona até hoje é que os prisioneiros não queriam fugir. Estavam acomodados em seu destino. Acho que pensavam que os poloneses não lhes dariam nenhum abrigo, ou seja, ninguém iria acolhê-los.

Isso me lembra o fato de minha família não sair da Polônia no começo de tudo, como já relatei. Era um fatalismo, que me parece ser um arquétipo judaico que já vinha de séculos. Ficar no campo significava boas possibilidades de ser liquidado, embora ninguém soubesse disso. Talvez achassem que iriam somente ficar trabalhando e vivendo lá durante toda a guerra.

Bom sobre a fuga lembro-me bem daqueles homens nos acordando, fazendo um reboliço e insistindo para sairmos, pois queriam levar o maior número possível de pessoas. A minha tia falou então: “Você vai!” E eu fui.

Saíram apenas eu, um menino na mesma idade e o pai dele as altas horas da noite, devia ser madrugada, por um buraco feito no arame farpado, pois o campo era todo cercado por ele, bem alto. Não devia ser eletrificado pois ninguém se preocupava com isso. Era totalmente impossível sair de lá a não ser cortando o arame com alicate. É interessante notar que os judeus prisioneiros poderiam ter conseguido um alicate e ter saído direto. Não lembro nem de cachorros. Devia haver uma ronda, pois lembro de termos

³⁹² Abrigos construídos em cabanas discretas e esconderijos subterrâneos em plena floresta.

esperado um tempo e depois saímos correndo. Após um trecho de corrida, pudemos andar normalmente.

Não sei quanto tempo andamos. O que me lembro era estar no *bunker* da floresta.

Anos depois, soube que alguns dos prisioneiros desses campos foram levados para Treblinka, eu provavelmente seria um deles se não tivesse seguido os integrantes da resistência.

Relata com detalhes como era a infraestrutura e o dia a dia no *bunker*, que consistia em um buraco retangular grande feito debaixo da terra com uma entrada onde moravam um certo número de pessoas de todas as idades, mas em sua maioria jovens. Em seu testemunho podemos imaginar como era viver como um fugitivo junto com a resistência.

Havia um poço de onde era tirada a água para bebermos, e ao lado dele um poço onde fazíamos nossas necessidades. Lembro de a água ser sempre fedida.

Recordo-me que de manhã as pessoas mais velhas colocavam um monte de folhas na entrada, para não parecer que lá havia um buraco. Havia uma chaminé muito bem escondida, entre árvores. Está nítido em minha memória que havia uma carabina de caça e dois revólveres. Fiquei sabendo que, mesmo assim, os guerrilheiros conseguiram liquidar com dois SS com dois cachorros.

A vida lá dentro resumia-se em viver sem ser notado. Um dia soubemos que dois homens que saíram para buscar comida foram pegos, tiveram que contar onde se encontrava o *bunker* e avisaram que os alemães viriam nos buscar. Todos tivemos que sair. Devia estar me sentindo muito fraco, pois me lembro de termos andado até um trecho quando resolveram parar para descansar em um lugar com troncos caídos. Devo ter adormecido, pois a próxima cena que me lembro era de acordar e ver a última das mulheres andando lá longe atrás do grupo. Corri desesperado atrás delas, e essa mulher, vendo-me, correu ao meu encontro e me disse: “*Adashom*”³⁹³ que bom que você acordou e agora vem conosco! Nós não estávamos conseguindo acordá-lo, ninguém tinha forças para carregá-lo e tivemos que deixá-lo.” Fiquei muito contente, e esses fatos devem ter me impressionado muito, pois recordo dessa cena com nitidez e o fato de ter escapado de ficar sozinho na floresta. Não sei quantos dias passamos naquela floresta. Quando voltamos para *bunker*, ele estava todo revirado, destruído, mas a sua reconstrução levou só dois dias.

Posso dizer que no *bunker* os judeus estavam razoavelmente “livres”, pois não havia nazistas em cima de nós, nem ucranianos e nem poloneses. Mesmo assim, a vida era tão, digamos, difícil. Sem perspectivas para o futuro e talvez quisessem acabar de uma vez com tudo aquilo.

Lembro que fui obrigado a ir com eles em direção ao campo. No caminho, aconteceram duas coisas que me marcaram. A primeira era que passamos pelo “quarto” onde as mulheres estavam se lavando em bacias. Os homens passavam me arrastando, virando a cara por respeito, e eu olhei para elas, vendo-as todas nuas com um paninho cobrindo suas partes íntimas. Eu me perguntei o que elas tinham de tão vergonhoso que os homens não podiam olhar. A segunda era que estávamos andando a pé, um bando de

³⁹³ *Adashom* significa Adãozinho em polonês.

maltrapilhos, em direção ao campo de concentração. Um grupo com muitas moças e alguns homens. Devia ser um espetáculo dantesco.

O que me impressionou profundamente é que os camponeses, em lugar de fecharem suas janelas quando nós passávamos, ao contrário, nos davam pão e leite. Eu estava acostumado a ouvir dos adultos que os camponeses eram horríveis, tratavam mal os judeus. Assim, a atitude humanitária deles chocou-me profundamente. Nós estávamos sendo tratados como gente. Eu pensava: “podia ser uma dessas crianças”. Filho de um camponês católico.

Adam permaneceu no bunker por alguns meses, teve de voltar para o campo concentracionário por conta dos gritos que costumava dar enquanto dormia e isso era um risco para o grupo, pois poderiam ser descobertos, capturados e mortos pelos nazistas. Então, em um “determinado dia, resolveram que não só eu, mas um grupo enorme de pessoas voltaria para o campo”. Tiveram de fazer uma seleção de quem retornaria e quem permaneceria, pois havia muitas pessoas e contavam com poucos recursos.

De volta ao campo de concentração de onde havia saído ao entrar um homem perguntou o seu nome:

Não havia por que mentir, de modo que eu disse “Adam Göttinger”. O homem retrucou: “Não, você não se chama Adam Göttinger. Seu nome é Adam Schaller, você é filho da Adele Schaller que morreu. Seu pai também morreu. Os Göttinger, que você considera pais, são seus tios, você não é filho deles.”

Ele marcou na entrada meu nome verdadeiro. Pode-se imaginar como aquela revelação chocou-me profundamente. Até hoje não sei como aquele guarda me conhecia, talvez fosse um *kapo* judeu de minha cidade. Lembro que fiquei, por um lado, muito triste por não ter mãe, pois segundo ele havia morrido, e pensava que ela estava viva em algum lugar. Por outro lado, fiquei aliviado, pois a minha mãe adotiva era uma mulher enérgica, que gritava, batia, tinha seus rompantes histéricos e conviver com ela não era muito agradável. Tive, portanto, duas emoções muito fortes, uma muito triste e outra até contente de ter outra mãe.

De maneira direta e sem muito rodeios, ele descobriu a sua verdadeira origem e foi um choque para um menino de pouco mais de seis anos. Outra constatação que o impressionou ao retornar ao campo: não havia nenhum conhecido exceto um casal de idosos que viveu durante um tempo no *bunker*.

Outra coisa que me chocou muito ao entrar no campo era não ter visto ninguém dos que lá antes de ir para o *bunker*. Pela primeira vez, tive consciência de que eles tinham sido levados para algum lugar e pelo clima não devia ser um lugar bom, mas não parei para pensar muito nisso. Não havia mais ninguém, nenhum parente. Os únicos que cumprimentei foi um casal de idosos que tinham estado comigo no *bunker*.

Não sei quanto tempo fiquei nesse campo. Não lembro de ter brincado. Na verdade, não posso afirmar se as brincadeiras que contei antes tinham se passado da primeira ou dessa segunda vez. Sei que em um determinado dia alguém do lado interno levou-me para a cerca de arame farpado, onde novamente tinham feito um buraco e do lado de fora havia dois homens me esperando. Achei naquele momento que esses dois estavam lá a mando da tia Mitzi. Outra coisa que me marcou é que ao sair, eles vieram com brincadeiras que adultos fazem com crianças, como “Vou cortar seu pinto fora” e me chocaram. Fui retirado por eles do campo e entregue a uma moça ucraniana.

Retirado daquele campo por ação de seu tio Max Getlinger, que deu instruções a uma organização comunista, muito mais bem organizada que outras da resistência, para o tirarem de lá e levarem até ele.

Essa mulher levou dias para ir de uma cidade pra outra. Só viajávamos à noite, algumas vezes a pé e em outras de trem. Também tinha dias em que essa mulher desaparecia, hoje acredito que se prostituía com os alemães ou ucranianos. Ela voltava meio vestida, às vezes era à noite e em outras manhã. Fiquei com essa mulher até chegar aonde estavam meus pais, mas isso já é o final da história.

Um ponto no testemunho de Adam recorrente é a falta de precisão em datas e lugares, pois como criança devemos levar em conta para além do trauma, a noção de tempo e lugar que uma criança possui é completamente diferente de um adulto, ainda mais para uma criança em tão tenra idade que passou pelas mesmas privações e humilhações que um adulto durante a guerra.

Reencontro com os pais

Maxkysmilian e Leontynia Getlinger estavam em uma casa próxima à cidade de propriedade de um cristão chamado Jan Oczynski. Nessa casa, também estava escondido Alfred Herzig, esposo de Helena que a essa altura tinha sido morta pelos nazistas.

Cheguei desnutrido, mas comecei a comer normalmente e me recuperei. Ainda gritava e chorava muito, sempre com medo de que poderiam me descobrir. Sempre estávamos com medo de sermos descobertos. Ficamos nessa casa até os russos chegarem. Devia ser o ano de 1944, portanto, estava com meus 6 anos. Meus pais estavam lá provavelmente há uns oito meses, e eu há uns dois meses quando os russos chegaram.

A entrada dos russos foi pesada e os alemães imediatamente fugiram, mas quando perceberam que se tratava só de um tanque comum, com um capitão e quatro soldados

imundos, contra-atacaram. Seguiram-se quatro dias de luta, os quais amedrontaram a família que decidiu abrigar-se na floresta.

Quando os russos chegaram, Alfred, único que sabia falar russo, saiu para conversar com eles. Trouxe-os para dentro de casa e como resultado tivemos um relógio roubado.

Com a reação dos alemães, os russos fugiram e todos os vizinhos viram que havia judeus naquela casa. A chance deles nos denunciarem aos alemães e todos sermos liquidados era grande. Foi quando meu pai achou por bem nos escondermos na floresta, onde ficaríamos e esperaríamos até os russos chegarem. Se sobrevivêssemos, voltaríamos.

O fato é que os vizinhos não nos denunciaram, possivelmente por medo e não por generosidade ou questões morais. Nesse ínterim, a luta entre os exércitos continuou, os russos reagiram com bombardeios incessantes. A família amedrontada continuava escondida, abandonando a floresta e agora se refugiando dentro de uma casa. Tamanho era o temor que Leontynia Getlinger fez uma promessa de criar todos seus filhos na religião católica.

Caíam bombas sem parar. E é muito pior do que se vê nos filmes. Era terra subindo, bombas explodindo para todos os lados. Em muitas casas caíram bombas, mas na nossa não. Lembro-me que nessa época eu rezava. Minha mãe tinha feito uma promessa para a Virgem Maria de que se nós nos salvássemos seríamos criados como católicos. Ela logo começou a doutrinação para cima de mim. Ensinou-me a rezar a Ave Maria, e eu ficava rezando para a Nossa Senhora, mesmo sem saber o que ela era. Naquela época eu pensava, com meus seis anos: “Meu Deus, como se pode adotar a religião de nossos opressores? Mas tudo bem, já que ela quer...” Eu considerava todos os poloneses, que eram em geral católicos, como nossos opressores.

Finda a batalha, entraram os russos e para Adam representou a felicidade, pois voltou a ser uma criança normal. Podia perambular pelas ruas livremente sem o medo de ser capturado. Incorporou uma distração em sua rotina: pedir chocolates confiscados dos alemães aos militares russos.

Embora antissemitas, os russos trataram-me como uma criança normal. Eles pegaram um trem alemão, não sei por que cheio de chocolate. E distribuía isso somente para as crianças. Eu inventava que tinha mais irmãos ou que não tinha pego, só para trazer para os adultos. Depois se descobriu que parte do chocolate era para os pilotos não dormirem. Todos os adultos que pegaram esses chocolates não dormiram nas próximas duas noites.

A família Getlinger mudou-se para Sambor (Polônia, atual Ucrânia) e em seguida para Drohobycz, onde Maxkymilian sempre trabalhou e viveu. Ao chegarem na cidade, ele rapidamente retomou suas atividades profissionais.

Era 1944, os russos dirigiam-se para Berlin e em Drohobycz havia sossego e a vida estava de volta à normalidade. O único fato novo era a passagem expressiva de soldados russos e os militares montavam, às vezes por semanas, suas barracas na cidade. “Eu andava no meio dos soldados, que não me faziam mal algum”. Ao final do conflito, souberam do destino dos familiares e a configuração da família Getlinger passou a ser a seguinte:

Minhas duas sobrinhas (filhas da minha irmã Helena) foram resgatadas e passaram a ser minhas novas irmãs de criação. Os russos realmente gostavam muito de crianças que retiravam de esconderijos nos esgotos e de outros lugares. Colocavam-nas em orfanatos, com enfermeiras e professoras para cuidar delas. Em um desses orfanatos foi descoberto um garoto Marian Sptizman, que era um sobrinho da minha mãe que o adotou (seus pais foram assassinados) de modo que passamos novamente a ser uma família, com quatro crianças, das quais eu era o mais velho.

Minha sobrinha Elizabete era dois anos e meio menos mais nova que eu, depois a sua irmã Bárbara com um ano a menos, o Marian com idade que estava no meio entre Elizabete e eu, e assim éramos dois meninos e duas meninas. Viemos todos juntos parar no Brasil. Da minha família ninguém sobreviveu. Não restou nenhum dos irmãos de meu pai Hertz além do Maksymilian. Eram doze irmãos.

Depois da guerra, eu soube que Zygmunt, irmão de meu pai, casado com minha tia Mitzi, que tinha estado no sótão daquela casa em que eu estava, não havia sobrevivido. Meu pai nunca mais quis conversar com a Mitzi, pois achava que ela não tinha feito um esforço suficiente para manter o marido a salvo. Possivelmente em algum momento ele teve que sair de lá, foi pego e liquidado.

Uma irmã dele, que estava na Tchecoslováquia, escapou e depois conseguiu ir para os Estados Unidos. Os outros onze membros da família ficaram na Polônia e foram assassinados. Acredito que o único que teve uma morte natural foi meu pai Hertz, como contei no começo deste relato. O pai de minha mãe Leontynia morreu sufocado aos setenta e dois anos em um dos trens de transporte para os campos de extermínio.

As duas filhas de meu pai morreram. Não se sabe o que aconteceu de fato com uma de minhas irmãs, a Erna saiu de casa para tentar se salvar e nunca mais se soube dela. Em um certo dia, minha mãe sonhou que ela estava se despedindo. Minha outra irmã, Helena, sabemos como morreu, uma morte muito trágica. Ela saiu de casa com uma amiga polonesa – era difícil dizer se se tratava de uma judia ou não, pois eram todas loiras – talvez para comprar verduras e frutas que os camponeses vendiam, e foram pegas, pois era proibido transportar alimentos. Foram para uma delegacia e quando estavam sendo interrogadas, ela viu que havia um judeu escrivão e pediu a ele: “Salve-me!” Até aquele momento, o alemão que estava cuidando da delegacia não tinha a mínima ideia de que ela era judia. Nesse momento, o desgraçado do escrivão judeu gritou para o alemão: “Com essa você não precisa se preocupar, pode mandar direto para o campo, pois ela é judia.” Puseram-na num trem para Auschwitz, mas perto da cidade de Kraków ela

pulou do vagão. Um soldado SS metralhou-a, ela caiu embaixo do trem que lhe amputou as pernas. Levaram-na ainda viva para um hospital judaico que ainda existia em Kraków e lá ela não resistiu e morreu. Antes de falecer ela disse para a enfermeira quem ela era. Meu pai Maks era muito conhecido naquela região, e assim ficou sabendo de toda essa trágica história. Por coincidência fiquei sabendo que essa enfermeira veio parar aqui no Brasil. Ela localizou e ligou recentemente para a segunda esposa Beate Herzig [nascida Josephs] de meu cunhado Alfredo Herzig.

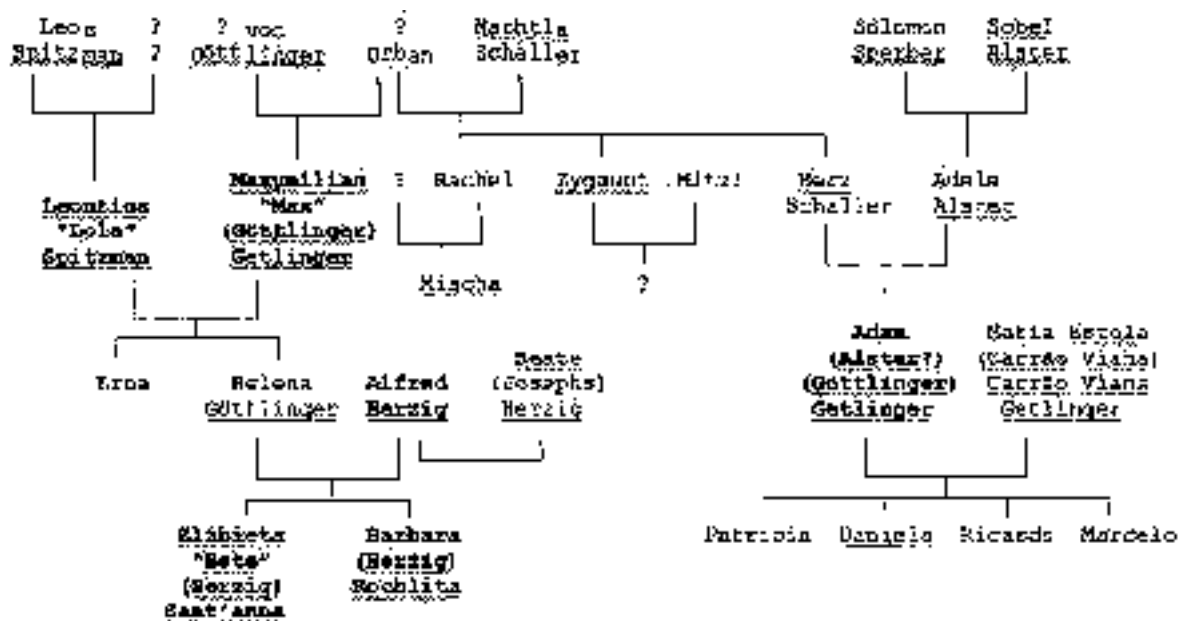
Quando minha mãe soube do fato, amaldiçoou-o dizendo “Espero que ele se queime vivo.” Ocorre que ele sobreviveu, e foi para Viena. Lá, aparentemente outros judeus pegaram-no amarraram num poste e queimaram-no vivo!

Minha irmã de criação Helena deixou duas filhas que moram em São Paulo, Elzbieta (Elisabete) e Bárbara. Elas eram muito pequenas durante a guerra.

A Elzbieta passou a guerra na casa de um casal de camponeses que se apaixonaram por ela e não queriam devolvê-la depois. Foi então criada numa fazenda, numa aldeia, onde foi tratada como filha, não foi denunciada por empregados e vizinhos e, assim, os nazistas nunca souberam de nada. Enfim, não aconteceu nada de ruim com ela.

A outra, Bárbara ficou escondida com um casal e sofreu bastante. Se uma criança mudava de cidade, ninguém sabia se se tratava de uma filha dos donos da casa, e ela tinha cabelo escuro, como o casal que abrigou, assim nada transparecia. Mas, aconteceu que esse casal era pobre e na época dos bombardeios sofreram bastante. A casa em que estavam ruiu e feriu o senhor. Ela tinha sido salva por um major alemão, do mesmo modo como ocorreu comigo em uma de minhas aventuras. Esse major chamava-se Leschman, tenho uma foto dele, pois foi para o Canadá depois da guerra. Bárbara esteve a ponto de ser levada para os campos de concentração ou de extermínio, quando esse major interveio e levou-a para o casal que mencionei. Meus pais encontraram-no depois da guerra.

Tabela 4 – Árvore Genealógica dos Getlinger[Göttlinger]



Obs. os nomes em negrito referem-se as pessoas da família que imigraram para o Brasil.

Fonte: Elaborado por Valdemar Setzer em 07 set 2015.

Depois da guerra, Adam foi matriculado em uma escola na cidade de Drohobycz que, por estar na Ucrânia, estava sob o domínio dos russos. Sua mãe não queria de modo algum ficar sob o jugo russo.

Ela dizia: “Para mim os russos são semelhantes aos alemães. Quero ir para a parte que ficou com a Polônia.” Meu pai dava-se otimamente com os russos de modo que estávamos muito bem. Mas mamãe insistia: “O comunismo é muito parecido com o nazismo: as pessoas são presas, desaparecem.” De fato, tudo isso era verdade. Os judeus não eram maltratados pelos russos, mas estes tratavam os ucranianos de uma maneira terrível e com razão. Eles tinham sido colaboradores dos alemães, de modo que os russos os matavam a torto e a direito. Muitos eram evidentemente inocentes e tratavam de fugir em trens abarrotados. Muitos eram levados pelos russos para a frente de combate e obrigados a andar na frente dos soldados, para que as minas estourassem embaixo deles. Eram verdadeiras buchas de canhão.

Para realizar a mudança, tamanho era o bom relacionamento e Maxkysmilian com os russos, que este cederam um caminhão para que fizessem a mudança para uma cidade na Polônia. Onde Adam presenciou os alemães sofrerem na pele um dos que castigo que infligiram aos judeus: a expulsão das residências e a deportação para Alemanha.

Chegamos ao nosso destino, uma cidade chamada Gliwice (antiga Gleiwitz), na Polônia, onde nos instalamos em um dos poucos apartamentos que havia ficado em pé, e meu pai começou imediatamente a clinicar e trabalhar no hospital reaberto.

Nessa cidade, eu vi os alemães sendo expulsos do mesmo modo como eu tinha visto os judeus serem expulsos pelos poloneses e alemães. Eram grandes quantidades de pessoas, mulheres e velhos, cada um carregando sua mala, com aquela expressão de desânimo e pavor, esperando em fila para entrarem em trens de carga iguaizinhos aos usados para transportar os judeus, nos quais eram mandados para dentro da Alemanha. Era uma limpeza étnica, agora de alemães. A história se repetia, mas já não com uma “raça inferior”. Não eram também superiores, pois para os russos não havia essa história de raça. Ficamos um ano lá, fui à escola primária, e tive minhas dificuldades, pois não sabia se era judeu ou era católico. Minha mãe queria que eu me considerasse católico e começaram as minhas dificuldades desse tipo.

Brasil

Em outubro de 1946, o primo do Leontynia Getlinger, que estava no Sul da França, veio para o Brasil e descobriu que eles tinham sobrevivido e estavam na Polônia.

Ele insistiu para que viéssemos ao Brasil. A vinda para cá foi um pouco tumultuada, pois passamos um ano na Suécia, em Estocolmo, esperando o

visto para entrar no Brasil. Aqui, naquela época, só aceitavam camponeses analfabetos, mas meu pai dizia ao embaixador brasileiro que era médico ginecologista, obstetra e professor (enquanto na Suécia deu aulas na Universidade local) e que não entendia nada de agricultura. Após vários meses, minha mãe acabou convencendo ao se declarar camponês e colocar um X no lugar da assinatura no formulário de obtenção do visto e aí a coisa se resolveu.

O que me impressionou na Suécia era que lá eu era, sim, uma criança normal, como qualquer outra. Comecei a me sentir um ser humano livre, como todos!

Mamãe colocou-me em uma escola de freiras. O país era protestante, mas elas podiam dar aulas. O ensino era todo socializado, gratuito, mantido pelo governo. As freiras não podiam andar de hábito, de modo que na época eu nem sabia que eram freiras. Apreendi sueco rapidamente, em dois meses, e passei ser muito bem tratado, como uma criança normal. É curioso que isso muito difícil de aceitar. Na Polônia, eu não me considerava normal, primeiramente porque os poloneses eram profundamente antissemitas e demonstravam isso permanentemente. Quando na escola na Polônia se rezava a Ave Maria, em pé em cada aula, havia na classe um menino judeu, com seu chapeuzinho, e o deixavam ficar sentado, mas eu católico, tinha que ficar em pé e rezar. Assim, para mim a situação era complicada.

Na Suécia não havia nada disso. Fora minha mãe, que constantemente berrava comigo e me batia, eu adorava a escola, adorava os fins de semana, pois íamos passear nas florestas. Adorava as férias que passávamos no Norte da Suécia e onde se fazia sauna, nadava-se nos lagos, onde todos, inclusive crianças, nadavam nus, inclusive as freiras, como era costume por lá. De repente, eu me sentia gente e foi lá que readquiri a minha personalidade de ser humano por ser tratado como normal. Ninguém me falava de religião; não interessava o que se era ou não era, como posteriormente foi no Brasil.

A família recebeu o visto e veio para o Brasil em julho de 1947. Adam possuía dez anos incompletos, talvez esse seja um dos motivos para que fale um português impecável.

Lembro bem da chegada no Brasil, no Aeroporto do Galeão, em julho, portanto no inverno, mas estranhamos como o dia estava quente. Assim, lembro-me que saí da Suécia no verão e chegamos ao Brasil naquilo que devia ser inverno, mas parecia verão. Ficamos no Rio durante algum tempo, mas estava tão quente por lá que não aguentamos. Fomos para a fazenda do primo de minha mãe, no município de Bananal.

Hoje cidade, mas naquela época eram lugares esquecidos por Deus. Como era muito difícil para minha mãe se acostumar à vida de fazenda, ficamos hospedados num hotel na cidade de Bananal, que naquela época ficava na estrada entre Rio e São Paulo.

No Brasil, Adam casou-se com Maria Stella Carrão Vianna Getlinger, arquiteta, e tiveram quatro filhos: Patrícia, psicóloga; a segunda Daniela, arquiteta; o terceiro, Ricardo, também arquiteto; e Marcelo, engenheiro, todos conservam o sobrenome Getlinger. Sobre sua vida Adam confessou e refletiu que:

Nunca contei com detalhes para meus filhos minha história, pois era algo muito pessoal meu e muito pesado para mim. Hoje, acho que sinto menos peso dessas lembranças. Para minha esposa, contei algumas coisas, mas não a interessa muito, pois é tudo tão meu...

O que consegui relatar aqui é o que me ficou gravado para sempre. Outros acontecimentos se apagaram porque não me marcaram tanto. Ou talvez foram penosos demais e eu, em atitude inconsciente, apaguei-os de minha memória. Talvez por causa do que lembro ou do que não lembro é que, como contei, gritava a noite toda sem poder acordar. O incrível é que isso se repetiu com meu filho Ricardo, que não teve nada a ver com a guerra, que nunca passou por horrores parecidos com os meus. Numa fase de sua infância ele berrava de noite e era impossível acordá-lo, algo que considero profundamente impressionante. Alguns psicólogos em Israel estão explicando isso como uma manifestação mais metafísica do que real, mas de qualquer modo é muito impressionante que isso tenha acontecido com ele. O fato é que aconteceram várias coisas que resultaram na minha sobrevivência, simplesmente por sorte, talvez pela providência divina, retirando as grandes pedras do meu caminho.

É difícil dizer se minha experiência daquela época influenciou a maneira como eduquei meus filhos. Posso afirmar que uma pessoa que passou pela experiência de um campo de concentração não tem nenhum direito de ser racista. Portanto, se a pessoa é boa, não importa o resto. Acho que isso choca algumas pessoas, mas para mim é um prazer. Acho que essa visão de mundo eu inculci em meus filhos, isto é, de não discriminar de maneira nenhuma, por qualquer motivo, seja a religião, seja a cor da pele. Só nazistas eles têm que discriminar. Consegui que não discriminassem alemães, embora isso não seja fácil para mim.

Do ponto de vista de religiosidade, considero-me atualmente completamente agnóstico. Percebi isso há pouco, pois pela primeira vez quis ir a uma sinagoga para as rezas do ano novo judaico, o “rosh hashaná” em hebraico. Cheguei à sinagoga, vi todas as pessoas bastante emocionadas, e percebi que aquilo era algo que tinha que ser inculcido desde criança. Se não for assim, se não se acredita em Deus, passa a ser algo que se pode admirar, como por exemplo os cantos, que achei muito bonitos, mas para mim era tudo externo, por enquanto não consegui me emocionar como minha cunhada, que acredita em Deus e diz que para ela aquilo é maravilhoso. Esse não é meu caso, pois para mim existe uma religião universal, e não um Deus que diga “Faça isso, não faça aquilo”. Eu e minha esposa não criamos nossos filhos em alguma religião, não lhes demos nenhuma instrução religiosa nem os encaminhamos para nenhuma confissão. Apesar de ter sido educado na religião católica, por incrível que pareça, não vou à missa há trinta, quarenta anos. Mas quando há alguma missa de sétimo dia, por exemplo, compareço. Quanto a sonhos e pesadelos nos dias de hoje, faz muito tempo que não os tenho. Imagino que devo ter tido muitos durante a época da guerra, pois penso que eu gritava todas as noites devido aos pesadelos. Gritava inclusive no campo de concentração, mas lá ninguém achava ruim. Tive pesadelos quando adolescente, mas hoje realmente não os tenho há muito tempo. Caio na cama e acordo no dia seguinte.

Tenho uma mensagem para meus filhos e netos: que sejam honestos consigo próprios. Percebi como tudo o que passei deve ter me impactado. E, de repente, como a vida passou a ser extremamente importante para mim. Isso é normal, mas eu nunca tinha pensado nisso. Fazendo o relato, comecei a voltar a ter meus quatro a cinco anos, naquele ambiente hostil. O que mais senti nos dias que antecederam esta entrevista, é que devo ter passado naquela época muitos medos, terrores mesmo, tudo baseado na

discriminação que eu estava sofrendo, e que os outros, que eram caros para mim, também estavam sofrendo. Espero, portanto, que meus filhos, netos e bisnetos vivam sem discriminação e que estejam em paz consigo próprios.

3.2.12. Louis Frankenberg³⁹⁴



108. Louis Frankenberg. São Paulo, 29 maio 2018. Foto de Esther Neistein. Acervo Arqshoah/Leer-USP, São Paulo, Brasil.

Louis Frankenberg nasceu na Holanda, na cidade Alkmaar, em 8 de outubro de 1936. Seu pai era holandês e se chamava Hans Lion Frankenberg, sua mãe era natural de Frankfurt, na Alemanha, chamava-se Gertrude Klara Goldschmidt, passou a ser Frankenberg quando se casou. Tiveram dois filhos, a primeira era Eva Frankenberg, nascida em 1933, e três anos depois Louis.

Os avós paternos chamavam-se Louis Frankenberg e Sila Volk Frankenberg. Embora naturais da Alemanha moravam na Holanda, portanto, a primeira geração holandesa foi seu pai e a segunda geração Louis. Pelo lado materno, a avó se chamava Anna Goldschmidt e o marido, Beni Goldschmidt já tinha falecido quando Louis nasceu. Ambos eram da Alemanha, judeus alemães.

³⁹⁴ FRANKENBERG, Louis. Testemunho concedido por Louis Frankenberg à Maria Luiza Tucci Carneiro, Esther Neistein e Rachel Mizrahi, iconografia Esther Neistein e transcrição de Rebeca Moura, pesquisadoras do Projeto *Voices do Holocausto*. São Paulo, 29 maio 2019. Arqshoah – Leer/USP.

Dos meus avós maternos só conheci minha avó, Anna Goldschmidt, que veio um pouco antes da Segunda Guerra Mundial para Porto Alegre no Brasil para ficar com uma tia chamada Ilde Goldschmidt [filha dela], casada com Kurt Weil.

O avô paterno fundou, em 1902, uma livraria que se tornou a primeira se não a segunda da Holanda, mas não era somente uma livraria vendia todos os produtos para maquinaria de escritório e também possuía uma editora.

Possuo os cartões-postais editados por ele a partir de 1902 ou um pouco mais tarde. Meu nome é em homenagem a ele. Quando meu avó faleceu, em janeiro de 1936, meu pai assumiu os negócios. Nossa vida era boa não nos faltava nada. A livraria ficava em Amsterdã e nós morávamos a meia hora de carro dela, na cidade de Alkmaar. Meu pai estudou e fez, pelo que eu consegui saber, um curso de aperfeiçoamento universitário na Alemanha, nunca tive certeza de qual nem onde foi porque não deixaram documentos. Minha mãe foi secretária de uma entidade judaica em Frankfurt por muitos anos, até que se casou com meu pai e veio com ele para a Holanda.



109. Louis Frankenberg diante da sua residência em Alkmaar, Holanda, s/d. Fotografia não identificado.
Acervo *Louis Frankenberg/Porto Alegre*, Brasil.

A vida religiosa da família Frankenberg é algo contraditório, porque sua esposa afirma que eram judeus ortodoxos já para Louis eram judeus liberais.

Minha família possuía amigos tanto judeus como cristãos. Eu acho que na vida deles não tinha nenhuma discriminação. Acho que não eram religiosos, mas eram bastante liberais. Sei que meu pai fez *Bar Mitvá*, encontrei o documento. E... de minha mãe creio que também não eram muito religiosos.

A cidade Alkmaar possuía uma comunidade judaica de cento e cinquenta indivíduos e uma sinagoga³⁹⁵ que, com a chegada dos nazistas em 1940, esvaziou-se. “Estive na reinauguração da sinagoga faz alguns anos e lá tem uma lista de todos os judeus de Alkmaar que foram deportados”, afirma.



110. Sinagoga *Beet David Synagoge*. Alkmaar, Holanda, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *Beet David Synagoge te Alkmaar*, Holanda.

Louis recorda com nitidez os momentos na sua infância, em especial, quando sua vida começou a modificar. Uma das primeiras ofensivas contra os judeus holandeses, em 1941, foi o confisco de bens e seu pai perdeu o estimado carro. No início do ano seguinte, houve

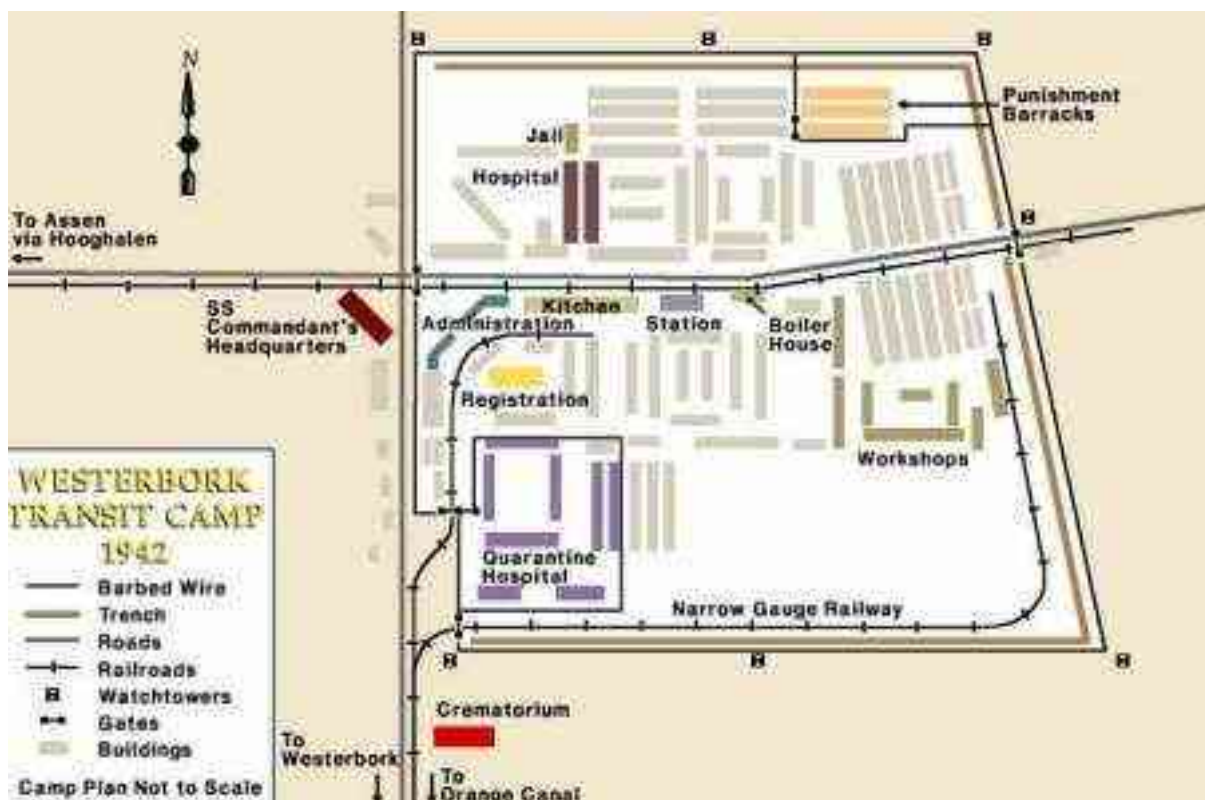
³⁹⁵ O edifício que abriga a sinagoga de Alkmaar teve sua compra em 1804, e primeira cerimônia em 1808. Localiza-se em Hofstraat 15, a aparência atual é resultado de uma reforma ocorrida em 1844. Com a ocupação nazista e o esvaziamento da comunidade a sinagoga de Alkmaar funcionou até 1942. Após a Shoah, a vida judaica em Alkmaar chegou ao fim e a sinagoga foi vendida em 1952 devido à falta de membros sobreviventes da congregação. Em 2009, a Alkmaar Synagoge Foundation (SAS) comprou a antiga sinagoga e após uma restauração completa e a aplicação de elementos judaicos, a reabertura da sinagoga ocorreu em 15 de dezembro de 2011. Desde então, o edifício tem sido usado como museu, centro cultural e sinagoga. BEET DAVID SYNAGOGE TE ALKMAAR. Atividades. Seção Museu. Disponível em <https://alkmaarsesynagoge.nl/> Acesso em 08 nov. 2020.

recrudescimento da política nazista contra os judeus, desesperada a família pediu ajuda, sem sucesso, a familiares que moravam nas Américas Central e do Sul.

É uma lembrança muito forte, única. Nós tínhamos um carro da marca Ford, modelo T, provavelmente dos anos 1934, 1936 ... ele fez algumas viagens com minha mãe nesse carro pela França e Bélgica. Meu pai tinha muito orgulho desse carro, mas quando os nazistas alemães chegaram ao poder, alguma coisa entre final de 1941 e início de 1942, requisitaram todos os carros dos judeus holandeses.

Depois disso, as coisas começaram a ficar feias e meus pais enviaram diversos telegramas. Um desses foi no começo de [19]42, para a nossa família aqui no Brasil. Outro foi para um familiar muito rico em Buenos Aires, e pedimos 10 (dez) mil dólares para obter um visto para Cuba. O dinheiro nunca chegou; e mais tarde, em mais ou menos, junho ou julho de 1942, minha mãe escreve à mão outro telegrama, pela Cruz Vermelha já que a Holanda estava totalmente ocupada. Mamãe pedia urgentemente o dinheiro para poder sair da Holanda. Como não chegava o dinheiro creio que foi o momento em que resolveram se esconder como todos os judeus holandeses fizeram naquela época. Eles saíram do endereço oficial que era registrado pelos alemães em Amsterdã. Nesse período já tínhamos nos mudado para Amsterdã; porque num determinado momento, 5 de março de [19]42 os alemães exigiam que todos os judeus do interior da Holanda, de todas as cidades e povoados, fossem para Amsterdã, onde eram acomodados num bairro judaico de Amsterdã, que é Amsterdã Sul. Aqueles que se mantinham escondidos quando eram capturados e enviados para o campo de trânsito de Westerbork³⁹⁶, na Holanda, e a partir daí, para os campos de extermínio.

³⁹⁶ Localizava-se a cerca de 15km da vila de Westerbork, Holanda. Iniciado pelas autoridades holandesas durante o verão 1939, criaram o campo a fim de receber os refugiados provenientes da Alemanha e de origem judaica que haviam entrado ilegalmente na Holanda. Este esboço do campo transitório de Westerbork apresentado nas páginas desse escrito foi feito por um prisioneiro judeu que conseguiu emigrar para os Estados Unidos. No começo de 1942, as autoridades de ocupação alemãs decidiram aumentar Westerbork e torná-lo em um campo de trânsito para judeus. A concentração sistemática dos judeus da Holanda em Westerbork teve início em julho de 1942. De Westerbork os judeus eram deportados para os campos de extermínio na Polônia ocupada pela Alemanha. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/document/hand-drawn-plan-of-westerbork-transit-camp>. Acesso em 15 nov. 2020.



111. Campo de trânsito de Westerbork, Holanda, 1942.
Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.

Louis lembra como foi o dia em que os nazistas obrigaram os judeus na sua cidade a abandonar suas moradias. Presenciou inúmeras famílias judias deixarem de ser pessoas e passarem a ser vistos e apontados como seres nocivos à sociedade. Foram coisificados pelo nazismo e por isso deveriam ser excluídos, toda e qualquer noção de trato humano, humanista ou humanitário deixou de existir, sob o risco de pena capital para aqueles que ousassem desobedecer à nova lei. Postostos, foram progressivamente desmembrados de suas referências geográficas e culturais e, posteriormente, exterminados.

Eu sei que foi muito triste porque existem relatos do dia. Era 5 de março de [19]42 e um trem especial partiu da estação de Alkmaar, minha cidade natal, para Amsterdã com todos os judeus, e não podíamos levar praticamente nada, talvez algumas bolsas e nada mais, tivemos que deixar quase tudo.

Como judeus, sua família, teve sua residência e livraria ocupadas por alemães que as assumiram como se fossem deles, expulsando-os.

Nós também fomos expulsos da nossa casa por um médico alemão. Esse homem veio visitar-nos com uma caixa de chocolate, olha o detalhe, ele deu para minha mãe e foi examinar se a casa servia a ele e a partir daí nós fomos expulsos dessa casa sem direito a levar nada. Minha mãe nem nenhum de

nós comeram os chocolates, pois minha mãe pegou a caixa de bombons jogou na lata de lixo.

Bom depois de expulsos fomos morar em outro endereço em Alkmaar. Uma casa mais simples que a nossa, mas era uma casa muito boa, construída pelo meu pai mesmo.

Posteriormente, a família foi expulsa, assim como os demais judeus, da cidade de Alkmaar e enviada de trem para Amsterdã, onde se estabeleceu por algumas semanas na casa de um tio chamado Yacob Von Hasseld.

Ele era notário, casado com Liz Von Hasseld, nascimento Vesbrand, Lizlotte Verbrand. Eles sobreviveram ambos à guerra e foram os nossos tutores após a guerra até ficarmos maior idade. Mas, então nós fomos para essa casa simples e a partir daí, num certo momento, em julho de [19]42 meus pais se esconderam e acho, quase certo, que esse telegrama da Cruz Vermelha mandou pro Brasil, que eu já falei, foi escrito no dia de ir embora, porque ainda tem o endereço da rua como remetente do telegrama de onde morávamos oficialmente.

A família permaneceu pouco tempo na casa desse tio, uma vez que o clima em Amsterdã tornou-se a cada momento mais hostil aos judeus. Como forma de proteção, a família resolveu se separar, cada um ficou em uma cidade. Os filhos Eva e Louis para um abrigo em Hilversum (Holanda), e o casal Frankenberg refugiou-se em no porão da casa de uma família cristã, em Amsterdã.

Meus pais mandaram minha irmã e eu para um internato numa outra cidade chamada Hilversum, na Holanda. Era um internato cuja dona, eu acho, era judia, mas tinha ajudantes cristãs e lá ficamos escondidos. Eu era muito pequenininho e ficava num jardim de infância interno, mas minha irmã já ia para uma escola pública na mesma cidade, provavelmente como se fosse uma criança cristã.

Meus pais esconderam-se em outro endereço que levei muitos anos de pesquisa até descobrir onde foi. Era em Amsterdã, numa rua chamada Johannes Vermeerstraat, 44; ficaram num porão, escondidos, com uma família cristã que cedeu o porão, por dinheiro, para eles se esconderem. Ficaram até serem denunciados pela sobrinha da pessoa que os abrigou. Se chamava Maria Valevain, era cristã.



112. Fachada do prédio onde os pais de Louis Frankenberg esconderam-se. Reproduzido do site *Google Maps*, EUA.

O casal Frankenberg ficou escondido por quase um ano na casa, sendo denunciado em 14 julho de 1943 por Maria Valevain a um grupo especial de caçadores de judeus. Capturados foram enviados para o campo de trânsito de Westerbork e, alguns dia depois, exterminados nas câmaras de gás de Sobibor.³⁹⁷

³⁹⁷ O centro de extermínio de Sobibor foi construído em uma região pantanosa e pouco populada, perto da atual fronteira leste da Alemanha com a Polônia. Em sua maior parte, o campo cobria uma área 24 mil metros quadrados. Possuía árvores plantadas ao seu redor para camuflavam o local, além de ser cercado por um campo minado de 15 metros de largura. As autoridades de Sobibor consistiam em uma pequena equipe de oficiais da polícia, membros das SS, e uma unidade de 95 a 120 guardas auxiliares, os quais eram ex-prisioneiros de guerra soviéticos ou cidadãos ucranianos e poloneses. As autoridades do campo começaram as operações regulares das câmaras de gás em maio de 1942. Alguns prisioneiros que eram selecionados para permanecerem vivos e, assim, trabalharem como escravos na remoção dos corpos da câmara de gás e depois jogá-los em enormes covas coletivas. A equipe do campo assassinava periodicamente aqueles prisioneiros e os substituía por outros recém-chegados. No outono de 1942, os oficiais de Sobibor, usando escravos judeus, começaram a exumar as covas coletivas e a queimar os cadáveres em "fornos" ao ar livre, feitos com trilhos de trem. Os alemães também utilizavam uma máquina para moer os fragmentos de ossos e reduzi-los a pó. Aquelas medidas tinham como objetivo ocultar todos os traços de extermínio em massa por eles cometido. Em 14 de outubro de 1943, os cerca de 600 prisioneiros que haviam sobrado no campo iniciaram uma revolta e conseguiram matar onze alemães. Cerca de 300 desses prisioneiros conseguiram escapar, mas 100 deles foram posteriormente recapturados.

existe um livro chamado Caçadores de Judeus, está em holandês, mencionam esse grupo que ficou conhecido depois que entraram lá. Sabiam o nome de todos e os obrigaram a se autodenunciarem. Com isto, os mandaram para o campo de trânsito de Westerbork. Meus pais foram considerados como puníveis, em holandês se diz *straf*, que significa castigo, recebiam no passaporte um “S” grande, e isso significava que eles seriam mandados imediatamente para os campos de extermínio. Era uma marca, um carimbo especial. Quando capturados meus pais estavam de posse de um rádio que era proibido para judeus e uma quantia em dinheiro acima dos limites permissíveis. Esses três fatores fizeram com que fossem os primeiros mandados para um teatro na Holanda, em Amsterdã, que se chamava *Hollandsche Schouwburg*³⁹⁸, localizava-se em um bairro judaico e era onde centralizavam os prisioneiros antes de enviarem ao campo de concentração. Uma vez por semana saía um trem, de Amsterdã, especial para o campo de concentração no centro da Holanda, Westerbork. No caso deles, três dias depois, dia 17 de julho de [19]43 eles foram mandados para Westerbork, lá ficaram sem ter contato com ninguém. E daí três dias depois, em 20 de julho, foram de trem para Sobibor, onde todos os judeus, naquela época, eram mandados e que era um campo de extermínio; e lá chegaram no dia 23 de julho de [19]43 e, imediatamente, mandados para as câmaras de gás.



113. *Hollandsche Schouwburg*, teatro no bairro de Plantage. Amsterdã, Holanda, s.d. Fotografia não identificado. Reproduzido da home-page *Amsterdam Info* [site], Holanda.

Depois da revolta, os alemães desativaram o centro de extermínio e atiraram nos prisioneiros restantes. No total, os alemães e seus auxiliares assassinaram pelo menos 167 mil pessoas em Sobibor. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “Sobibor”. *Enciclopédia do Holocausto, EUA, s.d.* Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/sobibor-abridged-article>. Acesso em 15 nov. 2020.

³⁹⁸ De 1892 a 1941, o *Hollandsche Schouwburg* foi um importante teatro no bairro de Plantage, em Amsterdã. Durante a Segunda Guerra Mundial, os nazistas requisitaram o teatro como ponto de reunião. Hoje em dia, o *Hollandsche Schouwburg* é um monumento em memória das vítimas do Holocausto e em seu hall estão 6.700 sobrenomes que prestam homenagem aos 104 mil judeus deportados da Holanda e mortos nos campos de concentração e extermínio. AMSTERAM. INFO. Disponível em https://www.amsterdam.info/jewish/hollandsche_schouwburg/. Acesso em 15 nov. 2020.



114. Campo de extermínio de Sobibor, na Polônia, s.d. Fotografia não identificado.
Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.

Enquanto isso, Louis estava no internato em Hilversum e sofria por estar longe de seus pais. Houve inúmeras promessas feitas ao menino de rever os pais, as quais nunca se concretizaram. Louis nunca mais voltaria a encontrá-los.

Eu me lembro que antes da guerra fazia xixi na cama. Isso era um problema, tinha incontinência. E no internato haviam me prometido que se durante três noites não fizesse xixi na cama de noite poderia visitar meus pais. Provavelmente já haviam combinado, mas eu continuava fazendo xixi. Recordo que foi numa época em que morei no sótão porque estava com catapora. Só sei que fiquei por um tempo isolado até que uma menina também foi colocada junto comigo porque estava com catapora ou difteria... não sei ao certo... só sei que tive as duas coisas.

Aconteceu entre [19]43, [19]44... então tinha entre sete, oito anos, a única certeza é que continuava a fazer xixi na cama e lembro-me que acordava de madrugada pegava o lençol molhado e ia até uma janela que tinha para secá-lo, de tanta vontade que sentia de ver meus pais [o entrevistado chora].

Até que passou a semana e, teoricamente, eu não tinha feito xixi, mas não me deixaram ir... porém minha irmã foi. Parece que era perto do fim do ano, porque ela conta para mim que foi numa festinha e tudo era camuflado, com outros judeus e meus pais. Ela descreveu no diário sobre a festa, [minha irmã é três anos mais velha que eu e tinha um diáriozinho, hoje essa minha irmã mora na Suíça, nunca fotografei esse diário], na verdade foi um jantar e escreve que estava muito bom, mais nada. Bom, ela foi levada escondida para Amsterdã e passou o fim de semana, uma ou duas noites, com meus pais e eu fiquei.

Faço um parêntese para contar que nós tínhamos na livraria, era algo muito grande, muito conhecido, toda Holanda, principalmente na província, em Alkmaar; nós tínhamos uma amiga que era da polícia juvenil, e se tornou

espécie de tutora e intermediária entre meus pais e nós; foi ela que levou minha irmã de trem até Amsterdã para ver meus pais. Provavelmente, isso aqui é uma dedução minha, não é, eles acharam que duas crianças pequeninas chamaria mais atenção e ela não levou; ela era cristã, portanto, como policial tinha abertura pra andar. Possuía credenciais. A essa altura eu não via meus pais, desde julho de [19]42, esse foi o momento do meu rompimento com eles.

Mesmo sem lembranças precisas, os pequenos fragmentos de memórias do testemunhos de Louis nos dão materiais possíveis para reconstruir o cenário vivido.

Eu era muito pequeno. São lembranças que não tenho. São *flashes*. Sobre o internato, outra coisa que eu me lembro, isolado lá com uma menina de mais ou menos da minha idade; nós não tínhamos que fazer e havia uma malona, dessas de viagem, cheia de roupas e nos fantasiávamos e brincávamos de teatro. O nome dessa menina era Shania.

A comida era alcançada, provavelmente, pela escada que a gente ia buscar, suponho. Era criança, não estudava ainda, mas tenho coisas espetaculares, como dois desenhos feitos antes de sair. Os demais documentos que eu fui achando depois da guerra porque algumas coisas meus pais esconderam no sótão da nossa livraria. A livraria era muito importante, era muito grande, na rua principal da nossa cidade.

A captura

Era dia 3 de fevereiro de 1944 quando os policiais holandeses nazistas bateram à porta do internato trazendo, na mão, uma lista com os nomes das quatro crianças judias escondidas: Louis, a irmã Eva e outras duas meninas. Eva estava na aula, em uma escola pública próxima, e alertaram Louis para se esconder. O menino correu pela casa em direção ao esconderijo, uma espécie de alçapão, posicionado debaixo do telhado, no terceiro andar da casa no qual apenas uma criança pequena caberia. Lembrou-se da instrução da professora e estendeu um pano preto sobre o corpo. Com o coração na garganta, um policial ao inspecionar o primeiro andar da casa e subir na escada, próximo ao esconderijo, abriu a porta do alçapão, ligou a lanterna, iluminou o recinto e viu apenas escuridão. Quando ia embora, outra criança gritou que estava escondida no escuro.

Eu tinha recebido ordens como criança, de que se a polícia viesse, eu tinha que me esconder e já tinha o lugar preparado. Então, quando a polícia entrou, eu, provavelmente sozinho, ou alguém deu um sinal, “se esconda Lode”. Eu fui lá, era a escada que dava para o sótão, mas que na metade tinha um buraco tapado com uma portinha que abria e fechava, e que você entrava direto para a parte onde estão as telhas; então eu entrei lá e aquilo era muito profundo, dez metros talvez, e eu me escondi . Isso tá tão claro em

mim, bem no fundo, escuro total, e coloquei um pano preto, até a cor do pano ainda me lembro, assim, com os dedinhos na minha frente. Portanto, eles não podiam ver nada, porque vieram com uma lanterna, um deles, abriu aquela portinhola e iluminou tudo por dentro e não me achou, porque eu tava lá, tão quietinho... aí ele fechou de novo, desceu e aí, provavelmente, ameaçaram a diretora ou quem era responsável na época, e um menino gritou que eu estava lá dentro. Foi então que me chamaram pra baixo: “Lode, vem pra baixo!”. Eu, menino, criança, obedeci, desci, e me pegaram. Claro! Levaram as duas meninas e a mim para um primeiro andar, onde tinha um quarto de frente para a rua e por essa janela avistamos minha irmã chegando de bicicleta. Disfarçadamente, fizemos gestos, pela janela, de “vai embora, vai embora”, com desespero. Ela entendeu, pegou a bicicleta e entrou relva dentro, era um campo imenso, no fim da cidade e só à noite voltou, mas já tinha tudo acontecido e não pegaram ela.

Louis foi para a delegacia e, dias depois, partiu sozinho para o campo de concentração de Westerbork. Quanto a sua irmã Eva no internato fez contato com Dora Haremacher, uma cristã policial holandesa, a mesma que a levou para ver seus pais, essa mulher abrigou-a na casa de camponeses onde permaneceu até o fim da guerra, ocupando o lugar da filha mais velha do casal que havia falecido. “Minha irmã ficou com o casal cristão chamado Groenier, o homem chamava-se Ubol e a mulher Sibreck.”

A vida em Westerbork



115. Deportação de prisioneiros do campo de trânsito de Westerbork supervisionados por membros da polícia judaica. Holanda, c. 1943-1944. Fotografia não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.

Ao chegar no campo concentracionário em 04 de fevereiro do mesmo ano iniciou-se sua odisseia. Foi para um alojamento destinado a crianças órfãs dentro do campo, onde permaneceu por sete meses. “Recebia uma vez por dia um leite aguado e por ser pequeno não permitiam que saísse do prédio. Sentia saudades da minha família”.

A administração de Westerbork estava a cargo de judeus, o que contribuiu para a sobrevivência do menino, pois é judeu e primo de Hans Eckmann membro do *Judenrat*. Esse primo era mais velho e possuía trânsito junto aos alemães. A relação permitia que saísse do campo de concentração, porém devia retornar. Além dele, sua esposa Grete Eckmann e as duas filhas Marion e Marianne também estavam presas. Em uma saída, Hans obteve um certificado falso de batismo para Louis, emitido pela Igreja Reformista da Holanda, de fé protestante.

Um primo nosso que era um refugiado judeu-alemão imigrou em 1938 para a Holanda com a família, esposa e duas filhas, eram parentes nossos, por parte da minha vó. Chamava-se Hans Eckmann. Eles moravam na mesma cidade que nós e minha irmã costumava brincar com suas filhas. Esse primo conseguiu de alguma maneira uma identidade como chefe e se tornou um dos diretores do Conselho Judaico da Holanda, chefe de uma parte que se chamava Contact Comission. Ele soube que eu estava em Westerbork. O Hans também ficava no campo com sua família, mas numa barraca própria, com porta e tudo mais. Eu não sabia naquela época as coisas que estavam acontecendo. Então, para me salvar, esse primo pegou os meus documentos e conseguiu que um pastor protestante da Igreja Metodista fizesse um documento falso para mim e minha irmã no qual afirmava que fomos batizados em 1938, nessa igreja de Amsterdã. Esse pastor chamava-se Doornbos, pelos menos é o nome que consta no documento predicante. Com esse documento meu primo salvou-nos.

Hans somente descobriu que o menino Louis estava em Westerbork , por conta das fichas que os nazistas obrigavam aos judeus a preencher após 1941. Essa ficha possuía a função mapear os judeus na qual constavam o nome e outras informações consideradas importantes, tais como, data de nascimento, endereço residencial e comercial, profissão, além de dados detalhados sobre os pais. Quando esse judeu era pego, anotavam nessa ficha a data da captura, campos em que ficou e datas de chegada e transferência entre campos. Era uma espécie de censo feito pelos nazistas.

No meio disso tudo havia os Conselhos Judaicos, criados pelos nazistas, no qual meu primo fazia parte. Na minha ficha constava toda minha trajetória nas mãos dos nazistas: quando cheguei, quando fui embora, quando fui pro campo, o outro campo, os dados, tudo, tudo, e também tem o dos meus pais, que também recuperei. Com essa ficha consegui refazer meus laços. Soube que meu nome é Louis Frankenberg, o mesmo nome do meu avô que tinha falecido em janeiro de [19]36. Eu nasci em outubro do mesmo ano. Mas,

todos me conheciam por Lode, que vem de Lodeweck que é Louis em holandês, e que em alemão é Ludwick. Só que abreviam e fica Lode em holandês. Então, esse meu primo supunha que o Lode, apesar da ficha original constar Louis, era Lodeweck. Eu fiquei por muito tempo com esse nome até que recuperei essa ficha e descobri que me chamava Louis.

Mesmo com o primo dispendo de uma barraca própria, o menino não ficava com eles, pois não havia espaço. Às vezes, almoçava com a família, mas na maior parte do tempo ficava só.

Mas não sei muita coisa de Westerbork. Eu só sei que ele se tornou meu protetor e conseguiu me segurar enquanto todos eram mandados para Sobibor e depois para Auschwitz-Birkenau, eu ficava. Mas, em um certo momento, chegamos agora em 1944, a guerra terminou em [19]45. Os Aliados já estavam lutando perto e os alemães estavam preocupados com os vestígios dos campos de concentração na Holanda e receberam ordens de Berlim para limpar o campo. Então, muitos trens que saíam da Holanda e no dia 4 de setembro de 1944 colocaram-me na lista pra ir para Theresienstadt, que era considerado na Alemanha uma estação de veraneio para os judeus, a cidade que Hitler construiu. Eu cheguei em *Theresienstadt*, no dia em que terminaram as filmagens e dois dias antes saiu Anne Frank, desse mesmo campo, Westerbork para Auschwitz, e depois ela foi para Bergen-Belsen, onde morreu.

Essa época não tinha mais nada. Não tinha mais nenhum contato. A viagem até o campo durou dois dias.

Mesmo em Theresienstadt, seu primo conseguiu interceder por Louis ao enviar ao comandante do campo o atestado falso de batismo. Anos depois, descobriu que esse primo mentiu para Louis, pois achou alguns documentos e neles um bilhete endereçado ao internato que afirmava que o sobrevivente não seria enviado para oeste.

Theresienstadt

Cheguei em Theresienstadt e o que vou dizer, provavelmente é tudo probabilidades, pois não sei como, nem que intercedeu por mim ou se ocorreu de fato alguma interferência...só recordo que alguém, talvez de alguma comissão de judeus de benemerência, pediu a um casal para cuidar de mim.

Era um casal que eu não conhecia e tão pouco conhecia minha família. Até aquele momento nunca tivemos contato, mas aceitaram cuidar de mim no campo.

Mantive contato com eles no pós-guerra. Há poucos anos morreram em Israel onde eu estive a visitá-los.

O casal desconhecido chamava-se Anne e Mouritz Opstfeld, eram tchecos, mas residiam na Holanda desde 1932, possuíam uma fábrica de sapatos e haviam perdido um filho assassinado pelos nazistas e outro desenvolveu problemas psiquiátricos com conta do Holocausto. No pós-guerra, manifestaram o desejo que Louis os ajudasse com a fábrica.

Esse casal cuidou de mim, ficávamos em um prédio chamado Amourk. Em Theresienstadt lembro que todos os prédios eram nomeados e também lembro que dormia no chão ao lado deles num pequeno colchãozinho ou algum pano ou coisa de feno, não sei com exatidão, só sei que era no chão e ficava ao lado deles.

Outra pequena lembrança a qual não me sai da cabeça: tinha uma menina do lado que ficou doente, tuberculose e, um dia, eu saí pra brincar e quando retornei ela não estava mais. Eu perguntei onde ela estava responderam “morreu”.

Eu ficava solto em Theresienstadt e tinha um amigo chamado Bob, dois anos mais velho, que sabia que eu era órfão e pediu para o pai me adotar. O pai desse meu amigo fazia parte, em Theresienstadt, do Corpo de Bombeiros de lá. Também havia pessoas estranhas que eu chamava de tios e que não eram tios, mas cuidavam de mim.

Minha lembrança mais forte de Theresienstadt era que vivia uma vida quase normal, não passei fome e não lembro de ficar em uma fila para receber alimentos.

Sei que esses pseudotios cuidavam de mim muito bem, mas eu continuava com o problema de fazer xixi na cama, tanto é que tenho cartas deles na Suíça, depois, dizendo: “você não pode beber água de noite porque vai fazer xixi na cama”. Anos depois, descobri, através de um relato do serviço social judaico holandês, que tanto meu pai, como meu avô, fizeram até puberdade xixi na cama. Eu parei de fazer xixi na cama quando estava em Porto Alegre com meus tios. Quebrei a perna e fui para um hospital em Lages, Santa Catarina, onde permaneci por um mês. Durante todo esse tempo com a perna engessada não podia me mexer e acabei por perder a coisa de fazer xixi na cama.

No campo aprendeu alemão para se comunicar com outras pessoas e era imposto a ele como as demais crianças pelos nazistas a carregarem caixas contendo pó e despejarem no rio que cruzava o campo concentracionário. Esse pó tratava-se das cinzas de corpos incinerados no crematório de Theresienstadt.

Louis recorda que havia um teatro no campo e que encenou uma peça. “O nome do teatro era Teatro Burgerstein e nele apresentamos a peça *Brundibár*”, durante uma inspeção da Cruz Vermelha.

Ao se aproximar do fim do conflito e os alemães nazistas antevendo sua derrota, com objetivo de reduzir as possíveis penalidades, passaram a negociar um acordo com auxílio do

presidente da Suíça Jean-Marie Musy³⁹⁹ para libertar alguns judeus do campo de Theresienstadt em troca de prisioneiros de guerra alemães. Em 1944, um trem partiu desse campo levando 1200 (mil e duzentos) judeus e Louis era um deles.



116. Uma das criança judias, dentre as quais estava Louis, libertada pela missão diplomática de Jean-Marie Musy, presidente da Suíça. Saint Gallen, Suíça, 11 de fevereiro de 1945. Fotografia Walter Scheiwiller. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Cortesia de Stadtarchiv (Vadiana) St. Gallen.

Aos nove anos, Louis deixou o campo de concentração e foi para a cidade de Caux (Monteux), na Suíça francesa. A liberdade, contudo, não foi fácil: viveu em internatos e passou por diversas famílias, que o rejeitavam por considerá-lo rebelde.

³⁹⁹ Jean-Marie Musy (1876-1952) foi um político suíço nascido em Albeuve (Gruyère-Suíça). Formado em filosofia pela Abadia de Sainte Maurice e posteriormente em direito pela Universidade de Friburgo. Concluiu os estudos em pós-graduação em ciências políticas e finanças em Leipzig, Munique, Berlim e Viena. Casou-se com Jullietta de Meyer filha do conde Julio de Meyer, oficial zouavo a serviço do Papa Pio IX. Foi procurador-geral em Friburgo e eleito em 1914 para o Conselho Nacional, tornando-se um competente representante da região francesa da Suíça na Assembleia Nacional de Berna. Aos 43 anos elegeu-se Conselheiro Federal e chefiou o Departamento de Finanças da Alfandega. Entre os anos de 1925-1930 assumiu o cargo de Presidente da Confederação Suíça. Aposentou-se em 1934. Em 1944 interveio junto com seu filho Benoöt, em favor de 1200 prisioneiros judeus do campo de concentração de Theresienstadt que foram libertos. Essa mesma ação impediu que Paris fosse bombardeada. Tais ações resultaram de negociações de Jean-Marie com o Sr. Abetz, o Embaixador do Reich, o Marechal Von Rudstedt e o General Choltitz. Jean-Marie Musy faleceu em 1954, em Friburgo, na Suíça. Reproduzido da home-page JEAN-MARIE MUSY. Disponível em http://www.musy.net/Musy_-_Gruyere/Jean-M-1/Jean-M-2/Jean-M-3/jean-m-3.html. Acesso em 01 dez. de 2020.

Em 4 de setembro de [19]44 esse trem partiu, e muitos judeus tchecos não quiseram ir com medo de se tratar de uma armadilha, pensavam que era, na verdade, uma transferência para um campo de extermínio. Eles estavam na pátria deles, na própria Tchecoslováquia na época, hoje República Tcheca, então não queriam sair de lá, achavam que era melhor ficar do que ir para algum embuste. Mas aqueles que acreditaram de fato, foram nesse trem que os levou entre 6 e 7 de setembro de [19]44 na fronteira com a Suíça.

Ficamos primeiro internados para ver se tínhamos doenças infecciosas e depois fomos pra um lugar perto de Zurich, se chama Rapperswill, onde ficamos algum tempo e de lá me levaram para um internato, em Caux, que é uma cidadezinha nas montanhas acima de Montreux, que fica ao lado do Mar de Genebra

Eu fiquei com outras crianças e acho que não havia muito, ou nenhuma outra criança da guerra, só sei que eram todas crianças holandesas.

Como Caux é um vilarejo pequeno nós estudávamos em outra cidade chamada Glion. Íamos de trem para uma escola holandesa. Então todos os dias, eu acordava, pegava o trenzinho até a cidade, ficava no Liceu holandês e retornava à noite com o trenzinho. Tinha essa rotina por mais ou menos seis ou sete meses, passei um tempo muito bom, apesar de chorar muito, me lembro que comecei a ter contato com a minha irmã por carta. Minha irmã descobriu meu destino porque um dia saiu no jornal *Aufbau*, um jornal famoso de Nova York da época dos judeus alemães de Nova York, uma lista das pessoas que foram mandadas no trem para a Suíça, e o meu nome estava na lista, e dessa maneira alguém deve ter comunicado aos meus tios, que cuidavam da minha irmã na Holanda e assim se fez o contato comigo.

Em abril de 1946, Louis voltou à Holanda e reencontrou a irmã. Viveu um tempo com um familiar e meio ano em uma instituição psiquiátrica. O cenário mudou completamente quando uma ONG dedicada a ajudar órfãos do Holocausto localizou a avó materna e a tia dos pequenos Frankenberg. Mas elas moravam longe: do outro lado do Atlântico, em uma cidade do sul do Brasil chamada Porto Alegre.

A vida em Porto Alegre

Era junho de 1947 quando Louis e Eva desembarcaram no Rio de Janeiro e rumaram à capital gaúcha para viver com os tios na rua Santo Inácio, no bairro Moinhos de Vento. “Esse tio chamava-se Kurt Weil, mas minha irmã não gostou. E em 1953, quando viajamos para Holanda, ela decidiu não voltar, mas eu tive que retornar porque era menor de idade”.

Brincadeiras marcaram sua infância no bairro Moinhos de Vento. Talvez sua adaptação à nova cultura, as aulas no Colégio Batista e no Colégio Júlio de Castilhos, bem como, a saudade da família foram amenizados pelas amizades feitas no período.

Desenvolveu o costume de consultar diariamente o jornal para saber quais navios atracavam no porto da cidade e quando uma embarcação tinha nome holandês caminhava a pé até o Cais do Porto, era um modo de se conectar à terra natal.

Não era algo autorizado, mas era um menino simpático e pedia licença para o pessoal da alfândega para entrar e sempre conseguia! Subia a escadinha e entrava a bordo do navio para falar holandês, comer queijo e chocolate. Adorava. Era minha forma de matar um pouco a saudade da Holanda.

Formou-se em Ciências Contábeis na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e, em dezembro de 1960, casou-se com Helena Beatriz, que conheceu no Colégio Batista. A cerimônia ocorreu na sinagoga da Sociedade Israelita, na Rua Esperança, atual, Rua Miguel Tostes, bairro Rio Branco. Moraram em Porto Alegre até o ano de 1966, quando tiveram de se mudar por conta de um novo emprego que Louis conseguiu em uma empresa internacional. Estabeleceram-se primeiro em Montevideú, depois Buenos Aires e, mais tarde, São Paulo.

Construíram uma família de três filhos e sete netos e Louis tornou-se pioneiro na área de educação financeira no Brasil. Fundou a empresa Planejar, publicou livros sobre planejamento financeiro e foi colunista da Revista Exame por seis anos. Como mensagens para os jovens Louis deixa o seguinte recado:

Não dependa dos outros. Seja você, autêntico e independente. Ética, muito importante a questão ética, nunca minta, nunca crie situações de corrupção, ganhe honestamente a vida. Isso passei para os meus filhos e todos eles seguem. Dê muita importância à educação.

3.3. Livros de memórias: a construção do “eu” e dos “outros” – autobiografia de Rolande Fichberg

A memória resulta das lembranças aguçadas por conjunturas do presente cujo tempo verbal é o hoje para abordar o ontem. Todavia, quando se trata de memórias traumáticas, estas ganham outro viés: simbolizam um passado que não se esvai.

Sempre gostei de escrever, mas os anos foram passando, meu tempo sendo ocupado pela educação dos filhos, [...] minha participação nos movimentos políticos e sociais [...] e, assim, a aquela escritora ficou recolhida [...] [...] mas uma coisa é certa: nos momentos de crise, a escritora dentro de mim sempre volta à tona.

[...] por meio da escrita [...] que retratam a dor, e a minha vontade de viver e renovar a minha esperança o meu reencontro com a vida. Essa foi minha volta por cima.⁴⁰⁰

Como estabelece Seligmann-Silva (2008)⁴⁰¹, ao narrar suas dores aquele que o faz tenta romper com o muro de sofrimento imposto pela biopolítica genocida nazista e tenta religar-se ao mundo. “Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer.”⁴⁰² Porém, a dificuldade é conseguir palavras que representem os horrores vividos dessa experiência traumática, transformando-se em testemunho do intestemunhável que recai na cisão entre o que é possível dizer e o que se diz.

Freud em *Além do princípio do prazer* (1920)⁴⁰³, reflete sobre o conceito do trauma como uma ferida infligida à mente ou, mais especificamente, à memória ou à capacidade de dar significação a acontecimentos vividos, um ferimento ocasionado por um evento que vai além dos limites da nossa percepção, tirando a forma da experiência.

Nessa linha de raciocínio, “a linguagem é antes de mais nada o traço – substituto e nunca perfeitamente satisfatório – de uma falta, de uma ausência”⁴⁰⁴ e o choque produzido pelo trauma não se refere somente à ameaça, mas à lacuna deixada por ela no momento em que ela passa e não pode ser assimilada. Assim, narrar a catástrofe sobre o que representa o Holocausto para cada um que o vivenciou transforma-o em um evento único, raro e inesperado que paralisa o sujeito e muda as suas formas de subjetivação e passa a ser associada à própria vida. O cotidiano, então, daquele que passou por uma situação traumática está condenado a viver com o sofrimento que passa a ser característica da experiência, cujas dores estão alinhadas como elementos de identidade e identificação.

Por isso adota a estratégia de pensar a experiência entre o histórico, corpo coletivo e estrutural para o individual. Só assim, o gesto testemunhal de Rolande Paule Fichberg materializa-se através do livro de memórias *Meus companheiros de viagem* (2010). A mola propulsora foi a recuperação de um problema de saúde e a perda de um amor que a deixaram fragilizada e trouxeram à tona recordações traumáticas vividas por ela e seus familiares durante os anos de perseguição nazista.

⁴⁰⁰ FICHBERG, op.cit., p.5.

⁴⁰¹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas”, In: *Psicologia Clínica*, vol. 20, n.1, Rio de Janeiro, 2008, pp. 65-82.

⁴⁰² SELIGMANN-SILVA, op.cit., p.66.

⁴⁰³ FREUD, Sigmund (1920/1996). *Além do princípio do prazer*. In: FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 18.

⁴⁰⁴ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: SELIGMAN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2012, p. 48.

[...] por meio da escrita, a transpor as barreiras e da perda do homem amado, que não esperou minha recuperação, preferindo seguir outros caminhos e optar por um novo amor.

Daqueles momentos [...] acabei por realizar o grande sonho de minha mãe, que era escrever sobre a saga da família. Foi uma grande satisfação pessoal ter conseguido concluir este livro, que é um misto de memórias e lutas [...].⁴⁰⁵

O registro representa a capacidade de resistência das memórias das famílias Rozen e Korjenwsky contra o esquecimento e, para além, simboliza uma ferramenta de luta contra negacionismo e o neonazismo ainda presentes na sociedade.

Voltei [...] com a enorme satisfação de ter tido a oportunidade de fechar uma etapa dessa minha viagem revivendo parte do meu passado e me despedindo de pessoas queridas. Sempre preocupada em manter a porta entreaberta para novas etapas, com o coração cheio de esperança, ansiando por mudanças que possam beneficiar toda a humanidade.

Um dos objetivos de minha narrativa é o de resgatar um pouco a memória político-social dos movimentos de oposição [...]

Termino este livro esperando que essas lembranças de várias vidas sirvam como um legado[...]⁴⁰⁶

Essa identificação acontece pela exposição textual do trauma coletivo e histórico do Holocausto que marca a identidade judaica de Fichberg, na qual a narrativa é reconstruída a partir do desastre irreparável que foi a Era Nazista. Dessa maneira, o evento torna-se a espinha dorsal do texto, cuja fala está apoiada no tempo presente e atua como uma ponte entre o passado e futuro.

No texto em questão, a escrita de si encena o sujeito ausente traumatizado que o faz para sobreviver por meio da narrativa. Assim, ao escrever sobre o eu traumatizado – Fichberg – o traz de volta à vida, mas trata-se de um outro sujeito transformado em um personagem de si mesmo, que relata suas memórias, através da escrita, que abordam lembranças as quais não fazem mais do que tomar para si a tarefa de perpetuar a história da família e sua própria. Uma escrita emaranhada de sentimentos e rostos pulsantes, cuja memória feminina se confunde com a memória familiar e que juntas compõem e transformam vidas.

Com isto posto, ao assumir o papel de guardião da memória, Fichberg aceita construir o papel de narradora privilegiada, cuja obra é completa autobiográfica e memorialista com o gênero de

⁴⁰⁵ FICHBERG, op.cit.

⁴⁰⁶ FICHBERG, op.cit., p.362.

diário epistolar, com que então se complementa todos os gêneros que aproximam o leitor da literatura subjetiva, íntima e confessional o narrador. [...] a autora parece buscar a construção ou a reconstrução de si mesma.⁴⁰⁷

A opção pela estruturação autobiográfica na constituição de um eu subjetivo pela fala transpassa a fronteira do indizível para torná-lo compreensível sem invocar a vitimização teatral.

Meu nascimento foi um evento marcante para as famílias Korjenewsky e Rozen, pois a Segunda Guerra teve seu início em setembro de 1939 e eu nasci em dezembro daquele mesmo ano, em meio a uma tristeza e preocupação geral.⁴⁰⁸

No mais, quando um sujeito apela para autobiografia e memória este reivindica um lugar de afirmação já que o texto autobiográfico é a única forma possível para expressar histórias pautadas na memória.

Eu era muito pequena [...] e minhas recordações estão para mim como um filme que eu tenha assistido há muito tempo, mas confirmados por minha mãe, que ficou impressionada por eu me lembrar de fatos tão remotos.⁴⁰⁹

Nessa cena, o testemunho firma-se como *superstes*, o presente do ato testemunhal ganha a precedência.⁴¹⁰ Isso posto, o ato de “testemunhar” localiza-se no momento do narrar a experiência, a qual ocorreu no passado. Ou seja, firma-se na estreita relação com a memória, recorrendo a mesma para reconstrução de um episódio já visto.

A modalidade do *superstes* trabalha, sobretudo com o fato da linguagem ter que lidar com a flagrante “incomensurabilidade” que existe entre a expressão da experiência e a experiência em si. Diante de tais perspectivas, narrar algum fato que se presenciou também consiste em “testemunhar”.

À sua maneira, Rolande vai relatando sua dor e de sua família, recordando cenas do passado recente e distante, no qual o presente está inserido a esse novo cenário construído sob a experiência de aflição, cujo contexto vai se delineando conforme as famílias e a própria escritora permanecem: um ciclo de melancolia e saudade. Revelam, ao longo do seu texto

⁴⁰⁷ FICHBERG, op.cit., p. 19.

⁴⁰⁸ FICHBERG, op.cit., p. 23.

⁴⁰⁹ FICHBERG, op.cit., p.57.

⁴¹⁰ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença*. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34,2005, p. 81.

autobiográfico, as tentativas e, por vezes, a inabilidades da relação do ser humano com a perda. Além de transmitirem ao leitor não somente as resoluções e estratégias da família para escapar dos seus alçozes e sobreviver, também faz comparações a partir de suas impressões.

Em termos práticos, sua escrita não é meramente descritiva e imparcial, pois é seu sentimento diante do sofrimento vivido, convertendo-se em um olhar não neutro dos acontecimentos. Logo, quando descreve, o faz intensamente e desprovida de indiferença, já que são descritas em detalhes, o que talvez fosse o caso de um anotador que não tivesse experienciado o inferno das perseguições vividas por Fichberg.

A obra autobiográfica de Fichberg é composta por várias camadas e, longe de ser uma fala panfletária, reflete a voz de uma mulher na luta pelos movimento sociais e políticos em prol das liberdades democráticas e contra qualquer discriminação que se inicia com uma narrativa associada à cronologia histórica do Holocausto e segue com suas lutas nos movimentos sociais contra a ditadura no Brasil. Sua elaboração é repleta de questionamentos e reflexões feitas que representam um espelho de memórias, no qual as vivências passadas misturam-se às máscaras do presente numa busca pela (re)construção de si mesma.

São narrativas que representam relíquias preservadas frente à desordem da experiência humana, na qual o discurso refere-se aos acontecidos em meio a negociações entre uma referencialidade estável, durável e totalizante ancorada nas estratégias de autorrepresentação da outridade do homem inacabado, fragmentado, descentrado e plural.⁴¹¹

Em razão de tudo isso, a escrita do livro é a salvação da escritora, que mesmo colocando-a em flagrante estado de inquietação, trazendo questões incômodas, o exercício proporciona à autora superar vários tipos de tragédia individual e coletiva. Em outras palavras, para Rolande Fichberg a literatura é um excelente exercício para compreender os problemas de um sujeito moldado através dos restos daquilo que encena em um outro tempo, recuperável apenas pelas lembranças atravessadas de simbologias de um silêncio agora ouvido e trazido à vida por meio das palavras.

As escritas autobiográficas fazem os sujeitos falarem, agirem e viverem por meio das narrativas, as quais se recordam apenas daquilo que já desabou, que já ficou reduzido a pó. O narrador de si, dessa forma, salvaguarda a sua história na memória pessoal e coletiva, possibilitando, com isso, ressuscitar.

Considerando os pontos abordados, a escrita autobiográfica de Fichberg serve acima de tudo para abalar o indivíduo, não só enquanto no papel de escritor, mas enquanto leitor

⁴¹¹ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p.11.

também, transformando-o em alguém mais sensível, dotado de um olhar diferente sobre o texto.

3.4. Infância pós-Holocausto de Mina Carakushansky⁴¹² e Chaja Finkelstein⁴¹³

Elas sequer eram nascidas quando seus familiares foram levados para os campos concentracionários ou tentavam escapar das perseguições nazistas. No momento em que vieram ao mundo, tiveram de superar os impactos produzidos pela guerra.

Suas falas mnemônicas confluem para as marcas traumáticas decorrentes das associações encadeadas a partir de sensações e sentimentos experienciados por seus pais, ou seja, refletem a eloquência do trauma, do impossível de desfazer e do trágico vivido elaborados por uma criança que carrega o fardo de lembranças que não são suas.

Memórias sobre fantasmas transmitidos por simbologias, silêncios, segredos e falas entrecortadas que narram os engajamentos de seus familiares em aparentar certa adequação à uma vida “normal” pós-Holocausto.

Representam infâncias construídas a partir do trauma, do desamparo, da perversidade, da insegurança e do medo que podem ser traduzidos em uma tentativa de deciframento ao questionar-se “o que meus pais querem de mim?”

Para elucidar essa trama que envolve passado e presente, os quais abarcam a tensão e angústia das vivências encenadas nessas infâncias, trouxe as histórias de vida de Mina Carakushansky e Chaja Finkelstein, filhas de sobreviventes do Holocausto.

⁴¹² CARAKUSHANSKY, Mina. Testemunho concedido por Mina Carakushansky à Fernanda Capri. Câmera, Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 19 fev. 2018. Arqshoah/Leer-USP.

⁴¹³ FINKELSTEIN, Chaja. Testemunho concedido por Chaja Finkelstein à Fernanda Capri. Câmera, Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 05 mar. 2018. Arqshoah/Leer-USP.

3.4.1. Mina Seinfeld Carakushansky



117. Mina Seinfeld Carakushansky. Rio de Janeiro Brasil, 2017.
Fotógrafo não identificado. Acervo *Mina Carakushansky/RJ*, Brasil.

Nascida em 14 de setembro de 1944, em Dorohoi, na Romênia, filha mais nova do casal de sobreviventes de campos de concentração na Transnístria⁴¹⁴, David Seinfeld e Braha Altaras de Seinfeld.

Sua família antes das perseguições aos judeus na Romênia possuía uma situação financeira confortável. Seu pai era presidente de um pequeno banco e sua mãe era comerciante. Frida Seinfeld, sua irmã mais velha, auxiliava a mãe na loja de tecidos.

No ano de 1941, instalou-se o regime fascista de Ion Antonescu⁴¹⁵ que copiava a política genocida contra judeus e ciganos. Tudo mudou para a minha família quando a perseguição aos judeus chegou à Romênia! Capturados, meus pais e irmã foram enviados para campos de concentração

⁴¹⁴ Transnístria é uma região localizada no Leste Europeu, situada dentro das fronteiras internacionalmente reconhecidas como pertencentes à Moldávia, embora tenha unilateralmente declarado sua independência em 1990 com a ajuda de contingentes russo e cossacos. A região foi palco de inúmeros conflitos de disputas. Durante a ocupação romena (aliada à Alemanha Nazista) nos anos de 1941 a 1944, adotou-se a política de opressão e massacre dos judeus, a qual levou para a morte aproximadamente entre 150 mil e 250 mil judeus ucranianos e romenos que foram deportados para a Transnístria. A maioria foi executada ou morreu de outras causas em guetos e campos de concentração do Governo Geral. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Transnistria”. *Encyclopedia Britannica*, 20 ago. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Transnistria>. Acesso em 23 jul. 2020.

⁴¹⁵ Primeiro-ministro romeno entre os anos de 1940 e 1944, aliou-se a Alemanha nazista adotando as políticas de opressão e genocídio as minorias. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Ian Antonescu”. *Encyclopedia Britannica*, 20 jul. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/IanAntonescu>. Acesso em 24 jul. 2020.

na região da Transnístria: minha mãe e Frida para Targu-Jiu⁴¹⁶ e meu pai a um campo de concentração próximo à fronteira da Rússia. Meu pai não sabia o destino das mulheres da família e diante do horror vivido diariamente no campo não tinha esperanças em reencontrá-las!

Enquanto isso, Braha e Frida estavam em um campo no qual não se enviava os prisioneiros para câmaras de gás nem para o fuzilamento, mas deixavam que morressem à míngua, sem comida, água, roupas adequadas para as temperaturas baixas, sem acomodações apropriadas e sem condições de higiene.

Mamãe e Frida dormiam em barracões de madeira, com tetos de zinco, e não havia comida, elas comiam sopa feita com legumes podres. Era um lugar miserável! Morria-se de fome, frio ou por doenças. Minha mãe ao ser enviada para o campo pesava noventa quilos e saiu de lá pesando quarenta!

Os Seinfeld permaneceram separados por dois anos e meio reencontrando-se em 1944, quando os prisioneiros começaram a ser libertados e ocorreu o golpe de Estado da Romênia.⁴¹⁷ David foi preso pelos russos e encaminhado para um campo de trabalhos forçados só para homens. Nesse período em que ele esteve em casa, Braha engravidou de Mina.

Quando o ditador foi deposto pelo rei Miguel, o Exército Vermelho avançou e começou a caçar aqueles que eram aliados aos nazistas. Aconteceu um engano e meu pai foi preso. Acho que porque não tinha documentos... não sei bem ao certo.

Bom, com a sua prisão, mamãe e minha irmã foram morar em um quarto minúsculo na casa do meu tio materno.

Nesse íterim, mamãe começou a ganhar peso e achava que era consequência da volta a sua alimentação normal. Só não havia retornado sua menstruação, mas ela atribuía às privações que passou no campo. Um dia mamãe sentiu dois pontapés o que a despertou para a realidade. Estava grávida! E essa realidade se mostrou uma vergonha para mamãe e para minha irmã. Oito dias depois que nasci papai chegou em casa, após cumprir sete meses de encarceramento. Ele conseguiu provar sua inocência. Ao chegar, perguntou a minha mãe “quem é essa criança?” mamãe apreensiva

⁴¹⁶ Campo de concentração localizado na cidade de mesmo nome. A cidade é a capital do condado de Gorj na região de Oltenia da Romênia. Está situado nos Sub-Cárpatos Meridionais, nas margens do rio Jiu . BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Targu-Jiu”. *Encyclopedia Britannica*, 08 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Targu-Jiu>. Acesso em 24 jul. 2020.

⁴¹⁷ Também conhecido como Golpe do Rei Miguel, trata-se de um golpe de Estado liderado pelo rei Miguel da Romênia em 1944 contra a facção romena pró-nazista liderada por Ion Antonescu. A ação permitiu o avanço do Exército Vermelho encurtando a guerra no país. Em setembro de 1944, o armistício foi assinado e atingiu uma capitulação aos soviéticos de 90% do território romeno. O rei Miguel teve de abdicar e deixar o país em 1947 e só foi autorizado a regressar em 1992. Quanto à Romênia, permaneceu sob domínio russo até o final de 1950. No entanto, sofreu a repressão comunista até 1989, quando aconteceu a Revolução Romena. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Golpe do Rei Miguel”. *Encyclopedia Britannica*, 09 ago. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/GolpedoReiMiguel>. Acesso em 24 jul. 2020.

respondeu “nossa!” E todo o planejamento que ele fez para nossa família foi por água abaixo.

A situação econômica antes estável agora era de extrema pobreza e solidão pela ausência de David, somado à vergonha sobre o julgamento que mãe e filha poderiam ter pela gravidez de Braha com esposo preso. “Mamãe tinha medo de que a acusassem de adultério. Tinha receio que meu pai ao saber da novidade hostilizasse a nós duas.”

O medo e constrangimento tomaram tal proporção que a filha mais velha do casal, a adolescente Frida passou 15 (quinze) dias sem sair de casa. Braha sofreu até o dia em que David apareceu em casa. Após ver a pequena Mina, teve um misto de tristeza e alegria. A pequena, antes mesmo de pôr os pés nesse mundo, já sofria o medo, insegurança e pré-julgamentos de adultos.

Era uma vida afinal! Mas, agora tinham mais uma boca para alimentar e a imigração tão sonhada nos meses em que ficou preso, já não era tão fácil com uma criança recém-nascida.

Mina e a perseguições aos judeus na Romênia pós-Holocausto

Findo o conflito, a vida dos judeus não se tornou suave nas terras romenas. Agora sofriam perseguições do governo comunista romeno similares às políticas adotadas pela União Soviética.⁴¹⁸

David Seinfeld iniciou um pequeno comércio, Braha o ajudava, mas as dificuldades financeiras na Romênia eram significativas e demonstravam-se insuperáveis. A comida era escassa para os judeus, a fome ganhava folego na família Seinfeld, especialmente para Mina, que sentia suas garras.

A Romênia continuava um caos após a saída dos nazistas. O governo comunista era cruel.

Minha irmã era a melhor aluna na escola, mas não foi permitido o seu ingresso na universidade. Foi trabalhar como professora.

O dinheiro era curto, a comida pouca, meus pais sempre trabalhando para proporcionar à família uma vida digna.

Eu ressentia as ausências: dos meus pais, do convívio com outras crianças, de poder comer um pouco mais para saciar minha fome... Era tão fraquinha...

⁴¹⁸ Durante os anos de 1947 até 1989, a Romênia viveu sob o domínio comunista o qual ascendeu ao poder após uma eleição fraudulenta. Foi um período marcado por prisões em massa, nacionalização de grandes negócios e propriedades, sistema de trabalho forçado e perseguição a inimigos imaginários e reais do governo. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “Romania”. *Encyclopedia Britannica*, 22 set. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/Romania>. Acesso em 24 jul. 2020.

Frida assumiu o papel de cuidar de mim... contava-me histórias, costurava vestidos para eu usar. Senti sua falta quando se casou com Moise.

Meu pai tinha um comércio e perseguiam-no. Os comunistas detestavam comerciantes, principalmente os judeus sionistas. Batiam em nossa porta à noite, revistavam nossa casa, deixando um rastro de destruição. Eram roupas e móveis revirados; louças e vidros quebrados. Soma-se ao fato que meu pai era conhecido por ser apaixonado e defensor do Sionismo. Por esse motivo, toda a família sofreu perseguições. Éramos hostilizados pelas pessoas. Tudo por conta da sua crença e profissão!

O governo romeno desempenhava um papel tóxico destruindo os sonhos do recomeço da família, e David percebeu que perdia a luta contra a violência perpetrada a eles. Era doloroso ver sua filha menor, uma criança de quatro anos, atingida pela política intolerante que a privava de desfrutar das brincadeiras com outras crianças, ter roupas adequadas e comida necessária, além de limitar o convívio com os pais. Deveriam imigrar, mas para onde? Como um bom sionista, David decidiu que o melhor lugar era Israel.

A essa altura, Frida, com 20 anos, havia se casado com um rapaz judeu chamado Moise Kornbluth e tinham um filho recém-nascido, e a viagem seria inapropriada para mãe e filho. Optaram por fazê-lo mais tarde.

Israel

Assim que a família estabeleceu-se no país, cessava a Guerra pela Independência⁴¹⁹ e teve início a Cortina de Ferro⁴²⁰, a qual impunha um dura realidade: não era permitida a saída espontânea em países aliados ou sob o domínio da União Soviética⁴²¹, e a Romênia estava

⁴¹⁹ Também conhecido como a primeira Guerra Árabe-Israelense (1948-1949) trata-se do conflito entre o recém-criado Estado de Israel e os países da Liga Árabe. A guerra foi uma resposta a divisão da Palestina em duas partes. O árabes não reconheceram o de Israel e não houve formação do Estado Palestino. Israel om apoio dos Estados Unidos derrotou os adversários, aumentado seu território e reconfigurando a região. Ocupou os territórios da Galileia, o Deserto de Neguev e a Cisjordânia, a oeste do rio Jordão. Jerusalém foi dividida em duas partes: a parte ocidental pertencente a Israel, e a oriental, a Jordânia. A Faixa de Gaza ficou sob o comando do Egito. Para além dos motivos econômicos e territoriais havia a questão religiosa. PINTO, Tales dos Santos. “Primeira Guerra Árabe-Israelense (1948-1949)”. *Brasil Escola*, Brasil, s.d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/primeira-guerra-Arabe-israelense-1948-1949.htm>. Acesso em 28 de julho de 2020.

⁴²⁰ Expressão utilizada para designar a divisão da Europa, no pós-Segunda Guerra, em duas partes: a parte oriental sob domínio ou fazia parte da extinta União Soviética e a ocidental era constituída por países independentes aliados com os Estados Unidos. A tensão foi estabelecida após o discurso do primeiro-ministro britânico, Wiston Churchill, o qual pôs um fim à aliança que derrotara Alemanha. CARDOSO, Luisa Rita. “Cortina de Ferro”. *INFOESCOLA*, Brasil, s.d. Disponível em <https://www.infoescola.com/historia/cortina-de-ferro/>. Acesso em 28 jul. 2020.

⁴²¹ União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ou simplesmente União Soviética, foi um Estado socialista localizado na Eurásia que existiu entre 1922 e 1991. Era resultante de uma união de várias repúblicas soviéticas subnacionais e governada por um regime unipartidário, altamente centralizado e comandado pelo Partido Comunista, tendo como sua capital a cidade de Moscou. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia.

inclusa nesse grupo. Mas o que isso significava para família Seinfeld? Significava a volta do terror, além do impedimento imposto à família de Frida de se reunir com os pais em Israel.

Infelizmente, quando chegaram a Israel souberam da Cortina de Ferro e isso representou para minha irmã e para nós um sofrimento.

Seu marido ficou preso por dois anos e meio, só por ser sionista. E impôs dez anos de isolamento a nós, o que deixou nossa mãe arrasada e extremamente preocupado com o destino de minha irmã e sua família.

Mais uma vez a família estava sofrendo com a separação imposta e com a pobreza que os acompanhara em terras israelenses. Mina era uma menina tímida que não falava hebraico, mas percebendo a necessidade de aprender o idioma conseguiu em poucos meses. Aos cinco anos, ajudava os pais na lavanderia após a escola.

Em Israel a pobreza continuou... e agora nós morávamos em um minúsculo quarto com o banheiro do lado de fora.

Meus pais conseguiram um emprego de faxineiro numa escola que ficava a duas horas de caminhada de nossa casa. O salário era pouco, mas necessário. Eu ia trabalhar com eles.

Algum tempo depois, meus pais resolveram ousar. Abriram uma pequena lavanderia. Rapidamente conseguiram clientes e o entreposto funcionava até as duas da manhã.

Sem ter com quem me deixar, minha mãe recorreu a uma vizinha para cuidar de mim, mas essa mulher não me tratava bem. Ela não me alimentava direito, era cruel, me colocava para dormir as quatro horas da manhã, pouco antes da escola.

Na escola tinha dificuldade, principalmente com o hebraico.

Atingida mais uma vez pelas dificuldades, não sabia uma única palavra em hebraico, era a primeira vez na escola, não tinha amigos, sequer os filhos da vizinha brincavam com ela, pois eram mais velhos.

Mina tinha diante de si a responsabilidade do trabalho duro madrugada a dentro após cumprir sua jornada de estudos, sem tempo para queixas ou ser criança. No final da década de quarenta, a família recebeu uma carta do irmão de Braha.

Tio Abraham residia na Venezuela e possuía uma boa situação financeira.

Quando soube do nosso paradeiro, passou a enviar cartas pressionando meus pais para imigrarem para lá.

Minha mãe queria ir mas meu pai resistia a ideia de abandonar o sonho de Israel. Demorou quase um ano para convencer meu pai a mudar de país.

O caminho para Venezuela não foi fácil e o preço pago foi alto para as convicções de David. “Poderia ter somente nove anos, mas percebi a tristeza no olhar de meu pai.”

Afinal, ser feliz é possível!

A família teve que aguardar por um mês na Grécia pela solução de questões burocráticas para imigrar a Venezuela. Para isso, contou com a ajuda de uma organização: a HIAS⁴²², que os hospedou em um hotel luxuoso.

Grécia!!! Chegar aquele país com suas ruas cheias, pessoas conversando tranquilamente nos cafés, dias ensolarados e floridos, e o mar...a liberdade era total! Foi maravilhoso! Era um banho de felicidade, após um longo período repressivo! Nunca pensei que poderia viver essas sensações! Era a primeira vez que me sentia assim! O hotel era luxuoso e eu pensava que viver assim não deve ser permanente.

Acostumada às agruras da vida, Mina não pensou que existisse felicidade ou que ela fosse merecedora do sentimento. Era a primeira vez que vivia sua meninice. Na Grécia não havia as responsabilidades do trabalho; não precisava separar e dobrar roupas por horas, dormindo pouco e comendo menos ainda.

Chegamos à Venezuela

Aos nove anos mais uma vez o desafio da barreira linguística se apresentava à menina: o espanhol. Mas pouco importava porque com ajuda do tio Abraham a vida se tornava mais leve na América do Sul.

A Venezuela era inacreditável! Com ajuda de meu tio, papai alugou um apartamento de dois quartos e agora eu tinha m quarto só para mim! E o que era mais fantástico: havia dois banheiros. Parecia um palácio!

⁴²² Fundada em 1881, sob a denominação Sociedade Hebraica de Ajuda aos Imigrantes – HIAS – como instituição de ajuda aos judeus que fugiam dos pogroms na Rússia e Europa Oriental . Auxiliava-os a encontrar parentes, na tradução documentos, fornecimento de refeições, vestimentas, transporte e empregos para os refugiados judeus, quando o mundo ainda não possuía o conceito legal para as pessoas que necessitavam de um local seguro fora de suas pátrias. Estabeleceu seu primeiro abrigo para indivíduos nessa condição em Lower East Side no intuito de proporcionar espaços para dormitórios. Ao longo dos anos, atuou ativamente na ajuda de pessoas em situação de refúgio e a partir dos anos 2000 expandiu o trabalho incluindo a assistência aos não judeus. *HIAS*. Seção História. Disponível em <http://www.hias.org/who/history>. Acesso em 30 jul. 2020.

O tio ajudou-os ainda a abrir um pequeno comércio, uma loja de roupas para senhoras chamada “Cinelândia Modas”. A loja permitiu o pagamento dos estudos de Mina no Colégio Moral y Luces Herzl Bialik, em Caracas, e as enormes despesas com a doença de Braha.

Eu era a melhor aluna do colégio, mas não tinha muitos colegas. Após quatro anos em Caracas de paz; não posso dizer de felicidade, pois minha irmã ainda estava na Romênia, mamãe foi diagnosticada com câncer, e foi muito agressivo. Em pouco tempo ela faleceu. Morreu sem reencontrar Frida. Foi devastador! Eu tinha treze anos e éramos somente eu e meu pai e uma irmã a quilômetros de distância...

Todas as noites depois do jantar, quando me juntava a papai, rezávamos os *Tehilim* em meio as lágrimas. Isso me marcou muito!

Os anos passados por minha mãe no campo de concentração, aliados à falta da minha irmã corroeram sua saúde.

Sem Braha para guiá-la em seus estudos, Mina tinha ao seu lado David que, muito religioso, incutiu nela tudo que era necessário a um filho homem saber sobre judaísmo. Mais uma vez era privada de vivências típicas de meninas da sua idade. Enquanto suas amigas tinham aulas de piano, balé, teatro entre namoricos, ela estudava *Rashi, Guemará, Tanah...* “Adquiri conhecimentos judaicos equivalentes a um rapaz religioso que estudou muito!” Com a morte da mãe, o tempo de Mina dividia-se entre os estudos e trabalho na loja da família. Passados alguns anos, com os contatos adquiridos por seu pai e ajuda do tio, finalmente, Frida e sua família imigraram para a Venezuela.

Ter minha irmã e cunhado com seus dois filhos em Caracas era extraordinário!

Eles ficaram em nossa casa e seis semanas depois de sua chegada já começaram um negócio que logo se tornou um sucesso.

E a vida da família continuou com seus altos e baixos. David e Mina ao mesmo tempo que estavam felizes ao reencontrar Frida continuavam tristes pela perda de Braha. Foi então que Moise e Frida insistiram para que os dois fossem visitar em São Paulo o irmão de David, a quem ele não via há mais de quarenta anos.

Ficamos várias semanas na casa do meu tio em São Paulo, mas nossa volta tinha que ser pelo Rio de Janeiro. Quando o avião fez escala no Rio chovia muito e não pudemos prosseguir com a viagem.

Meu pai aproveitou a oportunidade, já que tínhamos tempo, resolveu encontrar com um amigo que conheceu na Bessarábia. Esse amigo mandou o filho Gerson nos buscar no aeroporto.

Do encontro de Mina com Gerson nasceu uma amizade que se prolongou através de cartas e um ano depois o rapaz viajou a Caracas para pedi-la em namoro.

O casamento não tardou a sair, pois a sogra era paciente em fase terminal de câncer.

E lá vai a resiliente Mina para o Brasil

Com o casamento, em 1962, Mina foi morar com os sogros no Grajaú.

Meus sogros sempre tiveram muito carinho por mim.
 Mas decisivamente a vida no Grajaú não era animadora. O calor era infernal!
 Minha sogra sempre na cama, cheia de dores... Não tinha amigos... Havia tédio e vazio.
 Até que um dia estimulada pelo meu sogro resolvi que ia fazer faculdade.
 Mas de que? Matemática. Claro!
 Esse sempre foi o meu o meu maior desejo.
 Meu marido não gostou da ideia de ter uma colega porta à dentro. Mas, mantive minha decisão.

O sogro, seu maior incentivador, ajudou-a com a documentação necessária para ingressar no curso de matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, através de um convênio para estudantes de toda a América Latina, o qual reservava um número de vagas. O curso foi realizado com facilidade e ao concluí-lo teve que interromper sua trajetória acadêmica para acompanhar Gerson em viagem ao Estados Unidos para fazer um curso de pós-graduação.

Fiquei grávida de nossa primeira filha, Betty, que nasceu nos Estados Unidos onde o pai realizava a especialização.
 Quatro meses após o nascimento de Betty, voltei ao hospital para uma consulta de rotina e fui surpreendida pela notícia da existência de um nódulo no osso por detrás do meu seio. Fiquei abalada, mas o doutor com naturalidade disse: “não tem problema. Se for um câncer a gente tira tudo, limpa tudo e fica tudo ótimo!”
 Sai da consulta com um turbilhão de questionamentos na minha cabeça. Insegura, liguei para minha irmã⁴²³ que voou de Caracas para me fazer companhia já que Gerson estava envolvido com os estudos.
 Fiz a biópsia e não passou de um susto, o diagnóstico foi negativo para malignidade e a vida seguiu na monotonia anterior, agora enriquecida pela presença maravilhosa e minha filha!

⁴²³ Mina confessa que a situação política da Venezuela atualmente a deixa muito apreensiva, especialmente porque sua irmã e família moram no país.

Seu esposo não tardou em concluir o curso e a família retornou para o Brasil. De volta, Mina decidiu que era o momento de fazer um curso de pós-graduação em Matemática, no Instituto de Matemática Pura e Aplicada – IMPA⁴²⁴.

Fui ao IMPA com Betty no colo e falei com um professor, mostrei meus resultados do curso de graduação. Ele me deu alguns formulários e disse que por meu dinamismo e excelente resultado do curso de graduação teria muita chance de ser aceita.

Mina foi aceita para realizar o curso e conclui seus estudos de mestrado em dois anos e doutorado em um ano. Obteve ainda um mestrado em Administração pela California American University (EUA).

Meus colegas de pós-graduação eram homens e mulheres sem filhos. E quanto a mim, já tinha uma filha nos braços e outro futuro filho, dando o ar de sua graça. Mais que nunca precisava usar minha inteligência e sabedoria para vencer e não deixar cair meu nível de desempenho como mãe e estudante.

Em meio as suas lutas seu filho chegou.

Entrei em trabalho de parto e o médico que me atendeu, Dr. Alkinder Soares Filho, era torcedor fanático de um time de futebol do Rio de Janeiro em que o principal jogador se chamava Cafuringa. Nesse dia, era um jogo importante para o time e para o desespero do médico dei entrada na maternidade bem no começo da partida.

Fiquei na sala de parto de onde se ouvia a transmissão do jogo. Dr. Alkinder divida-se entre ouvir angustiado os perigosos lances para seu time e a evolução do meu parto. Quando meu filho colocou a sua cabeça no mundo o tal Cafuringa fazia o gol decisivo da partida. Foi o bastante para o médico “decidir” que meu filho deveria se chamar Cafuringa. (risos) Imaginem! (risos) Agradei a sugestão, mas disse que o nome já fora escolhido. Chamar-se-ia Mauri.

Agora com dois filhos e estudos concluídos era hora de começar sua carreira profissional. A primeira porta que bateu foi na Direção do Instituto de Matemática da UFRJ, cujo diretor encaminhou para a Vice-Diretora, encarregada de aceitar ou não os candidatos.

Eu pensava que passada essa fase acadêmica e com meu currículo conseguiria me estabelecer profissionalmente sem problemas. Mas este mundo todos sabem não é justo! Quando apresentei minha inscrição no IM-

⁴²⁴ O IMPA foi a primeira unidade de pesquisa, criada em 15 de outubro de 1952, do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq). IMPA. Disponível em <http://www.impa.br/sobe/historia/>. Acesso em 10 ago. 2020.

UFRJ fui atendida pela Vice-Diretora, uma senhora, mal humorada que me disse com frieza: “toda essa papelada que você trouxe não vale nada. Todas estas cartas de recomendação podem muito bem ter-lhe sido oferecidos por amigos.” Anos depois, tornei-me chefe dessa senhora. Que ironia!

Passou em primeiro lugar no concurso para o Instituto e, embora ressentida por não desfrutar de mais horas para seus filhos, devia assumir o cargo depois de todo o esforço despendido.

Inicialmente lecionou álgebra linear e cálculo IV em 12 turmas de 50 alunos dos mais diversos cursos da Universidade, os quais eram ligados as disciplinas pelas amarras do currículo de seus respectivos cursos. As aulas tornaram-se famosas e as turmas cresciam. Mina, cada vez mais reconhecida, chegou a lecionar em um semestre para uma turma de 200 alunos, os quais a apelidaram carinhosamente de “Professora VitaMina”.

Empenhou-se na elaboração do livro *Introdução à Álgebra Linear*, escrito em parceria com o professor Guilherme de La Peña, o qual indicou para exercer a função de analista de projetos de pesquisa na Fundação José Bonifácio. “Elaborava pareceres em projetos da mais variadas áreas e conhecimento humano”.

A partir desse trabalho, foi indicada pelo Reitor da UFRJ para a turma de 1985 a fim de realizar um curso na Escola Superior de Guerra, atual Instituto de Altos Estudos Estratégicos. Tamanho reconhecimento pelo corpo discente despertou ciúmes, intrigas e questiúnculas de alguns docentes, mas se alijou desse mundo permanecendo fiel ao seu espírito de educadora, tentando transmitir seus conhecimentos de maneira instigante aos seus alunos, sem se importar com comentários maliciosos.

Algum tempo depois, o decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, CFCH-UFRJ, convidou-a para ocupar o cargo de assessor. Lá, ela conheceu Ester Kosovski, presidente da Sociedade Brasileira de Vitimologia. Interessada no tema, propôs ao decano a criação de uma Secretaria de Estudo de Vitimologia da qual foi secretaria.

Com o trabalho desenvolvido na Secretaria foi convidada pelo alto comando da polícia Militar do Rio de Janeiro para escrever manuais técnicos que são utilizados até o momento. A prefeitura do município do Rio de Janeiro também chamou Mina para efetuar um trabalho da mesma natureza na guarda municipal. Essa época, Mina estava em seu segundo casamento, com José Paulo, e foi convidada para ocupar o cargo de coordenadora da Coordenadoria para Prevenção de Drogas, do município do Rio de Janeiro.

Alguns meses depois recebeu o prêmio de Excelência Internacional em Prevenção às Drogas, oferecido pela Rede Interamericana de Prevenção às Drogas. Recentemente, foi eleita

vice-presidente da Drug Watch International e coordena um projeto internacional para a América Latina, denominado Formação de Lideranças.

A história de Mina envolve uma infância árida com a adolescência e vida adulta regidas pela determinação em alcançar seus ambiciosos projetos. Do ponto de vista pessoal e emocional, costuma dizer que “D’us me deu muito, nem sei se merecida tanto”.

3.4.2. Chaja Frieda Finkelstein



118. Chaja Frieda Finkelstein. Rio de Janeiro, Brasil, s/d.
Fotógrafo não identificado. Acervo *Chaja Finkelstein/RJ*, Brasil.

Filha de Ruwen Reis e Chawa Salztrager Reis, dois sobreviventes de campos concentracionários de onde saíram quebrados, doentes, famintos, sem família e carregando em seus corpos e mentes, as marcas indeléveis da violência perpetrada pelos nazistas contra os judeus.



119. Chawa Salztrager Reis. Fotografia reproduzida da Ficha Consular de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Paris, França, 24 nov. 1948. Fotógrafo não identificado. Acervo *Arquivo Nacional/RJ*, Brasil.



120. Ruwen Reis. Fotografia reproduzida da Ficha Consular de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Paris, França, nov. 1948. Fotógrafo não identificado. Acervo *Arquivo Nacional/RJ*, Brasil.

Conheceram-se no pós-guerra, ele um rapaz de família judaica ultraortodoxa e ela de família judaica que repudiava a ultraortodoxia, e se apaixonaram casando-se dois anos após o Holocausto.

F. 1

Heiratsurkunde

Standesamt Wolfratshausen Nr. 228/1946
 Der Schiffenmischer Rubin Rele
 wohnhaft in Wolfratshausen
 geboren am 12. April 1923 in Swolin
 (Standesamt _____ Nr. _____), und
 die Stickerin Chawa Salzträger
 wohnhaft in Wolfratshausen
 geboren am 15. März 1925 in Jedlitz
 (Standesamt _____ Nr. _____),
 haben am 22. Oktober 1946 vor dem Standesamt
Wolfratshausen die Ehe geschlossen.

Vater des Mannes _____
 Mutter des Mannes _____
 Vater der Frau _____
 Mutter der Frau _____

Vermerke: _____

Wolfratshausen, den 22. Oktober 1946

Der Standesbeamte
Wimibald

Eheschließung der Eltern

des Mannes am _____	Standesamt _____	Nr. _____
der Frau am _____	Standesamt _____	Nr. _____

Verlag J. S. 1937

121. Certidão de casamento de Ruwen Reis e Chawa Salzträger. Wolfratshausen, Alemanha, 22 out. 1946. Acervo Chaja Finkelstein/RJ, Brasil.

Em 10 de abril de 1947, em Munique, na Alemanha, nasceu a filha do casal Chaja Freida Reis. Com o nascimento da filha, Chawa e Reuwen decidiram que era hora de

recomeçar a vida, deixar a tristeza e as dificuldades de viver em uma Alemanha sem referências familiares, geográficas e sociais.



122. Chaja Finkelstein. Rio de Janeiro, Brasil, s/d. Fotografia não identificado.
Acervo *Chaja Finkelstein/RJ*, Brasil.

A família migra para o Brasil em 22 dezembro de 1948, a bordo do navio Kerguelen, mesmo sem falar português, com ajuda da Joint.

Minha mãe conta que estava muito calor, não falávamos o idioma só iídiche, e eu com um ano tinha a responsabilidade de tomar conta da bolsa dela para que ninguém roubasse. As pessoas queriam ajudá-los a desembarcar, mas eu não desgrudava da minha mãe, dificultando a tarefa. Tenho essa bolsa guardada até hoje.

Chaja guarda como suas primeiras memórias o sentimento da dúvida. Indagava-se por que seus pais eram envoltos por uma aura de silêncio. Pouco entendia por que ela e seu irmão Jaime não tinham brinquedos, amigos fora do círculo de sua comunidade e não podiam brincar na rua como as outras crianças. Por que uma criança deveria respeitar o *Yom Kippur*? Por que seus pais davam agrados a outras crianças enquanto para eles negavam? Essas eram apenas algumas das muitas perguntas que se fazia.

Eu sou de uma geração que não tinha diálogo. Não tinha explicação para o que nós queríamos saber. Na medida que cresciam as dúvidas se juntavam em minha cabeça.

Lamento dizer, mas nunca jejei no *Yom Kippur*. Sempre me perguntei quando criança que pecado havia cometido? Por que tinha que jejuar se não havia pecado?

Em nossa casa, o clima de tensão e opressão eram constantes. Falava-se com agressividade e muitas vezes meus pais “disputavam” a comida. Sentia que éramos diferentes das outras famílias. Como disse, sempre houve ponto de interrogação em respeito ao clima que a gente vivia. Junta-se a isso, a incompreensão, por parte de meus pais, de certas vivências daqui. Sou filha de sobreviventes de campo de concentração, e tive vida muito dura, por conta desses não ditos.

Por conta das neuroses de guerra que seus pais carregavam, nas lembranças da infância e adolescência de Chaja o sentimento de tensão no ambiente familiar é algo forte. Por diversos momentos durante sua fala se emocionou e com melancolia reflete sobre seu passado: “Quantas recordações, quantas vidas somadas aos tempos difíceis!” Mas afirma que não ter mágoas, após receber ajuda de profissionais para superar os traumas transmitidos por seus pais. Chaja passou por um processo de esfriamento das memórias dolorosas que carregou consigo, superando memórias tristes de momentos amargos.

LaCapra⁴²⁵ afirma que o trauma representa uma experiência perturbadora que desarticula o indivíduo e cria buracos em sua existência, gera efeitos tardios impossíveis de serem controlados sem um acentuado grau de dificuldade os quais são, talvez, impossíveis de ser plenamente dominados. Era o que acontecia a Ruwen Reis e Chawa Salzträger.

Retalhos de memórias

Ao chegar no Brasil, a família Reis foi morar em uma casa de vila no bairro de Madureira, localizado na zona norte, no município do Rio de Janeiro. Chaja e Jaime não possuíam brinquedos e seus pais não permitiam que brincassem com crianças que não pertenciam “ao nosso círculo, pois meus pais tinham medo de aparecer alguém para imputar algum mal a nossa família. Apanhávamos por qualquer coisa”.

Em suas lembranças sobre as vivências na zona norte do Rio de Janeiro também ficaram boas recordações repletas de aromas e sabores. Era durante as festividades que seus pais deixavam transparecer o amor, respeito e carinho que possuíam um pelo outro.

⁴²⁵ LACAPRA, Dominick. *Writing history, writing trauma*. Johns Hopkins University Press 2001, p. 41.

Tenho diversas lembranças das festividades: o cheirinho de *oznei aman* saído do forno, feito pela minha mãe, Chawa, que nunca deixava de assá-los para o Purim; o perfume de *chalá* e maçãs assadas no forno para as sextas-feiras; o peixe fresco que meu pai, Reuwen, sempre comprava para o preparo do *gefilte fish*, no *Sêder* de Pessach e no Rosh Hashaná. São aromas que impregnam o ar com um sentimento de acolhida, que me levam para outro tempo.

Os aromas e os sabores possuem a propriedade de remetimento às situações vivenciadas, quer sejam elas prazerosas ou traumáticas. Chaja ao rememorar pratos típicos da culinária judaica aciona um mecanismo associativo o qual tem por objetivo ressuscitar uma sensação passada vivenciada no presente descrito, ou seja, diz respeito a uma alegria sentida no hoje que não encontra semelhança em gozo passado.

Nasce a educadora e escritora Chaja

Ao concluir o curso superior de licenciatura em filosofia e história, no ano de 1971, conseguiu empregar-se na Colégio Israelita Brasileiro Avraham Liessin – Scholem Aleichem, no bairro de Botafogo, no município do Rio de Janeiro. Foi contratada para as disciplinas de Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira – OSPB.

Conversei com a coordenadora, sr^a Eva Wokievitz, e perguntei se poderia inserir no currículo de moral e cívica, a disciplina de história. Em resposta ela sorriu e eu pensei assim: nossa meu primeiro trabalho e vou ser mandada embora imediatamente!

A mulher imediatamente simpatizou com a jovem professora e tornaram-se amigas. Alguns anos depois, Chaja ajudou Eva, pois seus dois filhos estavam em uma situação delicada. “O rapaz estava preso pelo DOPS e a filha exilada na França. Ajudamos ao levar uma mala de coisas para sua filha. Coisas que Eva havia separado”.

Anos depois Chaja decidiu cursar orientação pedagógica e tornou-se diretora do TTH Barilan. “Minha vida profissional foi toda voltada para o humanismo, creio que por conta da minha infância e adolescência... só pude florescer quando já era adulta, quando estava na faculdade”.

Chaja foi casada por quarenta e cinco anos com Isac Manuel Finkelstein. “Meu esposo faleceu em 2011. Era meu grande companheiro. Construimos uma vida fantástica!” O casal teve dois filhos e estes lhes deram quatro netos. Isac era nove anos mais velho que Chaja.

Médico, trabalhou por muitos anos na Companhia Aérea Varig e sofreu com o antissemitismo no ambiente profissional.

Ele foi médico da Varig numa época que antissemitismo grassava, fizeram tudo para impedir a entrada dele. Mas quem o ajudou a permanecer no emprego foi um amigo. Isac havia ajudado esse amigo a manter as notas na faculdade. Na mesma época que foi contratado para a Varig já era médico de posto de saúde. E eu passei no concurso para professora do município do RJ para a vaga de história e geografia. Tudo baseado em estudos sociais e você tinha que começar por geografia e era muito difícil para nós professores de história.

O falecimento de Isac abalou sobremaneira Chaja que decidiu empenhar-se no seu projeto de escrever crônicas, poemas e histórias infantis, sob o pseudônimo de Helena Reis. Seu último trabalho publicado é um livro dedicado ao público infantil, sob o título “*Tartarugas*”, lançado em 2020.

“É minha mãe!” Meus pais: sobreviventes do Holocausto

Chaja e o irmão começaram a desfazer a trama que envolvia não ditos e meias-palavras sobre o passado de seus pais quando adultos e por acaso.

Meu irmão foi ao Teatro Gláucio Gill assistir à peça “*O Interrogatório*”⁴²⁶ escrita por Peter Weiss. Durante da encenação, passava-se uns slides com imagens ampliadas e reais do Holocausto ao fundo, uma dessas era a fotografia bem famosa atribuída ao Gueto de Varsóvia. Nela, bem na frente, tem um menino com as mãos para o alto, em posição de rendição, e logo atrás dele com um lenço na cabeça está minha mãe. Meu irmão já conhecia a fotografia, mas ao vê-la em tamanho maior reconheceu nossa mãe e chocado gritou apontando para a imagem: “é minha mãe!”
Atraiu a atenção das pessoas e ao final da peça uns dos atores que também era produtor, Fernando Torres, convidou-o para levar meus pais para assistir

⁴²⁶ A peça “O Interrogatório” foi escrita por Peter Weiss e lançada simultaneamente em catorze teatros na Alemanha Ocidental e Oriental. A história é dividida em onze cantos e aborda o julgamento dos trinta e seis réus no Tribunal de Frankfurt, onde narram diante dos promotores e testemunhas, os crimes praticados no complexo concentracionário de Auschwitz durante o período nazista. Portanto, não se trata de uma obra ficcional já que o autor se baseou em documentos e testemunhos sobre o fato. No Brasil, a peça estreou primeiro em São Paulo e depois permaneceu uma temporada no Rio de Janeiro no Teatro Gláucio Gill, no bairro de Ipanema. O espetáculo foi dirigido por Celso Nunes e teve como elenco os atores: Fernanda Montenegro, Jacqueline Laurence, Regina Rodrigues, Zaroni Ferrit, Luis Linhares, Fernando Torres, Carlos Kleber, Labanca, Antonio Patiño, Roberto Frota, Almir Teles, Antonio Augusto e Rogério Fróes. REGO, José Carlos. Teatro revive Auschwitz. Uma Advertência. In: Anexo. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, julho de 1972 Edição 24307. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_08&pagfis=31845&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em 07out. 2020.

à encenação. A partir daí, a história oculta por eles veio à tona e começamos a entender muitas das suas atitudes.



123. Segundo Chaja, sua mãe está atrás do menino com um lenço amarrado na cabeça. Varsóvia, 18 jan. 1943. Reproduzido do jornal *Deutsche Welle*, Bonn, Alemanha.

Após o incidente no teatro, alguns veículos de informação e, posteriormente, o cineasta Steven Spielberg⁴²⁷ procuraram seus pais para que contassem sua história. Resistentes, Reuwen e Chawa só se convenceram depois de seu filho afirmar que era bom se lembrar para que não acontecesse novamente.

Meus pais concordaram em assistir à peça, mas no momento em que soou o apito dos trens e em seguida a chamada dos prisioneiros, meu pai se apavorou e abandonou o teatro às pressas. Já mamãe se emocionou durante vários momentos, porém sem o impacto perturbador como meu pai. Lembro-me que quando mamãe era chamada para contar sua história não gostava de ser fotografada. Inclusive, às vezes, estabelecia como condição para contar sua história que não capturassem sua imagem. E ambos só falavam se eu estivesse junto, mas para gravação do testemunho à Fundação do Spielberg só poderia participar quem era sobrevivente e não pude ficar junto deles. Ambos ficaram muito nervosos na hora de falar. Recordo que mamãe suava ao ponto de encharcar sua camisa.

⁴²⁷ Projeto conhecido como *Survivor of the Shoah Visual History Foundation*, iniciou-se em 1994, após o cineasta americano ganhar a premiação do Oscar com o filme “A Lista de Schindler”. O objetivo original era registrar em suporte audiovisual as histórias de vida de sobreviventes e testemunhas do Holocausto, mas acabou por expandir seus acervo ao incluir histórias sobre outros genocídios. Em 2006 celebrou parceria com a University of Southern California passando a se chamar USC Shoah Foudation. UNIVERSITY OF SOUTHERN CALIFORNIA (EUA). Disponível em <https://sfi.usc.edu/>. Acesso em 07 out. 2020.

Depois dessa descoberta Chaja, começou a observá-los com outros olhos, sem o sentimento de questionador e de revolta por suas atitudes.

Percebi as marcas no antebraço esquerdo de ambos, escondidas por mangas compridas, representavam mais do que suas identificações dentro do campo concentracionário. Era um sinal físico e indelével da perversidade que atravessou suas vidas. Foi quando refleti sobre seus comportamentos e busquei ajuda profissional para superar meus traumas.

Seguindo o conselho desse profissional, assistiu à gravação sem cortes do testemunho da sua mãe para o projeto Shoah de Spielberg e defrontou-se com uma memória dolorosa, cujo enfrentamento se deu de forma pública. Foi um embate entre protagonistas: de um lado, a sobrevivente Chawa, e, de outro, os perpetradores que degeneraram de modo cruel e sistêmicos seres humanos. Isso possibilitou que o sofrimento infligido encontrasse a sua própria voz.

E assim, Chaja pode (re)construir com peculiar fluidez a história entre o pretérito e presente, na qual a história íntima da experiência do passado de seus pais somou-se à sua consciência presente, permitindo seu engajamento na transmissão dessa memória.

Sua saga nunca soube com detalhes não gostava de falar. Só após assistir ao documentário de Spielberg que conheci a história.

Descobri que mamãe tinha doze anos quando foi arrancada de casa junto dos seus pais e irmãos pelos nazistas. Passou por diferentes campos de concentração. O primeiro foi a 90km de sua casa, em Jedlińsk, depois Wsola, Pionke onde sua mãe morreu, até que a família foi transferida para Auschwitz.

Nesse campo seu pai e três irmãos conseguiram fugir. Ela não os acompanhou porque estava muito fraca e seria um fardo para todos. Passou nove meses dentro desse campo, chegou em julho de 1944 e ela disse que os fornos funcionavam quando foi transferida para lá. Os mais fracos e feridos eram deixados sem qualquer cuidado para que morressem por si mesmo. Percebeu que se mostrar apta para o trabalho era o passaporte para sua sobrevivência e, por esse, motivo disfarçou a ferida que possuía no pescoço. Ainda estava encarcerada quando os aliados avançavam em direção ao campo que foi evacuado às pressas. Tinha cerca de dezoito anos, era março de 1945, foi obrigada a caminhar pelo frio só com um cobertor jogado nas costas para protegê-la do inverno rigoroso, lenço para esconder a ferida, um saco com pedaço de pão e um punhado de manteiga entregues por outra prisioneira que tinha privilégios.

Mamãe conta que a fila de prisioneiros caminhando pela neve perdia-se pelo horizonte e ela ajudava uma menina cega que estava de tamancos a locomover-se. Em um determinado momento os dedos dos pés dessa menina congelaram e minha mãe foi obrigada deixá-la, ou então, morreriam as duas. Durante a caminhada pouquíssimas vezes os alemães jogavam pães aos

prisioneiros, mas só os mais ágeis conseguiam apanhá-los. A caminhada até o próximo campo, Ravensbrück, durou três dias e ficou lá até ser liberta pelos aliados.

Com a libertação foi para casa em Jedlińsk, onde encontrou o pai e o irmão mais novo. Seus dois irmãos mais velhos morreram de intoxicação após comerem gordura e chocolate pela primeira vez em meses.

Mamãe sobreviveu milagrosamente e muito doente. A guerra a marcou no braço como se fosse um gado e a alma foi atingida para todo o sempre. Reconstruiu sua vida, no pós-guerra, com marcas que jamais se apagaram. O ser humano por mais forte que seja não suporta se machucar! Esse era o motivo pelo qual a neurose grassava em minha família. Quando meus filhos nasceram percebi o sentimento de renovação para meus pais que fizeram questão de acompanhar o desenvolvimento deles de perto. O que nos foi negado, eles proveram aos meus filhos.

Eu sei o que foi o Holocausto, sei o que é ser filha de sobreviventes e percebi que sou uma voz! Tenho uma história para contar. Sou uma voz contra o preconceito, discriminação e toda a negação em torno da história e memória que envolve o Holocausto.

Sob tal perspectiva, os rastros da memória que Chaja tem sobre sua família adquirem a característica de acervo, o qual faz com que cada um de nós “seja o que é, com que sejamos, cada um, um indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico”⁴²⁸, ou seja, somos ímpares detentores de memória⁴²⁹, a qual se evidencia pela capacidade que possuímos em reter e lembrar fatos vivenciados dos quais retiramos uma lição.

⁴²⁸ IZQUIERDO, Iván. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 9.

⁴²⁹ LE GOFF, Jacques. *História e memória...* op.cit., p. 438.

IV. DESCONSTRUINDO AS NARRATIVAS

4.1. Imagens do mal e da morte

Tomando como base os estudos de Susan E. Chase (2005)⁴³⁰ percebe-se na narrativa daqueles que vivenciaram o Holocausto uma construção de significação retrospectiva a respeito dessa experiência. As falas dos sobreviventes de um genocídio, em geral, remetem-nos a um espaço de escuta de difícil compreensão, pois nem todos conseguem superar seus traumas. Para muitos ser entrevistado é uma novidade, ou seja, uma inesperada e nova forma de falar sobre si mesmo de modo subjetivo e improvável.

Durante a gravação do testemunho, tais lembranças produzem diversas reações no entrevistado, como por exemplo: seu olhar perde-se no ambiente, não encara a pessoa que o escuta, desliga-se do tempo presente transportando seu ouvinte para um lugar íntimo no qual o passado torna-se o hoje. Diante de nós (entrevistadores) temos um sujeito num estado atormentado pelo dilema de (re)encontrar em suas reminiscências as privações, as discriminações e as perversidades sofridas. Traduzindo em palavras: tais narrativas são vivências de intensidade devastadora que ultrapassam a capacidade de integração do sujeito com a sua cadeia de significantes. Recorro aqui à fundamentação de Jacques Lacan, que ressalta a importância do significante como um elemento fundamental para a construção do sentido que, por sua natureza inassimilável, retorna para assombrar o sobrevivente ou o refugiado sem demora.

Concordando com as afirmações, temos Shoshana Felman em *Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino* (2000)⁴³¹ para quem o discurso testemunhal é uma prática de desenhar a fronteira entre o cenário passado de violência e o presente cenário de sua narração, em uma forma particular de olhar. Somando a isso, temos o trauma derivado de Freud, dessexualizado, cujo evento não é contaminado pela fantasia inconsciente do sujeito na situação de testemunho.

A esse respeito, o trauma deve ser concebido para além da própria experiência do campo de concentração ou das rotas de fuga. Para isso, é crucial a compreensão da origem do

⁴³⁰ CHASE S. E., "Narrative inquiry: multiple lenses, approaches, voices", In: Denzin NK, Lincoln YS. *The Sage Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications Inc., 2005, pp. 651-680.

⁴³¹ FELMAN, Shoshana. *Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino*. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

testemunho a qual, segundo Giorgio Agamben (2008)⁴³², está perto da noção sobre uma divisão radical entre o saber e o falar da testemunha para outro sujeito, já que a fala recai sobre um objeto enigmático e perturbador de presença invasora, contínua e sentida de forma aguda.

Ao ficar diante do discurso, cujo surgimento do testemunho é “um processo ou um campo percorrido incessantemente pelos fluxos de subjetivação e dessubjetivação”⁴³³, desvela-se o trauma no qual aquele que narra sobre sua experiência não está só dada a dimensão social e humana dos crimes nazistas.

No caso dos discursos testemunhais aqui citados, as narrativas são compostas por falas de um adulto que, ainda quando criança, teve sua infância esmagada por uma intolerância cuja razão de ser ele não compreendia e nem tinha condições para fazer alguma coisa. O sentimento de impotência permanece pois, segundo Edilene Dias Matos e Romildo Batista de Oliveira no artigo “*Nas margens da experiência loboantunesiana: trauma e representação em tempos de guerra*” (2016)⁴³⁴, as incertezas e o medo impedem o sujeito de ser o que era antes, dificultando o processo de (re)significação:

A guerra não constrói nem conserva sentimentos e preceitos humanos; ela os desfaz, os desconstrói e impede o sujeito de ser o que era antes. A guerra torna o tempo “líquido”, no sentido baumaniano, colocando no coração humano incertezas e medos. “O bem-estar de um lugar, qualquer que seja, nunca é inocente em relação à miséria de outro” colocando no homem o desamparo e a incapacidade de prever o que pode acontecer amanhã. O resultado da guerra (ou de qualquer outra catástrofe) é sempre a dolorosa construção de novas ideias, novos paradigmas e novas formas culturais e sociais de se viver e ver o mundo, produzindo em seus partícipes, “marcas” inesquecíveis que acompanham os seus sobreviventes para o resto de suas vidas. “Esse evento-limite, a catástrofe, por excelência, da Humanidade e que já se transformou *no definiens* do nosso século, reorganiza toda a reflexão sobre o real e sobre a possibilidade da sua representação”. Assim, a guerra ressignifica a representação, com o acréscimo de um elemento que não se mostra facilmente e parece indescritível, em princípio.⁴³⁵

Frente a essas novas (re)construções surgem histórias de traumas intrincados com as realidades de difícil apreensão, porém de dimensão integradora. Reunindo as diferentes (re)significações encontradas nas transmissões sobre infâncias perdidas por conta do

⁴³² AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008, p.134.

⁴³³ AGAMBEN, op. cit., p. 132.

⁴³⁴ MATOS, Edilene Dias; OLIVEIRA, Romildo Batista de, “Nas margens da experiência loboantunesiana: trauma e representação em tempos de guerra”, In: *Contexto*. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, n. 29, 2016/1.

⁴³⁵ MATOS, Edilene Dias; OLIVEIRA, Romildo Batista de, op.cit., p. 178-209.

Holocausto, optamos por analisar o processo de construção da imagem do perpetrador identificada com o mal. Através daqueles que contribuíram com esta tese, buscamos definir quem eram e o que queriam esses indivíduos, tendo como referência as teorias desenvolvidas por J. F. Gilgun.⁴³⁶

Analisando um total de treze testemunhos, chegamos aos indivíduos os quais chamamos como perpetradores, ou seja, aqueles que infligiram o mal às principais vítimas do Holocausto, no caso os judeus. Nesse caso, os perpetradores são os membros da SS, as forças armadas alemãs, o banco central alemão, o Serviço Central de Segurança do Reich, as Ferrovias do Estado Alemão, médicos e outros profissionais da saúde alemães (do programa de “eutanasia” e/ou aqueles que conduziam experimentos médicos antiéticos e cruéis nos prisioneiros de todas as idades), indústrias privadas alemãs, como a I.G. Farben e a Krupp, que usavam trabalhadores escravos e, por fim, as autoridades civis alemãs nos territórios ocupados e os cidadãos comuns que prestavam obediência ao Führer.⁴³⁷

A maioria destes personagens auxiliou na idealização e implementação do “Plano de Extermínio”, identificado como “Solução Final”: quando não matavam suas vítimas, causavam feridas emocionais que limitaram a qualidade de suas vidas. As marcas tornaram-se inolvidáveis, como bem confessou Betty Herscovici: “eu tinha onze anos cronológicos e um século de sofrimento e espanto...!”⁴³⁸

O tipo de violência praticado pelos perpetradores destruiu os vínculos que davam significado à vida das pessoas, fosse no âmbito familiar, comunal, como no sentimento de pertencimento. Para muitos judeus, a apatridia tirou-lhes o chão, colocando-os no mundo sem poder referir-se a uma “terra natal”. Assim se sentiu Sabina Kustin quando perdeu sua grande família e sua pátria:

Até a chegada os nazistas em Lodz, eu tinha uma grande família: avós, pais, tios e irmãos. Quando os alemães entraram na cidade, perdemos o contato

⁴³⁶ GILGUN, J. F.; ABRAMS, L. S. Gendered Adaptations. Resilience, and the Perpetration of Violence. In: M. U, *Youth resilience around the world*. Toronto: University of Toronto Press, 1991. pp. 57-70;
GILGUN, J. F. Lived Experience, Reflexivity, and Research on Perpetrators of Interpersonal Violence. *Qualitative Social Work*, v.7, n. 2, 1991 p. 181-197. Disponível em: <http://cend.umn.edu/ssw/documents/GilgunPDFs/LivedExperience-030107.pdf>. Acesso em: 06 dez 2020.

_____. *We shared something special: The Moral discourses of Incest Perpetrators*. Journal of Marriage and the Family, v. 57, n. 2; may, p. 265-281, 1995.

⁴³⁷ Levantamento feito com base no que é disponibilizado pelo USHMM. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “Os perpetradores (artigo resumido)”. *Enciclopédia do Holocausto*, EUA s.d. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/perpetrators-abridged-article>. Acessado em 9 jan 2020

⁴³⁸ HERSCOVICI, Betty.; CASTRO, Malu. *Transnístria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Humanitas, 2014, p. 99.

com os familiares. Vivíamos em um país que acreditávamos ser a nossa pátria.⁴³⁹

A violência nazista, cujos atos destruíam as relações de mutualidade e reciprocidade numa tendência de aniquilar suas vítimas, deixou marcas profundas, como foi o caso Fany Goldwasser, que desenvolveu um entrave psicológico, resultando em um congelamento simbólico à elaboração do trauma e integração biográfica. Fany criou na infância e levou para vida adulta a situação de impossibilidade, de silêncio e segredo, no qual as palavras sobre o evento não podiam ser pronunciadas e permaneceram congeladas, bloqueadas pela própria natureza.

Em suas memórias, Sabina Kustin (2005) questiona sobre a razão de tanta violência, de tamanha brutalidade. Dizendo-se chocada, pergunta: “Por que os nazistas estariam fazendo tudo isso? Por que...?” Os questionamentos de Sabina traduzem sentimentos de impotência, incerteza e frustração. Representam a incredulidade frente ao esfacelamento do humano por seus perpetradores.

Eu me perguntava por que os nazistas estariam fazendo tudo isso.[...]
 Por que assassinavam bebês com baionetas? Por que quebravam dentes e cortavam os rostos dos homens? De onde os nazistas tiravam tanto ódio para nos impingir tanta brutalidade? Será que eles não tinham esposas, filhos, famílias? Suas atitudes desumanas seriam fruto de lavagem cerebral para terem tanto ódio e expressarem tanta brutalidade? Eram essas as perguntas que eu me fazia desde crianças. Não sei explicar como esse horror diário não me deixou enlouquecida.
 [...] A brutalidade chocava. Eu e meu irmão Felek tremíamos de medo e nos escondíamos, chorando sem parar e sem entender a verdadeira situação que nos esperava. Papai e mamãe abraçados não sabiam nos explicar o que estava acontecendo.
 Sempre penso: o que valia a nossa vida nas mãos daqueles loucos nazistas? Para eles ninguém valia nada. Eles pensavam na raça pura, mas eles mesmo se revelaram a raça mais imunda de todas. Até hoje não posso compreender as atrocidades que um ser humano é capaz de cometer contra o seu semelhante. Os nazistas sim, eram verdadeiros animais.⁴⁴⁰

Esse tipo de violência, possivelmente, representou para o perpetrador gratificação emocional, prazer e vingança, bem como, um modo de restaurar a honra, senso de autoeficiência e poder. E aquele que sofre a ação, para o perpetrador, experimenta-a porque

⁴³⁹ KUSTIN, Sabina. *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto...* op. cit., p.47.

⁴⁴⁰ KUSTIN, op.cit., p. 43-44; 59.

merece morrer. Hitler disse, “cnicamente que: O piolho matou mais judeus do que o nazismo”.⁴⁴¹

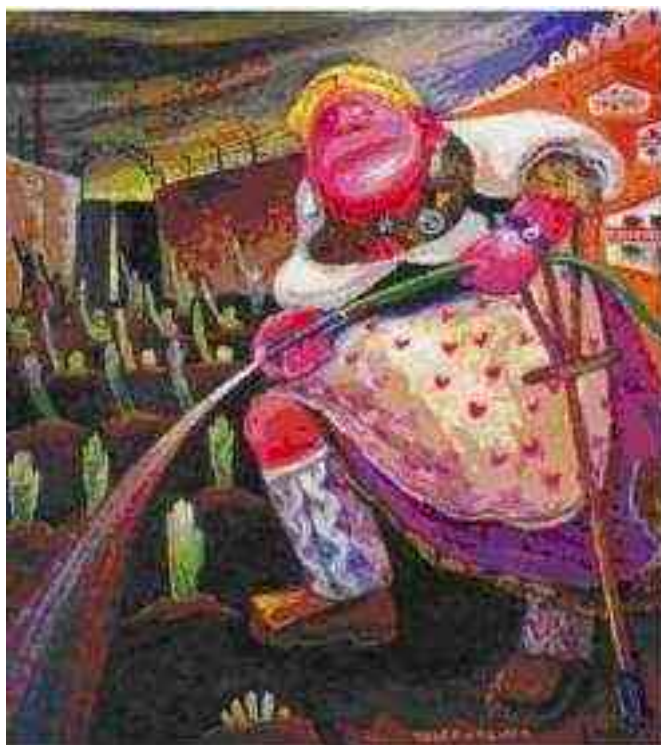
No entanto, a criança que viu de perto um nazista, nunca mais se esqueceu daquela imagem. Anos depois, já adulta, recorda-se daquela figura como alguém muito grande, com botas enormes e muito violento. Geralmente eram homens da SS, vestindo uniformes pretos, armados, por vezes acompanhados de cães que brandiam ferozmente contra seus alvos, falavam alemão, tinham os olhos vazios e desumanos. O olhar era sempre de baixo para cima, expressavam o mito de que os judeus eram sub-humanos e, portanto, indignos de viver. Suas atitudes estavam relacionadas ao papel do estereótipo que congrega várias crenças que minimiza ou justifica a violência, culpabilizando a vítima.

Frases como “os judeus não são pessoas, são animais”, escrita em 1939 pelo ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, em seu diário após visitar judeus em quarentena na Polônia, ou “Hoje é importante livrar o mundo dos judeus!” em uma propaganda do editorial *Der Stürmer*, no mesmo ano, relacionam-se às atitudes apoiadas socialmente que dariam margem aos perpetradores a se comportarem de maneira abusiva com as crianças judias.

A imagem do perpetrador e do nazismo foi representada por alguns artistas que, refugiados no Brasil quando ainda eram crianças, registraram suas impressões através da arte. Lembro aqui as pinturas de Lise Forell que desembarcou no Brasil em 25 de setembro de 1941, no porto do Rio de Janeiro. No ano seguinte, aos dezoito anos e já radicada em São Paulo decidiu aprofundar-se na sua arte.

Em algumas pinturas reproduzidas a seguir temos a imagem do mal, da morte e da família. Esta primeira imagem, simboliza a mãe ariana, alemã, plantando” novos arianos. Na sequência, a segunda gravura representa “os maus tratos e as humilhações” dos homens da SS aos prisioneiros de campos concentracionários. A última descreve a imagética dos barracões de prisioneiros de campos de concentração.

⁴⁴¹ HERSCOVICI, Betty; CASTRO, Malu. *Transnístria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Humanitas, 2014, pp. 98.



124. Lise Forell, sem título, óleo sobre tela, 50x60. São Paulo, Brasil, 1977.
Acervo Forell/SP; Arqshoah-Leer/USP, São Paulo, Brasil.



125. Lise Forell, *Freizeitgestaltung*, óleo sobre tela 50x60. São Paulo, Brasil, 2000.
Acervo Forell/SP; Arqshoah-Leer/USP, São Paulo, Brasil.



126. Lise Forell, *Campo de Concentração*, óleo sobre papel 50x70. São Paulo, Brasil, 1943.
Acervo Forell/SP; Arqshoah-Leer/USP, São Paulo, Brasil.

A figura do perpetrador nas lembranças daqueles que eram crianças durante o Holocausto sempre emerge associada à presença da morte. Para os próprios nazistas, a expressão “solução final” era um eufemismo para a palavra morte, nada mais que uma estratégia para disfarçar a natureza real dos seus crimes. Grande parte dos judeus que permaneceu na Alemanha ou estava nos países ocupados, foi testemunha ocular da violência nazista que culminou com o assassinato de algum familiar, amigo ou companheiro de campo de concentração. Aqueles que eram crianças nunca mais se esqueceram, pois lidar com a morte não é algo fácil especialmente aquelas que (sobre)viveram ao Holocausto. Essa experiência deixou marcas profundas na vida de cada uma delas, inclusive muitas sequer tiveram tempo de processar o impacto dessas perdas.

Betty Hercovici reproduz em seu livro de memórias, muitas décadas depois, a cena contada por um outro sobrevivente (Alexander Bantush) que, em 1941, vivenciou a morte de cerca de 300 (trezentos) judeus jogados em vala aberta para enterrá-los vivos. A imagem de um “chão que respirava, subia e descia” é, por si só, sufocante:

Alexander Bantush disse que, no dia do qual se lembra, em 1941, cerca de 300 judeus foram ordenados a permanecer nus ao lado de uma vala. Após os soldados tomarem suas jóias e arrancarem seus dentes de ouro, “eles começaram a empurrar as pessoas, ainda vivas, na vala (...) As pessoas tentavam subir. Percebendo que seriam enterradas vivas, elas começaram a gritar, ‘Nos matem! Nos matem!(...) O chão respirava, subia e descia – eu

nunca vi nada igual na minha vida e espero que ninguém jamais veja o que vi naquele dia”.⁴⁴²

Outra sobrevivente, Cecília Gewertz⁴⁴³, levava uma vida normal e estudou até os quatorze anos quando a guerra começou. Nesse momento, desesperadamente, toda família se escondeu num abrigo subterrâneo, seus pais, irmãos, cunhadas e sobrinhos. Os nazistas vieram com cães que farejavam todos os esconderijos e os descobriram pelo cheiro de comida e levaram todos para uma prisão. E lá, todos os prisioneiros foram selecionados em dois grupos – idosos de um lado e jovens de outro. Foi a última vez que viu a mãe. O grupo de idosos foi deportado para o campo de extermínio de Treblinka. Cecília ficou no grupo com mais cem jovens que foram forçados a caminhar sem saber o seu destino.

Quando alguém se atrevia a perguntar, ouvia gritos dos alemães para calar-se. Num certo momento, dois soldados alemães ordenaram que nos deitássemos no chão. De repente, ouvimos tiros e senti corpos caindo em cima de mim. Não sei quanto tempo passou e eu somente ouvia as batidas do meu coração. Tinha apenas quinze anos e ouvi os soldados dizerem que voltariam no dia seguinte para jogar os corpos no vale. Desde então, essa frase dita em alemão nunca saiu da minha memória.

Estava escurecendo e fui tirando os corpos para fugir daquele lugar, saí me arrastando para não chamar atenção dos nazistas. Encontrei um rio e me lavei do sangue que cobria meu corpo e roupas devido ao massacre. Eu chorava e me perguntava o que fazer. Encontrei um caixote na mata e adormeci dentro dele até amanhecer. No dia seguinte, fui à feira da cidadezinha, mendigar um pedaço de pão ou uma maçã às mulheres que passavam, isso foi algo que jamais me esqueci. CECÍLIA GEWERTZ, 2013.

O processo de enfrentamento da morte violenta do grupo por Cecilia, gerou sentimentos de angústia, dor, estresse, desorientação e perplexidade. Pois se tratava de membros de uma coletividade que participava – eram rostos e nomes conhecidos – todos assassinados por guardas da SS, os quais promoveram de maneira irreparável a completa negação dos direitos daqueles jovens.

⁴⁴² HERSCOVICI, Betty; CASTRO, Malu. *Transnístria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto* / Betty Herscovici, Malu de Castro – São Paulo: Humanitas, 2014. pp.48, 59-60.

⁴⁴³ Cecília Gewertz nasceu no dia dezoito de março de 1922, na cidade de Sandomierz, Polônia. Seu nome em ídiche, Tsirla, foi dado em homenagem à sua avó materna. Seu falecido marido chamava-se Simon Gewertz e nasceu em 20 de outubro de 1920, na cidade de Lodz, Polônia. Casaram-se no dia 20 de novembro de 1949. Ele foi um sobrevivente do Holocausto, assim como Cecília. Seu pai, Yossef Rybitwer, e sua mãe, Eva Zaidman Rybitwer, tinham um moinho e compravam trigo dos colonos. A farinha produzida era vendida nas padarias e mercados da cidade e assim viviam muito bem. Eram em cinco irmãos: Moshke, Chaim, Chana, Chaia e Cecília. Testemunho de Cecília Gewertz ao *Projeto Vozes do Holocausto*, Arqshoah-LEER. São Paulo, 17 abr. 2013. Ficha técnica: Entrevistadores (as): Rachel Mizrahi, Lilian Souza e Sarita Saruê; Câmera: Lilian Souza; Transcrição: Laís Rigatto Cardilo. Arshoas/Leer-USP.

Associado ao caráter repentino e violento, o impacto da morte em crianças que a vivenciaram de modo traumático – ainda que muitas vezes sem a materialidade (o corpo), do choro, de forma brutal e em situações de ausência dos ritos mortuários – dificilmente conseguirá digerir o processo da morte e do luto. Sempre será um choque, visto que a ritualização faz parte de uma elaboração da nova etapa da pessoa que fica, fornece segurança, sem ela a emoção da perda é arrebatadora.

Por vezes, o medo de perder os progenitores faz com que se evite pronunciar sobre o assunto, porém o adiamento é tão doloroso quanto a perda em si. Negar a uma criança viver a perda é mascarar um processo inevitável: a tomada de consciência sobre a finitude da vida. Não falar, silenciar ou negar respostas às crianças geram mais desconforto e dor. Ao furtá-las desse encontro, podemos até fazê-la se sentir insegura, impotente, criando fantasias mais dolorosas do que a realidade e inclusive podendo se culpar pelo que aconteceu com a pessoa amada. Nessa direção temos Kovács (2016)⁴⁴⁴ que afirma ser um erro considerar que as crianças não percebem quando ocorrem as mortes e de que superam suas perdas:

crianças não percebem quando ocorrem mortes e que por isso se deve agir como se nada tivesse acontecido. Outra falsa crença é a de que as crianças superam facilmente as perdas, distraíndo-se com brincadeiras.

A criança preocupada com o que percebe, busca nas pessoas à sua volta a confirmação de suas impressões. Fingir que está tudo bem fazendo com que as palavras comuniquem uma coisa, e o corpo expresse outra, pode instalar um sentimento de incerteza, dúvida e isolamento. Tampouco o silêncio permite que se compartilhem os sentimentos, as dúvidas e as questões de quando a morte se aproxima. Essa situação é conhecida como conspiração do silêncio.

Trata-se de “teatro de má qualidade”, no qual o conteúdo expresso em palavras não é consistente com o que o corpo e os olhos manifestam, já que esses são mais dificilmente controlados.

A imagem da morte construída por uma criança inicia-se pela consideração da morte do outro, evoluindo para ideia da concepção de sua própria morte. Nada fácil, mesmo para os adultos. Além da necessidade da autoconsciência, ela precisa ter desenvolvido um pensamento lógico, além de ter percepção de tempo e espaço. Segundo Betty Hercocivi, a morte representava um alívio para muitos, enquanto para outros “viver era um problema”.

“Ali todos estavam à beira da morte. Esta dor começava a se banalizar pela frequência. A situação geral era essa. A morte representava, para os sobreviventes, um alívio. Continuar a viver é que era o problema!”

⁴⁴⁴ KOVÁCS, Maria Júlia. Falando de morte com crianças. Revista psico.usp, n.2/3, 2016. Disponível em <https://www.ip.usp.br/revistapsico.usp/index.php/30-commentor-2/79-falando-de-morte-com-criancas.htm>. Acesso em 27 jan. 2021.

Pouco tempo depois, [...] Marlia foi mordida por um cachorro. Dali para frente as condições pioraram [...] Não podendo mais andar, a fome e o frio ocuparam-se do definhamento de Marlia até a morte.

A dor dessa morte se comprimiu no peito de Betty causando um nó que talvez se aliviasse com um grito, ora impossível, diante da fraqueza! Outra vez, para enterrar a mãe, Betty teve que dar algo em troca: foi a vez do casaco que a mãe tinha recebido com as beterrabas.

A partir desse momento, a solidão e o desespero se abateram sobre Betty. Como fazer agora, sem seus pais? Mas na guerra não se tem tempo para parar, sofrer nem chorar. Por isso mesmo, o choro contido se torna eterno... A fome empurra o corpo em direção à sobrevivência!⁴⁴⁵

A ausência dos pais (e demais familiares) estará sempre pesando sobre as almas dos filhos que sobreviveram. É a única coisa que direciona seus pensamentos, decisões, renúncias, reflexões sobre a vida e considerações sobre o tempo em que não era uma realidade, pois o presente torna-se sufocante e faz com que as esperanças sejam perdidas, não retornando jamais ao que era. O tempo todo, os que permanecem vivos pensam sobre a morte e sobre o que ela arrancou de uma hora para a outra, preenchendo suas vidas com uma espécie de sensação infernal e indelével de vazio. Nada mais é como antes.

Lidar com a perda é uma condição real e imperativa em suas vidas, já que não conseguem se ver mais, no presente, sem que a morte faça parte deles próprios.

Aquele que sobrevive consegue se recordar no passado, a partir da ausência dele, mas algumas vezes não conseguem voltar com clareza ao ponto no qual tudo se transformou. E pior, para algumas crianças viver a ausência de seus pais em suas vidas, torna-se agora o único meio para que a presença dele seja, de alguma forma, verdadeira novamente. Como se o reconhecimento da ausência permitisse a eles estarem novamente próximos; como se a total ausência dos pais em suas vidas fosse uma hipótese considerada impossível, pois sempre serão parte um do outro, ainda que por meio da sua não-vida ou do seu não-lugar na vida.

A relação dessa “ausência-presença” dos pais, como também a relação deles entre si mesmos, enquanto família está relacionada a assumir total incapacidade de ser parte um do outro, uma vez que não se tem mais entre eles os elementos que compõem a unidade familiar: pai, mãe, avôs, tios, primos e assim por diante. Se antes formavam uma só unidade, agora essa unidade já não existe mais.

Torna-se doloroso rememorar o amor e proteção familiar um pelo outro enquanto presença real, só enquanto ausência. Dessa forma, na vida das crianças que presenciaram o Holocausto estava em jogo algo para além da morte: o medo da separação e do abandono dos

⁴⁴⁵ HERSCOVICI, Betty; CASTRO, Malu. *Transnístria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto* / Betty Herscovici, Malu de Castro - São Paulo: Humanitas, 2014. p.100-101.

seus familiares e/ou amigos. Eram crianças que procuravam explicações sobre o destino daqueles por quem tinham apreço e, ao mesmo tempo, para o seu próprio destino.

4.2. A figura da mãe perdida e da mãe reencontrada

As circunstâncias que levam a entender a ligação afetiva da mãe com o seu filho integram um processo complexo que constitui a base da saúde psicossocial de uma criança que não pode ser compreendida de forma isolada. Devemos levar em conta o apego emocional que sempre envolveu mães e filhos (judeus e não judeus), ainda que a violência praticada pelas nações adeptas do sistema totalitário seja um fenômeno sem precedentes, como muito bem enfatizou Hannah Arendt em *As origens do Totalitarismo*.⁴⁴⁶ No entanto, se o fenômeno totalitário provocou uma falência nos conceitos de cidadania, de justiça e de direitos humanos – recuperados no pós-guerra com a derrota do nacional-socialismo – ele não conseguiu destruir o sentimento de pertencimento que une uma criança à sua família. Apesar do terror vivenciado pelas crianças que sobreviveram à lógica do sistema totalitário adotada pelo nazismo e o estalinismo, elas conseguiram renascer das cinzas, tornando-se hoje porta-vozes dessa memória. Mesmo traumatizadas, valeram-se das suas lembranças para tornar público o significado de suas infâncias perdidas.

Suas narrativas expõem os seus tempos de luto construídos a partir das perdas e, ao mesmo tempo, os reencontros e os estranhamentos diante do novo, do outro até então desconhecido. A fala de Ariella Segre⁴⁴⁷ traduz de modo direto o papel desempenhado pela mãe na vida de uma criança e de igual maneira o impacto da “perda” de sua progenitora.

Eu era criança e lembro-me que do dia para noite meus pais arrumaram um grupo para nos ajudar a subirmos os Alpes, a pé com neve, sendo esta muitas vezes mais alta do que eu.

E ainda me lembro, apesar de ser pequena, da minha mãe negociando com um rapaz contrabandista de cigarros, para carregar-me nos ombros em troca de seu anel. Ele aceitou. Num dado momento da caminhada, vi minha mãe exausta de tanto andar, segurando o rabo de um burro para ser arrastada. De repente, num descuido, ela caiu e começou rolar barranco abaixo. Me assustei, comecei a gritar e chorar, pois era minha mãe caindo. Sufocada por mãos estranhas, parei de gritar. Senti que me deixaram sem ar mesmo, por alguns segundos! Tive que ser reanimada com respiração boca a boca. Ouvia

⁴⁴⁶ ARENDT, Hannah. *As origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 339-340.

⁴⁴⁷ SEGRE, Ariella Pardo. Testemunho concedido por Ariella Pardo Segre à Sarita Mucinic Saruê, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*, São Paulo, 15 e 29 jul. 2015. Câmera: Raíssa Alonso; Transcrição: Samara Konno. Transcrição Tucci Carneiro e Carol Colfield. Pesquisas: Blima Lorber e Carol Colfield. Arqshoah/Leer-USP.

que minha mãe estava morta e que não podia gritar, se não, todos nós poderíamos ser mortos. Por sorte, voltei a mim e descobri que minha mãe não havia morrido no buraco. Não abri mais a boca! Depois me contaram que, assim que ela rolou, alguém a puxou evitando que caísse no buraco. Eu apenas vi a queda e me desesperei.

Ao chegarmos na fronteira que separa a Itália da Suíça ouvimos uma voz no alto-falante avisando que quem não tivesse documentos ou caso eles não estivessem em ordem, seria metralhado. Lembro-me que fui arremessada do outro lado do arame farpado, onde havia uma montanha de neve. Ali uma pessoa me pegou no colo, levou-me para um lugar aquecido próximo de um aquecedor e me ofereceu um tablete de chocolate. Ao mesmo tempo, ouvi minha mãe gritando: “Vocês não matam as crianças, minha filha está lá dentro !”

De fato, eles não matavam crianças. Depois de algum tempo abriram a porteira e meus pais entraram com esse pequeno grupo de pessoas. ARIELLA SEGRE, 2015.

A privação da mãe para uma criança (e vice-versa) causa angústia, medo, ansiedade, insegurança, agressividade, exagerada necessidade amor e, em muitos casos, melancolia. A separação suaviza-se quando a criança passa a ser cuidada por alguém que ela confia.

Perdi a família [...] Pronunciar a palavra [...] mãe foi um carinho que nunca mais tive. [...] o que eu podia esperar naquele momento trágico? Só medo e terror. [...] entendi o grande drama da minha sobrevivência; sabia que estava só. Aos 17 anos eu já me tornara adulta. De fato, parecia ser uma pessoa que viveu 50 anos, com muito ódio no coração [...] O sentimento de rancor me assaltava.⁴⁴⁸

Minha mãe, Leontyna, adotiva, era totalmente contra que eu soubesse alguma coisa sobre isso [adoção] com medo que eu deixasse de amá-la. Eu não amava muito, eu acredito, mas enfim. [...] minha mãe oficial é Leontyna Getlinger, ou melhor, ela tornou-se oficialmente, nos últimos anos e, especialmente, depois que viemos ao Brasil. ADAM GETLINGER, 2019.

As histórias das crianças que perderam ou foram separadas de suas mães durante o Holocausto, registradas pela equipe Arqshoah, reforçam a imagem da mãe e do amor materno como inerentes a todos os seres humanos, insubstituíveis como reafirmam aqueles que sobreviveram ao Holocausto. As crianças que sofrem privações afetivas maternas podem tornar-se adultos carentes e sozinhas, apresentando algumas vezes traços de desconfiança e rigidez. De qualquer forma, a questão é profunda, um dos fatores decisivos na construção do eu. É como se a vida passasse a ser movida por sobressaltos, delineados por sustos inesperados que atingem a alma.

⁴⁴⁸ KUSTIN, op. cit., p. 48; 64.

Foi o que aconteceu aos milhares de órfãos que perderam suas mães, durante o Holocausto. A irreversibilidade das vidas perdidas deixou-os afetados para sempre. Tornaram-se uma geração que se coloca no pós-Holocausto sob os impactos de uma devastação familiar provocada pelo nazismo, desprovida dos cuidados maternos, à mercê de tratamentos normativos e políticas sociais adequadas, na urgência de inúmeras soluções exigidas.

Exemplo do que se fala são as memórias de Betty Herscovici em seu livro *Transnístria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto* (2014), onde conseguimos recuperar fragmentos das suas angústias e desesperos. Conhecemos como é afastada das suas raízes, transformando-se numa órfã de guerra. O seu sentimento de orfandade reflete-se na agressividade do testemunho, tonando-se envolvente.

Quando chegou a Obodovka a tia Rícia não quis mais ficar com Betty! Imagine o susto que isso lhe causou. [...] O pavor atingiu sua alma. Num enorme desespero, chegou a pensar em pegar seu travesseiro e ir para rua com a intenção de dormir no chão [...] No total abandono lembrou-se da Rosa. Resolveu levar notícias daquela tia que cuidara das suas feridas no caminho de volta em Cicelnic.

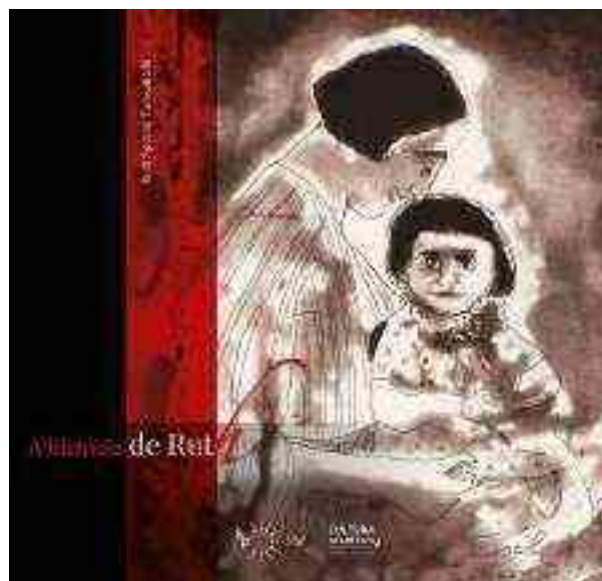
Então, nesse momento, sentindo a angustia no rosto de Betty uma menina de apenas doze anos – Rosa perguntou-lhe o que acontecia? Diante do pânico, do choro convulsivo e do transtorno de Betty sobre as intenções da tia Rícia, Rosa [...] convidou-a para ficar com ela e o marido Iani. [...] Este santo amparo jamais será esquecido por Betty.⁴⁴⁹

À medida que desenrola a leitura do livro, fica mais palpável a dor do luto pela ausência da mãe, recém-falecida. O leitor comove-se com a honestidade perturbadora da escrita, elaborada por uma sobrevivente que já tinha lidado com a morte de outras pessoas da família. Faz jus ao peso do tema e demonstra como a realidade é implacável: uma biografia de sua desorientação frente à ausência da mãe, na qual há um sentimento marcante de quando ela [mãe] estava quase morta, o desejo que morresse logo e colocasse um fim ao seu sofrimento. Mas, quando ocorre surge o desejo de querer sua presença física, mesmo que quase morta, para sempre.

Perder a mãe é um impacto em nosso funcionamento físico e psíquico, afetando a saúde, cognição, vida social, espiritualidade, pois desafia o indivíduo a encontrar recursos para lidar com todas as mudanças inerentes à perda.

⁴⁴⁹ HERSCOVICI, Betty; CASTRO, Malu. *Transnístria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto* / Betty Herscovici, Malu de Castro - São Paulo: Humanitas, 2014. pp. 106-107.

Ruth Sprung Tarasantchi, anos depois quando já estava na sua idade adulta, reconstituiu através de suas gravuras as memórias da sua família que passou pelo campo Ferramonti di Tarsia, na Itália. Tarasantchi mergulhou na própria dor com a intensidade oferecida pela criação artística, tornando-a símbolo, e foi a maneira encontrada por ela para imortalizar a figura da mãe.



127. Ruth Sprung Tarasantchi no colo de sua mãe Paula Dohan Sprung.
Acervo Arqshoah/Leer-USP, São Paulo, Brasil.

Ruth, Betty, Sabina, Cecília, Fania, as irmãs Rozen e tantas outras denominadas como órfãos são crianças cuja definição centra-se na dificuldade hermenêutica, pois um órfão tanto pode ser uma criança que os pais estão mortos, como uma criança a qual seus progenitores, frequentemente por razões econômicas, não poderiam cuidar dela. Ou seja, caracterizam-se por vivenciarem a experiência da ausência ou do abandono de seus progenitores, ou apenas de um deles.

No geral, sua definição está elaborada dentro dos parâmetros da própria instituição da família. A criança órfão (sobre)vive maleavelmente sem a proteção e a orientação dessas

figuras, expondo as ansiedades e as contradições sociais da época histórica em que se move.⁴⁵⁰

Crianças órfãs do Holocausto representam o caráter dual de sentimentos despertados naqueles que estão fora, isto é, podem transmitir esperança, mas também desespero. Assim a orfandade provocada pelo nazismo demonstra que a criança está sozinha e tem, por um lado, “o potencial de crescimento e de novos começos e, por outro, o potencial de permanecer isolado e do lado de fora”.⁴⁵¹ São crianças autocontidas que levam uma vida de aventureiros na busca de afeto, identidade e sucesso, mas podem experimentar também estados de alienação e solidão. No mais, desde que fica órfã, a criança treina seus instintos de sobrevivência e resistência os quais possibilitam a ela integrar-se na sociedade.

4.3. Da exclusão ao sentimento de liberdade

No desvendamento da perversidade social praticada durante a Era Nazista, temos os relatos de crianças que foram aprisionadas em guetos e campos concentracionários. São infantes que carregaram traumas e o rótulo estigmatizante do eterno indesejado, sentiram na pele a perversa realidade da exclusão a qual segregou e os puniu cruelmente.

Nasci em 1928 na cidade de Jaworzno, fronteira polonesa com a Alemanha, cidade religiosa com um quarto dos habitantes judeus. Havia 3 ou 4 sinagogas com um rabino em cada uma. Vivíamos juntos com poloneses, quando a Guerra começou eu tinha 11 anos e o antissemitismo mostrou-se violento. Fomos proibidos de ter terras, não podíamos frequentar a universidade, nem ocupar cargos públicos. Não sabíamos o que acontecia, pois poucos possuíam rádio. Não era seguro e muitos guardavam um *pachale* (reserva) para o que poderia vir. Sabiam o que estava ocorrendo na Alemanha e a ascensão de Hitler ao poder. Pressentia-se que algo sério poderia acontecer. Não era fácil sair da Polônia e em 1939 a Alemanha invadiu a Polônia. Na escola já éramos discriminados, pois o governo também nos discriminava. Em 1942, perdemos nossos bens e confinaramos em guetos para trabalhos forçados. Alguns meses depois, nós como todos os judeus fomos chamados às praças do gueto. Minha família se escondeu, mas nos encontraram. A seleção inicial era para crianças (até 10 anos) e velhos. Os demais para campos de trabalho. Eu e meus irmãos fomos divididos por campos diferentes. Fiquei até o final da Guerra em campo de extermínio e, quando acabou, estava perto de Berlim. Quando os dois exércitos – aliado e russo – se encontraram, enfrentamos a marcha da morte a pé sem comida e temperatura de 25° abaixo de zero. Dos 500 só 50

⁴⁵⁰ FLOYD, William David. *Orphans of British fiction, 1880-1911*. (Tese doutorado). Stirling (UK): University of Stirling, 2011, p. 56.

⁴⁵¹ PUNNETT, Audrey. *The orphan: a journey to wholeness*. Sheridan: Fisher King Press, 2014, p. 22.

sobraram. Fomos encontrados pelos americanos. Teve início a liberdade.
MAX SCHANZER, 2011.⁴⁵²

O complexo de Auschwitz-Birkenau, os campos de Dachau, Treblinka, Bergen-Belsen, Lublin-Majdanek, Theresienstadt, Gueto de Lodz e tantos outros são a evidente materialização das expressões da questão social permeada pela realidade punitiva e seletiva, que impactaram de forma feroz os judeus e suas crianças durante o Holocausto.



128. Crianças prisioneiras no campo de Theresienstadt. Tchecoslováquia (atual República Teca), s.d. Fotografia não identificada. Acervo *Wikimedia Commons*, EUA.

Locais que colocaram em prática, com excelência, a exclusão, rotulação e manutenção da ordem com base na teoria do etiquetamento social e processo criminalizatório dos judeus, como uma forma de controle social, em prol da ordem e segurança coletiva.

As crianças judias prisioneiras não eram só obrigadas a fazer trabalhos exaustivos, como também eram torturadas, humilhadas e submetidas a experiências médicas e científicas. Muitos morriam por diversos fatores, do trabalho extenuante até a violência rotineira e a fome, também eram deixadas em condições de baixa higiene, o que permitia que contrásem doenças, que também as matavam.

⁴⁵² SCHANZER, Max Wachsmann Testemunho concedido por Max Wachsmann Schanzer à Maria Luiza Tucci Carneiro, Rachel Mizrahi e Lilian Souza, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. Porto Alegre, 20 nov. 2011. Arqshoah/Leer-USP.



129. Crianças marcada com a Estrela de David executando trabalhos forçados em uma fábrica. Fotografia não identificado. Kovno, Lituânia, c. 1941-1944. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Cortesia de George Kadish/Zvi Kadushin.



130. Criança judia fotografada com a cicatriz deixada pelos “médicos” da SS que retiraram seus nódulos linfáticos, sendo uma das 20 (vinte) crianças injetadas com germes da tuberculose como parte de uma “experiência médica”. Todas foram assassinadas em 20 de abril de 1945. Campo de Concentração de Neuengamme, Alemanha, c. dezembro de 1944-fevereiro de 1945. Fotografia não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.

O sofrimento dos prisioneiros começava no momento em que chegavam no encarceramento. Guardas da SS, com cachorros ferozes e treinados para interceptar aqueles que tentassem escapar, recepcionavam de modo intimidatório os judeus que sobreviviam à viagem feita em vagões de trens abarrotados.

Dita tinha 14 anos quando ela e seus pais chegaram em dezembro de 1943, em um vagão lotado com 2.500 pessoas durante a noite, para luzes ofuscantes e “homens da SS com latidos de cães pastores alemães, gritos, gritos, pandemônio”. E então eles ouviram a palavra “Auschwitz”. “É aqui que estamos agora, eu percebi”, lembra Dita. “No famoso campo de concentração”.⁴⁵³

As crianças presenciavam e viviam maus tratos e agressões, por vezes eram obrigados a andar por quilômetros até seu infeliz destino. O impacto de chegar ao campo concentracionário é inolvidável. A imagem de uma fila interminável de homens e mulheres, jovens e idosos, com ou sem crianças, arrastando suas trouxas por caminhos enlameados, ou cobertos de neve, ou debaixo de chuva, como uma horda de maltrapilhos, ficará marcada na memória de quem a vivenciou. A violência iniciava-se no momento em que eram obrigados a deixar seus lares.

Na manhã de 22 de outubro de 1940, a Gestapo veio à nossa casa, ordenando que saíssemos sem demora, com duas malas por pessoa e 100 Reichsmark, incluindo 20 em moedas de prata!

Em uma hora, éramos mais de 7.700 judeus, prometidos à deportação, na estação de Mannheim, onde nove trens de passageiros haviam sido requisitados pelo sinistro Bürckel, para nos deportar para o território francês. O trem para em Mulhouse. A polícia, armada com malas, nos obrigou a separar 20 marcos em prata, senão seríamos imediatamente fuzilados... Ficamos assim trancados nos vagões por três dias e duas noites, antes a desembarcar em França, em Oloron-Sainte-Marie (Basses Pirinés).

Homens, mulheres, velhos e crianças, arrastando malas e trouxas emolduradas por gendarmes e guardas móveis, sob a chuva torrencial. Os policiais gritando, xingando, açoitavam aqueles que, exaustos, desabavam. A chuva pingava continuamente, afogando as lágrimas das crianças. Minhas lágrimas, eu tinha 13 anos.

Após uma viagem de cerca de 15 quilômetros, descobrimos o nosso local de residência, o acampamento Gurs: um acampamento enorme. Atravessamos a lama para chegar ao quartel que nos foi designado, um quartel de madeira. Tivemos que ficar lá em grupos de 80 pessoas. O chão era forrado com colchões muito finos, dois fogões a lenha para aquecimento. Para banheiros:

⁴⁵³ LYTTON, Charlotte. How Dita Kraus became the librarian of Auschwitz – in her own words. In: *The Telegraphic* [site]. London, 3 fev 2020. Disponível em <https://www.telegraph.co.uk/women/life/dita-kraus-became-librarian-auschwitz/> Acesso em 25 jan. 2022.

calhas de madeira rudimentares. Contra a cerca de arame farpado à nossa volta, duas séries de latrinas com 10 furos. É um terror total.⁴⁵⁴

Nas palavras de Bernard Liebhold⁴⁵⁵, um menino de apenas 13 anos, podemos imaginar o horror que a criança vivenciou durante a Era Nazista; o menino descreve, em seu testemunho, ricos detalhes do cenário caótico que era o acampamento de Gurs.⁴⁵⁶ Seu pai conseguiu livrá-lo do triste destino daqueles que embarcavam nos comboios de trens que partiam desse acampamento.

Eu não suportava a vida do acampamento. A falta de higiene e a fome causavam entre os detentos – porque estávamos em muitos prisioneiros – muitas doenças, incluindo disenteria. Os idosos e as crianças eram os mais afetados. Todas as manhãs um caminhão vinha buscar os cadáveres dos mortos da noite. Os ratos estavam por toda parte e atacavam as rações pobres que recebíamos. Eu comia a minha ração de pão imediatamente, antes que um roedor a agarrasse. Tive piolhos, como todos os outros “residentes” do campo de Gurs, principalmente em roupas íntimas. Aos 13 anos e meio, eu estava crescendo. Rações eram totalmente insuficientes: um pequeno pedaço de pão, *ersatz* de café, 12 gramas de açúcar, caldo claro para o almoço com alguns grãos de bico no fundo, o mesmo caldo à noite; sem carne, sem peixe, sem ovos, sem leite, sem gordura. Em menos de três meses, adoeci gravemente: difteria, escarlatina, encontrei-me em total isolamento em um

⁴⁵⁴ LIEBHOLD, Bernard. Histoire de l’OSE Les enfants cachés ont la parole. In: OSE [site]. Disponível em <https://www.ose-france.org/wp-content/uploads/2016/01/Bernard-LIEBHOLD.pdf>. Acesso em 27 jan. 2022.

⁴⁵⁵ Bernard Liebhold nasceu em 19 de março de 1927, na cidade de Mannheim. Era o filho mais velho do casal Fanny e Werner Benjamin, que também tinham a filha Eva nascida em 1932. Antes da sua família ser arrastada para o acampamento, o menino presenciou na manhã de 10 de novembro de 1938 seu pai ser preso pela Gestapo e enviado a Dachau – onde ficou detido por seis semanas – e no mesmo dia cerca de duas horas após sua prisão de seu pai teve sua casa invadida e destruída por seis homens, armados com machados e martelos, além de trancarem ele com sua mãe e irmã, na cozinha. A família em 1940 foi detida no acampamento de Gurs, juntamente com outros familiares. Werner conseguiu retirar Bernard com ajuda da OSE, a partir daí o menino só soube do destino de seus familiares em 1948. Seu pai foi transferido para o acampamento de São Cyprien, nos Pirineus Orientais, campo de internação e trânsito, depois em campo de Milles, nas Bouches du Rhône, e finalmente no campo de Nexon, em HauteVienne, em condições indignas de internamento. E, neste último acampamento, morreu de frio e fome em 27 de novembro de 1942. A mãe, irmã de 20 anos e tia Bertha foram levadas no dia 10 agosto de 1942 em vagões de gado e transferidas para Drancy, depois enviadas para Auschwitz no comboio nº 17. Todas foram gaseadas e queimadas nos fornos crematórios. Seus tios Joseph e Salomon, as tias Emmy e Hilde deportados no comboio nº 19, e tiveram o mesmo destino: a Solução Final. Nenhum dos seus parentes voltou de Auschwitz. LIEBHOLD, op.cit.

⁴⁵⁶ Foi um campo de internamento e campo de prisioneiros de guerra construído em 1939 em Gurs, a sudoeste da França, não muito longe de Pau. O campo foi originalmente estabelecido pelo governo francês após a queda da Catalunha no final da Guerra Civil Espanhola para controlar aqueles que fugiram da Espanha por medo de retaliação do regime de Francisco Franco. No início da Segunda Guerra Mundial, o governo francês internou judeus alemães como “estrangeiros inimigos”, junto com líderes políticos socialistas franceses e aqueles que se opunham à guerra com a Alemanha. Depois que o governo de Vichy assinou um armistício com os nazistas em 1940, tornou-se um campo de internamento principalmente para judeus alemães, bem como, para pessoas consideradas perigosas pelo governo. Após a libertação da França, Gurs abrigou prisioneiros de guerra alemães e colaboradores franceses. Antes de seu fechamento definitivo em 1946, o campo manteve ex-combatentes republicanos espanhóis que participaram da Resistência contra a ocupação alemã, porque sua intenção declarada de se opor à ditadura fascista imposta por Franco, o que os tornava ameaçadores aos olhos dos Aliados. Estima-se que o campo durante a Era Nazista manteve pouco mais de 21 mil presos inimigos do regime nazista. CAMP DE GURS. Disponível em <http://gurs.free.fr/> Acesso em 30 jan. 2022.

grande quartel chamado “hospital”. Meu pai tomou medidas com a OSE para me tirar do acampamento de Gurs e ser transferido para um orfanato (desta associação), localizado no Château de Chabannes, em Creuse. Seus esforços foram bem sucedidos, e eu deixei Gurs, com um comboio de 40 crianças. Eu nunca mais veria meus pais.⁴⁵⁷



131. Bebês atrás do arame farpado no acampamento de Gurs, Vichy, em Basses-Pyrénées. França, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *French Children of the Holocaust: A memorial* – Serge Klarsfeld, Texas, EUA.

O desfecho daqueles que eram selecionados para transferência é registrado nos poucos documentos que restaram da destruição intencional dos nazistas, pela evasiva frase “deixado em comboio”, sem informar o paradeiro de maneira objetiva. A única certeza que se possuía dessas partidas é que eram permeadas por angústia e ansiedade difíceis de descrever.

A travessia do campo por aqueles cujos nomes foram chamados deixou uma memória inesquecível para os internos que permaneciam no campo. Era um desfile alucinante de pobres, miseráveis e magros, jovens e velhos, cobertos de roupas surradas, arrastando-se atrás uma trouxa miserável ou uma mala ruim, da qual pendem pedaços de barbante que permitiram fechá-la.

[...] Todos avançavam em silêncio, olhando para a direita e para a esquerda, às vezes acenando para um amigo que permanecia no acampamento. Pareciam resignados. Os “guardas negros”, espalhados pela estrada central, ajudavam quem tropeçava a se levantar; alguns pareciam envergonhados, outros, os mais numerosos, indiferentes.

Alguns reagiram e me disseram: “É assim que a França nos trata?” Eu procurei por conhecimento. Muitos se tornavam irreconhecíveis em poucas horas. Uma pequena pilha caiu no chão. Reconheci a Mademoiselle

⁴⁵⁷ LIEBHOLD, op.cit.

Gertrude, a assistente social com quem tinha organizado conversas nas ilhotas, me inclinei para ela: “Você me reconhece?” Nem uma palavra, nem um sinal, nem um movimento (...) ao fundo, reconheci silhuetas retas, impecáveis em seus uniformes de enfermeira, a insígnia judaica exibida com destaque. Digo-lhes minha admiração por vê-los assim. Eles responderam: “O Senhor está conosco”, e recitavam o Salmo 130. “Das profundezas do abismo, eu te invoco, ó Senhor”. Lágrimas inundaram meus olhos. Em seguida, o comboio foi embarcado.⁴⁵⁸

Eram pessoas que formavam um grupo cujo futuro estava desmoronando pela deportação, suas forças não existiam mais – irreconhecíveis, pois alguns já agiam como “mortos” ou “morrendo” – pareciam ter perdido toda possibilidade de se expressar. Não havia visitas. Estava-se só. “Somente pessoas pertencentes a obras de assistência social tinham direito a atendê-los e achavam difícil entender o que está acontecendo com elas.”⁴⁵⁹ O ambiente possuía ares de irrealdade.

Em Auschwitz-Birkenau, por exemplo, como em tantos outros campos de concentração, a rotina silenciosa e massacrante, física e emocional do acampamento era permeada de incertezas e morte. Como podemos observar na continuação do testemunho de Bernard Liebhold:

...em nosso grupo de 200, tivemos de 30 a 35 mortes todos os dias. Muitos dos nossos camaradas foram simplesmente espancados até a morte pelos guardas (os “kapos”) durante o trabalho, sem ter cometido nada de condenável. As perdas desse grupo foram compensadas pelos detentos de Birkenau. O retorno do trabalho, todas as noites, era particularmente difícil e perigoso: em um curso cinco quilômetros, tivemos que arrastar nossas ferramentas, nossa lenha, potes pesados e, finalmente, nossos mortos do dia, aqueles que sucumbiram ao trabalho, ou que haviam sido massacrados. Aquele cuja cabeça não retornou, porque o *kapo* espancou brutalmente, se não baleado...todas as noites, éramos contados e os cadáveres eram colocados em carrinhos na ferrovia ou em um caminhão, para transportá-los pela floresta de bétulas.

É difícil estabelecer com exatidão o número de crianças que foram deportadas para o complexo de Auschwitz-Birkenau por conta da documentação incompleta. Há somente estimativas com base do que restou dos registros do período de quase 5 anos de seu funcionamento.

Sabe-se que os primeiros prisioneiros foram 728 poloneses classificados como prisioneiros políticos transferidos de Tarnów (Polônia), em 14 de junho de 1940, dos quais pelos menos 67 deles possuíam menos de 18 anos e, pelo menos um, chamado Stanislaw

⁴⁵⁸ LIEBHOLD, op.cit.

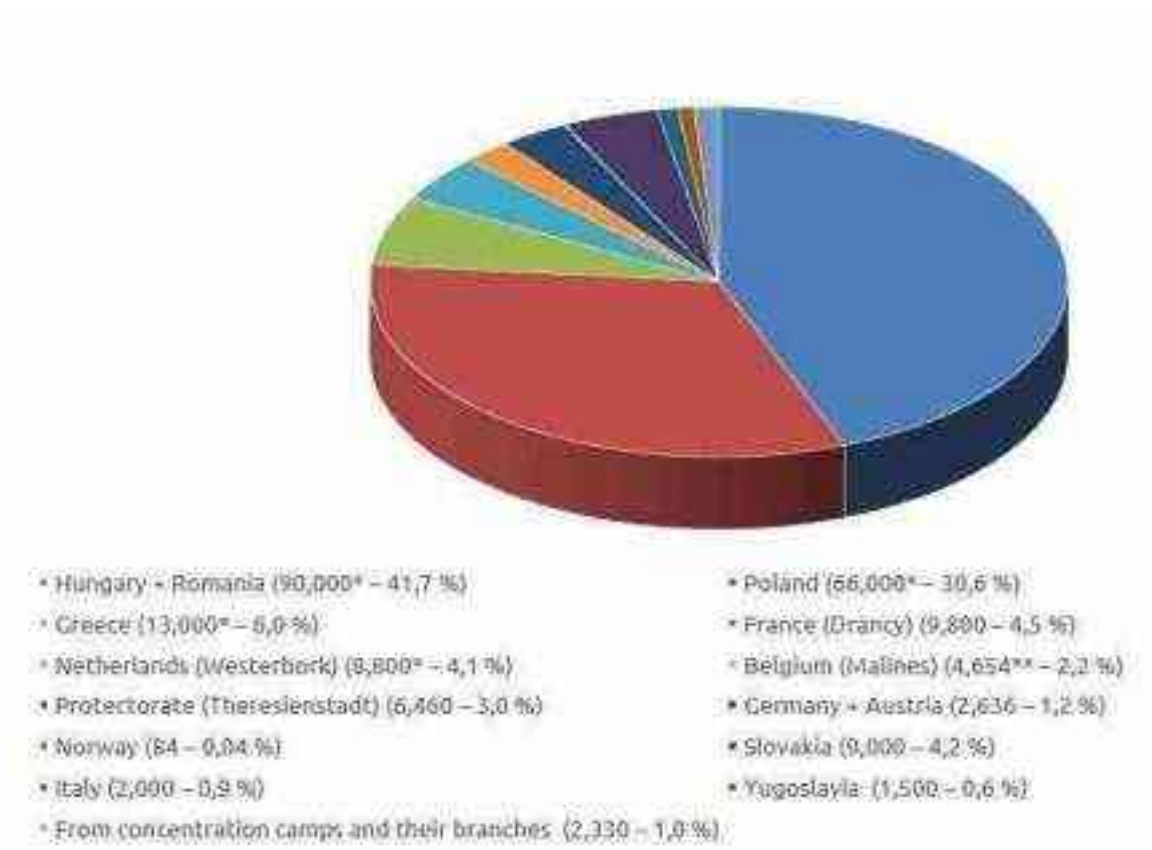
⁴⁵⁹ LIEBHOLD, op.cit.

Klimek (número 468), tinha 14 anos. Todos capturados durante a primavera daquele ano em ações especiais de repressão terrorista contra a sociedade polonesa.

De acordo com os arquivos do Museu Estatal Auschwitz-Birkenau⁴⁶⁰, entidade responsável pela guarda e conservação da documentação do campo concentracionário, foram aprisionadas 232 mil crianças com menos de 15 anos e 1,3 milhão de jovens com menos de 18 anos. Este número inclui 216 mil de origem judaica, 11 mil ciganas, 3 mil poloneses e mil bielorrussos, russos, ucranianos e outras nacionalidades.

Percebemos que o número maior de crianças deportadas para o complexo eram crianças judias capturadas partir dos primeiros meses de 1942, oriundas principalmente da Hungria, Romênia e Polônia, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Número de crianças e jovens judeus deportados para Auschwitz de países individuais em 1942–1944.



Fonte: *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia.

⁴⁶⁰ AUSCHWITZ-BIRKENAU STATE MUSEUM. Disponível em <https://www.auschwitz.org/en/>. Acesso em 20 ago 2022.

Grande parte das crianças eram levadas ao complexo junto com suas famílias, no entanto haviam transportes exclusivos de crianças, como a transferência de 1.196 infantes ocorrida em 1943 vindas de Terezin, todas enviadas imediatamente para câmara de gás.⁴⁶¹

Anexo 4 Data
"Memories of the Holocaust"
and "The Holocaust Encyclopedia" on 24 October 2013.

Nome e endereço	Trecho	Outros
1. Szymon Sztybel	911/111	25. 4.1913
2. Szymon Sztybel	911/111	26. 4.1913
3. Szymon Sztybel	911/111	27. 4.1913
4. Szymon Sztybel	911/111	28. 4.1913
5. Szymon Sztybel	911/111	29. 4.1913
6. Szymon Sztybel	911/111	30. 4.1913
7. Szymon Sztybel	911/111	31. 4.1913
8. Szymon Sztybel	911/111	32. 4.1913
9. Szymon Sztybel	911/111	33. 4.1913
10. Szymon Sztybel	911/111	34. 4.1913
11. Szymon Sztybel	911/111	35. 4.1913
12. Szymon Sztybel	911/111	36. 4.1913
13. Szymon Sztybel	911/111	37. 4.1913
14. Szymon Sztybel	911/111	38. 4.1913
15. Szymon Sztybel	911/111	39. 4.1913
16. Szymon Sztybel	911/111	40. 4.1913
17. Szymon Sztybel	911/111	41. 4.1913
18. Szymon Sztybel	911/111	42. 4.1913
19. Szymon Sztybel	911/111	43. 4.1913
20. Szymon Sztybel	911/111	44. 4.1913
21. Szymon Sztybel	911/111	45. 4.1913
22. Szymon Sztybel	911/111	46. 4.1913
23. Szymon Sztybel	911/111	47. 4.1913
24. Szymon Sztybel	911/111	48. 4.1913
25. Szymon Sztybel	911/111	49. 4.1913
26. Szymon Sztybel	911/111	50. 4.1913
27. Szymon Sztybel	911/111	51. 4.1913
28. Szymon Sztybel	911/111	52. 4.1913
29. Szymon Sztybel	911/111	53. 4.1913
30. Szymon Sztybel	911/111	54. 4.1913
31. Szymon Sztybel	911/111	55. 4.1913
32. Szymon Sztybel	911/111	56. 4.1913
33. Szymon Sztybel	911/111	57. 4.1913
34. Szymon Sztybel	911/111	58. 4.1913
35. Szymon Sztybel	911/111	59. 4.1913
36. Szymon Sztybel	911/111	60. 4.1913
37. Szymon Sztybel	911/111	61. 4.1913
38. Szymon Sztybel	911/111	62. 4.1913
39. Szymon Sztybel	911/111	63. 4.1913
40. Szymon Sztybel	911/111	64. 4.1913
41. Szymon Sztybel	911/111	65. 4.1913
42. Szymon Sztybel	911/111	66. 4.1913
43. Szymon Sztybel	911/111	67. 4.1913
44. Szymon Sztybel	911/111	68. 4.1913
45. Szymon Sztybel	911/111	69. 4.1913
46. Szymon Sztybel	911/111	70. 4.1913
47. Szymon Sztybel	911/111	71. 4.1913
48. Szymon Sztybel	911/111	72. 4.1913
49. Szymon Sztybel	911/111	73. 4.1913
50. Szymon Sztybel	911/111	74. 4.1913
51. Szymon Sztybel	911/111	75. 4.1913
52. Szymon Sztybel	911/111	76. 4.1913
53. Szymon Sztybel	911/111	77. 4.1913
54. Szymon Sztybel	911/111	78. 4.1913
55. Szymon Sztybel	911/111	79. 4.1913
56. Szymon Sztybel	911/111	80. 4.1913
57. Szymon Sztybel	911/111	81. 4.1913
58. Szymon Sztybel	911/111	82. 4.1913
59. Szymon Sztybel	911/111	83. 4.1913
60. Szymon Sztybel	911/111	84. 4.1913
61. Szymon Sztybel	911/111	85. 4.1913
62. Szymon Sztybel	911/111	86. 4.1913
63. Szymon Sztybel	911/111	87. 4.1913
64. Szymon Sztybel	911/111	88. 4.1913
65. Szymon Sztybel	911/111	89. 4.1913
66. Szymon Sztybel	911/111	90. 4.1913
67. Szymon Sztybel	911/111	91. 4.1913
68. Szymon Sztybel	911/111	92. 4.1913
69. Szymon Sztybel	911/111	93. 4.1913
70. Szymon Sztybel	911/111	94. 4.1913
71. Szymon Sztybel	911/111	95. 4.1913
72. Szymon Sztybel	911/111	96. 4.1913
73. Szymon Sztybel	911/111	97. 4.1913
74. Szymon Sztybel	911/111	98. 4.1913
75. Szymon Sztybel	911/111	99. 4.1913
76. Szymon Sztybel	911/111	100. 4.1913

⁴⁶¹ As crianças as quais nos referimos foram retirados de suas famílias durante a repressão da revolta no gueto de Bialystok (17-20 de agosto de 1943) e transportadas para Terezin em 24 de agosto de 1943 antes de serem transportadas para Auschwitz. Os infantes seriam enviados à Palestina como parte das negociações conduzidas na época entre os representantes da Cruz Vermelha Suíça e alguns líderes das SS do círculo de Himmler em troca de prisioneiros de guerra alemães. No final, a troca não aconteceu e as crianças foram assassinadas junto com 53 professores, apesar de funcionar em Birkenau, na época, um acampamento familiar para os judeus transportados de Terezin. AUSCHWITZ-BIRKENAU STATE MUSEUM. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN/?fbclid=IwAR3Qhm9qSnsjfhBMf4kqkdw-KIORQtwse568DrazWpun6zoxA5uP88asFjo. Acesso em 20 ago 2022.

Lp. Nr.	Imię i. Nazwisko	Data Zmar.	Miej. u. Zmar.	Imię i. Nazwisko Wzrost i. Waga	
1	Henryk Łęka	1933	Warszawa	Henryk	Henryk
2	Wacław Łęka	1934	Białystok	Lejba	Henryk
3	Henryk Łęka	1934	"	David	Lejba
4	Michał Łęka	1933	"	Samson	Henryk
5	Jerzy Łęka	1933	"	Mojżesz	Henryk
6	Stefan Łęka	1934	"	Aron	Henryk
7	Henryk Łęka	1934	"	Mojżesz	Henryk
8	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
9	Henryk Łęka	1933	"	"	"
10	Henryk Łęka	1934	"	Henryk	Henryk
11	Henryk Łęka	1933	"	"	"
12	Henryk Łęka	1933	"	"	"
13	Henryk Łęka	1933	Warszawa	Henryk	Henryk
14	Henryk Łęka	1933	Białystok	Henryk	Henryk
15	Henryk Łęka	1934	"	Henryk	Henryk
16	Henryk Łęka	1931	"	Henryk	Henryk
17	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
18	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
19	Henryk Łęka	1934	"	Henryk	Henryk
20	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
21	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
22	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
23	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
24	Henryk Łęka	1934	"	Henryk	Henryk
25	Henryk Łęka	1934	Warszawa	Henryk	Henryk
26	Henryk Łęka	1933	Białystok	Henryk	Henryk
27	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
28	Henryk Łęka	1934	"	Henryk	Henryk
29	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
30	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
31	Henryk Łęka	1931	"	Henryk	Henryk
32	Henryk Łęka	1931	Warszawa	Henryk	Henryk
33	Henryk Łęka	1931	Białystok	Jakob	Henryk
34	Henryk Łęka	1931	Warszawa	Jakob	Henryk
35	Henryk Łęka	1931	Białystok	Henryk	Henryk
36	Henryk Łęka	1931	"	Henryk	Henryk
37	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
38	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
39	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
40	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
41	Henryk Łęka	1934	"	Henryk	Henryk
42	Henryk Łęka	1934	"	Henryk	Henryk
43	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
44	Henryk Łęka	1934	"	Henryk	Henryk
45	Henryk Łęka	1933	Warszawa	Henryk	Henryk
46	Henryk Łęka	1933	Białystok	Jakob	Henryk
47	Henryk Łęka	1934	"	Henryk	Henryk
48	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
49	Henryk Łęka	1933	"	Henryk	Henryk
50	Henryk Łęka	1933	Warszawa	Henryk	Henryk

132. No. Nr.	Nome das Crianças	Data de Nascimento	Relig. Mãe	Nome do Pai	Nome da Mãe
1151	Kaplanowska Maria	1911	Eschely	Barro	Enia
1152	Kaplanowska Sonia	1916	"	"	"
1153	Podrynska Erlaine	1912	Bialystok	Chaim	Sigel
1154	Piaz Rachel	1912	"	Georgel	Bonna
1155	Piaz Iosef	1911	"	"	"
1156	Peres Lejb	1911	"	Mojseuz	Elka
1157	Jasinska Zosha	1913	"	Josef	Lejo
1158	Jasinska Lejb	1916	"	"	"
1159	Jasinska Alia	1912	"	"	"
1160	Jasinska Ina	1915	"	"	"
1161	Jasinska Elyna	1914	"	"	"
1162	Baranowska Sonia	1912	"	Lejb	Jozpa
1163	Baranowska Hoshi	1914	"	"	"
1164	Pawa Hanka	1911	"	Isaac	Chaja
1165	Pawa Aron	1911	"	"	"
1166	Eubel Gonia	1911	"	Jacob	Fania
1167	Eulerstein Salim	1911	"	Isak	Chim
1168	Fajnszajn Hosh	1911	"	Ajzek	Chaja
1169	Farelster Avram	1916	"	Lejb	Chaja
1170	Rubinastejn Erelit	1911	"	Mojseuz	Hannah
1171	Wertman Luba	1911	"	Motel	Sara
1172	Tou Hanna	1917	"	Mother	Hala
1173	Wart Chaim	1911	"	Israel	Altera
1174	Waginski Motel	1911	"	Eric	Majer
1175	Garber Pina	1911	"	Salma	Ina
1176	Holowiejczyk Hama	1912	"	Jacob	Zutera
1177	Holowiejczyk Fryda	1912	"	"	"
1178	Markusowicz Hala	1912	"	Josef	Sonia
1179	Folak Hoda	1912	"	Lejke	Hanka
1180	Selman Jozef	1911	"	Lejb	Luba
1181	Halman Hala	1911	"	"	"
1182	Ofenbach Miria	1912	"	Moshe	Krajncal
1183	Feigin Wolf	1911	"	Elyna	Chama
1184	Levenbaum Hosi	1911	"	Wigdor	Rachela
1185	Kryciak Chaim	1911	"	Fejmin	Sara
1186	Wingrod Chaim	1916	"	Jacob	Hercia
1187	Farelster Hoda	1911	"	Abriel	Bywa
1188	Zyankielicz Chama	1911	"	Daniel	Lita
1189	Rubinastejn Avram	1912	"	Frisel	Bywa
1190	Rubinastejn Lejb	1911	"	Jankiel	Lita
1191	Soł Judal	1911	"	Hyncha	Fajga
1192	Berecholo Sonia	1911	"	David	Miriam
1193	Wertman Hosi	1911	"	Szaja	Hanna
1194	Wertman Krycia	1914	"	"	"
1195	Haerman Isak	1914	"	Jozpa	Fajga
1196	Fajhrylberg Chama	1914	Eurodal	Majara	Elka

132. Três páginas do documento de transporte com os nomes de crianças judias de Białystok que foram deportadas para Auschwitz do campo do gueto em Terezin em 5 de outubro de 1943 em um "transporte especial" marcado como Dn/a. As 1.196 crianças deste transporte e seus professores (a primeira página da lista) foram mortos na câmara de gás imediatamente à chegada a Birkenau, Polônia, 1943.

Acervo Auschwitz-Birkenau State Museum, Polônia.

O destino das crianças e jovens judeus que chegavam no complexo concentracionário de Auschwitz-Birkenau eram as câmaras de gás (como foi o caso dos judeus poloneses da Silésia, do gueto em Sosnowiec) ou o campo de trabalho.

Os primeiros infantes judeus presos selecionados para o trabalho eram provenientes dos transportes de judeus eslovacos ocorridos entre março a julho de 1942. O mais novo era Ernest Schwarcz, de oito anos (número 31.527), que sobreviveu apenas 39 dias no campo. A maioria morria no campo entre 5 a 17 semanas de trabalhos forçados.

Alguns dos infantes selecionados para o trabalho eram erroneamente qualificados por parecerem mais velhos do que de fato. Às vezes, as próprias crianças, aconselhadas pelos adultos, adicionavam anos à sua idade, tentando convencer os selecionadores que eram capazes para o trabalho. Sentiam que era sua única chance de sobreviver. Como por exemplo, Halina Grynztajn (nome de casada Birenbaum), uma judia polonesa de 14 anos de Varsóvia trazida para Auschwitz em junho de 1943 do campo de Lublin-Majdanek, que conseguiu salvar sua vida ao convencer um oficial da SS, o qual comandava a seleção, que possuía 17 anos.



133. Halina Grynstein. S/I, c. 1945-1946.
Fotógrafo não identificado. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia.

O acréscimo de anos às suas idades durante a seleção é confirmada pelo sobrevivente Geza Schein, um judeu húngaro nascido em 1933.

Havia oficiais da SS na rampa, alguns com cachorros e muitos com cajados e porretes nas mãos. Enquanto os grupos estavam sendo organizados, as pessoas foram espancadas e tiveram cães atirados nelas. Na época eu tinha 11 anos, mas meu pai me fez dizer que eu tinha 16. Não entendi por que eu deveria mentir, mas disse que tinha 16 quando perguntado. Eu era um menino bem grande e poderia passar por um garoto de 16 anos. Desta forma, encontrei-me com o grupo de homens. (...) As pessoas estavam assustadas e aterrorizadas. Quando nos mandavam nos despir, quando nosso cabelo era raspado, e nos vestimos com os trapos do acampamento de tecido listrado – ninguém mais perguntava sobre nada, eles estavam felizes apenas por estarem vivos.⁴⁶²

Entre setembro de 1943 e maio de 1944, o destino das crianças dos transportes de judeus trazidos para Auschwitz do campo de Terezin, foi um pouco diferente. Eles foram alojados com as famílias no acampamento familiar no Setor B IIb em Birkenau criado para esse fim.

Era uma operação temporária de 11 meses, elaborada pelo Estado para camuflar o aparato do Terceiro Reich. As autoridades nazistas enganaram a opinião pública global, bem como, as próprias vítimas sobre os verdadeiros motivos da “deportação para o Leste”. Os internos do acampamento familiar eram bem tratados e tinham certos privilégios, tais como, escrever cartas, alimentar-se melhor e não passar por seleções regulares no campo, que enviavam os judeus enfraquecidos e doentes de outros setores para as câmaras de gás. Ao todo, 1.500 crianças e jovens passaram pelo acampamento familiar dos judeus.

Ainda dentro desse setor, criou-se uma creche e jardim de infância para os mais novos e uma escola para os mais velhos, algo excepcional tendo em conta as condições do acampamento. As crianças mais novas aprenderam músicas e possuíam brinquedos, enquanto as crianças mais velhas, entre 6 a 10 anos, foram divididas em três grupos por faixa etária e estudavam segundo o currículo escolar da época estabelecido pelas políticas nazistas para educação. As autoridades do campo até permitiram que as crianças montassem um teatro de marionetes. As apresentações eram organizadas duas vezes por semana em um palco modesto disposto no quartel.

Quando a liquidação do setor iniciou-se em 1944, os presos receberam cartões de correspondência com a instrução de escrever mensagens para familiares e amigos dizendo

⁴⁶² APMA-B, Zespól Oświadczenia, vol. 84, pág. 97.

estar tudo bem e datá-los como 25 de março de 1944. Uma farsa, já que os presos foram executados, como bem lembra um dos internos:

Através dos buracos que fizemos nas paredes de madeira, assistimos em silêncio e terror o que estava acontecendo no acampamento ao lado. Vimos com horror como hordas de bandidos corruptos, supervisionados por funcionários da SS, usavam porretes para carregar homens e mulheres, velhos e mulheres e, finalmente, as jovens e belas crianças, crianças que nunca perceberam quão vulnerável era sua situação, carregando brinquedos primitivos em suas mãos, trêmulas de frio e fome, agarradas em desespero às mães.⁴⁶³

A liquidação do campo da família ocorreu em julho de 1944, a maioria dos presos foi morta nas câmaras de gás, restando apenas um pequeno grupo de crianças e jovens: vários gêmeos de ambos os sexos e um grupo de cerca de 90 meninos, de 13 a 16 anos. Alguns deles sobreviveram até a evacuação do campo em janeiro de 1945.

A seleção mais cruel foi realizada entre mães que tiveram filhos no campo. Cecilie Michalová (atual Friedmannová), uma das internas sobreviventes do acampamento familiar, rememora o acontecido.

Se fossem capazes de trabalhar, as mães podiam sair do campo para trabalhar, mas com a condição de deixarem os filhos. Todos sabiam do que se tratava. Incluindo as crianças. As crianças mais velhas, de 10 a 14 anos, perceberam, e as mais novas perceberam. Os olhos dessas crianças envelheceram de repente por séculos. Alguns conversaram pacificamente com suas mães, instando-os a ir trabalhar. Os pequeninos seguraram as mãos de suas mães com força com medo.⁴⁶⁴

As crianças que eram prisioneiras de Auschwitz desde o nascimento faziam parte de um grupo separado. Durante o período inicial de funcionamento do acampamento das mulheres, independentemente da nacionalidade, as crianças fossem no ventre da mãe ou recém-nascidos, eram assassinadas sem que o fato de seu nascimento estivesse registrado na documentação do acampamento.

Na metade de 1943 por ordem de Heinrich Himmler, a situação modificou-se e crianças nascidas de mulheres de origem não judia foram deixadas vivas. Poucos dias após o

⁴⁶³ Mirosław Karny, *Obóz familijny w Brzezince (BIb) dla Żydów z getta Theresienstadt*, [in:] „Zeszyty Oświęcimskie”, No. 20, Oświęcim 1993, p. 175, depoimento de um ex-presidiário, Ludek Klacer. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN. Acesso em 20 ago 2022.

⁴⁶⁴ M. Karny, *Zeszyty Oświęcimskie*, No. 20, p. 198. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN. Acesso em 20 ago 2022.

parto, eram registrados como quaisquer internos recém-chegados no Cartório de Registro do acampamento [Standesamt II] e recebiam um número de acampamento, que no caso de bebês geralmente era tatuado na perna ou nádega esquerda, e apenas ocasionalmente na mão.

Os números do campo não foram tatuados em crianças nascidas de internos alemães ou filhos de mulheres polonesas de Varsóvia trazidas do campo em Pruszków entre agosto e setembro de 1944. Provavelmente, não o fizeram porque eram crianças que foram classificadas pelos médicos da SS como aptas para participar do programa de germanização.

Assim, esses recém-nascidos que atendiam aos critérios da raça nórdica, foram separados de suas mães, submetidos a exames antropológicos preliminares no campo, e posteriormente, enviados para as instalações do Centro de Reassentamento em Lodz, bem como, para centros especiais de Lebensborn – uma organização cujas atividades incluíam a preparação das crianças para a germanização.

Até novembro de 1944, crianças que nasciam de mulheres judias encarceradas no campo eram, via de regra, assassinadas. Aquelas deixadas vivas, por quaisquer motivos, foram transferidas para o acampamento familiar para judeus de Terezin, contudo, nenhum documento sobre seus registros foi preservado.



134. Józio Fefferling-Gomez, nascido no campo de concentração de Auschwitz em 18 de abril de 1943, registrado como número de preso 155910, filho da judia polonesa Anna Fefferling, que no campo se fazia passar por uma polonesa católica, Anna Katz. Ambos viveram para ver a libertação de Auschwitz e se estabeleceram na França após a guerra. Polônia, s/d. Fotografia não identificada. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia.

Esses infantes foram as vítimas mais óbvias e frequentes da biopolítica nazista. Dois, dos poucos que sobreviveram as seleções aos sub-campos de Auschwitz-Birkenau, descreveram a escolha realizada entre os meninos:

Otto Preszburger: Lembro-me bem como vários caminhões chegaram ao Quartel 11 à noite em um feriado judaico cujo nome não lembro. Eu estava no Quartel 21 e meu colega (Feiner) estava no Quartel 11. Ele disse que as pessoas foram forçadas a entrar nos caminhões e cerca de 800 meninos foram levados para o Crematório nº. IV.⁴⁶⁵

⁴⁶⁵ APMA-B. Akta Radzieckiej Komisji Badania Zbrodni Niemieckich w KL Auschwitz – sygn. IZ, Vol. 3, k. 78/511-I/1, depoimento de Otto Preszburger, de 13 anos (nº B-12659). . Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN. Acesso em 20 ago 2022.

Berthold Epstein: Cerca de 600 crianças foram alocadas para serem queimadas. Reunidos em um único quartel, eles começaram a fugir e se esconder onde podiam, desesperados para evitar serem levados pelo pessoal da SS a qualquer custo. No entanto, eles foram reunidos e reunidos novamente. Lembro-me de seus gritos: ‘Não queremos ser gaseados. Queremos viver!’⁴⁶⁶



135. “Álbum de Auschwitz” descoberta pela detenta Lily Jacob nas dependências do campo de concentração de Mittelbau-Dora na primavera de 1945. A fotografia apresenta principalmente o evento que ocorreu na rampa de Birkenau durante a seleção de um transporte que chegou da Hungria em 26 de maio de 1944. As mulheres e crianças na foto foram enviadas juntas para a câmara de gás. Polônia, 1944. Fotógrafo não identificado. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia.

Outro ponto era o trabalho exaustivo que levava os detentos adultos a morte, com isto, mais e mais vezes utilizavam-se de mão-de-obra de crianças com menos de 15 anos. Costumavam enviá-las para trabalhar em várias equipes nos diversos ramos do campo principal, como por exemplo, a refinaria de petróleo de Trzebinia, mina de carvão de Brzeszcze e nas fazendas agrícolas e pecuárias que operam nos subcampos (filiais).

⁴⁶⁶ APMA-B. Zespół Proces Hössa, vol. 5, pág. 23–36 – trecho do depoimento de uma testemunha, ex-presidiário número 79104, professor de pediatria, Berthold Epstein, no julgamento de Rudolf Höss, ex-comandante de KL Auschwitz. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN. Acesso em 20 ago 2022.

ARBEITSLAGER TRZEBINIA.

Trzebinia, den 21.8.1944.

Verzeichnis der Jugendlichen.

Jugendliche bis zu 14 Jahren.

Lfd. Nr.	Matl. Nr.	Name	Vorname	Geb. Dat.	Beruf
1	B-5956	Grünawig	Janas	20.4.29	ohne
2	B-5956	Holle	Tomas	31.5.29	"
3	B-5971	Horti	Heinr.	9.2.30	"
<u>Jugendliche bis zu 17 Jahren.</u>					
4	B-1087	Grüner	Jakob	17.2.27	"
5	B-2998	Hoover	Manen	15.9.28	Elektrolehrl.
6	B-5864	Adler	Andras	9.6.27	ohne
7	B-5873	Blum	Stefan	15.4.27	Fahrradmach.Lehrl.
8	B-5894	Baraban	Georg	17.5.27	ohne
9	B-5901	Deutsch	Tiber	21.9.27	"
10	B-5902	Deutsch	Georg	9.11.27	"
11	B-5906	Elok	Franz	17.4.27	"
12	B-5907	Engel	Janos	1.6.27	"
13	B-5908	Engel	Stefan	7.2.28	"
14	B-5913	Fleischmann	Matyas	5.11.27	"
15	B-5951	Fergely	Janos	10.3.27	"
16	B-5961	Hochwald	Sandor	29.10.27	"
17	B-5962	Horakowits	Niklos	16.2.27	"
18	B-5976	Jakob	Peter	18.9.27	Schlosserlehrl.
19	B-5977	Jakob	Ernest	17.11.27	Mechanikerlehrl.
20	B-5979	Janber	Andor	17.5.28	ohne
21	B-5998	Kesany	Ivan	15.11.27	"
22	B-5999	Kalman	Georg	22.5.27	Schlosserlehrl.
23	B-6005	Kovacs	Isare	14.10.27	Wasserleitungsinst.
24	B-6063	Reichmann	Ignac	5.5.28	ohne
25	B-6044	Reisent	Viktor	26.2.29	Gärtnerlehrling
26	B-6056	Schönfeld	Leblo	25.8.27	ohne
27	B-6008	Schlosser	Georg	6.9.27	"
28	B-6101	Schonthal	Zosof	12.11.27	Mech.Schlosserlehrl.
29	B-6101	Schreiber	Axilla	16.7.28	Elektrikerlehrl.
30	B-6114	Steiner	Otto	24.5.28	Glaserlehrl.
31	B-6115	Bonner	Julian	7.7.28	Glaserlehrl.
32	B-6128	Vapodi	Stefan	29.3.27	Elektr.u.Hausmeh.
33	B-6131	Weine	Oskar	22.7.27	ohne
34	B-6143	Wahl	Sandor	12.5.28	"
35	B-6141	Walfinch	Niklos	18.9.27	"

137. A primeira página da lista, com os nomes dos meninos judeus presos no subcampo de Trzebinia. Na época e o mais novo, Heinrich Horti, tinha quase 14 anos. Polônia, 21 ago 1944. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia.

Existiam no acampamento das mulheres em Birkenau (Setor BIa) uma equipe de trabalho um pouco mais leve conhecida como Kinderkommando que trabalhou por vários meses em 1942. As adolescentes que pertenciam a ela trabalhavam na jardinagem na vila de Rajsko (Polônia). No mais, o trabalho árduo era constante e, por vezes, excedia as capacidades físicas de infantes desnutridos, os quais foram expostos a uma infinidade de perseguições e punições.

Uma vez condenados a trabalhar nas equipes de trabalho penal eram detidos no centro de detenção do campo que ficava no Bloco 11, conhecido como Bloco da Morte, ou condenados ao fuzilamento. Como foi o caso do judeu polonês Hirsch Jablonowski de apenas 13 anos, registrado sob o número 76334, foi deportado para Auschwitz em dezembro de 1942 do gueto em Ciechanów, e executado em 22 de maio de 1943 junto com outros 25 presos no Muro da Morte após uma seleção realizada no bunker no referido Bloco.

№	№	Nome	№	№	№	№	№	№	№
76334	76334	Hirsch Jablonowski	76334	76334	76334	76334	76334	76334	76334
76335	76335	[illegible]	76335	76335	76335	76335	76335	76335	76335
76336	76336	[illegible]	76336	76336	76336	76336	76336	76336	76336
76337	76337	[illegible]	76337	76337	76337	76337	76337	76337	76337
76338	76338	[illegible]	76338	76338	76338	76338	76338	76338	76338
76339	76339	[illegible]	76339	76339	76339	76339	76339	76339	76339
76340	76340	[illegible]	76340	76340	76340	76340	76340	76340	76340
76341	76341	[illegible]	76341	76341	76341	76341	76341	76341	76341
76342	76342	[illegible]	76342	76342	76342	76342	76342	76342	76342
76343	76343	[illegible]	76343	76343	76343	76343	76343	76343	76343
76344	76344	[illegible]	76344	76344	76344	76344	76344	76344	76344
76345	76345	[illegible]	76345	76345	76345	76345	76345	76345	76345
76346	76346	[illegible]	76346	76346	76346	76346	76346	76346	76346
76347	76347	[illegible]	76347	76347	76347	76347	76347	76347	76347
76348	76348	[illegible]	76348	76348	76348	76348	76348	76348	76348
76349	76349	[illegible]	76349	76349	76349	76349	76349	76349	76349
76350	76350	[illegible]	76350	76350	76350	76350	76350	76350	76350

138. Página do livro do bunker na qual Hirsch Jablonowski, número 76334, está registrado. Polônia, s/d. Acervo Auschwitz-Birkenau State Museum, Polônia.

Presos mais velhos esforçavam-se para ajudar as crianças dentro do encarceramento no complexo de Auschwitz-Birkenau. Era um auxílio pequeno, mas que vez diferença na luta pela sobrevivência dos pequeninos.

Os detentos tentaram organizar ajuda para as crianças providenciando cobertores adicionais, roupas, alimentos, medicamentos e até brinquedos. Por exemplo, mulheres que trabalhavam na cozinha do campo faziam as escondidas sopas mais grossas para as crianças, cozinhavam ilegalmente sêmola ou trigo sarraceno no leite ou forneciam batatas adicionais. Detentas que trabalhavam em equipes de jardinagem contrabandeavam cenouras, nabos e outros vegetais para o campo.

Aqueles que trabalhavam nos armazéns de roupas roubavam roupas íntimas, meias e suéteres para crianças. Um grande grupo de mulheres polonesas que trabalhava nas oficinas de costura usava lençóis velhos para fazer camisas e roupas íntimas para crianças e bebês. Já aquelas que trabalhavam no Escritório de Emprego [Arbeitseinsatz] tentavam designar meninas para comandos de trabalho mais leves como: cozinha do campo, triagem de roupas ou serviço de mensageria.

Haviam também as detentas que trabalhavam nas operações de embalagem do campo que se aproveitaram do fato de alguns pacotes virem com endereços ilegíveis substituíam secretamente por nomes de detentas, que mais tarde redirecionavam o conteúdo para as crianças. Encomendas endereçadas a pessoas que estavam mortas foram tratadas da mesma forma. Mais tarde, graças ao seu esforço contínuo, obtiveram a permissão de seu supervisor alemão para entregar metade dos pacotes endereçados às mulheres falecidas aos blocos das crianças. Anteriormente, todos esses pacotes eram enviados aos blocos para mulheres alemãs.

Por iniciativa própria aprisionados costumavam decoravam as paredes do quartel das crianças com pinturas coloridas mostrando a escola, brinquedos infantis, flores e cenas dos contos de fadas que conheciam. As pinturas sobrevivem até hoje em um dos quartéis do antigo campo de Birkenau, onde eram mantidas principalmente crianças polonesas presas.

Esforços eram praticados pelos adultos que viviam no quartel e trabalhavam com os meninos e meninas mais velhos para protegê-los contra o trabalho excessivamente pesado, e também da crueldade de alguns presos funcionários. Foi uma cooperação que envolveu um número significativo de detentos e que, muitas vezes, recebeu ajuda da resistência do campo.

Ajudar crianças e jovens de origem judaica era mais difícil, pois até novembro de 1944, eram ameaçados com seleções para as câmaras de gás. Porém, isso não impediu os infantes judeus de obter assistência pontual.

As crianças judias – como os presos judeus adultos – foram vítimas das seleções realizadas no campo, pois eram consideradas menos capazes de trabalhos forçados. No entanto, graças à coragem e astúcia de alguns internos, algumas delas foram resgatadas da morte. Houveram casos que conseguiram esconder crianças judias no quartel para crianças

não judias, o que as salvou das seleções no campo. Foi assim que um judeu austríaco, o médico Otto Wolken, que resgatou Luigi Ferri um menino italiano de 11 anos. Graças à ajuda de outros presos funcionários poloneses e judeus, o menino viveu para ver a libertação.



139. Luigi Ferri com seu guardião do acampamento, Dr. Otto Wolken. Cracóvia, abr. 1945. Fotografia não identificado. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia.

Inúmeras tentativas de salvar as crianças eram feitas já na rampa, durante a chegada do transporte. Aproveitando que o médico da SS-Hauptsturmführer Dr. Josef Mengele estava interessado em gêmeos, os internos que trabalhavam na rampa de chegada dos transportes judeus selecionaram crianças mais ou menos parecidas e de idade semelhante e as apresentaram ao pessoal da SS como gêmeos ou pediam às suas mães para apresentá-los como tal.

Por falar em Mengele, a partir de maio de 1944, por ordem do médico-chefe do campo de Birkenau, algumas crianças, a maioria gêmeas, foram escolhidas durante a seleção dos transportes judeus para seus experimentos pseudo-médicos criminosos.

Mengele era presença frequente no complexo concentracionário, onde explorava os presos como material humano vivo para seus experimentos criminosos. Escolhia, às vezes pessoalmente, vítimas de transportes judeus designados para serem mortos durante a seleção na rampa. No decorrer de seus experimentos, algumas crianças foram mortas por ordem dele.

Os corpos eram transportados para o SS Hygiene Institute em Rajsko (Polônia), onde estudos especializados foram conduzidos e órgãos individuais preservados como espécimes, os quais posteriormente foram despachados para o Instituto Alemão Kaiser Wilhelm de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia em Berlim-Dahlem e para a Academia Médica SS em Graz, na Áustria, com a qual Mengele cooperou.

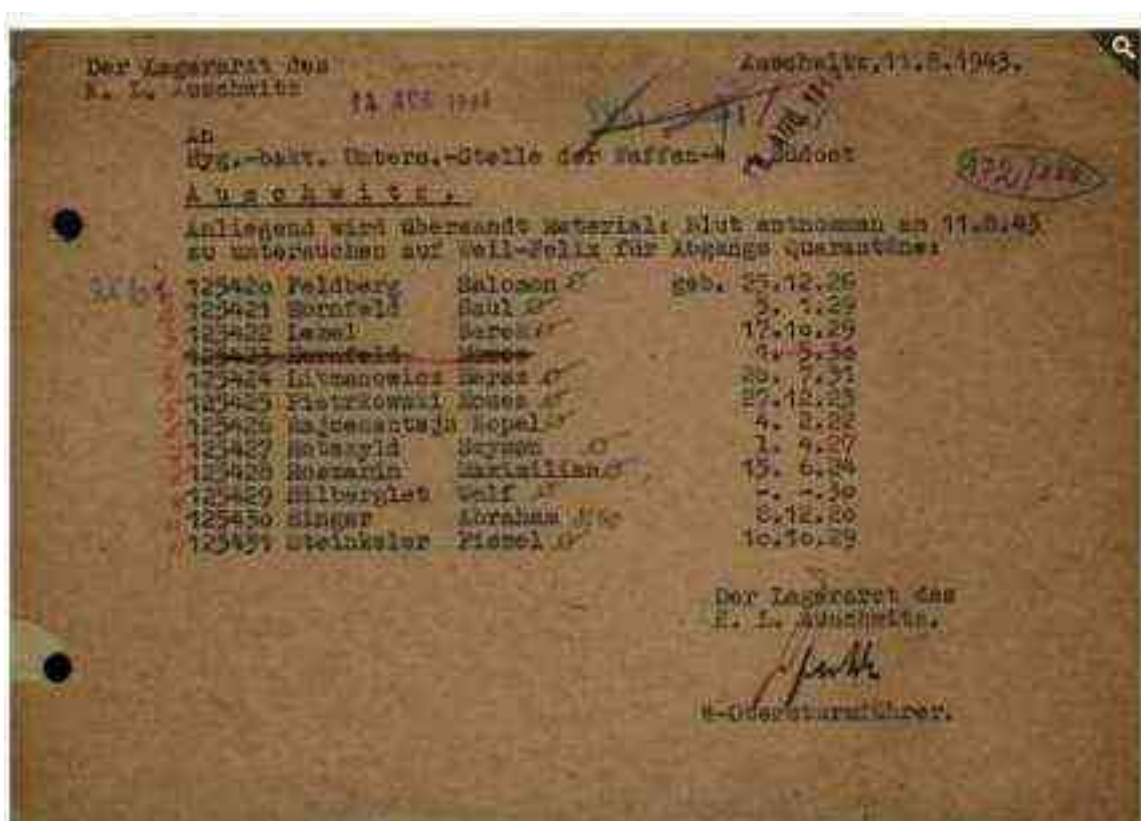


140. Despacho do médico da SS para o laboratório do SS-Hygiene Institute, com instruções para realizar a análise de amostras de sangue colhidas de gêmeos encarcerados no Quartel 14 que fazia parte do hospital do acampamento masculino em Birkenau (Setor BIIf). Polônia, 26 maio 1944. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia.

Existiam outros médicos no complexo concentracionário de Auschwitz-Birkenau que realizavam experimentos criminais em crianças. O professor de ginecologia Carl Clauberg e os médicos Horst Schumann, Maximilian Samuel e Wladislaw Dering, por exemplo,

submeteram mulheres judias de 14 a 16 anos a procedimentos de esterilização. Meninos judeus também eram castrados, assim como se fazia aos presos adultos.

Em setembro de 1943, 11 meninos, judeus poloneses transferidos dos guetos de Sosnowiec e Bedzin, foram selecionados em Birkenau e levados para Sachsenhausen para o clínico geral e bacteriologista alemão, Dr. Arnold Dohmen, para servirem de material humano em suas pesquisas sobre icterícia. Dohmen aplicava injeções nos meninos com intuito de produzir inflamação artificial em seus fígados.



141. Lista de 12 meninos, cujo sangue foi coletado para teste. Onze deles foram selecionados para experimentos em Sachsenhausen em setembro. Polônia, 11 ago 1943. Acervo Auschwitz-Birkenau State Museum, Polônia.

Outro caso conhecido foram os experimentos realizados com 20 crianças judias, entre 5 a 12 anos, enviados para o campo de concentração de Neuengamme de Auschwitz II-Birkenau em 27 de novembro de 1944. Os infantes serviram de cobaias para experiências ultrassecretas (durante os estágios finais da guerra) do médico da SS, Dr. Kurt Heissmeyer, em seus estudos sobre tuberculose.

Esses meninos e meninas foram em 20 de abril de 1945 deportados para uma filial do campo de Neuengamme, situada em um prédio escolar em Bullenhuser-Damm, em Hamburgo, onde foram assassinados pendurados em tubos de aquecimento central no porão. Uma infinidade de experimentos médicos macabros foram conduzidos no complexo

concentraci3n3rio de Auschwitz-Birkenau, em nome de uma ci4ncia de valores invertidos que tratava crianças como objetos.

Por falar em Auschwitz-Birkenau, s3 nesses complexo, a partir de 1942, 4 mil crianças vieram transferidas de Drancy, na França. Os infantes eram parte do grupo de 13 mil fam3lias judaicas que viviam na regi3o de Vichy, sucumbida pelo nazismo em junho de 1940.⁴⁶⁷ O governo de Vichy, atrav3s das novas leis antijudaicas promulgadas, colocou em perigo as crianças e tornou a caada aos judeus na França atroz. Os prisioneiros eram tratados com brutalidade e torturados para obter informa3es sobre o paradeiro de familiares.



⁴⁶⁷ OSE – ŒUVRE DE SECOURS AUX ENFANTS (CHILDREN'S WELFARE ORGANIZATION). Dispon3vel em <http://www.ose-france.org/memoire/le-service-archive-et-histoire-de-lose/>. Acesso em 27 jan. 2022.

142. Divisão da França, indicando os 90 departamentos, a linha de demarcação entre as zonas de Vichy e as áreas ocupadas, e alguns dos principais campos de internamento. Acervo *French Children of the Holocaust: A memorial Serge Klarsfeld*, Texas, EUA.

Os representantes da polícia francesa sabotaram conscientemente e sistematicamente qualquer possibilidade de que [as crianças] fossem salvas, incluindo a proposta para que fossem alojadas em orfanatos da área de Paris.

Para cumprir o cronograma de deportações⁴⁶⁸, perseguiam as crianças implacavelmente e ao capturá-las obedeciam a seguinte logística: separavam-nas dos pais⁴⁶⁹ – ficando com seu estado emocional abalado – depois as levavam para o gueto Drancy e, posteriormente, colocavam em comboios com destino a Auschwitz, com adultos que não conheciam, para fazer parecer que as famílias estavam sendo deportadas juntas. Ao chegar nas instalações da morte, eram submetidos a “seleções” de crianças, mulheres, idosos, etc., onde grande parte era assassinada. Percorria-se um caminho tortuoso até chegar ao seu destino final: o campo concentracionário e/ou a morte.

Um relatório do prefeito do Ródano, Alexandre Angéli, informa ao escritório de Renée Bousquet e ao primeiro-ministro Pierre Laval que, entre 7 de agosto a 22 de setembro de 1942, transferiu-se 526 crianças para Drancy. A respeito desse campo de deportação, há um testemunho anônimo no qual é descrita a cena desumana e inimaginável em que crianças eram arrancadas dos pais e enviadas para lá.

...Cheguei hoje em Pithiviers. Quando estou chegando, as crianças deixadas sem os pais (aproximadamente 1.000) e as mães ainda não deportadas (aproximadamente 250) estão sendo expulsas. Eles estão sendo enviados na direção de Drancy. É uma imagem assustadora! Devo admitir que enfraqueci... Não consegui conter as lágrimas. Daqui, 3.200 adultos, divididos em três grupos, estão sendo enviados para Auschwitz... Crianças de até 14 anos não foram [com os adultos]... Ficaram para trás no campo. Os pais, as mães, os filhos vão todos em direções diferentes... como se tivesse sido propositadamente arranjado para dividir as famílias...

⁴⁶⁸ Estimava-se que Vichy possuía, com base no censo feito pelo governo, 22 mil judeus. FRENCH CHILDREN OF THE HOLOCAUST: A memorial Serge Klarsfeld. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0040.shtml>. Acesso em 06 fev. 2022.

⁴⁶⁹ Por determinação de Rolf Günther, um assistente de Eichmann, que responde ao telex de 11 de agosto de Horst Ahnert, sobre deportações de crianças. Günther orienta que as crianças serão misturadas aos adultos nos transportes, observando a proporção máxima de uma criança para cada adulto. A razão para a ação é simples: a SS quer que os ferroviários franceses e alemães e quaisquer outros que possam ver os trens acreditem que as crianças estão sendo deportadas com seus pais. Quanto ao significado de “proporções adequadas” de crianças deportadas, Günther especifica que as crianças “podem ser distribuídas aos poucos nos comboios previstos em direção a Auschwitz. No entanto, em nenhum caso um transporte composto exclusivamente de crianças ser despachado”. FRENCH CHILDREN OF THE HOLOCAUST: A memorial Serge Klarsfeld. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0046.shtml>. Acesso em 06 fev. 2022.

Eles arrancaram as crianças dos braços de suas mães e tudo o que você possa imaginar sobre o que se seguiu seria uma subestimação... Quanto à partida das crianças esta manhã, os assistentes da Cruz Vermelha os acompanharam, mas seu número não foi suficiente. Crianças pequenas caminhavam, esmagadas sob o peso de seus pacotes. Houve casos em que as irmãzinhas foram mandadas para Drancy enquanto seus irmãos mais novos foram deixados para trás, quase esquecidos pelos policiais.... Isso eu vi com meus próprios olhos...⁴⁷⁰

Serge Klarsfeld registrou, em 1977, o testemunho de Odette Daltroff-Baticie que discorre a cena de 1943, acerca da chegada dos transportes a Drancy com crianças. Sua fala descreve as condições dos infantes quando entraram no campo.

Os ônibus chegam. Retiramos crianças em condições inimagináveis. Uma nuvem de insetos as cerca e um fedor terrível. Eles viajaram por dias e noites de Pithiviers em vagões lacrados [...]

Todos têm entre 15 meses e 13 anos e estão indescritivelmente sujos. As crianças de três e quatro anos estão cobertas de feridas supuradas [...] Haveria muito o que fazer por eles. Mas não temos nada, apesar da devoção incomparável de nosso diretor de campo, comandante Kohn. Imediatamente começamos a preparar os chuveiros. Temos quatro toalhas, se tanto, para 1 mil crianças.

Conduzimos as crianças em grupos para tomar banho. Totalmente nus, eles são muito mais aterrorizantes. Eles são todos horrivelmente magros e quase todos têm feridas. Temos que secar todas as saudáveis com uma única toalha e quase todas as outras com a mesma suja. Nossos corações simplesmente se contraem.

Outro drama: quase todos têm disenteria. Suas roupas íntimas estão cobertas de sujeira inacreditável e suas pequenas bolsas são quase inúteis. Suas mães os mandaram embora com tudo embalado, mas isso foi há várias semanas e desde então eles estão sozinhos. Além disso, no trem todos os seus pertences se misturaram. Mulheres de bom coração se oferecem para lavar suas roupas em água fria, praticamente sem sabão: faz calor nesta época do ano e as coisas secam rápido [...]

Rapidamente percebemos que tudo o que tentamos fazer é inútil. Quando devolvemos a essas crianças suas coisas mais ou menos limpas, uma hora depois elas estão sujas. [...] Elas recebem carbono para seus estômagos, suas feridas abertas são pintadas com mercurocromo. Se pudéssemos, mandaríamos todas para a enfermaria, mas não podemos; elas estão a caminho de um destino desconhecido.

Nós éramos covardes; nós lhes dissemos que elas iriam se reunir com seus pais, então elas iriam tolerar qualquer coisa.

Nunca esqueceremos os rostos dessas crianças: incessantemente, eles passam diante dos meus olhos. São graves, profundos e, o mais extraordinário, o horror dos dias que viveram ficou gravado em seus rostinhos, estigmatizou-os. Elas entenderam tudo, como os adultos. Algumas delas têm irmãos ou irmãs mais novos e cuidam deles admiravelmente; elas conhecem suas responsabilidades.

⁴⁷⁰ FRENCH CHILDREN OF THE HOLOCAUST: A memorial Serge Klarsfeld. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0047.shtml>. Acesso em 06 fev. 2022.

Elas nos mostram seus bens mais preciosos: fotografias de seus pais que suas mães lhes deram no momento da separação. Às pressas, as mães rabiscaram ternas palavras de dedicação. Todos nós temos lágrimas nos olhos; podemos imaginar aquele momento trágico, a imensa dor das mães.

Essas crianças sabem que, como os adultos, serão revistadas impiedosamente pelos guardas. [...]Elas sabem que suas joias têm pouco valor, mas conhecem a ganância de seus torturadores. [...]Algumas são contagiosas. Nós as mandamos rapidamente para a enfermaria. Fazemos pequenas camas com tudo o que podemos encontrar; mas há muitas delas com escarlatina, difteria, etc. Tentamos fazer uma lista de seus nomes e percebemos algo trágico: os menores não sabem seus nomes. Um garotinho, de quem tentamos de todas as maneiras imagináveis persuadir seu nome, repete incansavelmente: "Sou o irmãozinho de Pierre". Ou os nomes e os endereços que suas mães escreveram em suas roupas foram apagados pela chuva; ou então, inadvertidamente ou brincando, trocavam de roupa com outra criança.

Ao lado do número deles na lista, tivemos que colocar um ponto de interrogação.

A questão da alimentação também é um desastre[...], não há tigelas suficientes, nem colheres suficientes. Tivemos que forçar os mais pequenos a comer.

[...]Muitos não tinham mais sapatos. Nossos sapateiros conseguiram fazer sandálias para alguns deles com blocos de madeira e corda. Outros saíram descalços.

Antes de partirem para a longa jornada, os homens e crianças de ambos os sexos tiveram a cabeça raspada. Essa é uma medida preocupante e afeta o moral das pessoas, principalmente das crianças[...]

Após a partida dessas 3 mil ou 4 mil crianças sem pais, ficamos com 80 doentes demais para viajar com os outros; mas não podíamos mantê-los por mais tempo. Encontramos algumas peças de roupa para cada um. Eles tinham idades entre 2 e 12 anos. Como os adultos, eles foram colocados em áreas próximas às inesquecíveis escadas de embarque de Drancy. Às vezes, 1 mil pessoas marcadas para a partida eram deixadas lá por dois ou três dias, isoladas do resto do campo. [...] deitadas em uma cama de palha rapidamente coberta de sujeira...

Um amigo e eu fomos enviados às 3 da manhã para preparar essas 80 crianças para sair, para vesti-las [...]Impossível fazê-las descer as escadas: começam a gritar; uma verdadeira revolta; elas se recusam a se mover. O instinto de autopreservação. Elas não seriam levados tão facilmente ao abate. Essa cena foi assustadora; Eu sabia que não havia nada que pudéssemos fazer; de uma forma ou de outra, elas seriam forçadas a sair.

Lá embaixo, impaciência crescente. As crianças não estavam descendo as escadas. Tentei carregá-los uma por uma; ficaram furiosas, lutaram contra mim, gritaram.

As mais novas não conseguiam carregar seus próprios embrulhos. Os gendarmes subiram e as derrubaram grosseiramente...

No momento da saída, era registrado o nome de cada deportado. Das 80 crianças, cerca de 20 não sabiam seus nomes. Nós gentilmente tentamos arrancá-los delas, mas sem sucesso. Foi então que vi o mestre de todos esses destinos, o sargento alemão Heinrichsohn, 22 anos, elegantemente vestido com calças de couro. Ele sempre aparecia para milagre da maturidade precoce nascida do infortúnio, essa solicitude adulta demonstrada pelas crianças pequenas para com as ainda menores. Elas carregam tudo, até brinquedos. Lembro-me de duas grandes bonecas de celuloide e um ursinho de pelúcia apertados com força por seu dono.

O amanhecer chegou, e então o dia. As crianças são empilhadas nos ônibus em grupos de 50, suas trouxas nos bagageiros superiores. Podemos começar a ver, e é ainda pior...O embarque durou duas horas e meia, sob o rugido ensurdecedor dos motores. DALTROFF-BATICIE, Odette.⁴⁷¹

A minuciosa exposição da chegada até a transferência para Auschwitz choca e é de difícil apreensão por quem a lê, tamanha é a desumanidade do tratamento dirigido aos infantes. Aqueles que se oferecem para cuidar dessas crianças enfrentam o desafio com poucos recursos. A luta travada pelos assistentes sociais no campo de deportação era amarga. Como esquecer os rostos e olhares daqueles pequeninos? Nunca! O tratamento dispensado a eles pelo alto oficialato francês foi perverso.

Durante as transferências, as crianças eram algemadas, sendo renomeadas pelo termo “reagrupamento familiar” quando era de conhecimento de todos que aquela criança nunca mais veria seus pais, salvo em raríssimos casos, pois seu destino era o campo de extermínio.

Por falar em deportação de crianças judias, estima-se que França tenha feito um total de 11 mil transferências só na madrugada de 16 de julho de 1942, o local com maior número de capturados foi a batida de Vel'd'hiv. Em sua maioria, os aprisionados foram transferidos para acampamentos em Loiret, depois deportados para Pithiviers, Beaune-la-Rolande ou Drancy e, por fim, para Auschwitz.⁴⁷²

⁴⁷¹ DALTROFF-BATICIE, Odette. Testemunho. *French Children of the Holocaust: A Memorial Serge Klarsfeld*. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0047.shtml>. Acesso em 06 fev. 2022.

⁴⁷² *NOUS ÉTIONS DES ENFANTS*: Les témoignages du “Comité Tlemcen”. Disponível em <http://www.nousetionsdesenfants.com/2016/04/le-comite.html>. Acesso em 30 jan. 2022.



143. Vélodrome d'Hiver no momento das prisões. Paris, 16 jul. 1942. Fotografia não identificado. Acervo *French Children of the Holocaust: A memorial Serge Klarsfeld*, Texas, EUA.

A seguir temos o testemunho de Sarah Lichtstein⁴⁷³, retirado do site *French Children of the Holocaust: A memorial Serge Klarsfeld*⁴⁷⁴, descrevendo a chegada ao Vel d'Hiv.

⁴⁷³ Sarah Lichtstein nasceu em 16 de março de 1928, em Danzig (agora Gdansk, Polônia). Sarah e sua mãe sobreviveram à deportação no comboio 75, de 30 de maio de 1944. Juntas já haviam sido presas durante a batida do Vel d'Hiv e conseguiram escapar do Vélodrome em 16 de julho de 1942. In: *FRENCH CHILDREN OF THE HOLOCAUST: A memorial Serge Klarsfeld*. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0974.shtml>. Acesso em 06 fev. 2022.

Apesar de ter apenas quatorze anos na época, ainda consigo ver cada detalhe daquele dia marcado pelo luto ao qual sou um dos poucos que sobrevivi. É terça-feira, 15 de julho. Na escola, meus amigos judeus disseram que havia rumores de uma apreensão maciça de judeus no dia seguinte, mas eu realmente não acreditei neles. Naquela noite, em nossa casa, minha mãe estava dizendo a mesma coisa. Ela, que é muito mais velha e que já viveu pogroms na Polônia e na Rússia, é menos otimista do que eu, embora ache que não se atreveriam a fazer uma coisa dessas em Paris. Ela pega o pouco dinheiro que economizamos e me diz para estar pronta, se eles baterem, para pular pela janela da cozinha e fugir pelo pátio dos fundos. Vivemos no piso térreo de um edifício na rue des Pyrénées. Vou para a cama e, como a criança que ainda sou, adormeço. Minha mãe fica acordada a noite toda, mas por volta das cinco horas ela cochila e às seis ouve baterem na porta. Acordada assustada, ela esquece onde está e os deixa entrar. É um inspetor de polícia. Quando me vê, diz que não estou na lista e escreve meu nome embaixo dos outros. Ele nos manda preparar nossas malas e segui-lo. Quando minha mãe implora para ele nos deixar ir, ou pelo menos não me levar, criança, ele ameaça chamar a Polícia Especial. Na rua, ele pede a um policial que o ajude a nos levar a uma garagem na rue des Pyrénées. Outros policiais lideram grupos de judeus, famílias inteiras carregando trouxas de linho e até colchões: pálidos, homens e mulheres silenciosos e crianças arrancadas do sono, chorando. Comerciantes correm para suas vitrines e os transeuntes param para nos olhar, atordoados e com medo. Infelizmente é a polícia francesa que está prendendo os judeus. Na garagem, os recém-chegados continuam a chegar. Minha mãe pede para sair para comprar pão, mas eles se recusam. Mais tarde, pedimos para ir ao banheiro, e um policial nos acompanha, junto com outras duas mulheres. Enquanto falamos com ele, uma das outras mulheres desaparece. [...] Pelo menos um escapa. Depois de algumas horas, eles gritam para que façamos fila; seremos levados ao Velodrome d'Hiver. Tentamos nos esconder atrás dos carros na garagem, mas eles nos encontram e nos fazem embarcar nos ônibus que ainda listam vários destinos. Descemos as ruas de Belleville, aquele bairro geralmente alegre, e para onde quer que olhemos a cena é a mesma: grupos de judeus sendo levados como criminosos pela polícia. Olho para as ruas cheias de sol, que me parecem um oásis da liberdade que já não conheço. De repente, vejo uma amiga minha da escola olhando triste para os ônibus da calçada: ela não sabe que em um desses ônibus está saindo uma colega dela, inocente e ainda prisioneira. Mandam-nos desembarcar e, na confusão enquanto todos procuram suas coisas, minha mãe e eu tentamos fugir entre dois ônibus. Um policial grita: “Ei, você aí, onde pensa que vai com essa mala?” Voltamos para a porta e somos empurradas para dentro do estádio. Na entrada, os policiais estão montando catres de acampamento. Duas mulheres se jogam uma na outra chorando: “É onde vamos dormir? Nessas caminhas?” Digo a um dos oficiais: “Não haverá leitos suficientes para todas essas pessoas!” Ele ri. “Mas essas camas são para nós! Você vai dormir no chão, ali.” Minha mãe e eu tentamos novamente atravessar a rua e entramos em um café, imaginando que dali poderemos escapar, mas um policial nos segue e pergunta o que estamos fazendo. Dizemos a ele que ainda não tomamos café da manhã, o que é verdade, e ele espera que terminemos nosso café antes de

⁴⁷⁴ FRENCH CHILDREN OF THE HOLOCAUST: A memorial Serge Klarsfeld. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0974.shtml>. Acesso em 06 fev. 2022.

nos levar de volta para dentro do Vel d'Hiv. Ali, que visão estranha e de partir o coração! Na pista onde os ciclistas costumam andar, as pessoas estão sentadas em suas malas, aterrorizadas, desorientadas. Alguns deles estão correndo para todos os lados e gritando, mas a maioria de nós apenas fica sentada em silêncio, como se estivesse paralisada pela ansiedade, sem entender o que está acontecendo conosco. As pessoas se reconhecem e gritam os detalhes do que viram durante a prisão; uma mulher se jogou de um quinto andar, um homem se enforcou, uma mãe foi arrancada de seus filhos, eles atiraram em pessoas que estavam tentando escapar. Ouço apavorada e vejo pessoas sendo carregadas em macas: doentes, aleijados, amputados. Mas nos disseram que estávamos sendo enviados para trabalhar na Alemanha. Como eles planejavam usar essas almas infelizes? Oh, as coisas estão bem geridas. Há enfermeiras para cuidar dos doentes e das crianças pequenas, mas e o futuro? A brutalidade da polícia é revoltante. Não estávamos acostumados a esse tratamento na França. Nossa angústia é muito grande e minha mãe decide que temos que fugir a qualquer custo. Mas desta vez temos que deixar nossa valise para trás, porque ela sempre nos entrega. Ela cuidadosamente coloca uma etiqueta com nosso nome e endereço dentro: "Talvez eles nos devolvam." Que ingênuo! Ela me dá meu cartão de racionamento e cem francos e me diz para tentar fugir e não pensar nela. Hesito, então caminho em direção à porta principal, meu casaco no braço; Eu não estou usando uma estrela dourada. Os ônibus continuam chegando sem parar e enquanto a polícia está ocupada com os recém-chegados, avanço alguns passos na calçada. Um policial vem até mim e pergunta: "O que você está fazendo aí?" Eu digo: "Não sou judeu, vim ver alguém". "Saia daqui – você pode voltar amanhã", diz ele. Olhando para o lado, vejo minha mãe sorrindo, aliviada; ela é ouvida. Saio, casaco sobre os ombros e atravesso lentamente a rua. Pego a rue Nocard em frente ao Vel d'Hiv e a sigo, sem me atrever a me virar, tremendo ao pensar que alguém poderia vir gritando atrás de mim, e com o coração pesado por ter deixado mamãe. No final da rua, um policial está impedindo qualquer pessoa de passar. Meu coração está acelerado, mas ele me deixa passar, pensando que eu moro em um dos prédios daquela rua. Uma vez no cais, caminho bastante, até que tomo coragem para entrar numa estação de metrô e trocar minha nota de cem francos por uma passagem. Minha mãe me disse para ir a alguns amigos franceses que moram perto da parada Glacière; eles me esconderiam. Quando desço para a estação, vejo minha mãe. Ela tinha escapado meia hora depois de mim. Sem dizer uma palavra, corremos para o apartamento de nossos amigos, que nos recebem com lágrimas e fecham a porta atrás de nós. Depois de passar quase dois anos em relativa liberdade, fomos denunciadas e deportadas para Auschwitz. Mas esse é outro capítulo, muito longo e muito doloroso, então vou encerrar minha pobre lembrança aqui. LICHTSTEIN, Sarah.⁴⁷⁵

O testemunho de Sarah é denso, sua voz, seu desespero e sua tenaz esperança podem ser ouvidos através de seu estilo de descrever o acontecimento vivido. Tanto que sua narrativa consegue nos transportar para a madrugada do dia 16 julho de 1942. Através das suas palavras temos uma ideia do tratamento severo das autoridades dirigido aos judeus, bem como, do

⁴⁷⁵ LICHTSTEIN, Sarah. Testemunho. *French Children of the Holocaust: A memorial Serge Klarsfeld*. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0974.shtml>. Acesso em 06 fev 2022.

cenário de incerteza e angústia. Podemos vislumbrar como foi a caçada feroz dos policiais na busca e prisão dos judeus residentes na França.

Em 19 de agosto de 1942, saiu o primeiro transporte infantil de Beaune-la-Rolande com 965 crianças para Drancy. Ainda durante o embarque em Beaune-la-Rolande, quatro crianças morreram de difteria e uma de peritonite. As demais 960 (novecentos e sessenta) que sobreviveram à viagem foram deportadas para Auschwitz em 31 de agosto do mesmo ano.



144. Campo de Drancy. França, 3 dez. 1942. Fotografia Wagner (do serviço de propaganda alemão). Acervo *French Children of the Holocaust: A memorial Serge Klarsfeld*, Texas, EUA.

Sobre captura de crianças judias, o Centre de Documentation sur la Déportation des Enfants Juifs de Lyon, no pós-guerra, fez um levantamento e chegou ao número de 111 crianças judias⁴⁷⁶ menores de 14 anos⁴⁷⁷ transferidas, os nomes constam na listagem abaixo.

⁴⁷⁶ Se somarmos a esse número as 19 crianças judias capturadas na Maison d'Izieu, cuja lista com os nomes está na “Lista 2 – Nomes das crianças mantidas em Maison d'Izieu baseada em registros mantidos por Miron Zlatin de maio de 1943 a janeiro de 1944”, teremos um número maior. Serão 130 crianças judias da região de Lyon.

⁴⁷⁷ Optou-se por incluir as crianças de 13 anos, pois não sabemos se estas tiveram tempo hábil de celebrar o rito de passagem para a maioridade.

Lista 1 – Nomes das crianças deportadas de Lyon para Auschwitz

Nome	Data de nascimento	Idade	Local de captura	Comboio	Data do Comboio
Jean-Claude Benadon	27/12/1943	0	-	75	30/05/1944
Alain ou Aline Grossmann	28/02/1944	0	-	71	13/04/1944
Henry Kaminka	21/10/1942	0	-	55	23/06/1943
Nicole Lewy	12/01/1944	0	-	72	29/04/1944
Michèle Natan Natan	11/05/1943	0	-	61	28/10/1943
Sylviane Charlotte, Emma Vivran	20/09/1943	0	-	70	27/03/1944
Claude Alexandre	18/01/1943	1	-	78	11/08/1944
Guy Altauz	27/04/1943	1	-	78	11/08/1944
Pierre Bojoly	05/02/1943	1	-	74	20/05/1944
Estelle Boleslawski	01/05/1942	1	-	68	10/02/1944
Félicia Fakler	25/12/1942	1	-	72	29/04/1944
Jacqueline Gayero	04/10/1942	1	-	75	30/05/1944
Doris Lewy	24/01/1943	1	-	72	29/04/1944
Claude Perloff	07/11/1942	1	-	70	27/03/1944
Martine Juliette Polack	29/10/1942	1	-	67	03/02/1944
Dario Gilbert Sarfati	08/01/1943	1	-	77	31/07/1944
Martin Schumer	29/10/1942	1	-	74	20/05/1944
Fridel Friedel Weichselbaum	15/04/1942	1	-	62	20/11/1943
Lucien Benayoun	29/04/1942	2	-	78	11/08/1944
Dominique Falk	08/04/1942	2	-	72	29/04/1944
Marie Levy	15/02/1942	2	-	75	30/05/1944
Marcel Levy	07/07/1941	2	-	68	10/02/1944
René Lyon	15/05/1942	2	-	76	30/06/1944
Hayette Nordmann	20/06/1941	2	-	74	20/05/1944
Marius Schumer	09/06/1941	2	-	74	20/05/1944
Marc Ast	30/03/1940	3	-	60	07/10/1943
Georgette Chemla	22/08/1940	3	-	77	31/07/1944
Marcel Fakler	26/10/1940	3	-	72	29/04/1944
Maurice Gilbert Toutou	20/10/1940	3	-	76	30/06/1944
Daniela Welger ou Welberr	02/12/1940	3	-	70	27/03/1944
Claude ? ou Blanche Benmeleh	14/01/1939	4	-	61	28/10/1943
Arlette Flacsu	08/10/1939	4	-	77	31/07/1944
Claude Fraiberger	06/10/1939	4	-	78	11/08/1944
Gilles Gougenheim	29/06/1938	4	-	63	17/12/1943
Francine Lazsar	23/06/1939	4	-	67	03/02/1944

Gérard Partouche	05/02/1940	4	-	66	20/01/1944
Lise Weill	04/05/1939	4	-	67	03/02/1944
Sami Adelsheimer	30/10/1938	5	-	71	13/04/1944
Anna Benayoung	13/07/1939	5	-	78	11/08/1944
Nicole Schwartz	13/10/1937	5	-	60	07/10/1943
Louis Félix Touitou	06/06/1939	5	-	76	30/06/1944
Josiane Halimi	22/05/1938	6	-	77	31/07/1944
Edmond Edmund Sandemain ou Sandman	08/05/1938	6	-	77	31/07/1944
Jacques Sapoval	07/12/1937	6	-	76	30/06/1944
Joseph Abergel	27/01/1937	7	Ecole Etienne Dolet (anciennement Jules Vallès) - Saint Fons	78	11/08/1944
Minah Dahan	05/10/1937	7	-	77	31/07/1944
Jean Frydman	12/03/1936	7	Lycée Ampère - Lyon	60	07/10/1943
Andrée Halimi	24/03/1937	7	-	71	13/04/1944
Paulette Krampner	12/05/1936	7	Ecole maternelle Antoine de Saint Exupéry (aujourd'hui) - 59 rue de la Part Dieu 69003 Lyon	69	07/03/1944
Adolf Adolphe Svertch Sowa ou Soroa Swiercz	02/02/1937	7	-	77	31/07/1944
Josette Touitou	20/04/1937	7	-	76	30/06/1944
Fryma Wolmark	08/03/1937	7	-	72	29/04/1944
Albert Zerbib	26/12/1936	7	Ecole Anatole France - Saint Fons	66	20/01/1944
Simon Abergel	09/12/1935	8	Ecole Etienne Dolet (anciennement Jules Vallès) - Saint Fons	78	11/08/1944
Arlette Dreyfus	22/07/1935	8	-	71	13/04/1944
Jacques Halimi	17/12/1935	8	-	77	31/07/1944
Gilles Sadowski	11/09/1935	8	-	71	13/04/1944

			École 18 rue Neyret actuellement Maison de la Métropole pour les Solidarités de Lyon ; Plaque envisagée Ecole des Tables Claudiennes 2 rue des Tables Claudiennes 69001 Lyon - Lyon 69001		
Raymonde Segal	14/02/1935	8		68	10/02/1944
Salomon Fernand Touitou	04/03/1936	8	-	76	30/06/1944
Pierre Wolff	16/01/1936	8	Lycée Ampère Bourse - Lyon	76	30/06/1944
Marie Benayoun	12/05/1935	9	-	78	11/08/1944
Jacqueline Franck	01/11/1934	9	-	69	07/03/1944
Lise Franck	01/11/1934	9	-	69	07/03/1944
Régine Gayero	01/12/1934	9	-	75	30/05/1944
Marcel Handzel	22/08/1934	9	Ecole - Sancé, Saône-et-Loire	77	31/07/1944
Cécile Laur Last	13/12/1934	9	-	78	11/08/1944
Andrée Partouche	16/11/1935	9	-	66	20/01/1944
Jacques Schiper	24/05/1935	9	-	77	31/07/1944
Marcel Lewinsohn	26/08/1933	10	-	69	07/03/1944
Simone Siedlecki	06/08/1933	10	-	71	13/04/1944
Simon Touitou	05/02/1934	10	-	76	30/06/1944
Isi Erik Weichselbaum	19/06/1933	10	-	62	20/11/1943
Henri Weill	19/05/1933	10	-	67	03/02/1944
Charles Zajtman	20/12/1933	10	Ecole Jean Jaurès - Décines	78	11/08/1944
René Zurawski	12/04/1932	10	-	47	11/02/1943
Léon Calef	21/07/1932	11	Ecole Messonier; école de la rue Touret (aujourd'hui Robert Doisneau) - 69001 Lyon	63	17/12/1943
Rachel Goldberg	16/07/1932	11	-	60	07/10/1943
Claude Halimi	20/11/1932	11	-	77	31/07/1944
Rolande Joukowitzki	31/03/1932	11	-	69	07/03/1944
Laura ou Sura Lanes ou Lannes	05/11/1930	11	-	22	21/08/1942
Rachel Lenthal ou Lavalental ou Leventhal	16/07/1932	11	-	60	07/10/1943

			école 18 rue Neyret actuellement Maison de la Métropole pour les Solidarités de Lyon ; Plaque envisagée Ecole des Tables Claudiennes 2 rue des Tables Claudiennes 69001 Lyon - Lyon 69001		
Laure Nani Dreifus	20/05/1931	12		66	20/01/1944
Paul Léopold Lipola Epstajn	21/02/1932	12	-	69	07/03/1944
David Gelbart	30/05/1931	12	-	73	15/05/1944
Edouard Gorsky	14/10/1931	12	Lycée du Parc - Lyon	69	07/03/1944
Kurt Lazar	21/03/1931	12	collège Roumunille - Nyons	67	03/02/1944
Marc Roge Lemmel	10/09/1931	12	-	69	07/03/1944
Henrich Henri Mandelbaum	05/03/1932	12	Ecole de Garçon Painlevé - 160 rue P. Corneille, 69003 Lyon	72	29/04/1944
Huguette Henriette Metzger	23/07/1931	12	-	71	13/04/1944
Jean Jeannot Marius Désiré Touitou	16/12/1931	12	-	76	30/06/1944
Claude Alexander	03/06/1930	13	-	74	20/05/1944
Suzanne Alharal	19/03/1931	13	-	78	11/08/1944
Nicole Bacri	22/04/1930	13	-	68	10/02/1944
Jacques Benayoun	25/10/1930	13	-	78	11/08/1944
Maximilien Beger	16/06/1930	13	-	63	17/12/1943
Rita Caklef	14/04/1930	13	Ecole de la rue Tourret (aujourd'hui Robert Doisneau) - 1 r Serg Blandan 69001 Lyon	63	17/12/1943
Huguette Chemla	21/01/1931	13	-	77	31/07/1944
Claude Franck	03/08/1930	13	Lycée Emile Loubet - Valence	69	07/03/1944
Marcel Ginsberg	31/01/1931	13	-	69	07/03/1944
Paul Guerin	01/12/1929	13	-	53	25/03/1943
Simy Kadoshe	23/10/1930	13	-	76	30/06/1944
Margot Koppel	08/05/1931	13	-	76	30/06/1944
Denise Krampner	10/02/1931	13	Ecole place Guichard - Lyon	69	07/03/1944

Estelle Partouche	16/04/1931	13	-	66	20/01/1944
Mariane Rubin	25/06/1930	13	groupe scolaire A. France - Villeurbanne	60	07/10/1943
Gabriel Segal	17/11/1930	13	école 18 rue Neyret actuellement Maison de la Métropole pour les Solidarités de Lyon ; Plaque envisagée Ecole des Tables Claudiennes 2 rue des Tables Claudiennes 69001 Lyon - Lyon 69001	68	10/02/1944
Ullie-Jean Selgsohn	06/02/1930	13	Lycée Ampère - Lyon	62	20/11/1943
Mauricette Siedlecki	16/09/1930	13	-	71	13/04/1944
Haim Toutou	12/09/1930	13	-	76	30/06/1944
Isaac Toutou	12/09/1930	13	-	76	30/06/1944
Daniel Tytelman	11/04/1930	13	-	70	27/03/1944

Fonte: Centre de Documentation sur la Déportation des Enfants Juifs de Lyon. Disponível em <https://www.deportesdelyon.fr/les-enfants> Acesso em 30 jan 2022.

Em uma pesquisa feita por Corinne R. Kalifa, em 2019 para Conseil National Pour La Memoire des Enfants Juifs Deportés (C.O.M.E.J.D.), ela mapeou um total de 711 nomes e endereços de judeus deportados da região de Rhône, Lyon e Alpes Marítimos, dos quais 141 eram crianças.⁴⁷⁸ A maioria destes judeus era de estrangeiros que fugiram para a França quando Hitler subiu ao poder em 1933 e começou a pôr em prática, algumas medidas antissemitas.

Não se sabe o número preciso de crianças judias que foram atingidas pelas ações nazistas. Um silêncio frio promovido pelo antissemitismo e destruição intencional da documentação envolvem em um manto de incertezas os crimes praticados e os atingidos. Há somente a estimativa de que 1,5 milhão de infantes que tiveram suas vidas encerradas de modo brutal por seus perpetradores.

Uma pesquisa conduzida por Serge Klarsfeld para o Memorial à Deportação de Judeus da França, entre os anos de 1978 e 2012, apurou que entre 1942 e 1944 um total de 11.400 mil

⁴⁷⁸ KALIFA, Corinne R. Cartographie des enfants juifs déportés de la région du Rhône, Lyon et cartographie des enfants juifs déportés des Alpes Maritimes (en cours de mise à jour – 2019). In: *Nous étions des enfants: Les témoignages du “Comité Tlemcen”*. Disponível em <https://comejdfrance.wordpress.com/2019/11/20/cartographie-des-enfants-juifs-deportes-de-la-region-du-rhone-lyon-et-cartographie-des-enfants-juifs-deportes-des-alpes-maritimes/>. Acesso em 30 jan. 2022.

crianças judias foram presas na França, incluindo aproximadamente 6.200 mil em Paris, mais de 700 (setecentos) em seus subúrbios e 4.500 mil nas províncias.

O mesmo estudo conseguiu mapear os endereços de mais de 6 mil crianças judias que foram presas em Paris intramuros.⁴⁷⁹ Somente na comuna Sarthe⁴⁸⁰, zona sob domínio nazista desde o início da invasão à França, deportou-se 55 crianças entre 11 meses e 13 anos.

⁴⁷⁹ Para acesso do mapa e nomes com endereços de todas as crianças judias ver homepage <http://tetrade.humanum.fr/>

⁴⁸⁰ A comuna de Sarthe fazia parte da Zona Norte da França e, portanto, a primeira parte do país a ficar sob domínio nazista. A listagem com informações dos infantes está disponível no site *Le Déportés juifs de la Sarthe: conserver leur mémoire et leur rendre hommage*. Disponível em <https://lesdeportesdesarthe.wordpress.com/parage/>. Acesso em 31 jan. 2022.

ENFANTS DÉPORTÉS

PAR LA GESTAPO

du 19 février au 11 août 1944

Notre service de recherches complémentaires te fera connaître des enfants déportés de Lyon du 19 février au 11 août 1944. Le plus jeune de ces enfants a 4 mois! Nombreux sont ceux qui ont à peine un an!

Arrêtés au même temps que leurs parents, parce qu'ils étaient juifs ou « Terroristes », ils furent envoyés aux bons soins de l'Union Générale des Enfants de France.

Et ce fut la première étape vers la déportation.

Jacques RAPON, P. 1071.
Rapport du 19 Juin 1944

NOMS	ÂGES	CATÉGORIES INDIQUES	DÉPARTS DES DRANES
CHAMPAGNE DORIS	12 ANS	LEPUE	19/02/44
CHAMPAGNE JULIETTE	5 ANS	LEPUE	19/02/44
CHAMPAGNE JACQUELINE	7 ANS	ALBONVILLE	25/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	11 ANS	LEPUE	25/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	5 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	15 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	1 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	2 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	3 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	4 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	5 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	6 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	7 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	8 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	9 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	10 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	11 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	12 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	13 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	14 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	15 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	16 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	17 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	18 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	19 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	20 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	21 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	22 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	23 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	24 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	25 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	26 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	27 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	28 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	29 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	30 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	31 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	32 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	33 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	34 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	35 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	36 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	37 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	38 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	39 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	40 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	41 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	42 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	43 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	44 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	45 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	46 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	47 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	48 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	49 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	50 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	51 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	52 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	53 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	54 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	55 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	56 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	57 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	58 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	59 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	60 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	61 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	62 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	63 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	64 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	65 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	66 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	67 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	68 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	69 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	70 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	71 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	72 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	73 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	74 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	75 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	76 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	77 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	78 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	79 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	80 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	81 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	82 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	83 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	84 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	85 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	86 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	87 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	88 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	89 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	90 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	91 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	92 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	93 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	94 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	95 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	96 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	97 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	98 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	99 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44
CHAMPAGNE MARCOLE	100 ANS	CHAMPAGNE	27/02/44

145. Reportagem com os nomes das crianças deportadas pela Gestapo da região de Lyon, 19 fe. a 11 out. 1944. Acervo *Déportes de Lyon*, França.

Mas em meio ao caos, promovido pela tomada nazista da França, houve também tentativas de salvamento de algumas crianças judias, umas deram certo já outras nem tanto.



146. Crianças do orfanato *Beiss Yessoim* em La Varenne Saint-Hilaire. França, 4 mar. 1943. Fotografia não identificado. Acervo *French Children Of The Holocaust: A memorial Serge Klarsfeld*, Texas, EUA.

Das que não obtiveram sucesso e ao mesmo tempo insucesso, temos o exemplo do casal Sabine e Miron Zlatin, que fundaram a *Maison d'Izieu*, a casa acolheu de maio de 1943 a abril de 1944 crianças judias para salvá-las da perseguição antissemita.

A *Maison* obteve sucesso durante um determinado tempo em suas ações, porém infelizmente na manhã de 6 de abril de 1944 colocaram um ponto final nas boas ações de Sabine e Miron. Capturaram as 44 crianças e 7 educadores que estavam lá. Uma vez todos presos, foram enviados para a prisão de Montluc e depois deportados por ordem de Klaus Barbie, comandante da Gestapo em Lyon.

Der Befehlshaber der Sicherheitspolizei und des SD
im Bereich des Militärbefehlshabers in Frankreich
Fernschreibstelle

Aufgegeben Am 06.04.1944 20h10 50530	Adressat Die Wehrmacht Paris	Serie Nr. 33100 13 7.4.1944
---	------------------------------------	-----------------------------------

LYON NR. 3065 6-4 AA 3000 UND -- 10 5
 AN DEN SDP - SECT. POEN. 4 8 - PARIS --
 BETR: JUEDISCHES KINDERHEIM IN IZIEUHAIM
 VORSL. UNRE --
 IN DEN HEUTIGEN MORGERSTUNDEN WURDE DAS JUEDISCHE
 KINDERHEIM "COLONIE ENFANT" IN IZIEUHAIM AUSENGESSEN.
 INGESAMT WURDEN 41 KINDER IM ALTER VON 3 BIS 13 JAHREN
 FESTGENOMMEN. FERNER BEIANG DIE FESTNAHME DES GESAMTEN
 JUEDISCHEN PERSONALS - BESTEHEND AUS 15 KLETTEN.
 DATEN: KRANKEN - GANZHELD ODER SONSTIGE VERHUESSNISSE
 KONNTE NICHT SICHERGESTELLT WERDEN --
 DER ABTRANSPORT NACH DRANCY ERFOLGT AM 7.4.1944 --

DER VOR. DER SDP UND DER 10 LYON NR. 4 8 3013
 U. Z. VET. GARNIE SEPOSTUP

Barbie

1) Ingehoerend zu dem am 6. April 1944 mit dem Wehrmacht
 Kommando 41 in Paris, das die Wehrmacht in den
 besetzten Gebieten durchgefuehrt hat, ist es in Paris
 am 6. April 1944 gelungen, das in Izieu
 bestehende juedische Kinderheim zu besetzen und
 alle Kinder, die sich dort befanden, zu verhaften.
 In diesem Heim befanden sich 41 Kinder im Alter
 von 3 bis 13 Jahren. Ferner wurden 15 juedische
 Kletten verhaftet. Die Namen der Kinder sind
 beigefuegt. Auf dem Heim befanden sich auch
 15 juedische Kletten, die ebenfalls verhaftet
 wurden. Die Namen dieser Kletten sind ebenfalls
 beigefuegt.

147. Telex de Klaus Barbie, enviado na noite de 6 de abril de 1944, às 20h10, endereçado ao chefe da polícia de segurança e dos serviços de segurança na França, aos cuidados do Departamento de Assuntos Judaicos da Gestapo. O texto informa o cerco à colônia de Izieu, conta as pessoas presas e menciona seu transporte para Drancy em 7 de abril de 1944. Acervo *Maison d'Izieu*, França.

Miron Zlatin e 2 adolescentes, Théo Reis e Arnold Hirsch, da colônia de Izieu foram deportados no comboio n° 73 e fuzilados pelas SS em Reval (agora Tallin) na Estônia, no verão de 1944; e 42 crianças e 5 adultos assassinados em Auschwitz-Birkenau. A única sobrevivente foi a educadora Léa Feldblum.

Lista 2 – Nomes das crianças mantidas em Maison d’Izieu baseada em registros mantidos por Miron Zlatin de maio de 1943 a janeiro de 1944.

Nome da Criança	Nome da Criança
Sami Adelsheimer (5 anos, nascido na Alemanha, deportado pelo comboio 71)	Liane Krochmal (6 anos, nascida na Áustria, deportada pelo comboio 71)
Edmond Adler	Renate Krochmal (8 anos, nascida na Áustria, deportada pelo comboio 71)
Oscar Adler	Jacqueline Lamiche
Heinz Alexander	Suzanne Lamiche
Huguette Allouch	Max Leiner (8 anos, nascido na Alemanha, deportado pelo comboio 71)
Renée Allouch	Jules Lekmaaker
Hans Ament (10 anos, nascido na Áustria, deportado pelo comboio 75)	Claude Levan-Reifman (10, nascido na França, deportado pelo comboio 71)
Nina Aronowicz (11 anos, nascida na Bélgica, deportada pelo comboio 71)	Marcel Loeb
Violette Avidor	Fritz Loebmann (15 anos, nascido na Alemanha, deportado pelo comboio 71)
Max-Marcel Balsam (12 anos, nascido na França, deportado pelo comboio 71)	Alice-Jacqueline Luzgart (10 anos, nascida na França, deportada pelo comboio 75)
Max-Marcel Balsam (10 anos, nascido na França, deportado pelo comboio 71)	Bernard Markielewicz
Elie Benassayag (10 anos, nascida na Argélia, deportada pelo comboio 71)	Jacques Mathieu-Daude
Esher Benassayag (12 anos, nascida na Argélia, deportada pelo comboio 71)	Pierre Mathieu-Daude
Jacob Benassayag (8 anos, nascido na Argélia, deportado pelo comboio 71)	Marcel Mermelstein (7 anos, nascido na Bélgica, deportado pelo comboio 74)
Jacques Benguigui (12 anos, nascido na Argélia, deportado pelo comboio 71)	Paula Mermelstein (10 anos, nascida na Bélgica, deportada pelo comboio 74)
Jean-Claude Benguigui (5 anos, nascido na Argélia, deportado pelo comboio 71)	Paul Niedermann
Richard Benguigui (7 anos, nascido na Argélia, deportado pelo comboio 71)	Guy Pallarès
Yvette Benguigui	Paulette Pallarès

Barouk-Raoul Bentitou (12 anos, nascido na Argélia, deportado pelo comboio 71)	Renée Pallarès
Alex Bergman	Samuel Pintel
Paulette Bernard	Diane Popowski
Pierre Boudon	Jean Pruede
Roger Boudon	Marie-Louise Pruede
Georges Broun	Claude Raiz
Albert Bulka (4 anos, nascido na Bélgica, deportado pelo comboio 71)	Theodor Reis (16 anos, nascido na Alemanha, deportado pelo comboio 73)
Marcel Majer Bulka (13 anos, nascido na Polónia, deportado pelo comboio 71)	Gilles Sadowski (8 anos, nascido na França, deportado pelo comboio 71)
Bernadette Byk	Henri Souriant
Georges Charbit	Martha Spiegel (10 anos, nascida na Áustria, deportada pelo comboio 71)
Sauveur Choukroun	Senta Spiegel (9 anos, nascido na Áustria, deportado pelo comboio 71)
Daniel Dufourg	Claude Spitz
Charles Elert	Sigmund Springer (8 anos, nascido na Áustria, deportado pelo comboio 71)
Léon Elert	Samuel Stern
Michel Angel Elert	Émile Szarf
Rose Elert	Sarah Szarf
Michèle Suzanne Frainnet	Simon Szarf
Lucienne Friedler (5 anos, nascida na Bélgica, deportada pelo comboio 76)	Sarah Szulklafer (11 anos, nascida na França, deportada pelo comboio 71)
Edmond Egon Gamiel (9 anos, nascido na Alemanha, deportado pelo comboio 71)	Jacqueline Teboul
Liliane Gerenstein (11 anos, nascida na França, deportada pelo comboio 71)	Herman Tetelbaum (10 anos, nascido na Bélgica, deportado pelo comboio 71)
Maurice Gerenstein (13 anos, nascido na França, deportado pelo comboio 71)	Max Tetelbaum (12 anos, nascido na Bélgica, deportado pelo comboio 71)
Henri-Chaïm Goldberg (13 anos, nascido na França, deportado pelo comboio 71)	Georges Traube
Joseph Goldberg (12 anos, nascido na França, deportado pelo comboio 71)	Henri Verdier
Marcel Grinblatt	Francis Vien
Claudine Halaunbrenner (5 anos, nascida na França, deportada pelo comboio 76)	Jean-Louis Vien

Mina Halaunbrenner (8 anos, nascida na França, deportada pelo comboio 76)	Adolphe Waysenson
Georges Halpern (8 anos, nascido na Áustria, deportado pelo comboio 71)	Bernard Waysenson
Miquette Haug	Helene Waysenson
Paulette Heber	Charles Weltner (9 anos, nascido na França, deportado pelo comboio 75)
Arnold Hirsch (17 anos, nascido na Alemanha, deportado pelo comboio 73)	Otto Wertheimer (12 anos, nascido na Alemanha, deportado pelo comboio 71)
Georges Hirtz	Helga Wolf
Jacqueline Ittah	Henri Wolman
Josiane Ittah	Roger Wolanm
Isidore Kargeman (10 anos, nascido na França, deportado pelo comboio 71)	Émile Zuckerberg (5 anos, nascido na Bélgica, deportado pelo comboio 71)
Henri Kaufman	

Disponível em <https://www.memorializieu.eu/wp-content/uploads/enfants-accueillis-a-la-colonie-d-izieu-1.pdf>. Acesso em 25 jan. 2022.

Acima está apenas uma pequena fração dos nomes de crianças, com menos de 14 anos, que foram assassinadas naquele terrível verão e outono de 1942, após as prisões em massa de judeus na França ocupada e em Vichy, quando mais da metade dessas crianças foram deportadas. São crianças que não tinham idade suficiente para serem selecionadas para o trabalho escravo e, portanto, foram enviadas em comboios, nos quais quase nenhuma criança sobreviveu. Como os irmãos Benguigui (Jacques, Jean-Claude e Richard), nascidos em Oran, na Argélia, todos mortos durante a deportação.



148. Da esquerda para a direita: Jean-Claude Benguigui, Richard Benguigui, Jacques Benguigui. Colônia de Izieu, França, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *Coleção Serge Klarsfeld*, Texas, EUA.

São infantes cujos rostos solenes ou sorridentes, como a foto das crianças no acampamento de Poitiers, registram o frágil otimismo que os adultos e até elas possuíam, mesmo que pequeno, de sobreviver.



149. Crianças no acampamento francês de Poitiers. França, s.d. Fotógrafo não identificado. Acervo *French Children of the Holocaust: A memorial* – Serge Klarsfeld, Texas, EUA.

O ataque final às crianças judias na França foi liderado por Aloïs Brunner, um importante oficial da SS que em julho de 1944, às vésperas da Libertação, prendeu 250 crianças internadas em orfanatos judeus na área de Paris.

Tabela 5 – Número de crianças assassinadas, que foram presas e deportadas dos centros infantis da UGIF⁴⁸¹ em e nos arredores de Paris, julho de 1944.

Centro (e/ou cidade)	Nº de crianças
Lamarck-Secrétan (Paris): 16 rue Lamarck (18º arr.), depois 70 ave. Secrétária (19ºarr.)	71
Louveciennes: Séjour de Voisins, depois 18 rue de la Paix	33
La Varenne (dois locais): 30 rue Saint-Hilaire (chamado Orphelinat)	18
57 rue Georges Clémenceau (chamado pensão Zysman)	10
Montreuil: 21 rue François Debergue	18
Saint-Mandé: 5 rue Granville	18
Neuilly: 67 rue Edouard Nortier	17
Vauquelin (Paris): 9 rue Vauquelin (5ºarr.)	9
École du Travail (Paris): 4 bis, rue des Rosiers (4º arr.)	5
TOTAL	199

Esta lista não inclui:

- a) 33 crianças presas nos centros que sobreviveram à deportação
- b) 3 crianças libertadas de Drancy
- c) 15 crianças presas nos centros que sobreviveram à deportação para Bergen-Belsen

Fonte: FRENCH CHILDREN OF THE HOLOCAUST: A memorial Serge Klarsfeld. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0090.shtml>. Acesso em 06 fev. 2022.

Mesmo após os desembarques do Dia D dos Aliados na França, em 6 de junho de 1944, continuaram as execuções selvagens de crianças e, em todo o país, caçadas frenéticas a judeus e membros da resistência.

Com a chegada dos Aliados, um verdadeiro balanço da catástrofe vivida pelo judaísmo na França pode ser feito graças aos judeus que, muitas vezes, eram responsáveis pelos registros de aprisionados nos campos de deportação. Eles guardaram conscientemente as listas

⁴⁸¹ A Union générale des israélites de France (União Geral dos Judeus Franceses) foi um órgão criado pelo político francês antissemita Xavier Vallat sob o regime de Vichy após a queda da França na Segunda Guerra Mundial. A UGIF foi criada por decreto em 29 de novembro de 1941, a pedido da Alemanha, com o propósito expresso de permitir a descoberta e classificação de judeus na França e isolá-los moral e materialmente do resto da população francesa. Operava em duas zonas: a zona norte, presidida por André Baur, e a zona sul, sob a presidência de Raymond-Raoul Lamber. YAD VASHEM. Disponível em https://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%20205897.pdf. Acesso em 06 fev. 2022.

de deportação que possuíam e as entregaram à nova autoridade francesa que se tornaria o Ministério dos Veteranos e Vítimas de Guerra.

Além disso, aqueles que sobreviveram às ações hitleristas fazem parte de um grupo de adultos que carregam uma terrível ferida sofrida por milhares de crianças judias remanescentes de famílias mutiladas, que viram homens em uniformes franceses roubarem a felicidade de sua família e suas vidas.

Diante dos fatos, podemos verificar que para muitas das vítimas a ajuda das tropas Aliadas chegara tarde demais: para os milhões de judeus e crianças judias, que morreram até o dia do armistício, em maio de 1945. Muitos sobreviventes fazem questão de dizer que desde dezembro de 1942, a maioria das operações de extermínio nos campos concentracionários já era de conhecimento dos líderes ocidentais. Como vítimas das perseguições e do plano de extermínio nazista, os judeus ficaram dependentes das ações de movimentos judaicos internacionais, da boa vontade de alguns governos exilados e de ações da resistência cujo alcance era limitado.

Após os encarceramentos sistemáticos e a execução em massa de importantes comunidades judaicas na Europa ocupada, a chegada das tropas aliadas simbolizava liberdade. Com a abertura dos campos de concentração a partir de 1945, os prisioneiros finalmente estavam livres de seus algozes. E como era essa liberdade? Como deixar de ser um prisioneiro para se tornar um refugiado, sem casa, sem família e sem pátria? A situação era frágil e o futuro continuava sendo incerto.

Ao passar a fronteira e ingressar na Itália, nos avisaram que estávamos oficialmente livres, então abrimos as lonas que cobriam o caminhão e começamos a cantar em ídishe e hebraico.

[...]. Nesse período como refugiados, éramos sustentados pela ONU – Organização das Nações Unidas, que viu necessidade de separar os sobreviventes judeus dos demais, pois houve ainda alguns episódios de hostilidade aos judeus por parte de sobreviventes poloneses. SAMUEL SCHAJER⁴⁸²

Com o firme propósito de emigrar, saímos de Iasi e fomos para Bucareste, onde atravessamos a fronteira com a Hungria. Por azar, fomos presos. Após dois dias, nos soltaram graças à nossa condição de refugiados. Decidimos ir a Viena, que na época estava dividida entre americanos, russos e alemães. Como não tínhamos onde morar, nos instalamos nas escadarias do Hospital Rothschild. Meu pai carregava um embrulho com os últimos e poucos pertences que ainda restavam. Numa noite, ao dormir, roubaram esse embrulho [...] KLARA KIELMANOWICZ⁴⁸³

⁴⁸² SCHAJER, Samuel. *O relato de um sobrevivente*. Porto Alegre: Ed. Suliani Lera& Vida, 2008. pp. 65-66.

⁴⁸³ KIELMANOWICZ, Klara. *Uma marcha, uma vida, um legado* / Klara Kielmanowicz – São Paulo: Humanitas, 2016. p. 63.

[...] ninguém tinha estado em nosso apartamento. Entrei e descobri que um folksdeutsche polonês, casado com uma alemã, havia se apropriado do local. Todos os nossos móveis estavam nos mesmos lugares. O casal, por sua vez insistiu em afirmar que não era culpado por nada. Senti, naquele momento, que eu havia perdido minha casa e meus pertences. SABINA KUSTIN⁴⁸⁴

As crianças judias – após lidarem com múltiplas adversidades impostas pelo regime nazista, com a complexidade das leis antissemitas e com os agentes e instituições aliadas ao Führer – tinham agora um grande desafio: refazer suas vidas, muitas vezes na condição de órfãos, movidas pelos sentimentos de desespero e solidão que ampliavam, ainda mais, o sofrimento de muitos. Havia campanhas para localizar parentes das crianças sobreviventes, costumava-se tirar fotos e publicá-las em jornais com o nome e sobrenome delas.



150. Naftaly Sztajnberg⁴⁸⁵, extraída dos arquivos do projeto “Remember Me?”. Indersdorf, Alemanha, out. 1945. Fotógrafo não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA.

⁴⁸⁴ KUSTIN, Sabina. *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto / Sabina Kustin*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2012. pp.61

⁴⁸⁵ “RememberMe” In: *United States Holocaust Memorial Museum* (EUA). Disponível em <https://rememberme.ushmm.org/updates/naftali-sztajnberg-identified2>. Acesso em 02 abr. 2022.

Na fotografia acima temos Naftaly Sztajnberg, nascido em Sosnowiec, Polônia, em 30 de novembro de 1922. Era filho do meio de Fischel e Kalya (Weisstuch), possuía dois irmãos: Isaak, o mais velho, e Josef, mais novo. A família morava na cidade antes do início da guerra em condição financeira precária.

No ano de 1940, Fischel, Isaak e Naftaly foram enviados pelo Judenrat para trabalhar para os alemães no campo de trabalho Brande, onde até 1941 trabalharam na construção de estradas sob a vigilância constante das SA. De lá, Naftaly foi levado sozinho para outro campo, Johannsdorf, onde também trabalhou na construção de estradas. Permanecendo até abril de 1942, quando foi enviado a Blechhammer para trabalhar na empresa Schreck.

Em outubro do mesmo ano, muitas pessoas adoeceram e ele foi levado para Gräditz, onde trabalhou novamente para uma empresa de construção sob o controle do exército e das SA até o final de 1943, quando foi enviado para Markstädt.

Em abril de 1944, foi levado para Fünfeichen, subcampo de Gross-Rosen, onde foi preso número 25675, para trabalhar novamente na construção, e em janeiro de 1945 chegou a Buchenwald, onde foi preso número 129393, e designado para trabalhar no subcampo Altenburg, onde havia mulheres judias da Hungria. Lembra-se que era Páscoa e as mulheres lhe deram batatas para que ele não tivesse que comer pão (este campo era um subcampo de Buchenwald, e ele acabou sendo levado de volta ao campo principal). Ainda em 1945, no mês de abril, Naftaly chegou a Flossenbürg e foi posto em um trem em direção a Dachau. Ele diz que seria assassinado lá porque os Aliados estavam se aproximando dos alemães. Nesse interím, um avião americano bombardeou os trilhos da ferrovia à frente do trem em Schwarzenfeld obrigando os prisioneros a caminhar por três dias.

No dia 23 de abril de 1945, Naftaly e os prisioneiros foram libertados pelos americanos em Neuenburg vorm Wald. E Naftaly foi levado para Kloster Indersdorf. Estava sozinho e nunca teve notícias de seus pais e irmãos. Em 1946 decidiu com alguns amigos ir para a Palestina, onde permaneceu até 1950. Foi então para a Áustria, mas desejava voltar para a Alemanha, porém não conseguiu.

Na mesma época descobriu que sua família foi transferida para o gueto de Sosnowiec e, posteriormente, foram todos levados para Auschwitz. Foi lá que sua família morreu. Permaneceu quatro anos na Áustria, mudou-se para o Brasil com um grupo de amigos. Chegou a São Paulo em 1956 e no ano seguinte mudou-se para Curitiba, no Paraná, onde viveu até seu falecimento.

A fotografia de Naftaly Sztajnberg foi encontrada pela pesquisadora do LEER-USP, Blima Lorber, na *homepage* “Remember Me?”. Ao saber do projeto, ele imediatamente contou a Blima sua história pessoal para que ela pudesse compartilhá-la.

Vale registrar que no pós-guerra, nem sempre os Aliados, e em especial as tropas russas, não eram tão humanos como muitos esperavam. Mesmo porque nem todos os soldados aliados sabiam como lidar com aquelas terríveis e inacreditáveis cenas de mortos-vivos amontoados nos alojamentos e os mortos empilhados em valas.

Nunca se sabia o que poderia acontecer com aqueles que estavam sob um regime russo. Eles davam o direito de desconfiar e vigiar o tempo todo. Numa certidão de nascimento, na Rússia, independente do local de origem, estava escrito apenas: judeu! BETTY HERSCOVICI⁴⁸⁶

Eram milhares de crianças que tiveram sua história apagada intencionalmente pelo nazismo e que agora estavam em sua maioria em Campos de Deslocados e viviam de modo precário. Muitos campos mantiveram sobreviventes do Holocausto em condições horríveis, com comida insuficiente e presos vivendo sob guarda armada. Sabendo dessas condições, outras tantas [crianças] fugiram em massa da Europa Oriental, com ou sem suas famílias, para as Américas, zonas ocidentais da Alemanha ou para o assentamento judaico na Palestina (Yishuv). Parte dos que migraram para o Yishuv, transferiu-se em definitivo para Israel, após a criação do Estado em 1948.

Por falar em campos de deslocados, os Aliados classificaram os refugiados, sobreviventes, apátridas, prisioneiros políticos, entre outros, como “pessoas deslocadas” (DP’s) e atribuíram a responsabilidade pelos seus cuidados à Administração de Assistência e Reabilitação das Nações Unidas (UNRRA).

Mas, as autoridades não pensavam em ficar responsáveis pelos DP’s de modo indefinido, por exemplo, os britânicos estabeleceram como prazo limite para a aceitação de novos deslocados em seu setor de ocupação a data de 30 de junho de 1946, já o setor americano deixou de receber novas chegadas em 21 de abril de 1947. Rejeitando inúmeros outros DP’s que foram deixados pelas autoridades para encontrar seus próprios meios de sobrevivência.

Apesar disso, alguns campos de deslocados acabaram por se tornar lares mais ou menos permanentes para essas crianças. As condições eram variadas e às vezes difíceis, com rações restritas e toques de recolher impostos. Os campos foram fechados à medida que as

⁴⁸⁶ HERSCOVICI, Betty; CASTRO, Malu. *Transnístria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto* / Betty Herscovici, Malu de Castro - São Paulo: Humanitas, 2014. p. 121-122.

crianças sobreviventes e/ou refugiadas encontraram novas casas. Em 1952, quase todos os campos de DP's foram fechados, exceto dois: Föhrenwald que fechou em 1957 e Wels em 1959.

O que não extinguiu os problemas com a repatriação, pois muitos países que se comprometeram a aceitar os sobreviventes e refugiados estabeleceram cotas e pré-requisitos, como por exemplo, ter algum parente residente no país ou uma carta de chamada para entrada em seu território deixando em suspenso se um dia essas crianças DP's encontrariam um lar. Mesmo com todos esses obstáculos para muitos infantes, aquele momento de liberdade representava vida, ainda que sem muitas ofertas de recomeço. Uma vida que não era nada fácil de refazer, estava despedaçada e em alguns casos recomeçava-se em lugares longínquos e, por vezes hostis, por seus idiomas, climas e costumes diferentes. Porém, essas histórias são outras que não darei cabo de contá-las aqui, pois tratam de um assunto denso em que envolve os desdobramentos causados pela guerra: a (i)migração e refúgio.

Encerro por aqui, lançando um último questionamento: como festejar a liberdade em meio a tantas perdas, doenças e desamparo? Como carregar, ao longo das novas vidas, o compromisso moral de não deixar aquelas atrocidades caírem no esquecimento? Atrevo-me a respondê-lo ao afirmar que: resistir lembrando, mesmo depois de mais de 70 anos. É desse modo que os judeus se mantêm firmes em seu poder e ardor de não se obliterar de sua história e memória do Holocausto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Holocausto inscreveu um rastro de destruição e desolação na história de vida das crianças judias e não judias. Perdas inexplicáveis, considerando-se que milhões de vidas foram brutalmente interrompidas, algumas para sempre. Tristes realidades vivenciadas por estas crianças, cujas infâncias ficaram marcadas pelas experiências traumáticas perpetradas pela Alemanha nazista e países colaboracionistas. Esses infantes constituem um grupo social diferenciado das demais vítimas da Shoah (jovens adultos e idosos), estando totalmente indefesos diante das situações de exclusão e violência em que foram obrigados a viver. Excluídas pelo racismo que influenciou a burocracia nazista, 1,5 milhões de crianças foram controladas e condenadas pelo Estado totalitário alemão. Mal tinham condições para compreender porquê não tinham escolhas. Separadas de seus pais, transformaram-se em corpos frágeis, classificadas como pequenos seres indesejados por sua “raça”.

Acossadas no decurso das ações genocidas perpetradas pela Alemanha e países colaboracionistas, as crianças judias sobreviventes carregam em sua memória o fardo inolvidável do horror e da bestialidade associados ao sentimento de estarem suspensos no vazio, incompletos. Desprovidos de suas identidades durante a infância, muitos ainda buscam, a partir da concepção bejaminiana, seu lugar no mundo enquanto vítimas sobreviventes da Shoah. Calcula-se que das quase 1 milhão de crianças judias que viviam na Polônia em 1939, somente 5 mil sobreviveram, muitas das quais estiveram em esconderijos e orfanatos. Esta é uma contabilidade sem fim, cujos nomes jamais conseguiremos reunir em memoriais e arquivos dedicados às vítimas infantis.

Desta feita, os diálogos e observações aqui propostos apoiam-se na construção narrativa em torno da memória das vítimas judias que eram crianças durante Holocausto. Deparamo-nos com memórias que abalam a linguagem, retornam e transmitem histórias carregadas de ensinamentos. Não se trata aqui de (re)escrever uma nova história sobre o Holocausto, e sim de recuperar estes testemunhos como legado: lições de vida, exemplares da sobrevivência em tempos sombrios. A apropriação dessas memórias traumáticas aqui reunidas cumpre com o seu objetivo ao trazer para o centro da história estes “pequenos personagens”, que agora adultos, clamam pelo seu protagonismo. Daí a importância das ações de registro de testemunhos, que no seu conjunto, alertam para os perigos dos programas racistas endossados por um Estado que não respeita a diversidade e os direitos humanos.

Inteirando lembrança e esquecimento, a memória sobre essas infâncias é o arremate dos “sinais” (leia-se experiências de vida) registrados através das técnicas da História Oral. Seguindo essas pistas discursivas (vestígios, marcas e rastros) reunimos informações significativas que permitiram a (re)construção da vida desses infantes, ainda crianças após o conflito mundial. Tais registros extrapolam, muitas vezes, o dizível, pois vão além do amálgama que leva ao entendimento entre as linhas de história de vida, micro-história e história social.

Sob essa perspectiva, os dados narrativos registrados pelos pesquisadores do projeto Arqshoah/LEER-USP, guardam códigos de apreensão de saberes, conhecimentos e identidades estabelecidos por essas crianças, que se identificam como sobreviventes da Shoah. Suas lembranças, ainda que colhidas na fase adulta, revelam estratégias de sobrevivência asseguradas no passado por uma rede de proteção muitas vezes invisíveis. Ainda que tais testemunhos representem fragmentos dos eventos vivenciados, mesmo assim, eles nos ajudam a elucidar e compreender aqueles tempos sombrios. Além de compartilhar suas experiências, essas vozes enfrentam o esquecimento e os esforços de grupos interessados em contestar e confundir a categoria de vítima, negando as dimensões do Holocausto.

Percebemos que a linguagem das crianças sobreviventes e refugiadas, elemento fundamental da socialização da memória, não dá conta, em alguns momentos, de retratar os rastros mnésicos sobre a experiência vivida, dificuldade encontrada nos testemunhos aqui analisados. Porém, ao praticarmos o exercício de apreensão do discurso, conseguimos desvelar histórias inimagináveis de violência e violação de direitos da criança. A mesma atividade também permitiu observar como os discursos de ódio sustentados pelos nazistas foram essenciais para a formação de uma mentalidade antissemita que instigou grande parte da população na Europa ocupada pela Alemanha, a incorporar o judeu como um inimigo social e político.

Outro ponto importante a ser considerado é o sentido da morte, construído por essas crianças que sobreviveram. Suas memórias – por irem além de uma simples lembrança dos mortos – passam por filtros e mutações sem perder, no entanto, elementos constitutivos das identidades na reconstrução de si.

Por meio do processo de constituição e reflexão como sujeito constatamos que há uma diferenciação entre os testemunhos, sobretudo em função da experiência vivida, proporcionadas pelo lugar de origem e contexto histórico que marcaram o inconsciente dessas crianças, sobreviventes e/ou refugiados. São crianças nascidas ou crescidas durante o processo de (re)estabelecimento nos novos espaços geográficos (de exclusão ou de vida em liberdade),

nem sempre compreendidos dadas as circunstâncias de terror e ansiedade. Ajustado aos interesses dos adultos, o processo imigratório do grupo de sobreviventes da Shoah esteve intimamente ligado a formulação de novas territorialidades que edificaram e fortaleceram as redes de solidariedade e resistência judaicas.

Tal articulação dá-se em um discurso da permanência e de perpetuidade cultural fortalecidas pelas identidades judaicas que, lentamente, se ajustaram ao cotidiano da nova pátria, em conformidade com o modo de se portar, hábitos, habitações e de viver em geral, nas novas comunidades de acolhimento. São vivências mescladas às memórias acionadas e (re)significadas. Fica evidente que as crianças que sobreviveram a violência nazifascista conseguiram introjetar símbolos que as ajudaram, apesar dos traumas, a reelaborar suas identidades. Ainda que ausentes e/ou distantes de suas comunidades de origem, essas crianças renasceram “das cinzas”, simbolicamente falando.

Frente ao desafio à vida, aqueles que imigraram tiveram seus comportamentos sociais cambiantes, moldados pela persistência do sentimento dos traumas, da insegurança e, em alguns casos, da fobia social. O lugar de pertencimento e sua vida anterior se mantêm vivos pelas memórias agradáveis, ainda que desafiados pelo esquecimento e pelas agruras sofridas durante o tempo do nazismo no poder. Nesse sentido, percebemos que os lugares de destino pavimentaram-se como lugares de refazimento de memórias, ao mesmo tempo que as lembranças das perseguições nem sempre têm explicações plausíveis. É como ainda faltasse o chão.

Os relatos de vida sobre essas memórias pueris são paradoxais, pois ora materializam vivências positivas e ora negativas, denunciando conflitos e desigualdades impostas pela biopolítica endossada pelos nazistas e seus seguidores. Para essas crianças – classificadas como a personificação do mal herdada de seus pais, escapar do terror era o primordial. Fica evidente nas narrativas, que no momento em que eram capturadas por seus algozes, essas crianças fecharam-se nos seus pequenos mundos, como se fossem borboletas em seus casulos. Ainda que prisioneiros, os menores brincavam de esconde-esconde dentro dos campos concentracionários; enquanto que os mais velhos, meninos e meninas, sentiam que estavam lhes roubando a dignidade. Tais traumas soavam (e ainda soam) como “feridas que não cicatrizam” deixando-os amedrontados e inseguros. Morria-se aos poucos, dia após dia.

O futuro era questionável para todas as crianças quer fossem sobreviventes ou refugiadas, e especialmente para os órfãos e orfãs. Aquelas que sobreviveram ao genocídio tentavam refazer suas [precárias] vidas. Após a guerra, muitos permaneceram entre os DP's, em alojamentos improvisados pelos Aliados, aguardando a indicação de um destino. As

autoridades militares e civis aliadas enfrentaram desafios consideráveis para reinstalá-los, pois não podiam simplesmente transferi-las para suas casas ou famílias originais, uma vez que as fronteiras e as configurações sociais haviam mudado. De mais a mais, muitas não queriam voltar para casa por medo de perseguição política. O que de fato ocorreu em alguns casos, como na Polônia, com aqueles cujos familiares haviam participado da resistência judaica e, ao retornarem, encontraram o país comandado por soviéticos.

As crianças sobreviventes, na sua maioria, estavam doentes e desnutridos, psicologicamente alterados, necessitando de tratamento médico. Deprimidas e traumatizadas, mostravam-se desconfiadas e apreensivas com as autoridades. Alteradas por suas dores, angústias, ansiedades, silêncios e mortes (físicas e simbólicas) essas crianças tiveram suas infâncias roubadas durante o Holocausto.

Foi um extermínio, sobretudo de infantes, realizado em nome de uma racionalidade perversa alimentada por uma ideologia de ódio, embalado pela violência e por soluções pautadas na exclusão. Os ecos do Holocausto estendem-se de forma rizomática e, para nós, o fechamento desse trabalho nos instiga a continuar acreditando na força da memória coletiva. Diante da idade avançada daqueles que eram crianças durante a Shoah, acreditamos que devemos investir na transmissão destes testemunhos para as futuras gerações. Portanto, torna-se emergencial, buscar por seus herdeiros que, certamente, têm sob a sua guarda importantes documentos e histórias à serem narradas.

ICONOGRAFIA

01. Ilustração de autoria de Flips, pseudônimo de Phillip Rupprecht, para o livro infantil *Der Giftpilz* [O Cogumelo Venenoso]. No cartaz de propaganda a frase de Julius Streicher “Aquele que luta contra o judeu, luta contra o diabo”. Legenda: “Sem resolver a Questão Judaica não há salvação para a humanidade”. HIEMER, Ernst. *Der Giftpilz*. Nuremberg Bavária, Alemanha: Julius Streicher, 1938, p. 43..... 36
02. Cartaz propaganda política, no qual os nazistas colocam a culpa nos seus adversários comunistas. Berlim Alemanha: NSDAP, 1933. Reproduzido do jornal *Deutsche Welle*, Bonn, Alemanha. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/1933-inc%C3%AAndio-no-reichstag-era-um-duro-golpe-na-democracia-alem%C3%A3/a-16629973>. Acesso em 14 set. 2018..... 39
03. Portão de entrada do campo concentracionário de Dachau. Alemanha, 1945. Fotografia não identificado. Reproduzido do jornal *Deutsche Welle*, Bonn, Alemanha. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/dachau-cidadezinha-buc%C3%B3lica-e-palco-de-trag%C3%A9dia/a-1463275> Acesso em 14 set. 2018 40
04. Membros do Partido Nazista afixam cartazes nas entradas dos comércios de judeus na Alemanha, convocando a população ao boicote. Berlim, Alemanha, 1933. Fotografia não identificado. Acervo *AAIHS* – Sociedade Afro-Americana de História Intelectual, Pensilvânia, EUA. Disponível em <https://www.aaihs.org/> Acesso em 14 set. 2018..... 41
05. Crianças de uma escola alemã cumprimentam seu professor com a saudação Heir Hitler! Alemanha, janeiro, 1934. Fotografia não identificado. Disponível em *ONEDIO* – Sosyal İçerik Platformu, Turquia: <https://onedio.ru/news/17-foto-o-povsednevnoj-zhizni-v-nacistskoj-germanii-18769>. Acesso em 31 maio 2021..... 42
06. Meninos da Juventude Hitlerista portando máscaras de gás em treinamento para situações de guerra, Worms, Alemanha, 1933. Fotografia não identificado. Disponível em *ONEDIO* – Sosyal İçerik Platformu, Turquia: <https://onedio.ru/news/17-foto-o-povsednevnoj-zhizni-v-nacistskoj-germanii-18769>. Acesso em 31 maio 2021..... 43
07. Crianças do programa *Lebensborn*. S.l., s.d. Fotografia não identificado. Acervo *Lebensborn Children*, EUA. Disponível em <http://www.lebensborn.weebly.com>. Acesso em

- 30 maio
2021..... 44
08. Crianças “arianas” lêem o livro antisemita *Der Giftpilz* (o Cogumelo Venenoso), de autoria de Ernst Ludwig Hiermer. Nuremberg, Bavária, Alemanha: Julius Streicher, 1938. Fotógrafo não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://www.ushmm.org/content/pt-br/photo/der-giftpilz#>. Acesso em 31 maio 2021..... 45
09. Membro da “Juventude Hitlerista”. Bruhel, Renânia, 1934. Fotógrafo não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/member-of-the-hitler-youth?parent=pt-br%2F52091>. Acesso em 30 maio 2021..... 48
10. Menina, exemplo de um relacionamento interétnico (ao centro), chamado pelo alemães nazistas de “vergonha negra”, posando entre crianças “arianas”, símbolos da beleza ideal. Alemanha, s.d. Fotógrafo não identificado. NEUMANN, Stefan. O crime do nazismo contra as crianças da “Vergonha Negra”. In: *Jornal Deutsche Welle*, Bonn, Alemanha, 09 jan. 2021. Caderno “Alemanha”, História. Disponível em. Acesso em 06 jun. 2021..... 50
11. Hitler cumprimenta crianças a caminho de seu retiro em “Haus Wachenfeld”. Baviera, Alemanha, s.d. Fotógrafo não identificado. Reproduzido do jornal *The Daily Mirror*, Inglaterra. Disponível em <https://www.mirror.co.uk/news/world-news/gallery/evil-hitler-play-smiling-nazi-10133148>. Acesso em 06 jun. 2021..... 51
12. Jovens representantes da *Union of German Girls* colam folhetos em um espaço público. Worms, Alemanha, 1933. Fotógrafo não identificado. Disponível em: *ONEDIO – Sosyal İçerik Platformu*, Turquia: <https://onedio.ru/news/17-foto-o-povsednevnoj-zhizni-v-nacistskoj-germanii-18769>. Acesso em 31 maio 2021..... 52
13. Joseph e Magda Goebbels com seus filhos, família considerada como a perfeita união ariana, modelo a ser seguido pela sociedade alemã. S.I., s.d. Fotógrafo não identificado. BERMÚDEZ, Angela. Demmin, a pequena cidade alemã onde centenas de pessoas se suicidaram diante da chegada do Exército soviético. In: *BBC News*. Brasil, 9 maio 2020.

- Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52518120>. Acesso em 28 jul 2022..... 53
14. Cartaz de propaganda política apresenta Hitler e Hindenburg como “salvadores da nação”. Alemanha, 1933. Fotografia não identificado. Reproduzido do jornal *Deutsche Well*, Bonn, Alemanha. In: *1933: Hitler assumia o poder na Alemanha*. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/1933-hitler-assumia-o-poder-na-alemanha/a-16562683>. Acesso em 06 jun. 2021..... 55
15. Meninos lêem *Der Stuermer*, *Die Woche* e outros cartazes de propaganda afixados em uma cerca. Berlim, Alemanha, 1937. Fotografia não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1154416>. Acesso em 30 maio 2021.....56
16. Crianças com deficiência mental, vítimas do racismo nazista, no Internato de Rosenharz. Alemanha, 1930. Fotografia não identificado. Reproduzido do jornal *Deutsche Welle*, Bonn, Alemanha. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/exposi%C3%A7%C3%A3o-aborda-programas-nazistas-de-eutan%C3%A1sia-e-esteriliza%C3%A7%C3%A3o/a-4059302>. Acesso em 06 jun. 2021..... 57
17. Deportação de crianças judias do gueto de Lodz durante a ação “Gehsperre” [toque de recolher]. Lodz, Polônia, set. 1942. Fotografia não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/deportation-of-jewish-children-from-the-lodz-ghetto#>. Acesso em 06 jun. 2021..... 57
18. Os irmãos Zelig e Israel usando a Estrela de Davi bordada a roupa, após o desembarque no campo de concentração de Auschwitz, onde foram selecionados para o extermínio na câmara de gás. Ao fundo, algumas mulheres que conseguiram sobreviver: Suri Aron, do gueto de Tacovo; Chedvah Zelig, Ester Kanez e Cilly Stahl. Auschwitz, Polônia, s.d. Fotografia de Ernst Hofmann / Bernhard Walter. Álbum de Auschwitz, Acervo *Yad Vashem*, Israel..... 58
19. Dois irmãos no gueto de Kovno, Lituânia, um mês antes de serem deportados para o campo de Majdanek, Polônia. Lituânia, fev. 1944. Fotografia não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Disponível em

- <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/deportation-of-jewish-children-from-the-kovno-ghetto#>. Acesso em 06 jun. 2021..... 59
20. Passaporte de Hans Bergmann “Israel” emitido pelas autoridades da polícia alemã em 30 de maio de 1939, Berlim. A letra “J” (“Jude” em alemão), aparece estampada em vermelho nos passaportes dos judeus de nacionalidade alemã. À esquerda, o carimbo de entrada no Brasil em 17 de agosto de 1939. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil..... 61
21. Vitrines das lojas pertencentes aos judeus destruídas na Noite dos Cristais. Alemanha, s.d. Fotografia não identificada. Reproduzido do jornal *Deustch Welle*, Bonn, Alemanha. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/xenofobia-no-leste-alem%C3%A3o-e-o-pogrom-da-noite-dos-cristais/a-46221154>. Acesso em 06 jun. 2021..... 64
22. Moradores locais assistem o incêndio que destruiu a Sinagoga de Oberramstadt em chamas durante a *Noite dos Cristais*, Oberramstadt, Alemanha, 9 e 10 nov. 1938. Fotografia não identificada. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/kristallnacht-photographs>. Acesso em 06 jun. 2021..... 64
23. Panorama da plataforma de chegada em Birkenau, parte do complexo de Auschwitz. Ao fundo, é possível ver os crematórios II e III com suas chaminés. Polônia, maio 1944. Fotografia de Ernst Hofmann / Bernhard Walter. Álbum de Auschwitz, Acervo *Yad Vashem*, Israel..... 68
24. Joseph Menguele medindo o crânio de uma criança, no campo concentracionário de Auschwitz. Polônia, s.d. Fotografia não identificada. Reproduzido do site *Imagem e Guerra*, São Paulo, Brasil. Disponível em <https://historiaeguerre.wordpress.com/2011/04/03/a-educacao-nazista/>. Acesso em 24 out. 2018..... 69
25. Crianças desnutridas nos campos concentracionários, s.l., s.d. Fotografia não identificada. OLIVEIRA, Sara. Auschwitz – A vida dentro dos campos de concentração nazistas. In: *Isto é Curioso* [site], São Paulo, Brasil, jan. 2019. Disponível em <https://www.istoecurioso.com/2019/01/os-campos-de-concentracao-nazistas.html>. Acesso em

- 06 jun.
2021..... 70
26. Crianças reunidas para a deportação no Gueto de Lodz, durante a Operação Reinhard. Polônia, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/reinhard-photographs>. Acesso em 06 jun. 2021..... 73
27. Hessy Taft, bebê ariano, símbolo da perfeição, em retrato escolhido por Joseph Goebbels, durante concurso para propaganda nazista. Imagem publicada na capa da revista *Sonne ins Haus* anos depois, descobriu-se que a criança era judia. Berlim, Alemanha, 1935. Fótografo Hans Ballim. DEARO, Guilherme. “Bebê ariano perfeito” da propaganda nazista é judeu. In: *Revista Exame*. São Paulo, Brasil, 2 jul. 2014. Disponível em <https://exame.abril.com.br/mundo/bebe-ariano-perfeito-da-propaganda-nazista-e-judeu/>. Acesso em 21 jan. 2019..... 75
28. Herta Schreiber na clínica de “eutanasia” de Spiegelgrund, onde morreu três meses após a admissão. Viena, Áustria, 27 jun. 1941. CZECH, Herwing. Hans Asperger, National Socialism, and “race hygiene” in Nazi-era Vienna. *Molecular Autism* 9, 29 (2018). Disponível em <https://molecularautism.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13229-018-0208-6>. Acesso em 21 jan. 2019..... 76
29. Relatório médico de Herta Schreiber, no qual o pediatra Hans Asperger recomenda a transferência de para a Clínica Am Spiegelgrund, pois a menina foi diagnosticada com espectro do autismo e “deve ser um fardo insuportável para sua mãe”. Viena, Áustria, 27 jun. 1941. CZECH, Herwing. Hans Asperger, National Socialism, and “race hygiene” in Nazi-era Vienna. *Molecular Autism* 9, 29 (2018). Disponível em <https://molecularautism.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13229-018-0208-6>. Acesso em 21 jan. 2019..... 77
30. Denúncia de Herta ao Comitê do Reich para o Registro Científico de Doenças Hereditárias e Congênitas Graves, realizada pelo médico Erwin Jekelius. Viena, Àustria, 8 ago. 1941. CZECH, Herwing. Hans Asperger, National Socialism, and “race hygiene” in Nazi-era Vienna. *Molecular Autism* 9, 29 (2018). <https://molecularautism.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13229-018-0208-6>. Acesso em

- 21 jan.
2019.....78
31. Nota do prontuário de Herta, no qual sugere que sua mãe estava ciente de que sua filha seria morta na clínica. Viena, Àustria, 1941. Arquivo *Spiegelgrund*, CZECH, Herwing. Hans Asperger, National Socialism, and “race hygiene” in Nazi-era Vienna. *Molecular Autism* 9, 29 (2018). Disponível em <https://molecularautism.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13229-018-0208-6>. Acesso em 21 jan. 2019.....79
32. Familiares conversam com uma criança prisioneira através da cerca da prisão central do Gueto de Lodz, Polônia. Polônia, setembro de 1942. Fotografia não identificado. Acervo *United States Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/family-members-say-goodbye-to-a-child>. Acesso em 05 fev. 2019..... 82
33. Criança desnutrida, abandonada nas ruas do Gueto de Varsóvia, Polônia, c. 1940-1943. Fotografia não identificado. Acervo *United States Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/a-destitute-child-in-the-warsaw-ghetto>. Acesso em 05 fev. 2019..... 83
34. Homem segura o corpo de uma criança desnutrida do Gueto de Varsóvia, Polônia, 1942. Fotografia Emil Apfelbaum. Acervo *Eric Chaim Kline*, EUA. Disponível em <https://www.klinebooks.com/pages/books/37862/emil-afelbaum-david-guzik-prof-dr-julius-zweibaum-dr-marek-koenigstein-jonas-turkov-dr-josef-sack/choroba-glodowa-badania-kliniczne-nad-glodem-wykonane-w-getcie-warszawskim-z-roku-1942-hunger>. Acesso em 21 jan. 2019..... 84
35. Crianças despendem-se de seus familiares na rua Czarnecki, ponto de encontro antes da deportação. Gueto de Lodz, Polônia, c. 1940-1942. Fotografia de Henryk Ross. Acervo *Museu de Belas Artes*, Boston, EUA. Disponível em: <https://www.wbur.org/artery/2017/03/29/henryk-ross-nazi-ghetto>. Acesso em 28 jul 2022..... 85
36. Criança símbolo do abandono no Gueto de Varsóvia Polônia, 1941. Fotografia não identificado. Acervo *Deustches Bundesarchiv* [German Federal Archive], Alemanha. Disponível em <https://www.bundesarchiv.de/EN/Navigation/Home/home.html>. Acesso

em	21	jan.
2019.....		86
37. “Nazis smash, loot and burn jewish shop and temples until Goebbels calls halt” notícia sobre a <i>Noite dos Cristais</i> publicada pelo <i>The New York Times</i> . Nova Iorque, EUA, 11 nov. 1938. Reproduzido do jornal <i>The New York Times</i> , EUA. Disponível em https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1938/11/11/503871362.html?pageNumber=		
1. Acesso em 28 jul.2022.....		100
38. “Violenta ofensiva contra os judeus na Alemanha”, manchete sobre a Noite dos Cristais. <i>Folha da Manhã</i> (atual Folha de S. Paulo), São Paulo, 11 nov. 1938. Edição nº 4499. Disponível em https://acervo.folha.com.br/index.do . Acesso em 27 mar. 2019.		
.....		100
39. Dinheiro que circulava no campo de Terezin. Acervo Deposiphotos, Nova Iorque, EUA. Disponível em https://br.depositphotos.com/10742455/stock-photo-terezin-		
ghetto-money.html . Acesso em 29 mar.		
2019.....		103
40. Cartaz da ópera Bundibár. Acervo do Memorial de Terezin, Tchecoslováquia (atual República Tcheca). Disponível em https://www.pamatnik-terezin.cz/ . Acesso em, 28 jul.2022.....		104
41. Salvo-conduto de Bruno Levi, italiano refugiado no Brasil. São Paulo, Brasil, 16 dez. 1942. Acervo <i>Arqshoah/Leer-USP</i> , São Paulo, Brasil.....		117
42. Carta de Chamada, escrita por Josek Boruck Czersina para sua esposa e filhos. Rio de Janeiro, 17 nov. 1933. Acervo <i>Fiszel Czerina/SP</i> , Brasil. CZERESNIA, Fiszel. <i>Uma história para meus netos</i> . São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998, p. 48.....		118
43. Requerimento de Alma Heimann Adler, funcionária da Indústria de Brinquedos Estrela, solicitando autorização de visto ao Itamaraty para seus pais Moritz e Frieda Adler (deferidos) e Tilly e Elbeth, menores de idade (indeferidos). São Paulo, 5 out. 1938, Doc. 511.14 (393). Acervo <i>AHJ/RJ</i> ; <i>Arqshoah/Leer-USP</i> , Brasil.....		119
44. Ficha Consular de Qualificação de Malka Lorber e filhos, Szyja e Blima, por ocasião da sua viagem para o Brasil. Emitida pela embaixada do Brasil em La Paz, em 1953. Acervos <i>Arquivo Nacional/RJ</i> ; <i>Arqshoah-Leer-USP</i> , Brasil.....		127

45. “Mapinha” desenhado por Frederico Freudenheim em uma capa de caderno durante o trajeto desde Berlim até o Uruguai, 1938. Acervo *Freudeheim/SP; Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil..... 132
46. Ruth Sprung Tarasantchi, “Finalmente, cheguei ao Brasil”, gravura, 27x39. São Paulo, 2010. Acervo *Ruth Tarasantchi/SP*, Brasil.....133
47. Sara Isac Menache, nascida em Salônica em 1916, e seus filhos Leon e Bella com 11 e 8 anos respectivamente. Fotografia reproduzida da sua Ficha Consular de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Pireu, Grécia, 5 jul. 1954. Fotógrafo não identificado. Acervo *Arquivo Nacional RJ; Arqshoah/Leer-USP*, Brasil..... 136
48. Lar das crianças da CIP durante a gestão de Henrique e Miriam Ratnner. São Paulo, s.d. Fotógrafo não identificado. Acervo *Daphner Rattner/SP; Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil.....138
49. Blanka Tredler Arditti São Paulo, 2018. Fotografia de Lais Rigatto; Jorge Tredler. Rio de Janeiro, 2018, Fotografia de Fernanda Capri. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil..... 160
50. Szymon Tredler e Irena Wlodawer-Tredler. Fotografias reproduzidas das Fichas Consulares de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Antuérpia, Bélgica, 2 de janeiro de 1951. Acervo *Arquivo Nacional/RJ*, Brasil.....161
51. Da esquerda para direita: Blanche Tredler Arditti, Jorge Tredler, Irena Tredler e Szymon Tredler posando diante da tela “Os Judeus em Fuga”, de autoria de Szymon Tredler Rio de Janeiro, 1959. Fotografia de Uriel Tavares. Acervo *Blanka Tredler Arditti ; Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil..... 161
52. Bialystok, Polônia. *Google Maps*, EUA..... 163
53. Jorge e Blanche Tredler. Frunzie, Rússia, 1944. Fotografia reproduzida no convite para a entrega da medalha Pedro Ernesto. Fotógrafo não identificado. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil..... 164

54. *Compact Disc* de Jorge Tredler intitulado “*As músicas da minha vida*”, onde gravou treze faixas das músicas que mais aprecia, em vários idiomas. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil..... 171
55. Jorge Tredler com o vereador Marcelo Arar na Câmara Municipal de Vereadores do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016. Fotografia reproduzida no verso do convite para a entrega da medalha Pedro Ernesto à Jorge Tredler. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil..... 172
56. Fany (Feiga) Goldwasser. Fotografia reproduzida da Ficha Consular de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Munique, Alemanha, 1948. Acervo *Arquivo Nacional/RJ*, Brasil..... 173
57. Roberto e Rosane Goldwasser. Rio de Janeiro, 4 maio 2017. Fotografia de Fernanda Capri. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil..... 173
58. Rafael Zimetbaum e sua neta, Bárbara Zimetbaum. Rio de Janeiro, 3 out. 2017. Fotografia de Fernanda Capri. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil.....177
59. Prédio onde Rafael Zimetbaum residiu com sua família na Bélgica até maio de 1940. *Google Earth*, EUA..... 178
60. Divisões das zonas de ocupação, na França, c.1940-1943. Acervo *Maison d’Izieu*, França. Disponível em <https://www.memorializieu.eu/le-memorial/histoire-pourquoi-des-enfants-juifs-a-izieu/>. Acesso em 25 jan. 2022..... 184
61. Sergio Moreira Lima e Rafael Zimetbaum na cerimônia de reconhecimento do Embaixador Souza Dantas entre os Justos. Israel, 2002. Fotógrafo não identificado. Acervo *Yad Vashem*, Israel..... 188
62. Madeleine Mansur. s.l., s.d. Fotógrafo não identificado. Acervo *Madeleine Mansur/RJ*, Brasil..... 191
63. Mauricio e Gitla Tazsman. Bruxelas, Bélgica , 1938. Fotógrafo não identificado Acervo *Madeleine Mansur/RJ*, Brasil..... 192
64. Mauricio, Gitla e Madeleine Tazsman. s.l., s.d. Fotógrafo não identificado. Acervo *Madeleine Mansur/RJ*, Brasil.....194

65. Madeleine Mansur. Bruxelas, Bélgica, 1945. Fotografia não identificado. Acervo *Madeleine Mansur/RJ*, Brasil..... 195
66. Madeleine Mansur. Rio de Janeiro, Brasil, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *Madeleine Mansur/RJ*, Brasil..... 198
67. Izabela London. Rio de Janeiro, Brasil, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *Izabela London/RJ*, Brasil..... 199
68. Bernard Orgler e Klara Blumberg, com Izabela. Fotografias reproduzidas das Fichas Consulares de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Fotografia não identificado. Barcelona, Espanha, 08 de mar. 1946. Acervo *Arquivo Nacional/RJ*, Brasil..... 200
69. Mauricette Rozen. Fotografia não identificado. Niterói, Brasil, s/d. Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil..... 209
70. Mauricette abraçada à Rolande. Saint Gauden, França, 1940. Fotografia não identificado. Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil..... 210
71. Cartaz das leis antijudaicas. Bélgica, 28 out. 1940. Reproduzido de *History of Sorts* [site], EUA. Disponível em <https://dirkdeklein.wordpress.com/category/world-war-2/page/84/?iframe=true&preview=true%2Ffeed%2F>. Acesso em 08 dez. 2020..... 211
72. Gaston e Bernard Rozen. S.l, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil..... 212
73. Última fotografia em que estão reunidos todos os membros da família Korjenewsky, na entrada do edifício onde funcionava o campo de refugiado “Le Moulin”. Em primeiro plano na foto, à direita Renée Rozen com a filha mais velha Mauricette em pé e a mais nova, Rolande no colo. Na segunda fileira para a esquerda, a avó Hinda Korjenewsky, em pé atrás de dois homens de terno. A esquerda de Hinda está Bernard Korjenewsky de camisa branca, Charles Rozen de terno e acima deles, na terceira fileira, Madeleine Korjenewsky de blusa branca, a sua direita também de blusa branca Sophie Korjenewsky. A esquerda de colete o avô Izrael Korjenewsky. No topo da escada de camisa branca Gaston Korjenewsky descendo a escada ao lado direito de vestido estampado Eva junto ao esposo Henry Korjenewsky. Ville

- Neuvede Rivière, França, 1940. Fotografia não identificado. Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil.....214
74. Renée Rozen (sentada à frente, à direita) tendo ao seu lado (em pé de avental) Charles Rozen, cozinheiro chefe do refeitório. Leysin, Suíça, 1943. Fotografia não identificado. Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil.....217
75. Renée Rozen, à esquerda, de avental, na lavanderia do sanatório. Leysin, Suíça, 1943. Fotografia não identificado. Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil.....218
76. Condessa Empeatory nos jardins de *Manoir de Ban*, rodeada por seus filhos e com Mauricette Rozen. Corsier-sur-Vevey, Suíça, 1943. Fotografia não identificado. Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil.....219
77. No convés do navio, no momento da chegada no porto do Rio de Janeiro de Maruricette, Rolande e Renée Rozen, junto de Madeleine e Gitla Taszman (à esquerda). Rio de Janeiro, Brasil, 1947. Fotografia não identificado Acervo *Rolande Fichberg/RJ*, Brasil.....221
78. Primeiro casamento de Mauricette com Abraão Tacmann. São Paulo, Brasil, 1956. Fotografia não identificado. Acervo *Mauricette Rozen/RJ*, Brasil.....222
79. Segundo casamento de Mauricette com João. Tijuca, Rio de Janeiro, Brasil, 1966. Fotografia não identificado. Acervo *Mauricette Rozen/RJ*, Brasil.....222
80. Izrael Fajfer. Fotografia reproduzida da Ficha Consular de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Paris, França, 23 de janeiro de 1946. Acervo *Arquivo Nacional/RJ*, Brasil.....223
81. Gueto de Radom. Polônia, 1940. Fotografia não identificado. Acervo *United States Memorial Museum*, EUA. Disponível em <http://www.holocaustresearchproject.org/ghettos/radomgal/Jewish%20market%20in%20Radom%20Ghetto.html>. Acesso em 29 jul. 2022.....225
82. Complexo concentracionário de Auschwitz-Birkenau, Polônia1. Acervo *United States Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt->

- br/gallery/auschwitz-maps. Acesso em 29 jul. 2022.....231
83. Campo de concentração Buna-Monowitz. Polônia, s.d. Fotógrafo não identificado. Acervo *Instituto Fritz Bauer* [Coleção APMO / Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau], Polônia. Disponível em http://www.wollheim-memorial.de/en/kz_bunamonowitz_en. Acesso em 07 jul. 2020..... 233
84. Tatuagem feita no braço direito de Izrael Fajfer na época em que foi aprisionado no complexo concentracionário de Auschwitz-Birkenau. Fotografia de Fernanda Capri. Rio de Janeiro, Brasil, 2018. Acervo *ArqShoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil.....235
85. Campo de Sachsenhausen. Oranienburg, Brandemburgo/Alemanha. Acervo *Holocaust Research Project*, EUA. Disponível em <http://www.holocaustresearchproject.org/othercamps/sachsenhausen.html>. Acesso em 10 out. 2020..... 236
86. Porta principal do campo de concentração de Mauthausen-Gusen. Áustria, s.d. Fotógrafo não identificado. Acervo *Mauthausen Memorial*, Áustria. Disponível em <https://www.mauthausen-memorial.org/en>. Acesso em 28 jun. 2020..... 240
87. Cartão de identificação de Izrael Fajfer como interno do campo concentracionário de Mauthausen. Áustria, 25 maio 1945. Acervo *Israel Fajfer/RJ*, Brasil.....243
88. Cartão que permitia a Izrael Fajfer retirar alimentos. Mauthausen, Áustria, s/d. Acervo *Israel Fajfer/RJ*, Brasil.....244
89. Da direita para esquerda: Izrael Fajfer, sua esposa Clara com o bisneto Theo (no colo) e Fany Goldwasser. Rio de Janeiro. 2017. Foto de Denise Fajfer Goldwasser. Acervo *Denise Fajfer Goldwasser/RJ*, Brasil.....250
90. Marguerite Hirschberg com sua cesta do Rosh Hashaná. Rio de Janeiro, 20 out. 2014. Fotógrafo não identificado. Acervo *Projeto Dorot – ONG Yadaim/RJ* (Brasil). Disponível em <https://www.facebook.com/1545426999026330/photos/pb.1545426999026330.-2207520000.1475241760./1545498169019213/?type=3&theater>. Acesso em 30 jul. 2022..... 251

91. Loja de Lina Stein na Friedrichstrasse, n. 1 , Meckesheim, Alemanha , s.d Fotografia Siegbert Luksch. Reproduzido do jornal *Rhein-Neckar-Zeitung*, Alemanha. Disponível em https://www.rnz.de/nachrichten/region_artikel,-erste-stolpersteine-inmeckesheim-juedische-familien-symbolisch-in-die-dorf-gemeinschaft-zurueckgeholt-_arid,339255.html. Acesso em 21 out. 2020..... 252
92. Árvore genealógica da família de Marguerite, manuscrito em análise pela equipe Arqshoah. São Paulo, s.d. Acervo *Marguerite Hirschberg/RJ; Arqshoah-Leer/USP*, Brasil.....253
93. Alunos judeus em uma sala de aula na escola Philanthropin em Frankfurt, Alemanha, c. 1937-1938. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Proveniência Lore Gotthelf Jacobs. Número da fotografia 30922. Disponível em <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1108659>. Acesso em 09 jul. 2020..... 254
94. Theresienstadt, mapa recortado de um documento original e montado em papel preto em um álbum montado por um sobrevivente. Tchecoslováquia (atual República Tcheca), s.d. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Cortesia de Henry Kahn . Número da fotografia 42024. Disponível em <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1129215>. Acesso em 09 jul. 2020..... 254
95. Mapa de Terezin e o rio Ohre. Tchecoslováquia, atual República Tcheca). *Google Maps*, EUA..... 257
96. Marguerite Hirschberg, retrato reproduzido no livro *Jüdisches Leben in Meckesheim bis 1940. Die vergessene Geschichte eines Kraichgaudorfes*. WOLBER, Edith. *Jüdisches Leben in Meckesheim bis 1940. Die vergessene Geschichte eines Kraichgaudorfes*. Basel, Verlag Regionalcultur, 2015, p. 113..... 259
97. Tomas Venetianer com os pais Alexander e Lazbeta Venetianer. Tchecoslováquia (atual Eslováquia), s/d. Fotógrafo não identificado. Acervo *Tomas Venetianer /SP*, Brasil.....260
98. Estrela de David, marca estigmatizada aplicada nas roupas dos judeus. Alemanha, s/d. Fotógrafo não identificado. Reproduzido do jornal *Deutsche Welle*, Bonn, Alemanha. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/estrela-de-judeu-s%C3%ADmbolo-de-discrimina%C3%A7%C3%A3o-e-morte/a-19518174>. Acesso em 30 jul. 2022..... 262

99. Campo de concentração de Sered. Tchecoslováquia (atual Eslováquia), 1941-1944. Fotógrafo não identificado. Acervo *Slovensky Narodny Archiv*, Eslováquia. Disponível em <https://www.minv.sk/?oznamy-a-aktuality-1>. Acesso em 30 jul. 2022..... 266
100. Rafael Teitelbaum. s.l., s.d. Fotógrafo não identificado. Reproduzido do jornal *ONU News Perspectiva Global Reportagens Humanas*, EUA. Disponível em <https://news.un.org/pt/audio/2017/01/1196121>. Acesso em 24 out. 2021..... 269
101. Avô [paterno ou materno?] de Rafael Teitelbaum. s.l., s.d. Fotógrafo não identificado. Acervo *Rafael Teitelbaum/RJ*, Brasil..... 269
102. Campo de concentração de Buchenwald. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/buchenwald-maps>. Acesso em 17 out. 2020..... 274
103. Entrada do campo de concentração de Buchenwald. Alemanha, s.d. Fotógrafo não identificado. Acervo *Buchenwald Memorial*, Alemanha. Disponível em <https://www.buchenwald.de/en/926/>. Acesso em 17 out. 2020..... 274
104. Ficha de Rudolf Deitelbaum [Rafael Teitelbaum] como prisioneiro do campo de Buchenwald. Documento recuperado por Rafael, do escritório nazista, após sua liberação do campo. Alemanha, 1944. Acervo *Rafael Teitelbaum/RJ*, Brasil..... 278
105. Documento de identificação provisório de Rudolf [Rafael] Teitelbaum, expedido pelas forças norte-americanas para identificação dos ex-prisioneiros do campo de Buchenwald. Buchenwald, 5 maio 1945. Acervo *Rafael Teitelbaum/RJ*, Brasil..... 279
106. Documento de permissão em nome de Detelbaum Rudolf [Rafael Teitelbaum] para entrada na Palestina. Haifa, 16 jul. 1945. Acervo *Rafael Teitelbaum/RJ*, Brasil..... 280
107. Adam Getlinger. São Paulo, 26 set. 2019. Fotografia de Raissa Alonso. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil..... 281

108. Louis Frankenberg. São Paulo, 29 maio 2018. Foto de Esther Neistein. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil.....305
109. Louis Frankenberg diante da sua residência em Alkmaar, Holanda, s/d. Fotografia não identificado. Acervo *Louis Frankenberg/Porto Alegre*, Brasil.....306
110. Sinagoga *Beet David Synagoge*. Alkmaar, Holanda, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *Beet David Synagoge te Alkmaar*, Holanda. Disponível em <https://alkmaarsesynagoge.nl/> Acesso em 08 nov. 2020..... 307
111. Campo de trânsito de Westerbork, Holanda, 1942. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Disponível em https://www.ushmm.org/wlc/en/media_nm.php?ModuleId=10005217&MediaId=461. Acesso em 15 nov. 2020..... 309
112. Fachada do prédio onde os pais de Louis Frankenberg esconderam-se. Reproduzido do site *Google Maps*, EUA. Disponível em <https://www.google.com/maps/@52.3546116,4.8842973,3a,75y,262.15h,92.99t/data=!3m6!1e1!3m4!1sHhyPkrFarFexYgQWtc8bSQ!2e0!7i16384!8i8192>. Acesso em 15 nov. 2020..... 311
113. *Hollandsche Schouwburg*, teatro no bairro de Plantage. Amsterdã, Holanda, s.d. Fotografia não identificado. Reproduzido da home-page *Amsterdam Info* [site], Holanda. Disponível em https://www.amsterdam.info/jewish/hollandsche_schouwburg/. Acesso em 15 nov. 2020..... 312
114. Campo de extermínio de Sobibor, na Polônia, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/sobibor-abridged-article>. Acesso em 15 nov. 2020..... 313
115. Deportação de prisioneiros do campo de trânsito de Westerbork supervisionados por membros da polícia judaica. Holanda, c. 1943-1944. Fotografia não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/deportation-from-westerbork-1>. Acesso em 15 nov. 2020..... 315

116. Uma das criança judias, dentre as quais estava Louis, libertada pela missão diplomática de Jean-Marie Musy, presidente da Suíça. Saint Gallen, Suíça, 11 de fevereiro de 1945. Fotógrafo Walter Scheiwiller. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Cortesia de Stadtarchiv (Vadiana) St. Gallen. Disponível em <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1121405>. Acesso em 01 dez. 2020..... 319
117. Mina Seinfeld Carakushansky. Rio de Janeiro Brasil, 2017. Fotógrafo não identificado. Acervo *Mina Carakushansky/RJ*, Brasil.....327
118. Chaja Frieda Finkelstein. Rio de Janeiro, Brasil, s/d. Fotógrafo não identificado. Acervo *Chaja Finkelstein/RJ*, Brasil.....337
119. Chawa Salztrager Reis. Fotografia reproduzida da Ficha Consular de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Paris, França, 24 nov. 1948. Fotógrafo não identificado. Acervo *Arquivo Nacional/RJ*, Brasil.....338
120. Ruwen Reis. Fotografia reproduzida da Ficha Consular de Qualificação – Consulado Geral do Brasil. Paris, França, nov. 1948. Fotógrafo não identificado. Acervo *Arquivo Nacional/RJ*, Brasil.....338
121. Certidão de casamento de Ruwen Reis e Chawa Salzträger. Wolfratshausen, Alemanha, 22 out. 1946. Acervo *Chaja Finkelstein/RJ*, Brasil.....339
122. Chaja Finkelstein. Rio de Janeiro, Brasil, s/d. Fotógrafo não identificado. Acervo *Chaja Finkelstein/RJ*, Brasil.....340
123. Segundo Chaja, sua mãe está atrás do menino com um lenço amarrado na cabeça. Varsóvia, 18 jan. 1943. Reproduzido do jornal *Deutsche Welle*, Bonn, Alemanha. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/1943-levante-no-gueto-de-vars%C3%B3via/a-500871> Acesso em 30 jul. 2022..... 344
124. Lise Forell, sem título, óleo sobre tela, 50x60. São Paulo, Brasil, 1977. Acervo *Forell/SP*; *Arqshoah-Leer/USP*, São Paulo, Brasil.....352

125. Lise Forell, *Freizeitgestaltung*, óleo sobre tela 50x60. São Paulo, Brasil, 2000. Acervo *Forell/SP*; *Arqshoah-Leer/USP*, São Paulo, Brasil.....352
126. Lise Forell, *Campo de Concentração*, óleo sobre papel 50x70. São Paulo, Brasil, 1943. Acervo *Forell/SP*; *Arqshoah-Leer/USP*, São Paulo, Brasil.....353
127. Ruth Sprung Tarasantchi no colo de sua mãe Paula Dohan Sprung. Acervo *Arqshoah/Leer-USP*, São Paulo, Brasil. Disponível em <https://www.arqshoah.com/sobreviventes-testemunhos/5362-st-54-tarasantchi-ruth-sprung>. Acesso em 02 jan. 2021..... 360
128. Crianças prisioneiras no campo de Theresienstadt. Tchecoslováquia (atual República Tchea), s.d. Fotografia não identificado. Acervo *Wikimedia Commons*, EUA. Disponível em <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/09/Theresienstadt.jpg>. Acesso em 30 jul. 2022..... 362
129. Crianças marcada com a Estrela de David executando trabalhos forçados em uma fábrica. Fotografia não identificado. Kovno, Lituânia, c. 1941-1944. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Cortesia de George Kadish/Zvi Kadushin. Disponível em <https://www.ushmm.org/>. Acesso em 30 jul. 2022..... 363
130. Criança judia fotografada com a cicatriz deixada pelos “médicos” da SS que retiraram seus nódulos linfáticos, sendo uma das 20 (vinte) crianças injetadas com germes da tuberculose como parte de uma “experiência médica”. Todas foram assassinadas em 20 de abril de 1945. Campo de Concentração de Neuengamme, Alemanha, c. dezembro de 1944 - fevereiro de 1945. Fotografia não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://www.ushmm.org/>. Acesso em 30 jul. 2022..... 363
131. Bebês atrás do arame farpado no acampamento de Gurs, Vichy, em Basses-Pyrénées. França, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *French Children of the Holocaust: A memorial – Serge Klarsfeld*, Texas, EUA. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0020.shtml>. Acesso e 31 jan. 2022..... 366
132. Três páginas do documento de transporte com os nomes de crianças judias de Białystok que foram deportadas para Auschwitz do campo do gueto em Terezin em 5 de outubro de

- 1943 em um “transporte especial” marcado como Dn/a. As 1.196 crianças deste transporte e seus professores (a primeira página da lista) foram mortos na câmara de gás imediatamente à chegada a Birkenau. Polônia, 1943. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN/?fbclid=IwAR3Qhm9qSnsjfhBMf4kqkdw-KIORQtwse568DrazWpun6zoxA5uP88asFjo. Acesso em 20 ago 2022..... 369
133. Halina Grynstein. S/l, c.1945-1946. Fotógrafo não identificado. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN/?fbclid=IwAR3Qhm9qSnsjfhBMf4kqkdw-KIORQtwse568DrazWpun6zoxA5uP88asFjo. Acesso em 20 ago 2022..... 372
134. Józio Fefferling-Gomez, nascido no campo de concentração de Auschwitz em 18 de abril de 1943, registrado como número de preso 155910, filho da judia polonesa Anna Fefferling, que no campo se fazia passar por uma polonesa católica, Anna Katz. Ambos viveram para ver a libertação de Auschwitz e se estabeleceram na França após a guerra. Polônia, s/d. Fotógrafo não identificado. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN/?fbclid=IwAR3Qhm9qSnsjfhBMf4kqkdw-KIORQtwse568DrazWpun6zoxA5uP88asFjo. Acesso em 20 ago 2022..... 376
135. “Álbum de Auschwitz” descoberta pela detenta Lily Jacob nas dependências do campo de concentração de Mittelbau-Dora na primavera de 1945. A fotografia apresenta principalmente o evento que ocorreu na rampa de Birkenau durante a seleção de um transporte que chegou da Hungria em 26 de maio de 1944. As mulheres e crianças na foto foram enviadas juntas para a câmara de gás. Polônia, 1944. Fotógrafo não identificado. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN/?fbclid=IwAR3Qhm9qSnsjfhBMf4kqkdw-KIORQtwse568DrazWpun6zoxA5uP88asFjo. Acesso em 20 ago 2022..... 377
136. O registro de emprego de detentas em Auschwitz II–Birkenau. Em 5 de outubro de 1944, 961 meninas menores permaneceram no Durchgangslager [campo de trânsito]. Em 21 de outubro havia apenas 110 deles, e em 1º de novembro, apenas dois. Polônia, 1944. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN/?fbclid=IwAR3Qhm9qSnsjfhBMf4kqkdw-KIORQtwse568DrazWpun6zoxA5uP88asFjo. Acesso em 20 ago 2022..... 378

137. A primeira página da lista, com os nomes dos meninos judeus presos no subcampo de Trzebinia. Na época e o mais novo, Heinrich Horti, tinha quase 14 anos. Polônia, 21 ago 1944. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN/?fbclid=IwAR3Qhm9qSnsjfhBMf4kqkdw-KIORQtwse568DrazWpun6zoxA5uP88asFjo. Acesso em 20 ago 2022..... 379
138. Página do livro do bunker na qual Hirsch Jablonowski, número 76334, está registrado. Polônia, s/d. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN/?fbclid=IwAR3Qhm9qSnsjfhBMf4kqkdw-KIORQtwse568DrazWpun6zoxA5uP88asFjo. Acesso em 20 ago 2022..... 380
139. Luigi Ferri com seu guardião do acampamento, Dr. Otto Wolken. Cracóvia, abr. 1945. Fotógrafo não identificado. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN/?fbclid=IwAR3Qhm9qSnsjfhBMf4kqkdw-KIORQtwse568DrazWpun6zoxA5uP88asFjo. Acesso em 20 ago 2022..... 382
140. Despacho do médico da SS para o laboratório do SS-Hygiene Institute, com instruções para realizar a análise de amostras de sangue colhidas de gêmeos encarcerados no Quartel 14 que fazia parte do hospital do acampamento masculino em Birkenau (Setor BIIf). Polônia, 26 maio 1944. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN/?fbclid=IwAR3Qhm9qSnsjfhBMf4kqkdw-KIORQtwse568DrazWpun6zoxA5uP88asFjo. Acesso em 20 ago 2022..... 383
141. Lista de 12 meninos, cujo sangue foi coletado para teste. Onze deles foram selecionados para experimentos em Sachsenhausen em setembro. Polônia, 11 ago 1943. Acervo *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN/?fbclid=IwAR3Qhm9qSnsjfhBMf4kqkdw-KIORQtwse568DrazWpun6zoxA5uP88asFjo. Acesso em 20 ago 2022..... 384
142. Divisão da França, indicando os 90 departamentos, a linha de demarcação entre as zonas de Vichy e as áreas ocupadas, e alguns dos principais campos de internamento. Acervo *French Children of the Holocaust: A memorial Serge Klarsfeld*, Texas, EUA. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0094.shtml>. Acesso em 06 fev. 2022..... 385

143. Vélodrome d'Hiver no momento das prisões. Paris, 16 jul. 1942. Fotografia não identificado. Acervo *French Children of the Holocaust: A memorial Serge Klarsfeld*, Texas, EUA. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0040.shtml>. Acesso em 06 fev. 2022..... 390
144. Campo de Drancy. França, 3 dez. 1942. Fotografia Wagner (do serviço de propaganda alemão). Acervo *French Children of the Holocaust: A memorial Serge Klarsfeld*, Texas, EUA. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0050.shtml>. Acesso em 06 fev. 2022..... 393
145. Reportagem com os nomes das crianças deportadas pela Gestapo da região de Lyon, 19 fe. a 11 out. 1944. Acervo *Déportes de Lyon*, França. Disponível em <https://www.deportesdelyon.fr/>. Acesso e 30 jan 2022..... 400
146. Crianças do orfanato *Beiss Yessoim* em La Varenne Saint-Hilaire. França, 4 mar. 1943. Fotografia não identificado. Acervo *French Children Of The Holocaust: A memorial Serge Klarsfeld*, Texas, EUA. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0055.shtml>. Acesso em 06 fev. 2022..... 401
147. Telex de Klaus Barbie, enviado na noite de 6 de abril de 1944, às 20h10, endereçado ao chefe da polícia de segurança e dos serviços de segurança na França, aos cuidados do Departamento de Assuntos Judaicos da Gestapo. O texto informa o cerco à colônia de Izieu, conta as pessoas presas e menciona seu transporte para Drancy em 7 de abril de 1944. Acervo *Maison d'Izieu*, França. Disponível em <https://www.memorializieu.eu/le-memorial/histoire-pourquoi-des-enfants-juifs-a-izieu/le-6-avril-1944/> Acesso em 25 jan. 2021..... 402
148. Da esquerda para a direita: Jean-Claude Benguigui, Richard Benguigui, Jacques Benguigui. Colônia de Izieu, França, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *Coleção Serge Klarsfeld*, Texas, EUA. Disponível em <https://www.deportesdelyon.fr/les-archives-par-famille-a-m/enfants-benguigui>. Acesso em 31 jan. 2022. 406
149. Crianças no acampamento francês de Poitiers. França, s.d. Fotografia não identificado. Acervo *French Children of the Holocaust: A memorial – Serge Klarsfeld*, Texas, EUA. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust->

- history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0020.shtml. Acesso em 31 jan. 2022..... 407
150. Naftaly Sztajnberg, extraída dos arquivos do projeto “*Remember Me?*”. Indersdorf, Alemanha, out. 1945. Fotografia não identificado. Acervo *United States Holocaust Memorial Museum*, EUA. Disponível em <https://rememberme.ushmm.org/pages/child/naftaliszajnberg-114>. Acesso em 02 abr. 2022..... 406

ARQUIVOS (Físicos e Digitais)

Acervo Blanka Tredler Arditti (São Paulo, Brasil).
Acervo Chaja Finkelstein (Rio de Janeiro, Brasil).
Acervo Daphner Rattner (São Paulo, Brasil).
Acervo Denise Fajfer Goldwasser (Rio de Janeiro, Brasil).
Acervo Eric Chaim Kline (EUA).
Acervo Freudeheim (São Paulo, Brasil).
Acervo Israel Fajfer (Rio de Janeiro, Brasil).
Acervo Izabela London (Rio de Janeiro, Brasil).
Acervo Lise Forell (São Paulo, Brasil).
Acervo Louis Frankenberg (Porto Alegre, Brasil).
Acervo Madeleine Mansur (Rio de Janeiro, Brasil).
Acervo Marguerite Hirschberg (Rio de Janeiro, Brasil).
Acervo Mina Carakushansky (Rio de Janeiro, Brasil).
Acervo Rafael Teitelbaum (Rio de Janeiro, Brasil).
Acervo Rolande Fichberg (Rio de Janeiro, Brasil).
Acervo Ruth Tarasantchi (São Paulo, Brasil).
Acervo Tomas Venetianer (São Paulo, Brasil).
Acervo Wikimedia Commons (EUA).
Amsterdam Info [site] (Holanda).
Arqshoah/Leer-USP (São Paulo, Brasil).
Arquivo Histórico Judaico (Rio de Janeiro, Brasil).
Arquivo Nacional (Rio de Janeiro, Brasil).
Arquivo Virtual sobre Holocausto e Antissemitismo – ARQSHOAH (São Paulo, Brasil).
Auschwitz-Birkenau Memorial (Polônia)
Auschwitz-Birkenau State Museum (Polônia).
Beet David Synagoge te Alkmaar (Holanda)
Beet David Synagoge te Alkmaar (Holanda)
Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro, Brasil)
Buchenwald Memorial (Alemanha).
Coleção Serge Klarsfeld (França).
Déportes de Lyon (França)
Deposiphotos (Nova Iorque, EUA).

Deutsches Bundesarchiv [German Federal Archive] (Alemanha).
 Family Search.Org (EUA).
 French Children of the Holocaust: A memorial – Serge Klarsfeld (Texas, EUA).
 Google Earth (EUA).
 Google Maps (EUA).
 History of Sorts [site] (EUA).
 Holocaust Research Project (EUA).
 Imagem e Guerra (São Paulo, Brasil).
 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Brasil).
 Instituto Fritz Bauer [Coleção APMO / Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau], (Polônia).
 Lebensborn Children (EUA).
 Maison d’Izieu (França).
 Mauthausen Memorial (Áustria).
 Memorial de Terezin (Tchecoslováquia, atual República Tcheca).
 Memorial Gusen Committee (Áustria).
 Museu de Belas Artes (Boston, EUA).
 OSE – Œuvre de Secours aux Enfants [Children’s Welfare Organization] (França).
 Projeto Dorot – ONG Yadaim (Rio de Janeiro, Brasil).
 Slovensky Narodny Archiv (Eslováquia).
 Sociedade Afro-Americana de História Intelectual – AAIHS (Pensilvânia, EUA).
 The Editors of Encyclopaedia Britannica (EUA).
 UNESCO (EUA)
 United States Holocaust Memorial Museum (EUA).
 Wollheim Memorial (Alemanha)
 Yad Vashem (Israel).

FONTES

Affiches:

<https://dirkdeklein.wordpress.com/category/world-war-2/page/84/?iframe=true&preview=true%2Ffeed%2F>

<https://www.dw.com/pt-br/1933-hitler-assumia-o-poder-na-alemanha/a-16562683>

<https://www.pamatnik-terezin.cz/>

Livros de memória e autobiografias:

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel (Orgs.). *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil: 1933-2017* / Maria Luiza Tucci Carneiro, Rachel Mizrahi, organizadoras – S. Paulo: Maayanot, 2017. – (Série Vozes do Holocausto, v. 2).

_____. *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil: 1933-2017* / Maria Luiza Tucci Carneiro, Rachel Mizrahi, organizadoras – S. Paulo : Maayanot, 2018. – (Série Vozes do Holocausto ; v. 3)

_____. *Histórias de vida: refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah – Brasil: 1933-2017* / Maria Luiza Tucci Carneiro, Rachel Mizrahi, organizadoras – S. Paulo : Maayanot, 2017. – (Coleção Vozes do Holocausto, v. 1).

CZERESNIA, Fiszal. *Uma história para meus netos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

FICHBERG, Rolande Paule. *Meus companheiros de viagem*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2010.

HERSCOVICI, Betty; CASTRO, Malu. *Transnístria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Humanitas, 2014.

KIELMANOWICZ, Klara. *Uma marcha, uma vida, um legado* / Klara Kielmanowicz – São Paulo: Humanitas, 2016.

KUSTIN, Sabina. *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto* / Sabina Kustin. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2012.

LONDON, Esther. *Vivência judaica em Nilópolis*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

MIESZKOWSKA, Anna. *A História de Irena Sendler – A mãe das crianças do Holocausto*. São Paulo: Savaiva, 2014.

SCHAJER, Samuel. *Relatos de um sobrevivente: memórias de Samuel Schajer*. Porto Alegre: Ed. Suliani Letra e Vida, 2008.

Filmes:

COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*. Título Original Undergångens arkitektur. Direção Peter Cohen. Suécia, 1992 – 121 minutos.

VIEIRA, Radamés (Dir.). *Novos lares – judeus de Nilópolis*. Brasil: ProSol, 2009 – 77 minutos.

Jornais, revistas e periódicos:

BBC News Brasil (Brasil).

Jornal Correio da Manhã (Rio de Janeiro, Brasil).

Jornal Deutsche Welle (Bonn, Alemanha).

Jornal Folha da Manhã (atual Folha de São Paulo)

Jornal ONU News Perspectiva Global Reportagens Humanas (EUA).

Jornal Público (Lisboa, Portugal).

Jornal Rhein-Neckar-Zeitung (Alemanha).

Jornal The Daily Mirror (Inglaterra).

Jornal The New York Times (Nova Iorque, EUA).

ONEDIO – Sosyal İçerik Platformu (Turquia).

Revista ISTO É (São Paulo, Brasil).

Revista Superinteressante (São Paulo, Brasil).

Revista Veja (São Paulo, Brasil).

The Telegraphic (Inglaterra).

Testemunhos, documentários e discursos:

ALEXANDER Kurt. Testemunho concedido por Déborah Alexander à Fernanda Capri. Câmera, Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 08 set. 2017. Arqshoah/Leer-USP.

ARDITTI, Blanka Tredler. Testemunho concedido por Blanka Tredler Arditti à Rachel Mizrahi, câmera: Lais Rigatto. Entrevista e transcrição Rachel Mizrahi, iconografia: Nanci do Nascimento Souza e Samara Konno, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, . São Paulo, 23 nov. 2018. Arqshoah/Leer-USP.

CARAKUSHANSKY, Mina. Testemunho concedido por Mina Carakushansky à Fernanda Capri. Câmera, Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 19 fev. 2018. Arqshoah/Leer-USP.

DALTROFF-BATICIE, Odette. “Testemunho”. *French Children of the Holocaust: A Memorial Serge Klarsfeld*. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0047.shtml>. Acesso em 06 fev. 2022.

DAVIDOWICZ, Zofia. Testemunho concedido por Zofia Davidowicz à Rachel Mizrahi e Esther Nestein, transcrição Rachel Mizrahi, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 20 jan. 2020. Arqshoah/Leer-USP.

DISCURSO “*Deutsches Frauentum*,” Signale der neuen Zeit. 25 ausgewählte Reden von Dr. Joseph Goebbels (Munich: Zentralverlag der NSDAP, 1934), pp. 118-126. Tradução do German Propaganda Archive, da Calvin College, disponível em: <<http://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/goeb55.htm>>.

FAJFER, Izrael. Documentário da história da Izrael Fajfer gentilmente cedido pela família ao Arqshoah/Leer-USP. Acervo *Izrael Fajfer*. Rio de Janeiro, 9 abr. de 2013.

EPSTEIN, Berthold. Zespól Proces Hössa, vol. 5, pág. 23–36 – trecho do depoimento de uma testemunha, ex-presidiário número 79104, professor de pediatria, Berthold Epstein, no julgamento de Rudolf Höss, ex-comandante de KL Auschwitz. . Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN. Acesso em 20 ago 2022.

FICHBERG, Rolande Paule; ROZEN, Mauricette; MANSUR, Madeleine. Testemunho concedido pelas irmãs Mauricette Rozen e Rolande Paule Fichberg em conjunto com Madeleine Mansur à Silvia Lerner e Fernanda Capri, câmara: Vitor Gomes, transcrição e iconografia Fernanda Capri, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 16 abr. 2016. Arqshoah/Leer-USP.

FINKELSTEIN, Chaja. Testemunho concedido por Chaja Finkelstein à Fernanda Capri. Câmera, transcrição e iconografia: Fernanda Capri, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 05 mar. 2018. Arqshoah/Leer-USP.

FRANKENBERG, Louis. Testemunho concedido por Louis Frankenberg à Maria Luiza Tucci Carneiro, Esther Neistein e Rachel Mizrahi, iconografia Esther Neistein e transcrição de Rebeca Moura, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 29 maio 2019. Arqshoah – Leer/USP.

GETLINGER, Adam. Testemunho concedido por Adam Getlinger à Maria Luiza Tucci Carneiro, Esther Neistein e Rachel Mizrahi, iconografia Raissa Alonso e transcrição de Rebeca Moura, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 26 set 2019. Arqshoah/Leer-USP.

GEWERTZ, Cecília. Testemunho de Cecília Gewertz à Rachel Mizrahi, Lilian Souza e Sarita Saruê. Câmera Lilian Souza e transcrição de Laís Rigatto Cardilo, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*., São Paulo, 17 abr. 2013. Arqshoah/Leer-USP.

GOLDMAN, Isack. Testemunho de Isack Goldman concedido à Fernanda Capri para a dissertação de Mestrado intitulada como *Nilópolis e as Memórias Judaicas* (2012). Entrevistadora, câmara e transcrição: Fernanda Capri. Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 2011.

GOLDWASSER, Fania. Testemunho concedido por Roberto Goldwasser e Rosane Goldwasser à Fernanda Capri. Câmera, Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 04 maio 2017. Arqshoah/Leer-USP.

HAZAN, Katy. “Témoignage. Le réseau Garel, un circuit clandestin de sauvetage d’enfants”. In: OSE [site]. Disponível em <https://www.ose-france.org/wp-content/uploads/2021/04/Le-reseau-Garel-un-circuit-clandestin-de-sauvetage-denfants.pdf>. Acesso em 27 jan. 2022.

HIRSCHBERG, Marguerite. Testemunho concedido por Marguerite Hirschberg à Fernanda Capri, Maria Luiza Tucci Carneiro e Silvia Lerner, transcrição e câmera Fernanda Capri, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 04 out 2017. Arqshoah/Leer-USP.

KLACER, Ludek. Mirosław Karny, Obóz familijny w Brzezince (BIb) dla Żydów z getta Theresienstadt, [in:] *Zeszyty Oświęcimskie*”, No. 20, Oświęcim 1993, p. 175, depoimento de um ex-presidiário, Ludek Klacer. Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN. Acesso em 20 ago 2022.

KLEINBERG, Daniel. Testemunho de Daniel Kleinberg em conjunto com sua irmã Frida Kleiberg London, concedido à Fernanda Capri para a dissertação de Mestrado intitulada como *Nilópolis e as Memórias Judaicas* (2012). Entrevistadora, câmera e transcrição: Fernanda Capri. Rio de Janeiro, 16 dez. 2011 e 24 jan. 2012.

LERNER, Silvia Rosa Nossek. Testemunho concedido por Silvia Rosa Nossek Lerner à Fernanda Capri. Entrevista, câmera e transcrição Fernanda Capri, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 15 set. 2017. Arqshoah/Leer-USP.

LICHTSTEIN, Sarah. Testemunho. *French Children of the Holocaust: A memorial Serge Klarsfeld*. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0974.shtml>. Acesso em 06 fev 2022.

LONDON, Frida Kleinberg. Testemunho de Frida Kleinberg London em conjunto com seu irmão Daniel Kleinberg, concedido à Fernanda Capri para a dissertação de Mestrado intitulada como *Nilópolis e as Memórias Judaicas* (2012). Entrevistadora, câmera e transcrição: Fernanda Capri. Rio de Janeiro, 16 dez. 2011 e 24 jan. 2012.

LONDON, Izabela Paula. Testemunho concedido por Izabela Paula London à Fernanda Capri e Landirleya Reis. Câmera Landirleya Reis, transcrição e iconografia Fernanda Capri, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 23 mar. 2017. Arqshoah/Leer-USP.

PESSO, Isaak. Testemunho concedido por Isaak Pessa à Rachel Mizrahi, Lilian Souza e Priscila Freitas, câmera: Raíssa Alonso e Laís Rigatto Cardilo, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 26 nov. 2006. Arqshoah/Leer-USP.

PRENTKI, Alfredo. Testemunho de Alfredo Prentki concedido à Fernanda Capri para a dissertação de Mestrado intitulada como *Nilópolis e as Memórias Judaicas* (2012). Entrevistadora, câmera e transcrição: Fernanda Capri. Rio de Janeiro, 16 dez 2011 e 24 jan. 2012.

PRESZBURGER, Otto. Akta Radzieckiej Komisji Badania Zbrodni Niemieckich w KL Auschwitz – sygn. IZ, Vol. 3, k. 78/511-I/1, depoimento de Otto Preszburger, de 13 anos (nº B-12659). . Disponível em http://lekcja.auschwitz.org/dzieci_EN. Acesso em 20 ago 2022.

SARFATIS, Victoria; SARFATIS, Riqueta. Testemunho concedido por Riqueta e Victoria Sarfatis à Rachel Mizrahi e Sarita Mucinic Saruê, gravação em áudio e vídeo: Raíssa Alonso e Laís Rigatto Cardilo, transcrição: Maria Luiza, pesquisadores do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 18 out 2016. Arqshoah/Leer-USP.

SCHANZER, Max Wachsmann Testemunho concedido por Max Wachsmann Schanzer à Maria Luiza Tucci Carneiro, Rachel Mizrahi e Lilian Souza, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. Porto Alegre, 20 nov. 2011. Arqshoah/Leer-USP.

SEGRE, Ariella Pardo. Testemunho concedido por Ariella Pardo Segre à Sarita Mucinic Saruê, câmera: Raíssa Alonso, transcrição: Samara Konno, transcrição Tucci Carneiro e Carol Colffield, pesquisas: Blima Lorber e Carol Colffield, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*, São Paulo, 15 e 29 jul. 2015. Arqshoah/Leer-USP.

STERN, Andor. Testemunho concedido por Andor Stern à Rachel Mizrahi e Raíssa Alonso, Câmera Raíssa Alonso, transcrição: Daniel Loeb, pesquisadores do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 27 out. 2015. Arqshoah/Leer-USP.

TEITELBAUM, Rafael. Testemunho concedido por Rafael Teitelbaum à Maria Luiza Tucci Carneiro, com iconografia e transcrição de Rachel Mizrahi. pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, s/d. Arqshoah/Leer-USP.

TREDLER, Jorge. Testemunho de Jorge Tredler concedida à Fernanda Capri, no Rio de Janeiro em 25 maio e 07 jul. 2017. Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri. Arqshoah/Leer-USP.

VENETIANER, Tomas. Testemunho concedido por Tomas Venetianer à Sarita Sarue, Laís Rigatto e Lilian, com transcrição de Rebeca Moura, pesquisadoras do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 04 out 2016. Arqshoah/Leer-USP.

WEISER, Jorge. Testemunho concedido por Jorge Weiser à Laura L. de Natali pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. São Paulo, 24 out. 2017. Arqshoah/Leer-USP.

ZIMETBAUM, Rafael. Testemunho concedido por Rafael Zimetbaum à Fernanda Capri. Câmera, Transcrição e Iconografia: Fernanda Capri, pesquisadora do Projeto *Vozes do Holocausto*. Rio de Janeiro, 03 out. 2017. Arqshoah/Leer-USP.

BIBLIOGRAFIA

Livros:

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008

AMOSSEY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Ruth Amossy (org.) São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Introdução: Da noção retórica de ethos a análise do discurso. In: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Ruth Amossy (org.) São Paulo: Contexto, 2005, pp.9-28.

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2014.

_____. *As origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BARBOSA, Renata Mazzeo. *Judeus em tempos de guerra: a comunidade judaica e os “súditos do eixo”*. São Paulo: Humanitas/FAPESP: Proin, 2011.

BARTOLETTI, Susan Campbell. *A juventude hitlerista: a história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram*. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

BENEDICT, Ruth. A ciência do costume. In: *Padrões de cultura*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2000. p. 13-32.

BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Editora Summus, 1984.

BESSEL, Richard. *Political Violence and the Rise of Nazism: The Storm Troopers in Eastern Germany 1925-1934*. New Haven: Yale University Press, 1984.

BHABHA, Homi K.: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BIDDIS Michael D., *Father of Racist Ideology: The Social and Political Thought of Count Gobineau*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1970.

- BLEUEL, Hans Peter. *O sexo na Alemanha Nazista*. Tradução de Theobaldo de Souza. Rio de Janeiro: Senegra, 1972.
- BOCK, Gisela. *Storia, Storia delle donne, Storia di genere*. Firenze: Estro Strumenti, 1988.
- BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (org) *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo, Ática, 1987, cap.2, pp. 16-41.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org). *Olhares sobre a Liberdade*. CIP, espaço de resistência e memória. Textos de Fernanda Tomchinsky-Galanternik, Maria Luiza Tucci Carneiro, Michel Schlesinger, Ruben Sternschein, 1ª edição. São Paulo: editora Olhares sobre a Liberdade. CIP, 2018.
- _____ (org.). *O anti-semitismo nas Américas: memória e história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2007.
- _____. *Cidadão do Mundo: O Brasil diante do Holocausto e Judeus refugiados do nazifascismo (1933-1945)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2010.
- _____. *Dez Mitos Sobre os Judeus*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019.
- _____. *Holocausto. Crime Contra a Humanidade*. São Paulo: Ática, 2000.
- CHASE S. E., “Narrative inquiry: multiple lenses, approaches, voices”, In: Denzin NK, Lincoln YS. *The Sage Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications Inc., 2005, pp. 651-680.
- DAVIES, Norman. *A Europa em Guerra*. Edições 70: Lisboa, 2006.
- _____. *God’s playground: a history of Poland*, vol. II. Nova York: Columbia University Press, 2005.
- EMANUEL, Muriel; GISSING, Vera. *Nicholas Winton and the Rescued Generation: Save One Life, Save the World*. London: Mitchekk Vallentine & Company, 2001.
- FELMAN, Shoshana. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- FEST, Joachim. *Hitler*. 2 volumes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005.
- FIGUEIREDO, N.M.A. *Método e metodologia na pesquisa científica*. 2ª ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.
- FLUSSEM, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007
- FOUCAULT, M. *Nascimento da Biopolítica*. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2010.

- FREUD, Sigmund (1969). Lembranças Encobridoras. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. III, pp. 285-306). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1899).
- _____ (1920/1996). Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 18.
- GEBHARDT, Miriam. *Als die Soldaten kamen: Die Vergewaltigung deutscher Frauen am Ende des Zweiten Weltkriegs*. Deutsche Verlags-Anstalt, München – Germany: 2015.
- GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GILGUN, J. F.; ABRAMS, L. S. Gendered Adaptations. Resilience, and the Perpetration of Violence. In: M. U, *Youth resilience around the world*. Toronto: University of Toronto Press, 1991. pp. 57-70;
- GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GRIFFIN, Roger. *Modernism and Fascism: The Sense of a Beginning under Mussolini and Hitler*. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2007.
- GRÜN, R. Construindo um lugar ao sol: os judeus no Brasil. In: FAUSTO, B (Org.). *Fazer a América: imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999 , pp. 353-382.
- GRYNBERG, M. *Voces del guete de Varsovia*. Tradução Katarzyna Olszewska Somnenberg y Sergio Trigán. Barcelona: Alba Editorial, s.l.u., 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HERF, Jeffrey. *Inimigo Judeu*. Propaganda Nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Trad. Walter Solon. São Paulo: EDIPRO, 2014.
- HIEMER, Ernst. *O Cogumelo Venenoso*, 1938, p. 43.
- HITLER, Adolf. *Minha luta: Mein Kampf*. São Paulo: Editora Moraes, 1983.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2005, p. 24.
- IZQUIERDO, Iván. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias de hoje*. São Paulo: Cultrix, 2013.
- _____. *O Terceiro Reich: carisma e comunidade*. São Paulo: Madras, 2009.
- KOCH, H. W. *A juventude hitlerista: Mocidade traída*. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Ed. Renes, 1973.

- KOIFMAN, Fabio. *Imigrante Ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941- 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- _____. *Quixote nas trevas: o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- KOSELLECK, R. *The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts*. Stanford: Stanford University Press, 2002, pp. 285-326.
- LACAPRA, Dominick. *Writing history, writing trauma*. Johns Hopkins University Press 2001
- LANNOY, François de; CHARITA, Josef. *Panzertruppen: German armored troops 1935-1945*. Bayeux: Heimdal, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp 1994.
- LEVY, Sofia Débora. *Holocausto: Vivência e Retransmissão*. 1ª Ed. São Paulo: Perspectiva: CONIB, 2014.
- _____. *Por dentro do trauma: a perversidade no Holocausto e na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.
- LEWIN, Helena, “Intolerância às minorias: o judeu como estrangeiro”, In: LEWIN, Helena (org.). *Judaísmo e modernidade*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.
- MALAMUD, Samuel. *Recordando a Praça Onze*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1988.
- MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- MANN, Thomas. *Discursos contra Hitler: ouvintes alemãs! (1940-1945)*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2009.
- MAY, Rollo. *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- MICHAUD, Eric. “Soldados de uma idéia” Os jovens do terceiro Reich. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). *História dos Jovens 2 – A época contemporânea*. Tradução de Paulo Neves, Nilson Mulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MÜELLER-HILL, Benno. *Ciência Assassina: como cientistas alemães contribuíram para a eliminação de judeus, ciganos e outras minorias durante o nazismo*. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Xenon ed., 1993.
- NEUMANN, Franz. *Behemoth: Pensamiento y accion en el Nacional Socialismo*. Cidade do México: 1943.
- NOVINSKY, A.; D. Kuperman (orgs.) – *Ibéria Judaica: Roteiros da Memória*. Edusp, São Paulo, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas, SP: editor UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. Tradutores Bethânia S. Mariani [et al.]. 3 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

PÉTREMENT, Simone. *Vida de Simone Weil*. Madri: Editorial Trotta, 1997.

PETRONE, M. T. S. Imigração. In: FAUSTO, Boris (org.). *A história geral da civilização brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930). Tomo III. Vol. 2. 4ª edição. São Paulo: Bertrand Brasil, 1990.

PUNETT, Audrey. *The orphan: a journey to wholeness*. Sheridan: Fisher King Press, 2014.

RAFECAS, Daniel. *Historia de la solución Final – Uma indagação de las etapas que llevaron al exterminio de los judíos europeos*. Buenos Aires: Siglo Veinteuno Editores, 2012.

RAMELLA, “Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios”. In: BJERG, María & OTERO, Hernán (orgs.). *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil, CEMLA – IEHS, pp. 9-21, 1995.

RICOUER, Paul. *Hermenêutica e Ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROSEMAN, Mark. *Os Nazistas e a solução final: a conspiração de Wannsee: do assassinato em massa ao genocídio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROZETT, Robert; SPECTOR, Shmuel (org). *Encyclopedia of the Holocaust*. Jerusalem: Yad Vashem, 2000.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção*. 3ª Edição. São Paulo: Edusp, 2003.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. *As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo*. Braga: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. 1ª edição. São Paulo, Edusp.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2012, p. 48.

_____. *O local da diferença*. Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VON OELHAFEN, Ingrid; TATE, Tim. *As crianças esquecidas de Hitler: a verdadeira história do programa Lebensborn*. Trad. de Rogério Bettoni. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

WIAZOVSKI, Taciana. *O mito do complô judaico-comunista no Brasil: gênese, difusão e desdobramentos (1907-1954)*. São Paulo: Humanitas, 2008.

WOLBER, Edith. *Jüdisches Leben in Meckesheim bis 1940. Die vergessene Geschichte eines Kraichgaudorfes*. Basel, Verlag Regionalkultur, 2015.

Artigos:

BAÍÁ, Joana. Um certo “idischekeit”. Uma breve análise de ideais de educação e cultura progressista na memória da comunidade judaica. In: *XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007. Disponível em <http://cdsa.academica.org/000-108/768.pdf>. Acesso em 08 jun. 2020.

BERMÚDEZ, Angela. Demmin, a pequena cidade alemã onde centenas de pessoas se suicidaram diante da chegada do Exército soviético. In: *BBC News*. Brasil, 9 maio 2020. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52518120>. Acesso em 28 jul 2022.

BOSCOV, Isabela. Os palácios da memória. In: *Revista Veja*, São Paulo, edição 2477, n.19, p. 102, maio, 2016.

BOSI, Ecléa. O campo de Terezin. In: *Estudos Avançados* [online]. 1999, v. 13, n. 37 [Acessado 3 Julho 2021], pp. 7-32. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141999000300002>>. Epub 05 maio 2005.

CARDOSO, Luisa Rita. “Cortina de Ferro”. In: *INFOESCOLA*, Brasil, s.d. Disponível em <https://www.infoescola.com/historia/cortina-de-ferro/>. Acesso em 28 jul. 2020.

CARNEIRO, M. L. T. Rompendo o silêncio: a historiografia sobre o antissemitismo no Brasil (Breaking the silence: the historiography on antisemitism in Brazil) - DOI: 10.5752/P.2237-8871.2012v13n18p79. In: *Cadernos de História*, v. 13, n. 18, p. 79-97, 11 maio 2012.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Legado dos artistas refugiados do Holocausto no Brasil” In: *Ciclo de Seminário sobre a Imigração*. São Paulo: Ed. Mayaanot, 2017.

COLFFIELD, Carol. Arqshoah: espaço virtual de memória e educação sobre os direitos humanos. In: *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 11, n. 21, nov. 2017, p. 38-53. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/12544>. Acesso em 9 set. 2018. p. 38-39.

CONGREGAÇÃO JUDAICA P'NEI OR. “O significado maior do *bar-mitzvá* (5779) – estudo para 24 de maio de 2019 – 18 de iyar de 5779”. In: *Congregação Judaica P'nei Or*, Petrópolis, 23 maio 2019. Seção Estudos. Disponível em <https://pneior.org.br/o-significado-maior-do-bar-mitzva-5779-estudo-para-24-de-maio-de-2019-18-de-iyar-de-5779/>. Acesso em 03 maio 2020.

CYTRYNOWICZ, Roney, “Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial”, In: *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, V. 22, n. 44, 2002, p. 393-423. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 25 set. 2019.

CZECH, Herwing. Hans Asperger, National Socialism, and “race hygiene” in Nazi-era Vienna. In: *Molecular Autism* 9, 29 (2018). Disponível em <https://molecularautism.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13229-018-0208-6>. Acesso em 21 jan. 2019.

DEARO, Guilherme. “Bebê ariano perfeito” da propaganda nazista é judeu. In: *Revista Exame*. São Paulo (Brasil), 2 jul. 2014. Disponível em <https://exame.abril.com.br/mundo/bebe-ariano-perfeito-da-propaganda-nazista-e-judeu/>. Acesso em 21 jan. 2019.

FREITAS, Andrea Cunha. “Um quarto das vítimas do Holocausto morreu em apenas três meses”. In: *Jornal Público*, Lisboa, 05 jan. 2019. Seção Investigação. Disponível em <https://www.publico.pt/2019/01/05/ciencia/noticia/quarto-vitimas-holocausto-morreu-apenas-tres-meses-1856705>. Acesso em 21 jan. 2019.

GEHLEN, Rejane Seitenfuss. A guerra de clara: um diálogo possível entre literatura, história e memória. In: *Revista Literatura em Debate*, v. 4, Dossiê Especial, jan., 2010, p. 63-71.

GILGUN, J. F. Lived Experience, Reflexivity, and Research on Perpetrators of Interpersonal Violence. In: *Qualitative Social Work*, v.7, n. 2, 1991 p. 181-197. Disponível em: http://cend.umn.edu/ssw/documents/Gilgun_PDFs/LivedExperience-030107.pdf. Acesso em: 06 dez 2020.

_____. *We shared something special: The Moral discourses of Incest Perpetrators*. In: *Journal of Marriage and the Family*, v. 57, n. 2; may, p. 265-281, 1995.

GUIMARÃES, Maria João. “Polónia, o maior de todos os paradoxos do Holocausto”. In: *Jornal Público*, Lisboa, 01 fe. 2018. II Guerra Mundial. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/02/01/mundo/noticia/polonia-o-maior-de-todos-os-paradoxos-do-holocausto-1801648>. Acesso em 28 jun. 2020.

JOKURA, Tiago. “O que era a Gestapo? Polícia secreta nazista desempenhou papel importante no regime”. In: Revista *Superinteressante*. São Paulo, 05 set. 2012. Seção História Mundo Estranho. Disponível <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-era-a-gestapo/>. Acesso em 27 maio 2020.

KALIFA, Corinne R. Cartographie des enfants juifs déportés de la région du Rhône, Lyon et cartographie des enfants juifs déportés des Alpes Maritimes (en cours de mise à jour – 2019). In: *Nous étions des enfants: Les témoignages du “Comité Tlemcen”*. Disponível em <https://comejdfrance.wordpress.com/2019/11/20/cartographie-des-enfants-juifs-deportes-de-la-region-du-rhone-lyon-et-cartographie-des-enfants-juifs-deportes-des-alpes-maritimes/>. Acesso em 30 jan. 2022.

KOSCHLAND, Geni. Moishe Manski um herói da floresta entre nós. In: *Revista Morashá*. Edição 66 – Dezembro de 2009. Disponível em <http://www.morasha.com.br/brasil/moishe-manski-um-heroi-da-floresta-entre-nos.html>. Acesso em 21 jul 2021.

KOVÁCS, Maria Júlia. Falando de morte com crianças. In: Revista *psico.usp*, n.2/3, 2016. Disponível em <https://www.ip.usp.br/revistapsico.usp/index.php/30-commentor-2/79-falando-de-morte-com-criancas.htm>. Acesso em 27 jan. 2021

LAMM, Maurice. “Sair de casa durante o shivá”. In: *Associação Israelita de Beneficência Beit Chabad do Brasil*, s.l., s.d. Seção Falecimento. Disponível em http://www.chabad.org.br/ciclodavida/Falecimento_luto/luto/Shiva5.html. Acesso em 08 jun. 2020.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: *Enciclopédia Einaudi*. v. I. Porto: Imprensa Nacional, 1984.

LIA, Cristine Fortes. Identidades Judaicas: as comunidades de conversão na serra gaúcha. In: *INTERAÇÕES*, Belo Horizonte, Brasil, v. 12 n. 22, p. 264-283, ago./dez. 2017.

LOURENÇO NETO, Sydenham. “Imigrantes judeus no Brasil, marcos políticos de identidade”. In: *Locus – Revista de História*. Juiz de Fora, v. 14, n. 2, 2008, p. 223-237.

LYTTON, Charlotte. How Dita Kraus became the librarian of Auschwitz – in her own words. In: *The Telegraphic* [site]. London, 3 fev 2020. Disponível em <https://www.telegraph.co.uk/women/life/dita-kraus-became-librarian-auschwitz/> Acesso em 25 jan. 2022.

MATOS, Edilene Dias; OLIVEIRA, Romildo Batista de, “Nas margens da experiência loboantunesiana: trauma e representação em tempos de guerra”. In: *Contexto*. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, n. 29, 2016/1.

MIZRAHI, Rachel, “Lembranças de crianças e jovens do Holocausto”, In: *VII Jornada Interdisciplinar sobre o ensino do Holocausto*, “Por 1,5 milhão de crianças”. São Paulo: LEER-USP, 2008, p. 96-99.

NEUMANN, Stefan. O crime do nazismo contra as crianças da “Vergonha Negra”. In: *Jornal Deutsche Welle*. Bonn (Alemanha), 09 jan. 2021. Caderno “Alemanha”, História. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br>. Acesso em 06 jun. 2021.

OLIVEIRA, Jean Gomes de. “Hans Asperger: O cientista que cooperou com Nazistas no assassinato sistemático de várias crianças”. In: *Saber atualizado*, s.l., abr. 2018. Seção Ciência, Cultura, Saúde. Disponível em <https://www.saberatualizado.com.br/2018/04/pioneiro-nas-pesquisas-do-autismo.html>. Acesso em 21 jan. 2019.

OLIVEIRA, Sara. Auschwitz – A vida dentro dos campos de concentração nazistas. In: *Isto é Curioso* [site]. São Paulo (Brasil), jan. 2019. Disponível em <https://www.istoecurioso.com/2019/01/os-campos-de-concentracao-nazistas.html>. Acesso em 06 jun. 2021.

PADRÓS, Enrique Serra. A guerra contra as crianças: práticas de sequestro, desaparecimento e apropriação de identidade no século XX. In: *Albuquerque: revista de História*, Campo Grande, MS, v. 6 n. 11 p. 89-119, jan./jun. 2014. pp. 89-119. Disponível em <http://www.seer.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/download/4062/3245>. Acesso em 19 mar. 2019.

PINTO, Tales dos Santos. “Primeira Guerra Árabe-Israelense (1948-1949)”. In: *Brasil Escola*, Brasil, s.d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/primeira-guerra-Arabe-israelense-1948-1949.htm>. Acesso em 28 de julho de 2020.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212. Disponível em <http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em 21 de jan. de 2019.

_____. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

REGO, José Carlos. Teatro revive Auschwitz. Uma Advertência. In: Anexo. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, julho de 1972 Edição 24307. Disponível em

http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_08&pagfis=31845&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em 07out. 2020.

RODRIGUES, Pedro Eurico. Governo de Vichy. In: *Infoescola* [site]. Disponível em <https://www.infoescola.com/historia/governo-de-vichy/>. Acesso em 26 maio 2020.

ROITBERG, José. Quando Marcel Marceau salvou crianças judias durante o Holocausto. In: *Menorah Brasil*, fev., 2018. Disponível em <https://www.menorahnet.com.br/11516-2/>. Acesso em 27 mar 2019.

MONTANDON, C. “*Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa*”. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 112., Março, 2001. Tradução: Neide Luzia de Rezende.

SAYAD, Abdelmalek. “O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante”. In: *Travessia*, 13 (número especial): 7-32, jan. 2000.

SCHWARTZMAN, Simon. Fora de foco: diversidade e identidades étnicas no Brasil. In: *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo: CEBRAP, n. 55, nov. 1999, pp. 83-96.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas”, In: *Psicologia Clínica*, vol. 20, n.1, Rio de Janeiro, 2008, pp. 65-82.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas”. In: *Psicologia Clínica*, vol. 20, n.1, Rio de Janeiro, 2008, pp. 65-82.

SILVA, Daniel Neves. “Guerra Civil Espanhola”. In: *História do Mundo*, Goiás, s.d. Seção Idade Contemporânea. Disponível em <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-civil-espanhola.htm>. Acesso em 27 maio 2020.

_____. “Guerra da Coreia”. In: *História do Mundo*, Goiás, s.d. Seção Idade Contemporânea. Disponível em <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-da-coreia.htm>. Acesso em 25 maio 2020.

_____. “o que é blitzkrieg?”. In: *Brasil Escola* [site]. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-blitzkrieg.htm>. Acesso em 27 maio 2017.

SORJ, B. Anti-semitismo na Europa hoje. In: *Revista Novos Estudos*, 79, nov. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300005#back20 Acesso em 29 jan. 2019.

_____. “Judaísmo pós-moderno e diáspora”, In: BONDER, N.; SORJ, B. *Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo [online]*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, pp.70-89.

SVARTMAN, Bernardo. Trabalho e desenraizamento: um estudo sobre o sofrimento psicossocial gerado pela organização do trabalho fabril. In: *Psic. Rev. São Paulo*, volume 20,

n.2, pp. 221-244, 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/10342> Acesso em 06 jun 2021.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “Banco de Dados de Sobreviventes e Vítimas do Holocausto”. In: *Enciclopédia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível em https://www.ushmm.org/online/hsv/person_view.php?PersonId=4987271. Acesso em 22 jun. 2020.

_____. “Complexo de Auschwitz”. In: *Enciclopédia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br>. Acesso em 25 maio 2020.

_____. “Marchas da Morte”. In: *Enciclopédia do Holocausto*, EUA s.d. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/death-marches-1?series=21822>. Acesso em 07 jul. 2020.

_____. “Mulheres Durante o Holocausto”. In: *Encyclopedia do Holocausto*, EUA, s.d. Seção Galeria. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/women-during-the-holocaust-artifacts>. Acesso em 26 maio 2020.

_____. “O Gueto de Lodz”. In: *Enciclopédia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/animated-map/the-lodz-ghetto>. Acesso em 25 maio 2020.

_____. “Os perpetradores (artigo resumido)”. In: *Enciclopédia do Holocausto*, EUA s.d. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/perpetrators-abridged-article>. Acessado em 9 jan 2020

_____. “Sobibor”. In: *Enciclopédia do Holocausto*, EUA, s.d. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/sobibor-abridged-article>. Acesso em 15 nov. 2020.

VALENTE, Márcio Barra, “A bondade entre a barbárie nos testemunhos do Holocausto”. In: *WebMosaica*. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, V. 7, n.1 (jan-jun), 2015.

WAGENER, Volker. “A Operação Barbarossa e o mito da Wehrmacht inocente”. In: *Jornal Deutsche Welle*. Bonn (Alemanha), 22 jun 2016. Seção História. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/a-opera%C3%A7%C3%A3o-barbarossa-e-o-mito-da-wehrmacht-inocente/a-19346480>. Acesso em 21 out. 2020.

YAD VASHEM. “Shoah Resource Center, The International School for Holocaust Studies”. *Home Army*, Israel, s.d. Disponível em https://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206421.pdf. Acesso em 26 maio 2020.

Relatórios:

CENTRE DE DOCUMENTATION SUR LA DÉPORTATION DES ENFANTS JUIFS DE LYON. Disponível em <https://www.deportesdelyon.fr/les-enfants> Acesso em 30 jan 2022.

CRUZ VERMELHA. Segunda Edição. Genebra, junho de 1946. Disponível em <http://vho.org/F/b/CICR/>. Acesso em 28 mar. 2019.

Textos institucionais e verbetes:

AMSTERAM INFO. “Jewish”. *Amsterdam Info*, Holanda, sd. Disponível em https://www.amsterdam.info/jewish/hollandsche_schouwburg/. Acesso em 15 nov. 2020.

ARQSHOAH, Arquivo Virtual sobre Holocausto e Antissemitismo. “Luiz Martins de Souza Dantas”. *Arqshoah*, São Paulo, s.d. Seção Justos e Salvadores. Disponível em <https://www.arqshoah.com/justos-e-salvadores/2519-jus-3-dantas-luiz-martins-de-souza>. Acesso em 27 maio 2020.

ASSOCIAÇÃO DAVID FRISCHMAN DE CULTURA E RECREAÇÃO. “Histórico”. *ADAF*, Niterói, s.d. Disponível em <http://www.adaf.org.br/Site/Home.asp>. Acesso em 01 jun. 2020.

AUSCHWITZ-BIRKENAU STATE MUSEUM. “History”. *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia, s.d. Disponível em <https://www.auschwitz.org/en/>. Acesso em 20 ago 2022.
_____. “KL Auschwitz-Birkenau” *Auschwitz-Birkenau State Museum*, Polônia, s.d. Disponível em <http://auschwitz.org/en/history/kl-auschwitz-birkenau/>. Acesso em 07 jul. 2020.

BEET DAVID SYNAGOGE TE ALKMAAR. “Atividades. Seção Museu”. *Beet David Synagoge Te Allmaar*, Holanda, s.d. Disponível em <https://alkmaarsesynagoge.nl/> Acesso em 08 nov. 2020.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. “AB Atkion”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 29 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/AbAktion>. Acesso em 28 jun. 2020.

_____. “Belgian Congo”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 07 nov. 2021. Disponível em <https://www.britannica.com/place/BelgianCongo>. Acesso em 27 maio 2022.

_____. “Breendonk”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 07 nov. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Breendonk>. Acesso em 25 maio 2020.

_____. “Brzezinka”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 29 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Brzezinka>. Acesso em 07 jul. 2020.

- _____. “Golpe do Rei Miguel”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 09 ago. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/GolpedoReiMiguel>. Acesso em 24 jul. 2020.
- _____. “Gurs”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 07 mar. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Gurs>. Acesso em 09 jul. 2020
- _____. “Hans Frank”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 07 nov. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/HansFrank>. Acesso em 28 jun. 2020.
- _____. “Ian Antonescu”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 20 jul. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/IanAntonescu>. Acesso em 24 jul. 2020.
- _____. “Liebrose”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 29 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Lieberose>. Acesso em 28 jun. 2020.
- _____. “Mautheusen”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 29 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Mautheusen>. Acesso em 28 jun. 2020.
- _____. “Monowitz”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 29 jul. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Monowitz>. Acesso em 07 jul. 2020.
- _____. “Neville Chamberlein”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 20 ago. 2019. Disponível em https://www.britannica.com/Neville_Chamberlein. Acesso em 21 jul. 2020.
- _____. “Pacto de Munique”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 27 jun. 2018. Disponível em <https://www.britannica.com/PactodeMunique>. Acesso em 21 jul. 2020.
- _____. “Rio Eger”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 20 jul. 2018. Disponível em <https://www.britannica.com/place/rioEger>. Acesso em 10 jul. 2020.
- _____. “Roménia”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 22 set. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/Romenia>. Acesso em 24 jul. 2020.
- _____. “Sachsenhausen”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 29 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Sachsenhausen>. Acesso em 24 jun. 2020.
- _____. “Spalla”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 06 ago. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/spalla>. Acesso em 15 jul. 2020.
- _____. “Targu-Jiu”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 08 abr. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Targu-Jiu>. Acesso em 24 jul. 2020.
- _____. “Transnistria”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 20 ago. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Transnistria>. Acesso em 23 jul. 2020.
- _____. “URSS”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 23 maio 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/URSS>. Acesso em 28 jul. 2020.
- _____. “Wehrmacht”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 07 nov. 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Wehrmacht>. Acesso em 18 jun. 2020.

CÂMARA MUNICIPAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. “Medalha Pedro Ernesto”. Seção Eventos, Homenagem. *Câmara Municipal da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, s.d. Disponível em http://www.camara.rj.gov.br/cerimonial_homenagens.php?mc1=homenagens. Acesso em 27 maio 2017.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC. *Dicionário Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. In: <http://cpdoc.gov.br>. Acesso em 09 jul. 2020.

CLUBE ISRAELITA BRASILEIRO. Disponível em <https://www.facebook.com/clubeisraelita/> Acesso em 08 jun. 2020.

CLUBE MONTE SINAI. “História do Clube”. *Clube Monte Sinai*, Rio de Janeiro, s.d. Seção O Clube. Disponível em <http://www.clubemontesinai.com.br/>. Acesso em 08 jun. 2020.

COLÉGIO PEDRO II. “Moysés Genes”. *Institucional CPII*, Rio de Janeiro, s.d. Seção Comunicação Social. Disponível em <http://cp2.g12.br/>. Acesso em 08 jun. 2020.

DORPALEN, Andreas. “Paul von Hindenburg”. *Encyclopedia Britannica*, EUA, 29 jul. 2022. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Paul-von-Hindenburg>. Acesso em 06 ago. 2022.

FORNECIMENTO no exército de Weharmacht. *Yad Vashem*, Israel, s.d. Disponível em <http://www.lexikon-der-wehrmacht.de/Soldat/Versorgung-R.htm>. Acesso em 28 jun. 2020.

FRENCH CHILDREN OF THE HOLOCAUST: A memorial Serge Klarsfeld. “History”. *French Children of the Holocaust*, EUA, s.d. Disponível em <https://phdn.org/archives/holocaust-history.org/klarsfeld/French%20Children/html&graphics/T0047.shtml>. Acesso em 06 fev. 2022.

H.STERN. “Sobre H. Stern”. *Joalheria H. Stern*, s.l., s.d, Seção Institucional. Disponível em <https://www.hstern.com.br/institucional/sobre-hstern>. Acesso em 08 jun. 2020.

HIAS. “Seção História”. *HIAS*, s.l., s.d. Disponível em <http://www.hias.org/who/history>. Acesso em 30 jul. 2020.

IMPA. “Seção História”. *IMPA*, s.l., s.d. Disponível em <http://www.impa.br/sobe/historia/>. Acesso em 10 ago. 2020.

JEAN-MARIE MUSY. “History”. *Jean-Marie Musy Home*, s.l., s.d. Disponível em http://www.musy.net/Musy_-_Gruyere/Jean-M-1/Jean-M-2/Jean-M-3/jean-m-3.html. Acesso em 01 dez. de 2020.

JEWISH VIRTUAL LIBRARY. “O Partido Nazista: O SD (Sicherheitsdienst)”. *Jewish Virtual Library*, s.l, s.,d. Disponível em <https://www.jewishvirtuallibrary.org/the-sd-sicherheitsdienst>. Acesso em 22 jun. 2020.

MEMORIAL GUSEN. “History”. *Memorial Gusen*, Áustria, s.d. Disponível em https://web.archive.org/web/20120306103312/http://en.gusen-memorial.at/db/admin/de/index_main.php?cbereich=1&cthemas=10&carticle=85&fromlist=1 . Acesso em 26 out. 2020.

MEMORIAL, Wollheim. “Buna/Monowitz Concentration Camp”. *Wollheim Memorial*, Alemanha, s.d. Disponível em http://www.wollheim-memorial.de/en/kz_bunamonowitz_en. Acesso em 07 jul. 2020.

MINISTÉRIO DA DEFESA. “Operação Barbarossa”. *Exército Brasileiro*, Brasil, s.d. Noticiário do Exército. Disponível em https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/o-pacto-ribbentrop-molotov-23-de-agosto-de-1939. Acesso em 21 out. 2020.

NOGUEIRA, Adeilson. *Bristitsa – cidades do mundo*. Ed. Clube de Autores, s/d. p.11. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=LSR6DwAAQBAJ&pg=PA11&lpg=PA11&dq=Gueto+de+Bistrita&source=bl&ots=BYEIDmyNaB&sig=ACfU3U08VibLiXXAsRGV-dLqzHEul8aAvw&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiUz9nxpLzsAhWVILkGHVJUCCQQ6AEwBHoECAUQA#v=onepage&q=Gueto%20de%20Bistrita&f=false>. Acesso em 17 out. 2020.

NOUS ÉTIONS DES ENFANTS: Les témoignages du “Comité Tlemcen”. *Nous Étions des Enfants*, França, s.d. Disponível em <http://www.nousetionsdesenfants.com/2016/04/le-comite.html>. Acesso em 30 jan. 2022.

OSE – ŒUVRE DE SECOURS AUX ENFANTS (CHILDREN’S WELFARE ORGANIZATION). “Memoire”. *Œuvre de Secours Aux Enfants (Children’s Welfare Organization)*, França, s.d. Disponível em <http://www.ose-france.org/memoire/le-service-archive-et-histoire-de-lose/>. Acesso em 27 jan. 2022.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. “Porto Maravilha”. *Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, s.d. Seção Operação Urbana. Disponível em <https://www.portomaravilha.com.br/>. Acesso em 01 jun. 2020.

RANGEL, Daniel. “Casa Canada”. *Daniel Rangel INC*, Rio de Janeiro, 2011. Seção Expos. Disponível em <http://danielrangel.com/galerias/expo/casa-canada/>. Acesso 09 out. 2020.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “RememberMe” In: *United States Holocaust Memorial Museum* (EUA). Disponível em <https://rememberme.ushmm.org/updates/naftali-sztajnberg-identified2>. Acesso em 02 abr. 2022.

UNIVERSITY OF SOUTHERN CALIFORNIA (EUA). “USC Shoah Foudation. History”. *University of Southern California*, EUA, s.d. Disponível em <https://sfi.usc.edu/>. Acesso em 07 out. 2020.

YAD VASHEM – The World Holocaust Remembrance Center. “Acerca de los Justos de las Naciones”. *Departamento de Justos de las Naciones*, Israel, s.d. Disponível em <https://www.yadvashem.org/>. Acesso em 08 jun. 2020.

_____. “El Ghetto de Theresienstadt”. *Yad Vashem*, Israel, s.d.. Seção Guetos. Disponível em <http://www.yadvashem.org/es/holocaust/about/ghettos/theresienstadt.html>. Acesso em 10 jul. 2020.

_____. “Volksdeutsche” Seção Léxico do Holocausto. *Yad Vasehm*, Israel, s.d. Disponível em https://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206345.pdf. Acesso em 24 out. 2021.

Teses e Dissertações:

CÔRTE, Andréa Telo da. *Os Judeus em Niterói: imigração, cidade e memória (1910-1980)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2009.

FANTONI, Wagner Facundo. *O dever de autenticidade diante da banalidade do mal e a superação do paradoxo do mentiroso nazista*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito, Faculdade de Direito, da Fundação Mineira de Educação e Cultura Universidade Fumec, Belo Horizonte: 2017.

FLOYD, William David. *Orphans of British fiction, 1880-1911*. (Tese doutorado). Stirling (UK): University of Stirling, 2011.

GUTERMAN, Marcos. *A Moral Nazista – Uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler*. Tese (Doutorado); orientador Anita Novinsky – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de História – Universidade de São Paulo – São Paulo: 2013.

LEVY, Sofia Débora. *A ininteligibilidade no trauma: possibilidades de apreensão e superação com aplicações epistemológicas na clínica psicológica*. Tese (Doutorado) - Universidade

Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Rio de Janeiro, 2013.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. *O Império das Imagens de Hitler: o projeto de expansão internacional do modelo de cinema nazi-fascista na Europa e na América Latina (1933-1955)*. 2008. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PÓVOA, Carlos Alberto. *A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo – SP: a migração do Bom Retiro ao Morumbi*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade São Paulo (USP). São Paulo, 2007.

RAPOSO, Fernanda Capri, *Nilópolis e as memórias judaica*. Dissertação de Mestrado em Letras e Ciências Humanas – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2012.

SÍTIOS DA INTERNET:

<http://www.aaihs.org>

<http://www.acervo.folha.com.br/index.do>

<http://www.adaf.org.br>

<http://www.alkmaarsesynagoge.nl>

<http://www.alkmaarsesynagoge.nl>

<http://www.amsterdam.info>

<http://www.amsterdam.info>

<http://www.arqshoah.com>

<http://www.auschwitz.org/en>

<http://www.auschwitz.org/en>

<http://www.br.depositphotos.com>

<http://www.brasilecola.uol.com.br>

<http://www.britannica.com>

<http://www.britannica.com>

<http://www.buchenwald.de>

<http://www.bundesarchiv.de>

<http://www.camara.rj.gov.br>

<http://www.cp2.g12.br>

<http://www.danielrangel.com>
<http://www.deportesdelyon.fr>
<http://www.deportesdelyon.fr>
<http://www.dirkdeklein.wordpress.com>
<http://www.dw.com/pt-br>
<http://www.encyclopedia.ushmm.org>
<http://www.familysearch.org>
<http://www.gusen.org>
<http://www.historiadomundo.com.br>
<http://www.historiaeguerra.wordpress.com>
<http://www.holocaustresearchproject.org>
<http://www.ibge.gov.br>
<http://www.infoescola.com>
<http://www.istoedinheiro.com.br>
<http://www.jewishvirtuallibrary.org>
<http://www.klinebooks.com>
<http://www.lebensborn.weebly.com>
<http://www.lekcja.auschwitz.org>
<http://www.mauthausen-memorial.org/en>
<http://www.memorializieu.eu>
<http://www.memorializieu.eu>
<http://www.minv.sk>
<http://www.mirror.co.uk>
<http://www.musy.net>
<http://www.news.un.org>
<http://www.onedio.ru>
<http://www.ose-france.org>
<http://www.pamatnik-terezin.cz>
<http://www.phdn.org/archives/holocaust-history.org>
<http://www.pneior.org.br>
<http://www.portomaravilha.com.br>
<http://www.rememberme.ushmm.org>
<http://www.rnz.de>
<http://www.telegraph.co.uk>

<http://www.timesmachine.nytimes.com>

<http://www.upload.wikimedia.org>

<http://www.ushmm.org>

<http://www.wbur.org>

<http://www.wollheim-memorial.de>

<http://www.wollheim-memorial.de/en>

<http://www.yadvashem.org>